BIBLIOTHECA RELIGIOSA

VILLEFRANCHE

PIO IX

SUA VIDA, SUA HISTORIA E SEU SECULO

VERSÃO PORTUGUEZA PREFACIADA

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
68, Praça de D. Pedro, 68
1877

PREFACIO Á TRADUCÇÃO

Hoje em dia, a moral christã está sendo em França o assumpto mais exercitado por homens de esclarecida piedade. Os desastres que humilharam a soberana intellectual da Europa, rasgando-lhe a purpura manchada, demonstraram que o herpes da irreligião, empeçonhando o bom sangue que aviventa as almas generosas, havia tambem dessorado o sangue que palpita nos corações valorosos. O menospreço dos sentimentos rijos da crença desvirtuára as energias do patriotismo. Onde escassamente existia o simulacro da familia, pouco valia já o amor da patria. Cada homem, escandecido nas sêdes da sua cubiça, era um egoista que se atirava cegamente ás bayonetas do inimigo, desejando anniquilar comsigo a familia e a patria. Disseram-lhe que as responsabilidades caducavam com a morte; andaram n'este homicida apostolado cincoenta annos os propagandistas da funestissima indifferença em materia de religião. Envenenaram duas gerações; mataram a crença dos filhos nos braços das mães; e, afinal, quando ás portas da Babylonia bateu o guante do homem valente do norte, enrigecido na lucta, cheio de orgulho de nação e de docilidade na disciplina, Paris repulsava de seu seio os restantes filhos dignos, ao menos, de a contemplarem

com lagrimas na sua agonia, e deu-se deshonrada e coberta da lama do seu peor sangue á piedade injuriosa dos vencedores — á commiseração comprada por cinco milhares de milhões.

Aquella enorme catastrophe seria mais que todas aviltadora, se aos esmagados coubesse inteira a culpa do desastre. Na hora da lucta imprescindivel, acharam-se a sós com o febril ardor, com as fulgorosas explosões de contra-feito enthusiasmo e falsa coragem, que pouco alcança, se um tenaz impulso de brios de mais alto quilate e muito intimos na dignidade do homem, não avigoram o pulso e endurecem o peito. Faltava-lhes o triplice arnez de impenetravel diamante: amor a Deus, amor á patria e amor á familia. A nuvem negra que devia largos annos condensar-se sobre o jazigo deslustrado de Napoleão III, rarefêl-a quasi a subitas a indole indescriptivel d'aquelle povo — o grande povo dos salões, e o pequeno povo das ruas — a alta nobreza, acanalhada, e a canalha levantada nos pavezes da anarchia. A irresponsabilidade continuava, excepto para aquelles que cahiam espingardeados ou rojavam a grilhêta. Porém, a durissima lição nada valeu. Abriu-se de novo a praça aos que porfiam em tirar das flôres da vida os aromas e os venenos. As mães são ainda as mesmas que elanguesceram no marasmo das delicias. Os que hontem nasceram trazem o coração desfallecido, e hão de trocar pela vindicta da patria o acabarem n'ella e com ella bem embriagados do vinho forte que desluz na alma os brios civicos e a vergonha da queda. A França de 1877 doideja ainda nas saturnaes do segundo imperio. Póde a Prussia dormir tranquilla á sombra dos faceis louros, que o pensamento da retaliação não medra no ambiente dos perfumes em que a sua gentil vencida suavemente lethargica procura illudir os desastres. Ella, contente com a posse do territorio que resgatou, caminha para a posteridade, sem receio de que a historia lhe stigmatise na fronte o ferrête de geração perdida.

Por entre as escuridões d'esta reincidencia esperançosa de novos revezes, lampejam clarões de grandes espiritos, quer desconhecidos em seus cenobios, quer erectos no mais alto posto das prelasias. Nos pulpitos e nos livros se está erguendo uma consonancia de clamores em que á piedade se ajuntam os real-

ces da eloquencia. Pennas experimentadas nas lides da historia abrem no mesmo torrão o sulco d'onde ha de surgir, florecer e fructear a arvore do futuro. Convergem as mais gradas intelligencias do clero francez e os mais austeros pensadores a um proposito rehabilitador, á regeneração dos espiritos pela seriedade dos estudos, á reforma dos costumes pela reformação do livro.

Merece distinctissima nota esta obra portentosamente bem pensada e bem escripta, pela qual a casa editora Mattos Moreira & C.ª *vae principiar a serie da sua* Bibliotheca Religiosa. *Deve considerar-se este livro não só uma esmerada e exactissima biographia de Sua Santidade Pio IX; mas ainda um compendio da historia europea nos ultimos trinta annos, em todos os lances contingentes com os Estados pontificios, que importa o mesmo dizer—com a civilisação pelo christianismo. Mr. Villefranche, auctor do excellente livro, ousou biographar com o destemor da verdade um vulto da magnitude de Pio IX. Ninguem lhe contraveio á exactidão das suas apreciações dos homens que mais acintemente perseguiram o catholicismo na pessoa de seu augusto chefe. O leitor verá com que encantos de persuasão e singeleza de linguagem a verdade lustra suavemente nas paginas d'esta obra que seriam a apologia do Summo Pontifice, se uma tão longa, tão exemplar e christianissima vida carecesse dos louvores da amisade ou das rectificações da historia. Esta leitura é de si tão insinuante que o espirito se dá agradecido ao prazer de um tão longo desenrolar da tella de milhares de quadros formosamente pintados. Um homem dissidente da Egreja romana poderia ter escripto* «Pio ix», *alumiando-se tão sómente com a luz da verdade historica: não vislumbram affectos nem paixões nos juizos do auctor; rodeou-se de peças diplomaticas, acendrou os factos adulterados pela liga de preconceitos, bruniu-os com o esmeril da critica, cottejou-os, avocou ao theatro onde figuravam os mais notaveis personagens, desde Mazzini até Napoleão III, e mediu-os tão austeramente que a posteridade os aceitará na craveira em que Villefranche os graduou.*

Pelo que respeita ao traslado para vernaculo, parece-nos que

a versão não destoa da simples e correntia fórma original. É isto objecto de somenos importancia para as pessoas que lêem traducções; não obstante, as boas obras merecem ser bem interpretadas, e ás que merecem ser relidas bom é que os traductores prestem maior attenção, para que assim se vá introduzindo no espirito de quem lê, de par com boas idéas, o conhecimento das expressões proprias e bem caracteristicas de linguagem portugueza.

S. Miguel de Seide, março de 1877.

Camillo Castello Branco

PREFACIO

Escrever a historia de um homem emquanto vivo é uma empresa delicadissima senão impossivel: todavia, n'este caso, como se trata de Pio IX, a natural curiosidade e avidez do publico custa-lhe a esperar pela posteridade.

Além de que a maior parte d'estes successos estão já muito afastados de nós, e os principaes personagens que n'elles figuraram, taes como Mazzini, Ratazzi, Napoleão III, Cavour, Oudinot, Cavaignac, Mons. Mérode, La Moriciére, e os cardeaes Gizzi, Wiseman e Caterini são mortos ha muito.

Por tanto, o historiador póde já hoje julgal-os imparcialmente, apresentando á sua verdadeira luz esse longo pontificado, que começou por victoriosas acclamações, e parece que está ameaçado de acabar no mais rigoroso captiveiro.

Em 1870, no meio dos desastres que nos opprimiam, projectei escrever este livro. Aproveitando-se da decadencia da França, o Piemonte acabava de commetter os attentados que faziam soffrer em silencio as almas virtuosas. Attendendo apenas á minha indignação muito mais do que

ás proprias forças, abalancei-me á obra, desejando possuir o raio fulminador de Bossuet, ou o buril do Tacito, para vingar a justiça, consolar a innocencia opprimida, e marcar o prejuro na fronte, sobre o seu carro triumphal.

Não esqueçamos, porém, que a historia não deve ser nem uma these, nem um panegyrico, nem um pamphleto. E a historia poder-se-ha descrever sem commoções? De certo não; pela minha parte sinto-me incapaz de o fazer: a frieza faz suppôr a indifferença e o scepticismo. Deve-se por tanto contar singelamente os factos, sem exprimir a admiração nem o odio: é o que eu fiz. É possivel encontrar-se no meu livro alguns lances a rectificar, ou apreciações contestaveis; ninguem é isento de errar; mas conscienciosamente digo que não asseverei coisa alguma de que não estivesse intimamente convencido.

O Pontificado de Pio IX não teve igual até agora, não só pela duração, como pelos trabalhos e varia fortuna. Exercitou a theologia tão pacificamente como o poderia ter feito nos tempos mais tranquillos, exercitando-a mais que nenhum outro depois do concilio de Trento. Nada lhe tem faltado: episodios tragicos e romanescos, pompas magestosas, trabalhos artisticos, paz e tranquillidade, estrondo das armas, esplendor de victorias, derrotas immerecidas, destroços, ah! ligados tão estreitamente aos da França que póde-se dizer que os foram preparando e seguindo; finalmente, as calumnias d'uma imprensa impia e anti-social, tudo isto se accumulou sobre o caminho de Pio IX. Mas superior ás intrigas diplomaticas que não cessam de o minar, acima das agressões brutaes que não cessam de fazer-lhe, acima das affeições apaixonadas que não descuram de o defender, domina a nobre, meiga, insinuante, e real phisionomia de Pio IX—phisionomia de um santo.

Não sei se um dia a Egreja juntará á memoria do Pontifice o titulo de santo que os povos lhe dão; pelo menos será tido como o mais grande rei do seu seculo, e o maior incitador das ideas. O falso liberalismo desmascarado por esta intrepida mão, em vão tenta rir e protestar: a humanidade foge-lhe, e com uma surpreza mesclada de terror já começa a prever que a epocha presente terá no futuro o nome do seculo de Pio IX — seculo de Pio IX, antidoto do seculo de Voltaire, aurora de um novo periodo de conquistas para a verdade, e remate definitivo de nossas revoluções.

Poderia augmentar muitissimo este volume com algumas notas diplomaticas, Breves, discursos, e outros documentos, mas seria augmentar as despezas já não pequenas, tornando-o por assim dizer inaccessivel ás multidões. Aconselharam-me, porém, uma unica excepção em favor do *Syllabus:* Com effeito, o *Syllabus*, é a obra culminante do pontificado de Pio IX; mas se em todo o mundo se falla n'elle é preciso que todo o mundo o conheça; e muitas vezes não se sabe onde encontral-o.[1]

No entanto não ignoro que as intenções da Egreja, nunca foram entregar á interpretação do primeiro que se apresentasse esse documento redigido sob uma forma inteiramente scientifica. Mons. Illathorne, n'uma brochura em resposta ás de M. de Gladstone, deu-lhe grande relevo e de maneira muito notavel: «Quando mesmo, diz elle, M. de Gladstone, fosse catholico e conhecesse bem seu cathecismo, teria ainda necessidade, a titulo de preparatorio indispensavel, antes de tratar do *Syllabus*, fazer os estudos que lhe aponto: Primeiramente um anno de philosophia escholastica para comprehender os termos escholares, seus

[1] O *Syllabus* já foi publicado por esta casa editora.

usos e applicações; em segundo lugar, um curso de trez annos de theologia dogmatica e moral, sob as vistas de mestres competentes. Depois d'este preparatorio, teria simplesmente obtido os conhecimentos elementares para expôr o *Syllabus*, com tanto que com a sagacidade precisa examinasse as proposições em sua contextura original, e que prestasse toda a attenção aos factos historicos aos quaes se refere cada uma d'ellas, bem como á epocha, ao paiz, ás pessoas, e ás circumstancias.»

Assim se expressa um bispo e eminente theologo. Pelo que me toca, longe de me imaginar com bastante sciencia ou authoridade para interpretar o *Syllabus*, não respondo senão pela lealdade da minha penna de narrador, e da pureza das minhas intenções como filho docil e respeitoso da santa Egreja.

Agora não me resta mais que agradecer a todos aquelles que generosamente me auxiliaram nas minhas pesquizas. Se o meu modesto trabalho não corresponder ao que esperavam, nem á grandeza do objecto, não será todavia perdido para mim. A contemplação de um rosto como o de Pio IX socega e fortifica o olhar, e n'este suave estudo, colhi já a minha mais doce recompensa.

Bourg (Ain), 17 de março de 1876.

J. M. Villefranche

PIO IX

SUA VIDA, SUA HISTORIA E SEU SECULO

CAPITULO I

Primeiros annos de Pio IX

Sinigaglia, cidade mediocre nos Estados Pontificios, é uma das mais antigas da Italia. Foi fundada pelos gaulezes arribados das margens do Seine (os Sénonais, *Senones* ou habitantes da região de Sens, são os mesmos que tomaram e saquearam Roma quatrocentos annos antes da era christã). Encantados pela formosura das praias do Adriatico, fixaram ali a sua residencia, dando-lhe o nome de Seno Gallia, ou Sena Gallica.

No começo da revolução franceza, no momento em que a mais terrivel das crises sociaes abalava a antiga Gallia, aprestando-se a desordenar todo o mundo antigo, Sinigaglia tinha por chefe ou administrador, o conde Jeronymo Mastaí Ferretti.

A familia Mastai, originaria de Crema na Lombardia, era uma das mais conhecidas no paiz: tinha abandonado aquella cidade no seculo xv para se estabelecer em Sinigaglia, onde se distinguira por espaço de quatrocentos annos em virtudes e serviços publicos. Esta familia accrescentára a seu nome o appellido de Ferretti, em razão de uma alliança com o ultimo descendente d'esta familia.

O conde Jeronymo era casado com Catharina Sollazzi, sua igual em fidalguia e nobreza d'alma. Foram pais de muitos fi-

lhos, e João (Geovani) Maria, o que devia um dia chamar-se Pio IX, foi o segundo. Nasceu a 13 de maio de 1792. [1]

Jeronymo Mastai andava preoccupado e com razão pelas desgraças que presagiava, e a incerteza do futuro da patria e de seus filhos. Tratou portanto de os educar esmeradamente, preparando-os para todas as eventualidades.

Pelo seu lado, a condessa esforçava-se por lhe incutir, desde a infancia, o amor de Deus e do proximo. Sabia que, fazendo d'elles bons christãos, os fazia homens azados a subir á altura dos bens d'este mundo, ou a supportar os precalsos d'um mau destino.

João Maria correspondeu admiravelmente a tão piedosos cuidados. Mostrou desde a infancia muita intelligencia, rara sensibilidade, e amavel petulancia que fazia brilhar ainda mais uma physionomia viva, formosa e expressiva. Contava apenas sete annos e já se associava em espirito á vida da Igreja e ás attribulações de seu chefe.

A revolução franceza invadiu a Italia. O Santo Pontifice Pio VI, ancião com oitenta e um annos, foi arrebatado de Roma durante a noite, e levado de cidade em cidade, captivo do Directorio. Á oração da tarde, resada em commum com sua familia, a condessa Mastai accrescentou dois Padres Nossos e duas Ave Marias por intenção do captivo. O pequeno João Maria resou-as com fervor.

Quando succedia receberem-se noticias de Pio VI, ou quando ouvia seus parentes pronunciar o nome do Pontifice, a creança

[1] Eis aqui o extracto do baptismo de Pio IX. Este documento foi copiado dos registros de Sinigaglia, a 12 de agosto de 1871, e sua authenticidade é attestada pela assignatura do bispo d'essa cidade, Mons. Joseph Aggabarti. Entendi que devia transcrevel-o, não só porque fixa as datas, mas porque nos dá com exactidão todos os appellidos do Santo Pontifice.

«Eu, abaixo assignado, vigario perpetuo da insigne cathedral e igreja parochial de S. Pedro, apostolo de Sinigaglia, certifico o que segue:

«No domingo 13 de maio de 1792, o illustrissimo senhor João-Maria-João «Baptista-Pedro-Pélegrin-Isidoro, filho do nobre conde, o sr. Jeronymo Mas«tai Ferretti, e da sr.ª condessa Catharina Sollazzi, sua esposa, foi bapti«sado pelo reverendissimo sr. conego D. André Mastai. Foi madrinha Je«ronyma Moroni. Tinha nascido n'esse mesmo dia, á uma hora e tres «quartos da manhã.

«Pedro Venturini, *vigario perpetuo.*»

corria a interrogar sua mãe, fazendo-a repetir tudo quanto se sabia a respeito do santo ancião, e depois, ajoelhado diante d'ella, juntava as mãosinhas sobre os joelhos maternaes; e ambos, mãe e filho, oravam e lamentavam as desgraças que pezavam sobre a Igreja.

—Como póde a bondade divina soffrer isto?—perguntava a creança.—Não é Deus o senhor? E o Papa que elle deixa encarcerar como um malfeitor, não é o seu vigario na terra?

—Meu filho—respondia a mãe—é justamente por ser o Papa vigario de Jesus Christo, que Deus permitte que elle seja tratado como foi o proprio Deus.

—Mas esses francezes que levaram o Papa, são maus, não é verdade? E a mamã faz-me rezar por elles!...

—Se são maus, meu filho, mais uma razão para os não esquecermos nas nossas orações. Mas elles não são todos maus. Quem sabe? Talvez muitos cumpram n'esta occasião as ordens que receberam contra vontade. Quem os governa é que retém o Papa prisioneiro; é o seu governo que é mau, e não elles.

—É preciso então rezar pelos que os governam?

—Sem duvida. Nosso Senhor orou por aquelles que o crucificaram.

Tal era a ingenua troca de palavras e sentimentos entre a mãe e o filho. Estava então bem longe de prever a piedosa condessa, que um dia Pio VI e seus infortunios reviveriam no seu pequeno João Maria, e que elle seria, chegada a hora, o *espectaculo do universo.*

Em breve se espalhou que Pio VI morrera de cansaço e desgosto em Valence.

Os fieis perguntavam anciosamente uns aos outros como se haveriam para nomear um successor. A impiedade triumphava. Obrigára a fecharem-se os templos; massacrára ou banira os bispos e os padres; desembaraçara-se afinal do Pontifice, e parecia que, para que este fosse o ultimo, lhe bastava apenas querel-o.

João Maria Mastai ouvia dizer que a Santa Sé já não possuia um palmo de terra, que os francezes, senhores de tudo, não

queriam mais Papa, e que os inglezes e os russos, os unicos povos que lhe disputavam o imperio universal, tambem o não queriam.

—É então verdade que não teremos mais Papa?—perguntava o menino á mãe.

—Tranquillisa-te, meu filho: os reis podem morrer sem que os substituam, mas os Papas não acabarão senão com o mundo!

—Mas, mamã, meu pai mesmo dizia a meu tio André que não sabiam onde, nem como, poderiam reunir-se os cardeaes para nomear outro Papa.

—Tambem o não sei melhor do que elles, meu filho, mas o que sei, é que Deus providenciará.

Contra todas as previsões humanas, os successos confirmaram a fé da mãe, e a confiança que ella inoculava na creança. Repentinamente, e para dar á Igreja um momento de folga, Deus suspendeu as admiraveis victorias das armadas revolucionarias. Os inglezes e os napolitanos expulsaram de Roma os francezes; e os austriacos e os russos, até então quasi sempre vencidos, retomaram em poucos dias a Italia-Alta, podendo d'este modo Veneza dar asylo aos cardeaes. Estes apressaram-se em nomear successor a Pio VI. Apenas terminada a eleição, apenas foi Pio VII proclamado e reconhecido por toda a terra como legitimo successor de S. Pedro, Deus deixou que seguissem os destinos, e a Italia recahiu em poder da republica franceza.

Aos doze annos, João Maria Mastai entrou no collegio de Valterra, na Toscana, dirigido pelos religiosos escholopios, o que quer dizer, irmãos *das escholas piedosas*. Ahi fez rapidos progressos, apesar das noticias que recebia da familia, e sobre tudo ouvindo contar as crueis provas porque estava passando a Igreja e o papado, o que o entristecia muitas vezes, distrahindo-o de seus estudos.

E, na verdade, razão tinha. Seu tio André Mastai, nomeado bispo de Pesaro, foi alta noite arrancado de seu episcopado e encarcerado na cidadella de Mantuá, em castigo da sua fidelidade a Pio VII. Outro de seus tios, conego de S. Pedro, teve de deixar Roma por igual motivo. O proprio Pio VII, arrebata-

do da cadeira apostolica como seu predecessor, estava sequestrado em Savone, e depois em Fontainebleau. De facto, sinceramente fallando, apenas restava a soberania temporal dos Papas; quanto á sua soberania espiritual era preciso nada menos que um milagre, reproduzido todos os dias e a todos os instantes, para a sustentar contra a omnipotencia de Napoleão I. João Maria Mastai era um dos poucos que não desanimava, nem desesperava nunca do triumpho final da justiça. A queda do conquistador, e a volta gloriosa do Pontifice acabaram de consolidar a sua confiança em Deus, tornando-lhe até certo ponto despresiveis a sabedoria e a gloria mundana. Parece que a Providencia lhe apresentou, desde logo, um resumo prophetico de sua propria carreira, modelando-lhe a mocidade para o grande papel que devia representar na idade madura.

Em razão dos acontecimentos que se tinham dado, Volterra pertencia á França. Um dia, em 1810, um inspector da universidade imperial visitou o collegio. Impressionado pela physionomia do joven Mastai, interrogou-o, e as respostas satisfizeram-no tanto, que disse para o director:

—Este mancebo ha de ir longe, ainda mesmo que as circumstancias lhe não sejam favoraveis.

Este inspector, morto no principio do anno de 1830, ainda chegou a saber que o antigo collegial de Volterra estava arcebispo de Spoléta, felicitando-se a si proprio por ver cumprida a prophecia que vaticinára. Que pensaria elle, se chegasse a vel-o Papa, e um dos maiores personagens historicos do seculo?

João Maria Mastai Ferretti passou seis annos no collegio de Volterra, onde ainda hoje se recordam muito d'elle. Aos dezoito annos saiu para casa da familia.

Dizem que em 1811 ou 1812, tendo dezenove annos, se alistou na guarda de honra de Napoleão, servindo no primeiro esquadrão do primeiro regimento. Para se conhecer a falsidade do facto, basta lembrar os sentimentos do mancebo e de sua familia, a respeito da politica religiosa de Napoleão, e o encarceramento do bispo de Pesaro André Mastai. Outros biographos o fazem alistado ao serviço da Austria, ou na guarda nobre de

Pio VII, quando a pequena armada pontifical foi reconstituida. Isto é mais verosimil, mas não é mais verdadeiro. Pio IX nunca pegou em armas. Ficou na cidade em que nasceu até á volta de Pio VII. Viu o meigo ancião retomar triumphalmente pocessão dos Estados da Igreja, e foi-lhe apresentado na sua passagem por Sinigaglia. E desde então não pensou em filiar-se em nenhuma d'essas milicias terrestres que acabavam de voltar uns contra os outros, com maior ou menor dóse de ficticia gloria, tantos soberanos e tantos imperios; mas na milicia pacifica, onde as victorias não fazem correr lagrimas nem sangue, e são eternas.

Uma longa e cruel enfermidade que o atacou, a epilepsia, que poderia fazer abortar este plano, pelo contrario mais o decidiu. Os medicos declararam a molestia incuravel, dando como provavel um fim proximo. Todavia, a dedicação da mãe tornou mentirosas as previsões da sciencia. João Maria restabeleceu-se pouco a pouco, tomando por milagre a sua cura inesperada, attribuiu-a á protecção de sua mãe, a Virgem Santissima, a quem desde o seu nascimento a condessa Mastai o tinha consagrado. Desde então resolveu definitivamente dedicar-se exclusivamente á religião de Christo.

Partiu para Roma afim de estudar theologia e lá tomou ordens menores. Pouco depois, achando occasião de exercitar o zelo que o impulsava á salvação das almas, aproveitou-a com ardor, experimentando ao mesmo tempo suas forças e aptidão. O principe Odescalchi, prefeito da côrte pontifical, o mesmo que mais tarde depoz a purpura romana para morrer jesuita, missionava então em Sinigaglia. João Maria Mastai aggregou-se-lhe como cathequista. Foi portanto na terra que o viu nascer, onde ensaiou os seus primeiros trabalhos evangelicos. Foi muito feliz na estreia, e este successo encheu de contentamento sua piedosa mãe.

Na volta a Roma obteve a dispensa de ordens de sub-diacono, que recebeu a 18 de dezembro de 1818.

A sua saude dava, porém, sérios cuidados. Foi necessario que se obtivesse outra dispensa para receber as ordens sacras. Conseguiu-a, mas com a condição de não dizer missa senão assistido de outro padre.

No entanto, Pio VII, de quem elle era ainda parente remoto, notava o joven levita, cuja vocação se mostrava tão evidente e merecedora de ser sustentada contra os obstaculos. Foi então que o abbade Mastai se ajoelhou diante do Pontifice, pedindo-lhe que o livrasse do constrangimento que lhe impunha a obediencia, consentindo que elle dissesse missa sem assistencia de outro, como os mais padres. Pio VII estendeu-lhe affectuosamente a mão, levantou-o, e disse-lhe:

«Sim, concedemos essa graça, mesmo por estarmos con-«vencidos que desde hoje em diante estais livre de tão horri-«veis padecimentos.»

Teria Pio VII n'este momento uma revelação divina? Conheceria elle então o destino do humilde sacerdote ajoelhado a seus pés? O que é verdade, é que a prophecia se realisou, e o mal desappareceu completamente.

CAPITULO II

Pio IX Padre, Bispo e Cardeal

O abbade Mastai celebrou a primeira missa em Roma, em 1819, no dia de Paschoa, na egreja de *Santa Anna de Falegnami.* (Santa Anna dos Marceneiros).

Esta pequena Egreja, ou antes capella, pertence a um estabelecimento de caridade que elle costumava visitar ainda antes de tomar ordens, e depois constituiu-se seu esmoler.

Alli passou os primeiros sete annos de seu sacerdocio, annos obscuros, de que nos faltam informações, por que seus humildes discipulos de então, que são hoje velhos, infelizmente de nada informaram o publico. Todavia, a descripção do estabelecimento, sua origem, e o conhecimento da vida que alli se levava, preencherá até certo ponto esta lacuna. Deixo fallar Mons. Gaume, que o visitou:

«No seculo passado vivia em Roma um pobre pedreiro chamado Giovanni Borgi. Todos os dias sanctificados Borgi ia para o hospital do Espirito Santo servir os doentes. Não tendo que lhe dar, fazia-lhes a cama, barbeava-os, servia-os emfim de quanto era necessario com o maior zelo e dedicação. Acontecia-lhe muitas vezes encontrar nas ruas creanças mal enroupadas, e descalças, expostas a crescer na ociosidade e no vicio.

No hospital encontrava tambem muitas creancinhas que a morte orphanara. O destino d'estas créaturinhas magoava dolorosamente o caritativo coração do artista. Primeiro começou por convidar as creanças dóentes a ir vêl-o a sua casa logo que estivessem curadas. Depois, com algumas esmolas, recolhia-as em casa, vestia-as, e mandava-as aprender em casa dos fabricantes da cidade, proporcionando-lhes com o trabalho os meios de subsistencia. Elle mesmo lhes ensinava o cathecismo, preparando-as para receber os sacramentos.

«Almas generosas não tardaram a auxilial-o com dinheiro e bons conselhos. Entre outras pessoas, citarei o illustre Cardeal di Pietro, o braço direito de Pio VII durante as terriveis provas de Fontainebleau. Este alugou para Giovanni e seus pequenos protegidos uma grande casa na *Via Giulia*, dando-lhe trinta escudos por mez, e esta quantia permittiu que fosse elevado a quarenta o numero dos orphãosinhos. Borgi chamava-lhes seus filhos, e as creanças reciprocamente lhe davam o titulo filial de pae. D'aqui veiu á instituição o nome de *Tata Giovanni* (papá João). Pio VII, cujo coração era tão nobre e generoso, foi o principal protector de Borgi. Não se contentando só com a compra da casa que este havia alugado, Pio VII tratava-o amigavelmente, bem como aos orphãosinhos, aos quaes favorecia muitas vezes por suas proprias mãos, na sacristia de S. Pedro.

«Posto que Giovanni fosse rustico, conhecia a necessidade da instrucção, fazendo ensinar seus filhos a ler, escrever, e arithmetica. Hoje accrescentam a estes estudos, principios de ornamentação, desenho linear, e geometria, conhecimentos utilissimos para os artistas; mas antes de mais nada, primam em formar-lhes os corações com os principios e ensino da religião, e a pratica da virtude.

«Podémos verificar propriamente o que acabamos de dizer. Antes do meio dia estavamos em *Santa Anna dos Marceneiros*, onde é o hospicio de Tata-Giovanni. Eis aqui a disposição do edificio, e suas regras. Seis salas são occupadas pelas creanças: tem os significativos nomes de S. José, S. Philippe, S. Pedro, S. Paulo, S. Estanislau, S. Camillo e S. Luiz. Como tudo é simples n'esta instituição, são as proprias creanças, escolhi-

das nas de mais edade, que governam n'estas salas; assim como os mais adiantados nos estudos ensinam a seus condiscipulos os primeiros elementos da sciencia. Dignissimos sacerdotes ou leigos virtuosos, vão á noite distribuir a esmola da instrucção religiosa e scientifica. O cuidado da disciplina interior é confiado a dois ecclesiasticos. As creanças levantam-se cedo, e desde os primeiros annos vão aprender qualquer officio nas differentes officinas da cidade. Um piedoso secular está encarregado da collocação dos meninos, e anda todo o dia em caminho para se informar do seu proceder e aproveitamento. Este methodo permitte ao hospicio sustentar-se com poucos recursos, e dá aos mancebos a faculdade de escolher o estado que lhes apraz, segundo suas forças e disposições; de maneira que, cento e vinte discipulos se empregam em trinta differentes misteres. Aos vinte annos despedem-nos, por que já se acham em estado de ganhar sua vida, e o honrado proceder com que quasi todos se apresentam no mundo, prova quanto semelhantes instituições influem na moral publica.» [1]

O abbade Mastai conheceu e auxiliou Giovanni Borgi. Depois de ter sido o coadjuctor do humilde pedreiro, foi o seu successor. No hospicio azilavam-se uns cem orphãos. O abbade quiz viver com elles para melhor os conhecer e seguir de certo. E não sómente os educava e instruia, mas sustentava-os com os seus recursos. Gastava com elles todos os seus rendimentos. Mostra-se ainda hoje o pequeno quarto em que elle habitou durante esses sete annos. Mostra-se a poltrona em que se sentava todas as noites exhortando os orphãosinhos ao trabalho e á virtude.

Mais tarde, sobrecarregado de cuidados com o governo e a solicitude que empregava com as egrejas, nunca perdeu de vista os filhos adoptivos da sua mocidade. O Papa folgava de evocar em sua memoria o abbade João Maria Mastai Ferretti, e não podiam dar-lhe maior prazer que fallar-lhes do seu querido hospicio. Em setembro de 1871, dizia elle a um ourives romano chamado Brugo, que estava na audiencia:

[1] Mons. Gaume, *As tres Romas*, t. II, pag. 400.

—Fui-lhe sempre affeiçoado, por ter tomado para a sua officina os filhos de Tata Giovanni. Tem ainda em sua casa alguns dos que conheci?

O ourives hesitava, rebuscando e maldizendo a memoria, que lhe era menos fiel que a do Pontifice.

—Ainda lá deve existir F...—tornou Pio IX.

—Sim, Santo Padre.

—E estaes satisfeito com elle? Tem familia? Vive na abastança?

E d'aqui começou Pio IX a contar factos relativos ao artista a quem elle ensinara o cathecismo. Estes factos eram passados havia uns cincoenta annos. O ourives e as pessoas presentes admiravam a rarissima memoria do vigoroso ancião, e não menos, a encantadora bondade do Santo Pontifice.

Chegada a epocha dos grandes acontecimentos só por Deus conhecidos, Mons. Muri, enviado como nuncio ao Chili para estabelecer os negocios ecclesiasticos desmembrados por tantas revoluções na America do Sul, pediu para que o abbade Mastai o acompanhasse na qualidade de coadjuctor. Foi-lhe concedido. A esta noticia, os orphãos de Tata Giovanni soltaram altos gritos, e quando o abbade Mastai se despediu d'elles, a scena foi commovente e despedaçadora. As creancinhas agarravam-se-lhe ás mãos e ás vestes, e os que não podiam approximar-se supplicavam-lhe que as não abandonasse. O abbade abraçava-os a chorar. «Nunca pensei nem teria acreditado—exclamou elle—que a separação fosse tão dolorosa!»

Por outro lado, a condessa Mastai affligia-se vendo-o acceitar uma missão para tão longe. A este respeito, escreveu ao cardeal secretario de Estado, representando-lhe que a saude do joven levita era ainda muito fraca; mas o Papa a quem a reclamação foi submettida presistiu na nomeação. «Dizei á condessa—respondeu elle—que seu filho vae atravessar o oceano em serviço da Egreja, e que voltará são e sem perigo.»

Pela segunda vez, prophetisou Pio VII o futuro a Pio IX.

Mastai embarcou na barca Heloisa. Passou defronte do rochedo de Santa Helena, onde alguns mezes antes expirara o perseguidor de Pio VII.

Durante os dois annos que se demorou na America, Mastai visitou as missões do Chili, do Perú, e de Colombia, aprendendo, sem o saber, a tornar-se um dia o pastor supremo dos Dois-Mundos. Nada faltou a esta aprendizagem apostolica; nem as fadigas nas longas passagens do deserto, e nas solidões da Cordilheira dos Andes, nem a fóme, nem a prisão.

Muito tempo depois contou Pio IX os primeiros incidentes d'esta viagem. Esta narração foi feita á corporação diplomatica que se agrupava em volta d'elle, na funesta manhã de 20 de setembro de 1870:

«Recordo-me—disse—que quando fui ao Chili estava a França em guerra com a Hespanha, por causa de Fernando VII. O navio em que eu ia, ancorou em Palma, nas ilhas Baleares. As authoridades hespanholas retiveram-no sob o pretexto de que se não podia ir ao Chili sem licença das côrtes. Encarceraram-me; e então comprehendi a necessidade da independencia do Papa. Todos os dias me enviavam do navio comestiveis, mas não me chegavam cartas, jornaes, nem correspondencia de ordem alguma. N'este aperto fui iniciado nos pequenos ardis dos prisioneiros no segredo. Mettiamos os bilhetes no miôlo do pão; e foi por este meio que vim a saber da victoria do duque d'Angoulême no Trocadero. Depois d'esta batalha que os arrastou á sua ruina, os insurgentes hespanhoes não pensaram mais no pobre clerigo: deixaram-nos partir.»

N'esta viagem, o abbade Mastai foi um dia tomado pelos piratas e teve de pagar o resgate. Outra vez, indo de Valparaizo para Lima, foi acossado por uma horrivel tempestade. Já o navio em que navegava ia de encontro aos rochedos despedaçar-se, quando uma barca, tripulada por alguns negros e sob o commando de um pobre pescador chamado Bako, o soccorreu. Bako subiu para a galeota e substituindo o piloto, como grande conhecedor d'estas paragens, dirigiu tão habilmente a manobra, que a fez entrar a salvo no pequeno porto de Asica. Na manhã seguinte, o abbade Mastai Ferretti foi agradecer ao seu salvador, o qual habitava com sua familia uma pequena cabana á borda do mar. E como prova de sua gratidão, deu-lhe uma

bolsa contendo quatrocentas piastras, (327:360), não se julgando ainda assim quite para com elle. E tanto foi, que nunca se esqueceu de Bako, e logo que foi elevado a soberano Pontifice mandou-lhe o seu retrato e juntamente uma quantia egual á que lhe havia dado. Mas já então o pobre pescador vivia na abundancia. O dinheiro do abbade fructificara nas mãos de Bako. Este, profundamente reconhecido, empregou o que depois lhe enviaram de Roma em esmolas distribuidas em nome de Pio IX; e a imagem venerada do Pontifice foi collocada n'uma capella que mandou construir no alto de sua habitação dominando o mar. Alli, o velho Bako aprazia-se em contar a sua felicidade aos viajantes, que se ajoelham e oram a Deus por Pio IX e por sua Egreja.

Em 1825, de volta a Roma, o abbade Mastai foi nomeado conego de Santa Marta *in via lata*, admittido á prelazia a qual dá accesso aos primeiros cargos pontificios, e encarregado da presidencia do hospicio de S. Miguel.

Este estabelecimento, fundado ha dois seculos por Innocencio X, é um dos maiores asylos que existem, e ao mesmo tempo a mais antiga eschola de artes e officios, e modelo de todos os outros. E além d'isso eschola de bellas-artes, d'onde tem sahido muitos dos mais afamados artistas da presente geração: taes como Mercuri, Calamata, e o esculptor Taccimeis. O edificio tem ao lado do asylo instituido pelo fundador para cem orphãos, e triplicado por Innocencio XII, um corpo especial, destinado por Clemente XI aos velhos e enfermos, e outro construido por Clemente XII para as mulheres convertidas; e finalmente um terceiro em que desde o tempo de Pio VI se recolhem as raparigas abandonadas que viviam antigamente em S. João de Latrão. De fórma, que S. Miguel é uma especie de villa, e sua administração uma verdadeira communa.

Quando o sr. Mastai foi nomeado para este cargo por Leão XII, tornavam-se necessarias grandes reformas no estabelecimento. Os seus antecessores poderiam ter sido sanctos; administradores é que não tinham sido. A sua inexperiencia deixara em relaxação todo o serviço. A' desorganisação geral, accrescia uma divida enorme, e já se fallava em fallencia.

Em menos de dois annos tudo foi reparado, restaurado, e renovado. A divida salvou-se, sem que nenhuma das obras necessarias fosse supprimida, nem apoucada. Verdade é que ali se sumiu a maior parte do patrimonio do sr. Mastai; mas de que serve o dinheiro a um sacerdote, dizia elle para comsigo, senão para o dispender a proposito e em serviço da caridade?

Antes da sua administração, a regra da casa reservava em beneficio do hospicio todo o trabalho dos aprendizes; e apenas lhe concediam a quantia de trinta piastras quando sahiam. Achando este systema um pouco duro, o sr. Mastai fez adoptar pela direcção uma medida mais rasoavel que devia estimular os mancebos ao trabalho. Os aprendizes tiveram a sua parte nos lucros. Sómente, em logar de os deixar dissipar sem proveito as quantias ganhas, obrigavam-os a depositar o seu salario n'um banco, até ao dia da sua sahida de S. Miguel. D'esta maneira cada discipulo se tornava proprietario, e possuidor de um pequeno fundo para se poder estabelecer.

A restauração do hospicio revelou no seu author elevadissima aptidão para administrar. Leão XII julgando-o com capacidade para administrar uma diocese, nomeou-o para o arcebispado de Spoleto. Passava-se isto em 1825. O novo arcebispo não tinha senão trinta e cinco annos.

Os proventos que o abbade Mastai auferira nas suas primeiras dignidades ecclesiasticas eram tão escassos, que achandose sem dinheiro para pagar as bullas, vendeu uma pequena propriedade, a unica que por então possuia. Engano-me, porém: restava-lhe ainda a joia de seu coração para enternecer os abastados em favor dos seus pobresinhos; restava elle proprio, que despendia com elles, sem contar.

Os primeros annos do seu episcopado foram pouco trabalhosos e correram serenamente. Na vespera dos acontecimentos de 1830, a Revolução encolhia-se e a Europa gosava de uma tranquillidade relativa.

Mastai aproveitou este remanço para reanimar e fortificar os estudos do clero e melhorar os costumes do povo, fundando junto de sua residencia um seminario para os orphãos: apre-

ciava e dava a maior importancia a este genero de instituições, pelas quaes mostrou sempre uma predileção especial.

N'este comenos, estalaram os tumultos de 1831 e 1832. Pela primeira vez, aquelle que devia chamar-se Pio IX se achou face a face com os revolucionarios; e pela primeira vez tambem, em frente dos Bonapartes, particularmente d'aquelle que devia chamar-se mais tarde Napoleão III.

E' bem sabido, com que generosidade Pio VII, destituido por Napoleão I, deu á familia d'este, destituida por sua vez, um asylo que nenhum outro soberano europeu tivera a coragem de lhe dar ou (antes imprudencia) de lhe offerecer. José, ex-rei de Hespanha, passou em Roma os derradeiros trinta annos de sua vida, em companhia de seu tio o cardeal Fesch, de seu irmão Luciano, principe de Canino, e de grande numero de sobrinhas e sobrinhos infeudados na nobreza romana. Se não fosse a Roma pontifical, sem o auxilio da pequena soberania temporal dos Papas, todos estes Bonapartes se teriam visto obrigados a emigrar para a America, ou então a acceitar dos antigos soberanos, seus sogros ou cunhados forçados, uma hospitalidade mui parecida a uma prisão, como por exemplo, a do ex-rei de Roma na Austria.

No entretanto, se os Papas não sabem pagar o mal senão com o bem, é sem duvida por não entenderem nada da politica das nações, segundo a censura que tantas vezes lhe fizeram Napoleão I e Napoleão III. A politica portanto exclue a gratidão. Ah! os Napoleões sempre se jactaram de ser os primeiros politicos de seu seculo!

Dois mancebos d'essa familia, filhos da rainha Hortensia, e filiados muito cedo nas sociedades secretas, phantasiaram conquistar um principado, ou pelo menos ganhar uma certa popularidade revolucionaria, á custa do bemfeitor de sua familia. Á mão armada retiraram-se para Romagna, sustentando durante muitos mezes a insurreição e a guerra civil. O mais velho morreu n'esta criminosa empreza; e o segundo, mais felizardo que o outro, pôde fugir. Este era Luiz Napoleão, quero dizer, Napoleão III.

Muitos jornaes inglezes e allemães contaram em 1860, n'uma

epocha em que nenhum jornal francez poderia transcrever impunemente essa narração, que Luiz Napoleão fugitivo, cercado pela armada austro-pontifical, foi bater uma noite á porta do arcebispo de Spoléto, dando o seu nome e confiando-se á honra do arcebispo; e que Mons. Mastai o escondeu, e arranjando-lhe depois um passaporte em branco, escrevera os signaes do mancebo debaixo de um nome supposto, fornecendo-lhe d'este modo os meios de passar a salvo as fronteiras, e que depois o arcebispo foi a Roma para dar contas pessoalmente a Gregorio XVI do que ousára praticar, explicando-lhe que o seu fim politico fôra evitar a seu soberano o desgosto, quer fosse de punir quer de guardar um captivo d'esta importancia; e que, finalmente, Gregorio XVI tomára a mal este excesso de ousadia, custando muito a João Maria Mastai a entrar nas boas graças do Pontifice. A esta anecdota não faltava interesse nem verosimilhança; todavia nunca ouvimos dizer que fosse confessada por qualquer dos principaes personagens. Abandonamol-a portanto aos futuros romancistas.

O que é certo, é que quatro mil insurgentes perseguidos, mas ainda em ordem, se apresentaram diante de Spoléto, cidade sem defeza, e que o arcebispo saiu a seu encontro. Com muita firmeza, muito engenho e muita caridade conseguiu persuadil-os o arcebispo a deporem as armas. Os insurgentes concordaram, e deposeram aos pés do arcebispo muitos milhares de armas e cinco peças de canhão, rendendo-lhe ao mesmo tempo a mais subida homenagem. Para os alimentar mais do que para os comprar, tinha-lhes o arcebispo promettido alguns milhares de escudos, propondo-lhe, ao mesmo tempo, enviar esta quantia a um tal Sercognarri, a quem elles chamavam seu general; mas exigiram que a distribuição fosse feita pelas proprias mãos do arcebispo, como prova da estima que lhe consagravam, provando ao mesmo tempo a consideração que davam ao seu caudilho!

Restava porém o mais difficil. Um general austriaco seguia de perto os revoltosos. Era necessario obter-se uma amnistia. O arcebispo empenhára a sua palavra. Uma segunda saida fóra dos muros de Spoléto, e um segundo discurso ganhou-lhe um

novo triumpho. A sua eloquencia e caridade desarmaram a colera do vencedor, e apasiguaram o desespero dos vencidos. E ainda mais: pessoas que nem ainda tinham pegado em armas lhe deveram a salvação n'esta circumstancia. Porque de facto, a revolta tinha cumplices na cidade, e estes foram descobertos pela policia. O chefe, logo que formou a lista, foi mostral-a ao arcebispo esperando que este o felicitasse: «Meu valente homem—lhe disse o prelado—não entende nada do seu modo de vida, nem do meu. Quando o lobo quer devorar os cordeiros, não previne o pastor.» E o chefe estupefacto viu desapparecer a sua lista nas chammas. [1]

Passa como certo na historia, que este procedimento desagradou em Roma, e João Maria Mastai teve de justificar-se diante de Gregorio XVI. Posto que assim fosse, o descontentamento do Soberano Pontifice não foi senão apparente, ou pelo menos pouco duradouro. Em fins de 1832, Mons. Mastai foi transferido da cadeira de Spoléto para a de Imola, muito mais importante apesar de ser apenas bispado. Esta cadeira é de ordinario o caminho para o cardinalato.

Nunca Imola esquecerá quanto deve ao seu santo arcebispo: igrejas retocadas, mancebos destinados ao sacerdocio, mas sem meios, admittidos gratuitamente no seminario episcopal; uma casa de retiro fundada para os padres velhos e enfermos; asylos abertos para orphãos dos dois sexos; escholas estabelecidas; hospitaes ampliados e generosamente dotados. Tudo isto se deveu a Mons.^{r} Mastai, o qual collocou á frente da maior parte d'estas instituições piedosas as irmãs de S. Vicente de Paula, que para esse effeito mandou vir de França. Chamou igualmente da França religiosas do Bom Pastor, d'Angers, para administrar uma casa de refugio para as mulheres arrependidas, «porque seu coração estava constantemente torturado (dizia elle), pensando n'essas pobres ovelhas desgarradas á procura do aprisco.» Quando as religiosas do Bom Pastor, muito tempo reclamadas, chegaram a Imola, o arcebispo recebeu-as no seu palacio, e quiz elle proprio servil-as á mesa.

[1] *Louis Veuillot. Sa Sainteté Pie IX*, pag. 13. *Al. de Saint-Albin, Vie de Pie IX*, t. p. 17.

A oração, as visitas á sua diocese, e o estudo repousavam-no de seus trabalhos. Estabelecera no seu palacio episcopal uma academia chamada *biblica;* elle mesmo redigira os estatutos, e presidia ás reuniões mensaes.

Tantas fundações, e particularmente a das religiosas do Bom Pastor que tinha dotado com os seus rendimentos, não podiam contribuir para restabelecer os seus haveres desfalcados em S. Miguel. Mas a caridade é fecunda em recursos; portanto nunca o caritativo arcebispo teve a coragem de despedir um indigente com as mãos vasias.

A este respeito contam-se muitos factos tocantes. Limito-me, porém, a narrar apenas dois.

Era no carnaval de 1836. Achava-se exposto o Santissimo Sacramento para o jubileu das Quarenta Horas, na cathedral de Imola. A noite aproximava-se. Absorto na oração, o piedoso arcebispo esquecia-se da hora. Repentinamente, da extremidade da igreja saem gemidos e suspiros abafados. O arcebispo corre ao logar, e encontra estendido junto de uma columna um mancebo a expirar. Tinha sido ferido n'uma rixa, e procurára refugiar-se no lugar santo. Mons. Mastai toma-o nos braços e dispõem-se a leval-o para a sacristia, ou para o palacio episcopal. N'este momento os assassinos entram de golpe na igreja, e tentam furiosos arrancar-lhe a sua victima para a acabarem fóra; mas no bispo de Imola, santificado pela oração e pelo jejum, ha ainda o joven Mastai dos vinte annos. Faz frente aos assassinos, intimida-os com a sua dignidade, e esmaga-os com a sua eloquencia, a ponto de que elles recuam, e deixam-se expulsar. Só com o ferido, o bispo prodigalisa-lhe cuidados maternaes; anima-o, consola-o, e depois, conhecendo que tudo está perdido, ali, ao pé de uma columna, na solidão e no escuro, absolve o moribundo, abençoa-o, e ajuda-o a bem morrer.

O outro facto passou-se já quando Mons. Mastai era cardeal. Um dia recebeu a visita de um habitante de Imola, o qual apertado por um credor e sem poder satisfazer a divida, não achou outro recurso senão a caridade do bispo. Mas n'esta occasião a bolsa d'este achava-se tão vasia como a do seu visitador. Todavia isso não era motivo para o não soccorrer.

—De que quantia precisa?—perguntou o bispo.

—Eminencia, são-me necessarios quarenta escudos (214 francos).

—Meu pobre amigo, não tenho nem um *baioco* de meu, mas leve estes castiçaes de prata, venda-os e achará a somma de que precisa.

Dando os castiçaes, o cardeal sabia perfeitamente que se expunha ás censuras de seu mordomo; mas este estava havia muito tempo retemperado para ellas, pois já não era a primeira vez que egual caso lhe succedia. No entanto, o ourives a quem os castiçaes foram offerecidos, reconhecendo as armas do cardeal, reteve em sua casa o individuo portador que tomou por um ladrão, e correu ao palacio episcopal:

—Vossa eminencia foi roubado.

—Não, não fui.

—Acabam de me offerecer castiçaes de prata pertencentes a vossa eminencia.

—Muito obrigado pelo seu cuidado, meu amigo: esses castiçaes já me não pertencem; se lhe convem e lh'os querem vender, póde compral-os. Vá descançado, que ninguem me roubou.

Voltando a casa, o ourives soube do vendedor a origem do mysterio. Pagou immediatamente os quarenta escudos, e apressou-se em ir levar os castiçaes ao cardeal.

—Sei tudo, eminencia: aqui trago os castiçaes. Aquelle a quem os déstes tem os quarenta escudos de que precisava, e vós m'os dareis quando poderdes.

João Maria Mastai creado cardeal *in petto* no Consistorio de 23 de dezembro de 1839, foi elevado a esta alta dignidade a 14 de dezembro de 1840, aos quarenta e oito annos de edade. Como se vê, Gregorio XVI desculpava-lhe mais do que dizem, o que elle chamava as suas «idéas liberaes» e acumulava de honras assás generosamente e com rapidez, um prelado muito disposto a deixar-se esquecer, sendo pouquissimo assiduo na côrte, e deixando mesmo passar alguns annos sem apparecer em Roma.

CAPITULO III

Elevação de Pio IX ao Soberano Pontificado

A vida de Gregorio XVI tocava no seu termo. Havia quinze annos que o veneravel Pontifice luctava penosamente com a revolução, de que via todos os dias crescer as pretenções e esperanças, as quaes auxiliadas pelos jornaes publicos, e não menos pelos soberanos tão ameaçados como o Pontifice, mas mais cegos, tinham pouco a pouco creado contra elle uma impopularidade universal. Succedia então o mesmo que em nossos dias. Os politiqueiros ignorantes, quero dizer, os ledores das gazetas, não fallavam senão do espirito retrogrado da côrte de Roma, e os orgãos governamentaes não se occupavam em contradizel-os. De maneira que quando foi annunciada a morte de Gregorio XVI, que succedeu no 1.º de junho de 1846, os cardeaes italianos apressaram-se a reunir-se em conclave, sem attender a seus collegas estrangeiros. Não havia outro meio na eleição do novo Papa, para escapar á pressão dos embaixadores e ás influencias rivaes dos governos que affectam não crer em Deus, pelo menos officialmente, e que todavia quereriam governar na igreja.

O cardeal Mastai partiu immediatamente de Imola para Roma.

Ainda então não havia o caminho de ferro. As viagens eram mais longas e davam lugar a muitos incidentes.

Atravessando Fossombrone, villa da provincia de Marca, a carruagem em que viajava Mons. Mastai teve de parar alguns instantes, e foi logo cercada de grande multidão. A vista de um principe da igreja é sempre um espectaculo para o povo, e muito mais na occasião da vagatura da Santa Sé, quando todos os cardeaes podem aspirar a ser eleitos Papas. De repente, viu-se uma pomba branca fender os ares e pousar sobre o tejadilho da carruagem. A multidão bateu as palmas soltando á porfia a harmoniosa e expressiva exclamação tão familiar ao povo dos Estados pontificios: «Viva! Viva!» Como porém estes brados não assustassem a pomba, os espectadores viram n'esta apparição um presagio. Alguns lembraram-se talvez de Tarquinio, o Velho, esse futuro rei de Roma, sobre o qual pousou uma aguia quando pela primeira vez entrou na cidade eterna; outros pensaram no Papa S. Fabião, que tambem foi da mesma fórma designado por uma pomba aos suffragios do povo e dos bispos, e as acclamações redobraram: «Viva! Viva! E' este o papa! E' o Papa!» Tomam então uma comprida canna, d'aquellas que nascem á beira dos fossos em Italia, e afugentam devagarinho a avesinha: ella tomou o vôo, paira um momento e volta de novo para o mesmo lugar, conservando-se immovel. O enthusiasmo dos assistentes chega ao ultimo gráu. Gritam todos: «Sim, é elle, é o Papa! O Papa da pomba!» E toda esta multidão foi correndo e seguindo a carruagem até ás portas da cidade. Só ali é que o animalsinho tomou vôo e foi pousar sobre a mesma porta da prisão onde estavam encarcerados muitos presos politicos. [1]

O conclave reuniu-se em um domingo, 14 de junho. Foram presentes cincoenta e quatro cardeaes. Eram precisos trinta e quatro votos para a eleição, porque esta costuma fazer-se, não pela maioria dos votantes, mas pela maioria dos votos dos cardeaes vivos, votantes ou não, e o sagrado Collegio, composto

[1] O cognome de *Papa da pomba* ficou a Pio IX na linguagem do povo Além de que, tem-se visto muitas vezes entrar pombas nas igrejas em quanto elle officia e voltejar em redor do altar.

desde Sixto Quinto de setenta membros, não estava então completo.

Os candidatos que tinham mais probabilidades de ser eleitos eram o cardeal Lambruschini, e o cardeal Gizzi. O cardeal Mastai foi encarregado do escrutinio. Antes d'esta reunião ninguem tinha pensado n'elle; mas, desde a primeira sessão, o aspecto d'esse brando e magestoso semblante, o suave perfume de modestia e piedade que se expandia de toda a sua pessoa, tocou a augusta assemblea. O cardeal-principe Altiere, bispo de Albano, o mesmo que vinte e um annos depois devia dar a vida por suas ovelhas, foi o primeiro que formalmente propoz a candidatura do escrutinator.

Este, em lugar de regosijar-se, ficou atterrado; e mentalmente supplicou ao soberano illustre que afastasse para longe d'elle um fardo que julgava superior a suas forças. Todavia logo no primeiro escrutinio foi o que obteve mais votos.

Ao segundo, viu que lhe augmentaram mais tres votos, dos que antes pertenciam aos outros cardeaes; e ao terceiro, leram vinte e sete vezes o seu nome.

Approximava-se o desfecho. A commoção era grande. O ultimo escrutinio tinha sido na manhã de 16; e logo foi indicado outro para a tarde. João Maria Mastai ahi se achava no seu posto. Estava pallido, e visivelmente preoccupado. Tinha passado orando todas as horas que decorreram de uma a outra reunião.

Abriu-se a sessão pelo canto *Veni Creator*. Em seguida procedeu-se á redacção e ao deposito dos bilhetes no calix destinado a recebel-os. Recolhidos os votos dos enfermos, fez-se um silencio solemne e o escrutinio começou.

Logo no primeiro bilhete, o cardeal Mastai leu o seu nome: leu-o no segundo, no terceiro, e igualmente até ao numero dezesete sem interrupção. A mão tremia-lhe; e quando lhe apresentaram o numero dezoito e n'este achou ainda o seu nome, passou-lhe como uma nuvem por diante dos olhos. Então rogou á assembléa que desculpasse a sua perturbação, e encarregasse outro qualquer de continuar o seu mister. Esquecia-se, talvez voluntariamente, dos termos do regulamento, o qual de-

termina que, n'um escrutinio interrompido, deve ser nulla a eleição.

—Socegue, descanse um pouco, responderam todos os seus collegas. Os mais novos rodearam-no, pedindo-lhe que se sentasse um pouco. Alguem lhe apresentou um copo com agua. Mastai sentou-se, e ficou tremulo, silencioso e immovel. Não via nada, não ouvia, e as lagrimas cahiam-lhe nas faces.

Este abalo tão profundo, tão verdadeiro, causado pelo terror de sua propria grandeza, ganhou a maior parte dos assistentes, aos quaes o bispo de Imola tinha até ahi sido indifferente; commovendo-os mais em razão de verem n'esses thesoiros de humildade e sensibilidade que se lhe revelavam, a justificação mais tocante e inesperada do acto que acabavam de praticar.

Ao cabo de alguns instantes, o cardeal Mastai levantou-se, aproximando-se da banca. Dois collegas o amparavam. O escrutinio acabou lentamente. Ao derradeiro bilhete, o cardeal leu o seu nome trinta e seis vezes repetido.

Os cardeaes levantaram-se de golpe, e uma voz unisona retumbou debaixo das arcadas da capella Paulina. O sagrado Collegio confirmava com as suas acclamações o resultado do escrutinio. [1]

Durante este tempo, João Maria Mastai ajoelhado, orava a Deus, que acabava de o escolher para seu vigario na terra. Os cardeaes que pouco antes eram ainda seus iguaes, afastavam-se respeitosamente para não perturbar a conferencia do soberano Mestre com o seu representante. Quando Mastai se levantou, viu encaminhar-se para elle o vice deão do sagrado Collegio, em substituição do deão enfermo, o qual segundo a formula prescripta pelo ceremonial, perguntou ao eleito se acceitava a eleição. Este respondeu que se submettia á vontade de Deus; declarando que adoptava o nome de Pio IX. Os cardeaes presentes poderiam replicar-lhe como outros o tinham feito a Innocencio II: «Não é para as honras que vos convidamos, é para o combate.»

[1] O. R. P. Huguet, *Factos sobrenaturaes da vida de Pio IX*, pag. 24.

É de crêr que foi este tambem o pensamento intimo que inspirou ao novo Papa a escolha do nome de Pio IX. Provavelmente, recordou-se de Pio VII cuja mão paterna lhe applaudira a vocação sacerdotal, e que assim como elle, tinha sido bispo de Imola antes de governar a Igreja universal. Mas sobre tudo, de quem elle mais se lembrou foi dos derradeiros Papas martyres da Revolução. Com seu profundissimo conhecimento do tempo e dos homens, com a presciencia que dá a santidade, conheceu que a epocha das tribulações era chegada, e acceitou intrepidamente a carreira de Pio VI e Pio VII.

Depois que foi redigido authenticamente o auto da eleição, o novo Papa foi conduzido á sacristia e revestido da alva tunica dos soberanos Pontifices. Em seguida, recebeu na capella do Quirinal a primeira submissão dos cardeaes, recebendo n'essa occasião o annel do pescador.

Ouçamos o que elle proprio escrevia a seus irmãos, para Sinigaglia:

«Roma, 16 de junho, ás 11 horas e 45 minutos da noite: —«Aprouve ao grande Deus que humilha e que exalta, elevar-«me do nada á mais humilde dignidade da terra. Que sua san-«tissima vontade seja feita para todo o sempre! Sinto o immen-«so peso de um tal encargo; e sinto egualmente a minha ex-«trema insufficiencia, para não dizer a nullidade de minhas for-«ças. Grandissima razão tenho para orar a Deus; e vós tambem «orae por mim. O conclave durou quarenta e oito horas. Se a «cidade quizer n'esta conjunctura fazer demonstrações publicas, «providenciae com urgencia, que o meu maior desejo, é, que «a quantia destinada a isso se empregue em objecto de geral «utilidade, conforme o parecer dos chefes da cidade. Quanto a «vós, caros irmãos, abraço-vos de todo o meu coração em Je-«sus Christo. E longe de vos dar alegrias, antes vos peço com-«paixão para com este vosso irmão, que a todos envia a sua «benção apostolica.»

No dia seguinte 17 de junho de 1846, o canhão do forte de S. Angelo annunciou á cidade que o conclave terminara a sua

missão. O cardeal *camarlingo* [1] Riario Sforza apresentou-se na varanda do Quirinal, debaixo da qual estacionava immensa multidão, bradando para o povo: «Annuncio-vos uma grande nova: temos um Papa: é o eminentissimo senhor João Maria Mastai Ferretti, cardeal da Santa Igreja Romana. Sua Eminencia adoptou o nome de Pio IX.» O povo, n'um silencio profundo, continuava a escutar quando a proclamação já estava finda.

Depois, olhavam uns para os outros surprehendidos, perguntando quem seria esse Mastai Ferretti de que ninguem fallava antes da eleição, e que tão raras vezes apparecia em Roma. No entanto, os cardeaes entraram um a um na varanda, deixando ao centro um lugar vasio, onde minutos depois apparece um homem de alta estatura trajando todo de branco, muito mais novo do que estavam acostumados a ver os Papas, com o rosto pallido e a mão direita levantada para abençoar. A esta vista o povo conhece por uma especie de revelação, a grandeza da alma de Pio IX. Este sim, que era um Papa; isto é, um Pae, um Pontifice e um Rei. Conta mr. de Saint-Albin, que o mesmo Papa reconheceu nas palpitações do coração que era pae, e não ha coração paternal que deixe de estremecer quando ouve os primeiros vagidos de seus filhos. Então a multidão prostrou-se debaixo da mão que a abençoava, e immensos clamores levaram até ao ceo o augusto nome de Pio IX.

A coroação fez-se quatro dias depois, na basilica de S. Pedro. [2] Em commemoração do fausto successo, o novo Papa

[1] Chama-se assim ao cardeal que governa na vagatura da Santa Sé. *N. do T.*

[2] Devia interessar bastante o leitor a descripção da coroação do Papa; infelizmente tomar-nos-hia grando espaço. Ao contrario do que é costume na coroação dos reis, são seus deveres que o ceremonial lhe recorda sem cessar, e não seus direitos. A Igreja lembra-lhes pouco a grandeza, e muito a humildade. D'este modo, repetem-lhe essas celebres palavras, as quaes nós tambem devemos repetir: *Tu non videbis annos Petri; tu não verás os annos de Pedro.* Hastea-se diante d'elles uma cana, em lembrança d'aquella que os judeus metteram nas mãos do Christo. Similhante cana tem na ponta um punhado de estopa; lançam-lhe fogo, a chamma fulge, extingue-se, e suas cinzas cahem aos pés do novo Papa, em quanto o coro canta: *Pater sancte, sic transit gloria mundi: Padre Santo, assim passam as glorias do mundo!* A estes symbolos accrescentava-se antigamente a ceremonia do *sedes stercoraria.* Depois de ter recebido as homenagens universaes, o Soberano Pontifice prostrava-se no chão no vestibulo da basilica, e para lhe recordar que elle não era senão um homem, cantavam-lhe

dotou cincoenta e tres donzellas pobres com cincoenta escudos romanos, pertencendo cada uma ás cincoenta e tres parochias de Roma e dos arrabaldes; e deu mais mil dotes de dez escudos para as provincias dos Estados Pontificios. [1] Alem d'isto, distribuiu em esmolas seis mil escudos, e á sua custa resgatou todos os objectos que se achavam empenhados no Monte da Piedade, pela população indigente. Afóra isto, pagou todas as dividas dos encarcerados na capital.

E como Pio IX não queria deixar ninguem descontente, e que todos participassem da alegria geral, annunciou ao mundo catholico um jubileu universal, pedindo para o novo pontificado as orações de todos os fieis.

Decretou mais uma amnistia geral para todos os presos condemnados ou deportados politicos dos Estados pontificios.

«Compadeço-me—dizia elle—d'esses mancebos inexperientes que, engodados por loucas esperanças, foram mais seduzidos que motores das discordias civis... A minha mão está estendida para todo aquelle que mostrar um sincero arrependimento... Exorto portanto todos os romanos, vassallos da Santa Igreja, a que abjurem todos os odios, e apertem os laços da paz com que Deus quer que os vassallos da mesma Igreja sejam estreitamente unidos. [2]»

Dizem que para não ferir susceptibilidades, Pio IX quiz que

as palavras da mãe de Samuel, no primeiro livro dos reis: *O Senhor levanta do pó o indigente, tira o pobre do seu esterquillinio para o assentar entre os principes.* Estas palavras não vinham a proposito quando a fronte que carregavam com a triplice corôa era por nascimento duque ou principe—Colonna ou Medicis; mas que magnifica significação tinham quando o eleito era filho de um carpinteiro, de um moleiro, de um pescador, de um sapateiro como Gregorio VII, Bento VII, Sixto IV e Urbano IV, o filho d'um pobre, e elle proprio um mendigo; como o inglez Adriano IV; um vagabundo recolhido n'um caminho como S. Pio V; um pastor como Bento XII; e um guardador de porcos como Sixto V! A Igreja, «esse alfoubre de privilegios e aristocracias,» como tantos nescios costumam repetir, falla pouco dos principios democraticos da igualdade, mas pratica-os.

[1] O escudo romano valia novecentos rs. Esta quantia representava então mais do dobro do que representa hoje, quer seja porque a grande abundancia do ouro e prata na Europa tem depreciado notavelmente o genero, quer seja por n'essa epocha a vida material era *incomparavelmente mais barata* em Roma que nas principaes cidades da Europa.

[2] Ordenação de 10 de julho de 1846.

esta amnistia fosse discutida por uma congregação de cardeaes. Esperava aquietar os receios fundados na experiencia do passado. Fallou por grande espaço, e convidou os homens de Estado presentes a apresentarem as suas objecções. E como estes guardassem silencio, Pio IX julgou que todos eram da sua opinião. Todavia, resolveram que se fizesse votação; e então se viu que o maior numero de bolas eram pretas. Mas apezar d'isto, o bondoso coração do papa não poude resolver-se a transigir. Chamando em seu auxilio o espirito vivo e fecundo de que tantas vezes tem dado magnificas provas, tirou o seu solideo branco, poisou-o sobre as bolas pretas, e disse, voltando-se para os cardeaes: «Agora são brancas!»

CAPITULO IV

Pio IX Reformador—Anecdotas—Hosana universal

Todos aquelles que em 1846 viviam, por assim dizer, identificados com a vida publica, e sobre tudo os que se entregavam á politica, não podem recordar sem commoção a embriaguez universal; assim como as esperanças, a ternura e a admiração com que foram saudados os primeiros annos do Pontificado de Pio IX. Os que não são d'esse tempo não podem fazer uma idéa aproximada.

O aborto completo e definitivo da revolução franceza não era ainda um facto incontestavel. Todos nós adoravamos esta formosa seductora; sabiamos perfeitamente que até ahi não creára senão tempestades; no entanto promettia-nos sempre a edade de ouro da fraternidade humana; foramos emballados em seus joelhos, e tinhamos fé n'ella. Esperavamos finalmente concilial-a com a religião, e á força de o desejar, á força de proseguir n'este empenho, as almas generosas convenciam-se de que tudo estava conseguido.

Por outro lado, vagas aspirações para um futuro desconhecido agitavam as massas. O mundo parecia estar na espectação: nenhum estabelecimento politico se sentia solido; os proprios

que governavam defendiam-se menos a titulo de principes, que em nome dos interesses, ou para melhor dizer, dos expedientes transitorios. A velha Europa, tantas vezes e tão cruelmente desilludida por espaço de cincoenta annos, rejuvenescia; e todos os seus sonhos, todas as suas esperanças, aviventadas pelas noticias que a cada passo chegavam de Roma, se fundaram na pessoa e no governo de Pio IX.

Na verdade, esta harmonia era demasiadamente bella para que fosse duradoura. Faltavam-lhe *certas discordancias*. Mais de um sabio notou isto mesmo, e emquanto pela sua parte sinceramente applaudia, abanava a cabeça ao aspecto dos voltairianos, dos jacobinos, dos agentes das sociedades secretas, tão delirantes no seu enthusiasmo, ou ainda mais do que os catholicos.

Não importa—diziam—é realmente grande para um Papa acceitar esta experiencia, ir por diante com ella até ao cabo, embora tenha de sahir-se mal. As concessões e os beneficios de Pio IX teriam pelo menos o resultado de convencer a impiedade de impostora, e talvez de se poder emfim conhecer o alcance do que chamavam «o espirito dos tempos modernos.» De mais a mais podia-se descançar. Não estava o chefe invisivel dentro da barca com o successor de Pedro, para a nortear e ancorar em caso de necessidade, preservando-a da correnteza?

Dissemos que Pio IX debutou com a publicação de uma indulgencia plenaria ou jubileu, e por uma amnistia politica geral.

D'estes dois actos, o primeiro, ainda que esperado pelo costume em todos os novos pontificados, alegrou os fieis de todo o orbe christão; o segundo, despertou immediatamente a attenção dos liberaes e as sympathias da democracia. E' verdade que elle não rehabilitava os proscriptos, da maneira que elles desejavam, isto é, não era uma amnistia sem restricções, a qual, se o fosse, poderia ser tomada por accusação implicita ao governo de seu predecessor; impunha por tanto aos culpados a obrigação de reconhecerem a culpa e fazerem uma penitencia honrosa, solicitando elles proprios o perdão que lhes estava concedido. Esta clausula tinha por fim não extinguir o esqueci-

mento do passado, mas garantir a tranquillidade do futuro. De seiscentos conspiradores exilados ou encarcerados, só um recusou testemunhar o seu arrependimento, e empenhar a sua palavra de honra, a não abusar da graça que lhe concediam. Este homem de grande coração, digno de servir melhor causa, foi o conde Torenzo Mamiani. Nós o encontraremos mais tarde ministro de Pio IX.

Os outros, aporfiavam todos em provas de submissão. A maior parte accrescentou até juramentos que não se lhe exigiam. Um d'estes escrevia: «Juro dar todo o meu sangue por Pio IX.» Outro ajuntava: «Pela minha cabeça e pela cabeça de meus filhos juro ser fiel a Pio IX até á morte.» E um terceiro: «Renuncio á parte que tenho no paraizo se faltar ao juramento de fidelidade que me liga a Pio IX.» E como não fosse bastante, chegaram a reunir-se solemnemente em S. Pedro e ali commungaram tomando a Deus por testemunha. Mas só Deus é que sabe quantos eram sinceros n'este momento! Este requinte de protestos e juras imprime nas traições revolucionarias de que Pio IX ia ser victima, um caracter terrivel, e que faz confranger o coração.

Em seguida o humilde Pontifice pensou nos seus dois competidores, os cardeaes Lambruschini e Gizzi, que a opinião publica tinha designado como devendo ser, ou um ou outro, os sucessores de Gregorio XVI, e aos quaes, bem a seu pesar, vencera. Como os julgava mais dignos do que elle da sua dignidade, quiz consolal-os, se elles necessitassem de consolações, e resolveu offerecer-lhes todas as compensações que estivessem a seu alcance. Por este motivo nomeou Lambruschini bibliothecario do Vaticano, bispo de Civita-Vecchia, secretario dos breves apostolicos, deão do sagrado collegio; e a Gizzi fel-o secretario de Estado, isto é, seu primeiro ministro.

Os membros do novo ministerio foram: o cardeal Antonelli, que entrou na fazenda; o cardeal Camerlingne Hiario Sforza, no commercio e industria; o cardeal Massimo, trabalhos publicos; Mons. Lavinio Spada, guerra; e Mons. Grassellini continuou a exercer as funcções de governador de Roma, lugar que já possuia desde o tempo de Gregorio XVI. D'estas seis perso-

nagens, só as duas primeiras gozavam no entanto o favor popular. Os outros quatro eram *gregorianos* (assim chamavam na linguagem revolucionaria aos antigos servidores do precedente pontificado), e como taes tinham a luctar com os odios das sociedades secretas. Pio IX estava resolvido a não recusar nenhuma satisfação rasoavel e justa á sociedade; mas sua bella alma era incapaz de seguir a politica usada pelos principes, e de, á custa do seu predecessor, arranjar uma popularidade facil.

Mostrou antes, por diversa maneira, o respeito que consagrava ás tradições de Gregorio XVI. Tinha este sob a presidencia do cardeal Bernetti instituido uma commissão de jurisconsultos, para discutirem e amenisarem as leis penaes e criminaes. Gregorio XVI havia promulgado uma parte do novo codigo, resultado d'essas locubrações, mas a morte colhera-o antes de terminar. Pio IX confirmou a commissão, e deu-se pressa em completar a obra. Decidiu mais que se estendessem essas attribuições, tocando tambem nas leis e regulamentos das materias civis.

N'essa mesma epocha foi por um decreto, assignado pelo cardeal Gizzi, modificado o regulamento dos periodicos. Alguns espiritos timidos ou malevolos viram n'este decreto a absoluta liberdade da imprensa, e taxaram Pio IX de imprudente. Chegaram até a querer pôl-o em contradicção comsigo mesmo, fazendo entrar n'esta questão os actos de 1847, oppostos ás doutrinas de 1865, e á encyclica *Quanta curà*, assim como do Syllabus. Os que isto dizem não leram o decreto do cardeal Gizzi. Ignoram que este decreto se compõe de dois titulos: o primeiro com a rubrica de: *Conselho de censura*, o segundo de: *Regras para servir ao conselho de saude.* Emfim basta de preambulo. Temos de transcrever o decreto para justificar o Pontifice de duas inconsideradas accusações, mas muito frequentes: uma, de que fez demasiadas concessões no começo de seu reinado; outra, que não fez as necessarias no fim.

«Pascal Gizzi, cardeal da santa Igreja romana, com o titulo de S. Pudenciano, secretario de estado de Sua Santidade Pio IX.

«Sendo a imprensa uma das invenções modernas que mais

«deve contribuir para a propagação das idéas, tomando publi-
«cos os bens o os males, as verdades e os erros, foi desde a
«sua innovação objecto da maior sollicitude para os soberanos
«Pontifices, não só para favorecer um progresso tão util, como
«para prevenir males futuros. E como glorioso monumento
«d'esta asserção, devemos citar, por um lado, as imprensas
«que tão alta celebridade tem alcançado em Roma sob a pro-
«tecção dos soberanos pontifices, assim como as das provincias
«patrocinadas pelos bispos; por outro, as leis estabelecidas para
«pôr um dique aos abusos d'esta nobre arte, e impedir que
«emquanto ella offerecia novos soccorros e novas riquezas ao
«espirito humano, não servisse ao mesmo tempo para alterar
«a fé e corromper os costumes.

«Todavia, a formula d'estas leis devia passar por successi-
«vas modificações, á medida que o numero dos authores e dos
«livros impressos tornava mais vagaroso ou incompleto o exa-
«me que só podiam fazer os censores a quem este cargo fôra
«confiado.

«Para obviar este inconveniente e tornar a censura mais prom-
«pta, o Papa Leão XII, de gloriosa memoria, mandou publicar
«pelo seu cardeal vigario, o edito de 18 de agosto de 1825.
«A intenção de seu augusto successor, o Papa que felizmente
«hoje reina, é, no que toca á censura moral, scientifica e reli-
«giosa, manter o mesmo edito em vigor.

«A respeito da censura politica, ordenava o mesmo edito,
«que todo o escripto destinado a ser impresso, e que seja de
«natureza que possa excitar queixumes da parte dos governos
«estrangeiros, ou levantar controversias no Estado, não possa
«publicar-se sem licença previa do secretario de Estado. Ora
«hoje é tal a quantidade das producções que as necessidades
«da epocha fazem nascer, e nas quaes se trata, directa ou in-
«directamente, tantas materias relativas á politica, que quasi
«se tornou impossivel ao secretario de Estado satisfazer a
«todos os pedidos com a brevidade que naturalmente desejam
«os authores. Em consequencia do que, desejando Sua Santi-
«dade que esta difficuldade não empeça a honesta liberdade da
«imprensa, nem a deixe degenerar em funesta licença — depois

«de ouvir o parecer de authoridades competentes—ordenou que «se estabeleça tanto em Roma como nas provincias, um con- «selho de censura, para o qual os examinadores ecclesiasticos «ordinarios deverão de hora em diante enviar todos os escri- «ptos politicos.»

O decreto é de 15 de março de 1847. Se por tanto aprouve aos revolucionarios considerar Pio IX como o instituidor da «liberdade da imprensa», no sentido que ordinariamente se dá a essa palavra, foi da sua parte uma completa illusão. Segundo a propria confissão de um d'elles, tinham resolvido, «acceitar as concessões de Pio IX como justissimas; louval-as mais do que mereciam, e ter como concedido o que ainda o não era» nem o devia ser nunca.

Ao mesmo tempo occupava-se o Papa em preparar maiores franquias para as liberdades civis e municipaes; o que só se obteve no ministerio seguinte. Applicava-se tambem não menos em fazer propagar por toda a parte a instrucção gratuita, segundo as novas tradições da Egreja; inaugurava grandes trabalhos publicos, mandava fazer estudos para um traçado de caminhos de ferro, animava solicitamente a agricultura, as artes, as sciencias, sobre tudo, a architectura e a archeologia que tanto devem á sua munificencia. E para poder acudir a tudo sem augmentar os impostos, punha em ordem as finanças, e restringia as suas despezas pessoaes com a mais severa economia. Para as despezas da sua meza apenas marcou sete *paoli* (setecentos e cincoenta réis), e dizia a seu mordomo: «Quando fui bispo, gastava um escudo por dia; quando era cardeal, escudo e meio; agora que sou Papa, não quero que a minha despeza exceda dois escudos.» Dos oitenta cavallos que preenchiam a cavallariça pontifical, mandou immediatamente Pio IX vender cincoenta.

No tempo dê seus antecessores, era costume, no verão, haver sempre provisão de gelados e sorvetes. Um dia em que Pio IX pediu uma laranjada, ficou surprehendido vendo entrar um creado com refrescos e pasteis de muitas qualidades. Disseram-lhe que era este o costume, e como Pio IX visse n'isto o desperdicio, fez retirar todo aquelle apparato, e mandou que

lhe levassem uma faca e uma laranja, e elle mesmo a partiu, espremeu e lançou no copo, ordenando que d'ahi em diante nunca mais lhe servissem outra bebida quando tivesse sede.

O novo reinado não devia ser taxado de nepotismo, tão censurado a alguns Papas. Ao tempo da eleição de Pio IX achavam-se em Roma dois dos seus sobrinhos. A um, ordenou que voltasse immediatamente para Sinaglaglia, e fizesse saber a sua familia que não queria que elle residisse na capital. Ao outro, filho de uma de suas irmãs, e official da armada Pontifical, declarou que nunca lhe concederia posto algum sem que fosse devido a seu merito.

As mil vozes da imprensa levaram logo todas estas coisas (algumas desfiguradas) a todos os eccos da cidade, e do mundo: *urbi et orbi.* O nome de Pio IX estava já em todas as boccas; e já tambem se podiam distinguir por entre as acclamações, os tons que não eram filhos do amor nem da submissão filial. O arrependimento dos amnistiados tomava ares de vencedor. A seita que tinham servido, e ás ordens de quem continuavam a servir, fazia d'elles uns heroes; seus nomes eram glorificados e afixados nas esquinas, na frontaria do palacio, e nas portas das egrejas: imprimiam-lhes os retratos nos lenços, e cantavam-nos em hymnos. Ás ovações que recebia o busto de Pio IX, ajuntavam-se os insultos ao de Gregorio XVI. O cardeal Lambnuchini, os dignitarios do antigo regimen, e todos aquelles que se atemorisavam com os movimentos populares, eram assignalados como conspiradores, á vindicta publica. Não receavam de accusal-os de tramar contra a existencia de Pio IX. A invenção era absurda; mas existe por ventura absurdo quando se apresenta ao povo ignorante?

A 8 de setembro de 1846, a carruagem do Papa acabava de passar por baixo dos arcos de triumpho levantados em honra sua, quando a multidão se oppõe á passagem dos prelados de seu sequito.

A 27 de dezembro ousam gritar diante d'elle: *Viva Pio IX, só!* E alguns dias depois, ao grito de: Viva Pio IX! misturaram os de: «Abaixo os jesuitas! morte aos retrogrados!» De maneira que, da mesma fórma que succedeu a Carlos I e a Luiz

XVI, antes de tocar no soberano, feriam seus vassallos mais fieis. Enganavam-se, porém, imaginando que se tratava de um Luiz XVI, e que a candura e a bondade são necessariamente companheiros da fraqueza. Desde esse momento, os revolucionarios, se reparassem n'uma passagem muito significativa do decreto de amnistia, reconheceriam o engano: «Nós absolve-«mos... Todavia, se chegarmos a ser enganados em qualquer «de nossas esperanças, apesar do amargor que sentiria nosso «coração, não nos olvidaremos de que, se a clemencia é «o mais doce tributo da realeza, a justiça é o seu primeiro de-«ver.»

Onde o nobre reformador podia cortar a direito sem receio de errar, e sem a penosa espectativa de fazer ingratos, era no dominio puramente espiritual da Egreja. Ali a sua generosa iniciativa foi menos celebrada, mas vingou ainda mais fecunda que nos negocios de Estado.

A Egreja, fundada por um Deus, é governada pelos homens. Quer isto dizer que haverá sempre achaques no seu governo; e que é este o preço da liberdade humana. Sómente Deus, que preside ao exercicio d'esta liberdade, não cessa de enviar á sua Egreja santos e reformadores que a fortaleçam. Pio IX tem sido ambas as coisas.

Primeiramente exercitou o seu zelo com os religiosos e os padres—«o sal da terra.»

Folgava em visital-os, em reunil-os, e quaesquer que fossem as suas occupações, recommendava que se arranjassem as coisas de maneira que para elles estivesse sempre accessivel. Seu coração verdadeiramente sacerdotal, quando se lhes dirigia, expandia-se, e encontrava palavras dignas dos apostolos. Em 1847 dizia elle aos ecclesiasticos que deviam prégar na quaresma nas diversas egrejas de Roma: «Lembrae-vos de procurar «o segredo de vossa força no vosso amor. Se não amaes o «proximo, se o vosso coração não é todo affecto e carinho, não «ganhareis nenhum ascendente sobre os homens. Vigiai tam-«bem sobre o vosso comportamento: sêde severos para com «vós mesmos, para que os fieis não digam de vós o que os «vassallos dizem dos despotas: Os que nos governam reservam

«para si os beneficios de todos os direitos, e não nos deixam «senão o da obediencia.»

A encyclica de 17 de junho do mesmo anno, dirigida a todos os superiores geraes, abbades provinciaes, e outros chefes das ordens regulares, chamou todos os religiosos á rigorosa observancia de suas regras, e particularmente ao dever do estudo. Infelizmente, a encyclica é muito extensa para ser reproduzida aqui. Afim de que estas instrucções não fossem letra morta, instituiu Pio IX uma congregação especial, chamada das ordens religiosas. E em Roma, elle proprio, vigiava para que não houvesse infracção n'estes deveres. Uma noite, a deshoras, seguido de um unico camarista, apresentou-se Pio IX á porta de um convento, mandando que chamassem o prior. O irmão porteiro que não vê atravez das grades a sotaina branca do Papa, responde ao indiscreto visitante:

—Isto são horas de bater á porta de um convento? Vá-se embora; o prior está na cama, e a communidade a dormir. Volte ámanhã.

O militar insiste:

—Vá dizer a seu prior que o irmão Mastai deseja fallar-lhe.

—Irmão Mastai? Quem é esse irmão Mastai?

Pergunta mentalmente o porteiro. Recorda-se, porém, de repente que este é o nome do Papa; abre a porta, e reconhecendo Pio IX, confunde-se em desculpas. Pio IX revista o convento, e quer que se faça a chamada. Faltam, porém, a ella dois religiosos, e para desculpar esta irregularidade, dizem ao Papa que provavelmente o excessivo calor os obrigava a ir procurar fóra do convento alguma frescura.

—A regra está feita para ser observada tanto de verão como de inverno—observou severamente o Papa.

E dirigindo justas censuras ao prior, ensinou-lhe com o seu exemplo, como se apertam os laços da disciplina, quando estes afrouxam. Na manhã seguinte os dois religiosos, encontrados em falta, receberam ordem para se recolherem a uma casa de correcção ecclesiastica.

Opprimido de tantos cuidados como rei, e como chefe da

christandade, Pio IX achava ainda no seu ardente zelo tempo para elle proprio conferir as funcções de bispo de Roma. Seis mezes depois da sua elevação ao pontificado, nos principios de 1847, conversando com um prégador celebre, o padre Ventura, lamentava o mau costume que teem os artistas de praguejar, blasphemando o nome do Senhor, e da inobservancia da lei do jejum:

—Porque não fulminaes vós do alto do pulpito estes deploraveis costumes?—dizia elle.

—Santissimo padre—respondia o orador sagrado—já por vezes o tenho feito sem resultado.

—N'esse caso deveria eu tental-o—replicou Pio IX;—mas ha tanto tempo que os Papas não apparecem no pulpito, e eu sou tão pouco eloquente, que receio não offerecer ao povo mais que um espectaculo com que pouco aproveitaria.

—Vossa Santidade engana-se. O amor do povo pelo seu Pontifice, é um penhor seguro da attenção que prestaria ás vossas palavras.

—Pois bem! essa reflexão decide-me. Vós deveis prégar a 12 de janeiro, em Santo André del Valle; cedei-me o vosso lugar, mas guardae segredo.

No dia indicado, ás tres horas e meia, o auditorio que esperava o padre Ventura viu o soberano Pontifice dirigir-se para o estrado que serve de pulpito nas Igrejas italianas. A commoção foi viva e geral; talvez que depois de S. Gregorio VII ainda se não tivesse visto caso egual. Em breves instantes, a Igreja caiu n'um grande silencio, e não se ouviu mais do que a voz do Pastor dos pastores.

Como elle proprio confessava, Pio IX não era o que se chama um orador; mas tinha o dom da exposição facil, a phrase clara e concisa, apropriada nas locuções, e estes predicados juntos a uma voz forte e sonora supriam a falta dos rasgos oratorios. Sobrelevava ainda todas estas qualidades um ar de bondade paternal, firmeza persuasiva, e sinceridade tão penetrante, que ainda aquelles a quem por causa de surdez ou por se acharem longe o não entendiam, sentiam-se tão commovidos como o restante auditorio. Em França assim orava o cura de Ars: é d'este modo que fallam os santos.

As provas de respeitoso affecto que Pio IX recebera dos romanos por occasião do anno novo, forneceram-lhe o exordio. Começou por acceital-as como homenagem a Deus, unico author de todo o bem. Em seguida fallou sobre o objecto de seu discurso: a blasphemia e a lei do jejum; e terminava abençoando a cidade, depois de ter invocado sobre ella todas as prosperidades que lhe desejava:

«Senhor!— exclamou—visitae esta vinha que tendes plantado. «Visitae-a, e n'esta visita afastae esta mão de ferro que pesa «sobre ella... Vertei no seio das gerações, que se estão creando, os dois mais formosos attributos da mocidade: a modestia «e a humildade. Extingui esses odios funestos que dividem os «cidadãos, e os armam uns contra os outros... Visitae-a, Se«nhor, e visitando-a, despertae as sentinellas de Israel! Adver«ti-as, e seja eu o primeiro a dar os bons exemplos, para que «se armem de uma força providencial para velar pelos interes«ses do povo, confiados á sua guarda!»

O effeito d'esta predica foi maravilhoso, não só no auditorio de Santo André, como em toda a cidade.

Todos os dias se descobriam acções caritativas do novo Papa, que o tornavam cada vez mais querido dos romanos. Sem avisos, viam-no chegar ás parochias onde se faziam as primeiras communhões, e distribuir elle proprio o pão dos anjos. As creanças, os mendigos e os enfermos attrahiam-no de preferencia, e em breve não houve estabelecimento de caridade a que não levasse conforto com sua presença e palavras apostolicas. No hospicio da Trindade do Monte, encontrando um pobre padre chegado doente da diocese de Munster, dos confins da Prussia, ajoelhou diante d'elle, e lavou-lhe os pés. Este, quando tal viu, quiz, como S. Pedro, retrahir-se; mas, como succedera com S. Pedro, foi-lhe preciso ceder á caritativa exigencia do mestre. Outra vez, no hospital do Espirito Santo, notou Pio IX que uma mulher de edade, paralytica, que devia á sua protecção o ter sido admittida, fazia todos os esforços para se levantar e ir agradecer-lhe. Caminhou logo para o seu lado, abençoou-a, e disse-lhe dando-lhe a mão a beijar:

—Não se incommode, minha boa mãe.

A enferma agarrou-se com transporte a essa mão, emquanto o Papa a abençoava com a outra. Seria effeito da alegria ou da benção? O que é certo é que ella se levantou, e começou a andar como se nunca tivesse estado paralytica.

Um habitante de Monti, bairro visinho do Quirinal, como perdesse um cavallo em que costumava ir vender provisões ao mercado, e não tivesse meios para a compra de outro, pensou lá comsigo: Como dizem que o novo Papa é tão bondoso, por que não irei eu pedir-lhe um dos cavallos de réfugo da sua cavallariça?

Dito e feito. Encaminha-se para o Quirinal, e encontrando ao pé da escada um secretario do soberano Pontifice, expõe-lhe qual o motivo da sua visita. O secretario encarrega-se de apresentar o seu pedido, e elle fica esperando a resposta. Ao cabo de alguns instantes volta o secretario com a almejada decisão. Satisfeitissimo Pio IX com a confiança que n'elle depositavam, não só dava o cavallo, mas accrescentava duas peças em oiro, porque, dizia elle: «este homem não deve ser rico: se o fosse, viria procurar um cavallo no Quirinal?»

Uma manhã passeava Pio IX sosinho em uma das salas do Vaticano. N'isto avistou um mancebo em contemplação, ou antes n'um extasis diante de um admiravel fresco do divino Raphael. O Papa quedou-se para o não interromper; e quando o mancebo voltou o rosto deu de frente com um ancião em vestes brancas que o olhava sosinho, e com um sorriso intelligente e meigo. E' que Pio IX adivinhava uma alma de artista.

—É pintor, meu filho?

—Sim, Santo Padre.

—Veio para Roma estudar?

—Sim, Santo Padre.

—Estuda na Academia de pintura?

—Ai! não, não senhor.

—Então não tem mestre?

—Não, Santo Padre; sou muito pobre; estudo sosinho, e o meu mestre é Raphael.

—Pois bem, meu filho, entrará para a Academia, quer? Eu pagarei o que for necessario...

—Oh! Santissimo Padre...

—Não me agradeça.

—Vossa Santidade ignora... que...

—Falle—interrompeu Pio IX com bondade.

—E' que eu... sou protestante.

—Ah!—respondeu sorrindo Pio IX—A Academia não tem nada com isso!...

Desde este dia, Georges Johnston teve uma pensão para entrar na Academia, dada pelo bolsinho particular do Soberano Pontifice.

Uma tarde ia Pio IX a subir á carruagem, e viu encostado á porta um rapazinho a soluçar. Os guardas para não incommodarem o Pontifice com este espectaculo iam expulsal-o, a tempo que já Pio IX o chamava, perguntando-lhe a causa da sua dôr.

—Choro—respondeu a creança—porque levaram agora meu pae para a cadeia por uma divida de doze escudos.

O Santo Padre voltou-se para o seu sequito e perguntou se algum dos presentes tinha esta quantia, e como ninguem estivesse no caso de a emprestar, subiu elle aos seus aposentos, trouxe o dinheiro, e mandou a creança resgatar o pae.

Outra creança mais ousada, escreveu directamente ao Papa:

«Santo Padre, minha mãe é viuva, doente, e está na mais ter-
«rivel miseria. Eu sou sósinho para a tratar e sustentar; e se
«vossa Santidade nos não soccorre, não posso comprar-lhe os
«medicamentos de que necessita. São-nos de absoluta necessi-
«dade trinta e tres paoli (cerca de 3$000 réis) por tanto ouso di-
«zer-vos que irei ámanhã procural-os ao Quirinal.»

Pio IX leu esta missiva, e ordenou que o pequeno solicitador lhe fosse apresentado logo que chegasse. E depois de o ter interrogado, entregou-lhe uma peça em oiro.

—Aqui estão tres paoli a mais, e não tenho troco para vos dar—disse o rapazinho.

O Santo Padre respondeu-lhe que guardasse o resto e mandou-o embora. No entanto quiz que o seguissem para saber se o teriam enganado. As informações confirmaram porém quanto este referira. Então Pio IX fez voltar a creança á sua presença, e disse-lhe:

—És um corajoso rapaz; e em recompensa da sinceridade com que me fallaste e da tua piedade filial, annuncio-te que me encarrego da tua educação e do teu futuro.

—Ai!—respondeu o mocinho—isso é impossivel. Minha mãe não tem senão a mim; não posso deixal-a.

—Pois muito bem—acudiu o Pontifice—encarrego-me não só de ti mas tambem de tua mãe.

N'uma occasião atravessava Pio IX os bairros de Ghetto, quando avistou um desgraçado ancião estendido na rua, quasi moribundo. O Papa desce da carruagem e approxima-se.

—É um judeu—bradava o povo.—E ninguem se aproximava.

—Que dizeis?—exclamou o Pontifice dirigindo-se aos assistentes.—Não é um dos nossos semelhantes que está soffrendo? É preciso soccorrel-o.

E elle proprio, ajudado pelos prelados que o acompanhavam, levantou-o, e fazendo-o collocar na sua carruagem, o conduziu á sua morada, não o deixando senão quando o viu voltar a si.

Uma joven romana vendeu a cruz de oiro que trazia ao pescoço para dar um pouco de pão a sua mãe. E como conhecia a necessidade de a tranquillisar quanto ao futuro para que a pobre mulher podesse saboreal-o, disse ao entregar-lh'o: «Aqui temos sustento para alguns dias, e podemos esperar que d'aqui em diante o teremos abundante. O Santo Padre deu ordem para nos favorecer. Não sentirá mais a fóme, minha mãe. Console-se, Deus não nos abandonará; o Santo Padre vela por nós.»

E com effeito velava. Algumas horas depois soube elle o succedido. Como? Ignoro-o... mas o que sei, é que elle tinha a sua policia caritativa. N'essa mesma tarde a boa rapariga abria tremendo uma carta vinda do Quirinal, e dentro d'ella achou a sua cruz de oiro de que com tanto custo se desfizera, e mais cinco peças. A carta não continha mais do que estas palavras:

«Minha querida filha: Bem fizeste em contar com a Provi-«dencia. Deus nunca abandona a piedade filial. Tendes pois ra-

«zão em esperar auxilio do seu vigario; elle velará por vós, e «por vossa mãe: não morrereis á necessidade.»

No consistorio secreto de 11 de junho de 1847, exprimia Pio IX «sua affeição e consideração pelos bispos da illustre nação franceza, nas pessoas de seus collegas», Mons. Girand, arcebispo de Cambray, e Mons. Du Pont, arcebispo de Bourges, elevando-os ao cardinalato.

—Não temos—dizia elle—outro mais ardente desejo, que o de ligar por laços cada vez mais estreitamente unidos, a nós e á nossa Séde apostolica os bispos de França, afim de que elles preseverem em defendel-a, com a mesma intrepidez, sabedoria e paciencia, com que tem defendido a doutrina, e os direitos e liberdade da Egreja Catholica.»

Palavras consoladoras, que é prazer recordar depois de tantos annos, porque por este lado, pelo menos, o futuro não reservou a Pio IX nenhuma decepção. Este testemunho de sua plenissima confiança não obstou a que no Consistorio seguinte (17 de dezembro) protestasse contra o erro de um bispo francez que achára favoravel as idéas galicanas:

«Longe de nós—exclamava elle—o pensamento de desprezar as tradições particulares das diversas igrejas; todavia, não podem ser tradições reaes e authenticas aquellas que se afastam do sentir geral da Igreja universal. E acima de tudo, nós defenderemos e reverenciaremos sempre as doutrinas que estão de accordo com a santa Igreja romana, e da qual dizia Santo Ireneu: «Em razão de sua primazia, é a ella que devem ligar-se os fieis dissiminados por todo o mundo, porque é n'ella que elles encontram as tradições que vem dos apostolos.»

Por esse tempo tornou Pio IX do dominio publico um breve dirigido ao padre Perrone, da Companhia de Jesus. N'este breve felicitava o sabio theologo a respeito de uma *Dissertação theologica sobre a Immaculada Conceição da Bemaventurada Virgem Maria,* escripta em latim e dedicada a Pio IX.

Este Papa que julgavam todo entregue á politica, e segundo alguns scepticos ao cuidado de sua popularidade, preparava d'este modo, e no intimo de sua alma, os dois grandes actos theologicos que immortalisaram um pontificado: a definição do

dogma da Immaculada Conceição, e o da infallibilidade doutrinal dos Pontifices romanos.

O cardeal Gizzi, secretario de Estado, partilhava com seu soberano da gloria que em toda a parte se ligava ao novo governo. Mas, como o excesso do trabalho era de mais para a sua fraca saude, não pôde acudir a todas as necessidades da situação. Teve pois de retirar-se, e para o substituir foi chamado a Roma o cardeal Ferretti, sobrinho de Pio IX.

A 26 de julho de 1847, chegou o cardeal Ferretti e tomou logo a direcção de todos os negocios. Seu ministerio foi assignalado com novas e importantes reformas, preparadas e annunciadas já em parte por Gizzi. Não fallamos da creação da guarda civica, da organisação da municipalidade, e da inauguração de uma consulta de Estado : tres instituições inquestionavelmente liberaes, mas de um liberalismo singularmente desfigurado pela demagogia. Hoje já se não lembra a medida exacta das concessões feitas por Pio IX. Não as conhecem senão pelas manifestações tumultuosas, os motins no Corso, as correrias em frente do Quirinal, e finalmente pela effervescencia com que os inimigos da sociedade encheram Roma e o mundo inteiro n'esta occasião. Devemos portanto examinal-as minuciosamente.

De todos os governos do universo, o dos soberanos Pontifices sendo como é o mais suave e paternal, é tambem mui naturalmente o menos aguerrido. Os outros soberanos podem sonhar conquistas, mas os Papas, chefes espirituaes dos imperios limitrophes e chefes temporaes de tres milhões de homens apenas, não podem pensar senão em defender-se e em sustentar-se pacificamente em seus estados. D'aqui vem pagarem seus subditos uma moderada contribuição tanto de numerario como de soldados.

O Estado pontifical foi o ultimo na Europa onde o serviço militar ficou livre e voluntario, e foi preciso que os piemontezes o tornassem obrigatorio, emquanto que nos outros reinos, graças ao que está convencionado chamar-se progresso, o povo passava do serviço militar livre ao recrutamento, e d'este ao alistamento geral de toda a população masculina, os romanos,

ricos ou pobres, não eram soldados senão emquanto queriam, no reinado de Pio IX.

Este exercito, assim ordenado, ainda mesmo que fosse reforçado por duas ou tres companhias de voluntarios suissos, era insignificante contra a audacia crescente do espirito revolucionario. Dezenove dias depois da sua elevação ao pontificado, tinha Gregorio XVI appellado para a fidelidade dos habitantes de Transtavere, e creado uma guarda civica. Pio IX, a quem chamam temerario, apressou-se menos do que elle. É que este conhecia o povo, sobre tudo o povo romano, e hesitava em metter nas mãos de todos os cidadãos armas de que só os maus se serviriam. Emfim cedeu, quando o exemplo de outros principes italianos quasi o forçou a seguil-os. Todavia, a covardia da guarda civica, quando assassinaram o conde Rossi, justificou a repugnancia com que Pio IX a acceitou.

Verdade é que a guarda civica, assim como a municipalidade de Roma, não foi uma inovação de Pio IX, mas apenas uma simples restauração do antigo regimen municipal dos Estados pontificios. Pelos termos do decreto que a instituiu (*Motu proprio* de 1 de outubro de 1847), vê-se que o conselho se compunha de cem membros domiciliados em Roma, ou em *Agro romano*, de vinte e cinco annos de edade, e ordenava-se que pelo menos as duas terças partes fossem proprietarios. Da primeira vez foram estes nomeados pelo governo, em seguida o mesmo conselho fazia de dois em dois annos nova eleição de uma terça parte, de maneira que no fim de seis annos era composto todo de novo. Reunia-se este conselho uma vez por anno e em epochas determinadas. A magistratura de Roma ou Senado compunha-se de um senador e oito conservadores, todos eleitos pelo conselho municipal, excepto o senador presidente que ficava á escolha do soberano. Estes cargos eram gratuitos. As attribuições da magistratura eram: a administração dos bens e propriedades da cidade; os direitos de barreiras e outros rendimentos municipaes; o abastecimento de comestiveis; a limpeza de ruas, fontes, jardins e monumentos de todo o genero; medidas de segurança contra incendios e inundações; medidas de salubridade para bem publico; vellar nas festas e theatros; estabelecimentos

de caridade; escolas primarias; policia rural; e finalmente os registos do governo civil, sem que estes todavia annullassem, como é costume em outras partes, a auctoridade civil e judiciaria dos registos analogos feitos pelo clero.

A sabedoria de Pio IX não se tornou menos saliente na creação da consulta ou conselho de Estado, obra de *Motu proprio* em 14 de outubro de 1847, a qual não devemos confundir com o *Statuto fundamental* de 14 de março de 1848, de que mais tarde havemos de tratar.

A representação regular e permanente dos interesses provinciaes nos conselhos dos soberanos, era uma novidade recentissima em França, mas não nos Estados pontificios. Pelo contrario, durante a edade media já esta medida fazia a gloria dos papas e a felicidade de seus vassallos; e foi depois a revolução franceza, tão democratica no nome mas tão despotica de facto, que derribou esse *self-governement* provincial, substituindo-o pelo principio da centralisação. Tratava-se pois simplesmente de voltar ao antigo regimen, isto é, á liberdade; e Pio IX annunciou as suas intenções por uma circular do cardeal Gizzi.

A consulta de Estado, tal como a organisou Pio IX, compunha-se de um cardeal presidente, de um prelado vice-presidente, e de vinte e quatro consultadores; quatro pelá capital e comarca, dois pela provincia de Bolonha e um por cada outra provincia. Os consultadores eram escolhidos pelo soberano nas listas enviadas pelos conselhos provinciaes, nas quaes vinham nomeados tres candidatos. Para formar estas listas, os conselhos provinciaes escolhiam tambem entre outras listas de tres pretendentes favorecidos pelos conselhos municipaes; tendo por tanto os conselhos municipaes o sufragió universal, apurando o escrutinio e excluindo os que andavam a contas com a justiça, os viciosos, e em geral todos aquelles que viviam notoriamente fóra das leis sociaes.

A consulta de Estado dividia-se em quatro sessões: legislação, finanças, administração interior, e administração militar. Todavia, Pio x não concedia a estas deliberações senão uma auctoridade consultiva, ouvindo nas questões graves não somente a opinião do conselho de ministros, mas tambem o collegio

de cardeaes, antes de tomar uma decisão suprema. Como se vê, d'este prudente conjuncto de garantias, vae grande distancia á abdicação mais ou menos disfarçada do poder temporal, tal como os revolucionarios fingiram acreditar, e certos catholicos azoados com os applausos da revolução receiaram.

«Agradeço vossas boas intenções—disse Pio IX aos vinte e quatro deputados, no dia da inauguração da consulta.—Desde o primeiro momento da minha elevação ao throno pontifical não pensei senão no bem publico, e d'aqui para o futuro, com a protecção de Deus, estou prompto a fazer quanto couber em minhas forças, sem todavia rebaixar a soberania do pontificado. Do mesmo modo que a recebi, plena e grande de meus predecessores, da mesma maneira devo transmittir esse deposito sagrado a meus successores. Não hei-de diminuil-a nem o tamanho da ponta de uma agulha, *neppuse d'un apice*... Foi com o intuito de melhor conhecer as necessidades de meu povo, é de poder acudir ás exigencias das coisas publicas, que vos reuni n'uma consulta permanente, para poder ouvir vossas opiniões, e me ajudeis com vossos conselhos nas deliberações em que primeiro consultarei a minha consciencia e depois a de meus ministros; e o sagrado collegio... Enganar-se-hiam, porém, os que imaginassem que na consulta de Estado que acabo de crear, estava a realisação de suas proprias utopias, e que era este o germen de uma instituição incompativel com a soberania pontifical.»

Estas palavras juntas aos actos que as acompanhavam, eram prova evidente de que o Papa, que no começo de seu reinado fôra coberto dos hyperbolicos louvores dos revolucionarios, era o mesmo homem que mais tarde a revolução devia perseguir com todo o seu odio e encarniçamento. A revolução mudou por tanto respeito a Pio IX, este é que não fez mudança alguma, e a posteridade fará inteira justiça a esta formosa existencia sempre egual nas diversas transições da fortuna.

No entanto, a revolução ainda não tinha desafivellado a mascara, e o seu calculado enthusiasmo, junto ao culto sincero dos verdadeiros crentes, davam a Pio IX as mais esplendidas ovações.

Todos os dias era o povo convidado a marchas triumphaes, com o fim apparente de agradecer a Pio IX os beneficios que a cada momento se proclamavam. Incorporava-se o reconhecimento para que não fosse senhor de si proprio. Abriam a marcha as bandeiras dos differentes bairros, cantava-se em côro o hymno de Pio IX e na passagem do cortejo adamascavam-se as janellas, e os lenços saudavam. Algumas vezes, quando essas marchas se faziam de noite, as ruas eram illuminadas e o povo acompanhava com tochas. Chegados ao Quirinal, pediam a benção do Papa, que apparecia immediatamente na varanda; e se era de noite, a praça era subitamente illuminada por fogos de bengalla, e a multidão ajoelhada recebia a benção do Pontifice.

O retrato de Pio IX, como outr'ora o de Napoleão I em França, apparecia em todas as choupanas, lojas, cafés e tabernas de Italia, e ainda não ha muito tempo que foi substituido n'estas ultimas pelo retrato de Garibaldi. Onde elle se conservou e conservará sempre, é nas choupanas. Os italianos costumam sempre escolher padrinhos illustres para seus filhos. Este costume tornou-se em mania depois que em outubro de 1847, Victor Manuel, o mesmo que mais tarde devia ser o causador de grandes dissabores para o Papa, lhe pediu para ser padrinho de sua filha, Maria Pia, hoje rainha de Portugal. Era então Victor Manuel principe do Piemonte, e estava ainda debaixo da tutella do pae, Carlos Alberto, espirito um tanto aventuroso mas honesto, e das inspirações de sua mulher, Maria Adelaide Francisca de Austria, que era uma santa. O exemplo de Victor Manuel achou numerosos imitadores, e alguns d'estes contra vontade do Pontifice. Na Italia, basta abrir os registos baptismaes dos annos de 1847 e 1848 para ver milhares de creanças com os nomes de Pio ou Pia. [1]

[1] Esta moda acabou. Napoleão III que tambem escolhera para padrinho do filho a Pio IX, tornou-se depois o protector declarado da revolução italiana, e d'ahi veio apparecerem na Peninsula grande numero de Napoleões, em companhia de bastantes *Giuseppes* (José) o que visava intencionalmente, não com o esposo da Virgem Maria, mas com Garibaldi e Mazzini, que ambos tinham o mesmo nome. Mais tarde, depois de Sedan, estabelleceu-se outra levada. Os calculos baptismaes voltaram-se para o Norte. Pediu-se á Igreja para acceitar como padrinhos, isto é, como garantia da educação christã dos recem-nascidos, os mais crueis perseguidores da Igreja. Era uma ironia muito proxima ao sacrilegio, e o ar-

E não eram só os catholicos, mas tambem os scismaticos, os hereges e os infieis que celebravam o nome de Pio IX. O sultão enviou uma embaixada ao novo Salomão. Os judeus, livres do regulamento excepcional que fechava as portas do Ghetto todas as tardes depois do toque das Ave-Marias, e do tributo especial mais humilhante que oneroso, que os constrangia a apresentarem-se em grande pompa todos os annos no primeiro dia de carnaval, bemdiziam seu nome, e offereceram-lhe um calix antigo. Uns saudavam-no como a um propheta, outros não hesitavam em dar-lhe o nome de Messias. Os judeus adoravam-no, e Roma inteira se levantava acompanhando-os e levando palmas nas mãos. E na sua passagem, como outr'ora seus avós na entrada de Jesus em Jerusalem, bradavam: *Gloria ao filho de David! Abençoado seja o rei benigno, que vem em nome do Senhor! Hosanna nas alturas!*

Um dia espalhou-se que Pio IX estava doente. A esta nova os romanos sobresaltados querem todos assegurar-se por seus proprios olhos do estado de sua saude. Como porém esta visita devia ser muito ruidosa para um enfermo, resolveu-se mandar uma deputação. Em consequencia d'esta decisão, apresentaram-se no Quirinal quatro transtaverinos pedindo para ver o santo padre. Mas como não era dia de audiencia publica, e recusassem deixal-os entrar, tomaram isto como prova da gravidade da doença. Por fim consultou-se Sua Santidade, e este mandou que lhe franqueassem as portas.

—Então, meus filhos, que desejaes?

—Nada, Santo Padre, queremos só ver-vos. Correu no Transtevere que estaveis enfermo e viemos para saber a verdade.

O Papa agradeceu-lhes, tranquillisou-os, provou-lhes que passava bem, porque estava trabalhando, e despediu-os com bondade.

—Santo Padre—disseram elles quando se retiravam—Vossa

cebispo de Florença viu-se obrigado a publicar uma circular informando as suas ovelhas de que o principe de Bismarck era heretico, e como tal não podia ser padrinho de creanças catholicas.

Aqui temos uma prova da mobilidade dos povos, sobre tudo dos italianos. Todavia, se alguem no começo do reinado de Pio IX prophetisasse o que devia succeder, seria corrido á pedrada.

Em 1847, póde-se dizer que a idolatria por Pio IX tocava as raias do burlesco, tanto que muitas pessoas exigiam ovos em todos os repastos, pela razão de ter o ovo as duas cores pontificias: branco e amarello.

Santidade bem vê, que se algum dia precisar de nós, estamos aqui!

Um camponez, irmão de leite de Pio IX, foi ao Quirinal ver o Pontifice; este, depois de lhe ter pedido affectuosamente noticias da mãe do camponez e de toda a aldeia, e desconfiando que elle o procurasse por necessidade, fez-lhe varias perguntas sobre o motivo de sua visita.

—Santo Padre—respondeu o aldeão—não me falta nada; vim, em primeiro logar, pelo prazer de vos ver; e em segundo para vos guardar. Nós, a gente rustica, receamos de tudo e de todos pelo nosso Papa, mas a minha presença aqui socegará muita gente, porque eu, pelo menos, não posso trair-vos.

Pio IX respondeu-lhe sorrindo que já tinha muitas guardas, mas apezar d'isso empregou o camponez no palacio. Ao cabo porém de alguns dias, o homem descontente dizia:

—Que me importa o bom ordenado e o trajar agaloado? O que eu quero é um lugar onde me seja facil ver o Papa todos os dias.

Mudaram-no de lugar e puzeram-no a cavar nos jardins.

Coragem Santo Padre, exclamava do alto da tribuna franceza mr. Thiers, então chefe da opposição. E mr. Guizot, chefe do ministerio, fazia inserir no discurso da corôa e nas felicitações á corôa, paragraphos em louvor de Pio IX—paragraphos que as duas camaras votaram por unanimidade. Sómente, nem mr. Guizot, nem mr. Thiers comprehendiam Pio IX; todavia, de accordo com a revolução, e elles mesmos revolucionarios no intimo da alma, fingiam ver no Papa um Pontifice isolado sobre a cadeira apostolica, um Pontifice separado de seus predecessores, e provavelmente condemnado a não ter successor. Na Austria, mr. de Metternich; em Inglaterra, lord John Russel; e finalmente todos os governos da Europa e da America acumulavam Pio IX de respeitos publicos e felicitações diplomaticas; e, cousa rara, achavam n'este ponto as opposições doceis, quando não rivalisavam com elles para augmentar o esplendor de semelhantes manifestações.

Mas donde procedia então esta unanimidade, e como se dava que amigos e inimigos do passado se ligassem d'este modo dara exaltar um Papa? E' o que importa esclarecer.

CAPITULO V

Preludios do crucifige

Em 1815 escrevia José de Maistre: «A revolução franceza é satanica, e a contra revolução é inutil, se não fôr divina.» E na verdade, a divisa da revolução é a derradeira palavra de Satanaz *Non serviam!* Para quem a seguisse até ao fim, sem parar a meio caminho, nos compromissos que a mesma logica reprova, conheceria que a revolução tinha absoluta negação do direito de mandar e do dever de obedecer. Nada mais de governo que fallasse em nome das eternas leis da justiça: a lei suprema era a vontade individual do homem: nada mais de Deus, pelo menos não se quer saber do Deus syndicador dos actos da humanidade: cada individuo é o seu proprio Deus.

Pio IX foi o pontifice providencial, o escolhido para oppôr a esse delirio do espirito moderno as immutaveis affirmativas do christianismo. Era elle que devia desmascarar o monstro, arrastando-o á plena luz, e fazendo ver aos povos assombrados o *signal da besta* que tinha na fronte. Ora, tornar conhecida a *besta* era vencel-a; mas não decerto, sem que a lucta findasse. Debaixo da sua mascara liberal, Satanaz chegou quasi a fasci-

nar a humanidade, e a Igreja vê-se na necessidade de reconquistar o mundo como nos seculos pagãos.

É verosimil, que antes de receber o golpe mortal, a revolução esperasse seduzir a mão que devia vibrar-lhe o golpe, e ganhar para suas doutrinas até o futuro signatario do *Syllabus?* Pelo menos, não nutriria o designio de o encadear com flores, embriagando-o com o incenso popular, e talvez mesmo encaminhal-o na vereda do liberalismo mais longe do que elle quereria? Sente-se a tentação de acreditar n'este calculo, quando se relê a carta de Mazzini a Pio IX. Involuntariamente faz-nos lembrar do principe das trevas quando transportando ao cume do templo, Aquelle que ia começar a sua carreira publica, e é a propria verdade, lhe disse: «Contemplae todos os reinos do mundo e a gloria que os acompanha, pois eu vos darei todos esses bens se, prostrado diante de mim, me adorardes.»

Em 8 de setembro escrevia Mazzini: «Santissimo Padre, eu estudo vossos passos com uma esperança immensa... Não receieis, confiae em nós.... nós fundaremos para vós um governo unico na Europa; nós conseguiremos transformar n'uma alavanca poderosa o instincto que abala de um cabo a outro a terra italiana; nós e vós ganharemos activos auxiliares no meio de todos os povos do Universo; nós vos encontraremos amigos até nas fileiras dos austriacos; e só nós, porque só nós possuimos a unidade do fim a que nos propomos e acreditamos na verdade de nossos principios. Escrevo-vos, porque vos creio digno de ser o iniciador d'esta vasta empreza. Se estivesse a vosso lado, pediria a Deus que me désse o poder de vos convencer com o gesto, a voz, e as lagrimas...»

Sinceras ou fingidas, as esperanças do grande agitador eram uma perfeita illusão no que dizia respeito a Pio IX; mas a elle pouco lhe importava isso, comtanto que as fizesse partilhar á populaça. O seu fim era fingir que alistava a Igreja nas fileiras da demagogia. Este é o segredo dos seus dithyrambos, e dos de seus amigos a Pio IX. Um d'elles, a proposito de Gioberti, desvendou esta sabia perfidia:

«A indifferença politica do povo era o escolho contra o qual tinha até então luctado a revolução italiana. Havia duas Italias:

a Italia dos litteratos, dos advogados, dos medicos, dos artistas e dos estudantes; e a Italia dos camponezes, dos trabalhadores, dos padres e dos monges. Da primeira, sahiam os conspiradores liberaes; a segunda, via passar as revoluções, apparecer e desapparecer a bandeira tricolor, sem que isso lhe désse o menor cuidado... de maneira, que para entrar no liberalismo, era preciso ter bastante força para affrontar as censuras ecclesiasticas. Ora o povo confessava-se... Não havia portanto senão dois meios de fazer penetrar as ideas novas na consciencia popular: ou subtrail-a á influencia do clero, mudando a fórma religiosa ao mesmo tempo que a politica, ou levar o clero a collocar-se á frente do movimento liberal. Os *carvonarios* tentaram o primeiro; Gioberti o segundo. Dissimulado aventureiro da liberdade, poz-se em marcha para arvorar a bandeira tricolor no zimborio de S. Pedro. [1]

Escutemos porém o proprio Mazzini, esse conspirador emerito na arte das conspirações, e que viveu d'essa profissão como outros vivem da pintura ou da medicina: Mazzini, era verdadeiro fautor da unidade italiana, o cabeça da revolução, em que Garibaldi não foi senão o braço, Napoleão III o logrado, e Victor Manuel o protegido.

«Aproveitae—escrevia elle aos agentes das sociedades secretas—aproveitae a menor concessão para reunir as turbas ainda que não seja senão para manifestar o reconhecimento. As festas, os cantares, os ajuntamentos, ás numerosas ligações estabelecidas entre homens de differentes opiniões, bastam para fazer brotar as ideas, e dando ao povo a consciencia de sua força tornal-o exigente.

«O concurso dos grandes é indispensavel n'um paiz feudal. Se não tendes senão o povo, a desconfiança nascerá ao primeiro golpe: esmagar-vos-hão. Mas se o povo fôr levado pelos grandes, estes servir-lhe-hão de passaporte. A Italia é ainda o que era a França antes da revolução: são-lhe precisos os seus Mirabeau e os seus Lafayette. Um grande senhor não pode ser levado por seus interesses materiaes, mas apanha-se pela vai-

[1] J. Montanelli, *O partido nacional italiano.*

dade: dae-lhe o primeiro lugar em quanto quizer, e marchará comvosco. Ha pouco quem queira chegar ás do cabo; *o essencial, porém, é que não saibam quando terminará a grande revolução. Nunca nos descubramos mais que um passo.*

«Na Italia, o clero é rico de dinheiro e rico com a fé do povo. E' necessario respeitar estes dois interesses, e utilisar a sua influencia quanto fôr possivel. Se em cada capital podesseis crear um Savonarola, era um passo de gigantes! O clero não é inimigo das instituições liberaes; procurae portanto associal-o a esse primeiro trabalho que se deve considerar como o perstilio obrigatorio do edificio da egualdade.... Promettei-lhe a liberdade, e elle seguir-vos-ha.

«O povo está ainda a desabrochar na Italia; mas está prompto a rasgar o envoltorio que o prende. Fallai muito, muitas vezes, e por toda a parte, de suas miserias e necessidades. O povo não as entende, mas a parte activa da sociedade penetra-se de compaixão por elle, e cedo ou tarde esse germen hade fructificar. As discussões illustradas nem são necessarias, nem opportunas. Ha palavras regeneradoras que contém tudo quanto é preciso dizer; e que não deveis cançar-vos de repetir ao povo: *liberdade, direitos do homem, progresso, igualdade e fraternidade*, eis aqui o que o povo comprehenderá, sobre tudo se a estas se oppozerem as de *despotismo, privilegios, tyrannia, escravidão, fanatismo, reação*, etc., etc. O difficil não é conhecer o povo, é unil-o. No dia em que elle estiver bem ligado, será esse o dia de uma nova era.

«... Um rei decreta uma lei mais liberal: applaudi, pedindo logo a que deve seguir-se. Um ministro mostra intenções e idéas progressivas: apontae-o como modêlo. Um grande finge despresar seus privilegios: collocae-vos debaixo de sua direcção. Se elle quer retroceder, estaes sempre a tempo de o deixar; elle ficará só, e sem força contra vós, e tereis mil meios á vossa disposição para tornar impopulares aquelles que se revoltarem contra vossos projectos. Todos os descontentamentos pessoaes, todas as decepções, todas as ambições esmagadas, podem servir á causa do progresso, com tanto que se lhe dê uma boa direcção.

«O exercito é o maior obstaculo ao progresso do socialismo: submisso e subjugado pela organisação, disciplina e dependencia, o exercito é uma poderosa alavanca do despotismo. *É preciso paralisal-o, pela educação moral do povo.* Quando se conseguir fazer comprehender geralmente a idéa de que o exercito, creado para defender os interesses do paiz, não deve em caso algum intrometter-se na politica interior, e que pelo contrario deve respeitar o povo, n'esse caso poder-se-ha marchar sem elle, e mesmo contra elle sem perigo... O clero não tem senão metade da doutrina social; e, assim como nós, deseja a fraternidade, a que dá o nome de caridade, mas sua gerarchia e seus habitos torna-o partidario da authoridade, isto é do despotismo. Deve-se portanto aproveitar o que ali ha de bom e lançar fóra o máu. Tratae de fazer entrar na Egreja a igualdade, e tudo caminhará bem. O poder clerical está personificado nos jesuitas. *O odioso que acompanha este nome é já de per si um poderoso esteio para os socialistas: aproveitae-o.*

... Quando um grande numero de associados, recebendo a palavra da ordem para divulgar uma idéa, e *formar a opinião publica*, poderem combinar-se para um motim, acharão o velho edificio minado por todos os lados e caindo como por milagre ao menor sopro. Elles mesmos se admirarão de vêr fugir diante do poder da opinião publica, os reis, os grandes potentados, os abastados e os padres, os quaes todos formavam os alicerces do velho edificio social. Por tanto, coragem e perseverança!»

Não se acha pois, n'este conjuncto de maximas, uma theoria infernal, denotando no seu auctor o «genio da arte?»

Como este Mazini conhecia bem o coração do homem e a essencia da loucura humana! E quanto seria para desejar que a gente virtuosa meditasse n'estas maximas para as frustrar, tanto como os outros se compenetram d'ellas para as pôr em execução!

Todavia o motor das sociedades secretas tinha cumplices até no seio do governo. Um dos chefes mais poderosos entre elles, lord Palmerston, primeiro ministro da rainha de Inglaterra, nutriu contra o catholicismo um odio de sectario. Afóra isto, teve sempre por fito dirigindo a sua politica exterior esse prin-

cipio de egoismo que o fazia imaginar, que nunca as ilhas britannicas estão mais socegadas e prosperas, do que, quando o continente está agitado. Apressou-se por tanto Palmerston, em enviar á Italia um plenipotenciario que ninguem, salvo Mazzini, lhe pedia. Enviou-o pois com ostensiva missão de dar bons conselhos aos soberanos, mas com a ordem secreta de não poupar esforços para amotinar Napoles e Florença, e sobre tudo Roma.

A coberto com as immunidades diplomaticas, lord Minto tornou-se em breve o centro e reunião dos exaltados, a maior parte amnistiados da vespera, e todos conspiradores da manhã seguinte. Encontravam-se confundidos em seus salões aristocraticos, o droguista Galetti, que depois foi ministro; o marceneiro Materazzi, o taverneiro Tofanelli, ainda outro taverneiro chamado Angelo Brunetti, mais conhecido pelo appellido de Ciceruacchio, orador principal dos *circulos* ou clubs populares, homem ardente, vaidoso, e intemperante; o principe Carlos Bonaparte, cujo pae, Luciano Bonaparte, tinha recebido antigamente da bondade de Pio IX o palacio em que habitava e o titulo de principe de Canino; e finalmente o jornalista Sterbini, medico, poeta e conspirador, mas muito mais conhecido por este derradeiro titulo que por qualquer outro, coração ulcerado contra a sociedade, e que não perdoava a Pio IX a amnistia de que se tinha aproveitado. Mazzini era o unico que faltava a estes conciliabulos; mas assistia a elles com a sua correspondencia epistolar. Mazzini estava sentenciado á pena de morte, por revoluções á mão armada no Piemonte, e por tentativa de assassinio na pessoa do rei Carlos Alberto; e como o Piemonte e as sociedades secretas ainda não tinham fraternisado nem dado o osculo da paz, julgava elle que era prudente não se mostrar em parte alguma com o rosto descoberto.

Entretanto, o seu plano realisava-se pouco a pouco, e os ajuntamentos populares tocavam a meta da revolta. Tinham começado pelos gritos de: «Viva Pio IX!» depois, foram accrescentando regularmente os de: «Viva a Italia! Abaixo os jesuitas!» e outros semelhantes. Ao hymno de Pio IX succedeu de repente uma *Marselhesa italiana*:

Saroti, o Roma, la polvere indegna...

«Sacode, ó Roma o indigno pó, etc.,» que iam cantar debaixo das janellas do Quirinal. Pio IX consternado fingia não ouvir. Passava-se isto a 16 de junho de 1847, anniversario da coroação do Pontifice.

Por este tempo chegou a noticia da derrota de Souderbund, quero dizer dos catholicos pelos protestantes na Suissa. Esta nova afflictiva para o Papa e para os fieis romanos foi um triumpho para as sociedades secretas. No fundo, o espirito revolucionario, tanto aprecia o protestantismo como o catholicismo, por ser tanto um como o outro uma religião; mas a ter de escolher não hesita nunca na preferencia: o protestantismo é que lhe importa sustentar provisoriamente, segundo a palavra de Eugenio Sue, «como um passo para sair do catholicismo.» Os clubs romanos illuminaram as ruas com os archotes e passearam as bandeiras vociferando. Gritava-se: *Viva Pio IX! Viva a Suissa! Abaixo os jesuitas!* Alguns mal intencionados, aproveitaram-se do tumulto no bairro de Transtavere para apedrejar e quebrar as officinas, e despedaçar as fabricas do ganha pão do povo. O cardeal ministro Ferretti mandou tocar a reunir, e elle proprio á frente dos dragões e dos carabineiros, apresentou-se no Transtavere e abafou a revolta.

No primeiro de janeiro de 1848, tendo Pio IX saido a passeio, viu precipitar-se em volta d'elle uma multidão embriagada tentando desatrelar-lhe a carruagem para elles proprios a conduzirem, como muitas vezes fazia o povo enthusiasta; mas ás acclamações em seu louvor accrescentavam brados de morte contra os *retrogrados*, os *inimigos do Papa*, os inevitaveis *jesuitas*. Este selvagem espectaculo commoveu de tal sorte ao Pontifice que perdeu os sentidos dentro da carruagem. Então os clubs clamaram que o desmaio de Pio IX era causado pelo terror das conspirações reaccionarias, e Ciceruacchio, furioso tribuno, não se acobardou para lhe bradar pela portinhola: «Coragem, Santo Padre, o povo está comvosco! — É assim — dizia o bondoso Pontifice, voltando a si — é com gritos ameaçadores, que quereis provar-me o vosso affecto? Ai! eu bem conheço, que ao domingo de Ramos vae seguir-se a semana da Paixão!»

Entrementes, sobrevieram complicações estrangeiras favoraveis a Mazzini e a seus partidarios, as quaes augmentaram successivamente a commoção popular, dando-lhe uma côr do patriotismo. Pela tratado de 1815, a Santa Sé entrára na posse das legações de Bolonha, Ravenna e Ferrara, até ás margens do Pó, mas a Austria ficou com o direito de metter a guarnição nas praças de Ferrara e Cammachio.

A Santa Sé protestára contra esta imperiosa disposição, posto que fosse menos dirigida contra ella do que contra as eventualidades revolucionarias. Todavia, a Austria raras vezes se aproveitava da concessão, senão quando, subitamente receosa e não sem motivo, por certas tramoias agressivas ás quaes parecia que o Piemonte não era estranho, entendeu que era prudente tomar uma resolução opportuna prevalecendo-se do seu direito.

Mil croatas pertencentes á cavallaria hungara entraram ao toque do tambor e de mechas accesas na fortalesa de Ferrara, o que decerto era uma usurpação, na mesma cidade. A pequena guarnição pontifical retirou diante d'elles, abandonando-lhes a praça.

Os demagogos, e com elles a diplomacia de lord Palmerston, não quizeram vêr n'este procedimento senão uma provocação estupida. Achou-se portanto o Papa na necessidade de protestar abertamente ; e assim o fez, sendo dirigidas a Vienna pelo cardeal Ciacchi, legado apostolico em Ferrara, as mais energicas reclamações. A Austria acabou por ceder, mas não logo, e os mezes em que durou esta desastrada occupação militar da praça, bastaram para levantar uma effervescencia geral em toda a Italia. Rebentaram manifestações ao mesmo tempo, em Livourno, Florença e Turim. Os voluntarios inscreviam seu nome para marchar immediatamente contra o estrangeiro. O rei do Piemonte, Carlos Alberto, declarou officialmente que se chegassem a bater-se, a sua espada estava ao serviço dos patriotas; o governo pontifical com o fim de apoiar seus protestos com alguns preparativos de defesa, tratou de apressar e regularisar, tanto em Roma como nas provincias, a organisação da guarda nacional. Mazzini, regozijava-se na sombra, applaudindo-se por vêr o sacerdocio e o imperio a gladiar-se. A guarnição austria-

ca teve porém de retirar de Ferrara, e os agitadores não desperdiçaram o successo. Tentaram então forçar Pio IX a uma empresa a qual era nada menos que collocar-se elle proprio á frente de uma crusada contra a Austria.

Sabendo isto, e indignado só com este pensamento, o Pae commum de todos os fieis explicou a seu povo n'uma proclamação datada de 10 de fevereiro de 1848, «que não havia motivo justificado para a guerra, e que nenhum perigo nem mesmo indicio d'elle ameaçava a Italia, emquanto que um laço de estreita confiança e gratidão unisse a força dos povos com a sabedoria dos principes, e a força do direito.» Desvirtuaram porém estas palavras com uma interpretação falsa: «Ás armas! — bradavam os oradores dos clubs, — ás armas pela Italia! É o que diz o Santo Padre!»

Mas o Papa, anciando sanar rapidamente o equivoco, não se satisfez com os editaes, mudas testemunhas que não podiam protestar quando os partidos lhe invertiam o sentido; convocou, portanto, na manhã seguinte para o Quirinal os quatorze chefes dos batalhões da guarda civica, e tendo-os reunido, disse-lhes:

«Chamei-vos, senhores, para vos perguntar se posso contar comvosco.»

Responderam todos affirmativamente:

«Na vida e na morte.»

—E poderei tambem contar com a adhesão e fidelidade da guarda civica? volveu Pio IX.

Os chefes curvaram a cabeça e ficaram silenciosos. O Papa comprehendeu, e não insistiu. E depois de permanecer um instante como recolhido em si, depois de provavelmente ter offerecido a Deus o seu sacrificio, disse com voz firme, mas com os olhos marejados de lagrimas:

— Senhores, as circumstancias são tão graves, e as informações que me chegam de todos os lados tão pouco tranquillisadoras, que não vejo outra esperança, depois de Deus, senão em vós. A guarda que commandaes tem-me dado immensas provas de affecto; confio-lhe a minha vida, o Sagrado Collegio, e a vida e bens de todos os cidadãos. Dizei-lhe mais, senhores: dizei-lhe que se a guarda civica faltasse a seus deveres, acaba-

va a tranquillidade, e os melhoramentos feitos na administração publica. Dizei-lhe que encarreguei uma commissão para se levarem a effeito todas as disposições tomadas, e para examinar a nova extensão que se póde dar ás reformas. Pedem-me tambem para augmentar o numero dos membros do conselho de Estado; assim o farei, augmentando ao mesmo tempo suas attribuições. Tudo quanto está feito, será sustentado. E se aquelles a quem tenho pedido me auxiliem, o tivessem feito sem impôr condições, maior seria o numero dos beneficios. Ora essas condições é que eu não acceitarei nunca. Nunca! ouvi bem, nunca se dirá, que Pio IX consentiu em coisas contrarias ao seu dever, como rei, e como Pontifice. Se a isso me quizerem constranger, se me vir abandonado pelos homens que tanto tenho amado, e por quem tanto tenho feito, ainda assim não cederei, não; lançar-me-hei nos braços da Providencia, e ella não me hade desamparar. Que por tanto os bons cidadãos estejam em guarda contra os maldizentes que, sob pretextos frivolos, não desejam senão as revoltas e a desordem, para se apossarem do que é dos outros... Certos d'isto, senhores, ide, e que o céu vos acompanhe!»

Estas palavras repetidas por toda a cidade socegaram momentaneamente os cidadãos pacificos, mas não desconcertaram os facciosos.

Na tarde do mesmo dia, 11 de fevereiro, voltou de novo o povo ao Quirinal, pedindo as bençãos do Papa, e no meio do silencio geral ouviu-se uma voz: «Nada de padres no governo!»

Pio IX deixou pender o braço já levantado para abençoar, e bradou de maneira que fosse ouvido por toda a multidão:

— Certos gritos em que não reconheço o coração do meu povo, são proferidos por gente desconhecida. Não posso, não devo, não quero ouvil-os. *Non posso, non debbo, non voglio!* D'este modo, e com a condição expressa de que sereis leaes ao Pontifice e á Egreja...

—Sim, sim, nós o juramos, Santissimo Padre! exclamou então o povo em massa, cahindo de joelhos.

— Com esta condição — repetiu Pio IX — peço a Deus que vos abençôe, assim como eu vos abençôo.

E immediatamente, cem mil cabeças se inclinaram, e o povo, o verdadeiro povo, ao som d'esta voz paternal, encontrou outra vez no intimo d'alma, a sua ardente e piedosa affeição. N'este momento, nenhum demagogo ousaria protestar nem por um gesto, nem pela attitude.

A milicia civica de Roma parece-se com todas as guardas nacionaes do mundo. Alguns ambiciosos, fazendo mais barulho que serviço; alguns vaidosos, encantados com as dragonas; alguns homens dedicados decididos a cumprir rigorosamente o seu dever; e ao lado de todos estes, muitos bem intencionados, mas cobardes; não querendo senão contribuir para sustentar a ordem, comtanto que não houvesse perigo: taes eram os elementos de que se compunha a guarda nacional de Roma.

A 20 de fevereiro, reuniu Pio IX os batalhões no Vaticano e passou-lhes revista. A alegria que causou a sua presença, e o enthusiasmo com que o receberam, tranquillizaram-no, e pouco faltou mesmo para que elle partilhasse as illusões dos que o rodeavam: illusões que nunca tivera nem mesmo quando cedendo á necessidade das circumstancias assignou o decreto da instituição da guarda nacional. Pio IX agradeceu com effusão a «esta milicia conservadora da paz e da tranquillidade publica» abençoou os officiaes e soldados, a elles e suas familias, e despediu-os cheios de um delirio enthusiastico. Mas ainda oito dias não eram passados, e já a guarda nacional deixava exhumar pelos clubs as tres cores dos sediciosos de 1831, encarnado, branco e verde, sabstituindo por estas, o branco e amarello, que são as cores pontificias.

Por aqui se póde calcular o progresso que se fizera dentro de um anno.

Sabia-se ao mesmo tempo que tinham sido decretadas constituições em Napoles, Turim e Florença, que a republica fôra proclamada em Paris, e que Milão, Vienna e Berlim, tinham já barricadas. Cabeças mais solidas do que as dos patriotas romanos seriam abaladas com a repercussão de tantos successos acontecidos dentro de um mez.

Cada dia trazia manifestações diversas; cada noite tinha as suas illuminações. Passeiavam-se pelo Corso as tres côres, de-

baixo d'uma abobada de bandeiras, á sinistra claridade dos archotes, e ao estrondo dos clamores incoherentes que se calavam de repente diante do palacio da embaixada da Austria, ao mesmo tempo que os archotes se apagavam em signal de luto.

D'alí iam parar defronte da egreja de *Gesu*, e então, archotes e clamores redobravam, gritando até á saciedade: *Morte aos jesuitas!*

O principe Corsini, senador de Roma, acompanhado da municipalidade, apresentou-se diante de Pio IX pedindo-lhe, ou antes impondo-lhe uma constituição: «Roma — dizia elle — não podia ficar atraz das outras capitaes italianas.

O Papa respondeu-lhe:

— Os acontecimentos que se estão dando, explicam demasiadamente o vosso pedido. Dentro em poucos dias espero dar-vos parte da minha resolução.

A 9 de março soube-se em Roma que o cardeal Ferreti pedira a sua demissão, e que o cardeal Antonelli fôra nomeado secretario de Estado.

Antonelli, filho de um lenhador de Sonnino, perto de Terracina, ainda não tinha quarenta e dois annos. Espirito flexivel, fecundo em recursos, dotado de rara energia que disfarçava aos olhos do vulgo com as mais affaveis maneiras, tinha-se tornado popular no governo do cardeal Ferreti, como ministro das finanças. Com elle entram no poder mais tres novos individuos. Os srs. Minghetti, Sturbinetti, e Galletti, os quaes foram escolhidos, (pelo menos assim o pensavam) entre os mais inoffensivos clubistas influentes, dirigidos por Mazzini, e protegidos por lord Minto.

O novo gabinete foi recebido como um ministerio de transição. Não devia durar dois mezes.

Apenas foi installado, uma multidão de fanaticos correu a atacar *Gesu*.

Iam todos armados de machados, e com panellas de breu a ferver: uns cantavam o *Miserere* ou o *De profundis*, outros gritavam: *Os sudarios! Abri as covas!* parodiando as ceremonias funebres, como se tratassem de enterrar todos os jesuitas, que habitavam esta pacifica morada.

Outro dia, pregaram-lhe na porta este escripto: *Est locanda; casa para arrendar.* A guarda civica olhava, e não dizia nada. Só um joven sacerdote que tinha servido na armada franceza, e que devia ser mais tarde ministro da guerra, o abbade de Mérode, ousou abrir passagem atravez da multidão, e arrancando o papel disse aos amotinados:—Isto, é uma cobardia!» A populaça interdicta ao principio, applaudiu depois a coragem do abbade. Debalde, porém, os habitantes de Transtavere sabendo o que se tinha passado foram offerecer-se ao P. Roothaan, geral dos jesuitas, para os defender e vingar; mostrando que isto era possivel, se immediatamente se fechasse o *Café das Artes*, quartel general dos clubistas.

Debalde Pio IX mandou publicar uma proclamação onde se lia:

—Romanos, e vós todos, meus filhos e meus subditos, escutae ainda uma vez a voz de um Pae que vos ama, e deseja ver-vos amados e estimados por todo o universo. Roma é a séde da religião. Debaixo das diversas fórmas de que resulta a admiravel variedade que torna a Egreja de Jesus Christo tão formosa, os ministros da religião aqui tiveram sempre morada... Respeitae-os, poupae-vos vós a um escandalo que assombrará o mundo, e consternará a maior parte de nossos vassallos. Factos de igual genero praticados em outras terras, tem já enchido de amarguras o coração de vosso Pontifice: poupae-vos á vergonha de levar esta amargura ao extremo! Se entre os religiosos se encontram alguns criminosos dignos da vossa reprovação, tendes á vossa disposição os recursos da lei...»

Os jesuitas recusaram ser defendidos pelas armas. No tocante a defenderem-se perante os tribunaes, como Pio IX parecia esperar, debalde o teriam praticado. A revolução arrasta ha cem annos os jesuitas diante das sedicções, mas nunca diante da justiça regular. Sabe perfeitamente que persegue innocentes. Os jesuitas, tiveram por tanto de dispersar. A maior parte saiu de Roma, todavia alguns ficaram escondidos. Entre as pessoas que lhe deram asylo, citam-se dois francezes, o duque de Cadore, o conde Rampon, e um inglez, lord Clifford.

O Pontifice não quiz deixar partir os jesuitas sem lhe testemunhar por uma declaração solemne a estima que lhes consagrava, e o pesar de os vêr expulsos. No mesmo dia, 30 de março, mandou publicar sob o nome de *Statut fondamental*, a constituição recentemente annunciada ao senador Corsini. No decreto da promulgação expressava-se n'estes termos:

—Estimariamos mais deixar á experiencia o tempo necessario para se decidir sobre os resultados da representação provincial, do qual nós fomos o primeiro na Italia a gratificar nossos Estados. No entanto, posto que os principes nossos vizinhos tenham julgado que seus vassallos estão preparados para uma constituição mais ampla, não queremos ter nossos povos em menor consideração, nem contar menos com seu reconhecimento, não para com nossa humilde pessoa, para a qual nada pedimos, mas em relação á Egreja, e á Séde apostolica...

Pio IX não era o unico soberano que cedia contra vontade; era porém o unico que ousava confessal-o. E apesar de tudo, elle era o que ainda cedia menos que nenhum outro.

A nova constituição fazia do «collegio de cardeaes, eleitores do Soberano Pontifice, e o senado inseparavel d'este.» Prohibia aos deputados de nunca proporem lei relativa aos negocios ecclesiasticos, ou contraria aos regulamentos da Egreja, ou tendentes a mudar este paragrapho. Reservava para si não sómente a sancção das leis, mas a faculdade de dissolver o corpo legislativo, e sustentava a censura contra os desvarios da imprensa.

Eis aqui está, como em pleno mez de março de 1848, ao tempo que a revolução rebentava por todos os lados, abalando até as intelligencias mais sensatas, eis aqui temos demonstrado quem era esse famoso e demagogo Papa, do qual ousaram dizer *que foi elle o causador de todo o mal*, e que é sobre a sua pessoa que pesa a principal responsabilidade das loucuras d'essa epocha.

No entretanto, Pio IX, por mais preoccupado que estivesse com os negocios de Estado, não descurava os da Egreja. Condemnava na Prussia a heresia hérmesianna; regulava nas missões longinquas muitas questões importantes; instituia um pa-

triarchado latino em Jerusalem; um arcebispado em Babilonia; e outro arcebispado e mais tres bispados nos Estados Unidos. E finalmente, appellava para a caridade universal a favor da Irlanda que se achava luctando com a fome: a sua vóz, porém, não foi ouvida. Ao mesmo tempo, enviava em soccorro dos opprimidos catholicos da Suissa, Myr Luquet, bispo de Hésebon; terminava tambem, por um feliz accordo com os transtornos e as amarguras da Egreja hespanhola espoliada pelo poder civil, e na qual se achavam vagas trinta e nove sédes episcopaes. Na Inglaterra e Suecia, promovia e trabalhava, para que se aliviassem as penas com que o protestantismo esmagava o catholicismo.

Em Wurtemberg sustentava a custo, mas victoriosamente, os direitos da Egreja contra os impedimentos do Estado na eleição do bispo de Rottenburg. E como resposta ao sultão, mandava uma legação extraordinaria para o Oriente, (6 de janeiro de 1848) exhortando todos os catholicos, mesmo aos inquinados do scisma, a que se reconsiliassem. Ainda hoje, depois de tantos annos, se falla n'este facto e na sensação que causou. Em França, por um breve de 18 de março de 1848, felicitava o povo pelo respeito que acabava de mostrar pela religião durante os dias de fevereiro; louvava os bispos pela sua vigilancia, recommendava prudencia ao clero, e a exemplo de Pio VII tomava esta occasião para protestar contra os *artigos organicos* accrescentados á concordata por um abuso de Napoleão I, recordando, que a dotação do clero francez não é um dom do poder civil, mas uma fraca compensação dos bens ecclesiasticos confiscados pela grande revolução.

N'este em meio, os acontecimentos em Roma encaminhavam-se para uma crise fatal. A Italia-Alta parecia livre dos Austriacos. A sublevação milanesa forçára Radetzky a capitular retirando-se para Mantua, Verona, e Placencia. Daniel Manin sublevara Venesa, e proclamara a republica dos doges. O rei Carlos Alberto, talvez com receio de ver arrebatarem-lhe seu reino se não se apresentasse á frente do movimento, passava o Tessin recusando o auxilio da republica franceza que Lamartine lhe offerecia: «A Italia o fará de seu moto proprio, res-

pondia elle; *Italia fará dá se.*» Palavra audaz, que a historia de Italia devia constantemente desmentir, tanto nas victorias, como nos reveses.

N'este estado de coisas, Pio IX não podia deixar de precaver-se, ainda que não fosse senão para sustentar a segurança de suas fronteiras. Decidiu portanto mandar occupar Ferrara e Bolonha, por um corpo de dezesete mil homens, confiando o seu commando ao general piemontez Durando.

Os clubs, fingindo enganar-se a respeito d'esta decisão, convocaram o povo para o Coliseu, no proposito de agradecer ao Papa ter declarado guerra á Austria. O immenso amphitheatro encheu-se como no tempo dos gladiadores e dos martyres, e se não se ouviam os antigos clamores contra os christãos, ensurdecia-se ali, aos gritos não menos freneticos de: *Abaixo os Austriacos! fóra os barbaros! Fuor i barbari!* Então appareceu no meio da arena um monge barnobita. Logo se conheceu, pela altivez do gesto, vosear phrenetico e extravagancia estranha da cruz tricolor que floreava no ar, que não era aquelle o humilde frade de S. Boaventura, que todas as sextas feiras costumava ir áquelle local ensopado em sangue christão recordar ás multidões piedosas as agonias dos martyres. Chamava-se áquelle monge, Gavazzi: era um transfuga do claustro. E exclamava: «Romanos, está chegado o dia do livramento! Soou a hora da santa crusada: ás armas! Deus assim o quer! Todo o homem que recusar vencer ou morrer pela independencia da Italia, não é digno de ser considerado como descendente dos senhores do mundo; e toda a mulher que tentar reter em seus braços o desposado, ou verter lagrimas na partida de um filho, não é digna do nome de romana.

Romanos, vossos avós conquistaram o mundo: quereis ser dignos d'elles?

—Sim, sim, queremos.—Responde a multidão.—O monge continua: «Vedes esses frontaes de pedra, os fustes d'essas columnas, essas ruinas, antigas testemunhas da gloria de vossos antepassados; são outros tantos pergaminhos que a patria vos offerece para receber os nomes dos valentes e dos fortes.

E parando até dar tempo para que o povo podesse inscrever seu nome, terminou com esta apostrophe:

«Salve, ó Capitolio, para o qual ainda hontem, escravos do estrangeiro, não ousavamos levantar nossos olhos envergonhados. Podemos agora olhar-te de frente! Salvé rochedos que vistes passar os Cesares vencedores do mundo, e os Brutus vencedores dos Cesares; nós reensinamos a teus echos o sagrado nome da liberdade! Sim, sobre este solo glorificado pelos heroes e santificado pelos martyres, diante d'esta cruz symbolica, emblema de nosso livramento, juramos de não tornar a entrar em Roma senão depois de ter exterminado até ao ultimo barbaro!»

Os oradores succedem uns aos outros, o delirio chega a seu cumulo, e a multidão enlevada encaminha-se ao Quirinal para apresentar á benção pontificia, a bandeira que deve conduzir os valentes ao exterminio dos barbaros.

O Papa, porém, recusa apparecer á janella, dizendo:

«Eu não sou um conquistador, nem um exterminador; eu sou ministro de um Deus de paz.»

No entanto, annue a admittir nos seus aposentos cinco ou seis delegados da multidão. Enviaram-lhe os mais exaltados: entraram, com a ameaça nos labios, mas de repente foram dominados pelo ascendente do Pontifice, e a bondade que estava impressa em seu rosto. Logo que o avistaram encaminhando-se para elles, ajoelharam:

— Então, partis ámanhã, meus filhos?

— Sim, Santissimo Padre.

— Sabeis vós onde ides?

— Iremos onde nossos chefes nos conduzirem.

— Muito bem, meus filhos. É porém conveniente que conheçaes por mim proprio vosso destino. Sabei portanto, que partis unicamente para proteger nossos Estados contra uma agressão, se acaso se désse, e não para serdes vós mesmos os agressores... Compenetrai-vos bem d'esta idéa, e fazei conhecer a vossos companheiros, que tal é a nossa formal vontade.»

Depois, abençoou, não o estandarte das tres côres, mas a bandeira pontifical que levava um dos delegados.

O piemontez Durando, general em chefe do corpo pontifical de observações, logo que chegou a Bolonha fez uma proclamação em que dizia que «Radetzky profanador das egrejas de Mantua guerreava o proprio Christo; que Pio IX tinha abençoado a espada de Carlos Alberto; que a presente guerra não era uma guerra nacional, mas uma guerra christã, e por tanto, que os soldados do Papa marchando contra o inimigo, levariam desde então uma cruz ao peito, ajuntando-se ao grito: Deus assim o quer!

Na *Gazeta de Roma* Pio IX protestou contra esta parodia das cruzadas.

Uma ordem do dia datada de Bolonha a 5 de abril, e dirigida ao exercito, exprimia idéas e sentimentos que falsamente attribuia ao coração e aos labios de Sua Santidade. Quando o Papa quer manifestar suas idéas, falla desassombradamente, e não se serve da bocca dos subalternos.

É, porém, certo o proverbio: não ha maior surdo do que aquelle que não quer ouvir. Os agitadores continuaram a vozear em nome de Pio IX. De mais, deve-se confessar, que á falta do Papa, tinham entre elles muitos ecclesiasticos, e dos mais notaveis, para que lhe fosse difficil acobertar-se com o manto da religião. O abbade Gioberti, ministro de Carlos Alberto, discursava nos clubs romanos; o P. Ventura apresentava-se ao Papa, e este recusava recebel-o na qualidade de ministro plenipotenciario da insurreição siciliana; o P. Gavazzi para seguir o general Durando, rebuçára-se no titulo de esmoler geral do exercito da independencia; em summa, sem contar Rosmini o illustre philosopho christão, cuja cabeça não era mais solida, parecia que a revolução tinha realmente chegado a mover a Egreja, segundo os planos de Mazzini, e que o Papa e seus ministros eram os unicos que se conservavam no seu posto.

Pio IX julgou então que era chegado o momento em que devia fallar claramente. Para este fim, aproveitou a occasião do Consistorio secreto de 20 de abril, onde n'uma eloquente linguagem traçou a historia dos ultimos trinta annos do governo pontificio, mostrando qual era a politica interior da Egreja,

quer resistindo ás ordens expressas dos principes, como succedera no reinado de Gregorio XVI com o famoso *Memorando* de 1831; quer esforçando-se, como presentemente, em conter as paixões dos povos; e sempre, e em todo o tempo igual a si propria, no meio da instabilidade das coisas humanas. «Se entre os nossos vassallos — dizia elle — ha alguns que se deixam arrastar pelo amor da nacionalidade italiana, e pelo exemplo dos outros, a Allemanha não póde com justiça accusar-nos, porque nós não possuimos nenhum meio para apasiguar seu ardor... No entanto, nós não declaramos guerra á Austria, attendendo a que... fiel ás obrigações de nosso supremo apostolado, abraçamos com paternal affecto, todos os paizes, e todas as nações... Igualmente protestamos á face do mundo, contra aquelles que quereriam que o Pontifice romano prezidisse á formação de uma nova Republica, formada com todos os povos de Italia. Ainda mais. Por esta occasião, nós pedimos encarecidamente ao povo italiano que esteja prevenido contra os conselhos funestos á Italia; e que se unam estreitamente a seus principes de quem tem experimentado a affeição... Seguir o contrario, seria não sómente faltar ao dever, mas expor a Italia a discordias interiores... Quanto a nós, todos os nossos esforços convergem para o engrandecimento da Egreja, que é o reino de Jesus Christo; não tencionando apartar-nos dos limites da nossa soberania temporal... E tambem, não cessaremos de bradar contra a imprensa immoral ou irreligiosa, que se não cansa de instigar o povo ás perturbações e discordias civis, prégando a espoliação dos bens da Egreja, atacando seus direitos mais sagrados, e manchando o nome de todo o homem honrado com falsas calumnias...»

Esta declaração afastava as nuvens amontoadas como por acaso, mostrando ao mesmo tempo, que entre os actos do papado, e os planos das sociedades secretas, estava um abysmo. Estas palavras do Pontifice levantaram em Roma uma grande tempestade. Os padres que acabavam de prégar a cruzada, gritavam pelas ruas: *Elle enganou-nos!* E Ciceruacchio com as lagrimas nos olhos, repetia: Elle traiu-nos! M Fiorentino, um dos chefes principaes dos amotinadores, publicou um folheto

que finalisava d'este modo: «Já que Pio IX não quer salvar os italianos, os italianos devem salvar-se sem se importarem com elle!» Os fanaticos inferiores exprimiam-se com mais brutal clareza.

A policia lançou mão de um homem que andava distribuindo um pamphleto anonymo, intitulado: *Historia de Pio IX, Papa intruso, traidor á patria*, etc. Logo que o soberano Pontifice soube d'esta prisão mandou conduzir o culpado á sua prezença, e depois de o interrogar bondosamente, disse-lhe: «Como a sua culpa não toca senão commigo, perdôo-lhe.» Tocado de tal generosidade, o desgraçado caiu lacrimoso aos pés do Santo Padre, offerecendo-se para revelar os nomes dos authores do escripto. O Papa, porém, não o quiz e respondeu: «Que as culpas d'esses homens fiquem para sempre envolvidas nas sombras do esquecimento, e possa o arrependimento penetrar em seus corações!»

Fallava-se publicamente da queda do governo provisorio; mas era correr demasiado: este nome de governo provisorio, commovia o verdadeiro povo romano; e esteve a ponto de produzir uma reacção contra os clubs.

O conde Mamiani, um dos amnistiados pelo governo pontifical, e como se disse, o unico que se recusou prestar juramento, tomou então a direcção da revolta para impedir, ou que ella abortasse, ou tivesse um fim desastrado. Do alto de uma varanda fallou á multidão, annunciando-lhe que ia propor a Pio IX um ministerio liberal, do qual os primeiros actos deviam ser retirar a allocução, ou pelo menos explical-a convenientemente, dando ao mesmo tempo passaporte ao embaixador de Austria. Ouvindo este programma, o povo bateu as palmas, e a guarda nacional, com o fito de assegurar a execução, foi postar-se em vigia diante das moradas dos cardeaes, que se julgavam contrarios a esta medida. O principe Rospigliosi, seu commandante, tentou fazer entrar a guarda nacional em seus deveres, e livrar o cardeal Bernetti, por ordem expressa do Soberano Pontifice. Mas a sua authoridade foi depresada, e um dos guardas levou a audacia a ponto de crusar a baioneta sobre o peito do commandante. Reduzido a esta desconsideração, o principe demittiu-se.

Ciceruacchio quiz depois massacrar todos os padres, mas procurando apasigual-o, Mamiani disse-lhe: «A nossa causa está ganha, tratemos de a não desauthorisar aos olhos da Europa, que nos está contemplando. Em tempos revoltos, a violencia traz as represalias, e os carrascos d'hoje, são victimas ámanhã.»

— E eu pelo contrario, digo, que para que a revolução possa vingar e dar lugar á liberdade, é preciso matar todos os padres — repetia Ciceruacchio.

—É terminante a sua opinião?

— Terminante.

— Mas quem hade matar esses padres?

— Quem?! Eu mesmo, se a patria o ordenar!

— Vós mesmo! Pensaes então poder matal-os a todos?

— Todos não, porque é impossivel.

— N'esse caso, commetteria assassinios inuteis, — concluiu Mamiani friamente.

Desarmado e fraco, perante a desordem, o cardeal Antonelli tinha muitas vezes pedido a demissão, e instou para que lh'a acceitassem.

— Vou mandar chamar o conde Mamiani, e ouviremos o que nos aconselha — respondeu Pio IX.

Mamiani correu ao Quirinal. Proposeram-lhe que formasse um ministerio. A isto volveu em resposta:

— Esforçar-me-hei para o conseguir; mas antes, devo declarar, que se pela minha parte me julgo muito honrado por ter entre os meus collegas cardeaes, não succederá talvez o mesmo com os homens a quem a opinião publica vae impôr-me a escolha. Não querem mais ministros senão seculares. É esta actualmente a palavra da ordem dos clubs e dos jornaes, com os quaes somos obrigados a transigir como com grandes potencias.

Pio IX sorriu tristemente, perguntando a si proprio, até que ponto seria o homem que lhe fallava estranho a essa decisão. Exigiu todavia, que o ministro dos nogocios ecclesiasticos, que devia ser ao mesmo tempo presidente nominal do gabinete, fosse um cardeal: de resto, declarou que confiava na lealdade do conde, e que as circumstancias o impulsavam a entregar-se completamente á sua experiencia.

Não foi sem grande custo que Mamiani conseguiu fazer acceitar por seus amigos, o nome do cardeal Ciacchi, o mais popular dos membros do sagrado Collegio, depois do seu protesto como legado, contra a occupação de Ferrara. O cardeal escolheu elle proprio para si a pasta do reino, chamando o conde João Marchetti para os negocios estrangeiros; o advogado Pascal Rossi para a justiça; o advogado Lunati para as finanças; o principe Philippe Doria-Pamphili para a guerra; o duque de Rignano para o commercio e trabalhos publicos; e José Galetti para a policia.

O que o cardeal porém não conseguiu foi impôr ao Pontifice todos os que escolhera, particularmente na composição do supremo Conselho, e do conselho de Estado. Como a lista dos conselheiros de Estado começava pelo nome do P. Vico, sabio astronomo que abandonára Roma com todos os jesuitas seus confrades, Pio IX suspeitou que era uma cilada á sua candura e piedade.

— Adivinho as vossas intenções: nomeaes o P. Vico conselheiro de Estado, para que se não acredite que os jesuitas são perseguidos em Roma; quando elles estão desterrados. Não me prestarei a tal embuste.

E dizendo, com um traço de penna Pio IX riscou a mentira que queriam fazer-lhe assignar.

Apenas installado, o supremo conselho não achou nada de mais urgente, que emittir um voto solemne, mais parecido a uma ameaça, em favor da immediata declaração de guerra á Austria. Pio IX respondeu com firmesa, «que declarar a guerra é uma prerogativa inalienavel da soberania; que entendia que não devia ceder essa prerogativa a ninguem; que por outra parte, a guerra a que o convidavam n'esse momento seria uma guerra agressiva e injusta, á qual por essa rasão não deviam contar que elle annuisse. Que não ignorava as extremas consequencias que podia resultar de sua recusa, por serem os promottores da guerra os mesmos que por mais de uma vez tinham acariciado a idéa de arrebatar aos soberanos Pontifices o seu poder temporal. Que apesar de tudo, não cederia, nem abdicaria seus direitos; e que, de resto, se confiava á divina Providencia.

Era exactamente esta a politica tradicional da Santa Sé, e não será talvez fóra de proposito recordar um dos considerandos do decreto pelo qual, quarenta annos antes, a 2 de abril de 1808, Napoleão I tinha arrebatado a Pio VII as quatro provincias de Urbin, Ancona, Macerata, e Camerino.

Assim se expressava o despota:

«Attendendo a que o actual soberano de Roma tem constantemente recusado guerrear os inglezes..., e que a dotação feita por Carlos Magno, nosso illustre predecessor, dos paizes que formam o Estado do Papa, fôra feita em proveito da christandade e não dos inimigos de nossa santa religião...»

CAPITULO VI

Ministerios Mamiani e Rossi.—Assassinio de Rossi.

Luctando constantemente contra o impulso revolucionario dos italianos, a ponto de sacrificar a sua popularidade e arriscar seu throno, Pio IX, italiano como elles, e natural advogado de todos os opprimidos, não pôde deixar de pronunciar-se em favor da independencia da Italia. N'este sentido escrevia ao imperador de Austria, no mesmo dia em que foi composto o ministerio Mamiani, 3 de maio de 1848:

«No meio das guerras que ensanguentam o sôlo christão, a Santa Sé tem sempre feito ouvir palavras de paz, e em nossa allocução de 29 de abril passado, quando dissemos que Nosso coração paternal se sentia horrorisado por ter de declarar a guerra, expressamos manifestamente Nosso ardente desejo de contribuir para a paz. Que Vossa Magestade ache por tanto justo, que Nós nos dirijamos a sua piedade e religião, exhortando-o com um affecto todo paternal, a retirar suas armas d'uma guerra que, sem poder conquistar para o imperio os corações dos Lombardos e dos Venesianos, arrastará em seu sequito a funesta serie de calamidades, cortejo ordinario da guerra, as

quaes Vossa Magestade certissimamente detesta e aborrece. Esperamos que a generosa nação allemã tome a bem que, Nós a incitemos a abafar todo o sentimento de odio, mudando em relações uteis e de amigavel visinhança, uma dominação sem grandeza, e talvez sem grandes resultados, porque se apoia sómente no ferro.

«Temos por tanto toda a confiança, de que esta nação tão legitimamente orgulhosa de sua propria nacionalidade, não arriscará sua honra em tentativas sanguinolentas contra a Italia, antes pelo contrario, a reconhecerá nobremente por sua irmã. Ambas estas nações são as filhas queridas da nossa alma, e Nós teremos ainda a alegria de vêr, cada uma d'ellas satisfeita de suas fronteiras a dentro, viver em harmonia, merecendo por acções dignas d'ellas a benção do Senhor.

«Depois do que, pedimos A'quelle que dá toda a luz e é o author de todo o bem, inspire a Vossa Magestade sanctas resoluções, emquanto que do fundo do coração, dâmos a Vossa Magestade, a Sua Magestade a imperatriz, e á familia imperial a benção apostolica.

«Pio PP IX.»

Se a Austria tivesse attendido aos bons conselhos do Pontifice, tinha-se poupado aos grandes desastres de 1859, e aos maiores ainda de 1866.

Mais tarde, o mesmo Pae commum dos fieis, terá de dirigir outra vez á «generosa nação allemã:» uma igual rogativa em favor da França, e obterá o mesmo resultado. Mas como da primeira vez, os despresadores não se sahirão melhor da segunda: é esta a prophecia que a nossa penna franceza não pode deixar de vaticinar-lhe. Antes, porém, de experimentar a alta sabedoria dos conselhos de Pio IX, a Austria devia ganhar ainda na Italia muitas ephemeras e inuteis victorias. Carlos Alberto, não soube tirar partido dos primeiros passos do exercito piemontez. Não acceitara a proposta da Austria, resolvendo-se a retirar para além do Adige, nem tomara vigorosamente a offensiva, e emquanto se obstinava n'esta duplicada falta, chegaram reforços a Radetzky, recahindo immediatamente, Padua,

Vicença e Trevise em poder dos allemães. Vicença estava occupada pela pequena guarnição romana do general Durando, não houve portanto séria resistencia senão pela parte dos Suissos ao serviço pontificio, «esses estrangeiros, esses mercenarios,» como os patriotas costumavam chamar-lhes. Quanto aos puros democratas do P. Gavazzi, não cumpriram seu terrivel juramento «de exterminar até o derradeiro dos barbaros» por que debandaram ao primeiro choque, renovando alguns dias depois a mesma manobra em Corunda. Apesar d'isto, reuniram-se todos em territorio pontificio, e entraram em Roma triumphantes, coroados de louros, e debaixo de uma chuva de flores. Em seguida, e depois de um almoço copiosissimo offerecido pela cidade no palacio Doria, partiram para o assalto de *Gesu*, que se achava vasio, e por fim lá se entrincheiraram valentemente.

Depois d'estes traços, é possivel que ainda se não conheça o povo, que vimos em 1866 obstinar-se em cantar victorias depois dos revezes de Custozza e de Sissa, revezes que não sómente seus jornaes e seus tribunos, mas seus proprios generaes e seu governo nunca consentiram em confessar publicamente? Um tal povo ainda não possue a madureza necessaria á independencia. Pode, talvez, apesar de sua incapacidade pessoal e suas derrotas, chegar a constituir-se livre pór um momento, explorando por uma habil combinação as rivalidades de seus visinhos; todavia, o equilibrio que tem todo o seu ponto de apoio fóra de casa, é um equilibrio ficticio. O edificio cahirá por terra, desde que seus visinhos se unam para o abalar, ou que um d'elles seja bastante forte para não temer que os outros o empeçam de o destruir.

No entretanto, os Austriacos, perseguindo os vencidos, reoccuparam Ferrara. A esta noticia, se Pio IX desse ouvidos aos oradores dos clubs, e mesmo aos da Camara dos deputados, apresentar-se-hia elle proprio á frente de suas tropas, tendo antes, na basilica de S. Pedro adornada de crepes, e escurecida, com os tocheiros apagados, lançado solemnemente o anathema, sobre aquelles que acabavam de violar as fronteiras pontificias attentando contra a independencia temporal do chefe da Egreja. Assim o reclamava entre outros o jornal a *Epocha*, orgão do

ministerio Mamiani. Até esse momento, a Revolução conservava--se ardente sectaria da soberania pontifical, e não pensava em prohibir ao Papa o uso das armas espirituaes quando se tratava de defender seus direitos temporaes: mas esse momento foi de curta duração, e não se repetiu.

Posto que a primeira violação das fronteiras fosse evidentemente feita pelos pontificaes, como ninguem ignorava que se déra contra vontade de Pio IX, este, no dia 18 de julho de 1848, não hesitou em protestar junto da côrte de Vienna e do corpo diplomatico. Além d'isto, enviou o cardeal Marini, e o ministro Guarini ao general austriaco Welden, encarregando-os de dar todas as explicações possiveis, e munidos de plenos poderes para qualquer tratado. A Austria, a quem restavam ainda bastantes negocios entre mãos, consentiu em declarar-se satisfeita, e Ferrara foi de novo evacuada.

Póde-se dizer, que esta negociação para a liberdade do territorio, foi o unico acto politico de alguma importancia conseguido por Pio IX, no tempo do ministerio Mamiani. De resto, o papa reinava, e o ministro governava.

Um dia, no principio de seu ministerio, Mamiani disse na camara dos deputados: «Pio IX abençoa, ora e perdôa. O Rei Pontifice não podia acceitar esta reducção da metade de seus direitos e de seus deveres. Quando os deputados lhe dirigiram uma nota da camara n'este sentido, respondeu-lhes: «Sim, Pio IX ora, abençôa e perdoa; mas pertence-lhe igualmente o direito de ligar e desligar; e se com o fim de mais efficazmente velar pelos interesses publicos, o rei convocou as camaras para cooperarem com elle na salvação do estado, o Pontifice tem necessidade de gosar toda a liberdade para praticar quanto julgar conveniente a bem da religião. Esta liberdade deve ser absoluta.»

De resto, a discordancia tanto nas camaras como nas proclamações do ministro e do soberano tornava-se saliente. N'um discurso-programma de que mandou copia a Pio IX antes de o ter pronunciado, Mamiani fallava em agentes polacos enviados pelo governo pontifical á Hungria, paiz que estava então revoltado contra a Austria. Vendo isto, Pio IX escreveu á margem:

«Não sei nada a tal respeito.» O ministro declamou o discurso, mas não mencionou o protesto do Pontifice.

Mamiani, que era um espirito um pouco fantastico e um revolucionario honrado comparando-o aos Sterbini e Mazzini, queria agradar e fazer a vontade a dois senhores ao mesmo tempo; mas o que lucrou com isto foi não poder satisfazer nenhum, e ir perdendo successivamente a confiança de ambos.

Com o fim de reanimar o espirito publico e fazel-o sair do torpor a que os italianos — dizia o ministro — são muito atreitos, não tanto por indole como por seus habitos de escravidão e fingimento, imaginou um estranho estratagema de que se realmente fosse o auctor provava que elle mesmo não estava muito longe de se sentir inquinado dos defeitos que deplorava nos outros. Na tarde de 30 de julho, no momento em que a população passeiava no Corso, vê-se chegar um correio esbaforido, coberto de pó, como que chegado de longe, e bradando com toda a força dos pulmões: «Victoria! Carlos Alberto esmagou os austriacos!» No mesmo instante organisam-se manifestações de alegria. O povo aperta-se debaixo das janellas da embaixada da Sardenha, illuminam-se todas as ruas, corre-se para as egrejas como para as associar á satisfação publica, e o resto da tarde e da noite, acaba ao repique dos sinos e das descargas de infanteria.

Na manhã seguinte, querem obrigar o clero hesitante a cantar um *Te Deum*, mas de repente uma voz exclama: Irmãos, isto é uma mistificação atroz! O correio de hontem tinha partido uma hora antes de Roma; saiu pela porta Angelica para entrar pela porta do Povo, e recebeu tres piastras pelo seu trabalho.

O destino foi cruel n'esse dia para com os romanos. Um segundo correio annunciou que effectivamente se dera uma batalha entre Carlos Alberto e Radetzky (era a primeira batalha de Custozza dada a 25 de julho de 1848) mas que Carlos Alberto recuava derrotado para Villa-Franca. Logo depois soube-se que Carlos Alberto fôra rechassado, para além do Mincio, Oglio, e Adda.

O effeito d'estas coincidencias foi fatal ao ministerio. A 8 de

agosto, Mamiani entregava a pasta ao conde Eduardo Fabri. Todavia ficou sendo o guia e principal inspirador do novo gabinete, que apenas funccionou cinco semanas.

A situação presente pesava como uma especie de remorso na alma lisa e delicada de Pio IX. Repugnava-lhe cobrir aos olhos do mundo com o seu nome actos que não praticava, e depois de muito tempo não cessava de supplicar á divina Providencia que o tirasse d'esta falsa posição, ainda que fosse levado por outras extremidades a fazer o sacrificio de sua vida. Este sacrificio não era o que o aterrava. Acceitava-o de antemão, e invejava a Monsenhor Affre, de quem n'uma carta dirigida aos vigarios capitulares de Paris, e n'uma allocução consistorial de 11 de setembro, louvava a heroica morte nos tumultos parisienses, invocando ao mesmo tempo a sua intercessão junto de Deus. Finalmente, aos pés do seu crucifixo achou a tão desejada inspiração. Resolveu nunca mais sujeitar-se aos compromissos revolucionarios na escolha de seus ministros. Appellou para um homem de grande coração, de quem sabia que, se não fôra sempre estranho ás ligações das sociedades secretas, presentemente a sua conversão politica era firme e sincera. Este homem era o conde Pellegrino Rossi.

Rossi, nascido na Italia, nacionalisado na Suissa, e filho adoptivo da França, antigo carbonario e deportado como tal, ex-professor de direito, ex-par de França e embaixador de Luiz Philippe em Roma, onde foi encarregado por M. Thiers de uma missão contra os jesuitas, possuia todas as qualidades requeridas para inspirar mais confiança nos liberaes do que nos catholicos. N'essa occasião, posto que desgostoso das revoluções desde a de fevereiro, que nunca quiz reconhecer, era partidario enthusiasta da independencia italiana, e tinha alistado um de seus filhos nas legiões dos voluntarios que se batiam nas fronteiras da Austria.

Não foi sem certa hesitação que elle acceitou as propostas de Pio IX. Comprehendia as dificuldades da posição, e perguntava a si proprio se cabia no poder de um homem fazer-lhe face. Um de seus amigos, o P. Vaures, a quem pediu conselho, respondeu-lhe: «De um homem talvez não, mas

o espirito de Deus hade guial-o e para elle nada é impossivel.»

— Pois bem, que se cumpra a vontade de Deus — replicou Rossi. E apertando as mãos do P. Vaures, accrescentou: *In verbo tuo laxavo rete.* Sobre a tua palavra soltarei a rede [1].

O duque de Harcourt, nomeado havia pouco tempo embaixador de França em Roma, encarregou-se de obter da Republica franceza, a quem Rossi nada queria pedir, a authorisação necessaria a um francez para servir um governo estrangeiro; «se todavia, (observava elle) o serviço do Pae commum dos fieis possa chamar-se estrangeiro por qualquer de seus filhos.»

O novo ministro, afóra a presidencia do conselho, tomou conta das pastas do interior e das finanças; o cardeal Soglia continuou a occupar o lugar que desempenhava no ephemero e precedente gabinete, o cardeal Wizzardelli foi nomeado para a instrucção publica, o duque de Rignano, trabalhos publicos e guerra, o advogado Cicognani, justiça, o professor Montanari, commercio. M. Righetti ficou addido ao conde Rossi nas finanças, e o conde Guarini ministro sem pasta.

Como se previsse que poucos dias lhe concederiam para consagrar á nobre causa de que se incumbia, durante os dois mezes da sua passagem, desde 16 de setembro a 15 de novembro, Rossi desenvolveu uma actividade sobrenatural. Se não teve tempo para completar coisa alguma, preparou as coisas de modo que o governo se tornasse solido.

Não lhe parecendo que o fundo demasiado paternal das instituições que Pio IX fizera reviver, eram sufficientes para acudir ás necessidades de tão calamitosos tempos, pediu subsidios ao clero, e obteve perto de vinte e dois milhões de francos.

Ao mesmo tempo tratava tanto em Napoles, como em Turim e Florença, de levar a cabo um plano já antigo e indicado muitas vezes pelo Pontifice. Era este, a formação de uma confederação italiana presidida pelo Papa, a qual, protegendo a Peninsula, conservaria a autonomia interior de cada estado.

A ambição piemontesa achou porém que este plano a assom-

[1] Luc. V. 5.

brava, e cuidou em fazer abortar estes projectos futuros, impondo como condição da sua annuencia, que o reino de Napoles, o mais poderoso da Peninsula, ficasse fóra da confederação. Todavia, apesar d'esta má vontade, não se duvidava que a habil diplomacia de Rossi, e a claresa sempre luminosa de seus raciocinios, não chegassem a dominar a opinião geral dos italianos, da mesma fórma que a authoridade da sua voz dominava as camaras romanas. Um dia Rossi declarou, que:

«O supremo Pontificado era a unica grandesa que se conservava firme e restava á Italia, attrahindo-lhe o respeito e ás homenagens do mundo catholico.

D'outra vez, como parecessem duvidar, pensando se este excesso de zelo da parte de um antigo conspirador seria sincero, e se se sustentaria, disse elle:

«Para reprimir os facciosos, montarei a cavallo e irei combatel-os; e se tanto fôr preciso, não chegarão ao Papa, senão passando sobre o meu cadaver.»

E como prova d'esta resolução, chamou para Roma, que M. Mamiani deixára sem defesa, os carabineiros, mandando prender em Bolonha o P. Gavazzi, o qual preludiáva sua proxima apostasia prégando a rebellião. Por estas medidas conheceram todos, que finalmente a revolução encontrara pulso mais valente do que ella. A população honrada respirou; mas os clubs entreviram com terror a restauração imminente e talvez duravel da ordem publica: os clubs condemnaram á morte o conde Rossi.

Sterbini, um dos sicarios de Mazzini e da *Joven Italia*, foi preparando o povo para a execução d'esta sentença. No seu jornal, apontou Rossi como pertencente á «escola que ensina a *fazer nascer as occasiões de incendiar, metralhar, e destruir as grandes capitaes*...»

Rossi respondeu desdenhosamente:

«Todo o mundo sabe que ha lisonjas que offendem, e insultos que honram.»

Approximava-se a abertura das camaras. Este dia, 15 de novembro de 1848, foi o destinado pelos clubs para ser o ultimo de Rossi. Já o abbade Ximenes, jornalista catholico ferido

em pleno dia nas ruas de Roma por mão que ficou impune, soffrera a «justiça» do punhal, que é a derradeira palavra dos argumentos da revolução.

«Se a victima condemnada conseguir escapar—dizia um dos artigos secretos da organisação da *Joven Italia*, será perseguida sem descanso, e em todos os lugares, e o culpado será ferido por mão invisivel ainda que se tenha refugiado sobre o seio de sua propria mãe, ou no tabernaculo do Christo [1].»

Na noite de 14 para 15 de novembro, achavam-se os ministros reunidos e deliberando sobre as medidas que se deviam adoptar na abertura das camaras, para não dar aos desordeiros occasião favoravel. Rossi quiz confiar a guarda do palacio das côrtes aos carabineiros, mas a maioria dos seus collegas foi de opinião, que bastaria a guarda civil, para não mostrarem que estavam sempre receosos e esperando tumultos a cada hora. Rossi acabou por ceder, dizendo com o ar firme e altivo que lhe era habitual:

«Deus é testemunha que não é por mim que reclamo estas precauções; morreria satisfeito pela causa que defendemos. O que unicamente quero, é que a ceremonia se faça com dignidade e socego.»

E assim fallando, apertava no bolso uma carta recebida n'essa mesma tarde em que o ameaçavavam com a morte. Soube-se isto mais tarde, assim como a terrivel scena de que foi testemunha, instantes depois, o pequeno theatro da Capranica.

Era ali o ponto de reunião de doze ou quinze filiados da *Joven Italia*.

Dois d'elles, deslisando pelas sombras mais escurecidas das ruas, transportavam um cadaver recebido de um empregado do hospital de S. Jacome. Este cadaver fôra escolhido a regular pouco mais ou menos pela altura de Rossi. Levantaram-no, encostaram-no a uma scena do theatro, e depois agrupados todos em volta, renovaram o terrivel juramento de ferir sem piedede o homem que era um obstaculo á revolução. Em quanto meia noite soava no relogio visinho de Monte-Cito-

[1] Citado por Balleydier, Historia da Revolução de Roma.

rio, tiraram á sorte qual devia ter a gloria de atirar o golpe: esta honra coube a um chamado Santo Costantini. Igualmente foram tirados á sorte seis mancebos que deviam assistir e matar o proprio assassino, caso hesitasse; ou substituil-o, no caso do golpe falhar. Então Costantini, puxando de um punhal que levava debaixo da capa, collocou-se por detraz do cadaver, atirou um bote, e tão bem dirigiu a arma que lhe cortou a arteria carotida. Perdendo o equilibrio, o cadaver caiu pesadamente no pavimento:

«Bravo! — exclamou em voz baixa toda esta horda de assassinos: bravo! o ensaio foi admiravel, a peça hade ter o mesmo exito.»

Depois apertam todos as mãos a Costantini, e separam-se socegadamente, promettendo encontrarem-se dentro de algumas horas no palacio das côrtes.

Ao amanhecer, Rossi recebeu de uma franceza que habitava em Roma um bilhete n'estes termos:

«Não vá ao palacio legislativo: espera-o lá a morte.»

A duquesa de Rignano esposa do ministro escrevia-lhe tambem:

«Não saia de casa, ou é assassinado.»

Rossi respondeu á pressa:

«Minha querida duquesa, agradeço-lhe o aviso, mas eu éstou prevenido. Socegue a meu respeito, e a respeito de seu marido.»

A M. Righetti, seu substituto nas finanças, disse Rossi mostrando-lhe o bilhete da duquesa de Rignano: «Os revolucionarios querem matar-me; logo é porque me temem.»

A esposa de Rossi, aterrada, tentou impedil-o de sair. Elle porém tratou de socegar-lhe os presentimentos, alcunhando-os de creancices, e logo que acabou de almoçar dirigiu-se ao Quirinal.

Pio IX tambem fôra avisado assim como o ministro. Recommendou-lhe por tanto que tomasse todas as precauções:

«Evite — disse-lhe — evite a nossos inimigos um grande crime, e a mim uma dôr immensa.

— São muito cobardes, nada ousarão contra mim! — respondeu Rossi.

—Deus o permitta! E na duvida, recebei a benção que vos dou de todo o coração.» — volveu o Santo Padre.

No caminho do Quirinal para a chancelaria, encontrou Rossi M. Righetti, e este perguntou-lhe o que havia de novo. Rossi respondeu:

—Nada, ha apenas uma especie de conspiração para me amedrontar. N'este mesmo instante, saindo dos aposentos do Padre Santo, achegou-se a mim um padre que a toda a força me queria fallar.

— Que lhe disse?

— O mesmo que os outros. Que os republicanos juraram a minha morte, e que eu devia encerrar-me em casa. Respondi que a causa do Papa é a causa de Deus, e que é preciso que eu vá onde o dever me chama.

— Faz mal — observou Righetti pensativo.

— Não, — tornou Rossi — despreso soberanamente os republicanos. Podia entrar na camara por portas secretas, mas não o faço. Não darei a nossos inimigos a satisfação de pensar que me intimidaram.»

Uns sessenta homens de figura sinistra e rebuçados em capas estacionavam no pateo das côrtes. Quando Rossi desceu da carruagem, uma parte d'estes homens postou-se do lado de traz para lhe cortar a retirada; os outros seguiram-no; cercaram-no ao pé da escadaria, e separaram-no de Righetti. Rossi olhava para estes homens com despreso, e nada traia n'elle o menor vislumbre de temor. Um d'elles, atirou-lhe á espadua esquerda uma bengalada. O conde voltou-se, apresentando d'este modo a veia jugular ao assassino que se achava á sua direita.

A este esperado movimento, o punhal de Costantini enterra-se-lhe no pescoço, e a arteria carotida foi partida. O conde não sentiu senão o frio do ferro; levou a mão ao pescoço, e lançando a este bando o nome de assassinos, tentou seguir seu caminho.

Subiu ainda algumas escadas, mas cambaleou, e querendo segurar-se á parede, caiu n'um lago de sangue, emquanto os verdugos, na embriaguez do successo, uivavam em redor d'elle:

«Bravo! bem dado!» Depois o grupo sinistro afastou-se silenciosamente, e dispersou no meio da multidão.

Righetti levantou o ferido. Levaram-no para o primeiro andar, onde o cura de S. Lourenço, chamado a toda a pressa, correu a absolvel-o. Dir-se-hia qua sua alma penitente não esperava senão a reconciliação com Deus, porque expirou logo depois, sem ter podido proferir uma unica palavra. Ainda todo manchado de sangue, Righetti partiu para o Quirinal, a informar o Padre Santo do que se passára. Pio IX caiu de joelhos e orou por grande espaço.

Depois, disse a Righetti:

— O conde Rossi morreu como martyr, Deus receberá sua alma em paz!»

No entretanto, a assembléa esperava na sala das sessões o ministro que devia abrir o parlamento. Todos os deputados se achavam em seus lugares, e as tribunas estavam cheias de espectadores. De repente, ouviu-se um rumor surdo; um choque electrico abalou a assembléa, e viu-se então entrar o ministro Montanari, pallido, e desfigurado. Grande numero de deputados se agruparam logo em redor d'elle. Montanari contou-lhes, que Rossi acabava de ser assassinado ao fundo da escadaria, e os semblantes de seu auditorio empallideceram tanto como o do ministro. Todavia esta commoção não foi tão duradoira nem universal, para que o sr. Sturbinetti, presidente da camara, não impuzesse friamente ás tribunas a lei do silencio, accrescentando, como se o incidente não fosse de bastante gravidade para distrair as camaras: «Senhores, passemos á ordem do dia.»

«Não é nada, soceguem. Disse do seu lado Sterbini, para quem o succedido parecia não ter nada de imprevisto.

E a sessão abriu-se tranquillamente como se nada fóra. Os membros do corpo diplomatico não poderam sopear a sua indignação. O duque de Harcourt, embaixador de França, exclamou:

— Isto é infame! Saiamos, senhores, para não sermos pela nossa condescendencia cumplices do que aqui se está passando!»

O procedimento da população romana foi igual ao dos seus

representantes. Fosse medo, fosse cumplicidade, ninguem manifestou um queixume, ninguem exprimiu a intenção de perseguir o culpado. Os guardas nacionaes, os proprios soldados que deixaram commetter o crime, permittiram tambem que se lhe organisasse publicamente a apotheose.

Em quanto que o P. Vaures, o amigo e o conselheiro de Rossi durante sua vida, transportava secretamente para o subterraneo de uma egreja o cadaver que deviam arrebatar-lhe para o passear triumphantemente em Roma, a horda de assassinos fraternisava com a tropa, espalhando-se em seguida por todas as ruas, que um cobarde terror fazia embandeirar e illuminar na sua passagem. Estes desenfreados cantavam um estribilho, dizem que improvisado por Sterbini: «Bemdito seja o punhal, o punhal sagrado que feriu o traidor. E toda a noite se passeiou essa faca homicida adornada com flores, presa á bandeira tricolor italiana; e depois foi exposta n'um café á veneração dos romanos, vendo-se mesmo alguns fanaticos a disputarem a honra de beijar a mão que d'ella se tinha servido: Oh! *la santa* mano! a santa mão!»

E para que nada faltasse á glorificação do crime, levaram o horrivel tropheu diante da casa de Rossi, levantando-o á altura do primeiro andar á vista da viuva e dos filhos da victima, como fizeram com a cabeça da princesa de Lamballe, elevando-a á altura das janellas do Templo!

Sterbini protestou depois contra esses actos monstruosos, tentando repulsar de si a parte que lhe attribuiam no morticinio de Rossi. De seu mais ou menos embrulhado arrasoado, não queremos recordar mais que uma phrase, e esta phrase é a irrevogavel condemnação da revolução moderna em geral, e da revolução italiana em particular; «Uma causa que tem de recorrer ao assassinio é uma causa perdida.» São as suas palavras.

CAPITULO VII

Pio IX sitiado no Quirinal—Sua fugida

Sem perda de tempo, a demagogia empregou o dia de 16 de novembro recolhendo os fructos de seu crime da vespera. Redigiu logo um programma, reclamando entre outras coisas a immediata declaração de guerra á Austria, e a convocação de uma constituinte. Muitos deputados, seguidos da turba de malfeitores do dia anterior, encarregavam-se de apresentar o programma no Quirinal. A multidão apinhada na praça esperava o resultado.

Pio IX recusou-se a receber a deputação, e o cardeal Soglia deu em nome do Pontifice uma resposta ambigua, declarando porém antes de mais nada, que pela violencia nada conseguiriam. Gritos de raiva acolheram na praça esta decisão, e o motim começou a bramir.

No palacio estava apenas uma guarda de cem homens, entre suissos e guardas de corpo. O corpo diplomatico ajuntava porém á defesa o seu appoio moral. Entre os representantes das potencias estrangeiras que tinham corrido a collocar-se ao lado do Padre Santo, cita-se o duque de Harcourt, embaixador de França, Martinez de la Rosa, embaixador de Hespanha, o con-

de de Spaur, ministro da Baviera, os senhores de Venda-Cruz por Portugal, Boutenieff pela Russia, Figueiredo pelo Brazil, e Liederkerke pela Hollanda. O representante do Piemonte, assim como lord Minto, enviado do governo inglez, tambem foram notados, mas pela sua ausencia. Os clubs é que tinham a honra de gosar assiduamente de sua presença. Em compensação, um grande numero de estrangeiros dedicados, tinham espontaneamente acompanhado a esse posto de honra os respectivos embaixadores de sua nação; e entre estes nomearei dois francezes: o conde de Malherbe, e o P. Vaures.

O cardeal Antonelli, com o capitão dos suissos, Meyer de Schauensée, percorria os aposentos, combinando os meios de defesa.

Os suissos postados nas portas exteriores, receberam ordem para, em ultimo aperto, as defenderem com as armas, e no caso em que alguma fosse tomada, de se juntarem todos á entrada do quarto do Padre Santo. Se essa desgraça succeder, nós estaremos lá para morrer com elles! — dizia o cardeal Antonelli.

No meio d'esta agitação, Pio IX conservava toda a serenidade. De pé, encostado á porta de seu oratorio, para onde se retirava por momentos, conversava tranquillamente com as pessoas que o rodeavam. N'esta occasião entram alguns individuos: são os officiaes de carabineiros. Pio IX pergunta-lhes como poderam abrir passagem atravez da multidão. Elles respondem que intervieram para apasiguar o povo, e que é na qualidade de mandatarios do povo que se apresentam: que vem para instar com o Papa para ceder á rigorosa necessidade, entregando a Sterbini e a seus amigos a salvação da causa publica.

O duque de Harcourt respondeu-lhes com um despreso que não tratou de dissimular:

— Senhores, se cumprisseis com vosso dever, impedirieis com as armas as desgraças que não podeis prevenir com palavras inuteis.

— Mas, — observou um dos officiaes um pouco atrapalhado — não só a guarda nacional mas a tropa de linha, a cavallaria, e finalmente todo o exercito fraternisa com o povo.

— D'onde se segue que não devemos contar comvosco, — replicou Martinez de la Rosa. — Á vossa vontade senhores, deixai consummar um sacrilegio já praticado em pensamento pelas ameaças de uma canalha sem lei nem fé; mas antes, ide dizer a essa canalha de quem sois mensageiros, que a Europa não deixará este crime impune, e que se não posso fallar aqui senão pela Hespanha que represento, a vingança da Hespanha será terrivel!

Então Pio IX, com a maior serenidade, declarou, que submetter-se ás condições impostas pelos revoltosos, seria o mesmo que abdicar, e que elle não tinha direito de o fazer.

Depois, com um gesto, despediu esses cobardes desertores.

A chegada dos emissarios com esta resposta acabou de exasperar a populaça. Tentaram pegar fogo a uma das portas do palacio, e sacudiam a grade para a deitar a terra. Vendo isto, os suissos formados por detraz julgaram que eram atacados, e um d'elles fez fogo atravez das grades. Os chefes dos amotinados não esperavam outra coisa:

«Traição! Ás armas! Atira-se sobre o povo! Viva a Republica! Morte aos padres! — vociferavam elles.

Depois fallaram em incendiar o Quirinal e a basilica de S. Pedro, e espalharam-se pelas casas á procura de armas e materias inflammaveis; mas emquanto esperavam, os chefes afastavam-se prudentemente da grade, porque os suissos podiam continuar a fazer fogo.

No entanto, a revolução não bramia sómente nas ruas pela boca da populaça. Na camara dos deputados, o principe de Canino, Carlos Bonaparte, obstou a que se enviasse ao Padre Santo uma mensagem, exprimindo-lhe o desgosto e pesar, pelo que se passára na vespera.

Apenas a multidão, intimidada pelo ar firme dos suissos, começava a dispersar, fazendo grandes alaridos, viu-se desembocar na praça do Quirinal, com os tambores e a musica á frente, e formar em ordem de batalha, a guarda nacional, cavallaria e tropa de linha, e a legião de voluntarios romanos.

Tanto o Papa como as pessoas que se achavam encerradas

com elle se julgaram livres; mas não era assim. Das fileiras da tropa, bem como do centro do povo, dos tectos das casas, e das torres proximas, começam a chover balas sobre o palacio.

Uma bala foi cair no aposento de Pio IX, outras quebraram as vidraças dos quartos proximos; e no meio d'este sobresalto ouve-se um grito de angustia: corre-se, e acha-se Monsenhor Palma, secretario das cartas latinas, ferido mortalmente e instantes depois era cadaver.

Annuncia-se uma terceira deputação, que d'esta vez se apresenta em nome do gorverno provisorio. Que governo provisorio é esse? Ninguem o sabe, apenas tem por delegado Galetti, antigo ministro do palacio no ministerio Mamiani. Dão oito horas, o deputado do governo provisorio exige uma resposta antes das nove. Manda-se entrar Galetti.

O Papa recebe-o sosinho no seu gabinete. D'esta longa entrevista não se sabe mais que o resultado; mas quando Galetti ao retirar-se passou debaixo das vistas dos embaixadores, parecia envergonhado da violenta missão que acabava de cumprir.

Pio IX, sempre socegado, mas profundamente triste, voltou-se para o corpo diplomatico e annunciou-lhe, que para poupar a Roma as ultimas extremidades, acceitára um ministerio composto de Sterbini, Galetti, Mamiani, Lunati, e outros personagens, uns desconhecidos, outros pouco recommendaveis. E accrescentou: — Senhores, eu estou aqui prisioneiro. Sabei, e fazei com que a Europa o saiba por vós, que de hoje em diante não tomo absolutamente nenhuma parte no governo, e que quero ficar estranho a todos os seus actos. E como tambem não quero que se abuse do meu nome, prohibi que se servissem das formulas costumadas no começo dos decretos administrativos.»

Os embaixadores retiraram-se cheios de negros presentimentos. Os gritos selvagens da democracia avinhada que acompanharam alguns atè suas casas, provava-lhe demasiadamente que a suspensão do governo de Pio IX seria tambem a suspensão do reinado das leis, e da segurança publica.

A 17 de novembro, a camara dos deputados propoz enviar ao Papa um voto de agradecimento; o principe de Canino oppõe-se a esta moção e fal-a regeitar.

Descontente por não ter entrado na lista dos membros do gabinete, Canino esforçava-se por se tornar bem saliente e dedicado á revolução, com o fim de se tornar um dia indispensavel. Foi elle que, auxiliado por Sterbini, foi participar aos suissos, cuja fidelidade conseguira suster a revolta durante o dia precedente, a ordem de sair do Quirinal, cedendo seu lugar á guarda civil. Estes bravos soldados afastaram-se estremecendo.

Obedeciam, não ás intimações do principe demagogo, mas aos desejos de Pio IX, que não os julgava em numero para resistir. Com effeito, que podiam setenta homens fieis, contra a deserção de todo um exercito? Os cidadãos pacificos, que eram ainda muitos, lamentavam vêr o Papa entregue á guarda civil, mas contentavam-se em gemer.

Aos terrores da população, accresceu ainda o vêr n'uma noite apparecer uma aurora boreal que illuminava Roma inteira.

Como pelo costume, procuravam-se presagios n'este metéoro, mas Canino foi quasi o unico que os achou favoraveis. Entrou nos salões da embaixada de França, esfregando as mãos, e dizendo:

— Viram o céu, senhores? É a purpura dos cardeaes que vae fugindo!

— Engana-se — replicou o duque de Harcourt — a côr do céu, é o aviso dos sanguinolentos dias que se vão passar em Roma.

Toda a gente pensava como o duque de Harcourt.

Entretanto, os novos ministros esquivaram-se a assentir aos desejos do Santo Padre, iliminando seu nome dos actos administrativos, e porisso, não só Pio IX corria perigo entre as mãos dos assassinos de Rossi, mas ainda sua presença podia transviar a opinião publica, e dar certo ar de authoridade aos Sterbini, e aos Caninos. Os seus conselheiros deliberaram então, que o Pontifice não podia ficar mais tempo em Roma.

A principio Pio IX aterrou-se imaginando as consequencias

que teria a sua partida para tantos amigos que deixava, e para toda a cidade. E depois, onde refugiar-se?[1] A Europa estava toda convulsionada. A França, apesar das hesitações do general Cavaignac, e das declamações do partido jacobino, gostosa offereceria a hospitalidade do castello de Avignon, ou outro qualquer ponto de seu territorio escolhido pelo Papa; e como prova, veja-se o que succedeu, quando o chefe do poder executivo annunciou a chegada de Pio IX. A assembléa nacional inteira applaudiu, pedindo que se suspendessem as sessões durante oito dias, para que grande parte de seus membros podesse ir esperar o Pontifice. Mas a França achava-se em plena revolução, ignorando-se ainda se o resultado da eleição da presidencia, marcada para o dia 10 do proximo dezembro, a não entregaria manietada ao socialismo.

Pio IX hesitava, quando um incidente em que julgou vêr um aviso do céu, decidiu a sua resolução.

Na tarde de 22 de novembro, recebeu de Monsenhor Chartrousse, bispo de Valence no Delphinado, um embrulho e a seguinte carta:

«Santissimo Padre.

«Durante as peregrinações de seu exilio em França, e sobre tudo em Valence, onde morreu, e onde repousam seu coração e suas entranhas, o grande Pio VI levava sempre, ou elle, ou um dos prelados seus familiares que o acompanhavam na car-

[1] Pio IX, n'uma allocução feita depois á nobresa romana, datada de 26 de dezembro de 1874, deu a respeito d'esta grave resolução as retrospectivas explicações que seguem:

«A principio a revolução nasceu timida na apparencia, obsequiosa e aduladora. Chegou mesmo a mostrar-se hypocrita, e a enganar muita gente honrada abusando de sua boa fé, e misturando-se com ella até aos pés dos altares; mas emquanto uns se nutriam do pão da vida, outros pelo contrario, enguliam sua propria condemnação. Elles pediram, e obtiveram tudo quanto rasoavelmente podia conceder-se-lhe. A cada concessão os revolucionarios applaudiam estrepitosamente; depois creavam novas pretenções, até ao ponto de reclamar um Papa *guerreiro e agressor*. Mas o Papa, que não queria, nem podia ser guerreiro, nem caminhar n'esse sentido, entendeu que devia afastar-se de Roma, levado a esta extremidade pelas horriveis ameaças que se aprestavam a pôr em execução.»

ruagem, a Santissima Eucharistia ao pescoço. N'este augusto sacramento hauria elle a luz que o guiava, força para supportar seus soffrimentos, e consolação para suas dôres, emquanto esperava que lhe servisse de viatico para a eternidade.

«Da fórma mais authentica, acho-me possuidor da pequena *pyxide* que serviu a tão religioso, tocante e memoravel uso, e ouso offerecel-o a Vossa Santidade. Herdeiro do nome, da cadeira, das virtudes, da coragem e quasi das tribulações do grande Pio VI, dareis talvez grande apreço a esta modesta e interessante reliquia que, assim o espero, não terá o mesmo destino. Todavia, quem conhece os designios de Deus, e as provas que sua Providencia prepara a Vossa Santidade?..... Rogo a Deus por Vôs, com amor e fé.

«Deixo ir a *pyxide* dentro da saquinha de seda em que a usou Pio VI, e absolutamente no mesmo estado, em que a trazia ao pescoço o immortal Pontifice.

«Conservo uma saudosa lembrança e um profundo reconhecimento das bondades com que Vossa Santidade me acolheu por occasião da minha viagem a Roma o anno passado. Digne-se ainda a accrescentar a ellas, vossa benção apostolica, que espero prostrado a vossos pés.»

Pio IX contemplou largo espaço a preciosa reliquia, e depois de a beijar com lagrimas, suspendeu-a piedosamente ao pescoço, entregando-se á Providencia, e resignando-se á vida errante de Pio VI.

Restava uma difficuldade, que não era a menor. Como enganar a zelosa vigilancia que o guardava á vista? Uma francesa, a condessa de Spaur, mulher do ministro plenipotenciario da Baviera, teve a coragem de tentar a empresa, de combinação com o marido, e com o embaixador de França.

Na noite de 24, o embaixador apresenta-se em grande equipagem no Quirinal, precedido de correios e archotes. Introduzido junto de S. Santidade como para uma recepção solemne, ajuda-o a despir seus trages brancos, trocando-os por um vestuario ordinario de padre; esconde-lhe os olhos com uns oculos esfumados, lança-lhe ás costas um farto capote, e d'este modo, por uma porta occulta, e atravez dos compridos corre-

dores do Conclave, pôde Pio IX escapar-se. No entanto, ficando só no gabinete, o embaixador finge lêr em voz alta, e fallar animadamente como n'uma discussão importante. Os carcereiros do Papa foram illudidos por este subterfugio ; não notaram que na tal discussão ouviam sempre a mesma voz. Afinal, o duque de Harcourt que tivera a prudencia de ir baixando gradualmente o tom, saiu devagarinho do quarto, e disse aos guardas que Pio IX acabava de deitar-se ; e logo que chegou ao palacio da embaixada, passou da sua carruagem de gala para outra de viagem, indo reunir-se ao fugitivo.

Durante este espaço tinha o Papa chegado á porta isolada das Quatro Fontes, apenas acompanhado por um domestico. Ali, esperava-o uma carruagem. Os soldados dirigiram-lhe algumas palavras sem o conhecerem, e deixaram-no passar.

— Adeus, senhor abbade, — disse-lhe o creado fechando a portinhola, depois de o ter installado sósinho na carruagem. Depois, os cavallos, guiados pelo conde de Spaur, tomaram a galope na direção de Albano, onde a condessa de Spaur, que tinha saido de Roma algumas horas antes, n'uma berlinda de viagem puxada a quatro, os esperava no valle de Aricia. No momento em que se lhe juntaram, uma patrulha de cinco carabineiros passava justamente n'essa occasião, e parou a vêr quem saía d'esta equipagem. Comprehendendo o perigo, a condessa exclamou immediatamente dirigindo-se a Pio IX.

— É o doutor? Quanto tempo me fez esperar!

Os carabineiros deixaram que o Papa se mudasse para a caleça, ajudando-o mesmo a levantar o estribo. Quando o Santo Padre tomou logar ao lado da condessa, o joven Maximiliano de Spaur sentou-se defronte d'elle, uma creada foi para o lado do cocheiro, e o conde com o seu lacaio, ambos bem armados, sentaram-se na trazeira, tomando a todo o trote o caminho de Terracina.

Não se ouvia mais que o rumor das rodas; o respeito immudecia os companheiros de Pio IX. Foi este que primeiro quebrou o silencio, dizendo como em resposta ao pensamento de todos:

— Socegae! Deus está comnosco. Levo commigo o Santissimo Sacramento.

Em Fondi, emquanto se descançavam os cavallos, um dos cocheiros disse para o seu camarada:

—Repara como este abbade se parece com o retrato do Papa que temos em nossa casa...

Quando o ouviu, Pio IX pensou em Luiz XVI preso em Montenédy quasi em identicas circumstancias; todavia, o cocheiro não insistiu, e fallou n'outra coisa.

Conta a condessa de Spaur, que em todo o transito, o Santo Padre não cessou de orar pelos seus perseguidores. Á saida de Terracina, pediu-me que o advertisse quando chegassemos ás fronteiras dos estados romanos, e do reino de Napoles. Quando ouviu de minha boca estas palavras: Eis-nos chegados, Santo Padre! chorou, e recitou o Te Deum.»

Passava-se isto pouco antes de romper o dia. Ás nove horas e meia chegámos ao ancoradouro de Gaêta, onde já se achava o cardeal Antonelli, e o primeiro secretario da embaixada de Hespanha.

De lá, o conde de Spaur tomou o caminho de Napoles encarregado de uma carta do Soberano Pontifice para o rei Fernando II.

Dizia n'ella Pio IX:

«Senhor, o momentaneo triumpho dos inimigos da Santa Sé e da religião, forçou-me bem a meu pesar a deixar Roma. Não sei sobre que ponto do globo, a vontade de Deus, á qual me submetto com toda a humildade da minha alma, conduzirá meus passos vacillantes. Na espectativa, refugiei-me com algumas pessoas fieis e dedicadas no reino de V. Magestade. Ignoro quaes as suas intenções a meu respeito, e na duvida, entendo dever asseverar a V. Magestade, por intermedio do conde de Spaur ministro da Baviera junto da Santa Sé, que estou prompto a deixar o territorio napolitano, caso a minha presença nos estados de V. Magestade dê causa a embaraços, ou differenças politicas.»

Chegando a Gaêta, que fica cinco milhas distante do molhe, Pio IX foi pedir hospitalidade ao palacio episcopal. Mas o bispo

achava-se n'essa occasião em Napoles á cabeceira de um irmão gravemente enfermo, e na sua ausencia, o creado recusou-se a receber os hospedes que se lhe apresentavam. Respondeu que não os conhecia, que um bispado não é hospedaria, e que procurassem abrigo n'outra parte. O augusto refugiado e seus companheiros viram-se reduzidos a ir bater á porta de uma pequena casa, chamada, a hospedaria do Jardineiro. Foi de lá que o Vigario de Jesus Christo dictou o seguinte protesto, dirigido a seus vassallos e a todo o universo:

«As violencias exercidas contra Nós nos ultimos dias, e a manifesta vontade de se abalançarem ainda a maiores excessos, constrangeram-n'os a separarmo-nos momentaneamente de Nossos subditos e Nossos filhos, que sempre temos amado, e continuaremos a amar.

«Entre os motivos que Nos determinaram esta auseucia (Deus sabe quanto ella é dolorosa para Nosso coração) o de maior importancia é gosar plena liberdade no exercicio do poder supremo da Santa Sé, exercicio que o universo catholico poderia e com rasão julgar, nas actuaes circumstancias, não ser já livre entre Nossas mãos... •

«Na ingratidão de Nossos filhos, reconhecemos que é a mão do Senhor que nos fere, e que quer fazer-nos expiar Nossos peccados e os do povo.

«Todavia, nós não podemos, sem trair nossos deveres, abstermo-nos de protestar solemnemente em presença de todos, como protestámos verbalmente diante do corpo diplomatico nos funestos dias 16 e 17, contra a inaudita e sacrilega violencia que Nos fizeram. Em consequencia do que, declaramos que todos os actos que se tem seguido são nullos, e de nenhum valor nem força legal...

«Entretanto, tendo a peito não deixar Roma e Nossos estados sem chefes, nomeámos uma commissão provisoria de governo, composta dos seguintes individuos: O cardeal Castracane, monsenhor Roberto-Roberti, o principe de Roviano, o principe Barberini, o marquez Bevilacqua de Bolonha, o marquez Ricci de Macerata, e o tenente general Zucchi. E da dita commissão, confiamos a direcção temporaria dos negocios publicos. Re-

commendamos socego, conservação e ordem, a todos os Nossos subditos.

«E finalmente, queremos e ordenamos que todos os dias se façam a Deus fervorosas preces por Nossa humilde pessoa, e pelo restabelecimento da paz em todo o mundo, e especialmente em Roma, onde estará sempre Nosso coração, qualquer que seja o aprisco que nos abrigue.

«E Nós, como é do dever do supremo sacerdocio, invocamos mui devotamente a soberana Mãe de misericordia, a Virgem immaculada, e os santos apostolos Pedro e Paulo, a fim de que, assim como Nós ardentemente o desejamos, a colera de Deus todo poderoso se afaste da cidade de Roma, e de todos os Nossos estados.»

N'este meio tempo, o conde de Spaur chegava a Napoles ao palacio da nunciatura. O nuncio, monsenhor Garibaldi, tinha passado a noite em casa de um amigo, e acabava de entrar. O conde pediu-lhe que o apresentasse immediatamente ao rei de Napoles; mas o nuncio replicou que era meia noite dada, e que a esta hora o rei sem duvida se achava recolhido. Então o conde tirou do bolso a carta sellada com as armas pontificias, e endereçada ao rei.

— Conhece esta lettra e este sello?

— Conheço: é a lettra e o sello de S. Santidade.

— É verdade. E é preciso, monsenhor, que eu proprio a entregue immediatamente.

— Iremos ámanhã, ao romper do dia — tornou o nuncio.

— Monsenhor, tenho ordens formaes; deve cumpril-as, custe o que custar, — redarguiu o conde com firmesa. E proseguiu:

— Em nome de S. Santidade, quer, sim ou não, conduzir-me á presença do rei?

Em vista de tal insistencia, comprehendeu o nuncio que se tratava de uma missão urgentissima.

O rei prevenido, recebeu logo o ministro de Baviera, o qual desculpando-se por se apresentar a tal hora, entregou a carta do Pontifice. Fernando II, depois de a ler, abraçou o conde, e respondeu:

— Volte d'aqui a seis horas: levará a resposta.

Quando seis horas depois o conde a foi procurar, o rei disse-lhe:

— Vamos leval-a ambos.

O rei passára a noite preparando tudo para a partida. Nenhuma pequena minudencia lhe pareceu inutil nem foi esquecida. Elle proprio assistiu a todos os preparativos. Encheram-se muitas malas de roupas brancas, e de fazendas proprias para sotainas. Emmalou-se a mais formosa baixela e os mais bellos adornos para alindar um aposento. Ao mesmo tempo, aqueciam-se por sua ordem as caldeiras de duas fragatas a vapor, o *Trancredo* e o *Roberto*, e embarcavam dois batalhões. Ás seis horas, o rei subia para bordo do *Trancredo*, acompanhado pela rainha, toda a familia real, ministro de Baviera, e um sequito numeroso, e logo depois o troar da artilheria annunciava a partida.

O duque de Harcourt chegava a Gaeta n'uma escuna franceza, quasi ao mesmo tempo que chegava a flotilha napolitana. Foi immediatamente saudar o rei no desembarque, e para que o incognito do Papa ainda não fosse descoberto, combinaram que se encontrariam todos no palacio do governador.

Advertido Pio IX, para lá se encaminhou.

Fernando II não pôde suster as lagrimas quando viu apparecer o chefe da Egreja despojado de todos os attributos de sua alta dignidade, quasi sozinho, com um bordão na mão, sempre socegado e sereno, e tão risonho debaixo do seu chapéu de tres bicos pretos como pouco antes debaixo de sua triplice corôa. A rainha ajoelhou na escada com seus filhos. Logo toda a côrte a imitou, e não se levantaram senão depois de ter recebido a benção do venerando hospede que o céu lhes enviava.

O rei fez todos os esforços para tornar agradavel a Pio IX a hospitalidade de Gaeta, mansão tranquilla e segura, visinha da fronteira romana, no centro de um povo fiel, e sob a guarda de um rochedo formidavelmente armado. Fernando II cedeu ao Papa o seu palacio, e elle e a familia real, installou-se n'uma casa proxima, d'onde todos os dias ia visital-o, e cear em companhia da rainha e de seus filhos á mesa pontificia. Foi

igualmente attencioso para com os cardeaes e outras pessoas da pequena côrte romana que pouco a pouco se vinham juntar ao Papa.

Sua generosidade provia ás necessidades de todos, com vigilancia e satisfação. N'uma palavra, este piedoso soberano, posto que seu reino fosse um dos estados mais mediocres da Europa, portou-se n'esta occasião como um grande rei.

Dois dias depois da sua chegada a Gaeta, indo Pio IX á visinha capella da Santissima Trindade, ahi fez em voz alta, diante do Santissimo Sacramento, em presença do rei, da côrte, dos cardeaes e embaixadores, a seguinte prece:

«Deus todo poderoso, meu augusto Pae e Senhor, aqui tendes a vossos pés, vosso muito indigno Vigario, supplicando-vos que abençoeis e dirijaes seus passos. Santificae suas intenções, ó meu Deus, ratificae seus actos, e disponde de tal maneira que, quer seja sobre esta praia, quer seja sobre outra onde elle deva ir procurar asylo, seja sempre instrumento de vossa gloria, e da gloria da vossa perseguida Egreja.

«Se para apasiguar vossa justa colera, sua vida póde ser um holocausto agradavel a vosso coração, tomae-a: elle vol-a offerece, e vol-a dedica. Tomae-a: não sois vós que lh'a déstes? Mas, ó meu Deus! fazei triumphar vossa gloria, fazei triumphar vossa Egreja! Consolae os bons, sustentae os fracos, e despertae de seu terrivel somno todos aquelles que dormem no peccado.

«Abençoae, Senhor, o soberano que aqui está prostrado diante de vós, abençoae sua companheira, abençoae toda a sua familia. Abençoae todos os seus vassallos, e todo o seu fiel exercito. E juntamente, abençoae com os cardeaes todo o episcopado e todo o clero, para que todos cumpram e encaminhem pelas doces veredas de vossa santa lei, a obra salutar da santificação dos povos. Com esta esperança, nós poderemos, não só escapar aqui embaixo, na peregrinação terrestre, ás ciladas dos impios, e ás insidias dos peccadores, mas esperamos tambem, pôr o pé na margem da segurança eterna: *Ut hic in aeternum, te auxiliante, salvi e liberi esse mereamur.*»

CAPITULO VIII

Pio IX em Gaeta.—A França e Roma

A fugida do Papa transtornou a revolução, e consternou o mundo. Os povos, os soberanos e os parlamentos conheceram então quanto a independencia pontifical é necessaria para segurança das almas, e que immenso vacuo deixa apoz de si esse poder temporal que tantas vezes julgaram enfadonho quando estava solido. Até nas regiões mais afastadas, os povos que acabavam de assistir com indifferença ao desabamento de tantos thronos, sentiram-se abalados. Em quanto se não fazia coisa melhor, começou-se protestando contra este abatimento, e pelo considerar como não succedido. Não foi sómente a França, Austria, Hespanha, Baviera, Portugal, Belgica e outras potencias catholicas, que sentiram a falta, mas os proprios hereticos e scismaticos: a Inglaterra, a Prussia e a Russia, que é certo contarem ainda em seu seio memorias catholicas importantes, deram ordem a seus representantes em Roma para seguir o Papa no exilio. Nunca a pequena cidade de Gaeta apresentara semelhante animação, nunca seu ancoradouro se tinha visto tão cheio de navios.

Em Roma, o pasmo e o terror da população foram domina-

dos pelo medo. Os clubs e o ministerio, depois de terem a principio mostrado a mais completa indifferença, julgaram que não podiam recusar á opinião publica algumas fingidas tentativas para chamar Pio IX; todavia o Papa recusou-se a receber a deputação, que lhe enviaram, em razão de ter nomeado uma commissão governativa, capaz de affrontar as eventualidades, e devendo portanto os romanos principiar por consentir na sua installação. Longe porém de se submetterem, os sediciosos crearam a 12 de dezembro uma junta do governo. Pio IX protestou de novo; o parlamento foi dissolvido pelos clubs; o municipio deu a sua demissão, e um despotismo sem freio pesou sobre a cidade eterna. Foi então que Sterbini, Canino e os seus correligionarios decretaram, a 29 de dezembro, a convocação de uma assembléa nacional do Estado romano. Pio IX julgou que para salvar sua alta responsabilidade, era tempo de usar de todo o seu poder; pelo que, no dia 1 de janeiro de 1849, feriu com excommunhão maior todos aquelles que cooperassem na formação d'esta assembléa, ou tomassem parte em actos contrarios á soberania temporal do Papa.

Os decretos do Pontifice foram por mãos fieis afixados em Roma, a despeito dos revolucionarios. As eleições para a Constituinte não deixaram de se fazer no dia 21 de janeiro, e as sociedades secretas recorreram a todos os meios, ameaças, promessas, festas, musicas, para impulsarem os eleitores. Com grande custo se arranjaram vinte mil votos em dois dias; e ainda grande numero d'esses votos levava o nome de Pio IX, outros de S. Pedro, ou dos membros da commissão instituida pelo Papa. Que importa porém a authoridades verdadeiramente facciosas ser ou não ser o voto a expressão sincera da consciencia das populações?

Desde a primeira sessão, os novos deputados lavraram na ordem do dia a destituição de Pio IX. Sterbini, que, apesar da fuga do soberano que o nomeara ministro, conservava a pasta, apoiou a moção como era de esperar; e o conde Mamiani pelo contrario combateu-a valentemente mostrando uma dignidade á altura do seu caracter; pois preferiu retirar-se do governo antes do que consentir ou apoiar as suas exigencias. Rarissimo

exemplo! Aquelle que foi o unico que recusou prestar o juramento requerido por Pio IX aos amnistiados, foi o unico a defendel-o, e os que o tinham prestado com mais fervor eram os mesmos que depois se gloriavam de o trahir! Todavia, o poder dos clubs não tinha quem lhe oppozesse obstaculos, sobretudo no momento em que se sentiam reforçados com a presença d'aquelle que até esse dia só os tinha dirigido de longe. Mamiani, o chefe da *Joven Italia*, appareceu de repente em Roma, tornando-se immediatamente senhor da situação.

Na noite de 8 para 9 de fevereiro, a Constituinte decretou o que segue:

Artigo 1.º O Papa está deposto de facto e de direito do governo temporal do Estado romano.

Art. 2.º O Pontifice romano terá todas as garantias da independencia necessaria para o exercicio de seu poder espiritual.

«*Art. 3.º* A forma do governo do Estado romano será a democracia pura, e tomará o glorioso nome de *Republica romana.*»

Com tanto que se dê a verdadeira interpretação ao referido artigo, que não passa de mentira provisoria, e significa justamente o contrario do que diz: tem-se n'estes tres artigos consubstanciado o programma completo da resolução italiana. Era este o fim a que aspiravam as sociedades secretas, quando cubriam Pio IX com hypocritas ovações. N'uma sessão da Constituinte romana, 6 de março de 1849, Mazzini commetteu a imprudencia de vangloriar-se do successo, tentando realisar integralmente o programma. Debalde Victor Manuel, tomando os dois primeiros artigos á conta de sua ambição pessoal, se lisonjeará de poder pôr de parte o terceiro; a revolução se encarregará de mostrar a Victor Manuel e a seus descendentes, que é mais forte do que elles, e ao mesmo tempo mais logica.

A Republica foi saudada com a apparição do boné phrygio nas ruas, e por toda a casta de phrases emphaticas familiares á eloquencia demagogica. «Ella é virgem e não sanguinaria» declarava um de seus auctores, esquecendo-se ao cabo de algumas semanas, do sangue dos Ximenes, dos Rossi, e dos Palma: «A revolução está virgem de sangue.»

O ministro da guerra bradava: «Cidadãos, tornais a ser os romanos da antiguidade. Em qualquer parte que fluctuar vossa bandeira, a sombra de Bruto estremecerá, e a pupilla de Mario terá lampejos!»

No entanto estas recordações não bastavam para galvanisar cadaveres, nem phrases, eram sufficientes para mudar em realidade uma ridicula parodia. Emquanto os declamadores fallavam de fundir os sinos das egrejas para a artilheria, e não encontravam força real senão contra as propriedades ecclesiasticas, das quaes tinham decretado a confiscação, e contra os padres de S. Vicente de Paula, e as irmãs do Bom Pastor e outros religiosos e religiosas que expulsavam de seus conventos, o Pontifice expatriado protestava a 14 de fevereiro, perante os cardeaes e os representantes das potencias estrangeiras:

«... O decreto da pretendida assembléa Constituinte em que proclama a abolição do papado, substituindo-o por uma Republica romana, força-nos a levantar de novo a voz contra um acto que se apresenta á face do mundo com todos os caracteristicos da injustiça, da ingratidão, loucura e impiedade... Denunciamos por tanto, da maneira mais formal, a nullidade do acto, como já antes o fizemos a respeito d'aquelles que o antecederam. Senhores, fostes testemunhas dos factos praticados nos sempre memoraveis dias de 15 e 16 de novembro passado, e juntamente comnosco os tendes condemnado e deplorado. N'esses dias funestos, fortificastes nosso espirito; seguistes-nos a esta terra onde nos guiou a mão de Deus, que exalta e humilha, mas nunca abandona o homem que confia n'elle. Ainda n'este momento, rodeais-nos com uma nobre dedicação, e por esse motivo, Nós voltamo-nos para vós, afim de que façais bem scientes a vossos corações e a vossos governos, de nossos sentimentos e protestos.

«... Nós exprimimos aqui, as lastimas, e as supplicas da maioria de nossos vasallos, que pedem para ver quebrar as cadeias com que as esmaga uma facção. Pedimos tambem ao mesmo tempo, que se mantenha á Santa Sé o sagrado direito do dominio temporal, de que é, depois de tantos seculos, legitima possuidora e universalmente reconhecida, direito, que na

ordem presente da Providencia, é indispensavel para praticar o livre exercicio do apostolado catholico de esta Santa Sé.

O vivo interesse que todo o mundo tem mostrado em favor de nossa causa, prova exuberantemente, que esta é a causa da justiça, e é por essa rasão que não ousamos duvidar que será recebida com toda a simpathia e plena benevolencia, pelas nações de que sois representantes.»

A confiança de Pio IX não era illusoria. Já a iniciativa secreta, adiantando-se aos soccorros officiaes, fundara em França a formosa instituição do *Dinheiro de S. Pedro*, que em seguida se espalhou por todo o mundo.

Para não fallar senão da França, para a qual todos os olhos se voltavam, porque estava n'um d'esses momentos de grandiosa inspiração, em que as paixões e as rivalidades mesquinhas se calam, e em que admirada ella mesma por se achar a filha primogenita da Egreja, e sentindo a necessidade de escrever uma nova pagina da historia da religião e da humanidade, entrega sua espada na mão de Deus: *Gestu Dei per Francos.*

A opinião publica estava tão pronunciada, era tão imperiosa, que os dois candidatos á presidencia na proxima eleição, não hesitaram nem um nem outro, para se apressarem em desligar-se dos jornaes e das sociedades secretas. O general Cavaignac, chefe d'aquelle partido republicano do qual, salvo raras excepções, o odio á religião é ainda mais ardente que ao throno, enviara a Roma, depois de 27 de novembro, não um filho de Voltaire, mas um catholico, M. de Corcelles, pondo á sua disposição uma brigada de 3:500 homens, e encarregando-o «de intervir, em nome da republica franceza, fazendo com que Sua Santidade gozasse toda a liberdade pessoal, caso estivesse privado d'ella.» É verdade que seu ministro dos negocios estrangeiros, M. Bastide, insistia n'estas palavras de «segurança pessoal do Papa» e não admittia que a protecção passasse além. Mas a França repetia estas subtilezas, e applaudia as nobres expressões de M. de Montalembert, na sessão de 30 de novembro de 1848: «A pessoa do Papa é-nos infinitamente cara e sagrada; mas, mais cara e mais sagrada ainda nós é a sua auctoridade.» Passados tres dias, o general Cavaignac dirigiu-se

a Pio IX, e publicou a seguinte carta, onde já não transpiram as reservas de M. Bastide:

«Paris, 3 de dezembro de 1848.

«Santissimo Padre

«A nação franceza, profundamente magoada pelas amarguras que cercam Vossa Santidade n'estes ultimos dias, tambem profundamente se commoveu com o sentimento de confiança paternal que levou Vossa Santidade a pedir-lhe momentaneamente uma hospitalidade que ella com orgulho e satisfação vos assegura, e saberá tornar digna de Vossa Santidade e d'ella.

«Dirijo-me a Vossa Santidade para que nenhum sentimento de inquietação, nenhum receio infundado haja de alterar a primeira resolução formada por Sua Santidade.

«A Republica, cuja existencia é já consagrada pela vontade reflexiva, perseverante e soberana da nação franceza verá com orgulho dar V. Santidade ao mundo o espectaculo d'esta consagração toda religiosa, qual lh'a promette vossa presença, e ella vos acolherá com o respeito e dignidade competentes a esta grande e generosa nação.

«Sinto a necessidade de dar a V. Santidade esta certeza, e faço votos para que ella lhe chegue sem demora.

«E n'estes sentimentos, sou, Santissimo Padre, vosso filho respeitador

«*General Cavaignac.*»

O Santo Padre respondeu ao general Cavaignac:

«Senhor general.

«Por intervenção de M. de Corcelles, dirigi-vos uma carta no intento de exprimir á França os meus sentimentos paternaes e extremado reconhecimento. Este reconhecimento augmenta cada vez mais em vista da nova prova que acabais de dar-me, senhor general, enviando-me em vosso nome e em nome da França,

um de vossos ajudantes de campo com uma carta em que me offereceis haspitalidade, n'uma terra que foi e continua a ser, fertil em espiritos eminentemente dedicados á Santa Sé. É n'este ponto, que a minha alma sente a necessidade de asseverar de novamente, que não faltará occasião opportuna, em que possa espalhar por minhas proprias mãos as bençãos apostolicas sobre a grande e magnanima nação franceza.

«Se aprouve á Providencia Divina conduzir-me por veredas desconhecidas ao logar onde momentaneamente me acho, sem idéa antecipada nem premeditação, isto não impede que mesmo d'aqui, me prostre diante de Deus, de quem sou indigno Vigario na terra, supplicando-lhe que abençôe e faça descer sua divina graça, sobre vós e toda a França.

«Dada em Gaeta, a 10 de dezembro de 1848.

«Pio P.P. IX.»

A carta do general Cavaignac era habilmente escripta, mas com o receio de desgostar os jacobinos dando com isso probabilidades favoraveis a M. Raspail, o candidato socialista, evitava comtudo pronunciar-se abertamente em favor da soberania temporal de Pio IX, e esta calculada lacuna, deixava os catholicos indecisos e pouco socegados. O principe Luiz Napoleão, outra esphinge, que o procedimento de seu tio para com Pio VII, e seus proprios antecedentes de 1832 pareciam não indicar como um futuro campeão do papado, entendeu que seu rival se adiantava pouco, ou ia longe de mais. Elle mesmo ficaria satisfeito por ficar na sombra, para melhor jogar com todos os partidos; e o que o faz suppôr, é ter-se abstido de dar o seu voto a respeito da missão que fechou os debates de M. Corcelles; e sobre tudo, por uma carta pouco a proposito dirigida por elle aos jornaes, a 2 de dezembro, explicando as razões que o levaram a não votar. N'ella reprovava a expedição romana, mas ao mesmo tempo tinha o cuidado de disfarçar a affronta, dizendo ao nuncio do Papa, que lhe parecia insufficiente esta intervenção, e que desejava mas era, a integral soberania do pontifice.

Todavia, em presença da perplexidade do sentimento catho-

lico, e do poder d'esse sentimento, não hesitou mais. A 9 de dezembro, vespera da eleição, mandou publicar uma carta dirigida ao nuncio, e sem data.

«Monsenhor.

«Não quero que acrediteis os boatos que correm a meu respeito, fazendo-me cumplice no procedimento do principe de Canino em Roma. Ha muito tempo que não tenho relações de ordem alguma com o filho mais velho de Luciano Bonaparte, e lamento de todo o coração que elle não comprehenda que o sustentaculo da soberania temporal do veneravel chefe da Egreja está intimamente ligado ao esplendor do catholicismo, tanto como á liberdade e á independencia da Italia.

«Recebei, Monsenhor, os protestos da minha maior consideração.

«Luiz Napoleão Bonaparte.»

O mais explicito dos dois concorrentes foi o mais habil. Sem duvida que o prestigio da legenda napoleonica, as canções de Béranger, os enthusiasmos historicos de M. Thiers, as declamações poeticas de Victor Hugo influiram muito no resultado; recordamo-nos de ter visto soldados velhos, e mesmo artistas e paisanos, votar enthusiasmados ao grito de «Viva Napoleão!» sem mesmo saberem se se tratava do captivo de Santa-Helena, ou de seu sobrinho. Mas o que tambem nos lembra, é que ainda na vespera da eleição, a maioria dos eleitores estava ainda indecisa; e as pessoas entendidas que, pensando nas aventuras das Romagnes, de Strasburg e de Bolonhã, parece que presentiam já as de Italia, do Mexico, e da Prussia, e perguntavam a si proprias, se o dissipador que devorara dois ou tres patrimonios estava no caso de poder gerir prudentemente os negocios publicos; e no entretanto, sabios e conservadores foram pouco a pouco unanimes no ultimo momento, e não se póde fazer idèa do assombro geral quando se soube que Luiz Napoleão obtivera tantos votos, e Cavaignac tão poucos.

O historiador deve demorar-se um pouco tratando d'esta fi-

gura complexa, por tanto tempo desconhecida, e que tão fatal foi para a França e para o papado!

Natureza a um tempo fleugmatica e chimerica, o filho da rainha Hortencia não tinha nada das maneiras vivas e expansivas da raça franceza, nem o sentido pratico e positivo das raças do Norte, ás quaes parecia ligar-se melhor. Debaixo de uma sobriedade de palavras que era tomada por sabedoria, debaixo de uma apparencia de decisão e firmeza que illudiu em quanto foi acompanhada de felicidade, Luiz Napoleão escondia o caracter mais irresoluto, e o mais contradictorio. Levado pela fortuna e pela habilidade de alguns amigos completamente desprovidos de escrupulos mas não de audacia, á altura da gloria e do poder, de que desceu por sua causa, não foi destituido de virtudes, mas virtudes privadas. Foi generoso para com todos aquelles que se lhe aproximavam, prodigo de seus haveres tanto como dos dinheiros publicos; protegeu a industria, foi respeitoso; pelo menos apparentemente com a religião; cuidadoso no bem estar material do seu povo; mas o sentimento da justiça e da boa fé era-lhe tão estranho em politica, como familiar em seu procedimento para com aquelles que o rodeavam, e o habito de conspirar contrahido desde a infancia foi n'elle incuravel. Quando não pôde mais conspirar como pretendente, conspirou contra a politica official de seus ministros, conspirou contra si proprio, e acabou por ser victima d'esta duplicidade, no dia em que encontrou conspirador mais manhoso—ou mais feliz do que elle. Se a historia, como o tem feito á maior parte de seus predecessores, deve um dia accrescentar um epitheto a seu nome, o que melhor lhe assentará é, «Napoleão o dissimulado» ou «Napoleão o conspirador».

Se este retrato parece um pouco exagerado, é porque se não conhece d'este desmoralisador reinado, senão os documentos que se publicaram em quanto elle durou. Os posteriores successos, na questão romana, de mais nos justificarão. Deus nos livre de calumniar ninguem, mas ha contra certos homens, alguma cousa de mais terrivel ainda que a calumnia, é a verdade, e nós havemos de dizer tudo quanto fôr verdade.

Nos primeiros dias de 1849, a França possuia um governo

que devia a sua posição á promessa de estabelecer o poder temporal do Papa. Em verdade, esta promessa não era sincera, senão da parte de um dos ministros, M. de Falloux; os outros tratavam mas era de fugir do assumpto, se é que secretamente o não hostilisavam, apoiando-se na quasi unanimidade dos jornaes, e nos oradores democratas de mais nomeada, taes como: Victor Hugo, Ledru-Rollin, Jules Fabre, e Michel de Bourges. Mas apesar d'isso, M. Falloux tinha a seu favor, afóra a sua energia e destreza pessoal, a insinuante eloquencia de M. de Montalembert, e a estreita união do partido catholico; tinha sobre tudo o coração da França, e finalmente, o despeito e os odios dos clubs, e das pendencias dos politicos, e a republica assombrada continuava a grande tradição de Carlos Magno e de S. Luiz.

Todavia, a parte que a França tomou n'esta empreza foi bastante grande para que se lhe attribua toda a gloria d'ella. A Hespanha é que n'uma nota diplomatica, de 21 de dezembro de 1848, foi a primeira a pronunciar a palavra de intervenção de armas. Dizia ella: «Não se trata agora de proteger unicamente a liberdade do Papa, mas de restabelecer sua auctoridade de uma maneira solida e duradoura, e defendel-a de todas as aggressões. A soberania pontifical é por tal maneira importante para os estados christãos, que não póde abandonar-se ao arbitrio de uma pequena parte do mundo catholico, tal como os estados romanos.»

A 18 de abril de 1849, o cardeal Antonelli sollicitou formalmente, em nome de Pio IX, o soccorro da França, Austria, Hespanha, e outras nações catholicas. Responderam todas a este reclamo, á excepção do Piemonte, que se achava encaminhado para outra vereda, e a 30 de março reuniram-se em Gaeta os plenipotenciarios.

Pio IX, que sentira sempre certa inclinação pela França, e uma especie de repulsão instinctiva de italiano contra a Austria, desejava muito não dever sómente o seu restabelecimento a esta ultima nação. A 14 de agosto, já antes da fugida para Gaeta, escrevera elle por seu proprio punho n'este sentido, ao general Cavaignac. A sua côrte, porém, que nem sempre pensava como

elle, respeito á opportunidade de subtrahir-se á pressão do gabinete de Vienna, da melhor vontade dispensaria os soccorros esperados de Paris. Mas Pio IX, nas suas entrevistas com M. Rayneval, embaixador de França, não cessava de insistir em que o governo francez tomasse a iniciativa.

Na conferencia de Gaeta, combinou-se que a Austria se encarregaria das Romagnes, e o rei de Napoles do meio dia do estado pontifical. A Hespanha offereceu-se para investir Roma; mas como era a tarefa mais difficil e a unica perigosa, a França reclamou-a para si a titulo de filha primogenita da egreja.

A execução caminhou tão apressadamente como a decisão. A 25 de abril, uma armada franceza, commandada pelo general Oudinot, duque de Reggio, desembarcava sem difficuldade em Civita-Vechia dirigindo-se para Roma.

N'este meio tempo, que se passaria n'essa cidade? Desde 23 de março obedecia ella a um triumvirato composto de um antigo conselheiro pontificio, chamado Armellini, ao advogado Saffi, e de Mazzini, o grande agitador. Mas este triumvirato nominal era uma verdadeira dictadura nas mãos de Mazzini. Com a aproximação do perigo o triumvirato multiplicou os decretos e os comicios: comicios de defeza, comicios de administração publica, e comicios de oradores encarregados de insuflar o fogo patriotico das esquinas de cada rua; mas o que elles não podiam multiplicar era o esforço nem o numero dos adherentes sinceros e dedicados á revolução. As sympathias pelo Papa e pela França, eram tão salientes até nas fileiras da propria guarda nacional, que Mazzini teve de mandar desarmar muitos batalhões. Com effeito, a armada franceza entraria em Roma sem desfechar um tiro, se na madrugada do dia 27 se não apresentasse a suas portas Garibaldi, um aventureiro nicense, á frente de mil e quinhentos homens estrangeiros como elle, e de diversas nações. Eram italianos do norte, francezes, hungaros, polacos, e quasi todos fazendo parte dos heroes que depois de um anno figuravam nas barricadas levantadas em todas as capitaes da Europa.

Com a sua entrada em Roma, reorganisou-se uma seria defeza, mas ao mesmo tempo redobraram os terrores causados

pela rapinagem. As egrejas foram saqueadas, os confessionarios queimados na praça *do Populo*, as casas dos cardeaes e dos mais abastados cidadãos assaltadas. Um d'estes homens, chamado Zambianchi, chefe dos despachantes da alfandega, estabeleceu-se na egreja de S. Calisto, dizendo-se o executor da alta justiça da republica. No numero de suas victimas entrou o virtuoso cura da Minerva. Dezesete padres foram massacrados por Zambianchi, sendo quatorze d'estes, n'um só dia! Seus cadaveres foram encontrados n'um fosso aberto no angulo do jardim dos Benedictinos, perto de Janiculo, uma das sete colinas de Roma. E nunca Mazzini nem Garibaldi se lembraram de pôr termo ás façanhas dos assassinos.

Mal informado, ou ignorando completamente as novas disposições em que se achava a cidade com o reforço dos Garibaldinos, o general francez pensou que devia apresentar-se no dia 30 de abril diante da porta Cavallegieri com menos de 4,000 homens e sem esperar a artilheria; mas em lugar do acolhimento promettido não recebeu senão metralha, que o forçou á retirada. Ao mesmo tempo, as tropas Romanas, tendo saido pela porta de S. Pancracio, acenavam com lenços brancos, gritando: «Acabe o fogo, está feita a paz; os que eram ainda esta manhã inimigos, são de tarde irmãos!» Duzentos e cincoenta francezes acreditaram n'estas demonstrações de amisade e seguiram os Romanos á cidade; apenas, porém, lá entraram foram desarmados. Dois d'elles foram em seguida feridos, e um terceiro foi morto de um tiro na rua.

Esta pequena victoria, ganha á custa de uma traição, fanatisou os sitiados: imaginaram-se invenciveis a coberto de suas muralhas, e com mais rasão por que eram 28.000 contra 25.000 assaltantes. Oudinot ficou quatro semanas sem fazer a menor tentativa. Todavia, a inacção do general francez procedia de causas politicas, e não militares. Prestes a dissolver-se, a Assembléa nacional não receiou de marcar o seu derradeiro dia dando um voto de desapprovação contra a marcha do exercito francez sobre Roma. Melhor inspirado, o principe presidente declarava ao mesmo tempo, que a honra da França se achava empenhada n'essa questão, e não devia recuar depois de uma der-

rota. Ouvindo-o, os montanhezes da assemblea accusaram-no; e o principe Jeronymo Napoleão, futuro e eventual herdeiro do imperio, votou ostensivelmente com elles contra seu primo. Mas o general La-Moricière, presidente da commissão nomeada para receber as explicações do ministerio, fez regeitar a moção dos montanhezes, posto que elle proprio no antecedente escrutinio tivesse votado contra a inepcia com que se entrára na contenda. Respeito ás questões em que a religião se achava empenhada, La Moricière não fazia por emquanto senão entrever os clarões que a solidão e a meditação deviam mais tarde operar no seu espirito.

Aterrado com o risco em que estivera seu poder no centro da Assemblea, o principe presidente volveu á politica equilibrista que tão bem se coadunava com seu caracter.

Compromettido havia pouco tempo com os catholicos de França, e igualmente, e depois de muito com os conspiradores italianos, lisonjeava-se de agradar a todos os partidos e de não aborrecer a ninguem. Juntamente com os soccorros necessarios, enviou elle ao general em chefe um negociador civil, M. Ferdinand de Lesseps, como interprete dos sentimentos intimos do governo. Desde a sua chegada, este diplomata ambiguo portou-se de maneira a deixar em duvida, se era mais amigo dos sitiantes se dos cercados.

O seu primeiro passo foi assignar um armisticio que deu a Garibaldi a liberdade de ir surprehender e atacar em Velletri os Napolitanos, que estavam bem longe de o imaginar. Depois, não deixou desembarcar o commissario nomeado pelo Papa para tomar posse de Civita-Vecchia, e a final suas calculadas fraquezas levaram-no a uma convenção em que reconhecia formalmente o triumvirato romano, e renunciava á ingerencia nos negocios da republica mazziniense.

M. de Lesseps ousou mesmo apresentar este documento á assignatura de Oudinot, já assignado pelo triumvirato, mas o leal soldado repelliu-o indignado. Felizmente, a Assembléa legislativa mais igual que a Constituinte, deu razão ao general contra o diplomata. A decisão, porém, só teve logar depois d'essas tergiversações indignas de um grande povo.

No 1.º de Junho, foram tomadas á força das armas as *villas* Pamphili e Orsini, situadas no monte Janiculo, apesar da admiravel defeza dos voluntarios lombardos. Em seguida, foi tomada a igreja de S. Pancracio defendida em pessoa por Garibaldi, e pelas suas melhores tropas.

O coração de Pio IX comprimia-se dolorosamente com estas inevitaveis violencias. Supplicou aos francezes que poupassem quanto fosse possivel os habitantes e os monumentos da cidade eterna. O desejo de satisfazer esse voto paternal, foi para o general Vaillaut, que commandava a engenharia, causa de difficuldades, mas empregou tal diligencia; de maneira, que nem um tiro de peça se deu, a não ser contra os torreões. Finalmente, no dia 29, dia de S. Pedro e S. Paulo, julgou-se a brecha praticavel, penetrando os francezes no recinto das muralhas, e sustentando se alli não obstante as desesperadas tentativas do inimigo.

Os triumviros teriam podido defender-se ainda mais alguns dias d'além do Tibre, mas o final da lucta já não era duvidoso. Pediram então uma suspensão de armas e depois, a 3 de julho, Mazzini esquivou-se pela fuga á terrivel responsabilidade que assumira, e Garibaldi, com o intuito, dizia elle, de ir soccorrer Veneza, levou para o Adriatico suas hordes em debandada, as quaes foram pouco a pouco diminuido, até que o deixaram fugir só.

A entrada dos vencedores em Roma foi um verdadeiro triumpho. Sobre todos, os Transteverinos foram recebidos como libertadores. Logo que Oudinot se achou incontestavel possuidor da cidade, enviou as chaves a Pio IX, encarregando d'esta honrosa missão o coronel Niel, chefe de estado maior do general Vaillaut.

Pio IX escutou commovido a narração das fadigas do cerco, e a descripção das ruinas acumuladas, feitas contra o costume pelos proprios sitiados.

—Coronel—exclamou o Pontifice—já o tenho dito em outras occasiões, é com a França que eu sempre contei. A França nada me tinha promettido, mas eu sabia que no momento opportuno, ella daria á Igreja seus thesouros, seu sangue, e o que é talvez mais glorioso para seus valorosos filhos, essa coragem

prudencial, e essa perseverante paciencia a que devo que se me conservasse intacta a minha cidade de Roma; esse thesouro do mundo, esta cidade tão amada, e que tanto tem soffrido, e para a qual, do meu exilio os meus olhos continuadamente se voltavam! Dizei ao general em chefe, e a todos os generaes do exercito, a todos os officiaes, bem como a todos os soldados, que o meu reconhecimento é sem limites. As minhas preces pela prosperidade de vossa patria serão cada vez mais fervorosas. Quanto ao meu amor pelos francezes, não posso prometter que se torne mais vivo e ardente: é impossivel. Quanto a vós, coronel, como poderei demonstrar-vos a minha particular estima?

O coronel respondeu que todos os seus desejos seriam satisfeitos se o Santo Padre se dignasse conceder-lhe uma lembrança qualquer, para elle e sua esposa. O Papa volveu logo com graciosa benevolencia, apresentando ao coronel um magnifico rosario:

—Aqui tem, para a esposa christã. E aqui está—accrescentou elle condecorando o coronel com a cruz de commendador da ordem de S. Gregorio—para o valente soldado.

Niel foi portador de uma carta autographa de Pio IX para o general Oudinot.

Tudo parecia acabado com a queda do governo rebelde. Os romanos que se achavam livres esperavam ver de um dia para o outro seu paternal e adorado soberano; mas com o que elles não contavam era com as contradicções inherentes á politica de Luiz Napoleão, todas as vezes que se tratava do papado. Posto que a Assemblea legislativa mandasse felicitar o general Oudinot, o governo francez, longe de o recompensar, como era de suppôr, chamou-o e substituiu-o segundo a escala do exercito, pelo general Rostolan. Dois dias depois, a 18 de agosto, o principe presidente dirigiu a um dos seus ajudantes de ordens, o tenente coronel Edgard Ney, uma carta que em sua contextura não é senão uma confidencia, mas que a sua publicação no *Monitor* e a ida de M. Edgard Ney a Roma se tornou n'um manifesto politico. Dizia Luiz Napoleão:

«Meu querido Ney, a Republica franceza não enviou uma armada a Roma, para abafar a liberdade italiana, antes pelo con-

trario para a regularisar, preservando-a de seus proprios excessos, e para ao mesmo tempo lhe dar uma base solida sentando sobre o throno pontifical o principe que primeiro se collocou ousadamente á frente de todas as reformas uteis.

«Soube com pesar que as benevolas intenções do Santo Padre, e mesmo a nossa intervenção, de nada serviram em confronto com as paixões e as influencias hostis. Quereriam antes dar como base para a entrada do Papa, a proscripção e a tyrania. Dizei da minha parte ao general Rostalan, que não deve consentir que á sombra da bandeira tricolor, se commettam actos que possam desfigurar o caracter da nossa intervenção.

«Eu resumo d'este modo o restabelecimento do poder temporal do Papa: *Amnistia geral, administração secular, Codigo Napoleão, e governo liberal.*

«Lendo a proclamação dos tres cardeaes, fiquei profundamente magoado, por ver que nem sequer se menciona a França, nem os soffrimentos de seus bravos soldados.

«Todo o insulto feito á nossa bandeira ou ao nosso uniforme me vai direito ao coração; rogo-vos, por tanto, de fazer saber que, se a França não vende seus serviços, exige pelo menos que sejam gratos a seus sacrificios e á sua abnegação.

«Quando os nossos exercitos deram uma volta na Europa, deixaram por toda a parte, como um traço da sua passagem, a destruição dos abusos feudaes, e os germens da liberdade; não se dirá pois agora, que em 1849, uma armada franceza se portou de outra maneira, e deu causa a outros resultados.

«Dizei ao general que agradeça em meu nome a todo o exercito o seu nobre proceder. Soube com desgosto que mesmo physicamente, o exercito não é tratado como devia; e nada se deve descurar para aquartelar convenientemente as nossas tropas.

«Acceitai, meu querido Ney, os protestos da minha sincera amisade.

«Luiz Napoleão Bonaparte.»

Esta carta foi um balsamo tanto para as cicatrizes do partido republicano, como para as causadas pela ambição piemonteza, que acabava de ser esmagada na batalha de Novara, a qual

vendo-se forçada a nada tentar do lado da Austria, não renunciava comtudo a novas emprezas pelo lado da Igreja. Quanto ao primeiro, mostrou logo o que o futuro se encarregou de confirmar depois, isto é, que a restauracão da independencia temporal do Papa, era menos um acto espontaneo de Luiz Napoleão, que uma necessidade imposta pela nação.

Ponhámos porém de parte a phraseologia banal a respeito do papel de libertador dos exercitos do primeiro imperio, bem como certos calculos pouco desinteressados nas sympathias exprimidas pelas tropas na expedição de Roma. O ingrato esquecimento da França censurando aos tres cardeaes que foram encarregados por Pio IX de restabelecer as authoridades pontificaes nos estados romanos, era uma pura calumnia; na sua proclamação fallava-se «dos braços invenciveis e gloriosos das armadas catholicas»; unicamente se não personificava ninguem para agradecer juntamente a todos, por que não se podia esquecer que se a França teve a parte principal na intervenção, a Hespanha fôra a da iniciativa, e tinha mesmo chegado a mandar um exercito para Gaeta; Napoles cooperara com as armas, e a Austria tinha entregado ao Santo Padre as legações muito antes que a França, embaraçada pelas subtilezas de Luiz Napoleão e de seu fidelissimo mensageiro M. de Lesseps, tivesse podido entregar-lhe a capital. Quanto ás imputações de «proscripção e tyrania» feitas por um homem que meditava o golpe de estado, e as commissões mixtas de dezembro de 1851, são erroneas e odiosas.

Bastava ter vivido alguns mezes em Roma, para julgar os acontecimentos mui diversamente do que se imaginava em Paris. O general Rostolan, reconheceu immediatamente esta verdade, e não só elle, como todos os generaes e embaixadores, que em seguida, foram enviados á Santa Sé. Aos olhos do general, a publicação da carta a M. Edgard Ney era perigosa, tanto para a armada franceza como para o governo que recentemente se restaurara. Recusou portanto formalmente a este singularissimo medianeiro authorisação para imprimir esse documento extraconstitucional, intimando-o a que se retirasse o mais breve possivel para Paris.

Luiz Napoleão respondeu ao general Rostolan por uma ordem positiva para fazer publicar a carta nos jornaes de Roma. Em vista do que, o general pediu a sua demissão, e não quiz conservar-se apesar das instancias do ministerio, que declinava a responsabilidade do escripto pelo não ter assignado. M. de Courcelles imitou este corajoso acto retirando-se igualmente.

Pio IX não era já um homem que podesse soffrer uma pressão moral. A não entrar em sua casa independente, preferia e declarou que estava prompto a retirar-se para a America, cujos caminhos já conhecia, ou então, a procurar abrigo na Austria. E na expectativa, mostrou que saberia tomar expontaneamente todas as medidas uteis e necessarias. A exaltação dos animos se não permittia que se desarmasse completamente o poder, tambem não mostrava um esquecimento completo do passado: tres padres foram apunhalados nas ruas unicamente por terem indicado o caminho a soldados francezes. Todavia, a amnistia sempre foi publicada com todas as franquias possiveis, e a 14 de setembro, um *Motu proprio* de Pio IX deu a saber a marcha que tencionava seguir completando a reforma da legislação civil, admittindo os seculares na maior parte dos postos administrativos, e assegurando aos Estados pontificios liberdades provinciaes e communaes mais consideraveis do que mesmo aquellas que gosava a França no regimen da republica.

Os ministros de Luiz Napoleão não ousaram declaradamente applaudir, nem desapprovar a desastrada carta a Edgard Ney; mas a maioria da Assemblea legislativa não hesitou em reproval-a. Ouviram-se então na tribuna franceza memoraveis debates e discursos, talvez os mais grandiosos e elevados de que a historia parlamentar tem conservado na memoria. M. Thiers, relator da commissão, concluio simplesmente pela necessidade de restabelecer o poder temporal. Esta conclusão foi sustentada por M. Thuriot de la Rosière, tão brilhantemente que se admiraram de o não ter visto na tribuna senão n'esta occasião. Victor Hugo, o poeta romantico e versatil, pouco conhecido até então em politica, a não ser na mocidade pelo seu enthusiasmo pelos Bourbons, e mais tarde, na idade provecta pelos Bonapartes, tentou combater o effeito d'este discurso, misturando ao pane-

gyrico da revolução romana os ataques mais furibundos contra o clero e a sua influencia. Em seguida, porém, a elle, fallou o conde de Montalembert que o sobreexcedeu. «Sabei-o, senhores, disse para aquelles que não se mostravam satisfeitos com o *Motu proprio*, sabei-o: é a propria fraqueza da cadeira pontifical que faz a sua força e a torna invencivel. Não, não ha na historia de todo o mundo, maior nem mais consolador espectaculo, que as difficuldades da força em luta com a fraqueza. Deixai que eu faça uma comparação familiar:

Quando um homem é condemnado a luctar contra uma mulher, se esta mulher não é a mais infame das creaturas, pode affrontal-o imponente. Ella diz: batei, deshonrai-vos, e nem assim me vencereis. Pois bem! A Igreja não é mulher, é mais ainda que mulher: é mãe.»

O applauso que estas nobres palavras excitaram no coração da França, mostrou a Luiz Napoleão que tinha mais a ganhar, executando pura e simplesmente as vontades da nação, do que proseguindo e animando a revolução contra o papado. Portanto depois d'isto não tornou a fallar no seu programma, tendo-o de reserva para mais favoravel ensejo. Contentou-se apenas em recusar aos soldados francezes licença para usarem a medalha commemorativa da expedição romana que o Papa lhes dera, mas ao mesmo tempo mandou o cardeal Du Pont, arcebispo de Bourges, levar em seu nome ao grande exilado os protestos mais solemnes da sua adhesão.

Afinal, póde Pio IX entrar em Roma sem condições.

A temporada que o Papa passou em Gaeta, e depois em Portici, não foi geralmente perdida para os negocios do mundo catholico. As encyclicas, breves ou decisões pontificias dactadas do exilio, encheriam um volume. A 9 de fevereiro de 1849, escrevia o Papa aos bispos da Toscana, agradecendo-lhes o zelo e a coragem com que tinham protestado na camara dos deputados, contra os excessos da imprensa. A 7 de junho do mesmo anno, stigmatisou os erros theologicos e sociaes de tres insignes padres italianos: o Padre Ventura, o abbade Rosmini, e o abbade Gioberti. Ventura e Rosmini submetteram-se, mas Gioberti mostrou-se cada vez mais obstinado, e depois de ter

inaugurado no Piemonte a deploravel politica de que a Italia ainda hoje está soffrendo as consequencias, em seguida á derrota de Novara, retirou-se para a França e ahi morreu subitamente em 1852.

Tanto o Padre Ventura como outros ecclesiasticos, culpados como Gilberti por entrarem na revolução, foram domiciliar-se em Paris, e chegando isto ao conhecimento do arcebispo d'aquella cidade, Monsenhor Sibour, este, perguntou ao Papa como devia proceder com elles.

Pio IX respondeu a 1 de setembro de 1849, traçando-lhe as regras que devia seguir com tanta firmeza como generosidade.

No mez seguinte, o Papa condemnou por um breve o abbade Chantôme, o qual na sua *Revista das Reformas e do Progresso*, tinha adoptado até ás derradeiras consequencias, as perigosas doutrinas da *Era nova*, orgão muito mais importante, fundado pelo Padre Lacordaire, o qual o abandonou logo depois, para cahir em seguida, apesar do talento do abbade Maret, debaixo da reprovação dos bispos.

Sem contar raros e pequenos motivos de desgosto, o Pontifice não achava em França senão creaturas para amar e abençoar. Consultado pelos bispos sobre a opportunidade de sustentar os concilios provinciaes, subtrahindo-se d'esta fórma ao servilismo dos famosos *Artigos organicos*, apoiou com todas as suas forças estas sociedades, as quaes produziram o melhor resultado. Todavia, uma liberdade mais estimavel ainda, e de que a Egreja foi devedora á Republica de fevereiro, foi a liberdade da instrucção superior, votada a 15 de março de 1850, pela influencia da M. M. de Falloux e de Montalembert, de M. Thiers e de Mgr. Dupanloup, bispo de Orleãs. Esta lei foi objecto de uma contradicção momentanea na Egreja. Muitos bispos, e com elles o jornal *O Universo* que até ali havia sido o orgão incontestavel de todo o partido catholico, guerreavam-na imaginando que esta lei consagrava o predominio do Estado; e outros como Mgr. Parisis, bispo de Langres, que trabalhara mais do que nenhum outro para a obter, tambem a não acceitava senão sob condições. Pio IX declarou então, que o espirito que pre-

sidira a esta proposta, era um espirito de transição, que era preciso fazer alguns sacrificios; e desde esse momento todo o episcopado unanimamente, não tratou senão de uma coisa: tirar o melhor partido da nova lei.

No mez de maio de 1848, Pio IX tinha conseguido do rei de Napoles, que a direcção dos seminarios de segunda ordem ficassem a cargo dos bispos. Um igual accordo baseado nas mesmas condições foi concluido com o Gran-duque de Toscana, Lepoldo II, e tratado com o imperador de Austria Francisco José. Este principe, bom e leal, mas fraco e muito achacado a desanimar, passava ainda n'este tempo por resoluto e destemido por ter vencido todos os seus inimigos. Este rei coroara as suas victorias abolindo as odiosas prescripções de José II contra as liberdades da Egreja. Um edicto imperial de 18 de abril de 1850 declarou os fieis e o clero livre para se corresponder com o Papa, permittindo aos bispos que publicassem seus escriptos sem authorisação previa, podendo infligir penas puramente espirituaes, suspender ecclesiasticos de suas funcções, e finalmente regular o culto nas suas dioceses. Na sua allocução de 20 de maio, Pio IX louvou com regosijo estas disposições; mas por isto mesmo, e como succedeu com os outros principes, achou-se Francisco José exposto aos odios da Revolução.

Por este tempo exprimia tambem o Papa o pesar que sentia vendo os liberaes belgas arrebatar pouco a pouco aos catholicos, com intrigas parlamentares, a maior parte das liberdades adquiridas em 1830. No entanto, mais doloroso espectaculo offerecia a seus olhos o reino de Piémonte ou Sardenha. Uma lei que tornará tristemente celebre seu author, a lei Siccardi, aboliu brutalmente n'esse paiz a concordata, confiscou as propriedades e rendas ecclesiasticas, impediu o pulpito, e secularisou o casamento a exemplo do que nós estamos reduzidos a soffrer em França, como se Jesus Christo não tivesse instituido um sacramento para santificar a união do homem com a mulher, ou como se fosse licito aos homens despresar o Codigo de Jesus Christo!

N'uma nota dactada de Portici a 9 de março de 1850, Pio IX expoz ao governo surdo o deploravel estado a que esta lei re-

duzia a religião e seus ministros, propondo uma revisão amigavel da concordata, mas com a condição que seriam ouvidas as duas partes, protestando entretanto, contra toda a infracção d'esse tratado, e appellando em seguida para as tradições catholicas da casa de Saboia, e a piedade e lealdade de seu novo chefe. A piedade e lealdade de Victor Manuel! por que era elle quem reinava, depois da derrota de Novara e da abdicação de Carlos Alberto.

A resposta do rei Piémontez foi sanccionar e promulgar a lei Siccardi, e depois lançar mão de todas as piedosas fundações de seus antepassados, e dos outros bens da Egreja, e confiscal-as; expressão que depois substituiu pela de annexação, a qual tem ainda hoje outras equivalentes na linguagem da gente honrada.

Quando se falla de um soberano, estimar-se-hia poder fazel-o com respeito, e sem empregar grosserias. Isto não é muito facil a respeito do maior numero dos soberanos dos nossos dias; mas quando se trata d'aquelle que uma serie de concussões fizeram rei de Italia, é absolutamente impossivel.

Victor Manuel, catholico no intimo do coração, é d'aquelles que imaginam que a religião é unicamente bôa quando se está para morrer. Toda a sua vida se tem desviado de praticar a religião, tanto pelos habitos escandalosos de sua vida privada, como, e sobre tudo, por sua ambição. Destituido completamente de principios e de boa fé politica (foi por isso talvez que Mazzini o cognominou o *Rei galantuomo*) esconde debaixo de uma apparente aversão pelos negocios, uma grande tenacidade e uma boa dose da astucia italiana. Conhece os homens, e sabe escolher os que lhe convém empregar. A coberto por elles, Victor Manuel tem a arte de parecer que é levado constantemente pela Revolução, emquanto que á surdina não descança em a estimular e impellir para diante; mas logo que os acontecimentos o forçam a descobrir-se, elle não hesita nunca, ainda mesmo que tenha de negar a sua assignatura como fez depois do tratado de Zusigo e da Convenção de setembro, ou a desthronar um primo como succedeu com Francisco II que elle proprio foi sitiar a Gaeta, ou ainda a trahir um amigo e mesmo um bemfeitor, co-

mo o Gran-duque de Toscana, e muitos outros. [1] O unico lado honroso de um caracter, é a coragem, apesar d'esta ser antes a valentia do soldado que do general ou chefe de Estado; no entretanto, era quanto bastava á revolução, que não tinha necessidade senão de uma espada e de uma bandeira, e encontrava estes predicados reunidos em Victor Manuel, ao mesmo tempo que em Napoleão III achava um poderoso auxiliar.

Monsenhor Franzoni, arcebispo de Turim, tendo dirigido algumas observações aos parochos de sua diocese sobre os respectivos direitos da Egreja e do Estado, foi encarcerado n'uma masmorra do castello, emquanto o não mandavam para o degredo. Pio IX felicitou-o por ter sido julgado digno de ser perseguido por amor da justiça. Os catholicos de França tambem o não abandonaram. Por uma subscripção compraram a cruz pastoral de Monsenhor Affre, e offereceram ao arcebispo, propugnador da fé, esta reliquia do arcebispo martyr.

No entanto, o acto mais memoravel do exilio de Gaeta é a encyclica do dia da Purificação, 2 de fevereiro de 1849, dirigida aos patriarchas primazes, arcebispos e bispos do Universo, para acceitarem a tradição universal tocante á crença da Immaculada Conceição da Mãe de Deus.

N'esta encyclica Pio IX affirma que em toda a christandade se operou um movimento espontaneo em favor d'esta crença, de maneira que uma completa manifestação parece sufficientemente preparada, não só pela lithurgia e pelas formaes instancias de numerosos prelados, como pelos trabalhos dos mais sabios theologos. E accrescenta, que esta disposição geral corresponde perfeitamente a suas proprias idéas, e que no meio das horriveis calamidades da Egreja seria grandemente consolador ajuntar mais um florão á corôa da Virgem poderosa, adquirindo mais um titulo para a sua especial protecção.

N'estas disposições, declarou mais, que instituira uma commissão de cardeaes para estudar a questão, convidando tambem todos os seus veneraveis irmãos no episcopado a darem a sua

[1] Quando era creança, foi Victor Manuel salvo n'um incendio pelo Gran-Duque de Toscana, que elle depois desthronou.

opinião, juntando suas orações ás d'elle, para chamar as luzes do Divino Espirito.

Estas preoccupações puramente theologicas, no momento em que por assim dizer lhe fugia a terra debaixo dos pés, acarretaram sobre o Pontifice os sarcasmos da sabedoria humana. Por algum tempo custou a comprehender que um Papa é theologo antes de ser rei, e como theologo tem a certeza do dia seguinte; sendo por tanto o solemne procedimento de Pio IX uma triumphante resposta a todos os erros do espirito moderno. Com effeito, o dogma da Immaculada Conceição esmaga e pulverisa todos os systemas racionalistas, que não querem admittir na natureza humana nem queda nem redempção sobrenatural. Além d'isso, o modo como a promulgação se preparava, tendia a aproximar cada vez mais do centro commum todas as Igrejas particulares. Logo que a impiedade comprehendeu tudo isto, atacou furiosamente o que chamava «o novo dogma», e tanto a heresia como a falsa philosophia deram a este respeito assaltos de inepcias e ignorancias. Sem fazer caso d'estes vãos clamores, Pio IX proseguio serenamente na obra inspirada pelo ceo, obstinando-se em depositar sua confiança n'uma humilde Virgem, antes que nos suffragios impresistentes dos povos, ou na força dos canhões.

«Temos a firme esperança, escrevia elle, que a Virgem que *foi elevada pela grandeza de seu merito acima de todos os córos dos anjos até ao throno de Deus,* [1] a Virgem cheia de graça e suavidade, aquella que tem sempre arrancado o povo christão ás ciladas do inimigo...., se dignará com a immensa ternura que é a natural effusão de seu coração maternal compadecer-se de nós, conseguindo por sua altissima e soberana protecção livrar-nos das crueis angustias que soffremos... applacando a colera divina que nos está ferindo em razão de nossos peccados, apasiguando as terriveis tempestades que de toda a parte assaltam a Igreja, e que finalmente a immensa dor de nossa alma se transformará em jubilo. Por que, sabeis perfeitamente, veneraveis irmãos, que o fundamento da nossa espe-

[1] S. Gregorio Papa, De Expositione in livros Regnum.

rança é a Santissima Virgem, por que *é n'ella*, diz S. Bernardo, *que Deus concentrou a plenitude de todo o bem, de maneira que se temos alguma esperança, se obtemos algum favor, se ha alguma salvação, saibamos que é d'ella que nos vem... tal é a vontade d'aquelle, que quiz tivessemos tudo pela intercessão de Maria.* [1]

[1] S. Bernardo, In Nativit. B. Mariæ.

CAPITULO IX

Entrada triumphal de Pio IX em Roma. — A hierarchia catholica restabelecida em Inglaterra e na Hollanda.—Incyclica «inter multiplices».

A 4 de abril de 1850 Pio IX saiu de Portici para entrar em Roma. Fernando, e toda a corte, acompanharam-no até aos limites dos dois estados. No momento da separação, o rei de Napoles ajoelhou com seu filho, o duque de Calabria (que foi depois Francisco II) e pediu-lhe a sua derradeira benção. O Papa muito commovido respondeu:

—Oh! sim, do mais intimo da minha alma eu vos abençôo, e a vossa familia e reino. O que sinto, é não poder exprimir toda a minha gratidão e a da Igreja universal pela generosa hospitalidade que me destes!

—Santissimo Padre—volveu o rei—não fiz mais que o meu dever de christão, e toda a minha vida agradecerei a Deus ter-me dado occasião de o praticar.

—É verdade—tornou o Pontifice, mas a vossa piedade filial foi grande e profunda. Ainda mais uma vez, o Senhor vos recompense e abençoe!

E apertando o piedoso monarcha ao coração, abraçou-o affectuosamente.

Quizeram dissuadir Pio IX de expor-se a passar por entre os

soldados francezes, que se suppunham capazes de faltar ao respeito devido á sua authoridade. E diziam-lhe: são soldados francezes, sem religião, e inclinados á zombaria; a maior parte d'elles nunca entrou nas igrejas, é possivel que desprezem vossas bençãos, e não quererão ajoelhar quando passardes.

«Não importa! eu os abençoarei de pé (respondeu o Pontifice)».

E não quiz dar ouvidos a esses pusillanimes conselhos.

Desde que pisou territorio pontifical, foi o Papa acompanhado por uma escolta franceza. Terracina e Velletri, as primeiras cidades que se encontravam na sua passagem, mostraram um enthusiasmo indescriptivel. Para impedir iguaes manifestações em Roma, as sociedades secretas mandaram affixar no Corso editaes aterradores, em que eram ameaçados de morte, todos aquelles que fossem esperar o *abbade Mastai;* e para mostrar que estas ameaças não eram vans, na vespera á noute da chegada do Papa, mãos incendiarias tentaram por duas vezes destruir o Quirinal. Todavia, a commoção popular era muito forte para ser dominada pelo terror.

A 12 de abril de 1850 a cidade inteira correu a receber seu Pontifice e seu rei. As ruas designadas para a passagem do cortejo regorgitavam de espectadores, e todas as outras estavam desertas. Os gritos de «*Evviva!* viva o Papa! viva a religião! Abençoado seja aquelle que vem em nome do Senhor!» e outras iguaes exclamações se ouviam atravez do ruido confuso e magestoso da artilharia, e dos sinos e do rumor longinquo da immensa multidão. Pio IX caminhava radiante e chorando de alegria; o seu braço, que conservava levantado havia muitas horas, não se cansava de abençoar seu povo, e a multidão precipitava-se até debaixo das rodas da carruagem para tocar em seus vestidos. Aquelles que recebiam esta benção, corriam mais para diante para ser abençoados segunda e terceira vez.

Um episodio singular assignalou a entrada do Pontifice na Basilica de S. João. Quando o Papa entrava no vestibulo, avistou quatro ecclesiasticos pertencentes ao clero da igreja franceza de S. Luiz, e antes de receber as homenagens de ninguem, dirigiu-se para elles, deu-lhes a mão a beijar, dizendo com a affectuosa bondade que o caracterisa:

—Ah! aqui estão os meus bons francezes; é justo que comece por elles, por que é a elles que cabem as honras d'este dia.

Todos os assistentes, e n'este numero os soldados francezes que formavam alas, estavam commovidos e com os olhos marejados de lagrimas. Notavam-se sobre todos os caçadores de Africa, que apesar de seu procedimento ser considerado pouco edificante no que dizia respeito á religião, bradavam juntamente com o povo: *Benedizione padre!* e estes brados parece que exprimiam seu pensamento: Pae, perdoai-nos!

O Pontifice parou um momento diante d'elles, e deixou ver que tambem a elle lhe corriam duas grossas lagrimas ao longo das faces.

Não obstante a grandeza do templo, que é na verdade o maior do universo, a multidão dos que não poderam entrar com o Papa era tanta, que encheu o portico e a praça. Á noite illuminou-se toda cidade, e não houve casa nem monumento que não resplandecesse com as luzes: tres dias durou esta illuminação em signal de regosijo.

Alguns dias depois, foi o Papa visitar o hospital militar de Santo André, e voltando-se para o director, disse-lhe:

—Desejo ver os pobres soldados que foram feridos por minha causa. Conduza-me aonde elles estão.

E encaminhando-se para a escada que leva ás enfermarias, subiu-as rapidamente, encostando-se ao braço do official, a quem chamava seu querido filho. N'este meio tempo, alguns soldados que se achavam em baixo tinham corrido a participar o occorrido a seus camaradas, e quando o Santo Padre entrou na primeira sala, a commoção e o movimento era geral.

Não foi possivel conter no leito os feridos que, apesar das poucas forças, conseguiram levantar-se. Um d'elles, na sua precipitação, correu em camisa, e os que estavam presos ao leito pelas dores, procuravam arranjar-se, tirando rapidamente o barrete de dormir. Os que podiam, correram a esperal-o, e lançaramse-lhe aos pés cobrindo-os de beijos. O Santo Padre parou á cabeceira de todos os enfermos, dirigindo aos desgraçados palavras consoladoras, incutindo-lhes paciencia e resignação; agra-

decendo-lhes, e ao mesmo tempo promettendo-lhe a recompensa e as bençãos do Senhor pela dedicação que tinham mostrado pela sua Igreja. Depois deu a cada um dos feridos um objecto de devoção: ou um Christo de prata n'uma cruz de marfim, ou uma medalha preciosa, ou um rosario. Conta uma pessoa que presenciou esta scena, que na verdade era preciso ser de pedra para se não sentir profundamente enternecido.

A intenção do Santo Padre era visitar n'esse mesmo dia os hospitaes de S. Domingos e S. Sixto; mas a avidez era tamanha que elle distribuiu tudo o que levava em Santo André: «Arruinastes-me, — disse o Papa alegremente — já não tenho que levar a vossos camaradas; irei lá outro dia.»

A sentinella, que não póde deixar o seu posto, nada tinha recebido, mas quando o Pontifice ia a passar bradou: «Perdão, meu Papa, ainda tenho mãe, e ella ficaria muito contente se possuisse um rosario dado por Vossa Santidade».

—Não tenho mais—respondeu Pio IX, — mas ficae descansado, hei de mandar-vos dois, um para ella outro para vós, por que tenho esperanças de que ha de vir tempo em que resareis juntos, se por accaso tendes tido a desgraça de deixar de orar.

Os doentes tinham seguido o Pontifice até á porta. Alli, ajoelhados, reclamaram mais uma benção. O bondoso Pontifice voltou-se de novo, abençoou-os mais uma vez, recommendando-lhes que guardassem na memoria a lembrança d'esse dia, e d'ahi por diante, se apresentassem sem receio diante dos ministros de Jesus Christo.

A maior parte dos soldados não conheciam senão as graduações da gerarchia militar, e por essa razão, chamavam ao Pontifice «meu Papa» como diriam «meu general». Os mais policiados trataram-no por Monsenhor, e raros ou nenhum por Santo Padre. Entrando no Vaticano, Pio IX contou rindo gostosamente aos cardeaes esta variedade de tratamento.

Pelo outro lado, um velho sargento dizia: «Póde bem ser que eu faltasse ás conveniencias, mas o que sei, é que dei um forte aperto de mão ao Pontifice, e que elle me correspondeu com o mesmo fervor, beijando-lhe em seguida o annel.

Mesmo para os soldados inferiores, nada era mais facil que

ser admittido ás audiencias do Quirinal ou do Vaticano. Pio IX acolhia-os sempre com especial sympathia, e fallando a respeito do exercito, costumava dizer:

—Á medida que melhor nos vamos conhecendo, augmenta reciprocamente a nossa estima e affecto.

A entrada de Pio IX em Roma foi assignalada por um ampla amnistia, e pela publicação de uma nova indulgencia ou jubileu. O Pontifice achava-se emfim no meio de seu povo, o verdadeiro povo romano, e desejava que os catholicos de todas as extremidades do mundo tomassem parte nas suas alegrias, de forma que em redor de si não apparecessem semblantes contristados. Muitas vezes lhe ouviram repetir estas nobres palavras:

«Eu volto como pastor d'este rebanho, e não como um vingador; *in urbem reversus pastor et non ultor.*

N'essa época escolheu o Pontifice para secretario de Estado e principal ministro e conselheiro o cardeal Antonelli, e desde então nunca mais foi desapossado d'estes importantes cargos. Em seguida, e como se nunca fôra interrompida, continuou Pio IX a sua vida de trabalho e dedicação. Nos hospitaes tornaram a encontral-o á cabeceira dos enfermos; os pobres acharam novamente a sua mão dadivosa, as sciencias, as artes e industrias refloreceram e os estrangeiros voltaram a tomar o caminho de Roma, esquecido havia dois annos. Durante a revolução a capital perdera vinte mil habitantes, mas esta perda depressa foi ressarcida, por que sendo na occasião da elevação de Pio IX á cadeira pontifical, a totalidade da população de 175 a 180:000 almas, em 1870, na invasão piemonteza, passavam de 220:000. Roma dentro em pouco volveu áquella alegre e animada physionomia, a um tempo tranquilla, serena e piedosa, attributos que tão encantadora tornam aquella incomparavel cidade.

Depois que Pio IX voltou a Roma, a Virgem immaculada sob a protecção de quem se tinha collocado e a Igreja durante o exilio, deu-lhe alguns annos a que podem chamar-se socegados e remançosos, sobretudo comparando-os com o periodo tempestuoso que os precedera, ou com o que se lhe seguiu. Era justo que a familia christã gosasse d'essa folga para se en-

tregar ao prazer de depôr sobre a fronte de sua Mãe e de sua Rainha uma nova corôa.[1] Este feliz periodo durou nove annos, desde 1850 a 1859, podendo mesmo dividir-se em dois quasi iguaes: um antes, e outro depois da proclamação do dogma da Immaculada Conceição.

Entre os actos pontificaes de Pio IX relativos á primeira metade, recordaremos, no dominio da lithurgia e da disciplina, um breve de 31 de maio de 1850 declarando duplicada de segunda classe a festa da Visitação da Santissima Virgem; outro de 4 de abril de 1851 elevando Santo Hilario, bispo de Poitiers, ao grão dos doutores da Igreja; outro de 18 de maio de 1854 declarando duplicadas menores as festas de S. Thimotheo, S. Tito, e Santo Ignacio de Antiochia; outro de 9 de fevereiro de 1853 organisando o collegio dos protonotarios apostolicos, determinando que os protonotarios participantes seriam sete, continuando a estar debaixo das vistas da Santa Sé, e gosando do privilegio de ter altar portatil: outro de 28 de julho de 1854 modificando para os adaptar á actual situação, os estatutos da ordem de Malta ou de S. João de Jerusalem; e finalmente outro, de 9 de julho de 1854 aprovando a admiravel congregação das *Irmanzinhas pobres,* fundada em Saint-Servan em 1840, por pobres artistas e criados de servir.

O congresso da republica americana da Nova-Granada tinha decretado muitas leis vexatorias contra as propriedades e liberdades da Igreja, e já em 1847 Pio IX tinha escripto a tal respeito ao presidente d'essa republica. Essa carta, porém, parece que mais apressou a perseguição. Em 1850, o seminario de Bogota tinha sido confiscado, e em 1851, foi prohibido expressamente aos bispos a visita aos conventos, sendo a nomeação dos curas feita pelo povo, e a dos conegos pelos conselhos provinciaes. O clero foi desvalisado, declarando-se o congresso senhor de fixar segundo entendesse os tratamentos, direitos, e deveres sacerdotaes. Os padres e os bispos protestaram solemnemente contra esta lei, e o governo respondeu-lhes encarcerando-os e expulsando-os. O vigario capitular de Antiochia teve

[1] P. Guilherme, *Continuação da Historia universal da Igreja, de Rohrbacher.*

a fraqueza de ceder em alguns pontos a estas injustas exigencias. Pio IX reprehendeu-o severamente, ordenando-lhe que se desdissesse e voltasse a suas primeiras idéas. Ao contrario d'este, o arcebispo de Bogota, Monsenhor Mosquera, que se conservara firme e inabalavel, recebeu do Pastor Supremo todas as provas de estima, que devia esperar. Tanto o arcebispo como muitos dos seus sûfraganeos foram deportados. Os gloriosos proscriptos encontraram por toda a parte, quer na Hespanha, França e Chili o mais sympatico acolhimento, e o Perú assignou mesmo uma pensão para o bispo de Carthagena. Estava, porém, chegado o momento em que a Nova-Granada não devia ter bispos. A final, a maioria dos deputados e senadores comprehenderam que não era destruindo a religião que conseguiriam sustar as incessantes revoluções tão fataes ao desenvolvimento da America hespanhola, e a perseguição affrouxou pouco a pouco.

Mais perto teve Pio IX de louvar e animar um outro confessor da fé, Mons. Vicari, arcebispo de Fribourg, no grão ducado de Baden. Entre outras cousas, por ter ousado revindicar a collação dos curas e beneficios, e o exame dos aspirantes ao sacerdocio, direitos que o Estado contestava aos bispos, este veneravel ancião com mais de oitenta annos teve ordem de prisão, e foi guardado á vista em seu palacio. Os curas que se lhe conservaram fieis foram encarcerados, expulsos, e punidos com multas pecuniarias. Todavia esta fustigadela não foi inutil para a Allemanha catholica, que necessitava d'ella. O clero acercou-se mais de seu chefe: os catholicos tibios ou secretamente levados ao indifferentismo religioso eclipsaram-se; mas os verdadeiros fieis contaram-se e viu-se então que eram ainda em maior numero. Os sinos e os orgãos emudeceram em todas as igrejas; este luto do culto publico, junto á commoção popular, fez recuar o governo de Baden assim como o de Wurtemberg, de Hesse-Cassel e Nassau, que seguiam o mesmo caminho. Depois acceitaram as propostas de conciliação apresentadas pelos bispos, e todas as artimanhas policiaes foram conhecidas; as multas restituidas, e o arcebispo foi inteiramente livre no exercicio de suas funcções ecclesiasticas, até ao dia em que a pre-

potencia prussiana foi novamente perturbar a paz religiosa das regiões allemãs.

Mais levou ao Papa a colher os fructos de sua firmeza contra outras perseguições exercidas, não por governos protestantes, mas por catholicos. Longe de chamar o arcebispo de Turim exilado, o Piemonte fez arrebatar de sua cadeira episcopal o arcebispo de Cagliari, ameaçando com igual destino o de Genova, o bispo de Sassari e muitos outros. Um professor da Universidade real de Turim, o doutor Nuytz, ensinava publicamente a heresia, tanto nos seus cursos como em suas obras, sustentando, por exemplo, que o matrimonio não é um sacramento. O Papa condemnou solemnemente dois escriptos do doutor, no breve de 22 de agosto de 1851; mas apesar d'isto, nem o professor se desdisse, nem o governo que secretamente o instigava lhe retirou o ensino official da mocidade. O extracto seguinte, tirado de uma carta de Pio IX a Victor Manuel, dactada de Castel-Gandolfo, a 15 de setembro de 1852, tornará mais clara a situação:

«Terminaremos respondendo á ultima observação que Vossa Magestade nos faz. Accusam uma parte do clero piémontez de hostilisar o governo de Vossa Magestade, induzindo seus vassallos a revoltar-se contra elle e contra suas leis. Tomariamos uma tal accusação como inverosimil se não fosse formulada por Vossa Magestade, e dizer-nos além d'isso, que possue os documentos comprovativos d'esta asserção. Lamentamos não ter o menor conhecimento de taes documentos, achando-nos por esta razão na impossibilidade de saber quaes são os membros do clero que favorecem a detestavel empreza de uma revolução no Piemonte. Esta ignorancia inhibe-nos de punir. Todavia, se pelas palavras, excitar á revolta se faz allusão aos escriptos que o clero tem publicado em opposição ao projecto de lei sobre o matrimonio, temos a dizer, abstrahindo o modo por que alguns pódem ser tomados, que a esse respeito o clero tem feito o seu dever. Nós declaramos a Vossa Magestade que essa lei não é catholica. E se a lei não é catholica, o clero é obrigado a prevenir os fieis, ainda mesmo que por este facto se exponha aos maiores perigos. Senhor, é em nome de

Jesus Christo, do qual ainda que muito indigno somos o vigario na terra, que fallamos, e vos dizemos em seu sagrado nome, que não sanccioneis essa lei que será a causa de mil desastres.

«Supplicamos tambem a Vossa Magestade que se digne ordenar e pôr cobro ás blasphemias e immoralidades que a imprensa volsa constantemente. Ah! por piedade, meu Deus, permitti que esses peccados não recaiam sobre aquelle que, podendo obstar a elles, não poria embaraços á causa que os produz! Vossa Magestade queixa-se do clero; mas esse clero tem sido nos derradeiros annos acintosamente ultrajado, escarnecido, calumniado, entregue ao opprobrio e á irrisão por quasi todos os jornaes que se imprimem no Piemonte; e não tem conta todas as infamias, todas as invectivas odiosas espalhadas contra elle. E agora, por que elle defende a pureza da fé e os principios da virtude, deve incorrer no desagrado e malquerença de Vossa Magestade? Não podemos acreditai-o, e tambem não nos fallece a esperança de vêr ainda Vossa Magestade sustentar os direitos e proteger os ministros da Egreja, livrando seu povo do jugo d'essas leis que attestam a decadencia da religião e da moralidade nos estados que tem de sugeitar-se a ellas.»

O espirito de Pio IX attendia a tudo: nada descurava.

Em 1851, terminou felizmente no Hindostão o scisma de Goa occasionado pelo direito de patronato que a corôa portugueza pretendia conservar sobre os bispos do paiz. No mesmo anno concluiu com a Hespanha uma concordata amigavel, ratificando a venda dos bens «nacionaes», salvo a restituição á Egreja d'aquelles que ainda não estavam vendidos, e assegurando o ensino da pura doutrina catholica em todos os seminarios e escholas publicas, debaixo da vigilancia dos bispos.

Quasi identicas convenções foram assignadas com as republicas de Guatemala e de Costa-Rica, na America central.

Tendo julgado insufficiente o numero das prelazias episcopaes na pequena communidade dos Armenios Catholicos, attendendo ás distancias e ao estado de dissiminação dos fieis, o Pontifice creou algumas de novo.

As tres ilhas da Martinica, de Guadelupe e da Reunião, restos do poder colonial da antiga França, não tinham até então

sido governadas senão por vigarios apostolicos, apesar das propostas da Sancta-Sé. Pio IX obteve afinal, em 1850, o consentimento do governo francez para crear um bispado em cada uma, sendo o de S. Diniz para a Reunião, o de Baixa-Terra para Guadelupe, e o Forte de França para a Martinica.

Esta ultima prelazia foi transferida dois annos depois para S. Pedro. Mas as creações episcopaes mais importantes, foram aquellas que se fizeram em Inglaterra e Hollanda.

Uma carta apostolica dactada de 24 de setembro de 1850, restabelece a hierarchia ecclesiastica n'esta ilha dos santos, que depois de Henrique VIII e Isabel, tinha sido muitas vezes a ilha dos martyres.

«Nós temos pensado—dizia Pio IX—que em vista do progresso do tempo e das coisas, não era já necessario fazer governar os catholicos de Inglaterra por vigarios apostolicos, e que o numero crescente dos fieis tornava indispensavel a forma ordinaria do governo episcopal. Confirmou-nos este pensamento o desejo que em commum nos tem exprimido os vigarios apostolicos d'esse paiz, assim como um grande numero de membros eminentes do clero, e seculares distinctos por suas virtudes e posição».

A Inglaterra fórma uma só provincia ecclesiastica. A séde metropolitana foi collocada em Londres, com o titulo de Westminster, e a archidiocése comprehendeu toda a parte da immensa metropole que está situada sobre a margem esquerda do Tamisa. Debaixo de sua dependencia estão doze bispados suffraganeos: Southwark, ou Londres, margem direita, Beverley, Liverpool, Salford, Shrop, Newport e Menevia, Cliffton, Plymouth, Hagulstale, Nottingham, Birmingham e Northampton.

No intuito de magoar o menos possivel a susceptibilidade dos anglicanos, tinha-se evitado tomar os antigos titulos de Santo Agostinho e S. Wilfrid, dos Santos Dunstan e dos S. Thomaz, usados actualmente pelos bispos hereticos; preferindo-se nomes mais modestos, tirados dos simples bairros das grandes cidades, como Westminster e Cliffton, ou dos centros mais consideraveis da população e de uma importancia recente, taes como Liverpool e Birmingham. Por accrescimo de precaução,

Pio IX communicou o seu projecto a lord Minto, embaixador officioso da Gran-Bretanha em Roma; recebendo a segurança de que a organisação da hierarchia catholica não encontraria mais obstaculos em Inglaterra do que os que tinha encontrado nas colonias inglezas.

Mal pòde hoje explicar-se, depois de vinte e cinco annos, o accesso de vertiginoso furor de que foi accommettido o povo inglez, ordinariamente tão socegado e indolente, em presença do que chamaram acto de aggressão papal, *the popish agression.* Os bispos anglicanos de Londres, de Canterbury, de York e outras partes, tinham-se julgado até então, ou fingido acreditar que eram os legitimos successores dos primeiros fundadores de suas egrejas; pretendendo ser considerados como membros da grande familia catholica, pelo menos tacitamente pelos Papas; e a creação de dioceses catholicas em detrimento das suas, forçava-os a renunciar diante do povo a esta illusão.

A aristocracia ingleza, para a qual os bispados são um rico apanagio, tomou ardentemente o seu partido. A imprensa foi unanime em accusar o Papa de invadir os direitos da corôa; indignando-se de vêr, dizia ella, os Estados da Rainha Victoria desmembrados e partilhados por um soberano estrangeiro. Tanto na Camara dos Lords como na dos Communs, houve discussões violentas e confusas para se encontrar um meio que obstasse a execução da carta pontificia, sem violar a lei nem a liberdade da consciencia. A coisa era porém difficil, senão impossivel: os ministros pediram a sua demissão, mas não acharam quem os substituisse. Pelo seu lado, o povo discutia menos, mas entregava-se a cobardes excessos. Vestia manequins figurando o Papa e o Cardeal Wiseman, novo arcebispo de Westminster, e os padres catholicos; arrastava-os pelas ruas, depois queimava-os em praça publica ou atirava-os ao mar. As mais das vezes, as effigies da Virgem Santissima, de S. Pedro e S. Paulo, seguiam a do Papa e tinham igual destino, e a multidão ignobil e maltrapida dos arrabaldes inglezes, hurrava dançando em redor das fogueiras, brandindo archotes incendiarios que muitas vezes custavam a conter a distancia das herdades e dos palacios.

N'um *appello ao povo inglez*, o cardeal Wiseman explicou as intenções de Pio IX desfiguradas pela paixão. Ahi se liam as excellentes phrases dirigidas ao capitulo anglicano de Westminster, que parecia crer que Roma pensava em desapossal-o dos rendimentos da celebre abbadia: «Esse esplendido edificio, esses thesouros antigos e esses abastados rendimentos não são a parte de Westminster que deve possuir o arcebispo catholico. A parte que me diz respeito fórma um verdadeiro contraste com toda essa magnificencia, que todavia me fica perto. Antigamente, a existencia de uma abbadia com um clero numeroso e rendimentos consideraveis bastava, n'uma localidade, para crear em redor de si um pequeno paraizo de bem estar, alegria e felicidade. Hoje já não é assim. Em redor da abbadia de Westminster estendem-se labyrinthos de ruas, pateos, alamedas, casebres, fócos hediondos da ignorancia, do vicio, da depravação e do crime, e ao mesmo tempo da miseria, da indigencia, da fome e da doença. A athmosphera d'esses logares é mephitica, e typhoide; a sua ventillação é cholerica. Innumeravel multidão, em grande parte catholica, de nome pelo menos, ahi vegeta n'essas sentinas immundas que por mais esforço que se fizesse se não poderiam purificar; são cavernas onde nunca penetra um raio de luz. Pois é essa justamente a parte de Westminster que appeteço, e que me sentirei feliz de reclamar e de visitar como pastio de benção onde guardarei os rebanhos da santa Igreja».

Não obstante esta expressiva e tocante linguagem, nem esta nem a attitude serena dos catholicos desarmaram a heresia. As camaras votaram com custo uma lei sanccionada pela rainha a 2 de agosto de 1851, prohibindo aos bispos catholicos de Inglaterra e Irlanda a faculdade de tomarem os titulos de suas igrejas. Foram ainda mais longe: votou-se um artigo addicional punindo com custas e prisão todo aquelle que, sabendo que um bispo violava esta lei, não o denunciasse immediatamente aos tribunaes. Os proprios authores d'esta legislação reconheciam que ella não devia ser applicada, que nunca o seria; concordaram porém todos n'isto mesmo no decurso da discussão, e ao mesmo tempo votaram a favor; e eram os representantes de um

grande povo, que governa em suas colonias uma sexta parte da raça humana!

Aqui está a que ridiculas extremidades póde o fanatismo levar os homens mais serios.

O bill de 2 de agosto de 1851 foi tomado como lettra morta, e o retrocesso para a Igreja romana, começado sob os auspicios dos vigarios apostolicos, foi-se accelerando debaixo da administração episcopal. Converteram-se n'esta occasião lord e lady Fielding e o bispo anglicano de Santo Asaph reclamou uma opulenta igreja que esses dois nobres personagens tinham começado a construir em Pautasaph, allegando que primittivamente fora destinada ao anglicanismo. «Acceito vosso alvitre, lhe respondeu lord Fielding; entrego-vos por tanto o meu edificio, mas vós restituireis tambem ao culto catholico todos os edificios religiosos que seus fundadores tencionavam consagrar a esse culto, a começar pela abbadia de Westminster e a cathedral de Cantorbery».

O bispo anglicano não previra esta consequencia dos principios allegados por elle. Não insistiu mais.

Na Hollanda deu-se a mesma restauração catholica a 4 de março de 1853. Posto que assolada ora pelo Jansenismo ora pelo Calvinismo, a população d'esse pequeno reino era mais de um terço catholica. O proprio rei estava nas mais favoraveis disposições, os fieis eram penetrados de um admiravel fervor, e o clero ganhava todos os dias terreno no campo da heresia. Pio IX julgando propicia a occasião creou um arcebispado em Utrecht e quatro prelazias sufraganeas: Harlem, Bois-le-Duc, Bréda e Kusemonde.

Mas as heresias protestantes, apesar de serem fundadas sobre o livre exame, são pouco liberaes logo que se trata da unica e verdadeira Igreja. Portanto assim que estes factos se deram exaltaram por tal fórma as paixões populares que os ministros que tinham julgado poder authorisar catholicos e protestantes a governarem-se espiritualmente como entendessem, foram forçados a pedir a sua demissão, e o rei apertado viu-se constrangido a apresentar uma lei contra os catholicos. Pensar-se-hia n'esse momento que Pio IX foi muito apressado; mas os acontecimen-

tos encarregaram-se de justificar seu procedimento. Quando os pretendidos aggravos dos protestantes entraram em discussão nas camaras, o ministro encarregado dos interesses catholicos demonstrou, com brilhante clareza, que o protestantismo não entrava de fórma alguma em uma organisação onde nada tinha que entender, e unicamente tocava aos cidadãos que acceitavam voluntaria e livremente a authoridade doutrinal de Roma.

Reduzidos ao silencio sobre a questão principal, os inimigos do papado attiveram-se á fórma das cartas apostolicas. O bom senso publico, porém, fez justiça a este subterfugio; a lei repressiva foi supprimida, e o grande acto pontifical obteve plena e livre execução.

Em França, o procedimento que se seguiu depois dos successos de 2 de dezembro de 1851, tinha accentuado entre os catholicos a divergencia nascida por occasião da lei de instrucção publica datada de 1850. Como era de esperar, os legitimistas tinham-se agrupado na opposição. M. Montalambert, que nunca fora legitimista, juntou-se a elles depois da confiscação dos bens da familia de Orleans; mas não sem ter no intervallo, e na mesma manhã de 2 de dezembro, publicado uma adhesão estrepitosa e formal ao golpe de Estado, nascido de um perjurio, e que nenhum homem politico de limitada importancia ousava ainda absolver. Pelo contrario, M. Luiz Veuillot, depois de ter recebido sem enthusiasmo a nova ordem de cousas, ligou-se a ellas cada vez mais, em presença dos actos ostensivamente conservadores da estreia do Imperio, e das bellas palavras, e explendidas promessas que o novo imperador prodigalisava aos bispos.

M. de Montalembert, M. de Falloux e seus amigos do *Correspondente* e do *Amigo da Religião*, proclamavam que se não devia abandonar pela protecção de um Cesar as geraes garantias das quaes se aproveitava a liberdade da Igreja. Tinham razão: os acontecimentos demasiado o provaram.

Mas elles perseguiam M. Luiz Veuillot e os escriptores do *Universo*, censurando-os e accusando-os de servilismo. Os successos provaram igualmente que a este respeito pensavam mal.

A Congregação do Index tinha condemnado muitas obras es-

criptas em francez, umas absolutamente, outras susceptiveis de correcção. Entre estas ultimas achavam-se algumas das geralmente adoptadas para o ensino, apesar de seus defeitos, taes como o *Manual do direito canonico*, de M. de Lequex, vigario geral do arcebispado de Paris, e a *Theologia*, já antiga, de Bailly. Os authores submetteram-se promptamente, mas uma d'essas condemnações, dada contra o *Diccionario* de M. Bouillet, magoou profundamente o arcebispo de Paris, monsenhor Sibour, que tinha approvado essa obra. Monsenhor dirigiu-se ao jornal o *Universo*, e em geral á imprensa religiosa e secular, publicando contra ella um Mandato de 15 de janeiro de 1851, e mais tarde outro ainda mais energico, publicado em 1853, a pedido de um conego de Orleans, M. o abbade Gaduel, que tinha accusado Donoso Cortés, ao *Amigo da Religião*, de muitas heresias, queixando-se de ter sido refutado no *Universo* com pouco respeito.

Monsenhor Sibour prohibia aos padres de sua diocese a leitura do *Universo*, e ameaçava com a excommunhão os redactores d'esse periodico, se elles ousassem discutir o alcance do acto levantado contra elles.

Na questão da controversia dos classicos, deu analoga sentença Monsenhor Dupanloup, bispo de Orléans, contra os mesmos escriptores.

M. Luiz Veuillot, e M. o abbade Gaume sustentavam que uma das principaes causas do enfraquecimento da fé, depois da epocha da Renascença, era a obrigação imposta á mocidade de estudar quasi exclusivamente os auctores pagãos. Monsenhor Dupanloup combateu menos esta these por si mesma que por sua exageração; mas as suas idèas a tal respeito foram expendidas debaixo da fórma de carta episcopal dirigida aos professores de seus seminarios; e, querendo sustental-as acima de toda a contradicta, prohibiu igualmente aos seus subordinados a leitura do *Universo*.

M. Luiz Veuillot appellou para o sabio dos sabios.

O episcopado francez achava-se muito desunido por estas infelicissimas discussões.

Os bispos de Chartres, Moulins, e ainda outros, tinham publicamente tomado a defeza do *Universo* contra o arcebispo de

Paris. O cardeal Gousset, arcebispo de Reims, tinha-se declarado a favor da these de M. Veuillot, respeito á questão dos classicos pagãos.

Uma *memoria* anonyma dirigida ao *Episcopado, sobre o direito consuetudinario,* veiu accrescentar a todos estes motivos de controversia as recriminações do gallicanismo consternado.

O auctor, negando que os costumes da Egreja tivessem sido abrogados pela Corcordata, sustentava que as sentenças disciplinares dos papas não são applicaveis senão quando hajam sido promulgadas nas dioceses. Contestava a authoridade dos decretos do Index, lamentava o movimento lithurgico, censurava aos jornalistas religiosos procurarem antes de tudo mostrar-se agradaveis á côrte de Roma, e terminava aconselhando aos bispos que se juntassem todos para obter do Papa moderação em suas decisões.

Pio IX entendeu que não devia ficar silencioso mais tempo; e enviou a todos os bispos francezes a encyclica *Inter multiplices.*

Em primeiro logar começava por reconhecer os motivos de alegria e consolação que lhe causavam os progressos da religião n'esse paiz, e sobre tudo as provas de zelo e dedicação que lhe offerecia o procedimento dos bispos. Louvava-os por seu empenho em usar da liberdade reconquistada para sustentar os concilios provinciaes, e felicitava-se, «de vêr que, em grande numero de dioceses, onde se não davam circumstancias especiaes que servissem de obstaculo, a lithurgia romana tivesse sido restabelecida». Não escondia, todavia, a tristeza que lhe causavam as presentes dissensões, lastimando indirectamente a opposição politica e absoluta que n'ellas tomava parte. Se em algum tempo entendestes que devieis promover a concordia dos espiritos e vontades, hoje que mais do que nunca é que deveis esforçar-vos para o conseguir, mesmo por ser esse desejo de nosso muito querido filho em Jesus Christo, Napoleão, imperador dos Francezes, a quem a Egreja Catholica deve o gosar entre vós da paz e da extrema liberdade». A proposito da boa educação que elle recommendava acima de tudo que se désse á mocidade, resolvia e dava a solução pratica da querella dos classicos:

«É preciso, dizia, que os jovens levitas possam, sem se exporem ao perigo de errar, aprender a verdadeira elegancia da linguagem e do estylo, a verdadeira eloquencia, seja em obras tão sabias e piedosas como a dos Santos Padres, seja nos mais celebres auctores pagãos, inteiramente expurgados».

A respeito da imprensa catholica declarava-a indispensavel: «Dignai-vos,—nós vol-o pedimos instantemente—dignai-vos favorecer com toda a vossa benevolencia os homens que, animados do espirito catholico e versados nas lettras e nas sciencias, consagram as suas vigilias a escrever livros e jornaes para a propagação e defeza da verdade». E accrescentou depois, que os escriptores catholicos devem reconhecer nos bispos o direito de os dirigir, advertir e reprehender. Uma severa e dolorosa censura era depois infligida á *memoria* clandestina, e o Papa concluia por um novo e urgente appello á concordia.

Tal é o resumo d'esta memoravel encyclica de 21 de março de 1863. Logo que ella foi conhecida, M. Luiz Veuillot e seus collaboradores dirigiram a Monsenhor Sibour uma carta cheia de respeito e deferencia, promettendo evitar tudo que podesse tornal-os indignos da animação do seu arcebispo; este retirou a sentença dada contra elles, e a paz novamente foi restabelecida pela authorida e do Pastor dos pastores.

CAPITULO X

Definição da Immaculada Conceição. — Congresso de Paris. — Concordata Austriaca. — Memoria de Kayneval. — Viagens nas Romagnas. — Negocio Mortara.

Devem lembrar-se que por uma encyclica datada de Gaeta, Pio IX tinha interrogado o episcopado da Igreja universal a respeito da crença na Immaculada Conceição. As respostas chegaram em numero de seiscentas e tres. Quinhentas e quarenta e seis pediam instantaneamente a definição doutrinal; e sómente algumas, como por exemplo a de Monsenhor Sibour, arcebispo de Paris, se mostrava hesitante no sentido da opportunidade; todavia os sentimentos do mundo catholico a tal respeito não eram duvidosos.

N'estas solemnes circumstancias, Pio IX chamou para seu lado todos os bispos que podessem ir a Roma, e alli se reuniram dois mil e noventa e dois de todos os paizes, á excepção da Russia, onde o desconfiado despotismo do imperador Nicolao se oppôz á sua viagem.

Estes prelados contribuiram para terminar o trabalho da commissão encarregada de preparar a bulla; mas no momento de assentar n'uma redacção definitiva, consultaram se os bispos assistiam como juizes, para pronunciar a definição simultaneamente com o successor de S. Pedro, devendo mencionar-se sua

presença debaixo d'este titulo, ou ser bastante para o julgamento supremo, a palavra do soberano Pontifice.

A questão terminou repentinamente, como por inspiração do Espirito divino.

Estava-se na ultima sessão, conta Monsenhor Audisio, testemunha presencial, ao toque das badaladas do meio dia, toda a assembléa ajoelhou para rezar o *Angelus*. N'este momento, e depois de cada um retomar seu lugar, apenas se tinham trocado algumas palavras, ouviu-se de golpe uma acclamação ao Santo Padre, um brado unisono de adhesão á primasia da cadeira de S. Pedro reboou no espaço, fechando o debate: *Petre, doce nos; confirma fratres tuos!* Pedro guia-nos, confirma teus irmãos. A luz que esses pastores pediam ao Pastor supremo, era a definição da Conceição Immaculada.

O dia 8 de dezembro de 1854 foi o grande dia, o dia triumphal que, segundo as formosas palavras de Monsenhor Dupanloup, «corôou as esperanças dos seculos passados, abençôou o seculo presente, attrahiu para si o reconhecimento do futuro legando-lhe uma lembrança immorredoira; o dia finalmente em que foi pronunciada a primeira definição de fé, sem contestação, e que nenhuma heresia maculou. Roma inteira exultava. Uma immensa multidão de todos os paizes se apertava nas proximidades da ampla basilica de S. Pedro, demasiado pequena para acolher tanta gente. De repente viu-se desfilar processionalmente os bispos, por ordem de antiguidade e seguidos dos cardeaes. O soberano Pontifice, no centro de um brilhante cortejo, fechava o prestito, emquanto que o canto das littanias dos Santos convidava a corte celestial a juntar-se á Igreja militante para honrar a Rainha dos anjos e dos homens. Sentado no throno, Pio IX recebeu a obediencia dos cardeaes e dos bispos, e em seguida começou a missa pontifical.

Quando o Evangelho foi cantado em grego e em latim, o cardeal Macchi, decano do sagrado Collegio, acompanhado dos decanos, dos arcebispos e bispos presentes, de um arcebispo do rito grego e de um arcebispo armenio, apresentou-se ao pé do throno rogando a S. Santidade, em nome de toda a Igreja, para que elevasse sua voz apostolica, pronunciando o decreto dog-

matico da Immaculada Conceição». O Papa respondeu que alegremente acolhia este pedido, mas ainda uma vez queria invoçar o auxilio do Espirito Santo. Todas as vozes se uniram no cantico *Veni Creator*, e logo que este terminou, S. Santidade de pé, e com aquella voz grave, sonora, e magestosa de que tantos milhares de fieis conhecem a profunda magia, começou a leitura da bulla.

Em primeiro lugar estabellecia as rasões theologicas da crença no privilegio de Maria; em seguida evocava as tradições antigas e universaes tanto no Oriente como no Occidente, o testemunho das ordens religiosas e dos collegios de theologia, dos santos Padres e dos concilios, e finalmente os actos pontificaes, tanto antigos como recentes.

Emquanto que o Papa expendia esses piedosos e magnificos documentos, seu rosto denotava uma profunda commoção. Por muitas vezes teve de interromper-se. «Depois de, dizia elle, ter offerecido sem descanço, na oração e no jejum, nossas proprias orações e as orações publicas da Igreja a Deus o Padre Eterno por seu Filho, afim de que se dignasse dirigir e confirmar nossos pensamentos pela virtude do Espirito Santo; depois de ter invocado o auxilio de toda a côrte celestial...; em honra da santa e indivisivel Trindade, para gloria da Virgem Mãe de Deus, pela exaltação da fé catholica e augmento da religião christã; por authoridade de N. S. Jesus Christo, dos bemaventurados apostolos Pedro e Paulo, e pela nossa...»

N'este ponto faltava-lhe a voz, parando para limpar as lagrimas.

Os assistentes, tão enternecidos como elle, mas mudos de respeito e admiração, escutavam no mais profundo silencio. De repente Pio IX continuou com voz forte, e elevando-a gradualmente n'uma especie de enthusiasmo:

«Nós declaramos, pronunciamos e definimos, que a doutrina que affirma que a bemaventurada Virgem Maria foi preservada e limpa de toda a mancha do peccado original, desde o primeiro instante de sua conceição, em vista dos merecimentos de Jesus Christo salvador dos homens, é uma doutrina revelada por Deus e por essa razão, todos os fieis devem crêr n'ella com firmeza

e constancia. Pelo que, se alguem tiver a presumpção, o que Deus não permitta! de admittir uma crença em contrario de nossa definição, saiba que deslisou da fé e se acha separado da unidade da Igreja!...»

O cardeal decano, prostrado segunda vez aos pés do Pontifice, supplicou-lhe então que publicasse as cartas apostolicas contendo a definição; e o promotor da fé, acompanhado dos protonotarios apostolicos, pediu tambem que se lavrasse um processo verbal d'esse grande acto. Ao mesmo tempo o canhão de S. Angelo e todos os sinos da cidade eterna annunciavam a glorificação da Virgem Immaculada.

Á noite, Roma, cheia de ruidosas e alegres orchestras, embandeirada, illuminada, corôada de inscripções e de transparentes emblematicos foi imitada por milhares de villas e cidades em toda a superficie do globo.

Se tentassemos contar todas as piedosas manifestações que então se deram, não só encheriamos volumes, mas bibliothecas.

As respostas dos bispos ao Papa antes da definição foram publicadas em nove volumes; a Bulla só por si, traduzida em todas as linguas e em todos os idiomas do universo, pelos cuidados de um sabio sulpiciano francez [1], encheu uma dezena; as instrucções pastoraes publicando e explicando a bulla, assim como os artigos religiosos formariam evidentemente muitas sentenças, sobre tudo se lhe ajuntassem as poesias, os raptos de eloquencia, e a descripção dos monumentos e dos festejos. Não esqueceria por certo notar as espontaneas e incomparaveis illuminações periodicas de Lyão, todas as vezes que o curso do anno tocou a meta do memoravel dia 8 de dezembro.

A Virgem Immaculada recompensou visivelmente seu servidor, estendendo sobre elle sua protecção de uma maneira quasi miraculosa.

Passados alguns mezes, em uma festa religiosa na igreja de Santa Ignez proximo da via Nomentana, achava-se o Pontifice sobre um tablado com algumas pessoas da sua corte, quando

[1] M. o abbade Sire.

este abateu, arrastando na queda da altura de quinze a vinte pés todos os que alli se achavam. Este incidente podia ter serias consequencias; felizmente apenas se deram algumas contusões sem gravidade. Roma festejou estrepitosamente a preservação da vida de seu soberano.

Vinte annos depois, a 12 de abril de 1875, reuniu-se ainda a nobreza romana para celebrar este anniversario, que era ao mesmo tempo o da chegada triumphal de Gaeta em 1852.

Em resposta aos protestos de dedicação que lhe foram lidos por tal motivo no Vaticano, Pio IX fez allusão aos meios empregados mysteriosamente pela Providencia. Disse elle: «A nossa queda em Santa Ignez pareceu-nos a principio um desastre, aterrou-nos a todos extraordinariamente, mas no fundo, não teve outro resultado senão dar mais forte impulso aos trabalhos de solidez e aformoseamento da antiga basilica. Agora succederá o mesmo, accrescentou elle. Das ruinas moraes que o inferno accumula de todas as partes sobre nós e em redor de nós, a Igreja sahirá rejuvenescida, mais vigorosa e mais bella do que nunca».

No entretanto as usurpações do schisma grego nos logares santos, a altiva ambição de Nicolau I, imperador da Russia, tinham accendido no Oriente o facho da guerra na qual a França primeiro, e depois a Inglaterra tomaram o partido da Turquia.

Esta guerra travada a tão grande distancia foi longa e cruenta, mas gloriosa. Por um momento fez esquecer o prejuizo de Dois de Dezembro, augmentou o prestigio militar da França e pareceu consolidar para sempre muitas cousas que depois cahiram no esquecimento. Entre estas era uma, a alliança anglo-franceza definitiva, o realçamento do despotismo moscovita, a sabia politica de Napoleão III e a superioridade das armas francezas no presente como no passado. Infelizmente, a armada que tomou Malakof devia ser a derradeira e unica grande armada do segundo imperio, que pela maior parte a tinha recebido dos governos anteriores; a que em seguida venceu na Italia não era já mais do que um simulacro de armada: depois de Solferino contava grande numero de soldados cansados e estropiados!

Causou assombro ver no meio da lucta o Piemonte juntar-se

aos alliados, e enviar um exercito para Sebastopol. O Piemonte não era interessado na querella, a não ser como potencia catholica na questão dos lugares santos; mas o governo piemontez não era catholico senão de nome; arvorava publicamente a bandeira do liberalismo, supprimia a liberdade de consciencia dos catholicos, dissolvendo á força as ordens religiosas, e acabava de attrahir a excommunhão maior pronunciada contra elle por Pio IX, a 26 de julho de 1855. A explicação da sua politica foi conhecida depois da guerra, no congresso de Paris.

Reunido esse congresso para um objecto especial e definido, o regulamento da questão do Oriente, parece que não devia occupar-se de outra cousa. Se todavia ahi se tivesse approveitado da presença da Inglaterra e da Russia, para recommendar á sua justiça as desgraçadas populações da Irlanda e da Polonia, a excursão fóra do dominio das deliberações não deixaria de ser bem cabida. Acharam porém menos perigoso, e sem duvida mais generoso e leal levarem inopinadamente á barra do congresso dois pequenos soberanos, nenhum dos quaes tinha ahi representantes e não podia defender-se: o Papa e o rei de Napoles.

Foi o conde de Cavour, discipulo de Gioberti e primeiro ministro do Piemonte, que, apresentado para este fim pelo ministro de França, conde de Walewski, e certo de antemão do apoio do plenipotenciario inglez, lord Palmerston, se encarregou d'este cavalheiroso feito.

Entre outras cousas, disse elle: «Os estados da Santa Sé não conheceram a prosperidade senão no tempo de Napoleão I, quando faziam parte do imperio francez, ou do reino de Italia... Mais tarde, o imperador Napoleão III, com a perspicacia e a justa firmeza que o caracterisa (vê-se que Cavour não esquecia a quem fallava), Napoleão III comprehendeu e indicou claramente, na sua carta ao coronel Ney, a solução do problema: secularisação, codigo Napoleão; mas é evidente que a côrte de Roma luctará até ao derradeiro instante, e por todos os meios, contra a realisação d'esta duplicada combinação.

«Comprehende-se que Roma possa, apparentemente, dobrar-se a reformas civis e mesmo politicas, posto que illusorias

na pratica; mas ella sabe perfeitamente que a secularisação e codigo Napoleão introduzido no edificio do poder temporal, a minaria por sua base, e a faria cahir, arrebatando-lhe seus principaes sustentaculos, que são os privilegios clericaes e o direito do canhão... A organisação clerical oppõe invenciveis obstaculos a toda a sorte de innovações...» Cavour optava pela separação politica das legações, e pela instituição, nas cidades pertencentes a Roma, de um vice-rei secular.

Walewski e Palmerston appoiaram, em termos mais ou menos ambiguos. Os plenipotenciarios dos outros paizes calaram-se ou recusaram explicar-se cathegoricamente á falta de instrucções. Unicamente, M. de Manteuffel, o representante da Prussia, que Napoleão, com sua perspicacia, instigado por Cavour, admittira ás honras e aos beneficios do congresso, apesar d'este não ter parte alguma nos sacrificios da guerra, nem na intervenção da paz, M. de Manteuffel observou que taes recriminações mais pareciam um appello aos movimentos revolucionarios da Italia. A Prussia é que não adivinhava ainda o proveito que podia tirar d'esta alliança da revolução italiana e de Napoleão III, talvez por que não acreditava n'ella. Mas a França catholica e conservadora, a França perguntava se o chefe que acceitara e que parecia até alli servil-a tão excellentemente, não attrahiria repentinamente para voltar aos habitos conspiradores de sua mocidade; e logo que se soube por vagas confidencias dos jornaes, e pelas circumstancias de uma certa entrevista cheia de intimidade entre o imperador e M. de Cavour nas aguas de Plombières, circulou entre a gente honrada uns timidos mas terriveis presentimentos.

Todavia, a alliança franco-piemonteza com quebra do papado parecia de tal fórma impossivel, que o representante official da França em Roma não trepidou em refutar as calumnias interesseiras do conde de Cavour. Era este representante o conde de Rayneval, pessoa muito competente, por que já antes de estacionar em Roma como embaixador de Napoleão III, tinha sido ministro plenipotenciario no tempo da republica, e secretario de embaixada no reinado de Luiz Philippe. Infelizmente a sua relação dirigida ao ministro dos negocios estrangeiros não pro-

duziu todo o effeito que se devia esperar. A imprensa revolucionaria não fallou a tal respeito, a imprensa official pouquissimo, e o governo recusou-lhe a publicidade no *Moniteur,* publicidade que desde logo se reservou para o triste pamphleto de M. About, a respeito da *Questão romana.* Quem o pensaria? Foi n'um jornal inglez, o *Daily News*, que os raros jornaes francezes, ao mesmo tempo conservadores e independentes, tiveram de ir procurar o texto da informação de M. de Kayneval!

Esse documento é luminoso e de uma importancia capital; por tanto não podemos deixar de dar pelo menos alguns curtos extractos:

«Não póde contestar-se, dizia elle, que reina nas populações romanas um certo mal estar; mas em vez de atribuirem isto aos desregramentos da administração pontifical, a causa é muito menos simples e tem relação com uma ordem de idéas muito differentes. Liga-se sobre tudo a este facto: que o papel de Italia no mundo não está já em relação com as visões e aspirações dos italianos... O proprio sceptro das artes, da sciencia e da civilisação, que muito tempo os indemnisou, á falta do sceptro da politica e da guerra, tambem lhes fugiu passando á mão das nações visinhas... Além d'isso, os abundantes recursos que afluiam a Roma de todas as partes do mundo catholico quasi cessaram, e assim seccou a principal fonte da prosperidade publica; a Igreja viu-se obrigada a tirar maior proveito do seu territorio... As antigas soberanias ecclesiasticas desappareceram do resto da Europa. Nossos paes affeitos a ellas não as achavam extraordinarias; nós, porém, consideramol-as uma anomalia... Ao mesmo tempo as excitações revolucionarias, e a indulgencia de certos gabinetes pelos queixumes das populações, forçoso é conhecer que não pouco propendem para fazel-as acabar...

«... Os italianos tem muita penetração e intelligencia, uma viva intuição de todas as coisas; mas esses preciosos dons são geralmente contrabalançados pela falta de energia, de força d'alma e da verdadeira coragem civil. Desconfiando constantemente uns dos outros, vivem isolados, não tem nem associações commerciaes ou manufactureiras, nem politica commum, e entre el-

les os exercitos nacionaes aguerridos são impossiveis. As fileiras acham-se completas em dia de parada; mas chegada a hora do perigo, os chefes são accusados de traidores, e os soldados temem-se uns dos outros. Esta falta de equilibrio entre a intelligencia e o caracter, é a chave de toda a sua historia e de todas as suas enfermidades politicas. Entregues a si proprios, não sabem senão discutir na praça publica, dando em definitiva a victoria aos partidos extremos, dividindo-se e subdividindo-se até ao infinito, e entregando seu paiz aos primeiros intrusos, quer sejam Francezes, Hespanhoes, ou Allemães. Cada nação soffre as consequencias de seus defeitos; mas como fazer-lhe comprehender que a sua inferioridade deve ser attribuida a elles mesmos e não a seu governo?

«O exemplo do Piemonte desorientou-os; mas é um grande erro citar o Piemonte como exemplo do que se póde esperar das populações italianas. O Piemonte é uma nação intermediaria, contendo mais elementos francezes e suissos que italianos.

«Basta um facto para nos convencermos d'isto mesmo; e vem a ser, que os piemontezes possuem esse verdadeiro espirito guerreiro e monarchico desconhecido do resto de Italia...

«... Pio IX mostrou-se zeloso apologista das reformas: sabe-se qual foi a catastrophe que se lhe seguiu. O que então succedeu, com certeza se tornaria a renovar.

«... Tenho muitas vezes perguntado aos mais fervorosos adversarios em quanto avaliavam elles o numero dos ecclesiasticos empregados na administração. Respondiam-me que em tres mil pouco mais ou menos. E não queriam acreditar quando eu lhe provava, com os documentos na mão, que elevando a cifra ao maximo, não chegavam a duzentos, e d'esses mesmos pretendidos ecclesiasticos, metade não tinham recebido ordens. E, no entanto, é sobre os dados de tal falsidade que são baseadas e acceites pelo publico como irrefutaveis as graves accusações que lhes fazem.

«N'um tempo em que o governo pontifical não tolerava nenhuma objecção, a Egreja comprehendeu que as funcções do padre relativamente ao altar e áquellas que se ligam á administração, podiam estar em contradicção muitas vezes; a Egreja

deu por tanto entrada ao elemento secular para a instituição da prelazia, reservando para si um certo numero de logares mesmo no sagrado collegio. A prelatura augmentou continuadamente da parte de uma classe de cidadãos especialmente destinados á administração. Certas condições porêm de bom comportamento e posição são exigidas n'essas pessoas. Ultimamente tem estas cumprido suas funcções á sua propria custa, alliviando d'este cargo o thesouro.

«Uma posição tão importante dava aos titulares, aqui ha alguns annos, um rendimento de 600 mil escudos romanos. Desde então, afim de tornar esses logares accessiveis ao maior numero, os emolumentos adscriptos foram consideravelmente augmentados. Os prelados romanos não são todavia obrigados a tomar ordens sacras. A maior parte dispensa-as. Monsenhor Matteucci, commissario de policia, monsenhor Mertel, ministro do interior, M. Berardi, vice-secretario de Estado, e tantos outros, que tem a liberdade de casarem amanhã se quizerem, constituem uma especie de religião na qual fazem o sacrificio de seus proprios interesses pelos interesses do paiz. Seriam elles mais irreprehensiveis, se trajassem d'outra fórma?

«Se examinassemos a parte que toca aos prelados, áquelles que são padres e aos que o não são, na administração romana, chegariamos a obter resultados que é importante mencionar. Fóra de Roma, isto é, em toda a extensão dos Estados Pontificios, á excepção da capital, nas Legações, nas Marcas, na Umbria, em todas as provincias, em número de dezoito, quantos empregados ecclesiasticos acreditareis que estão? Não excedem a quinze (um por cada provincia) excepto tres onde não póde deixar de assim ser. São delegados, ou regedores. Os conselhos, os tribunaes e as funcções administrativas de toda a especie, são preenchidas por seculares.

«O numero d'estes ultimos eleva-se a 2313 no serviço civil, e a 620 os funccionarios judiciaes; ao todo 2933; de sorte que, por um empregado ecclesiastico, temos 15 seculares. Ainda para o espirito mais prevenido, é impossivel não reconhecer que um poder ecclesiastico que tem reduzido a tal ponto os membros da sua ordem, limitando d'esta maneira seus partida-

rios, tornando os outros depositarios do poder em toda a extensão do territorio, chegou á ultima extremidade. Quem duvida ahi que isto seja um abuso intoleravel, e que o perigo cessará logo que o pequeno numero de ecclesiasticos que occupam logares publicos tiver desapparecido da scena?

«N'este ponto temos a notar um facto curioso. As provincias administradas por seculares, entre outras a de Ferrara e Camerino, tem requerido umas poucas de vezes para obter do governo um delegado ecclesiastico. O povo que não está acostumado aos delegados seculares, recusa obedecer aos outros, accusando-os de sobrepôr aos interesses publicos os seus e de sua familia; e no tocante mesmo ás esposas d'estes funccionarios, queixa-se que dão causa a questões de primazia e etiqueta. N'uma palavra, o governo que, para satisfazer o pretendido desejo das populações de ter unicamente funccionarios seculares, se reservasse só para os seculares um certo numero de empregos, acharia no povo uma viva opposição.

«... Pio IX mandou rever os Codígos Commerciaes e judiciaes; e eu estudei-os profundamente: estão a cima de toda a critica. O codigo hypothecario foi examinado por jurisconsultos francezes, e por elles citado como modelo... A organisação municipal é tão larga... que hoje parece que tem sido necessario augmentar, não o poder municipal, mas a vigilancia exercida pelo governo...

«... O numero dos auctores da revolução de 1849, a quem foi interdicto o territorio pontifical, não chega a cem. Mas esta extrema doçura, não impediu que o Parlamento Inglez accusasse o governo pontificio de crueldade.

«... Sabemos quanto custam as revoluções. A republica romana fez face ás suas despezas creando um papel moeda, que não tardou a soffrer uma depreciação consideravel.

«O governo pontificio não hesitou em reconhecer esses assignados, e tem tratado de os retirar da circulação, comprando-os. No entanto, a somma era consideravel: sette milhões de escudos, isto é, um pouco mais de um anno do rendimento do Estado... Os assignados desappareceram, e as notas do Banco do Estado pontificio, estão hoje ao par da moeda metallica. Este

notavel resultado é considerado como insignificante pelos detractores da administração... Em summa, apesar dos encargos causados pela revolução, apesar das extraordinarias despezas causadas pela reorganisação do exercito, apesar mesmo dos numerosos auxilios prestados aos trabalhos publicos, o thesouro que, depois da restauração de Pio IX accusava um deficit muito consideravel, tende gradualmente para se equilibrar.

«Tive recentemente occasião de fazer notar a Vossa Excellencia que o deficit foi reduzido no presente anno de 1856 a uma quantia insignificante, e que este alcance pela maior parte, foi por causa de despezas imprevistas, e dos capitaes applicaveis a extincção da divida.

«As contribuições são sempre muito mais baixas do que o termo medio das diversas nações europeas. Um romano paga annualmente 22 francos ao Estado; um francez paga 45 francos. [1]

«A lista civil, as despezas dos cardeaes, do corpo diplomatico no estrangeiro, as despezas obrigatorias com os palacios e muzeus pontificios, tudo isso não gasta ao estado mais de tres milhões de francos.

«... O exercito nacional foi elevado a 12:000 homens, afora 4:000 suissos... A apparencia d'este exercito é excellente. Se o governo com o uniforme e a espingarda podesse incutirlhe energia e fidelidade, não precisava de appellar para estrangeiros... mas a falta está no espirito nacional...

«... Numerosas estradas foram abertas sobre differentes pontos do paiz; o porto de Terracina foi alargado; trabalhouse muito para o esgotamento dos pantanos de Ostia e de Poutino; em diversos logares construiram-se viaductos notaveis. A navegação a vapor foi introduzida no Tibre, e Roma foi visitada por maior numero de navios do que antigamente. A cidade foi illuminada a gaz; a telegraphia electrica funcciona; e activam-se os trabalhos no caminho de ferro... A agricultura tambem não

[1] Ah! graças ás consequencias da alliança franco-piemonteza, são 100 francos e não 45 que hoje paga o francez! Além d'isso, M. de Rayneval poderia accrescentar que o romano não é obrigado ao imposto de sangue senão emquanto lhe apraz ser soldado.

foi esquecida. Instituiram-se premios para animar o agricultor e o creador de gado. Finalmente, uma commissão, composta dos principaes proprietarios, estuda o problema até hoje insoluvel do esgotamento dos campos romanos e a maneira por que poderá ser repovoado.

«... Se o povo romano fosse capaz de ajudar-se a si proprio, se ao menos fosse activo e laborioso, se sua ambição se não limitasse á acquisição de um rendimento restricto, justamente o necessario para satisfazer ás primeiras necessidades da vida, o paiz elevar-se-hia a uma rapida prosperidade. Mas elle abandona aos estranhos todas as emprezas uteis, e o governo não pode por sua propria iniciativa substituir por toda a parte a industria particular.

«... Não obstante, a condição da população é boa, comparativamente. Ao primeiro signal de festejos publicos, a multidão corre a sumir-se...; a alegria mais expansiva está escripta em todas aquellas phisionomias. Então cabe perguntar se é este aquelle *povo cujas miserias excitam a compaixão de toda a Europa*. Todavia, tambem aqui ha miserias como em toda a parte; mas são menos pesadas que nos climas menos favorecidos: as coisas mais necessarias adquirem-se por modico preço; a caridade abunda, os estabelecimentos pios são numerosos e efficazes... Algumas casas de detenção deviam ser visitadas, para que o visitante podesse admirar (a expressão não é demasiado forte) a perseverante caridade do Santo Padre...

«Na verdade, quando certas pessoas dizem que o governo pontificio «administra de maneira que não póde ter por fito o bem estar do povo», o governo poderia responder-lhes: «Estudai os nossos actos, e condemnai-nos depois, se poderdes.» O governo póde perguntar não só qual é aquelle de seus actos que justifica uma legitima queixa, mas tambem, a qual de seus deveres tem faltado. Além de que, devemos imaginar que o governo pontificio seja um modelo isento de fraquezas e imperfeições? De certo que não! Mas essas imperfeições e essas fraquezas são da natureza d'aquellas que se dão em todos os governos, e mesmo em todos os homens, salvo rarissimas excepções.

«O governo pontificio é composto de romanos operando á maneira romana. É desconffiado, meticuloso, e indeciso. Recua diante da responsabilidade; possue mais o espirito do exame que o espirito da decisão. Gosta das tergiversações e das condescendencias. Falta-lhe energia, actividade, iniciativa, e firmeza, e emfim, tal qual como a sua propria nação. No entanto, posto que seja licito criticar quem quer que seja que descure seus deveres, seria uma injustiça classificar de criminoso um individuo qualquer, por não ser um Sixto-Quinto, um Colbert ou um Napoleão.

«Não me canso de interrogar as pessoas que me vem denunciar os *abusos* do governo papal. Esta palavra, é preciso não o esquecer, está adoptada, e fóra do alcance de toda a contestação: é como a palavra do Evangelho. Mas, em que consistem esses abusos?... Queixam-se que na alfandega pedem impostos aos viajantes. É realmente um pessimo costume, mas bastaria a secularisação do governo para curar o paiz de um vicio profundamente enraizado em sua natureza, ou impedir o povo de estar sempre prompto para estender a mão?... Em todo o caso, quando succede enriquecer aqui alguem, é sempre um secular...

«Falla-se muito de salteadores que, segundo dizem, infestam o territorio. Tenho percorrido todo o paiz, e nunca vi nem a sombra de um malfeitor. É verdade que lá de tempos a tempos se sabe que uma diligencia foi assaltada, e roubado um passageiro. Um unico successo d'este genero é bastante para dar que fallar. Mas é preciso não esquecer que o governo empregou todos os meios ao seu alcance para reprimir taes excessos. Graças ás energicas medidas, os bandidos tem sido presos e castigados em toda a parte. Quando em França uma diligencia é atacada; quando, no caminho de Londres a Windsor, uma dama da rainha é despojada de suas joias, o facto passa despercebido; mas logo que o menor successo d'esse genero acontece n'uma estrada isolada dos Estados romanos, a imprensa, sequiosa de pretextos, imprime a noticia em grossos caracteres, e clama vingança contra o governo.

«Do lado de Roma, os ataques d'este genero, que tem suc-

cedido com grandes intervallos, nunca tiveram importancia que excitasse a inquietação. Na Romanha, formaram-se bandos organisados, os quaes, aproveitando da visinhança da fronteira toscana, se tem facilmente evadido á perseguição e espalhado o terror durante algum tempo. O governo tem-lhe feito uma guerra incessante, e em seguida a muitas escaramuças em que grande numero de soldados tem ficado mortos ou feridos, esses bandos estão em grande parte dispersos.

«Em conclusão, somos forçados a confessar depois d'este exame, que o governo pontifical não fraqueou na sua tarefa; pelo contrario, marcha regularmente na vereda das reformas e dos melhoramentos, e que tem realisado progressos consideraveis...»

Entre estas, poderia M. Rayneval mencionar as numerosas fundações scientificas e artisticas de Pio IX; a do collegio de Sinigaglia e do *Seminario Pio* em Roma; os estabelecimentos de caridade e educação doctados á sua custa em Pérouse, Civita-Vecchia, Ancona e Pesaro; a fama universal da universidade romana e de seus estudos; a restauração da via Appienna, e muitos outros trabalhos archeologicos que tem valido a seu augusto promotor o cognome de *Vindex antiquitatis*. Mas M. de Rayneval respondia a M. de Cavour e a lord Palmerston, e nem um nem outro ousariam tornar-se echo da censura de *obscurantismo* dirigida ao papado, censura quando muito digna de assoalhar-se na mesa das tabernas e botiquins, ou nos jornaes em que uma decima parte dos leitores nunca ouviram nem jámais ouvirão fallar, nem do P. de Vico, nem do P. Secchi, nem de Rossi, nem de M. Visconti.

No entretanto, o incidente do congresso em Paris não constituia um perigo muito proximo, e se a subtração á publicidade da memoria de M. de Rayneval era um symptoma grave, foi esquecido por outros symptomas contrarios. Dizia-se que Napoleão III, desejando ser sagrado como seu tio por um Papa, multiplicara de antemão os affagos junto de Pio IX, chegando até a offerecer-lhe, confidencialmente, a abolição dos artigos organicos, e uma modificação do Codigo Napoleão, no sentido, que os esposos que se casam perante a Egreja fossem dispensados

do casamento civil. Um penhor menos problematico da presistencia das boas relações entre Roma e Paris, foi o baptismo do principe imperial. O imperador tinha pedido ao Papa «a graça de levar á pia baptismal, o filho que a Providencia acabava de dar-lhe», e Pio IX tinha acceitado sem custo. Não podendo elle mesmo assistir á ceremonia, fez-se representar por seu delegado *á latere*, o cardeal Patrizzi. N'essa occasião entregou o cardeal Patrizzi á imperatriz a rosa de ouro que todos os annos é abençoada no quarto domingo da quaresma, para ser enviada aos principes, ás cidades ou ás Egrejas que o Papa deseja honrar particularmente. A rosa benta, não é outra coisa mais que uma rozeira de ouro, coberta de rosas. O vaso que continha esta era de ouro macisso, e assentava n'um pedestal de lapis-lazuli tendo em mozaico as armas do Papa e do imperador. No vaso estava insculpido em relevo o nascimento da Virgem, e a apresentação no Templo.

Finalmente a creação do bispado de Saval em 1855, a mudança da Sé de Rennes em arcebispado em 1859, a reorganisação da grande esmolaria e o restabelecimento do Capitulo de S. Diniz a pedido de Napoleão III, por um breve de 31 de março de 1857, dissiparam as desconfianças dos catholicos, fazendo-lhes considerar como chimericos seus momentaneos receios.

Ao mesmo tempo, a rainha Isabel II de Hespanha tendo um filho, que foi mais tarde Affonso XII, quiz tambem que este fosse levado ao baptismo por um representante do Papa. D'este modo, Pio IX era padrinho dos herdeiros dos thronos de França e de Hespanha, e de muitos outros principes, entrando tambem n'este numero uma filha de Victor Manoel, a princeza Pia, hoje rainha de Portugal. Dever-se-hia esperar depois d'isto que os principes o abandonassem tão cedo?

As negociações entabolladas depois de muitos annos com a Austria terminaram a 18 de agosto de 1855, por uma concordata verdadeiramente liberal, no genuino sentido da palavra, posto que desse causa a muitas desintelligencias entre os pretendidos liberaes, para quem só uma liberdade é querida:—a liberdade de opprimir a Egreja. Esta concordata resume-se perfeitamente nos seus dois primeiros artigos:

«Artigo I. A religião catholica, apostolica romana, será sempre conservada em perfeito estado em toda a extensão da monarchia austriaca, e com todos os direitos e todas as prerogativas de que deve gosar em virtude da ordem estabelecida por Deus, e pelas leis canonicas.

«Artigo II. O Pontifice romano tendo, por direito divino em toda a Egreja, a primazia de honra e jurisdicção, a communicação mutua, no que toca as coisas espirituaes e aos negocios ecclesiasticos dos bispos, do clero e do povo com a Santa Sé; não será submettido a nenhuma necessidade de obter o *placet* real; pelo contrario será inteiramente livre.»

Na sua allocução consistorial de 5 de novembro de 1855, Pio IX exprimiu a satisfação que lhe causava esta feliz conclusão, e a 17 de março do anno seguinte, dirigiu aos bispos do imperio austriaco um breve, exhortando-os a aproveitarem-se de sua reconquistada independencia espiritual para garantir suas dioceses contra os estragos do indifferentismo e do racionalismo. O zeloso Pontifice tinha muita necessidade das alegrias que lhe chegavam por aquelle lado para se consolar dos desgostos que lhe causavam os hespanhoes. O governo de Isabel II parecia querer recomeçar a guerra á Egreja; e apesar da concordata leiloava os bens ecclesiasticos que ainda estavam por vender, prohibia aos religiosos que admittissem noviços, e á força de violencias obrigava muitos bispos a abandonarem suas dioceses. Pio IX teve de chamar seu representante em Madrid. Nas republicas da America meridional e no Mexico, davam-se as mesmas perseguições. O congresso do Mexico não consentia os votos monasticos, deportava o seu arcebispo, e encarcerava o bispo de Michoacan. O Papa reprovou solemnemente este procedimento, e proclamou a nullidade de iguaes actos nas suas allocuções de 26 de julho de 1855, e de 15 de dezembro de 1856.

Um sabio, porém temerario theologo da diocese de Cologne, o doutor Antonio Gunther, tinha-se insensivelmente afastado da tradição, tomando por base o racionalismo e confundindo a rasão e a fé. Como essas innovações achavam partidarios em diversas partes da Allemanha, o olhar vigilante de Pio IX distin-

guiu alli os germens de heresia que era importante abafar antes que lhe dessem todo o desenvolvimento. O doutor Gunther foi condemnado, e submetteu-se humildemente, mas foi preciso luctar ainda com muitos de seus partidarios, menos doceis do que elle. Era assim que se intrecalavam as alegrias e as amarguras para o zeloso vigario de Jesus-Christo.

Como resposta áquelles que não cessavam de fallar de sua impopularidade, Pio IX partiu de Roma a 4 de maio de 1857, dirigindo-se a Ancona, Ravenna e Bologna, para voltar por Modena e Fiorenza. Atravessou por tanto essas Legações que M. de Cavour dizia estarem convulsas debaixo do jugo, e não as atravessou como fazem ordinariamente os soberanos, sobre as azas do vapor; a viagem durou quatro mezes, até 5 de setembro. O Pontifice obteve um triumpho completo: a imprensa europea registrou-o surprehendida, e algumas vezes despeitada. Pio IX viajava muitas vezes a pé no meio do seu povo; todos podiam aproximar-se e fallar-lhe sem impedimento. Parava para visitar as egrejas, os hospitaes, as officinas; e para se informar dos trabalhos das pontes e das estradas. Bastantes petições lhe foram apresentadas. Cuidam talvez que n'ellas se pedisse a suppressão do regimen sacerdotal? Reclamavam pelo contrario que o estado das coisas tornasse ao tempo antigo, em que só os cardeaes ou prelados eram encarregados da administração.

Não sómente Pio IX era recebido como um soberano muito amado, mas como um santo. Já se fallava em graças extraordinarias devidas ás suas orações; contavam-se curas obtidas pelo contacto de sua sotaina ou dos solideos que elle tinha usado. Um dia, por occasião da sua passagem, uma pobre mulher mãe de familia, doente havia muito tempo, rompe a multidão e supplica-lhe que a cure tocando-a com as mãos.

«Santo Padre—exclama ella mostrando-lhe as creancinhas que a rodeiam,—Santo Padre, aqui está uma infeliz mãe moribunda; aqui estão duas creanças que vão perder todo o amparo com a minha falta; salvai-me, dai-me a vida!

Pio IX parou, e respondeu commovido:

—Minha pobre filha, eu não sou infelizmente o que imaginaes; não tenho o poder de expulsar a doença, mas tenho um

coração de pai para vos consolar, e posso fazer cahir em vossa alma uma palavra de esperança. Minha filha, Deus é bom, infinitamente bom! Vós não lhe rogaes talvez bastante. Vamos lá. Durante nove dias dirigi-vos a elle, porque elle é a Providencia dos orphãos e das mães. Durante todo esse tempo eu unir-me-hei comvosco, e espero que o ceo nos ouvirá. Comecemos immediatamente.»

E assim fallando á enferma, recolheu-se para fallar com Deus. A pobre mãe ajoelhou ao pé d'elle e os assistentes ajoelharam tambem. O historiador que conta esta scena commovente, accrescenta que a mulher partiu d'ali animada e fortificada; mas não diz se ella se curou. Todavia, ha outros exemplos de curas miraculosas, succedidas pouco mais ou menos nas mesmas circumstancias.

A impressão da viagem de 1857 durava ainda quando um acontecimento, hoje esquecido, forneceu aos inimigos da Santa Sé occasião para levantarem alta celeuma.

A Egreja considerando o baptismo como um bem superior a todos os outros, entende que nenhum poder humano, nem mesmo a auctoridade paterna tem direito de privar do beneficio d'esse bem a creança que uma vez o recebeu. Sendo por tanto os parentes d'essa creança protestantes ou infieis, é necessario subtrahir-lh'a e a mesma Egreja admitte esta extrema consequencia. Sómente, como ha uma grave e penosa derogação dos direitos da familia tantas vezes invocada por ella, afim de restringir ou antes annular esta necessidade na pratica, a legislação pontifical prohibe aos judeus tomar para seus servos mulheres christãs, prohibindo tambem, debaixo das maiores penas, que seja baptisada uma creança judia, a menos que esteja em imminente risco de vida. Succedeu, porém, que uma familia judia de Bologna, de nome Mortara, não receiou infringir esta prohibição. Tinha tomado por creada uma mulher christã, e esta, vendo um dos filhos de seu senhor perigosamente enfermo, baptisou-o. O Papa, sabendo-o, fez executar a lei. Ordenou que o menino fosse tirado ao pai para ser educado como christão, por que de facto já não era judeu. Eis explicada, em poucas palavras, essa famosa *causa Mortara*.

Se a escola revolucionaria fosse logica, ella, que declara que os filhos antes de pertencer aos pais pertencem ao Estado, poderia lamentar ver seus principios applicados, uma vez pelo menos, em proveito do Evangelho que detesta; como applaudiria o caso, se se desse em circumstancias que lhe fossem favoraveis. Mas ao contrario d'isso, denunciou o comportamento do Papa á indignação de todos os amigos da liberdade de consciencia.

Os jornaes officiosos do Imperio francez esforçaram-se ardentemente em incitar a tal respeito os já fortes clamores dos jornaes da opposição. Victor Séjour e os comediantes habituaes de Napoleão III apossaram-se d'esse thema, e a côrte e cidade, em seguida ao mestre, trataram de divertir-se á custa dos cardeaes, depois de verterem lagrimas, mais ou menos sinceras pelo «filho roubado».

Nada seria mais facil para Pio IX que apaziguar a tempestade, pelo menos do lado das Tuilerias; preferiu, porém, soffrer até ao cabo, quando mesmo se não tratasse senão da salvação de sua alma, e conservou-se impassivel.

Um dia, disse o Pontifice a um padre francez: «Durante o negocio do joven Mortara, muitos homens bem intencionados, mas pouco fortes na fé, me escreveram para me consolar. Imaginavam-me muito aterrado e afflicto... *Ipse vero dormiebat*; mas elle dormia.»

D'este modo Pio IX comparava-se a seu Divino Mestre adormecido no meio da tempestade. Na mesma ordem de comparações e sentimentos, diz elle excellentemente, em janeiro de 1860 a uma deputação das ordens monasticas de Roma:

— A vaga vai fortemente impellida contra o rochedo; mas quando este é solido, essa vaga que se elevava até seu cume recahe espumante e exhaurida a seus pés; não lhe causando outro effeito senão polil-o, e tornal-o mais alvo e mais puro.

Todavia, se os brados da imprensa não o fizeram retroceder, nem por isso deixaram de ser muito sensiveis para seu coração paternal. Não se póde ler sem commoção as enternecidas palavras que elle dirigia em 1867 ao joven Mortara, já então quasi homem, e a ponto de tomar ordens sacras:

«Preso-vos muito, meu filho, por que vos adquiri para Jesus

Christo por um alto preço. Sim, é verdade, custou-me um bom resgate. Por sua causa rebentou contra mim e contra a Santa Sé apostolica, um clamor universal. Os governos e os povos, os poderosos d'este mundo e os jornalistas que são tambem os athletas do dia, declararam-me guerra. Os proprios monarchas pozeram-se em campo, enviando-me por seus embaixadores notas diplomaticas, e tudo isto por vossa causa... Lamentavam a torto e a direito vossos parentes, por que tinheis sido regenerado pelo santo baptismo, e recebido a instrucção que aprouve a Deus dar-vos. E no entretanto, ninguem me lastimou a mim, o Pae de todos os fieis, a quem o schisma arranca milhares de filhos na Polonia, ou procura corrompel-os com um ensinamento e doutrinas perniciosas. Os povos e os governos calam-se no momento em que eu grito gemendo pela sorte d'esta parte do rebanho de Jesus Christo, atacado pelo salteador em pleno dia, e ninguem se meche para vir em soccorro do Pae, nem de seus filhos».

Approximava no entanto o momento em que toda esta conflagração ia esbarrondar-se. Lembre-se o 14 de janeiro de 1858, depois Pianori em 1855, em seguida outros ainda todos italianos; em 1853, o conde Orsini, filho de um dos principaes cumplices de Luiz Napoleão na revolta das Romagnes em 1831, tentára assassinar Napoleão III, e pouco faltou para o conseguir.

No seu testamento politíco lido perante o jury (senão inspirado) por Jules Favre, advogado do assassino, este declarou friamente que seu attentado tinha por fim recordar ao Imperador seus antigos compromissos secretos em favor da independencia italiana; que elle Orsini não era senão um dos encarregados de o fazer lembrar, e que, se seu golpe falhára, outros viriam depois d'elle a quem não succederia o mesmo.

É penoso para o historiador ter de esmiuçar que parte ou influencia estas ameaças poderam ter sobre as subsequentes resoluções do homem a quem se dirigiam; e é ainda mais custoso a um francez entrever um sentimento abjecto tal como o medo, primeiro annel d'esta cadea fatal que, logicamente, terminou em Sedan, — onde esse mesmo homem não soube mor-

rer. Só Deus conhece a fundo os corações, mas é impossivel não notar as mais deploraveis coincidencias. Foi quasi logo depois do testamento de Orsini que a politica imperial mudou de rumo. O testamento de Orsini é como que o ponto de partilha de duas metades do reino: a primeira sinceramente conservadora e tão brilhante, a segunda era francamente revolucionaria, logo indecisa, contradictoria ou conservadora contra vontade, e finalmente terminada por uma catastrophe sem exemplo nos annaes da historia.

CAPITULO XI

A guerra de 1859 e suas consequencias.— As legações tomadas á Santa-Sé

No primeiro de janeiro de 1859, na recepção diplomatica das Tuileries, Napoleão III disse sem ninguem o esperar, ao embaixador de Austria: «Lamento que as minhas relações com vosso governo não sejam tão boas como no passado.» Esta simples phrase fez o effeito de um raio n'um ceo sereno.

Dez dias depois, na abertura do parlamento piemontez, Victor Manoel deu azo aos commentarios, declarando «não ser insensivel aos gritos doloridos que chegavam até elle,— segundo dizia — de muitas partes da Italia.»

Finalmente, a 30 do mesmo mez, o casamento do principe Napoleão, primo de Imperador, com uma filha de Victor Manoel, não deixou que duvidar: a França tinha esposado sem ser consultada, os rancores e as ambições do gabinete de Turim.

A 4 de fevereiro appareceu uma brochura que deveras assustou os amigos da ordem e da paz. Este folheto, inspirado e ditado, senão escripto pelo Imperador, intitulava-se: *Napoleão III e a Italia;* e era um programma de mudança politica de Italia. Desencarregava Pio IX de todas as accusações levantadas con-

tra elle pela revolução, mas era para as fazer recahir sobre o papado. Dizia este:

«O Papa, colhido entre dois deveres, é forçado a sacrificar um ao outro, e necessariamente sacrifica o dever politico ao dever espiritual: condemnação não de Pio IX mas do systema; não do homem, mas da situação, porque a situação impõe ao homem essa terrivel alternativa de immolar o Principe ao Pontifice, ou o Pontifice ao Principe.»

Lia-se ahi mais:

«O caracter absolutamente clerical do governo romano é um contrasenso e uma causa activa de descontentamentos. O direito da força não bastaria a protegel-o em vista do desenvolvimento da sociedade moderna.» Para concluir, a brochura propunha a secularisação do governo romano, e a creação de uma confederação italiana, da qual o Papa teria a presidencia honoraria, e o Piemonte a direcção effectiva.

Em apoio de sua argumentação, o folheto notava a «posição anormal» do papado, obrigado para se sustentar a valer-se do exercito e do dominio estrangeiro.

Vindo da parte de um d'aquelles que forneciam esse soccorro, a censura não era generosa.

Pio IX apressou-se em fazel-a desapparecer.

A 29 de fevereiro, o cardeal Antonelli notificou á França e á Austria que o Santo Padre, agradecendo-lhes seus bons serviços, entendia que nas actuaes circumstancias já podia conservar a ordem em seus Estados; rogava-lhes por tanto houvessem por bem retirar suas tropas. Isto, porém, não fazia muita conta ao Piemonte, a quem importava sustentar os gravames e ao mesmo tempo a possibilidade de envolver o Estado romano na guerra que avançava a grandes passos. As tropas ficaram.

Prevendo o que ia succeder, Pio IX estava n'uma grande anciedade. Por uma encyclica, datada de 27 de abril, pedia elle orações pela paz a todos os patriarchas, primazes, arcebispos e bispos. *Pax vobis! Pax vobis!* repetia angustiado. Mas, era já muito tarde. O joven e temerario imperador de Austria, indo ás do cabo, imaginou que podia luctar ao mesmo tempo contra a França e contra a revolução. N'esta idéa intimou ao Piemonte

para que licenciasse seus regimentos formados de Lombardos e Venezianos e como taes subditos austriacos; e como achasse recusa do exercito, declarou-lhe guerra.

Após esta, praticou uma segunda falta mais grave que a primeira; e foi a de aggredir sem energia, e não ter caminhado rapidamente até ao ponto da concentração do exercito francez, antes que esta concentração fosse feita; e sobre tudo ainda praticou uma terceira, e essa capital: foi abandonar a partida depois das primeiras derrotas, logo que o seu exercito foi batido, mas não rompido nem debandado—quando ainda lhe restava o seu quadrado intacto, e quando a Prussia e a Allemanha se levantavam por detraz d'elle. Em 1866, tornou elle a renovar os mesmos erros na guerra contra a Prussia. Quando, se tivesse prolongado um pouco a lucta, teria obrigado a França, de boa ou má vontade, a intervir, e provavelmente a salvar a Austria e a França!

Mas nós não escrevemos a historia de Francisco José, nem de Napoleão III; escrevemos a de Pio IX.

N'este em meio, Napoleão sentira a necessidade de socegar os catholicos. Na sua proclamação de 3 de maio, disse:

«Não vamos á Italia para fomentar a anarchia, nem abalar o poder do Santo Padre que nós reposémos sobre o throno; mas sim para o subtrair a essa pressão estrangeira que pesa sobre toda a Peninsula, e contribuir para se fundar a ordem sobre os legitimos interesses.»

M. Rouland, ministro dos cultos, escrevia aos bispos n'esta occasião para os socegar a respeito das consequencias da lucta. «O Imperador pensou profundamente diante de Deus, e sua sabedoria e energia, sua bem notoria lealdade não trahirá nem a religião nem o paiz. O principe que tem dado tantas provas de deferencia e dedicação pela fé, que depois dos maus dias de 1848 reconduziu o Santo Padre ao Vaticano, é o mais firme esteio da unidade catholica, e quer que o chefe da Igreja seja respeitado em todos os seus direitos de soberano temporal. O principe que salvou a França da invasão do espirito demagogico, não poderia aceitar nem suas doutrinas nem seu dominio na Italia.»

Estas declarações e promessas peccavam antes por emphaticas que por ambiguas. Os catholicos registraram-nas satisfeitos; mas ao mesmo tempo a Revolução registrava tambem com mais motivada alegria os factos que successivamente corroboravam suas esperanças.

A 27 de abril, o gran-duque de Toscana, tio de Victor Manoel, foi desthronado em seguida ás conspirações tramadas por M. Buoncompagni, embaixador de Victor Manoel, como M. Scarlett, representante da Gran-Bretanha, o attestou depois n'um despacho official. O mesmo golpe foi atirado e com o mesmo exito, contra a excellente e popular duqueza de Parma; mas o povo, depois de reconsiderar passada a primeira surpreza, chamou-a de novo, até ao momento em que o Piemonte occupou militarmente os ducados que nunca mais largou.

O principe Napoleão, commandante do 5.º corpo do exercito francez, buscando o inimigo por um caminho desviado, do lado das Romagnas, chegou ao campo da victoria de Solferino muito tarde para tomar parte na batalha, mas bastante cedo para fazer com que a Revolução aproveitasse. O corpo austriaco que occupava Bologne, ameaçado pelo seu movimento, apressou-se em passar o Pó, sem esperar para ser substituido por uma guarnição pontificia, e sem mesmo prevenir a Santa-Sé. Os emissarios de M. de Cavour aproveitaram a occasião, apossaram-se da cidade completamente desguarnecida de tropa, e offerecem a dictadura a Victor Manoel.

Estas tristes noticias chegaram a Roma no momento em que se ia celebrar o decimo terceiro anniversario da coroação de Pio IX. Os votos exprimidos n'esta occasião foram tristes e commoventes. O Papa respondeu aos cardeaes:

«Para qualquer lado que lance os olhos não acho senão motivos de dor, mas *vœ homini illi per quem scandalum venit!* Desgraçado aquelle que dá o escandalo! Eu por mim, não estou desanimado; confio em Deus.»

Tres dias depois, a 18 de junho, em uma allocução consistorial, o Papa annunciou que o cardeal Antonelli estava encarregado de protestar junto das diversas potencias contra os acontecimentos das Romagnas. Todavia, o titulo de soberano impu-

nha-lhe o dever de praticar alguma cousa mais do que palavras, e Pio IX não recuava diante de nenhum dos seus deveres. Como Perugia tinha seguido o exemplo de Bologna, fez marchar tropas que a retomaram facilmente. Na lucta apenas houve uma duzia de victimas, tanto mortos como feridos; e foi isto mesmo que a imprensa revolucionaria denunciou á indignação da Europa civilisada debaixo do titulo de carnificina, e de «saque de Perugia».

De repente foi assignada a paz de Villafranca; paz tão brusca e tão inesperada como o tinha sido a propria guerra, e da qual a explicação só foi conhecida mais tarde.

A campanha de Italia tinha sido combinada entre Napoleão III e a Prussia, que pela sua parte se encarregava de isolar a Austria, sua rival hereditaria na Allemanha. Ao primeiro annuncio da aggressão franco-piemonteza, a Dieta de Francfort abalou-se e insistiu para que os confederados fossem soccorrer o imperador presidente da Confederação germanica. A Prussia, prevenida para se collocar á frente do movimento, representou maravilhosamente o seu papel. Discutiu, mostrou-se esquiva, e fez os seus preparativos com todo o vagar; mas a noticia das successivas derrotas da Austria exaltava cada vez mais o patriotismo dos allemães, e o rei da Prussia, vendo-se a ponto de ser atacado, dirigiu a seu cumplice, na manhã seguinte a Solferino, um telegramma urgente para o informar de que era necessario a todo o custo assignar a paz. Napoleão comprehendeu e parou.

A paz de Villafranca, que estabelecia uma confederação italiana sob a presidencia do Papa, dava a Lombardia ao Piemonte, deixava Veneza á Austria, e reservava expressamente os direitos do gran-duque de Toscana e outros soberanos momentaneamente desthronados, pareceu emfim terminar as intrigas revolucionarias. Pio IX apressou-se em convidar os fieis de Roma a juntar sua voz á d'elle para agradecerem ao Senhor. A sua carta terminava por estas palavras:

«Que pedimos nós? Que todos os inimigos de Jesus Christo, de sua Igreja e da Santa-Sé, se convertam e vivam».

Todas as nuvens pareciam desvanecidas como por milagre; os conservadores perguntavam uns aos outros se não teriam

sido injustos e talvez mesmo ingratos para com esse poderoso vencedor que com uma só palavra serenava o horisonte tão facilmente como o tinha turbado; mas esta bonança foi um raio fugitivo.

O Piemonte retirou seus commissarios da Italia central: era a consequencia obrigatoria das estipulações de Villafranca; mas soube-se depois, a principio com incredulidade, em seguida com espanto, que elle deixava em seu lugar governos provisorios; taes como em Fiorenza o barão Ricasoli, em Modena e Parma M. Farini, em Bologna M. Cipriani, todos agentes de Cavour e da Revolução, demittindo por toda parte os funccionarios suspeitos de tomar a serio a proxima volta dos legitimos soberanos, e fazendo proceder a uma votação popular que dirigida, expurgada por elles, e limitada unicamente ás cidades, excluindo a gente do campo, devia necessariamente attingir o resultado que desejavam, quero dizer a um plebiscito em favor da annexação ao Piemonte.

Nas Romagnas, para nos limitarmos ao nosso assumpto, não admittiram nas listas senão dezoito mil eleitores, quando deveriam ser duzentos mil, pouco mais ou menos, se o escrutinio fosse universal; e ainda, d'esses dezoito mil, menos de um terço se apresentaram ás urnas. No entretanto, esta parodia era o sufficiente para constituir uma pretendida Assemblea nacional. Reunida em Bologna a 6 de setembro, esta Assemblea votou, desde a sua primeira sessão, a abolição do poder pontifical, chamando Victor Manoel. Este não ousou aceitar logo, mas fez nomear M. Buoncompagni, governador geral da liga da Italia central.

Todos os olhares se voltaram para o vencedor de Solferino. Arbitro absoluto da situação, que faria elle? Deixaria que o obrigassem a faltar á sua palavra e a violar de antemão o tratado definitivo que seus plenipotenciarios elaboravam n'esse mesmo momento em Zurigo? Napoleão III não fez absolutamente cousa nenhuma. Reiterou no tratado as estipulações em favor dos soberanos destronados, como se os sobreditos plebiscitos fossem zero e sem importancia para elle, deixando consummar-se pacificamente os ditos plebiscitos, com todas as suas consequencias, como se o tratado não tivesse absolutamente existido.

A Austria via por tanto executar-se o tratado em tudo quanto tinha consentido sacrificando-se e ficando sem effeito tudo quanto delimitava esses sacrificios; mas a Austria não era a mais forte. Quanto ao Piemonte, pôz sem hesitação a sua assignatura por baixo da de França e da Austria.

D'este modo «todos os estados temporaes da Igreja se desmoronavam» segundo a expressão de Monsenhor Pie, bispo de Poitiers. Mas viu-se então, não sem admiração, que lugar tinham as preoccupações religiosas na nossa sociedade tão apparentemente sceptica e ligeira, e que progressos tinha feito o sentimento catholico nas classes illustradas, depois da revolução franceza. Emquanto a deposição de Pio VI passára quasi despercebida como a de qualquer outro soberano, e a de Pio VII não tinha excitado senão reclamações isoladas, a de Pio IX levantou tempestades. Tempestades de protestos de um lado, tempestades de applausos do outro. Uns mostravam-se odiosamente contrarios ao papado até ao ponto de se tornarem traidores á patria franceza atrelando-se acintosamente ao carro da unidade italiana, depois da unidade allemã; os outros, levavam o amor da instituição arriscada até esquecer todos os seus calculos, todas as suas allianças politicas, e a concorrer com satisfação para a queda do poder, renunciando á aura popular, não menos preciosa que a do poder, em tempo de suffragio universal.

A questão romana tornou-se o thema inexgotavel das discussões publicas e secretas; e causou muitas vezes rompimentos nas familias alliadas por antigas ligações de amisade.

Esta extraordinaria commoção por causa de uma idéa, por uma abstracção, como lhe chamavam os raros indifferentes que se obstinavam em não tomar partido nem por um nem por outro, prova que ainda não estamos tão cancerados pelo egoismo dos interesses puramente materiaes como se pensa, e que, se a sociedade está enferma, ainda não está moribunda.

Uma cousa devia esclarecer desde o começo o governo francez: foi a unanimidade com que todos os inimigos da ordem, que tambem eram os seus, se collocaram do lado de sua nova politica; esta unanimidade não foi menor da parte dos homens

religiosos, que geralmente se achavam anteriormente ligados a ella, e depois principiaram a combatel-a.

Catholicos liberaes, e catholicos ultramontanos, e mesmo os protestantes, pelo menos aquelles que conservam e professam ainda uma fé christã determinada, esqueceram suas discordancias.

Os primeiros sobre a brecha foram os bispos. Monsenhor Parisis, o veterano das grandes luctas da Igreja e da liberdade no tempo de Luiz Philippe, deu o signal, e todos se levantaram com elle, tanto seus veneraveis collegas de Italia e Allemanha, como da Irlanda, Hespanha, Inglaterra e America. N'uma palavra, a christandade inteira fez côro com sua justa consternação.

Monsenhor Dupauloup com sua costumada intrepidez, protestou «contra a humilhação e o rebaixamento que queriam infligir ao primeiro bispo de mundo, áquelle que representa o episcopado em toda a sua plenitude; protestou em nome da justiça contra a espoliação do exercito; em nome da verdade contra a mentira; em nome da ordem contra a anarchia».

O arcebispo de Sens, Monsenhor Mellon-Jolly, não receiou dizer com tristeza:

«Ah! os acontecimemtos tem excedido nossos receios!»

Monsenhor de Prilly, bispo de Châllons, decano do episcopado francez, escrevia alguns dias antes de expirar:

«Ah! quem menos que Pio IX merecia vêr-se assaltado por tantos inimigos! Se as lagrimas que elle chora são amargas para seu coração, são terriveis para aquelles que as fazem correr! É um pobre bispo moribundo que lh'o assevera, pedindo-lhe a sua benção».

Uma tal liberdade de linguagem foi immediatamente classificada de violenta.

Primeiro, Napoleão III tentou fazer calar tudo acalmando as inquietações, reiterando promessas que os factos não cessavam de desmentir; e em seguida abandonou os bispos ás ironias dos jornaes impios (recordem que a liberdade da imprensa não existia então); e emfim para terminar, mandou prohibir expressamente aos jornaes, quaesquer que fossem, para que não reproduzissem os actos episcopaes relativos á questão romana.

D'este modo imaginou elle que affugentava o perigo abafando as vozes que lh'o apontavam.

O Cardeal Donnet, comprimentando Napoleão III na sua passagem por Bordeaux, a 11 de outubro de 1859, insistiu com respeitosa firmeza:

«Nós pedimos—disse—pedimos com obstinada confiança, com uma esperança que nem os deploraveis acontecimentos nem as sacrilegas violencias tem conseguido desanimar.

O motivo d'esta esperança cuja realisação parece hoje tão difficil, não contando com o auxilio divino, sois vós, Senhor, vós que tendes sido, e quereis ainda ser considerado como o filho primogenito da Egreja, vós que pronunciastes estas palavras memoraveis: «A soberania temporal do veneravel chefe da Egreja está tão intimamente ligada ao esplendor do catholicismo, como á liberdade e á independencia de Italia». Formoso pensamento, tão conforme aos sentimentos que professava o augusto chefe de vossa dynastia, quando dizia a respeito do poder temporal dos papas: «Foram os seculos que o fizeram, e foi de justiça».

O poderoso imperador não respondeu senão com evasivas:

—Não posso agora entrar—disse elle—nas explicações que exige a grave questão em que fallais; limito-me por tanto a recordar que o governo que repoz o Santo Padre sobre o throno não podia dar-lhe conselhos que não fossem inspirados por uma sincera e respeitosa dedicação a seus interesses; mas elle mostra-se inquieto e com razão, esperando o dia, que não estará longe, em que Roma será evacuada pelo nosso exercito; por que a Europa não póde consentir que a occupação que dura ha dez annos se prolongue indefinidamente. Todavia, quando o nosso exercito se retirar, que deixará elle atraz de si? Aqui está o problema cuja importancia não escapa a ninguem. No entanto, acreditae isto: na epocha em que vivemos, para resolver taes problemas é preciso, em logar de appellar para as paixões ardentes, procurar serenamente a verdade, e pedir á Providencia que illumine os povos e os reis tanto sobre o sabio exercicio de seus direitos, como sobre a extensão de seus deveres».

N'estas ultimas palavras, o imperador parecia esquecer que a meditação e as orações não dispensam a actividade quando se tem deveres a cumprir. O seu discurso de abertura da sessão legislativa seguinte (7 de março de 1860) mostrou ainda mais exuberantemente que grande força de illusão, ou que partido tomado de cumplicidade dirigia a sua politica italiana. Ahi accusou publicamente os catholicos de se escandecerem sem motivo, tornando-se ingratos para com elle, como se a logica dos acontecimentos não existisse para esse espirito obcecado pelo constante labutar nas intrigas tenebrosas. Dizia elle:

«Não posso deixar de mencionar a commoção que reina n'uma parte do mundo catholico, o qual, cedendo subitamente a irreflectidas impressões, se entrega a uma assustadora consternação, de maneira que o passado, que devia ser uma garantia para o futuro, foi totalmente desconhecido, e os serviços prestados foram esquecidos. É por tanto necessario que haja uma convicção bem profunda e uma absoluta confiança no bom senso publico, para conservar no meio das agitações que se procuram excitar, essa serenidade de animo que é unicamente o que nos tem sustentado no verdadeiro caminho».

No entretanto annunciava-se um Congresso para regular as difficuldades italianas. Este Congresso devia ser composto de todas as grandes potencias europeas, isto é, da França que o não desejava; da Austria que não tinha o poder de fazer executar o tratado de Zurigo; da Russia scismatica; da Prussia protestante; e da Inglaterra protestante e revolucionaria ao mesmo tempo fora de seus dominios. Por todas estas razões Pio IX previu que d'ahi lhe resultariam novos motivos de inquietação; e todavia acceitou o alvitre.

A opinião publica, impaciente, discutia de antemão os nomes e as opiniões dos presumidos negociadores, quando a 22 de dezembro de 1859 appareceu outro folheto anonymo como o precedente, o qual da mesma fórma foi attribuido a um escriptor, ou pelo menos a um inspirador collocado muito alto para assignar a sua obra. O titulo era: *O Papa e o Congresso,* e debaixo de uma phraseologia abundante e sonora, estava n'uma constante contradicção. Com effeito, demonstrava que o poder

temporal do Papa era uma essencial garantia de sua independencia espiritual, mas que este não podia exercer esse poder senão nos limites territoriaes de pequenissima extensão que não lhe permittiam sustentar-se de per si, inhibindo-o ao mesmo tempo a sua dignidade e interesse geral de procurar uma intervenção estranha. As suas illações eram: que o Papa devia começar por renunciar ás Romagnas, sob pena de renunciar tambem ao resto de seus Estados, um pouco mais tarde, contentando-se com o Vaticano e seus jardins, bem como, com um estipendio magnifico fornecido por todas as potencias catholicas.

Centenas de outros folhetos, ou artigos de jornaes catholicos responderam ao anonymo escriptor, provando que essa combinação submettia a independencia do chefe da Egreja aos caprichos das potencias; e perguntava-se ainda quem a garantia contra seus proprios fiadores, sobretudo n'uma epocha como a nossa, em que o antigo direito das gentes, fundado no respeito dos fracos e da fé jurada, foi supprimido pela revolução; onde apenas é escutada a razão do mais fórte, e onde os tratados mais solemnes são impunemente violados por seus signatarios, no proprio momento da assignatura.

Os bispos clamaram novamente, provando magoados que o folheto advogava a causa da revolução. Todavia, a mais ousada reprovação partiu mesmo de Roma. Sabe-se que os Papas nunca recuam diante da verdade, quando se trata de estigmatisar a iniquidade. Não lhes importa estar á mercê d'aquelles que ferem, definem cada erro, cada injustiça como se fôra uma these de theologia, e o brando Pio IX elle mesmo espantará ainda mais de uma vez pela liberdade dos qualificativos que emprega, nos fracos ouvidos habituados aos equivocos do estylo parlamentar.

A 30 de dezembro, o *Jornal official de Roma*, publicava a seguinte nota:

«Appareceu recentemente uma brochura anonyma, impressa em Paris na casa Didot, e intitulada: *O Papa e o Congresso.* Esta brochura é uma verdadeira homenagem á revolução; uma these insidiosa para esses espiritos fracos a quem falta um justo criterio para reconhecer o veneno que ella encerra, e causa de

justa magoa para todos os bons catholicos. Os argumentos que este escripto encerra são uma reproducção dos erros e ultrajes bolsados tantas vezes contra a Santa Sé, e tantas vezes victoriosamente refutados. Se por acaso o fim a que visou o auctor era intimidar aquelle que alli se ameaça com tão enormes desastres, póde estar certo que este tem a seu favor o direito, e que se apoia inteiramente sobre as solidas e inquebrantaveis bases da justiça; e sobre tudo porque é sustentado pela protecção do Soberano dos soberanos, e por tanto nada tem a receiar das ciladas dos homens».

Na manhã seguinte, 1 de janeiro de 1860, Pio IX respondeu ao general de Goyon quando este lhe apresentava as homenagens da divisão franceza que occupava Roma:

«Prostrados aos pés d'um Deus que foi, é, e ha de ser eternamente, rogamos-lhe na humildade de nosso coração, se digne fazer descer a sua divina graça e suas divinas inspirações sobre o augusto chefe d'este exercito e d'esta nação, para que auxiliado por essa luz possa caminhar seguramente em tão difficil vereda, reconhecendo a falsidade de certos principios que ultimamente foram exprimidos n'um folheto, e destruir o edificio de tão insigne hypocrisia, tão ignobil tecido de contradicções. Nós esperamos que com o auxilio d'essa luz serão condemnados os principios expostos n'essa brochura, e tanto mais estamos d'isto convencidos que possuimos alguns documentos que ha tempos Sua Magestade teve a bondade de nos enviar, os quaes são uma verdadeira condemnação de taes idéas. É n'esta convicção que rogamos a Deus derrame suas bençãos sobre o Imperador, sua augusta companheira, o principe imperial e sobre toda a França».

Alguns dias depois, publicava o *Moniteur* a seguinte carta do Imperador ao Pontifice, com data de 31 de dezembro de 1859:

«A carta que Vossa Santidade se dignou escrever-me a 2 de dezembro, sensibilisou-me muitissimo: responderei francamente ao appello feito á minha lealdade.

«Uma das minhas mais vivas preoccupações durante e depois da guerra, tem sido a situação dos Estados da Igreja, e de cer-

to, entre as razões poderosissimas que me impulsaram a firmar tão promptamente a paz, deve-se contar o receio de ver todos os dias progredir a Revolução. Os factos tem uma logica inexoravel; apesar da presença das minhas tropas em Roma, e apesar da minha dedicação á Santa-Sé, eu não podia eximir-me a uma certa solidariedade com os effeitos do movimento nacional provocado na Italia pela lucta contra a Austria.

«Concluida a paz, apressei-me a escrever a Vossa Santidade, para submetter a seu alvitre a melhor maneira, a meu ver, de levar o socego ás Romagnes, e creio ainda que, se desde essa epocha, Vossa Santidade tivesse consentido na separação administrativa d'essas provincias, e da nomeação de um governador secular, ellas estariam hoje debaixo de seu dominio. Infelizmente não succedeu assim, e eu achei-me na impossibilidade de impedir que se estabelecesse novo regimem. Os meus esforços não conseguiram senão sustar que a revolta se adiantasse, e a demissão de Garibaldi preservou as Marcas d'Ancona d'uma invasão certisssima. «Hoje reune-se o Congresso. As potencias não ousarão desconhecer os incontestaveis direitos da Santa-Sé sobre as Legações: todavia, è provavel que não sejam de opinião a que se recorra á violencia para as submetter. E a razão é, que se esta submissão fosse obtida com o auxilio de forças estrangeiras, seria necessario depois occupar essas terras militarmente ainda por muito tempo.

«Essa invasão de estranhos excitaria os odios e os rancores do povo italiano, assim como o ciume das grandes potencias: seria por tanto perpetuar um estado de irritação, de mal-estar e de receio.

«Que resta pois a fazer? por que finalmente esta incerteza não póde durar sempre.

«Depois de um serio exame das difficuldades e dos perigos que apresentam as differentes combinações, tenho a dizer com sincero pesar, e por mais penosa que seja a solução, que o que me parece mais conforme com os verdadeiros interesses da Santa-Sé seria fazer Vossa Santidade o sacrificio das provincias revoltadas. Se Vossa Santidade, pelo socego da Europa, renunciasse a essas provincias que, depois de cincoenta annos, sus-

citam serios embaraços a seu governo, e em troca pedisse ás potencias que lhe garantissem a posse do resto, não duvido de que immediatamente tudo entrasse na ordem. D'este modo, Vossa Santidade assegurava á Italia reconhecida a paz por muitos annos, e á Santa-Sè a posse pacifica do Estado da Egreja.

«Folgo de acreditar, que Vossa Santidade não ha de desconhecer os sentimentos que me animam, e comprehenderá as difficuldades da minha posição, interpretando benevolamente a sinceridade de minha linguagem recordando-se de tudo quanto tenho feito pela religião catholica e por seu augusto chefe.

«Tenho exprimido sem reserva alguma todos os meus pensamentos, o que julguei indispensavel antes do Congresso. No entanto, peço a Vossa Santidade, qualquer que seja a sua decisão, que creia que ella em nada mudará os sentimentos que sempre tenho conservado a seu respeito.

«Agradecendo a Vossa Santidade a benção apostolica que se dignou enviar-me á Imperatriz, ao Principe Imperial, renovo os protestos da minha profunda veneração.

«De Vossa Santidade, devoto filho

«*Napoleão.*»

Esta carta não punha em duvida que a politica da brochura: *O Papa e o Congresso*, era a politica de Napoleão III, e desde que ella foi conhecida, o Congresso tornou-se impossivel.

Nem a Santa Sé podia consentir n'uma deliberação que tinha como principio a sua deposição, nem a Austria podia prestar-se ás combinações que annulavam as bases do tratado de Zurigo e foi isto mesmo que declarou, entre outros, o conde de Rechberg, primeiro ministro de Austria, n'uma nota de 17 de fevereiro de 1860, e lord John Russel n'um despacho a lord Cowley, embaixador de Inglaterra em Paris. Dizia este ultimo:

«As brochuras tem alguma importancia: e a intitulada: *O Papa e o Congresso*, deu em resultado impedir um Congresso, e fazer perder ao Papa metade de seus dominios.»

A este respeito não se póde lêr sem espanto a asserção de

M. de Thouvenelle a M. de Persigni, embaixador de França em Londres n'um despacho dactado de 30 de janeiro; «que não tinha dependido da França que a Europa reunida não fosse chamada para entrar n'um convenio definitivo».

Com effeito, M. de Thouvenel era ministro dos negocios estrangeiros depois de 4 de janeiro.

Isto era um grave indicio. O Piemonte não se illudiu. Mandou seu exercito transpor a fronteira das Romagnas, emquanto que M. de Cavour triumphante, affirmava ao senado Piemontez que a «carta de Napoleão III declarando que o poder temporal não era sagrado, para a questão italiana, era um facto tão importante como a batalha de Solferino.»

Logo que recebeu a carta de 31 de dezembro, Pio IX respondeu ao Imperador:

«Recebi a carta que Vossa Magestade teve a bondade de me dirigir: respondo sem rodeios, e como se costuma dizer, com o coração nas mãos. Antes, porém, de mais nada não posso illudir-me com a difficil posição que Vossa Magestade mesmo não desconhece, e que eu vejo em toda a sua gravidade.

«Vossa Magestade poderia sahir d'esta situação por alguma medida decisiva, que talvez lhe repugna, mas é justamente por se achar n'essa situação, que de novo me aconselha a ceder as provincias insurgidas, asseverando-me que as potencias estrangeiras me garantirão as outras.

«Um projecto detal na tureza apresenta difficuldades invenciveis; e para se convencer d'isto, basta reflectir na minha posição, no meu caracter sagrado, e nos direitos da Santa Sé, direitos que não são os de uma dynastia, mas de todos os catholicos... Eu não posso ceder o que me não pertence, e de mais, é evidente, que se eu cedesse as Legações, animaria a revolução a recomeçar o mesmo jogo nas provincias que me restassem...

«As potencias, diz Vossa Magestade, me garantirão esses despojos da realeza pontifical, e assim desejo que aconteça, mas no caso de uma nova revolta que é mister prever, á vista das numerosas protecções que os descontentes recebem de fóra, conta que essas potencias empreguem efficazmente a sua força? Se de

outro modo succeder, Vossa Magestade sabe tão bem como eu, que os usurpadores não hão de menos apossar-se por isso dos bens alheios, e que são invenciveis quando contra elles sómente se empregam as armas da persuasão.

«Como quer que seja, afinal, sou obrigado a declarar francamente a Vossa Magestade que não posso ceder as Legações sem trahir os solemnes juramentos que me prendem; sem causar desgraças e abalos nas outras provincias, sem causar mal e escandalo a todos os catholicos, sem enfraquecer os direitos não só dos soberanos de Italia, injustamente esbulhados de seus dominios, mas tambem dos soberanos de todo o mundo christão, que não poderão vêr indifferentemente a destruição de certos principios.

«Vossa Magestade faz depender o socego da Europa, da cedencia da parte que toca ao Papa no tocante ás Legações que ha cincoenta annos suscitam embaraços ao governo Pontificio; porém, como prometti ao começar esta carta fallar com toda a franqueza, seja-me licito voltar a este assumpto. Quem poderá enumerar as revoluções sobrevindas á França no decurso dos ultimos setenta annos? E ao mesmo tempo, quem ousaria dizer á grande nação franceza que seria preciso para socego da Europa encurtar os limites do imperio? O argumento diz bastante; permitti-me, pois, que o não admitta. E além d'isso, Vossa Magestade não ignora por quem, e com que dinheiro e protecções se commetteram os attentados de Bologna, de Ravenna e outras cidades. [1]

«A maioria das populações ficou espantada com estes successos que não esperava e que tambem não approvou.

«Diz Vossa Magestade que se eu tivesse acceitado o projecto exprimido na carta que me enviou por intermedio de M. de Menneval, as provincias insurgidas teriam entrado debaixo da minha authoridade. A fallar a verdade, esta carta estava em

[1] O Papa allude ao marquez Pepoli, parente de Napoleão III e dictador revolucionario das Legações. Nomeado depois ministro de Victor Manuel, este homem declarou em plena camara dos deputados em Turim, que Bologna não teria podido ser revolucionada e arrancada á Santa Sé, se Victor Manuel não tivesse fornecido do seu bolso particular o dinheiro necessario. E chegou mesmo a declarar a quantia.

opposição com a que Vossa Magestade me tinha honrado antes de começar a guerra de Italia, e na qual se me fazia promessas consoladoras.

«Na primeira parte da carta a que Vossa Magestade allude, propunha-se-me um projecto inadmissivel como na presente; e quanto á segunda parte, creio que a adoptei, como o provam os documentos depositados em Roma nas mãos de seu embaixador.

«Tenho reflectido tambem, na phrase de Vossa Magestade, que se eu tivesse acceitado esse projecto, teria conservado a minha authoridade nas provincias, o que parece querer dizer, que no ponto de vista em que estamos ellas estão perdidas para sempre. Sire, supplico-vos em nome da Igreja, e tambem em nome de vosso proprio interesse, que delibereis de fórma que as minhas apprehensões não sejam justificadas. Certas memorias que se dizem secretas, me dão a saber que o Imperador Napoleão I deixou as salutares advertencias, dignas de um philosopho christão que, na adversidade, não achou senão na religião consolações e linitivo.

«É certo que todos nós devemos comparecer diante do Tribunal supremo para dar contas severas de nossas acções, palavras e pensamentos. Por tanto, tratemos de comparecer diante d'esse grande Tribunal de Deus, de maneira que experimentemos os effeitos de sua misericordia, e não os de sua justiça.

«Fallo assim, na minha qualidade de Pae, a qual me dá o direito de dizer a verdade inteira a meus filhos, por mais elevada que seja a sua posição no mundo. De resto, agradeço as benevolas expressões que me dirije, assim como a certeza que Vossa Magestade me dá de querer continuar a sollicitude que diz ter sempre tido por mim. Não me resta mais que rogar a Deus lance sobre Vossa Magestade, sobre a Imperatriz e sobre o Principe Imperial a abundancia de suas bençãos.

«Do Vaticano, 8 de janeiro de 1860

«*Pio P. P. IX*».

A carta imperial tinha sido publicada nos jornaes, mas não

succedeu o mesmo com a do Papa. Em França não foi conhecida integralmente senão mais tarde, por uma traducção allemã da *Gazeta austriaca*. Vendo isto, Pio IX entendeu que não devia consentir por mais tempo, que o publico, testemunha e de alguma maneira juiz da pendencia, não ouvisse senão uma das partes. Levou então ao conhecimento do mundo catholico, os principaes periodos de sua resposta a Napoleão III na encyclica *Nullis certé verbis*, dactada de 19 de janeiro, onde entre outras coisas declarava, que estava prompto a soffrer as derradeiras extremidades, antes do que trahir a causa da Igreja e da justiça; convidando todos os bispos a unirem-se a elle, e a orar «para que Deus se levante e julgue a sua causa.»

Era isto justamente o que o Imperador não queria. Sabendo que uma copia da encyclica estava em poder de M. Veuillot, o ministro do interior, M. Billault, mandou chamar esse corajoso publicista, notificando-lhe que se elle a publicasse era o mesmo que a sentença de morte para o seu periodico. Mas esta ameaça não o intimidou. Com um heroismo que resgatava e excedia todas as vivacidades da polemica que lhe tem censurado; na manhã seguinte, 29 de janeiro, reproduzia *L'Univers* o texto latino do documento Pontifical, e ao mesmo tempo dava a traducção franceza. No mesmo dia, sem o menor julgamento, era assignado o decreto da suspensão d'esse periodico. E era, bem entendido, «em nome dos verdadeiros interesses da Igreja» que o ministro o fazia suspender, accusando-o de perturbar o socego publico, azedar as discussões, e tornar mais viva a hostilidade da imprensa incredula contra a religião e o governo pontificio. Todavia, ninguem se illudiu sobre a verdadeira causa d'esta suspensão, e quanto á imprensa incredula, é inutil accrescentar que a desapparição do *L'Univers* não modificou de fórma alguma seu andamento. Os ataques contra a religião, não foram nem menos acerrimos nem menos grosseiros. Sómente ficou um periodico de menos para lhe responder.

Mas o proprio governo tomou a seu cuidado trahir seu verdadeiro pensamento, logo que poucas semanas depois a *Bretanha* de Saint-Brieuc, e a *Gazeta de Lyon* feridas como o *L'Univers* cahiram com igual valentia sobre a brecha. O mesmo suc-

cedeu a todas as gazetas catholicas sem excepção, as quaes sendo previamente por duas vezes advertidas, não tiveram depois mais que uma existencia precaria, e esta mesma nos termos da lei que então vigorava, podia cessar com plena justiça, tendo o terceiro aviso incessantemente suspenso sobre suas cabeças.

Os redactores do *L'Univers*, com uma destreza cheia de eloquencia e humildade christã, exprimiram a Pio IX a satisfação que sentiam de ter sido atacados por sua causa: «A encyclica *Inter multiplices* tinha dado vida ao nosso periodico — lhes diziam elles—e é por causa de outra encyclica que o aniquilaram. Deus e Pio IX sejam bemditos!» Ao mesmo tempo pediam-lhe que fosse indulgente com as suas culpas passadas, «accrescentando» que as não tinham praticado por máu coração nem com más intenções, «e sollicitavam mais uma benção para o futuro, afim de que, no caso que podessem rehabilitar-se, animados sempre dos mesmos bons desejos, suas obras fossem mais primorosas.»

N'uma bulla de 25 de fevereiro, Pio IX, agradecendo-lhes, louvava publicamente seu comportamento[1]. Graças á sua dedicação, a encyclica era conhecida e foi reproduzida por todos os jornaes. Notou-se sómente, que as gazetas officiaes reproduzindo-a, supprimissem a phrase, na qual Pio IX fazia observar que o Imperador não ignorava com que dinheiro e soccorros a rebellião das Romagnes progredira. Esta calculada omissão demasiadamente revelava uma secreta cumplicidade como para quem nada era extranho, mas a quem importava fingir que nada sabia.

A 3 de dezembro de 1859, quando ainda se acreditava na reunião de um Congresso, Pio IX tinha escripto por seu proprio punho a Victor Manuel, recordando-lhe seus deveres, e

[1] Luiz Veuillot partiu para Roma. Na sua volta escrevia elle: «Em Pio IX, encontrei a magestade ainda mais meiga mas não menos firme, de Gregorio XVI. Senti de novo esse coração de pai, e de novo recebi o nome de filho. Um dia, tive de pedir justiça, e o juiz, tão attento quanto o pae se mostrara clemente, realçou meu humilde direito, que uma poderosa mão tinha despedaçado. O céu! prostrado debaixo de sua benção, ouvi glorificar a minha cicatriz! A voz sagrada dizia: *Beati qui persecutionem patiunter propter justitiam.* Sim, os meus ouvidos recolheram essas palavras; gosei essa satisfação e essa gloria.»

convidando-o a defender, no meio d'essa assembléa, os direitos da Santa Sé. O rei do Piemonte tinha-lhe respondido, a 6 de fevereiro de 1860 «que com toda a certeza o fazia se o Congresso se houvesse reunido,» por que «como filho dedicado da Igreja e descendente de uma familia muito piedosa, nunca tivera a intenção de faltar a seus deveres como principe catholico.» Protestava mais, «não ter de maneira alguma concorrido para a revolução, e que logo que a guerra terminasse, renunciaria a toda a ingerencia nas Legações. Sómente — accrescentava — é preciso notar, e é coisa averiguada e verificada por mim, que n'essas provincias, ainda ha pouco tão incorrigiveis e descontentes da côrte de Roma, os ministros do culto divino são actualmente respeitados e protegidos, e os templos do Senhor mais frequentados do que eram d'antes.»

Victor Manuel, pensava que o Papa não iria perturbar esta felicidade — «o interesse da religião assim o exigia». Além d'isso contava mesmo, que não contente de ter perdido as Romagnes, o Papa de boamente lhe entregaria a elle, Victor Manuel, as Marcas e a Umbria, afim de lhe proporcionar a mesma prosperidade. E a tal respeito, fallava novamente de «sua franca e leal alliança, de seu coração sincero e inteiramente dedicado» a Pio IX, de quem acabava por pedir a sagrada benção».

A estas ultrajantes ironias, respondeu o Pontifice a 14 de fevereiro, com uma reprimida indignação:

«A idéa que Vossa Magestade entendeu que devia expôr-me é uma idéa imprudente, e certamente indigna de um rei catholico e de um soberano da casa de Saboia. Poderá ler a minha resposta n'uma encyclica, onde vae apparecer breve. Ao cabo, affligeme, não por mim, mas pelo desgraçadissimo estado em que está a alma de Vossa Magestade, a qual verga já debaixo do golpe de censuras, que, ai! se agravarão ainda mais, logo que seja consummado o sacrilego acto, que Vossa Magestade e os seus teem a intenção de cumprir. Digne-se o Senhor esclarecel-o e darlhe a graça de conhecer e chorar os escandalos que se tem dado, e os terriveis males que tem esmagado a pobre Italia com a sua cooperação!»

No entretanto, a Inglaterra, que nunca tinha dissimulado a sua má vontade á Santa Sé, imaginou, ou pelo menos tomou a seu cuidado propor formalmente um novo principio ao qual o gabinete das Tuileries se apressou a adherir, apesar d'esta adhesão ser uma contradicção solemne da sua campanha de Magenta e Solferino.

Esse principio, chamado principio da não intervenção, consistia em impor ás potencias, quaesquer que ellas fossem, menos ao Piemonte, a obrigação de nunca mais se intrometterem com o que se passasse na Italia. Era o mesmo que dizer á Austria, Hespanha e Napoles, e aos outros governos sinceramente alliados da Santa Sé: Nós intervimos, quando e como bem nos pareceu; mas como as coisas correm ellas mesmas de per si no sentido que nos convém, e que vós poderieis impulsal-as n'uma direcção que não nos seja conveniente, abstei-vos de tal. Era ao mesmo tempo dizer tambem ao rei que cubiçava os bens de outro: Nem os ducados, nem as Romagnes vos pertencem: isto mesmo reconhecestes em Zurigo, ha tres mezes; porém, se na vossa qualidade de galante-homem [1] vos apraz aproximar-vos d'elles, nós aqui estamos para impedir que ninguem vos estorve.

Victor Manuel comprehendeu, e mandou immediatamente que se fizessem novos votos a respeito da annexação, nos ducados e nas Legações. Estes votos foram acompanhados das mesmas garantias de sinceridade como as precedentes, e acceites officialmente a 18 de março, dia em que o rei do Piemonte annexou por um decreto a seus antigos estados, a Toscana, os ducados de Parma e de Modena, e as Legações.

O consentimento definitivo de Napoleão III para esta mudança politica foi explicado, seis dias depois, claramente, e de maneira que não devia ser favoravel nem para a extensão nem

[1] *Rei galante-homem, ré galantuomo,* é assim com effeito, que se chamava então o rei tantas vezes prejuro. A posteridade acreditará que esta alcunha era uma pungente ironia imaginada por seus adversarios ou por suas victimas politicas, quando pelo contrario era uma lisonja de seus cumplices os democratas, e a Revolução tem de tal fórma transtornado o senso moral dos povos, que se ouvia grande numero de pessoas pronunciar esse apellido seriamente.

mesmo para a integridade do territorio francez. Como compensação de seu proprio engrandecimento na Italia central, o rei do Piemonte cedia Nice e Saboia á França. Os patriotas applaudiram, mas aquelles que não admittem que se possa violar impunemente as leis eternas da justiça, prefeririam que esta acquisição tivesse logar na paz de Villafranca a titulo de troca pela Lombardia, que Napoleão III tinha pago com o oiro e sangue da França, e que elle não tinha talvez o direito de transmittir a Victor Manuel como um simples donativo. Em todo o caso, desgostaram-se de a vêr cumprir como preço da adhesão da França a uma iniquidade, e por assim dizer como se fosse a sua parte nos despojos da viuva e do orphão de Parma, e do ancião do Vaticano [1].

Completa a sua obra, não pôde o usurpador calar-se. A 20 de março escreveu de novo ao Santo Padre, dizendo, que acceitara o voto das populações, voto tanto mais espontaneo que a sua sinceridade foi garantida pela presença das baionetas piemontezas, e tanto mais desinteressado que uma despeza de quatro milhões em oiro piemontez os poz a coberto de toda a tentativa de corrupção pelo partido contrario. Victor Manuel declarava mais que «como principe catholico, acreditava não faltar aos principios immutaveis da religião que se gloriava de professar com uma dedicação e fidelidade inalteraveis». Todavia, «pelo interesse da paz, offerecia-se a reconhecer o Papa por seu suzerano, diminuir seus encargos, e concorrer para a sua independencia e secularisação.» E por ultimo, solicitava outra vez muito humildemente a benção apostolica!

Pio IX respondeu-lhe de maneira que o obrigou por longo tempo ao silencio:

[1] O auctor d'esta historia tem o direito de fallar assim sem que se suspeite de seu patriotismo. O primeiro na lembrança e não o derradeiro em zelo tinha reclamado a annexação saboiana (desde o mez de julho de 1859, na manhã seguinte a Solferino e Villafranca, na *Charente napoléonienne*); mas logo que viu satisfeitos seus desejos por esta fórma inesperada e pouco gloriosa, ousou declarar publicamente seu desgosto, em termos iguaes aos que acaba de exprimir. Se, porém, lhe permittem accrescentar, que elle não era jornalista de profissão, mas empregado do Estado, e apesar d'isso assignava seus escriptos, reconhecer-se-ha que era precisa uma certa dóse de coragem, e por tanto, de melhor vontade desculparão a franqueza e severidade de suas actuaes apreciações.

«Os acontecimentos que se tem dado em algumas provincias dos Estados da Igreja, impunham effectivamente a Vossa Magestade, assim como me diz, o dever de me dar explicações de seu comportamento a respeito de taes successos.

«Eu poderia limitar-me a combater certas asserções contidas na sua carta, e dizer, por exemplo, que a occupação estrangeira nas Legações estava depois de muito tempo circumscripta sómente á cidade de Bologna, a qual nunca fez parte das Romagnes. Poderia dizer tambem, que esse pretendido suffragio universal tinha sido imposto e não voluntario; mas eu abstenho-me de perguntar a Vossa Magestade a sua opinião a respeito do tal suffragio universal, assim como de dizer eu mesmo o que penso.

«Poderia não menos dizer, que as tropas pontificias foram impedidas por outras (e Vossa Magestade sabe por quaes), de estabelecer o governo legitimo nas provincias sublevadas.

«Eu poderia mais repisar n'estas considerações e ainda em muitas outras. Mas o que sobretudo me impõe o dever de não adherir ás idéas de Vossa Magestade, é vêr augmentar consideravelmente a immoralidade n'essas provincias, e os insultos que ahi se fazem á religião e a seus ministros. E ainda mais: quando mesmo eu não fosse forçado por juramentos solemnes a sustentar intacto o patrimonio da Igreja, ver-me-hia obrigado a repellir todos os projectos n'esse sentido, para não manchar a minha consciencia com uma adhesão que me levaria a sanccionar e ser participante d'essas desordens, justificando com a minha annuencia uma expoliação violentissima e injusta.

«De resto, não só me não é possivel acolher benevolamente os projectos de V. Magestade, mas pelo contrario protesto contra a usurpação que se operou em detrimento do Estado da Egreja, deixando sobre a consciencia de V. Magestade e de qualquer outro que cooperou n'esta indigna espoliação, as fataes consequencias que d'ali devem resultar. Estou persuadido que V. Magestade, relendo com o espirito mais socegado, menos prevenido e mais bem instruido dos factos, a carta que me dirigiu, encontrará motivos de sobra para arrepender-se.

«Rogo a Deus que dê a V. Magestade a graça de que necessita, sobre tudo nas difficeis circumstancias presentes.

«Do Vaticano, 2 de Abril 1860,»

«Pio PP. IX.»

Assevera-se que Victor Manoel molhou com suas lagrimas esta carta, onde a censura ia envolta com tanta meiguice. É que esta carta lhe chegou talvez n'um dos seus accessos de fé e de remorsos que mais de uma vez tem cortado sua escandalosa vida. Todavia, isto não o impediu de cumprir a palavra que tinha dado á Revolução, logo que no principio da guerra de 1859, pondo a mão sobre o punho da espada e olhando para o lado de Roma, exclamara: «*Andremo al fondo;* iremos até ao fundo!»

N'este em meio, espalhou-se o boato que o Papa lançara a excommunhão maior contra os expoliadores. Entre estes, uns felicitavam-se de isto como de um titulo glorioso, e mostravam nos periodicos, e em telegrammas destinados á publicidade uma alegria muito ruidosa para ser sincera; os outros, e Victor Manoel entrava n'esse numero, não podiam deixar de tremer quando estavam sosinhos.

Napoleão III trahiu igualmente a sua inquietação pelo cuidado e zelo que mostrou em suprimir a bulla tanto quanto lhe foi possivel.

A bulla foi escripta a 26 de março e publicada em Roma a 29. O *Moniteur* do 1.º de abril publicou tambem a nota seguinte:

«Nas actuaes circumstancias, o governo entende dever recordar a seguinte desposição da lei organica da Concordata:

«Nenhuma bulla, breve, rescripto, decreto, mandado, provisão, assignatura servindo de provisão, nem outras expedições da côrte de Roma, pertencentes mesmo a particulares, poderão ser recebidas, publicadas, impressas ou postas por qualquer maneira em execução sem ser auctorisadas previamente pelo governo.»

Napoleão III receiava que a bulla o atacasse indirectamente; e demasiadamente se provou que seu receio era bem fundado.

Do mesmo modo que seu tio, foi excommungado no fastigio de sua grandeza, e a datar d'esta excommunhão nada mais lhe

correu á medida de seus dezejos, nem a um nem a outro: a sagacidade politica de que até ali tinham dado tantas provas, parece que se mudou em loucura! Deixemos fallar os cegos voluntarios: Deus é o Senhor Supremo.

Finalmente, eis-aqui os termos da sentença:

«Nós declaramos que todos aquelles que tomaram parte na revolta, usurpação, e criminosa invasão das sobreditas provincias de nossos Estados, do qual nos queixamos na allocução de 20 de junho, e de 26 de setembro do anno passado, e da mesma forma seus mandantes, fautores, auxiliares, conselheiros, adherentes, ou outros quaesquer que tenham empregado debaixo de qualquer maneira ou pretexto que seja, a execução do feito, ou tendo-o executado por si proprio tem incorrido na excommunhão maior e outras censuras e penas ecclesiasticas lançadas pelos sanctos canones, e bem assim pelas apostolicas constituições, pelos decretos dos concilios geraes, e notavelmente do concilio de Trento (Sess. XXII, cap. XI, da reforma), e em ultima extremidade, Nós os excommungamos e anathematisamos novamente...»

Napoleão III conseguiu estorvar que o verdadeiro texto da bulla fosse conhecido em França. Em vez d'aquelle texto, os periodicos revolucionarios e officiaes forjaram um tão odioso quanto extravagante que subscreveram com a falsa assignatura de Pio IX, e atiraram a gargalhada de um publico inepto. Os bispos esforçavam-se em propagar a verdade, mas devem lembrar-se que um decreto impediu ás suas rectificações o accesso dos periodicos. Importava além d'isso á revolução italiana, da qual Napoleão se fizera servo, não deixar arrefecer os odios da opinião publica e prevertida. Logo que elle avassalou as Romagues, preparou-se para invadir as Marcas e a Umbria, esperando apossar-se do resto.

CAPITULO XI

Chambéry — Castelfidardo — Ancona

Pio IX via crescer a tempestade sem fraqueza nem inquietação, e ao mesmo tempo sem jactancia, satisfeito de ter cumprido seu dever, e entregando o resto á Providencia. A 10 de fevereiro de 1860, dizia elle aos indigitados para prégarem na quaresma: «Nós ainda não estamos senão no começo dos males que vão cair sobre nós, mas ao menos, temos diante dos olhos a consoladora esperança que, á medida que as calamidades nos forem apertando, o espirito da fé e do sacrificio se ha de desenvolver mais rapidamente.»

N'essa época, um illustre esculptor que trabalhava no busto do Papa, parou um dia para admirar a altura e o escampado d'essa fronte. Pio IX pegou no modêlo e traçou por suas mãos sobre a argila: *Ecce dedi frontem tuam dusiorem frontibus eorum:*

«Eis que eu tornei o teu aspecto mais rijo que o d'elles.» Com isto queria dizer que, por mais que seus inimigos se obstinassem, elle seria mais forte do que elles.

N'outra occasião, um personagem muito instruido a respeito das intenções dos diversos governos da Europa, expunha ao Papa as difficuldades da situação presente: Este respondeu:

— Se os gabinetes tem a sua politica, eu tambem tenho a minha.

— Qual? póde explicar-m'a? — volveu o seu interlocutor.

— Com a melhor vontade, meu filho: escute.

Depois d'estas palavras, o Vigario de Jesus Christo, elevando para o céo um olhar transfigurado pela fé, proseguiu lentamente:

— Padre Nosso que estaes no céo, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céo!

Em seguida acrescentou:

—Agora que já conhece toda a minha politica, auctoriso-o a divulgal-a.

Não tendo mais nada a esperar das nações, resolveu Pio IX sustentar as suas finanças com as dádivas espontaneas dos fieis, provendo á sua defeza e a de seu throno com o auxilio voluntario da mocidade catholica. Para qualquer outro, uma tal resolução seria uma temeridade, se não fosse uma loucura de antemão condemnada a uma queda humilhante; todavia, estava em tanta harmonia com o titulo de Pai commum dos fieis, e partia de um Pai tão amado e tão injustamente perseguido, que não podia deixar de encontrar apoio em todas as extremidades do mundo. Esta resolução do Pontifice foi providencial para toda a Europa; foi por toda a parte não só o signal, mas o agente mais activo do despertar da iniciativa catholica, e foi desde então que os caracteres virtuosos, vendo abdicar os governos diante da Revolução, aprenderam a passar sem elles.

Os bispos apenas tiveram necessidade de estimular a generosidade dos fieis.

Em França não pôde conseguir-se regularisar a cobrança do dinheiro de S. Pedro debaixo do titulo de associação, mas o governo não ousou oppor-se ao peditorio nas egrejas, e no tocante ás subscripções, como eram tiradas pelos domicilios, escapavam á sua jurisdicção. Na Belgica, apesar de estar no poder o liberalismo e a franco-maçonaria, aproveitaram-se das liberdades constitucionaes para estabelecer a associação sob uma forma analoga á da *Propagação da fé*, e ao cabo de tres mezes a Flandres contava quatrocentos mil filiados. Na Italia, o perio-

dico catholico a *Harmonia* recebia diariamente sommas consideraveis, assim como caixas cheias de joias e de objectos preciosos.

A Irlanda e a Polonia, no centro da oppressão e da miseria, rivalisavam com os paizes mais abastados, taes como a America e a Allemanha, a Hollanda e a Inglaterra.

N'um só dia de peditorio em Dublin, colheram-se mais de duzentos mil francos, e tudo isto afluia aos pés do Santo Padre com milhares de *adresses* em todas as linguas, cobertos de milhares de assignaturas.

E não se limitavam só á offerta de dinheiro: todos os dias chegavam a Roma numerosos voluntarios, francezes, belgas, e irlandezes.

A mocidade nobre da França, preparada em geral com uma educação verdadeiramente christã, aproveitava o lanço de retemperar-se no sacrificio arrancando-se á molesa da vida parisiense; e portou-se n'esta conjunctura com uma actividade que em muitos era a um tempo jubilo de vestir armas sem por isso ser obrigada a servir um Napoleão. Os Goutant e os Larochefoucauld-Dondeauville, os Noé e os Pimodan, os Tournon e os Bourbon-Chalus corriam pressurosos a alistar-se, e algumas vezes como simples soldados, ao lado dos filhos do povo. Em lugar de serem attrahidos pela cubiça do espolio, ou mesmo do soldo, havia alguns entre elles que se sustentavam á sua custa, sem nada acceitar do governo ao qual ao mesmo tempo offereciam a vida. Foi sem duvida por isto, que em consequencia d'uma palavra saída do Palais-Royal, residencia do principe Jeronymo-Napoleão, genro de Victor Manoel, os jornaes demagogicos alcunharam os voluntarios pontificaes com o nome de: «Mercenarios do Papa» e nunca os chamaram de outra maneira.

O movimento era dirigido por um belga, filho do principal fundador da independencia de seu paiz, o qual tinha sido ferido e condecorado no campo de batalha em Algeria, debaixo da bandeira franceza; e por Monsenhor de Mérode, feito camareiro participante do Soberano Pontifice, e depois ministro da guerra. Este, foi encarregado por Pio IX de offerecer o commando em chefe ao mais illustre dos generaes francezes, aquelle que tinha

aprisionado Abdel-Kader, e depois em junho de 1848 salvado a civilisação nas ruas de Paris. Mas que tinha recusado depois servir a preço mesmo do bastão de marechal, e que finalmente era o auctor do golpe de Estado. Dito isto, temos nomeado La Moriciére. Monsenhor de Mérode foi procural-o á Bretanha.

Na oração funebre de La Moricière, disse monsenhor Dupanloup:

«Um dia, achavam-se reunidos no castello de Prouzel, um general, um padre, e um mancebo. Discutia-se, se o general devia ou não ir collocar-se á frente do exercito pontificio. Não se tratava de augmentar a sua gloria, antes sacrifical-a; illustrar sua vida, mas expôl-a.

«Pediam-lhe que deixasse a França e tomasse o commando de um punhado de mancebos inexperientes, sem ter ainda sentido o cheiro da polvora, apoiados sómente em arsenaes vasios, e contando com forragens exhaustas, não fallando a mesma lingua, mas ligados sómente pela fé, e sobre um pequeno territorio concentrado no meio de dois exercitos dez vezes mais numerosos, aguerridos, e bem armados; tratava-se de passar aos olhos dos entendidos, por um estouvado; aos olhos dos politicos, por um faccioso; aos olhos dos militares, por um chefe de aventureiros; n'uma palavra, combater sem esperança, e morrer inglorio.

«O padre insistia, o mancebo hesitava, e o general meditava.

«De subito, o guerreiro levantou-se e disse com voz serena e clara: «Irei.» O mancebo chorou de admiração. O padre, levantou-se, e poisando as mãos nos hombros d'aquelle que lhe fazia esta promessa, curvou a cabeça em silencio como para o abençoar, e aproximando-se mais do peito do heroe, beijou-o no sitio do coração.

«O mancebo caiu morto ao lado de seu chefe; o padre, monsenhor de Mérode, morreu tambem exhausto pelo zelo que empregou no serviço do Pai dos christãos; e o general... o general marchou pela primeira vez para uma derrota. Devia ser vencido da mesma forma que o foram os crusados cujas derrotas salvaram a Europa e concorreram para a civilisação do mundo: vencido sim, mas depois de ter visto manchadas de sangue as mãos dos invasores; e essa mancha nunca mais se apagará!»

A resolução de La Moriciére surprehendeu a maior parte de seus antigos amigos, os quaes ignoravam que profundas convicções christãs esta alma privilegiada tinha haurido no exilio. Custava a crêr que o antigo ministro da guerra no ministerio de Cavaignac, o antigo chefe do partido republicano conservador na assembléa legislativa, podesse arriscar seu prestigio debaixo do uniforme de soldado pontificio.

No entretanto, a côrte de Roma tinha de antemão sérios motivos para contar com elle, tendo-o prevenido por M. de Corcelles, o dedicado embaixador de 1848. M. de Corcelles conseguira convencer La Moriciére na sua passagem por Paris, em outubro de 1859. Encontrou-o em companhia de Mac-Mahon, o qual vinha dar conta a seu antigo general d'essa memoravel batalha de Magenta onde elle tinha libertado o Imperador e seu exercito, e ganhado um tão glorioso titulo ducal. Mac-Mahcn, em obzequio a M. de Corcelles, tornou a começar a sua narração, acabando-a com a sua habitual modestia. E como La Moriciére ficasse silencioso, partilhado entre a alegria de saber que o exercito francez ganhava ainda batalhas, e a tristeza de elle não poder mais fazer o mesmo, M. de Corcelles, respondendo a seu pensamento secreto, perguntou-lhe se não tinha alguma vez pensado em tornar a entrar no serviço:

—Que hei de eu fazer?—perguntou La Moriciére.—Tenho a desgraça de não ser simplesmente um soldado, mas um homem politico, e por tanto não posso servir Napoleão III; prohibe-m'o a honra.

—É verdade—replicou M. de Corcelles—mas que responderia a quem lhe offerecesse o commando do exercito de Pio IX?

—Responderia, que a causa do Pontifice me parece humanamente muito arriscada, e ao mesmo tempo, que é uma causa pela qual daria contente a vida.

Partindo do seu castello de Prouzel a 19 de março, La Moriciére chegou a Ancona a 27, tendo purdentemente seguido o pouco direito caminho da Belgica, de Allemanha e de Trieste. Alli passou dois dias a examinar a praça e a traçar os planos mais urgentes para a sua reparação. A 2 de abril entrava elle em Roma. Logo que chegou escreveu ao Santo Padre, dizendo-

lhe que não hesitara um instante em acudir a seu chamado, debaixo da unica condição de nunca servir contra a França. O Papa respondeu exprimindo-lhe a satisfação que lhe causava a sua presença, e convidando-o a ir vêl-o sem demora.

Segundo a informação de M. Keller, seu eminente historiador, La Moriciére desde a primeira entrevista que teve com o Papa ficou subjugado por sua paternal bondade, serena firmeza, e finalmente pela santidade do Pontifice aos pés do qual depunha seus louros e seu sabre de Africa. La Moriciére fallava d'elle com enthusiasmo, não se cansando de dizer, que atravez da limpidez d'aquelle olhar se via, até ao amago, o coração de Pio IX.

Pela sua parte, o Papa sentiu-se tambem presa do encanto que exerceu em todo o tempo o heroe de Constantina; encanto singularmente augmentado por uma ingenuidade de fé, cheia de transportes. Estes dois corações tinham-se comprehendido, e desde esse momento Pio IX não recusou coisa alguma áquelle que viera entregar-se-lhe exclusivamente. Sem duvida o ardente guerreiro, que no paiz da rotina e da paciencia levada até á fraqueza, assim como dos pequenos abusos benignamente tolerados apresentava uma actividade infatigavel, uma energia de ferro, uma honestidade feroz, devia causar certo descontentamento. Mas Pio IX sustentou sempre o seu partido, mesmo quando se tratava de tomar medidas delicadas que exigiam uma absoluta confiança.

Logo que Pio IX foi avisado de que La Moriciére acceitava o commando, assignou a nomeação de commandante em chefe; mas antes de a publicar, pediu a 4 de abril o consentimento de Napoleão. M. de Gramont, embaixador de França, teve a baixeza de exigir que primeiro essa nomeação fosse revogada, e só depois que o Santo Padre se submeteu a esta humilhação, é que o pedido foi transmittido e formalmente approvado.

Este incidente devia demonstrar a Pio IX que elle estava ainda longe de conhecer fundamentalmente as susceptibilidades diplomaticas, induzindo-o a sollicitar tambem uma auctorisação especial para cada um dos companheiros de La Moriciére. Infelizmente, se teve essa idéa, repelliu-a como ultrajante para o gabinete das Tuileries, o qual não se podia suppôr capaz de

negar todo o auxilio ao recrutamento para o exercito pontifical, quando não cessava de repetir em Roma : «Collocai-vos de maneira que dispenseis as minhas armas.» Esta recommendação acha-se ainda n'um despacho de M. de Thouvenel a M. de Gramont, com data de 14 de abril.

Tomando posse do commando, La Moriciére publicou uma ordem do dia em que dizia que «a revolução, assim como antigamente o islamismo, ameaçava presentemente a Europa, e que hoje, como outr'ora, a causa do Papado éra a causa da civilisação e da liberdade do mundo.»

Os brados furiosos da imprensa irreligiosa mostraram-lhe que acertara, e que a sua comparação entre o islamismo e a revolução era realmente bem fundada.

La Moriciére empregou na sua tarefa toda a sua actividade; e coadjuvado pelo zelo de monsenhor de Mérode, que não era somenos que o seu, dentro em pouco organisou um pequeno exercito de vinte a vinte e cinco mil homens, aos quaes não faltava senão tempo para exercitar-se. Todavia o desejo de com prazer com Napoleão fez com que recusasse o auxilio de muitos dos mais dedicados voluntarios. M. Henri de Cathelineau, neto do santo do Anjou, o mesmo que depois se tornou distincto na defeza do bosque d'Orleans, propoz reunir muitos milhade Bretões, os quaes por uma subscripção se podiam armar e assoldadar sem tocar no dinheiro de S. Pedro, nem no thesouro pontificio. Atemorisavam-se, porém, com a côr politica do nome de Cathelineau.

Pio IX não cessava de elogiar o zêlo de La Moriciére e de monsenhor de Mérode, e dizia muitas vezes:

— Confessem que estou muito bem servido: os meus ministros parecem-se bastante com o raio e o furacão.

Em breve foi tratado com o gabinete das Tuileries que a evacuação de Roma pela guarnição franceza tivesse começo no dia 11 de maio.

Não era, porém, isto o que desejava a revolução e seus cumplices. M. de Cavour, que no Congresso de Paris se tinha lastimado publicamente de que o Papa não acharia um exercito sufficiente para poder prescindir da protecção da França e da

Austria, começou protestando contra a formação d'esse exercito, desde que viu que ia bem encaminhado. Depois, denunciou-o á Europa como uma collecção de aventureiros de todos os paizes, fingindo a maior inquietação pela segurança das novas fronteiras do Piemonte.

No entretanto, sempre accusando o Papa de pensar em reconquistar suas perdidas provincias, elle proprio, por uma serie de violencias e hypocrisias sem exemplo na historia das nações christãs, seguia o curso de seus attentados contra o dominio de seus visinhos. Desde 7 de maio lhe tinha o governo francez participado o seguinte: «Mil e quatrocentos homens recrutados publicamente em todas as grandes cidades do reino subalpino, tinham podido embarcar impunemente em Genova no intuito de hostilisar o governo, que não estava então em guerra com nenhuma outra potencia.»

Tratava-se do rei de Napoles e da expedição de Garibaldi á Sicilia.

M. de Covour começou por negar. Por uma circular dirigida a todos os seus agentes diplomaticos, informou a Europa «de que os preparativos de que se queixavam não existiam, e que além disso o governo do rei vellava e não sómente se opporia a similhante expedição de flibusteiros, mas aprisionaria os rebeldes que o tentassem.» E no mesmo dia, e com a mesma penna, M. de Cavour escrevia confidencialmente a Garibaldi, o chefe d'aquelles que elle qualificava publicamente de flibusteiros e rebeldes: «O negocio pelo lado do dinheiro e dos navios necessarios está arranjado. É preciso embarcar immediatamente» [1].

O governo francez insistiu e forneceu as indicações mais explicitas ácerca dos mil e quatrocentos homens que, pela maior parte, eram dos soldados do exercito regular do Piemonte, e dos marinheiros da armada. Não podendo mais negar, M. de Cavour contentou-se em declarar estas praças como profugas, apezar d'elle nunca reprimir a deserção, e occultamente animar todo aquelle que

[1] O conde Apponiy, no seu livro intitulado: «*O ultimo dos Napoleões*, affirma ter visto o *autographo* que acabamos de citar, de Cavour a Garibaldi.

a incitasse. Ao mesmo tempo, mandou annunciar na *Gazeta de Turin* de 17 de maio de 1860, «que não approvava a expedição de Garibaldi, e que a frota real tinha ordem de a perseguir e de obstar a seu desembarque.» Levou, emfim, tão longe a impudencia que avisou d'isto mesmo officialmente o rei de Napoles n'uma nota de 20 de maio. Em antes tinha escripto ao almirante piemontez Persano, n'uma carta que este depois divulgou: «Trate de se sustentar entre Garibaldi e os navios napolitanos. Espero que me comprehenda.»

A isto respondeu Persano com firmeza:

«Perfeitamente: Tenho entendido que se não andar n'este negocio habilmente, arrisco a cabeça.»

A final, para que haviam de constranger-se quando de antemão estavam certos da impunidade? Dois navios inglezes achavam-se em Marsala, nas costas da Sicilia, justamente a ponto para cobrir o desembarque, de modo que os canhões napolitanos não ousaram dar fogo sobre Garibaldi, receiosos de tocar no pavilhão da Grã-Bretanha. Era assim que em caso de necessidade se praticava o famoso principio da não-intervenção.

Garibaldi, que tinha recebido dois milhões da Inglaterra, achou-se habilitado para pagar a traição dos estados-maiores da frota napolitana; e esta foi a sua primeira victoria. Mais um milhão entregue pelos deputados Sardos, Brottero e Casalis, da parte do gabinete de Victor Manoel, ajudou-o tambem a ganhar outras.

Debalde o joven e ingenuo rei de Napoles, Francisco II, confiava nas presistentes negativas de Victor Manoel, seu primo, e lhe estendia a mão leal. Debalde implorava soccorro dos outros soberanos da Europa, assim como os conselhos de Napoleão III, tratando, seguindo esses conselhos, de desarmar a revolução com as concessões mais liberaes, e adoptando a bandeira tricolor italiana. O ouro e as maquinações de M. de Cavour apertavam-no por todos os lados: seus generaes vendiam-se, e a traição chegava até ao centro de sua familia, até seu proprio gabinete, e logo que os flibusteiros de 7 de setembro entraram em Napoles sem dar um tiro, o advogado Liborio Romano, primeiro ministro de Francisco II, nem mesmo teve o pu-

dor de dar a sua demissão: conservou-se primeiro ministro de Garibaldi!

Então o moço rei tomou uma deliberação varonil. Reunindo alguns officiaes que se lhe conservaram fieis, e chamando para o seu lado seus soldados em debandada e sem chefes, retirou-se por detraz da linha de Volturne, e d'ahi, apoiando-se na fortaleza de Gaeta, fez face a Garibaldi, forçando-o a recuar até Santa-Maria, tendo-o talvez derrotado completamente em S. Angelo-in-Formis, se não fosse a intervenção das tropas piemontezas, infanteria e artilharia enviadas de Napoles a toda a pressa pelo embaixador sardo Villamarina. A defesa heroica mas tardia de Francisco II não o salvou, mas pelo menos, succumbiu com gloria, e obrigou finalmente a hypocrisia piemontesa a desmascarar-se. O proprio Victor Manoel, elle que protestava pouco antes contra a expedição de Garibaldi e enviava um exercito em sua perseguição, vendo-o depois em risco de succumbir miseravelmente, correu pessoalmente em seu auxilio, e elle proprio bombardeou durante quatro mezes em Gaeta seu primo Francisco II, com o qual se achava em boa harmonia.

Estava porém escripto que o rei revolucionario seria «galante-homem» em toda a parte.

Emquanto que elle se portava no meio dia da Italia com a lealdade que acabamos de descrever a grandes traços, completava no centro façanhas tão honrosas como esta, e esmagava o exercito pontifical ainda a formar-se, depois de lhe ter declarado guerra exactamente como a Francisco II.

A 4 de setembro de 1860 passou Napoleão por Chambéry, e dois enviados de Victor Manoel, M. Farini e o general Cialdini, foram saudal-o.

Que se passou n'esta entrevista? Sobre este ponto ha duas versões notavelmente diversas na forma, posto que visem, afinal de contas, a identico resultado.

Segundo M. Thouvenel e sua circular de 18 de outubro aos agentes diplomaticos, o governo imperial tinha-se deixado benevolamente convencer que Garibaldi acabava de sublevar as Marcas e a Umbria, provincias pontificaes, que nada o suspenderia n'este designio, e em seguida iria atacar Veneza. Ora im-

portava grandemente conjurar esta eventualidade que podia descambar n'um retrocesso offensivo da Austria, e n'uma guerra europêa. O gabinete de Turim não via para o impedir senão um meio; «era este, dizia M. Thouvenel, que logo que a approximação de Garibaldi provocasse perturbações na Umbria e nas Marcas, entrar ahi tambem, sem tocar na auctoridade Pontificia, batendo-se, em caso urgente, com a revolução no territorio napolitano, confiando immediatamente a um Congresso o cuidado de fixar os destinos da Italia... Sua magestade o imperador não desapprovou esta resolução do governo Sardo.»

N'esta hypothese, suppunha-se Garibaldi em estado de triumphar do rei de Napoles, de La Moricière, e das tropas francezas do general Goyon, por que tudo isso se achava entre elle e Veneza.

Todas estas forças davam muita honra a um chefe de guerrilhas que nunca deixara de ser derrotado todas as vezes que se tinha encontrado em face de um inimigo sério. No entanto, supponhamos que se possa discutir sinceramente esta eventualidade, e que Napoleão III acreditasse na affirmativa dos piemontezes, «de que iam bater a Revolução,» como póde elle, logo que os viu não combater a revolução mas o Papado, esmagar La Moricière em lugar de Garibaldi; como explicar airosamente que se accommodou com o facto, elle, o arbitrio da situação, e que de tão boa vontade a auxiliara para a fazer acceitar pelas outras potencias? Ou M. Thouvenel e seu senhor se propunham conscienciosamente a enganar a posteridade, ou foram elles os enganados, e mystificados como crianças mostraram-se satisfeitos com a mystificação.

A opinião de Cialdini é menos confusa. Na sua opinião, e na de alguns, Napoleão auctorisou completamente tudo quanto succedeu, e que ainda nos resta a expôr.

Ó vingadora Providencia! Ó logica inexoravel das situações e dos factos! Napoleão empregou sem querer, e talvez sem o saber, as mesmas palavras de Jesus ao traidor Judas: «O que fizerdes fazei-o depressa! *Quod facis, fac citius.*»

Parece que alguem tem contestado a authenticidade d'estas palavras; mas a historia sempre inexoravel responde-lhes, que

senão sairam de seus labios, se exprimiram em todas as suas acções [1].

Entre a conferencia de Chambéry e a entrada de Cialdini no territorio pontifical passou-se justamente o tempo necessario para fazer o trajecto em carruagem ou caminho de ferro. Setenta mil homens o esperavam promptos a marchar se elle levasse a desejada auctorisação e já o general Fanti, chefe de um outro corpo do exercito igualmente acampado nas fronteiras das Marcas, tinha significado a 7 a La Moriciére, que se as tropas do Papa entendessem usar da força «para comprimir qualquer sublevação nos Estados pontificaes,» elle Fanti occuparia immediatamente as Marcas e a Umbria, «afim de garantir ás populações toda a liberdade de exprimir seus votos.»

Isto era o mesmo que dizer claramente que se contava com uma sublevação, e que se estava alli para a provocar. Não succedeu porém assim, apezar de se empregarem excitações de todo o genero.

A 8 de setembro, o conde Della Minerva partiu de Turim para Roma com um ultimatum. Sem troca anterior de notas diplomaticas, sem pretexto, e unicamente da parte do direito do mais forte e do mais audacioso, foi o Papa notificado para despedir seus voluntarios como estrangeiros; dando-lhe quatro horas apenas para responder, e ainda assim não queriam esperar

[1] Cialdini e Farini chegaram a Chambery á tarde. O imperador presidia a um grande banquete dado na camara. Parecia muito pensativo e, por assim dizer, não tocou em nenhuma das iguarias que se serviram. Napoleão era naturalmente sobrio, e muitas vezes, quando comia fóra de casa, levava a precaução até jantar em antes de meia hora o que lhe preparava o seu cosinheiro particular. Logo que lhe annunciaram os enviados piemontezes levantou-se da mesa onde nunca mais appareceu, e levou o resto da noite conferenciando com elles. Durante esta conferencia, abriu-se um mappa da Italia central, e o imperador emquanto discutia traçou, riscou, e modificou n'elle uma serie de riscos a lapis. Em seguida o mappa foi abandonado sobre a mesa, porque não tinha nome nem indicação escripta; mas o marquez Costa de Beauregard, o homem politico mais importante da Saboia, guardou-o. Alguns dias depois em Roma, examinando-o com o cardeal Barnabó, qual não foi a sua surpreza reconhecendo nos traços a lapis que ainda se conservavam visiveis, a marcha exactissima seguida por Cialdini e Fanti na sua invasão do Estado Pontifical!

Obtivemos estes promenores de um homem muito serio e honrado, escriptor, eminente e sabio (M. le chevalier Jules Bauy), ao qual o marquez Costa de Beauregard os contou muita vez.

todo este tempo:. o ultimatum era uma pura comedia, assim como tudo o mais. A 10, antes mesmo de se conhecer a resposta do Papa, antes mesmo da chegada do conde Della Minerva a Roma, Cialdini e Fanti transpunham sem previa declaração a fronteira pontifical.

Tanto um como o outro, entraram nos estados pontificios mais como selvagens do que como soldados. As ordens do dia que dirigiram a seus exercitos deviam ser conservadas para opprobrio eterno d'aquelles que as assignaram. Dizia Cialdini:

«Soldados, conduzo-vos a bater uma horda de aventureiros que a sêde do ouro e a ambição do saque conduziram ao nosso paiz. Combatei, dispersai inexoravelmente esses miseraveis sicarios; que pelas nossas mãos conheçam a valentia e o odio de um povo que visa á sua independencia! Soldados, Pérouse reclama vingança; e posto que tarde, vingança ha de ter!

D'este modo, era o salteador que, enterrando o punhal na garganta do cidadão pacifico, gritava: «Ladrão! Assassino!» Quer fosse para se illudir a si proprio, quer fosse para afastar da sua victima a commiseração dos que presenciassem o acto, Victor Manoel, seu chefe, usava ainda se é possivel uma linguagem mais despresivel, porque era menos brutal. A sua proclamação é um primor no genero hypocrita no qual M. de Cavour, era eminente:

«Soldados! entraes nas Marcas e na Umbria para restaurar a ordem civil nas cidades desoladas, para que possam exprimir livremente as suas idéas. Não tendes a combater exercitos poderosos, mas sómente libertar desgraçadas provincias italianas da presença de companhias de aventureiros estrangeiros. Vós não ides vingar injurias feitas a mim ou á Italia, mas sim impedir que os odios populares se não desencadeiem contra os oppressores.

«Vós ensinareis pelo exemplo o perdão das offensas e a tolerancia christã áquelles que comparam o amor da patria italiana ao Islamismo.

«Em paz com todas as grandes potencias, longe de toda a provocação, entendo que devia fazer desapparecer do centro da Italia uma causa continuada de perturbação e discordia; quero

porem respeitar a Cadeira do Chefe da Egreja, a quem estou prompto a dar sempre, de accordo com as potencias amigas e alliadas, todas as garantias de independencia e segurança que seus cegos conselheiros tem debalde esperado do fanatismo da má seita que conspira contra a minha auctoridade e contra a liberdade da nação.

«Soldados! accusam-me de ser ambicioso. Sim, é verdades ambiciono restaurar os principios da ordem moral na Italia, e preservar a Europa dos continuados perigos da revolução e da guerra.»

Os ferozes sentimentos que Cialdini expunha nas suas proclamações não eram uma simples fanfarronada, como seu procedimento o provou.

O coronel pontificio Zappi, tentando defender-se em Pesaro com 800 homens, e conseguindo sustar vinte e duas horas todo o exercito piemontez diante d'esta casinhola, em lugar de receber provas de admiração por esta coragem, viu Cialdini recusar-se a cessar o fogo, quando Zappi, já esmagado pelo numero, foi a final obrigado a render-se. Gosou pois Cialdini a satisfação de metralhar impunemente por mais de duas horas uma cidade que deixara de responder-lhe por outra forma senão por uma bandeira branca e por seus parlamentarios! Quanto aos verdadeiros votos das populações, votos que se julgava elle ia proteger, deram-lhe tanto cuidado como o direito real das gentes. E como prova temos este famoso despacho qne elle dirigia algumas semanas depois, a 20 de outubro, ao commandante garibaldino de Molise: «Publicar que eu mando fusilar todos o paisanos aprisionados com as armas nas mãos: já hoje comecei.»

La Moricière estava longe de esperar um ataque do exercito piemontez: considerava apenas como possivel uma agressão garibaldina, e como provaveis algumas insurreições interiores parciaes; e tinha por tanto tomado as suas medidas, espalhando suas tropas pelas cidades e pela fronteira napolitana. A insolente mensagem do general Fanti contribuiu tambem muito para o affirmar n'esta idéa. Quando a recebeu, não tinha consigo senão 1500 homens. Aprestou-se para o que succedesse, mas sem se

resolver logo a operar uma concentração que lhe parecia perigosa e prematura.

De repente, chega-lhe a noticia que a fronteira, do lado do Piemonte, é invadida por todos os lados, que um corpo do exercito commandado pelo general de Sennaz marcha sobre Pérouse, um outro conduzido por Brignone sobre Orvieto, e finalmente que Cialdini avança sobre Sinegaglia, e d'ahi sobre Torre de Jesi, Castelfidardo, Loretto, e que tem evidentemente em vista a cidade de Ancona, a unica depois de Roma capaz de resistencia.

Impossibilitado de fazer frente a tantos inimigos reunidos, La Moriciére vê com pesar que suas pequenas e espalhadas guarnições estão perdidas, mas não desanima. Chamando á pressa todas aquellas que estão a seu alcance, e que infelizmente não eram as mais consideraveis, muda todas as disposições tomadas para um outro genero de lucta; renuncia a oppor-se a Brignone, a Sonnaz, e a Fanti, que todavia procuram cortar-lhe a retirada sobre Roma, e lança-se intrepidamente na maior força do perigo, entre elles e Cialdini, com a firme resolução de romper as linhas d'este ultimo, e chegar a Ancona antes d'elle. Alli, pensava La Moriciére, poderia sustentar-se uma ou duas semanas; era quanto bastava para dar á França e ás outras nações civilisadas tempo para o soccorrerem. Contava com a França e com a Austria, e tinha respondido ao emissario de Fanti:

«Nós somos apenas um punhado de homens, mas um francez não conta os seus inimigos, e a França está por detraz de nós.»

Com effeito, antes da invasão, o duque de Gramont embaixador de França, cujas palavras eram apoiadas com a presença de um exercito francez em Roma e nos seus arredores, tinha por muitas vezes socegado o cardeal Antonelli inquieto, asseverando-lhe que as concentrações das tropas piemontezas eram destinadas a reter as guerrilhas e a proteger a fronteira pontifical, mas que ellas não atacariam. La Moriciére attesta este facto no relatorio que faz de suas operações. Em seguida, quando a invasão do territorio foi decisiva, M. de Gramont tinha communicado ao cardeal e telegraphado em linguagem clara

e não em cifra, ao vice-consul de França em Ancona o seguinte despacho:

«O imperador escreveu de Marselha ao rei da Sardenha que, se as tropas piemontezas penetrarem no territorio pontifical, ver-se-ha obrigado a oppor-se-lhe. Já foram dadas as ordens para o embarque das tropas em Toulon, e continuamente nos chegam reforços. O governo do imperador não tolera a culpavel agressão do governo Sardo. Como vice-consul da França, regulae n'este sentido vosso procedimento.»

M. de Courcy, o vice-consul a quem foi dirigido este despacho, correu immediatamente com elle a casa de M. de Quatrebabes, governador civil de Ancona. A sua avançada idade não lhe permittia leval-o elle proprio a Cialdini, mas enviou-o a toda a pressa por um empregado consular, não duvidando que a leitura d'este papelinho, no fim do qual se achavam as armas da França, não fizesse suspender repentinamente todo o derramamento de sangue. Enganavam-se porém; Cialdini, tendo lido o despacho, metteu-o no bolço, dizendo: «A esse respeito sei o que devo fazer; tenho instrucções do imperador.» Depois, como o portador exigisse um recibo, assignou, accrescentando» que seria bom que juntassem esse documento aos outros papeis diplomaticos; e avançou.

Alguns dias depois, em Loretto não foi menos explicito diante do conde de Bourbon-Busset e outros prisioneiros de Castelfidardo: «Admiro, senhores, — lhes dizia elle — como podestes imaginar um só instante que invadiamos os Estados pontificaes sem o expresso consentimento do governo de vosso paiz!» E como um dos presentes observasse a Cialdini o facto annunciado do desembarque de uma nova divisão franceza em Civita-Vecchia:

—De que serve isso?—replicou um official superior piemontez do estado maior de Cialdini;—a França não precisa de reforçar a seu exercito de occupante.

Olhai para estes fios, senhores,— e mostrava o telegrapho— se estes fios fallassem, era quanto bastava para nos fazer parar immediatamente. [1]

[1] Devemos observar que estes pormenores não foram então publicos, e que, se o tivessem sido, talvez que seu exito fosse impossivel. As gazetas

Não se podia exprimir melhor a omnipotencia que gosava n'este momento o vencedor de Solferino, e a mancha que elle preparava para a sua memoria. Com effeito, não só elle desorganisou a defesa de que tinha assumido sobre si o cuidado e a responsabilidade; não só enganava a côrte de Roma e lhe inspirava uma falsa segurança (como se o seu designio fosse impellir mais seguramente La Moricière nas emboscadas de Cialdini); mas paralisava a boa vontade das potencias sinceramente dedicadas á Santa Sé.

O imperador de Austria, Francisco José, que havia um mez previa a invasão do estado pontificio, achou-se desprevenido. As suas divisões do Mincis achavam-se promptas, e bastava uma ordem para as fazer transpor o rio e lançal-as sobre o territorio piemontez. Esta ordem foi assignada.

Antes, porém, de a enviar, e de tomar sobre si esta immensa

officiaes ou revolucionarios, isto é a maior parte dos periodicos e mais lidos, davam as noticias com resguardo; e a agencia telegraphica Havas não tinha nunca deixado, debaixo de todos os regimens, de se mostrar officiosa. Todavia, *A Independencia Belga,* orgão dedicado á revolução, mas que se lisongeava antes de tudo de estar bem informada da situação, repetiu as palavras de Cialdini, e a maior parte dos jornaes inglezes, allemães e outros expoz o incidente de M. de Courcy, que M. de Quatrebarbes igualmente consignou em suas *Recordações de Ancona.* A final, M. de Gramont não contestou a existencia do despacho, posto que uma noticia telegraphica Havas, de 29 de outubro, désse a entender o contrario. Sómente affirmou, n'uma nota ao cardeal Antonelli, de 25 de outubro «que nunca tivera a intenção de guerrear o Piemonte.» Mas n'este caso de que era que se tratava?...

Coisa difficil de accreditar e todavia muito verdadeira: o famoso despacho era não sómente authentico, mas sincero, e seu expedidor foi o primeiro enganado. E eis-aqui como: Quando MM. Thouvenel e Billaut souberam da invasão piemonteza, achava-se Napoleão III em Marselha prestes a embarcar para Algeria. Napoleão não tinha deixado nenhumas instrucções. Os dois ministros, tomados de improviso, debalde as reclamaram peto telegrapho. O imperador embarcou sem responder. Foi então, que, ignorando seu pensamento secreto, telegrapharam ao acaso, no sentido que lhes pareceu mais conforme a seu pensamento official; reservando poder mais tarde desfigurar o sentido do despacho, e explical-o convenientemente.

Quando M. de Gramont se viu desprestigiado aos olhos da Europa, o seu dever estava traçado: impunha-lhe que pedisse a sua demissão. Mas os homens de caracter eram raros na diplomacia do segundo imperio.

Foi este mesmo duque de Gramont, que dez annos depois, sendo ministro dos negocios estrangeiros, não teve a coragem de desagradar ao Mestre desmentindo uma pretendida injuria do rei da Prussia, e deixou a opinião publica desvairada applaudir a fatal guerra de 1870. Foi este o seu castigo; e do imperador; e — ai! o castigo da França!

responsabilidade, o joven imperador, que se tinha achado mal em 1859 por ter cedido com demasiada presteza aos impulsos de seu ardor cavalheiresco, pensou que devia reunir seus ministros e seus principaes generaes.

Tomando primeiro a palavra, expôz com clareza a nova situação em que se achava a Austria pela violação dos tratados recentes, e a obrigação em que estava de se lhe oppôr com as armas. Impulsava-o seu dever de catholico, não menos que sua honra e seus proprios interesses como soberano. De mais, parecia que Deus tinha cegado a revolução, e a invasão tornou-se de tal forma odiosa, que o Piemonte não incontraria um alliado.

Acabo de assignar — proseguiu o imperador — a ordem para entrar ámanhã na Lombardia. A isto accrescento um manifesto dirigido á Europa, onde declaro que respeito e quero fazer respeitar o tratado de Zurigo. A Lombardia já me não pertence, cedi-a, e não falto á minha palavra; mas reclamo que as clausulas que são onerosas para a Austria não sejam as unicas executadas: revendico os incontestaveis direitos de meus primos de Florença, de Parma e Modena, indignamente espoliados por um dos signatarios e abonadores do tratado; exijo finalmente que se respeite a neutralidade do Papa e a integridade de seu territorio, porque o Papa é não só meu alliado mas tambem meu soberano, e como chefe da Egreja tambem é meu Pai. A armada de Trieste irá ao mesmo tempo crusar diante de Ancona.»

Seguiu-se um profundo silencio a esta nobre linguagem. Alguns dos assistentes mostraram pela attitude signaes de duvida quando o joven monarcha affirmou que a brutalidade da agressão piemonteza era o bastante para que ninguem ousasse associar-lhe. Por fim levantou-se o conde de Thum, e depois de ter feito justiça aos evidentes aggravos da Austria, e admirado a energica resolução de seu imperador, expôz os perigos de todo o genero que esta resolução acarretava.

O exercito ainda não tinha substituido os logares vagos; as feridas de Magenta e Solferino sangravam ainda. A França tornaria a passar os Alpes, e a revolução, longe de ser abafada, seria mais terrivel do que nunca.

— Pois bem — interrompeu Francisco José — se a minha corôa deve ser despedaçada, antes quero que o seja sobre as escadas do Vaticano, defendendo a justiça e a religião, que ás portas de Vienna ou de Presbourg pelas mãos dos amotinados.

— Sire — replicou o conde de Thum — quer seja ás portas de Presbourg, quer ás do Vaticano, vós nos encontrareis sempre a vosso lado, promptos a vencer ou a succumbir nobremente com V. Magestade; mas consenti que vos repita, que não se trata unicamente de travar a luta contra a revolução, duplicada pelo rei da Sardenha. Se a França se levantar de novo por detraz d'elles, quem se levantará por detraz de nós? Onde estão as nossas allianças no caso de um revez? Nós já o anno passado experimentamos cruelmente que as não possuimos, e que a Prussia está de accordo com a França. E se a guerra se prolongar, se a revolução atirar para os braços da Russia a Hungria e as nossas provincias slavas, e para os braços da Prussia nossos paizes allemães, que será do grande imperio catholico da Allemanha? Não terá V. Magestade apressado, sem querer, a satisfação das cobiças mal dissimuladas que espiam por todos os lados a nossa perda, quer o triumpho seja do protestantismo, quer do scisma grego?

Francisco José contrapôz com energicas razões os perigos não menos graves que a victoria da revolução italiana faria correr ao socego e inteireza do imperio; demonstrou quam precaria seria a dominação austriaca em Veneza, e como se tornaria impossivel preservar por muito tempo os derradeiros despojos do Estado pontifical, logo que o rei do Piemonte dispozesse de todo o resto da Peninsula. Ainda mesmo que a lucta se espaçasse, nem por isso se evitava; conseguindo com risco unicamente tental-a mais tarde contra um usurpador consolidado pelo tempo, e com menos e clara evidencia de seu direito.

No entanto, os embaraços presentes preoccupavam mais seus conselheiros que os do futuro. Abandonado por seus ministros, achando-se só na sua resolução, Francisco José depois de discutir duas horas com elles, resignou-se a suspender a ordem que acabava de assignar.

A armada continuou a ficar ancorada no porto de Trieste,

d'onde alguns dias depois pôde ouvir o bombardeamento de Ancona, e a armada do Mincio ficou immovel e fremente em seu quadrilatero, esperando que a unidade italiana se transformasse em realidade, coligando-se com a Prussia para a expulsar.

Ao mesmo tempo, 13 de setembro, M. Thouvenel escrevia ao barão de Talleyrand, ministro de França em Turim:

«O imperador resolveu que deixasseis immediatamente Turim, afim de mostrar a sua firme vontade de declinar de si toda a solidariedade nos actos que seus conselhos, ditados pelo interesse da Italia, não poderam infelizmente prevenir.»

A fora os piemontezes, e talvez os ministros austriacos, não houve pessoa na Europa que, tendo conhecimento d'este documento e do despacho de M. Gramont ao consul de Ancona, não accreditasse n'um rompimento eminente, para não dizer consummado já, entre Napoleão e Victor Manoel. Com seu caracter leal e sincero, La Moriciére foi tão illudido como os outros. Elle escrevia a toda a pressa a monsenhor de Mérode para lhe enviar mantimentos para Ancona, onde tencionava fortificar-se, faltando-lhe tempo para se preparar a dar batalha em campina rasa: Dá-me pouco cuidado a Umbria,—accrescentou elle—deixo a França para a defender. Espero tambem que o general de Goyon não se limitará a guardar os muros de Roma, e que pelo menos impedirá a invasão das costas de Napoles pelo valle de Orvieto. Se os francezes quizerem em seguida pôr guarnições em Viterbo, Velletri e Orvieto, será uma grande coisa. Tenho a firme esperança de que a final a França acabará por intervir.»

Na verdade, as declarações de Napoleão III, assim como os despachos dos Thouvenel e dos Gramont não eram senão palavras, «papeis diplomaticos» segundo a phrase desdenhosa de Cialdini. Napoleão tratava unicamente de fazer ganhar paciencia á opinião publica irritada, preparando para os piemontezes o beneficio do facto completo. Como duvidal-o, quando se viu, pouco tempo depois, tomar elle debaixo de seu patronato a obra nascida da criminosa agressão contra a qual tão alto bradára?

Fraco ou traidor, ou foi cumplice representando uma comedia estudada de antemão, ou sincero em suas ameaças; mas não as

fazia senão no intuito de intimidar a revolução, recuando no momento proprio, e quando estava certo de que ella o escarnecia. Terrivel alternativa para a memoria de um homem que teve a honra de governar a França, a nação heroica por excellencia; e ao mesmo tempo terrivel lição para esta mesma nação, que teve a loucura de se lhe entregar durante vinte annos. Os seus proprios amigos são obrigados a confessar que Napoleão foi um cobarde, se querem evitar que se acredite na sua traição.

CAPITULO XIII

Chambéry — Castelfidaldo — Ancona

(Continuação)

Entretanto, La Moriciére chegava a 16 de setembro, a marchas forçadas, á vista de Loretto, donde o inimigo retirou quando o viu aproximar.

Seu pequeno exercito constava apenas de tres mil homens, a saber: 2:000 de infanteria; 800 cavallos e 200 artilheiros; mas contava alli com o general marquez de Pimodan que devia conduzir de Terni 2:000 homens de infanteria, como de facto chegou a 17 á tarde. Era portanto com 5:600 homens se tanto, e uma artilheria de molde antigo e insufficientemente exercitada, que devia affrontar Cialdini, o qual tinha n'esse momento ás suas ordens 45:000 homens com peças raiadas. O choque era inevitavel, e contava-se que seria logo na terça feira, 18.

Os piemontezes acampavam sobre as collinas que descem do cume de Castelfidaldo para a planicie, estendendo-se até quinhentos metros pela margem do pequeno rio Musone. A sua artilheria dominava os declives por todos os lados.

Duas herdades, situadas sobre a praia, a seis centos metros de distancia uma da outra, achavam-se fortemente defendidas.

Deferindo para mais tarde o assalto, La Moriciére arriscava-se a ser envolvido e reduzido a depôr as armas.

Ás quatro horas da manhã, os soldados pontificios, tendo á frente os dois generaes, preparam-se para a morte, recebendo o Santissimo Sacramento da Eucharistia. Ás oito horas, Pimodan atacou as duas herdades de que fallamos. A sua idéa era apoderar-se d'ellas, sustentando-se depois alli todo o tempo que fosse possivel, em razão de se dominar d'aquelle ponto o váo do Musone, por onde devia necessariamente desfilar o grosso do exercito e das bagagens, não havendo outra passagem senão esse váo para ganhar a estrada de Ancona.

Posto que valentemente defendida, a primeira herdade foi tomada, com uns cem prisioneiros. Seis peças foram immediatamente conduzidas para alli afim de proteger a posição contra um ataque inimigo: o capitão Richter que commandou a força ás ordens do coronel Blumenstihl foi atravessado n'uma côxa por uma bala, mas apezar d'isso recusou afastar-se da peleja aturando o meio do fogo. Dois obuzes conduzidos pelo tenente Dandier, e mais cem irlandezes chegados de vespera a Espoleto, foram collocados a descoberto defronte da casa, debaixo da metralha piemonteza, á qual elles responderam com todo o denodo. Infelizmente, nem todos cumpriram honrosamente seu dever. Pimodan foi obrigado a exautorar no campo da batalha o commandante do primeiro batalhão de caçadores.

Na sua relação, diz La Moriciére: «Era chegada a occasião de atacar a segunda herdade. O general Pimodan formou uma pequena columna ás ordens do commandante de Becdeliévre, composto do batalhão dos atiradores franco-belgas, de um destacamento de carabineiros, e do 1.º batalhão de caçadores.

Esta columna desfila resolutamente, apezar da fusilaria que rebenta da herdade e do bosque. Debaixo d'este fogo, devia percorrer a descoberto uma extensão de quinhentos metros. Logo, porém, que chegou a cento e cincoenta passos, pouco mais ou menos do cume da collina, foi recebida pelo fogo de duas fileiras de uma forte linha de batalha, que lhe pôz uma tal quantidade de homens fóra do combate, que se viu forçada a retirar. O inimigo perseguiu-a, mas no momento em que ia

alcançar os nossos, estes voltam face e esperam a pé firme a quinze passos, recebendo-os corajosamente e correndo sobre elles de bayoneta calada.

Admirado de tanta audacia e aprumo, posto que superior em numero, o inimigo retirou por sua vez, deixando aos nossos soldados tomar a posição de que elles eram pouco antes senhores. O fogo da nossa artilheria bem sustentado e dirigido protegia estes movimentos... O inimigo perdeu bastante gente, mas relativamente, as nossas perdas eram mais sensiveis. Pimodan foi ferido no rosto, mas apesar d'isso conservou o commando. Conheci immediatamente que esses dois batalhões e meio não podiam tomar a segunda posição. Mandei avançar os dois batalhões de reserva... e ordenei á cavallaria que atravessasse o rio e seguisse a marcha da alla direita de nossas columnas. Durante este tempo, o inimigo tentou atacar-nos por dois lados..., o major Becdelièvre reuniu o que lhe restava de seu batalhão, lançou-se sobre os atiradores, e obrigou-os a retroceder, escondendo-se no bosque d'onde tinham saido.»

Todavia, apesar d'estes gloriosos episodios, a grande inferioridade de homens e artilheria tornavam impossivel a victoria. Pimodan caiu mortalmente ferido pelas costas pela mão de um traidor, tendo a Revolução tido o cuidado de fazer alistar gente sua entre os voluntarios pontificaes [1]. Quer fosse terror fingido quer verdadeiro pelas falsas atoardas espalhadas, por esses traidores no momento decisivo, fosse commoção natural, em soldados dos quaes a maior parte nunca tinham visto o fogo, os Suissos que formavam a reserva debandaram e fugiram sem mesmo ter ouvido o sibilar das balas. Os outros, tanto italianos como allemães, pela maior parte seguiram esse triste exemplo.

[1] O assassino foi um soldado chamado Brambilla. (Memorias secretas do XIX seculo, por M. de Beaumont-Vassy.) Depois da batalha, esse Brambilla passou para o campo de Cialdini. Foi nomeado quartel mestre de carabineiros em Milão, e condecorado com a medalha do valor militar, por Victor Manoel.

Que admira? não se tinha tambem dado a cruz de S. Mauricio e S. Lazaro a Cerletti, que em Modéna tinha feito arrastar com a corda ao pescoço o coronel Anviti á praça publica onde foi decapitado! Não se tinha ratificado um decreto de Garibaldi pensionando a mãe do regicida napolitano, Agesilão Milano!

A artilheria, vendo-se abandonada, receou ficar prisioneira e recuou; mas em logar de tomar a estrada de Ancona, dirigiu-se para Loretto, onde devia inevitavelmente cair em poder do inimigo. No meio d'esta desordem, La Moriciére, sempre tranquillo, multiplicava-se, assim como seus ajudantes de campo, M. M. de Maistre, de Lorgeril, de Robiano, de França e de Montmarin, tentavam dirigir esta precipitada retirada. Mas suas ordens não eram ouvidas ou não eram executadas. Então, como costumava fazer em Africa, La Moriciére esporeou o cavallo, e sosinho a cem passos das linhas, para julgar com acerto a situação, reuniu seu estado maior, tentando ainda formar os fugitivos, e quando tudo estava já perdido, com quarenta e cinco cavallos e unicamente uns cem homens de infanteria, executou o projecto que não pôde levar a cabo com seu exercito. Toma precipitadamente o caminho de Ancona, que uma esquadra piemonteza estava a ponto de bombardear e consegue alli entrar ás cinco horas da tarde. Os valentes franco-belgas sacrificaram-se para salvar o resto do exercito. Sustentaram-se na herdade occupada, emquanto tiveram munições. Os campos e as sebes dos arredores cobriram-se de mortos e feridos piemontezes, mas elles tambem ficaram todos mortos ou prisioneiros.

Paulo de Parcevaux, Edme de Montagnac, Arthur de Chaluz, Jacintho de Lanascol, Alfége du Baudier, Joseph Guérin, Jorge d'Héliand, Felis de Montravel, Alfredo de la Barre de Nautenil, Thierry de Fougeray, Leopoldo de Lippe, Gastão du Plessis du Grénédan, Raul Dumanoir, Lanfranc de Beccary, Affonso Ménard Guelton, Regatien Picou, Anselmo de Pinsage, Jorge Myonnet, nobres mancebos que lamento ter nomeado, porque não posso igualmente nomear todos os seus companheiros de martyrio, tinham caido mortos ou moribundos, e seus corpos habituados ás delicias da vida tiveram durante toda uma noite a terra fria por leito de descanço. Glorioso bando de francezes victimas voluntarias da honra e da fé, possa a sua dedicação resgatar as culpas de sua patria, e seu sangue apagar em nossos annaes esta vergonhosa pagina de 1860 [1]!

[1] O visconde de Pali, que chegou a curar-se de suas feridas, conta que um general piemontez—não era Cialdini—exclamava depois de ter per-

Cialdini annunciou a sua victoria n'um boletim digno d'elle. Alli dizia: «Todos os feridos do inimigo, entre os quaes se acha o general Pimodan que dirigia a columna do ataque, estão em meu poder, afora um grande numero de mortos.» Uma hyena ou um chacal não redigiriam de outra fórma este botetim. Mas como faltava ainda alli um insulto pessoal dirigido ao heroe francez, logo na manhã seguinte, Cialdini apressou-se em telegraphar n'um segundo boletim: La Moriciére, seguido por alguns cavalheiros, fugiu do campo da batalha, e seguindo a estrada marginal pelos desfiladeiros de Conero, conseguiu chegar a Ancona. Todos os prisioneiros, assim como as tropas que capitularam, estão indignados com tal comportamento.»

Pouco importava ao nobre vencido não ter sido comprehendido por um vencedor que acabava de triumphar sendo oito contra um, e que não respeitava nenhuma das leis da guerra. Tratava-se mas era de cumprir um dever até ao resto, e de sustentar-se o mais tempo que fosse possivel n'uma praça apenas começada a fortificar, e que se não fosse a sua chegada teria provavelmente capitulado ao primeiro tiro de canhão.

O conde de Quatrebarbes, governador civil de Ancona, não tinha havia alguns dias descançado de procurar provisões para

corrido os nomes dos prisioneiros francezes: «Dir-se-hia que é uma lista de convite de baile na côrte de Luiz XIV.»

A duqueza de Parma, que no tocante a coragem e lealdade era um excellente juiz para ser ouvida mesmo depois de Cialdini, tinha dito a um mancebo da sua côrte, fallando do pequeno exercito catholico: «Ide, senhor, ide servir um santo, e ás ordens de um heroe.»

Todavia, o magnanimo exemplo da marqueza de Pimodan merece sobre tudo ser memoravel na historia. Logo que se soube o succedido em Castelfidardo, foi visital-a a sua amiga a duqueza de Fitz-James. A duqueza encontrou-a a escrever.

— A quem escreve? perguntou ella.

— A meu marido.

— Não escreva: a carta não póde chegar-lhe ás mãos.

— Porque? Peço-lhe que m'o diga.

— Está prisioneiro...

— Prisioneiro! É impossivel; conheço-o muito bem, elle está morto!

A duqueza confessou esta verdade com o seu silencio.

Sabendo d'este modo a sua viuvez, a marqueza caiu de joelhos, chorou e orou pelo defunto. Depois, levantando-se de golpe e apertando apaixonadamente ao seio o mais velho dos dois filhos que lhe deixara esse valente general, contemplou-o um instante atravez das suas lagrimas, bradando: «Tu serás soldado!»

a guarnição e os habitantes; mas tomado de improviso, e enganado por momentos com o despacho de M. de Gramont ao consul de França, faltou-lhe inclusivamente tempo e dinheiro para que estas provisões fossem as necessarias. O general de Courten e o coronel Kauzler tinham entrado em Ancona a 13 e a 14 com pequenas columnas. O tenente Ukde juntou-se-lhe igualmente vindo n'uma barca de pescadores com uns quarenta homens e duas peças de sua secção, depois de ter combatido até á noite perto da herdade onde tinha caido Pimodan, e tomado depois o caminho do mar [1]. A sua chegada e a de La Moriciére elevou o numero dos soldados a entrar em combate a 4:200; o que era pouquissimo para o serviço de uma praça cujas obras tomavam mais de sete kilometros de extensão. As reparações nos fortes estavam por concluir, os caminhos achavam-se ainda por cobrir, e as explanadas quasi por toda a parte eram cobertas de vinhas, de amoreiras e de casas que não havia tempo de demolir. As muralhas eram defendidas por 18 peças de 36 e 117 de menor calibre, tendo sido 18 d'estas enviadas recentemente pelo imperador de Austria [2]. Havia mais 14 peças de campanha; faltando ainda 20 para completar o que se chama armamento de segurança. Pelo contrario os piemontezes tinham sobre terra Cialdini e todo o seu exercito, e sobre o mar a es-

[1] Entre os raros combatentes de Castelfidardo que conseguiram ainda assim penetrar em Ancona na manhã seguinte e ao outro dia depois da batalha, deve citar-se o joven Roger de Terves, official do estado maior de La Moriciére, e o marquez Lepri, patricio romano, chefe do esquadrão de dragões pontificaes.

Roger de Terves chegou n'um bote passando ao lado, e debaixo do fogo do cruzeiro piemontez. Logo que chegou correu ao palacio do governo, dizendo: «Eis-me aqui, não quiz ficar prisioneiro nem longe do meu general.

— E como póde chegar até aqui, meu querido Roger?—Perguntou La Moriciére abraçando-o com vivissima commoção.—Considerava-o perdido!

— Meu general, mostrei a um pescador a minha bolsa e o meu rewolver: escolheu a bolsa.

O melancolico rosto do marquez Lepri ficou sempre velado de tristeza depois de Castelfidardo. Debalde o general procurava consolal-o com boas palavras, dizendo-lhe:

— Meu querido Lepri, nunca mais verei um sorriso em seus labios, quando tão corajosamente combateu a meu lado, e todos os dias arrisca a vida?

— Obrigado, meu general. Prouvera a Deus que eu cahisse morto, antes de ver o meu esquadrão abandonar o campo da batalha!

[2] Conta M. de Quatrebarbes que fez collocar essas 18 peças sobre a ba-

quadra do almirante Persano formada de onze navios de grosso calibre, tendo mais de 400 bocas de fogo, das quaes um grande numero eram raiadas e regeitavam a mais de 3:000 metros balas de sessenta e tres kilogrammas. La Moriciére previra isto mesmo, e dizia a M. de Quatrebarbes:

«Eu estou na posição de um homem que se bate á pistola, a cento e cincoenta passos, contra um adversario armado de uma espingarda.»

Os amigos que os assaltantes tinham em Ancona mostravam-se muito arrogantes, e como se estivessem sempre muito bem informados, não cessavam de repetir que, segundo as noticias recebidas por elles do campo de Cialdini, os francezes não se mecheriam, deixando effectuar-se a invasão.

O proprio delegado do governo se mostrava inclinado a acreditar esses boatos, julgando inutil a resistencia quando se tinha a certeza que se veriam forçados a depôr as armas ao cabo de alguns dias.

La Moriciére pensava porém de outra maneira. Considerava a resistencia e o derramamento de sangue como um protesto necessario, o mais eloquente e efficaz. Além disso, esperava, contando sempre com as potencias catholicas, que a prolongação da defesa as obrigaria inevitavelmente a entrevir.

Persano começou o fogo a 18, continuando sem interrupção

teria do Móle, que commandava o tenente Westminsthal. «Eu tinha (diz elle) uma sincera affeição a este official que devia alguns dias mais tarde achar uma heroica morte n'esta mesma bateria. Encontrando-me na manhã seguinte, aproximou-se, dizendo-me:

— Sabe, meu querido conde, que acabo de receber a minha noiva? Venha vêl-a no fim da semana, verá como é formosa. Então, já ha de ter collares de perolas e diamantes, joias de oiro fino e o seu vestido nupcial. Jurei-lhe eterna fidelidade, e hei de cumprir meu juramento.

Comprehendi logo esta poetica linguagem: os olhos do valente official fulguravam com todo o brilho do mais santo enthusiasmo, a alegria tornava meigas as suas feições varonis e marciaes. Apertei-lhe a mão commovido e quasi com as lagrimas nos olhos. Não sei que triste presentimento se misturava á satisfação que me inspirava esta pura e ingenua dedicação. Poucos dias depois visitei a bateria. As peças reluziam sobre suas carretas; os cartuchos, as balas, as mechas, as allavancas, os esfregões, tudo estava em seu logar; e o poetico e o cavalheiroso filho da Germania corria, rindo e explicando-me as menores minudencias, repetindo constantemente com uma alegria infantil: «Não é muito formosa a minha noiva?»

(*Recordações de Ancona.*)

nos dias seguintes. Não foi, todavia, senão no dia 22 que pensou em enviar um parlamentario notificando o bloqueio do porto. É verdade que o seu governo ainda fizera melhor, esquecendo-se de notificar a declaração de guerra. Todos os dias só do lado da esquadra a guarnição perdia de 20 a 80 homens postos fóra de combate. Os habitantes tambem soffriam muito e as lamentações dos parentes das victimas, incitados pelos partidarios secretos que o inimigo contava na praça, não contribuiam para animar os defensores. A 23, o bombardeamento redobrou intensissimo, e o exercito de terra juntou seu fogo ao da esquadra. A 26 foi repellida uma tentativa de assalto. La Moriciére ordenara que deixassem avançar o inimigo até sobre o alto da explanada, e que não atirassem senão quando se vissem os primeiros assaltantes no fosso. Estes atacaram furiosamente, e os mais ousados desceram até ao pé das escarpas; mas n'esse momento caiu sobre elles um fogo terrivel da plataforma e dos fortes que a sustentavam, e elles tiveram de retirar em debandada, tentando ainda assim entrincheirar-se corajosamente por detraz das sebes e das casas; mas as balas e os obuses dos pontificaes desalojaram-os completamente.

No entanto La Moriciére admirava-se de não ter noticias do general de Goyon; e dizia no dia 24 ao conde de Quatrebarbes: «Se Goyon não perdeu tempo depois da resolução tomada pelo imperador, deve estar em marcha ha muitos dias. Por outro lado, recebi uma carta quasi official de Trieste.

«O archiduque Maximiliano commanda a armada austriaca, e está impaciente por se bater. Veremos o que apparece amanhã: espero a todo o momento ver fumegar os seus vapores.»

A confiança do estado-maior era igual á do general. Todas as noites se voltavam para as illusões da vespera, apesar das ironicas affirmativas dos revolucionarios nos botiquins d'onde chegavam até á guarnição, o que Cialdini proclamara bem alto.

Havia dez dias que durava o bombardeamento. De Veneza, das ilhas de Dalmacia, e mesmo em Trieste ouvia-se o troar do canhão, e nem uma vela amiga se mostrava manifestando a intenção de communicar com os sitiados. Esta prolongada lucta, nem mesmo tinha o privilegio de attrahir os navios que as

grandes potencias neutraes enviam ordinariamente para proteger seus consules e seus compatriotas, offerecendo ao mesmo tempo seus serviços ás mulheres, ás crianças, e finalmente aos habitantes que querem fugir do theatro da carnificina.

D'onde provinha este isolamento, e como explicar esta extraordinaria abstenção, quando a indignação da gente sensata era unanime em toda a parte, não só nos paizes catholicos, mas até na propria imprensa protestante? Quando, para não citar senão os dois orgãos principaes d'esta ultima, a *Kreutz-Zeitung* prussiana (Gazeta da Cruz) agradecia aos soldados do Papa saberem morrer pela causa commum dos soberanos sacrificando-se a si proprios; e o *Times*, censurando a M. de Cavour não ter comprehendido «que um comportamento franco e honroso não era incompativel com o patriotismo,» applicava-lhe as palavras de Manin, que são a condemnação de toda a historia piemonteza no reinado de Victor Manoel: «Todos os meios que o senso publico repelle, ainda mesmo quando sejam materialmente aproveitaveis, dão o golpe mortal n'uma causa. «Nenhuma victoria merece ser equilibrada com o menos-preço de si propria.» Estas theorias são demasiadamente claras.

A 25 de setembro, durante o bombardeamento de Ancora, os tres soberanos do norte, os unicos que poderiam assim como Napoleão III tomar efficazmente a defesa do direito publico das nações, achavam-se reunidos em Varsovia, e Napoleão III apresentava-lhes um *memorandum* no qual se compromettia a abandonar o Piemonte, no caso em que tivesse de atacar Veneza; mas «suppunha (accrescentava elle)—que as potencias allemãs se mostrariam neutraes» não dando causa debaixo de nenhum pretexto a uma aggressão italiana contra a Austria.

Afastemos os olhos d'estas hypocrisias diplomaticas e voltemol-os para um espectaculo cruel mas mais honroso para a humanidade.

Oiçamos La Moricière: «No dia 28, ao meio dia, as fragatas piemontezas dirigiram-se para as baterias da barra e do farol, batendo-as valentemente, revesando-se umas ás outras.

«O tenente Westminsthal e o capitão Della Piana, que commandavam essas baterias, deram prova de uma intrepidez acima

de todo o elogio... A bateria barbeta ficou logo desamparada; o maior numero de seus artilheiros foram mortos ou feridos, e o resto refugiou-se na bateria baixa.

«Voltando-se então para as baterias da barra, uma das fragatas tomou-as pelo sotavento.

«Os nossos artilheiros voltaram as peças e combateram a descoberto. Alguns estilhaços da metralha e dois bordos mais da fragata desmontaram, porém, as peças, e puzeram grande numero de homens fóra do combate. Os outros, apesar de sua valentia, tiveram de seguir o exemplo dos da barbeta, entrando na bateria casamata, que era a unica que ainda se sustentava. Esta bateria tinha nove peças, mas como as fragatas a não atacavam senão pela frente, apenas tres podiam responder ao fogo inimigo. As enormes balas d'elle, alcançando a 400 ou 500 metros, demoliam rapidamente os muros, alargando a cada momento as canonheiras. Em breve a metralha tornou-se quasi tão temivel na bateria casamata como o tinha sido na barbeta. A fragata que atacava á frente, confiada na sua incontestavel superioridade, aproximou-se á distancia de menos de 250 metros.

«Então uma das nossas peças foi despedaçada por um obuz de 80. Os homens que a serviam foram todos postos fóra de combate.

«De cento e vinte artilheiros que defendiam esta parte de nossas muralhas, restavam apenas os necessarios para fazer o serviço das duas unicas que faziam fogo; e os feridos é que chegavam as munições. A fragata pela sua parte tambem recebeu muitas balas que a damnificaram fortemente. Com os pouquissimos homens que lhe restavam, o tenente Westminsthal queria ficar sepultado debaixo das ruinas da sua bateria. Elle mesmo fazia a pontaria de uma das suas derradeiras peças, quando foi ferido mortalmente por um golpe de metralha. Esta lucta desigual tinha durado hora e meia; mas em breve ia findar.

«Uma das granadas inimigas entrando na bateria por uma das canhoneiras, penetrou n'um dos armazens de polvora fazendo saltar as baterias. A muralha ficou muito deteriorada, e como

tivesse alluido o pedaço ao qual estava preso o cadeiado da barra, todas as defezas foram destruidas.

«No corpo da praça estava aberta uma brecha de 500 metros. O inimigo podia desembarcar no caes e tomar-nos de assalto sem que podessemos impedir-lh'o. N'estas circumstancias, fui obrigado a arvorar a bandeira branca sobre a cidadella; e todos os fortes me imitaram. Depois d'isto, enviei immediatamente o major Mauri a bordo do navio almirante para tratar da capitulação. Eram quatro horas e meia da tarde. O fogo cessou de ambos os lados.»

Cialdini e Fanti commetteram n'esta occasião um d'esses actos que teriam acabado de deshonrar a bandeira de seu paiz, se elle podesse ainda ficar mais deshonrado do que estava: «Emquanto se discutiam as condições da capitulação — conta M. de Quatrebarbes, a quem La Moricière se refere a tal respeito — o exercito de terra, furioso por ter sido repellido, e por não ter de forma alguma contribuido na tomada da cidade, recomeçou o fogo sobre toda a linha. O bombardeamento e a canhonada durou desde as nove horas da noite de 28 até ás nove da manhã do dia seguinte 29, apesar de se lhe mandarem parlamentarios, e do toque dos sinos annunciando a cessação do fogo, e a despeito mesmo de uma carta muito explicita do almirante, que não queria ser connivente em tal infamia, ter chamado a bordo os marinheiros que guarneciam em terra uma bateria. Durante todo este tempo, nem um só tiro de peça foi disparado da praça. D'este modo, o exercito piemontez bombardeou sem tregoas por espaço de doze horas uma cidade indefeza contra o direito publico das nações, e contra todos os sentimentos da honra e da humanidade. O proprio almirante Persano deu parte em Turim da presistente recusa do exercito de terra em cessar o fogo. Entrego este facto á execração de toda a gente seria.»

Ás 2 horas da tarde do dia 29 foi assignada a capitulação. O diminuto exercito pontifical já não existia, e os piemontezes, proseguindo o curso de suas façanhas, podiam estender a mão a Garibaldi debaixo dos muros de Gaeta, e unidos a elle, acabarem de «extirpar o cancro do papado,» ou com Pinelli «esmagarem o

vampiro sacerdotal.» Todavia, se o direito fôra vencido, pelo menos tambem soube combater e morrer. «Foi esta a primeira vez,—notava um jornal protestante, a *Nova Gazeta da Prussia*—foi a primeira vez que um general da legalidade ousou fazer frente ao inimigo; pela primeira vez se deu finalmente uma batalha á Revolução. Sabemos perfeitamente que este general não foi feliz, já o esperavamos, nunca alimentamos a esperança de que o fosse, mas a derrota de La Moriciére eleva a alma pelo contraste, porque ha muito tempo que nos habituaram aos triumphos da cobardia, da traição e da corrupção, das quaes as victorias de Garibaldi são o quadro hediondo. É incontestavel que os pontificaes cumpriram com seu dever até á morte; e isto basta. Comprehende-se que os adversarios da Revolução se tornassem modestos; ha muitos annos que elles não tem a registrar senão as victorias inimigas. Mas se em Castelfidardo os homens foram vencidos, os principios da legalidade foram finalmente confirmados. Ora se os homens se batem por um principio, é certo a final o triumpho.»

No consistorio de 28 de setembro, a voz de Pio IX vingou a memoria de seus pretendidos mercenarios, dos quaes a maior parte o serviam sem receber soldo, e ao mesmo tempo expôz a falsa ordem moral que o Piemonte dizia ter vindo estabelecer-se nos estados da Egreja.

Não satisfeito em ter glorificado os vencidos, fundou á sua custa e por sua intensão, a capellania de Castelfidardo com a celebração annual e perpetua de cem missas, no sanctuario de Scala Santa. Mandou fazer magnificas exequias ao general de Pinodan, indicando elle mesmo o epithaphio que devia ser collocado em seu tumulo na egreja de S. Luiz dos Francezes.

A La Moriciére, quiz Pio IX dar o titulo de conde romano; mas o glorioso vencido recusou, dizendo que o seu nome era e desejava chamar-se sempre simplesmente,—Leão de La Moriciére.

Então o Papa escreveu-lhe as seguintes palavras n'um singelo estylo, digno da antiguidade:

«Envio-vos pelo menos o que não podeis recusar. É a ordem de Christo, pela qual combatestes e que será segundo espero, a vossa recompensa e a minha.»

Em França os jornaes catholicos depois de terem dito que se achava aberta uma subscripção para offerecer uma espada de honra a La Moriciére, declararam logo depois que o annuncio d'esta subscripção fôra prohibido. O governo foi ainda mais longe: deixando-se ir atraz das mesquinhas argucias da vingança, as quaes depois da victoria dos piemontezes não podiam ser explicadas de outra fórma senão tomando bem evidente a cumplicidade imperial, declarou-se contra os vencidos e contra todos aquelles que se prestavam para ir substituil-os. Fez applicar aos voluntarios pontificios o artigo 21 do Codigo, o qual declara que todo o francez que sem auctorisação do governo tomasse o serviço militar em paiz estranho ou em qualquer corporação militar entrangeira perdia a sua nacionalidade. Viram-se então valentes mancebos, a flôr da mocidade franceza, que não tinham commettido outro crime senão defender effectivamente um soberano que a França defendia officialmente; viram-os á sua volta de Ancona e de Castelfidardo, riscados das listas eleitoraes, expulsos das funcções de jurados e dos recenseamentos, chegando até a prohibir a alguns o direito de receberem heranças sob o pretexto de que estavam naturalisados estrangeiros. Os jornaes revolucionarios tiveram o impudor de observar que a lei não se applicava aos francezes arregimentados nos bandos de Garibaldi, visto que esses bandos não formavam nem um governo, nem uma corporação militar. Esta singular interpretação foi approvada pela jurisprudencia ministerial, e viu-se então o incrivel espectaculo de um paiz repellindo de seu seio os seus filhos que serviam a mesma causa que seu exercito, e deixando tranquillos os que serviam a causa contraria.

O governo redobrou de severidade reprimindo as allusões politicas que se prégavam do pulpito; mas os bispos não se deixaram intimidar; e como, a final, os bispos são inamoviveis, não ousaram levar a repressão até elles. Monsenhor Pie, bispo de Poitiers, subiu ao pulpito no domingo seguinte á batalha: «Meus irmãos, disse elle, todos vós esperaveis que eu fallasse hoje na minha cathedral. É costume da egreja honrar seus defensores e de trajar lucto pelo seus defuntos. E como por uma

responsabilidade que não declino, eu tinha animado e abençoado á hora da partida muitos d'esses mancebos voluntarios, sentiria a esta hora pejo de mim mesmo, se contido pelas apprehensões de uma pusilanime prudencia lhes não prestasse a homenagem da minha admiração e das minhas orações. As minhas palavras tem de antemão as vossas simpathias. Magoar-me-hia muito que ferissem alguns ouvidos; mas por graça de Deus, o paiz em que vivemos chama-se a França, e este nome permitte sempre, ou antes exige, a sinceridade.»

Á falta da immortalidade que dá a victoria, os vencidos acharam a immortalidade que a eloquencia dá áquelles que celebra. Emquanto na patria de Fenelon e de Bossuet se apreciar a grandiosa arte da palavra, lêr-se-hão as orações funebres de La Moriciére, por Mons. Pie e Monsenhor Dupauloup, bem como as sublimes paginas inspiradas pelos mortos de Castelfidardo a Monsenhor Gerbet, bispo de Perpignan, e Monsenhor de Nimes, e ainda outros.

«Elles cairam para nos defender, exclamou propheticamente o doutor Manning, successor do cardeal Wiseman sobre a nova e já illustre cadeira de Wiseman; e a causa pela qual succumbiram é a nossa propria causa. Cégos são aquelles, que não vêem que o que se começou contra a cabeça, será logo tentado contra todos os membros; que os ataques se estenderão rapidamente do centro ás extremidades; que a tyrannia revolucionaria e o despotismo do poder civil tentarão estabelecer minuciosamente e em todo o logar o dominio que querem exercer sobre a pessoa do Santo Padre... Nós assistimos aos preludios de uma nova era de leis penaes contra a liberdade da Egreja: foi portanto por nós que elles deram a sua vida... Morreram no meio das maldições do mundo, como morreram os martyres no amphitheatro, aos gritos de: «Christãos aos leões! *Christianos ad leones!*» e em presença de milhares de espectadores pertencendo á familia imperial, e das familias patricias, debaixo das vistas d'essas voluptuosas damas romanas, d'essas multidões avidas de sangue, e sobretudo, de sangue nobre e justo. Assim morreu Aquelle que era superior aos martyres, no meio das injurias dos Phariseus, e dos sarcasmos da populaça. Por esta

rasão, é glorioso morrer por uma causa que o mundo não quer nem póde comprehender. Se tivessem morrido defendendo estabelecimentos commerciaes contra os indigenas de qualquer paiz remoto, ou repellindo os ataques de um visinho, ou sustentando a integridade do imperio othomano, o mundo provavelmente os comprehenderia e glorificaria, como fez com os combatentes de Alma e Inkermann; mas deixar-se morrer pela independencia do soberano Pontificado, immolar-se pela liberdade das consciencias christãs, e das gerações futuras, eis o que o mundo não comprehende, e eis a rasão por que nós os proclamamos sublimes e gloriosos entre todos os mortos...»

Quatro mezes depois, Monsenhor Pie, obrigado a entrar na liça para refutar um novo folheto semi-official intitulado: *A França, Roma e Italia*, tratou de prevenir novas atrocidades, não receiando formular esse terrivel aviso que foi qualificado de sedicioso, mas que a historia confirmou já como uma prophecia:

«Pilatos podia salvar Christo, e sem Pilatos não se podia condemnar Christo á morte. A sentença só dependia d'elle. *Nobis non licet interficere*, diziam os judeus... Lava tuas mãos, ó Pilatos; declara-te innocente da morte de Christo. Por toda a resposta nós diremos todos os dias, e a posteridade mais remota dirá tambem: Creio em Jesus Christo, Filho unico do Padre, o qual foi concebido pelo Espirito, nasceu da Virgem Maria, e padeceu morte e paixão debaixo do poder de Poncio Pilatos: *Qui passus est sub Pontio Pilato.*»

CAPITULO XIV

Massacres do Libano.—Conversões na Bulgaria.—Os non possumus.—Progressiva hostilidade do governo francez.—Canonisação dos martyres japonezes.

Emquanto o pequeno exercito pontifical succumbia esmagado pelo numero e pela traição, os Turcos encarregavam-se de justificar a comparação feita por La Moriciére, entre a Revolução e o Islamismo. Os christãos entregues e desarmados pelos pachás que deviam defendel-os, foram massacrados em massa no Libano e em Damasco, em junho de 1860. Zaklé, *Der-el-Kamar*, e umas cem aldeias maronitas, foram completamente arrasadas, não poupando nem homens, nem creanças, que podéram pilhar, e sete mil mulheres e raparigas, mais desgraçadas ainda, foram levadas captivas para o deserto.

N'esta occasião honrou-se Napoleão III enviando uma expedição armada para castigar os culpados, a despeito da ciumenta opposição da Inglaterra, que não receiou patrocinar os assassinos.

N'uma carta de 29 de julho de 1860, Pio IX exprimia ao patriarcha de Antiochia e aos bispos do seu patriarchado, a magoa e indignação que sentia pelas infamias commettidas:

«O que sobretudo é mais afflictivo — dizia elle queixando-se de certos discursos pronunciados no parlamento inglez em fa-

vor dos criminosos;—é que no nosso seculo se conceda mais simpathia, e mesmo soccorros, aos auctores dos motins e revoluções do que a suas victimas.» Pio IX elogiou a França por se lembrar, n'estas circumstancias, de suas tradições catholicas, e declarou que apreciava extremamente as generosas offertas dos christãos do occidente para seus irmãos da Syria. O Papa tambem os soccorreu; e estes soccorros foram duplicadamente meritorios aos olhos da caridade, por que a sua pobreza obrigou-o a lançar mão do dinheiro de S. Pedro; de maneira que, antes de sair da bolsa de Pio IX, já esses dons tinham saido da bolsa dos fieis.

As amarguras porém do Pontifice, foram compensadas pela grande satisfação de saber do grande numero de conversões que se davam entre os Bulgaros n'uma outra parte do imperio othomano. A 30 de dezembro de 1860, os bispos, os padres e um grande numero de seculares d'esta nação, abjuraram o scisma de Phocius, e enviaram a Roma um acto solemne de sua adhesão, em nome da maioria de seus compatriotas. Pio IX respondeu a 29 de janeiro de 1861, e elle mesmo quiz dar na capella Sixtina a consagração episcopal a seu novo arcebispo, Monsenhor Sokolski. Este, renovando em voz alta a profissão de fé já formulada por escripto em Constantinopla, disse ao Santo Padre:

«A vós devemos voltar á vida se mortos estavamos, e se estavamos perdidos, voltamos ao nosso caminho.» Mas Pio IX, attribuindo a Deus toda a gloria, respondeu: «Essas obras a Deus se devem... A vós Jesus Christo, fonte de misericordia e de toda a consolação, os nossos louvores, as nossas bençãos e eternas acções de graças...»

Desgraçadamente, entre os orientaes, é raro que se ame a verdade pelo que ella é em si. As rivalidades de raças e as vaidades nacionaes, predominam geralmente sobre as questões religiosas, e logo que o patriarcha scismatico de Constantinopla consentiu em outorgar aos Bulgaros, uma especie de autonomia ecclesiastica, seu magnifico impulso para o centro da unidade catholica enfraqueceu. De tres mil que eram ao principio, o numero dos neophitos diminuiu até ficar em dezenas. Repentina-

mente o arcebispo Sokolski desappareceu. Houve uma deserção ou um rapto á força? Até aqui, a segunda hypothese é a mais provavel. Muitas vezes se julgou reconhecer esse prelado n'um mosteiro da Russia, onde é possivel fosse levado por surpreza e sequestrado contra vontade. Vendo Pio IX que era indispensavel um pastor para esse rebanho nascente, deu um successor provisorio a Sokolski, com o titulo de administrador dos Bulgaros-Unidos, e occupou-se activamente em mandar construir para elles Egrejas e escolas.

Tres bispos scismaticos gregos, que tinham procurado em Roma protecção contra as violencias de seu patriarcha, não foram mais perseverantes que a maioria dos Bulgaros; mas um quarto, Mgr Melethias, arcebispo de Drama, felizmente persistiu; de maneira que o bispo anglicano de Malta, um outro bispo protestante dos Estados-Unidos, e muitos prelados scismaticos, arminios, chaldeos ou cophtas, foram n'essa occasião alistar-se debaixo do baculo do Pastor dos pastores.

Na Italia, um despacho de M. Thouvenel ao duque de Gramont, datado de 6 de outubro de 1860, explicava o que se devia entender pelo dominio de S. Pedro, apontando a extensão do territorio que a França reservava para si.

Isto era o mesmo que dizer indirectamente ao Piemonte que não se importavam com o resto. M. de Cavour comprehendeu-o perfeitamente. Foi ainda mais longe; tirou d'alli amplas consequencias. Não satisfeito de declarar na tribuna do parlamento de Turim, que não cedia nada do que tinha conquistado; declarou a firme resolução em que estava de se apossar do que ainda não possuia. A 27 de março de 1861, por uma proposta sua, um voto das camaras piemontezas proclamou Roma capital da Italia uma e indivisivel... Ao mesmo tempo, Victor Manoel trocava o seu titulo de rei da Sardenha pelo de rei de Italia.

Verdade é que o astucioso ministro, modificando sua audacia com uma especie de moderação, accrescentou: «Nós queremos ir a Roma, mas sem que isto seja custoso á França a qual a occupa militarmente, nem á Santa-Sé que ahi reside. Ainda mesmo que a França se achasse em estado de se oppôr á nossa entrada em Roma, nós não quereriamos ahi entrar contra sua vontade-

E, se a posse de Roma pela Italia, devesse custar alguma cousa á independencia do chefe da Egreja, nós renunciariamos á coroação de nosso edificio, que n'esta hypothese seria fatal, não sómente ao catholicismo, mas á mesma Italia.» Viu-se depois que credito mereciam estes bellos protestos.

Parece que o imperador dos francezes devia ser o ultimo a reconhecer o novo reino, depois de ter protestado solemnemente contra a sua formação até romper as suas relações diplomaticas com seus auctores. Mas foi ao contrario. Fallecendo subitamente o conde de Cavour, a sua obra que se julgava ameaçada de descer com elle ao tumulo, viu-se de repente realçada e como que adoptada por Napoleão III. Este successo deu causa a que M. Thouvenel escrevesse, a 15 de junho, ao encarregado dos negocios da França, em Turim, (não havia mais que um encarregado de negocios, depois da comedia da chamada de M. de Talleyrand):

«O rei Victor Manoel dirigiu-se ao imperador, pedindo-lhe que o reconhecesse como rei de Italia... O imperador está disposto a annunir aos desejos do rei, tanto mais que a nossa abstenção, nas circumstancias presentes, poderia ser mal interpretada... Todavia, é necessario que este reconhecimento não tenha uma falsa significação... O governo do imperador não dissimulou em nenhuma circumstancia a sua opinião a respeito dos successos que se deram o anno passado na Peninsula. O conhecimento do actual estado das cousas que d'ahi resultaram, não podia portanto servir-lhe de garantia, e da mesma fórma, não implicava na approvação retrospectiva de uma politica, a respeito da qual nos temos constantemente reservado uma inteira liberdade. A Italia ainda menos podia considerar n'isto uma animação ás emprezas de natureza a comprometter a paz geral... Por outro lado, não entendemos de modo algum, apoucar o valor das promessas feitas á côrte de Roma. etc...»

Por pouco orgulhoso que fosse Victor Manoel, havia n'esta linguagem reticencias e reservas que elle nunca deveria ter consentido em tragar como affrontosas. Mas elle não pedia que o considerassem, pedia apenas que o deixassem caminhar ávante.

Na sua qualidade de nações protestantes, a Inglaterra e os

Estados-Unidos, tinham já desde o mez de março enviado a sua adhesão aos commettimentos contra a Santa-Sé. E depois d'estes, só Marrocos seguiu seu exemplo. Mas logo que a França se pronunciou, todas as outras potencias reconheceram successivamente o reino de Italia. A Russia, posto que scismatica, e a Prussia, apesar de lutherana, estiveram um anno para se decidir, e o governo francez não obteve estas graças senão depois de as solicitar pessoalmente com toda a amabilidade; mas ainda assim foram acompanhadas de certas reservas pouco honrosas para o novo reino. A Hespanha, que ainda a 28 de maio de 1861, se offerecia para tomar parte n'uma intervenção commum das potencias contra a revolução italiana, esperou até 14 de julho de 1865, e a Baviera até 10 de novembro do mesmo anno. Quanto á Austria, para a obrigar a inclinar-se diante do facto, foi necessario que se désse o desastre de Sadova.

Estes reconhecimentos, porém, não davam á Italia ainda nem a homogeneidade nem a honestidade que lhe faltavam. Tinham-se despendido sommas enormes como premio ás traições napolitanas. Despendia-se ainda todos os dias para manter o enthusiasmo dos annexados e «animar» a imprensa tanto nacional como estrangeira, particularmente certa imprensa franceza. Era necessario dinheiro: apossaram-se dos bens pertencentes aos conventos, e das riquezas das Egrejas.

As religiosas expulsas de seus mosteiros, foram reduzidas a mendigar para viver. É inutil accrescentar, que as leis da Egreja eram tão calcadas aos pés como os direitos do cidadão. Os jesuitas foram expulsos de todo o reino e esmagados com toda a casta de maus tratamentos como se fossem malfeitores; as corporações religiosas foram suprimidas, o clero fiel atirado para as masmorras, e grande numero de dioceses e parochias privadas de seus pastores. Pio IX deplorou esta situação na sua allocução de 30 de novembro de 1861. Na de 18 de março do mesmo anno, tinha o Pontifice respondido áquelles que o instavam a reconciliar-se com a civilisação moderna: «A Santa Sé está sempre de accordo comsigo mesma; nunca cessou de ser a promottora e o esteio da civilisação; attestam-no os monumentos da historia, provando da maneira mais eloquente que

em todas as épocas os Papas levaram a civilisação entre os barbaros, e até ás regiões mais remotas... Mas será por acaso uma verdadeira civilisação aquella que despoja e aprisiona a Egreja, que não entra nos tratados nem reconhece nenhum direito á fraqueza?... É bem certo que nunca os Papas poderão entender-se com esta civilisação. Como diz o apostolo: que ha de commum entre Christo e Belial?... Portanto, não esperem nunca ver-nos estender as mãos aos usurpadores de nossas provincias, sem que primeiro elles tenham voltado á resipiscencia... Fazer-nos uma tal proposta é pedir á Santa Sé, que foi sempre o baluarte da justiça e da verdade, que sanccione o principio, de que uma cousa roubada póde ser pacificamente possuida pelo espoliador... e que uma injustiça praticada com bom exito se torna por isso mesmo em justiça... Em vista do que, declaramos solemnemente, diante de Deus e dos homens, que não ha rasão para que nos reconciliemos com quem quer que seja. Temos unicamente a perdoar a nossos inimigos e a orar por elles para que se convertam, e isto fazemos de todo o coração... Mas quando nos pedem vexames, não podemos concedel-os: *Prœstare non possumus!...*

O cardeal Antonelli respondeu, em nome de Pio IX ao marquez de Lavalette, embaixador de França em Roma, em janeiro de 1862, abundando pouco mais ou menos nas mesmas idéas:

«Não é exacto que haja desintelligencia entre o Soberano Pontifice e a Italia. Se o Santo Padre rompeu com o gabinete de Turim, não deixa de estar em excellentes relações com a Italia. Elle é italiano, e como o primeiro d'entre elles, soffre com seus soffrimentos, assistindo magoado ás crueis provas que ferem a Egreja italiana. Quanto a pactuar com os espoliadores, nós nunca tal faremos. Eu não posso deixar de repetil-o: todas as transacções n'este sentido são impossiveis; e quaesquer que sejam as reservas que as acompanhem, por maior que seja a circumspeção da linguagem com que as disfarcem, no momento em que as acceitassemos, mostrariamos que as approvavamos. O Soberano Pontifice antes da sua exaltação, assim como os cardeaes antes de serem nomeados, obrigam-se por um juramento a não ceder um palmo do territorio da Egreja. O Santo

Padre não fará pois nenhuma concessão d'essa natureza; um conclave não teria o direito de o fazer; um novo Pontifice tambem não; e seus successores, de seculo em seculo, tambem não gosarão d'esse direito.»

No entretanto, todo o mundo applicava o ouvido para as camaras francezas que, pela primeira vez depois do restabelecimento do imperio, acabavam de ser auctorisadas a discutir uma mensagem ao soberano, e a dar toda a publicidade a suas discussões. Perguntava-se, até que ponto a politica de Napoleão III tinha o consenso da França, e se era um delirio nacional esta estranha aberração que a impulsava a violar todos os direitos pelo prazer de formar a união italiana, preparando a união allemã.

Desde os primeiros discursos, tornou-se evidente que toda a esquerda revolucionaria apoiava ardentemente aquelle fatal declive. Nem o principe Napoleão que a representava no Senado, nem o grupo dos *Cinco* no corpo legislativo [1] mostraram o menor cuidado a respeito da patria; nem da verdade historica. Cegava-os o odio que tinham ao passado. Mas em compensação, apesar da completa ausencia do partido legitimista, e dos dois principaes oradores catholicos M. M. de Montalembert e de Falloux, que uma colligação do poder e da revolução fizera cair nas precedentes eleições, grande numero dos partidarios mais devotados do imperio, deram prova de uma liberdade de linguagem e de uma previdencia politica, a que já se não estava acostumado. No Senado, o general Gémeau, o almirante Romain-Desfossés, o visconde de Suleau, o duque de Padua e M. Le Verrier apresentaram em favor do papado temporal uma retratação explicita, a qual, repellida pelo governo, conseguiu todavia juntar sessenta votos contra setenta e nove. No Corpo legislativo, M. M. de Flavigny, Kolb-Bernard, Plichon, o conde de Ségur Lamaignon, o visconde Anatolio Lemercier, e sobre tudo M. Emilio Keller, rivalisaram em eloquencia, coragem civica e bom senso. Os ministros Baroche e Billant empregaram contra

[1] Chamavam assim aos deputados que faziam ao governo imperial uma opposição scismatica e revolucionaria. Eram estes, M. M. Julio Fabre, Ernesto Picard, Henon, Emilio Olivier, e Darimon.

os seus contrarios todos os recursos de seu talento; mas apesar d'isso, chegada a votação approvativa do seu procedimento na Italia, o governo não obteve mais que cento e sessenta e um votos, contra noventa e um.

Para homens acostumados a ter a unanimidade absoluta no Senado, e a quasi unanimidade no Corpo legislativo, tão importantes minorias tinham uma esmagadora significação. Renovadas todos os annos, pouco mais ou menos nas mesmas proporções até ao fim do imperio, essas minorias demonstraram claramente quanto a deploravel politica da segunda metade d'esse reinado foi pessoal a Napoleão III, e quão pouco o coração do paiz o seguia, a despeito das incitações da imprensa irreligiosa, que era então poderosissima. A demonstração tornava-se mais saliente ainda nos dias em que o governo se arrostava com o inimigo, e voltando-se contra M. M. Julio Fabre e Emilio Olivier, os quaes reclamavam a evacuação immediata de Roma, convidava os deputados a reprovar juntamente com elle as presistentes cubiças da Revolução. Então a maioria era completa emquanto os oppositores eram apenas cinco.

Napoleão III fingiu desdenhar estas advertencias. N'essa época achava-se elle todo entregue á *Vida de Cesar* que se dispunha a publicar. A este proposito, dizia M. de Persigny ministro do interior, o qual não contribuiu pouco para augmentar as forças da revolução, pela maneira com que dirigiu as eleições de 1863:

«Elle fazia melhor, occupando-se com a sua.»

Com effeito, Napoleão III bem fazia por se encerrar pessoalmente nos seus habitos de impassibilidade: sua indifferença pelos protestos dos catholicos não era senão apparente, e sua secreta irritação trahia-se em todos os actos de sua politica interior. Não contente de afastar de seu conselho todos os seus amigos que não eram partidarios da união italiana, mandou-os guerrear por toda a parte pelos seus satelites perante o suffragio universal, quando mesmo se não tratava senão de eleições de departamento ou de municipio. Auctorisou as gazetas e as auctoridades locaes a perseguir o clero, multiplicando contra os bispos os reclames e as sentenças como abusos, e muitos foram

feridos por uma especie de excommunhão civil, de fórma que um funccionario não podia fazer-lhes uma visita de simples delicadeza sem incorrer nas censuras administrativas, e isto mesmo, por exemplo, succedeu em Orleans, quando Mgr. Dupanloup declarou que assistiria a uma ceremonia civil. Por ordem superior, todos os empregados se abstiveram de comparecer n'ella, á excepção dos magistrados, os unicos bastante independentes para se mostrarem corajosos. M. de Persigny, ministro do interior, chegou até a ferir os catholicos na pessoa dos pobres. Supprimiu a sociedade de S. Vicente de Paula, confessando que não tinha motivo de queixa contra ella. Ao mesmo tempo, e como para melhor tornar saliente o odioso d'esta medida, nomeava um grã-mestre da franco-maçonaria [1].

Eis-aqui está a que pueris trapaças, a que inepcias póde descer um governo quando suas paixões o fazem esquecer a sua dignidade; e eis-aqui está, como Napoleão III, recebido até então, senão com enthusiasmo, pelo menos com uma silenciosa resignação por todos os conservadores, se comprazeu em resuscitar os antigos partidos, que nem mesmo já existiam de nome. Isto alentou e deu esperanças ao espirito demagogico, ao mesmo tempo que elle descontentava e tornava depois em adversarios os seus melhores amigos:

«Sire, cuidado, o melhor sustentaculo é o que offerece maior resistencia,» disse a esse respeito um diplomatico, para fazer comprehender a Napoleão que os amigos que elle sacrificava d'esse modo eram justamente os mais solidos, porque eram os mais firmes. As advertencias foram-lhe feitas até por homens de estado do antigo regimen, que medianamente se affligiam com as faltas do imperio, mas que amavam mais a França do que de-

[1] Já fallámos das gazetas catholicas suprimidas em 1859 e 1860. Nenhuma tornou a apparecer antes de 1867, época em que a liberdade da imprensa foi estabelecida e da qual se approveitaram como de um direito commum. Muitas outras, porém, como por exemplo o *Correspondente* e a *Revista do mundo catholico*, que só eram mensaes, e o *Diario das cidades e das aldeias* que não apparecia senão de dois em dois dias, sollicitaram debalde n'este periodo auctorisação para tornar diaria a sua publicidade. E no entanto a Revolução pôde fundar livremente a *Opinião Nacional*, e depois o *Futuro Nacional*, succursaes do *Seculo*, assim como o *Tempo*, folha protestante, o *Progresso* de Lião, etc.

testavam seus novos chefes. Taes eram M. M. Sanzet, de Broglie, Vitet, e até M. Guizot protestante, e M. M. Thiers, Couzin, Dufaure, que não eram catholicos senão de nome: «Minha senhora,—disse de uma maneira indelicada mas clara, M. Thiers á imperatriz — é uma lei da historia: quem come do que é do Papa, estoira!» O imperador, porém, obrigara-se por juramento a não perceber.

Todavia, as manifestações do bom senso publico não deixaram de obter favoraveis resultados. Tendo Garibaldi tentado realisar pela força o programma do novo reino italiano, fazendo de Roma capital, Victor Manoel imaginou a principio que se ia dar uma repetição da comedia de 1860. Apressou-se por tanto a reprovar Garibaldi, como já o tinha reprovado na Sicilia, salvo ser tambem por sua vez reprovado em fórma por Napoleão III, no dia em que se apropriasse das conquistas dos flibusteiros. Mas d'esta vez, o imperador fallou de maneira a ser tomado a serio, e Victor Manoel obedeceu, enviando em perseguição de Garibaldi os proprios soldados que tinha em reserva para o auxiliar. O chefe dos bandidos, batido em Aspromonte a 29 de agosto de 1862, e ferido no calcanhar, foi feito prisioneiro, e solto pouco depois. Os catholicos agradeceram este successo ao governo francez, e não se póde duvidar por mais tempo, que se Napoleão III tivesse sempre fallado do mesmo modo, nunca se teriam dado os acontecimentos dos annos anteriores.

N'este em meio, o astucioso gabinete de Turim, vangloriava-se da energia que acabava de empregar, bem contra sua vontade, querendo dar-se certa importancia aos olhos da gente honesta. E como recompensa de ter impedido que Garibaldi entrasse em Roma, ousou pedir para que o deixassem entrar a elle. D'esta maneira adoptava officialmente o programma completo da revolução, e não renunciava a nenhuma das suas exigencias. Por outro lado, o Papa tambem não renunciava a nenhuma das prerogativas do direito. A Italia piemonteza tinha por tanto o seu *non possumus*, da mesma fórma que Roma tinha o seu.

Napoleão III não deixou de continuar a trabalhar n'uma transacção impossivel entre essas duas irreconciliaveis pretenções,

parece mesmo que desde 1861 o desejava sinceramente: todos os seus discursos do throno, todas as notas de seus ministros o attestam. Mas para se obstinar n'esta esperança era necessario ter um espirito tão chimerico como o seu.

Por esse tempo a Egreja unia-se cada vez mais, agrupandose em redor de seu chefe ameaçado, e Pio IX recebia provas de amor e dedicação como nenhum principe as tinha recebido. O Papa convidara os bispos para a ceremonia da canonisação de vinte e seis bemaventurados, martyrisados no Japão em 1597, e do bemaventurado Miguel dos Santos, trinitario da Redempção dos captivos. Um prodigioso concurso de peregrinos respondeu a seu convite, e apesar da abstenção forçada dos prelados italianos, que protestaram em numero de perto de oitenta, e aos quaes só a violencia pôde reter, trezentos e vinte e tres cardeaes, patriarchas, arcebispos e bispos, mais de quatro mil sacerdotes, e cem mil estrangeiros se reuniram em Roma.

Pobres curas das montanhas dos Alpes, muito pobres para cada um em particular occorrer ás despezas da jornada, cotisaram-se para mandar alguns d'entre elles em nome de todos. Os numerosos navios que se dirigiam para Civita-Vecchia pareciam outros tantos conventos: largavam véla dos portos de França, Hespanha, e Italia invocando a estrella do mar: *Ave maris stella*, e a multidão respondia-lhes das praias, porque todos os corações os seguiam.

Desde o dia da Assumpção até ao de Pentecostes, Roma esteve n'uma festa continuada. As preoccupações politicas afastaram-se para longe, não existiam senão preoccupações religiosas. As praças publicas transformavam-se pouco a pouco em acampamentos. Os *contadini* e as camponezas dos arredores, com seus *mezzari* e seus trajes escarlates, agrupadas nas escadas do palacio, debaixo do portico das egrejas, ahi comiam e dormiam em pleno ar. Cada vez que Pio IX apparecia nas ruas faziamlhe uma ovação; notando-se sobre tudo aquella que lhe foi feita na vespera de Pentecostes, pelo clero e os artilheiros francezes. Mgr. Berteand, bispo de Tulle, Mgr. Dupanloup; e muitos outros bispos, fallando diante d'essas innumeras multidões, produ-

ziram uma commoção a que os proprios incredulos lhes custava a fugir.

A 6 de junho, prégou o proprio Pio IX na capella Sixtina, primeiro em latim, e depois em francez. O seu auditorio era composto de quatro mil sacerdotes, tantos quantos o vasto edificio podia conter. A assembléa estava n'uma convulsão electrica e só o respeito a impedia de romper n'um brado. Depois de dada a benção pelo Pontifice, um padre teve a feliz inspiração de entoar o cantico lithurgico: *Oremus pro Pontifice nostro Pio*; Oremos por nosso Pontifice Pio! «e todos os assistentes responderam unicamente: «Que Deus o conserve e vivifique, que o faça feliz sobre a terra, e o livre de seus inimigos!» Por tres vezes esta invocação fez subir ao céo este voto supremo, esta esperança da christandade.

«Nós percorriamos a nossa Roma contemplando-a com o affecto de um coração filial,— dizia Luiz Veuillot, que tambem ahi se achava — e se por acaso pensavamos que queriam arrebatar-n'ol-a sentiamos mais depressa um movimento de colera, que uma impressão de terror... Iamos de um sanctuario para outro, informando-nos dos logares por onde passaria Pio IX, para nos prostrarmos diante do forte de Sião. Não, não, exclamava um bispo ao sair da audiencia do Santo Padre,—não, isso não é possivel! Não acrediteis que existem Victor Manoeis, Garibaldis, nem Ratazis! É impossivel que um tal homem tenha inimigos!»

A 8 de junho, dia de Pentecostes, sabia-se que a basilica de S. Pedro se abriria ás cinco horas da manhã. Durante toda a noite a multidão encheu as ruas mais proximas, e quando as portas se abriram, a nave tão espaçosa, tão profunda, ficou cheia em alguns momentos. Os zuavos pontificios formavam as alas interiores; o corpo diplomatico, a familia real de Napoles e outros personagens distinctos de todos os paizes enchiam as tribunas: a infanteria franceza estava formada na praça.

Logo que o Santo Padre appareceu precedido do clero, das bandeiras dos bemaventurados que iam ser canonisados, dos prelados e cardeaes, com suas mitras brancas, esqueceu-se por um instante tudo o mais. O papa approximava-se vagarosamente, assentado sobre a *sedia gestatoria*, que sustentavam doze famu-

los com mantos escarlates. A tiara realçava seu magestoso aspeito; sua mão esquerda, coberta por um véo de seda e oiro, levava uma tocha accesa, e a direita, que ia livre, levantava-se de espaço a espaço para abençoar.

Uma testemunha protestante, o correspondente do *Times*, diz: «Olhando por cima das ondas de cabeças collocadas entre mim, vi que todos se ajoelhavam na passagem do meigo e bom Pio IX, porque é de justiça denominal-o assim. Os cantores do Vaticano cantavam com suas vozes angelicas: *Tu es Petrus*, e essas vozes adoçadas, ou antes enfraquecidas pela distancia, echoavam no edificio como canticos dos espiritos. A intervallos, um outro grupo cantava: *Ave maris stella*, e d'esta forma foi o Papa levado atravez de milhares de fieis chegados de todos os paizes que o sol illumina, até ao grande altar, que fica por detraz do tumulo do Apostolo.»

Humilde e recolhido, Pio IX offerecia mentalmente essas homenagens Áquelle de quem não era senão Vigario; mas seu coração trasbordava de alegria, por achar ainda tanta fé em Israel.

As ceremonias da obediencia dos cardeaes, da canonisação, do *Te Deum*, e da missa pontifical tiveram logar na forma do costume, e duraram até á uma hora depois do meio dia. A multidão passou o resto do dia n'esta piedosa alegria, brilhante e expansiva, mas serena e fraternal de que o povo das outras capitaes não faz nenhuma idéa.

As demonstrações do dia seguinte foram tão imponentes, ou ainda mais significativas, posto que não fossem acompanhadas do mesmo esplendor. Um consistorio semi-publico teve logar no palacio do Vaticano, assistindo todos os bispos que se achavam em Roma. Alli, o successor de S. Pedro declarou ao mundo attento certos erros sempre antigos, sempre novos, mas particularmente propagados e perigosos no tempo presente. Fez allusão á pretendida critica allemã, a qual trata os nossos livros santos por mithologicos; e ao famoso romance que aproveu a um francez, M. Renan, intitular: *Vida de Jesus*. Fulminou o materialismo, o pantheismo, o naturalismo, e todos esses systemas mais ou menos embrutecedores que negando a liberdade

humana, proclamam a moral independente das leis de Deus, fazendo derivar da força material ou do numero, todo o direito e toda a auctoridade, e divinisam o raciocinio em philosophia, o Estado em politica, e a carne na pratica diaria. Em seguida agradeceu aos bispos presentes, lamentou a ausencia dos de Portugal e de Italia, estando estes ultimos retidos contra vontade pelo governo piemontez, e conjurou a todos para que continuassem a combater os erros, e a afastar para longe das vistas e das mãos dos fieis os máos livros e os máos periodicos, promovendo constantemente a instrucção do clero, e a educação da mocidade. E depois, com os olhos postos no céo, e a voz cheia de lagrimas, terminou unindo-se aos circumstantes para suplicar ao Pai de misericordia, que pelos merecimentos de Jesus Christo seu unico Filho, estendesse mão valedora á sociedade civil e christã, dando paz á sua Egreja.

A estas graves expressões de seu Chefe, a voz do episcopado respondeu pelo orgão do cardeal Mattei, deão do sagrado Collegio. Entre outros, tres grandes pontos foram confirmados em sua declaração: em primeiro logar a suprema auctoridade doutrinal e infallibilidade do Pontifice romano:

«Vós sois para nós o mestre da sã doutrina; sois o centro da unidade; sois a pedra, os alicerces da propria Egreja, e contra os quaes as portas do inferno não prevalecem. Quando fallais, é Pedro que nós ouvimos; quando mandaes, é a Jesus Christo que obedecemos. Nos vos admiramos no meio de tantas provas e de tantas tempestades, com a fronte serena e coração tranquillo, cumprindo vosso sagrado ministerio, de pé e invencivel.»

Depois, a soberania temporal da Santa Sé: Nós reconhecemos que a vossa soberania temporal é uma necessidade, e que foi instituida por um designio manifesto da divina Providencia. Não hesitamos por tanto em declarar que, no estado presente das coisas humanas, esta soberania temporal é absolutamente necessaria para bem da Egreja, e o livre governo das almas. É preciso que o Supremo Pontifice não seja nem o vassalo nem mesmo subdito de nenhum principe...» é preciso que haja no centro da Europa um logar sagrado, collocado entre os tres

continentes do velho mundo, um tabernaculo augusto d'onde se eleve a cada momento, tanto para os povos como para os soberanos, uma voz grande e poderosa, a voz da justiça e da verdade, imparcial e sem preferencia, livre de todas as influencias arbitrarias, e que não possa ser nem comprimida pelo terror, nem abafada pelos artificios. Que succederia mesmo n'este momento, se os prelados da Egreja, chegando de todos os pontos do universo, podessem vir aqui representar todos os povos, e tratar com segurança os mais graves interesses, se elles ahi encontrassem um principe qualquer dominando sobre essas paragens, que tivesse como suspeitos os seus proprios principes ou que lhes fosse suspeito a elles por causa da sua hostilidade? Em tal caso, os seus deveres civicos poder-se-hiam oppor aos seus deveres episcopaes...»

Finalmente, a estreita união do mundo catholico com o Papa:

«Condemnamos os erros que tendes condemnado; reprovamos os sacrilegios, as violações da immunidade ecclesiastica, e os outros delictos commettidos contra a cadeira de Pedro. E este protesto, cuja inserção nos fastos da Egreja pedimos, com toda a sinceridade o lavramos em nome de nossos irmãos auzentes; em nome d'aquelles que, retidos pela força, choram silenciosos; em nome d'aquelles que, forçados por ponderosos motivos ou enfermidades, não poderam aqui reunir-se. Associamos a nossos votos a cleresia e os fieis, que vos provam seu amor e veneração, tanto por preces assiduas como pelas offertas do dinheiro de S. Pedro... Prasa a Deus que todos os reis e poderosos da terra comprehendessem que a causa do Pontifice é a causa de todas as nações!... Praza a Deus que elles se congrassem para pôr em segurança a causa sagrada do universo christão, e da ordem social...»

Pio IX replicou:

«...Pois que estamos unidos, veneraveis irmãos, é manifesto que está comnosco o Deus de paz e de caridade. E se Deus está comnosco, quem será contra nós? Honra, louvor, e gloria a Deus! Paz, salvação e alegria a vós. Paz a vossos corações; salvação aos fieis entregues a vossos cuidados, alegria para vós e para elles, afim de que exulteis com os santos, entoando um

cantico novo na casa do Senhor, por todos os seculos dos seculos!»

O *adresse* lido pelo cardeal Malta cantinha as assignaturas de todo o episcopado presente em Roma. Os bispos de Italia, presurosamente adheriram, tirante um que era Ariano e se bandeiara no movimento revolucionario, fallecendo desgraçadamente n'esse anno.

De todos os pontos do globo chegaram adhesões, e innumeraveis bilhetes do clero secular se lhe reuniram. Quanto aos simples fieis, esses receberam os seus bispos com um verdadeiro triumpho quando voltaram, rodeando-os acompanhando-os até á cadeira de suas cathedraes, para escutarem a narração do que passaram em Roma. O bispo de Moulins, Mons. de Dreux-Bresé, resumiu admiravelmente n'esta occasião as impressões communs dos veneraveis peregrinos:

«Roma é a cidade das maravilhas,—disse-lhe,—mas a maravilha de Roma é Pio IX.»

O effeito moral das manifestações de 1862 foi immenso. N'um tempo de suffragio universal, foi impossivel não ver ahi, ainda sob o ponto de vista puramente humano, um suffragio indirecto, mas de uma expessiva universalidade: o mundo catholico unindo-se inteiramente aos romanos para affirmar os direitos do mundo catholico sobre Roma, e a firme vontade dos romanos de manter a sua querida autonomia, permanecendo a capital do mundo catholico. Isto fez abalo no parlamento de Turim. No meio de um tumulto indescriptivel, que não dava logar a discussões, oppoz o parlamento á *adresse* episcopal e á allocução pontifical, uma *adresse* a Victor Manoel, votada a 8 de junho, e que principiava assim:

«Sire, os bispos quasi todos estranhos á Italia, proclamaram a estranha doutrina de que Roma é escrava do universo catholico... Nós lhe respondemos proclamando, que estamos resolvidos a manter inviolavel o direito da nação e da metropole italiana, retida pela força sob um jugo detestado...»

Similhante linguagem revela singular despreso da logica e dos factos. Fallar na aversão da metropole ao jugo dos Papas n'um momento em que essa metropole acclamava o pretendido

jugo, e lamentava que os prelados reunidos em Roma fossem quasi todos estranhos á Italia, quando elles proprios haviam prohibido aos italianos que se reunissem!

O que é ainda mais espantoso, é que Napoleão III nada aproveitasse com estas palavras que, nem sequer o dissuadiram de confiar Roma á guarda dos que assim fallavam, e de concluir com elles, sem exigir que se desdissessem, a famosa Convenção de setembro.

CAPITULO XV

Pio IX e a Polonia.—O imperador Maximiliano.—Convenção de Setembro.—O Syllabus.

O falso partido liberal, tão encarniçado contra o poder temporal dos Soberanos Pontifices, pôde certificar-se, alguns mezes depois, da utilidade d'esse poder pela independencia de suas palavras. E na verdade, se não fosse elle nunca voz alguma se levantaria a favor da desgraçada Polonia, ou não se ouviria segunda vez. O poderoso czar da Russia, ajudado por seu auxiliar M. de Bismark, conseguiu calar todas as consciencias, e pediria uma satisfação ao soberano, em cujo territorio se escutasse essa voz importuna.

A fé catholica é como que a alma da nacionalidade polaca. No decurso dos annos de 1861 e 1862, o governo moscovita tinha invadido e profanado as Egrejas d'este desafortunado paiz, prohibindo o serviço divino, e aprisionando e arrastando os bispos a um conselho de guerra perante o seu tribunal. Estes attentados não tinham obtido outro resultado senão exaltar ainda mais o patriotismo. Em vista do que, imaginaram substituir o recrutamento, ou tiragem á sorte, por uma especie de recrutamento parcial, que arrebanharia de um só lanço todos os suspeitos; isto é, todos os patriotas.

As prisões começaram em Varsovia, a 15 de janeiro de 1863, por alta noite; mas á primeira noticia que d'este feito correu no paiz, todos os mancebos aptos para o serviço militar fugiram para as charnecas e bosques, e oito dias depois, pela terceira vez, a Polonia estava de pé, para sacudir o jugo estrangeiro.

Pela terceira vez, tambem, a Europa abandonou a nação martyr. A Inglaterra depois de ter incitado com discursos sediciosos os polacos á resistencia, estava a ponto de intervir em seu favor, quando uma palavra de M. Bismark a esfriou subitamente, determinando telegraphicamente, a lord João Russel, que parasse no caminho com os despachos comminatorios que levava para S. Petersburg. É inutil accrescentar que a Prussia, cumplice da Russia, na iniquidade da partilha, estava pelo seu lado.

A Austria achava-se paralysada pelas ameaças da Italia contra Veneza, e a Italia contentava-se em exprimir ao principe Gortschakoff, chanceller da Russia: «A confiança que o imperador Alexandre lhe inspirava, presistindo nas refórmas tão desgraçadamente interrompidas pela *revolução.*» A revolução da Polonia!

É possivel similhante qualificação na bocca de individuos que acabavam de revoltar a Sicilia, e annexar Napoles e os ducados, com os expedientes conhecidos? Emfim, Napoleão ficou indeciso, esperando tudo da fortuna, como era seu costume. Nem soube aproveitar-se dos Polacos, nem lhe fez saber que os não soccorria; deixou-os prolongar por mais de dois annos, uma guerra desesperada, que acabou de os anniquillar, e que poderia terminar-se dezoito mezes antes, se elle houvesse proferido uma só palavra.

Apenas fallou a seu favor o Soberano Pontifice, como se o oppressor fosse o mais insignificante dos principes da terra. No principio, a 22 de abril de 1863, dirigiu-se-lhe elle com certo resguardo; vendo porém que suas advertencias não eram attendidas, instou mais expressivamente, não se limitando aos despachos officiaes, e enviando o cardeal Reisach a Vienna incumbido de uma missão confidencial, e de uma carta muito commovente

para Francisco-José, rogando-lhe que com a maior energia se unisse á França. Ao mesmo tempo supplicava a toda a christandade que orassem com elle pelo paiz agonisante, que elle proclamava publicamente o «batalhador da civilisação e da fé.»

As pessoas que se achavam em Roma na occasião em que se faziam estas preces, nunca esquecerão o enthusiasmo do povo romano escutando a voz de Pio IX, o qual orando pelos defensores de uma nação longinqua, parecia pedir pela sua, cada vez mais ameaçada.

Mas a hora da misericordia divina ainda não tinha soado, e a perseguição redobrava. Os sacerdotes polacos foram deportados ou mortos, unicamente por que não tinham recusado os soccorros da religião a moribundos sobre o campo da batalha; familias e populações inteiras tiveram de escolher entre a expatriação e a apostasia; todos os bispos, sem excepção, foram expulsos de suas dioceses, e chegaram a morrer alguns no caminho da Siberia.[1]

[1] Mons. Lubiensks, por exemplo, com todos os symptomas do envenenamento. O degredo da maior parte d'esses bispos ainda hoje dura, depois de doze annos passados; mas acabou para a maior parte dos simples ecclesiasticos que ainda viviam.

Em 1873, estes ultimos eram ainda mais de trezentos dispersos pelas minas, e pelos estabelecimentos onde se filtra a agoa do mar, nas charnecas ou nas praias dos immensos rios gelados durante sete ou oito mezes do anno. Não se pode ler sem pungimento a descripção que um d'estes infelizes fez recentemente no *Correio de Posen* de um d'estes centros de tão glorioso captiveiro aos olhos de Deus, e tão ignorado pelos homens.

No principio de 1866 todos os sacerdotes que então se achavam ao oeste da Siberia foram reunidos n'um mesmo local, em Tounka, aldeia abandonada no meio de um valle, cercada de montanhas, e nas margens de Irkout. Os manifestos de 1866 e 1868, condemnando os infelizes a trabalhos publicos, fez com que se reunissem logo em Tounka 150 padres polacos.

Tounka está situada ao sul do lago Baikal, a curta distancia da fronteira chineza. Rodeiam-na montanhas de mais de 8:000 pés, encaixando-a n'uma garganta oval e profunda. Esta garganta devia antigamente ter estado coberta de agua, porque presentemente ainda é muito humida, e os pantanos espalhados a pequenas distancias exhalam miasmas pestiferos. O inverno é rigorosissimo alli, e o thermometro Réaumur marca muitas vezes até 40 grãos do frio. Os calores succedem ás geadas sem transição; não ha primavera nem outono, e o inverno dura desde o principio de setembro até ao mez de maio.

Esta localidade obscura foi sempre habitada pelos indigenas Bouriatas, que não se submetteram ao dominio russo senão depois de grandes luctas, marcadas com o sello das mais horriveis crueldades da parte dos conquistadores. Os Bouriatas são pela maior parte boudhuistas, afóra os que se

Pio IX não pôde conter mais sua dôr e indignação. A 27 de abril de 1854, respondendo aos postulantes da bemaventurada Francisca das cinco chagas, exclamou:

«O sangue dos fracos e dos innocentes clama vingança diante do throno do Eterno contra aquelles que o derramam. Pobre Polonia! Desejaria não fallar a tal respeito antes do proximo consistorio; mas, ao mesmo tempo receio, guardando silencio, attrahir sobre mim a punição celeste annunciada pelos prophe-

inscrevem nos registros scismaticos, o que lhe alcança uma gratificação de tres rublos por cabeça. Estes novos convertidos educam seus filhos na religião de seus pais, afim de lhes assegurar os rublos com que se pagam as conquistas do scisma: elles mesmos não tomam nada a serio sua mudança de religião, e morrem na idolatria. Pode portanto imaginar-se quanto estas ideias influem na immoralidade dos povos que assim procedem.

Tambem nada é mais falso que a idéa geralmente formada na Europa a respeito da benefica influencia da Russia entre as populações conquistadas da Asia. Pelo contrario, para estes indigenas que são pela maior parte honestos, meigos e convencidos theistas, o contacto da meia-civilisação, o halito envenenado do scisma vai pouco a pouco delindo suas naturaes virtudes, communicando-lhes vicios até então desconhecidos.

Não, a Russia não abre o caminho á civilisação e á fé, mas antes lhes apaga a chamma, tendo em vista antes de tudo separar suas conquistas de toda a relação directa com as outras nações civilisadas.

Quando os padres deportados chegaram a Tounka, todas as cabanas d'esta miseravel aldeia se achavam n'um deploravel estado de ruina, impossivel de descrever. As portas e janellas estavam despedaçadas, e foi intimado aos pobres exilados que reparassem esses estragos á sua custa. Estes, achavam-se nas mais precarias circumstancias; davam-lhe apenas seis rublos—dezenove francos—e isto mesmo quando lhe não suspendiam este miseravel subsidio, logo que constava que o deportado recebia soccorros pecuniarios de sua familia.

Os primeiros annos foram asperrimos para os exilados de Tounka. Faltavam-lhe absolutamente as coisas mais essenciaes á vida. Um bondoso russo, aconselhou então aos infelizes sacerdotes que procurassem alguns recursos cultivando o terreno. Ao principio, este conselho foi tomado como zombaria, tanto parecia difficil a homens que até então viviam pelo espirito consagrar-se unicamente a trabalhos manuaes. Um d'elles, M. o abbade Kaminski, chegou mesmo a responder com arrebatamento: «Nós somos destinados a cultivar as almas e não a terra.» A miseria, porém, poz termo a estas hesitações: cada um lançou mão do arado.

Semeou-se a terra, cultivaram-se cuidadosamente os jardins, chegou mesmo a organisar-se uma especie de associação de trabalho e lucros, afim de acudir ás despezas de toda a colonia. Pouco a pouco esta colonia tomava as apparencias regulares d'essas antigas fundações de benedictinos que civilisaram o Occidente com a duplicada força que dá o trabalho e a oração. Melhorando um pouco a situação material, pensou-se em crear distracções uteis, no intuito de mais apertar os laços d'essa fraternal associação. Procuraram-se livros, e organisou-se um ponto onde se reuniam á noite a ler, conversar ou fazer musica. O serviço dos doentes foi regulado com todo o esmero. Nomearam-se enfermeiros, e finalmente

tas, para aquelles que consentem que se pratique a iniquidade.

Não, não quero ser obrigado a exclamar um dia em presença do Juiz eterno: *Voe nichi quia tacui!* Sinto-me disposto a condemnar esse soberano de quem n'este momento calo o nome, para o pronunciar n'um outro discurso, e do qual o immenso imperio se estende até ao pólo. Esse potentado que falsamente se intitula catholico do Oriente, não é senão um scismatico expulso do seio da verdadeira Egreja; este potentado persegue e

occuparam-se activamente para que os mortos tivessem uma sepultura christã. A esperança de ver a patria extinguia-se pouco a pouco em suas almas, procurando os desgraçados todos os meios de adoçar a amargura do desterro. Os enterros eram celebrados com uma pompa distinctissima, realçando-os ainda aquelle caracter de redempção que dá um relevo essencial á morte no exilio.

O cortejo compunha-se unicamente de padres de todas as idades, trajando differentes habitos religiosos. Á frente marchava um velho capuchinho de barba branca, o qual não cedia a ninguem a honra de levar a cruz de páo. Todas as manhãs, os deportados celebravam ás escondidas o santo sacrificio, cada um em sua cabana. No começo, havia em Tounka uma pequena capella onde os padres desterrados hiam celebrar a santa missa. Mais tarde, como eram muitos, e tambem por necessidade para evitar suspeitas, decidiu-se que d'ali em diante cada um diria a sua missa no segredo da sua residencia. D'esta fórma, todas as manhãs, mais de cento e cincoenta padres immolavam o Cordeiro sem mancha, e faziam subir para o ceo o incenso do sacrificio. Dir-se-hia então, que o valle de Tounka se transformava n'uma immensa basilica encravada entre um annel de montanhas, e rodeada de uma quantidade de capellas contiguas. O governo foi, porém, avisado, e por sua ordem foram confiscados todos os objectos necessarios para o culto divino. Esta ordem foi baldada. Dita a missa, escondiam-se cuidadosamente os paramentos, e nada indicava que essas miseraveis choupanas tivessem nunca servido de sanctuario ao mais augusto dos mysterios.

Faltava tudo ao mesmo tempo aos padres deportados: elles mesmos tiveram de copiar por muitas vezes os missaes de que estavam de posse; e coser por suas mãos os modestos paramentos. Calices de vidro substituiam os vazos sagrados, procuraram se reliquias, e finalmente fabricaram-se pequenas escudelas para as hostias.

Quando chegava um dia de solemnidade particular, organisavam-se ágapes fraternaes dignos dos primeiros seculos do christianismo. Assim se celebrou em Tounka o jubileu de cincoenta annos, de um velho padre octogenario. De outra vez associaram-se os deportados á abertura do Concilio do Vaticano, decidindo-se que emquanto este durasse, cada um por sua vez, offereceria diariamente o santo sacrificio por intenção dos Padres reunidos em Roma. O vinte e cinco anniversario do reinado de Pio IX foi igualmente festejado em Tounka. Ha não sei que de commovente n'esta affirmação da unidade catholica, e da communicação dos sanctos, a qual reunia por este modo n'uma mesma oração e com as mesmas intenções o soberano Pontifice da Igreja militante prisioneiro no Vaticano, e os padres perseguidos da Polonia, desterrados nos confins do mundo por sua fidelidade á religião. Mas tudo isto se passava mysteriosamente.

assassina seus vassallos catholicos, e com sua feroz crueldade impelle-os á insubordinação. Sob o pretexto de reprimir a revolta, extirpa o catholicismo, manda desterradas populações inteiras para as regiões glaciaes, onde ellas se acham privadas de todos os soccorros da religião, substituindo-os por aventureiros scismaticos. Faz arrebatar os padres a seus rebanhos, deporta-os, e condemna-os a trabalhos publicos ou a outras penas infamantes. Felizes aquelles que teem podido fugir, e que a estas ho-

Uma ou duas vezes por anno era permittido aos exilados reunirem-se publicamente por occasião da visita do cura de Irkoutsk, M. o abbade Christophe Szwernicki, sacerdote de raro merito e eminente piedade. Era-lhe permitido fazer todos os annos uma visita a sua parochia, a mais extensa sem duvida de todo o universo, pois comprehendia até dois governos; Irkoutsk e Jakoutsk. Por occasião d'esta visita, os desterrados arranjavam esmeradamente a maior choupana que havia em Tounka, e apesar d'isso o maior numero dos fieis ficava fóra do recinto. O cura cantava a missa, ao mesmo tempo que os exilados entoavam em côro os hymnos sagrados. Quem poderia descrever a sua commoção e as lagrimas que corriam de todos os olhos? Cada um d'elles pensava na sua igreja campestre, na sua parochia abandonada, onde antigamente celebravam para suas ovelhas o divino sacrificio, emquanto que n'aquelle momento, alli assistiam na qualidade de condemnados, e prisioneiros politicos.

Depois da partida do bom cura, tudo entrava em silencio, e o cuidado constante de assegurar o pão quotidiano arrancava de novo os infelizes ás preoccupações de uma ordem mais elevada, e á dignidade de sua vocação. As petições ao governo eram prohibidas debaixo das penas mais severas, e as reclamações e os pedidos dirigidos aos generaes governadores davam infallivelmente em redobrado rigor. A situação dos solitarios de Tounka era todavia bem melhor que a de seus confrades isolados, cuja sorte dependia completamente de empregados subalternos, e os quaes muitas vezes não recebiam nem um kopeck para seu sustento.

O inverno interrompendo os trabalhos do campo, dava azo a que se entregassem mais fervorosamente ás occupações que estavam mais em relação com o gosto e os habitos dos desterrados. Um d'elles, o abbade Samaiter, arranjava e classificava um hervario do paiz; o abbade Felis Kowalewsks reunia uma collecção de passaros raros e curiosos; o abbade Polkowsks traduzia com mão de mestre a obra do P. Ventura: *A razão philosophica e a razão catholica.* Outros reuniam-se para traduzir em polaco o admiravel livro de Mons. Gaume: *O Cathecismo da perseverança.* Uns estudavam a lingua franceza, outros entregavam-se a escavações philosophicas, historicas ou ethnographicas. As festas do Natal celebravam-se á moda da Polonia. Com um enternecimento misturado de lagrimas, reuniam-se no tradicional repasto da noite; partia-se o pão consagrado, e cantando sempre os alegres hymnos do paiz, esmorecia um pouco a dolorosa saudade da patria.

A amnistia de 1868 estendeu se até alguns dos deportados de Tounka, mas pelo costume e com a pouca actividade da administração russa, os agravados não conseguiram a liberdade senão ao cabo de cinco annos, e foi só em agosto do anno de 1873 que elles voltaram a seu paiz. Muitos falleceram antes de poder aproveitarem-se da graça imperial.

ras vagueiam sobre terra estranha! Esse potentado, heterodoxo e scismatico como é, arroga-se um poder, que nem o proprio Vigario de Jesus Christo possue. Pretende destituir um bispo legalmente instituido por nós. Insensato! Ignora que um bispo catholico, tanto na sua cadeira como nas catacumbas, é sempre o mesmo, e que seu caracter é indelevel!

«E nimguem ouse dizer que revoltando-nos contra taes attentados, fomentamos a revolução europea. Sabemos distinguir perfeitamente entre a revolução socialista e os legitimos direitos de uma nação que lucta pela sua independencia e por sua fé religiosa. Fulminando os perseguidores da religião catholica, cumprimos um dever sagrado de nossa consciencia. Eis aqui está, porque nós entendemos que deviamos noticiar-vos as tristes novas recebidas d'esse malfadado paiz, pelo qual é necessario redobrar nossas orações.

«Declaramos, por consequencia, que damos nossa benção apostolica a todos quantos no dia de hoje orarem pela Polonia. Roguemos todos por ella!»

Sentia-se passar o sopro da colera divina na bocca do seu Vigario. Via-se-lhe a flamma allumiar aquelle nobre aspeito coroado de cans. Pio IX, vencido pela commoção de sua alma, erguera-se do throno, a sua voz era cheia como a do trovão, e seu braço ameaçador parecia armado da omnipotencia.[1]

Esta coragem verdadeiramente apostolica, arrancou um brado de admiração aos proprios inimigos do Papado. O deputado Brofferio dizia na camara de Turim, a 7 de maio de 1864, com applauso de seus collegas dedicados como elle á Revolução: «Eis-aqui um ancião, fatigado, enfermo, sem recursos, sem exercito, ás bordas do tumulo, e amaldiçoando um potentado que esmaga o povo! Sinto-me profundamente commovido: imagino-me no tempo de Gregorio VII; e inclinando-me reverente, não posso deixar de o admirar.»

Por occasião das festas do Natal de 1866, sendo M. de Meyendorf encarregado dos negocios da Russia recebido em audiencia particular por Sua Santidade, Pio IX encaminhou natural-

[1] Alex. de Saint-Albin, *Hist. de Pio IX*, tom. II, pag. 211.

mente a conversação para o lamentavel estado em que se achavam os negocios ecclesiasticos da Polonia. O ministro russo negou tudo, até os factos mais notorios e do dominio publico, findando por lançar todas as culpas sobre os catholicos, que por toda a parte tinham pactuado abertamente com a insurreição polaca, emquanto que os protestantes tomavam geralmente partido pelo governo.

«E não admira que assim seja, (accrescentava elle) por que Catholicismo e Revolução é tudo a mesma coisa.»

Pio IX não póde tolerar esta falsidade, por tal modo absurda que não podia ter outro fito senão ultrajal-o a elle e a todos os fieis de quem era o chefe:

«Sahi (respondeu elle ao encarregado de negocios, despedindo-o); devo acreditar, senhor, que vosso imperador ignora a maior parte das injustiças que pesam sobre a Polonia: por tanto, estimo e respeito o imperador, mas não posso dizer outro tanto de seu representante, d'aquelle que vem insultar-me em minha propria casa.» Todavia, Pio IX debalde esperou que o ministro fosse reprehendido. As relações diplomaticas entre Roma e S. Petersbourg foram rompidas.

Logo que Alexandre II suprimiu por seu voto proprio, em 1867, a diocese catholica de Kaminieck, foi o Papa obrigado a recorrer á imprensa para fazer saber aos fieis d'esta desgraçada localidade, que encarregava o bispo de Zitomir de administral-os provisoriamente.

«É o unico meio que me resta para communicar com elles, (dizia o Papa.) No naufragio da Igreja, faço o mesmo que o capitão de um navio, encerrando n'uma garrafa suas derradeiras palavras para a familia, confiando-a aos elementos, e esperando que a onda vagabunda as depositará sobre praia onde sejam colhidas.»

Campeão da justiça em favor dos povos, o santo Pontifice não o era menos a favor dos soberanos. Francisco II expulso de Napoles pela felonia de seu primo Victor Manoel, achou em Roma a mesma principesca hospitalidade que Pio IX encontrara, em 1848, no territorio napolitano. Em vão Victor Manuel se queixou e ameaçou, em vão o gabinete das Tuilerias deu a en-

tender, se não ousou declaral-o francamente, que a continuação das tropas francezas em Roma era o preço da partida do rei destronado; o Papa alludindo á familia de Napoleão I, acolhida por Pio VII, respondeu delicadamente, que os pontifices romanos tinham tradições de hospitalidade a respeito de seus perseguidores, e com maior rasão ainda a respeito de seus bemfeitores. Napoleão III envergonhou-se de insistir, e Francisco II ficará em Roma emquanto Pio IX viver.

Maximiliano d'Austria, principe religioso e cheio de boas intenções, sendo chamado a um throno imperial pelo voto dos Mexicanos, ou antes pela vontade de Napoleão III, foi a Roma com sua mulher, a princeza Carlota da Belgica, antes de atravessar o mar. Tanto um como o outro iam implorar as orações, os conselhos e a benção do venerando Pontifice para o novo reinado que ia começar.

Pio IX fallou-lhes d'este modo, na sua capella, e no momento em que lhe ministrava a communhão:

«Eis-aqui o Cordeiro de Deus que apaga os peccados do mundo. É por elle que reinam e governam os reis: *Per me Reges regnant, per me Principes imperant*, é por Elle que os reis empregam a justiça: *Per me legum conditores justa decernunt*, e se permitte que os reis sejam experimentados, é todavia por Elle que se exerce todo o poder: *Omnis potestas data est mihi in cœlo et in terra*. Recommendo-vos em seu nome a felicidade dos povos catholicos que vos são confiados! Os direitos dos povos são grandes, é necessario satisfazel-os; mas ainda maiores e mais sagrados são os direitos da Igreja, Esposa immaculada de Jesus Christo, a qual nos remiu a preço de seu sangue, o qual vai n'este momento tingir vossos labios. Por tanto, respeitareis os direitos de vossos vassallos e os direitos da Igreja, o que é o mesmo que dizer, que trabalhareis no bem temporal e espiritual de vosso povo. E possa Jesus Christo, que ides receber da mão de seu Vigario, conceder-vos as suas graças na abundancia de sua divina misericordia!»

Os dois jovens principes não poderam conter as lagrimas. Maximiliano deixou Roma, dizendo:

«Parto debaixo da protecção de Deus e com a benção de seu

Vigario ; tenho portanto toda a esperança de que hei de cumprir a minha grande missão no Mexico.» Mas estas piedosas impressões desvaneceram-se, e com ellas a segurança pessoal. O novo imperador não soube destrinçar a verdadeira da falsa popularidade. Cedendo, talvez, a conselhos que não estava longe de repellir absolutamente, lançou-se nos braços dos liberaes, e preparou uma concordata que Pio IX não pôde ratificar. Chegou até a romper as suas relações com Roma. Mas logo que, tres annos depois, se viu abandonado ao mesmo tempo, pelos conservadores que tinha repellido, e pelos liberaes que nunca tinham deixado de ser seus inimigos, assim como de Napoleão III, o qual reconheceu afinal, em vista das ameaças dos Estados Unidos a loucura que praticara, Maximiliano voltou-se para os catholicos e defendeu energicamente a sua corôa. É sabido como depois de trahido em Queretaro, foi cobardemente fusilado. Lembrou-se então de Pio IX na hora extrema, e soube morrer como christão. Sua viuva, a imperatriz Carlota, repellida em outras partes onde a sua vista era importuna, foi recebida em Roma como filha infeliz e muito amada [1].

Uma outra princesa igualmente infeliz, e que foi uma das mais formosas mulheres de seu tempo, a duqueza de Parma, pensou tambem em Pio IX no novo exilio que tão pouco tinha merecido. Esta piedosa descendente de S. Luiz, fallecendo em Veneza em 1864, offerecia a Deus seus soffrimentos «para que

[1] É preciso, no entanto, não julgar as emprezas humanas unicamente pelo resultado, e julgar-nos-hiam injustos para com Napoleão III se tratassemos de loucura, sem correctivo, a intervenção franceza no Mexico No principio proclamaram os aulicos que era «o maior pensamento d'esse reinado.» Segundo as apparencias, os successos dar-lhe-hiam razão, se a audacia do feito correspondesse á da concepção, e de começo se tivessem alliado resolutamente aos Estados do Sul, sublevados contra os do Norte.

Mas em logar d'isso, Napoleão tergiversou, hesitou como sempre, e esperou que o Norte tivesse esmagado o Sul, de maneira, que esta expedição que devia salvar as raças latinas no Novo Mundo, e conjurar os perigos que poderia correr um dia a independencia da velha Europa, não conseguiu senão tornar mais forte e mais ameaçadora do que nunca a grande republica anglo-americana.

A irresolução de que Napoleão deu provas quando se tratou do Mexico, Polonia, Allemanha, e outras partes, deve tornar-nos nos nossos juizos mais indulgentes para com sua memoria a respeito da sua politica italiana. É possivel que parecesse muitas vezes falso, quando não era senão fraco.

o Divino Mestre afastasse (dizia ella) os perigos que cercam a Cadeira apostolica.»

Tocante ablação de uma pura e real victima. E não foi esta a unica. Voltaremos ainda a este heroico e mysterioso assumpto, e ver-se-ha então quantas immolações voluntarias, a maior parte das vezes só conhecidas de Deus, se operaram pelo santo Pontifice, quer no mundo quer nos claustros.

Em junho de 1864, na vespera do decimo oitavo anniversario de sua coroação, Pio IX mostrou que se conservava inabalavel; sempre igual, e confiando só em Deus. Disse elle por esta occasião:

«A independencia da Santa Sė em frente do mundo, é mais do que nunca necessaria; e é por isso mesmo que o Senhor se dignou collocar uma corôa sobre a fronte do mais humilde de seus servos, e que esta corôa se tornou objecto dos odios e dos embustes de todos aquelles que desejariam impôr silencio á eterna verdade. Uma parte d'estes inimigos nunca pertenceu á Egreja, á qual fazem uma guerra impia e sanguinaria; uma outra parte, depois de ter tido a felicidade de nascer em seu gremio, teve a desventura de a abandonar, seguindo o partido da primeira. Tanto para uns como para os outros todos os meios de ataque são bons: perseguições, violencias, artificios, calumnias. Como Absalão ás portas de Jerusalêm, elles não se cançam de repetir que se esta corôa de que querem despojar o Vigario de Jesus Christo pousasse sobre outra cabeça, a justiça séria melhor distribuida, o povo mais livre e mais feliz, e que a idade d'ouro, banida depois de tanto tempo de nossas regiões, voltaria a reflorir aqui para todos. Não tenho necessidade de vos demonstrar as grosseiras illusões d'estes raciocinios, suppondo mesmo que elles sejam sinceros. Possam aquelles que os engendram ter o coração atravessado, não pela lança de Absalão, mas por um raio da verdade divina, que lhes faça conhecer a iniquidade de seus dislates, e lhes mostre o abismo da eternidade de que elles se aproximam cegos e surdos, sem conhecer a aresta do precipicio!...»

«Eu não me arrogo o dom da prophecia, mas posto que não veja no horisonte nenhum raio de esperança, nenhuma proba-

bilidade de soccorro humano, creio todavia poder asseverar que nossos soffrimentos, nossa resignação, e nossas orações findarão por nos obter de Deus as misericordias que algumas vezes elle tarda a conceder, mas que nunca recusa áquelles que o servem com respeito e amor...»

Durante este tempo, aquelle de quem, humanamente fallando, dependia o futuro do Papado temporal, entregava-se cada vez mais aos inimigos da Egreja, sem conhecer que estes eram tambem seus inimigos. E isto mesmo se provou exuberantemente, nas eleições geraes de 1863. Cuidando antes de tudo em afastar quem quer que fosse que ousasse apontar o escolho que elle mesmo não conhecia, M. de Persigny combatia tenazmente a reeleição dos 91, e em geral de todos aquelles para quem se acabava de inventar o epitheto de *clericaes*. Chegara mesmo a preferir os inimigos do imperio dedicadissimos á Italia, taes como M. M. Glais-Bizoin e Gueroult, aos imperialistas partidarios do poder temporal, como M. M. de Cuverville, Cochin e Lemercier.

Todavia, se conseguiu vencer contra estes tres ultimos e contra MM. de Montalembert, de Falboux e Keller, se póde desde então atirar para a opposição grande numero de pessoas que não desejavam senão conservar-se bonapartistas, perdeu contra M. Plichon em Lille, contra M. Berryer em Marselha, e sobre tudo contra M. Thiers em Paris.

Os discursos d'este ultimo a favor do poder temporal causaram um effeito prodigioso, porque se sabia que eram inspirados não pelo sentimento religioso, mas simplesmente pelo bom senso e a experiencia politica. M. Thiers foi ao mesmo tempo historiador e propheta dos erros do segundo imperio, e foi-o até ao fim.

As implacaveis durezas com que elle fulminava as culpas da vespera não conseguiam desarmar as da manhã seguinte; antes pelo contrario as tornavam imperdoaveis.

Ao primeiro voto da nova camara sobre a questão que tão ardentemente preoccupava os espiritos, e apesar mesmo da esquerda inimiga do imperio se collocar do lado do governo, acharam-se ainda 84 vozes para censurar as fraquezas que se tinham dado a respeito da revolução italiana.

Todavia, a questão entrou de repente n'uma nova phase. Murmurou-se vagamente que o gabinete de Turim e o das Tuilherias acabavam de concluir a 15 de setembro um convenio. Qual seria o seu verdadeiro fim? As interpretações divergiram, ainda mesmo depois que o texto foi conhecido. «As partes contrahentes tinham resolvido fazer um tratado.» Diziam as primeiras linhas, e era este todo o preambulo. No primeiro artigo obrigava-se Victor Manoel a não atacar o actual territorio do Santo Padre, impedindo mesmo pela força toda a aggressão que se fizesse contra esse territorio, pagando além d'isso uma parte proporcional da divida dos antigos Estados da Egreja. No segundo artigo, obrigava-se a França a retirar as suas tropas no praso de dois annos. E por fim, n'um protocolo addicional, obrigava-se mais Victor Manoel a transportar a sua capital para Florença antes de seis mezes.

Pareceu singular que esta derradeira clausula que se referia a organisação interior do reino italiano, fosse o objecto de um tratado internacional. Mas o que ainda maior admiração causou, foi saber-se que o destino do Estado pontifical tinha sido regrado sem o concurso do governo d'este Estado, e que o Santo Padre não sabia d'este convenio senão pela voz publica. Esta circumstancia inquietou os catholicos. Seus sobresaltos redobraram em vista dos commentarios do parlamento piemontez, o qual declarou por um voto, que a Italia se abstinha sómente de ir a Roma pela força, e não de alli entrar «pelos meios moraes.» O marquez Papoli, um dos signatarios d'este convenio, dizia mesmo publicamente em Milão: «O tratado de 15 de setembro não tem nada com o programma nacional da Italia, despedaça unicamente o derradeiro laço que unia a França aos nossos inimigos.»

O governo francez, devemos fazer-lhe justiça, d'esta vez, entendia as coisas de differente maneira que o gabinete piemontez, e mostrou-o depois. Mas, commetteu a falta de executar o tratado no que lhe dizia respeito, e quando a Italia dava a conhecer a todos officialmente, que pela sua parte, entendia que não o podia cumprir. Ou antes, Napoleão III commetteu um outro erro ainda mais grave assim como o demonstrou com

uma insinuante eloquencia Mons. Dupauloup, n'um folheto que foi talvez a mais lida de todas as brochuras do seculo XIX: e foi este, assignar um tratado qualquer com Victor Manoel. Como se podia contar com a palavra do violador do tratado de Zurigo? Do homem de Gaeta, de Napoles e Castelfidardo?

Pelo que toca a Pio IX, este não pronunciou senão estas simples palavras. «Lamento a França!» Pio IX nada quiz saber das indemnidades financeiras que a convenção de setembro pretendera dar-lhe como compensação das espoliações de que fora victima.

O dia 8 de dezembro de 1864, decimo anniversario da proclamação do dogma da Immaculada Conceição, foi assignalado por um grande acto doutrinal: foi n'esse dia publicada a encyclica *Quantá curá* e um Resumo ou Syllabus dos principaes erros modernos. N'esses documentos, Pio IX não ensinava nada novo. Recordava unicamente e confirmava, nomeando-as, as condemnações já lançadas por seus predecessores ou por elle, especialmente na sua allocução aos bispos por occasião da canonisação dos martyres japonezes. No entanto, era este o golpe mais terrivel que tinha ferido a Revolução.

O Syllabus compõem-se de oitenta proposições, e eis-aqui algumas, da qual a simples leitura explicará a extraordinaria commoção que se apoderou dos espiritos, logo que se viram tão claramente condemnados. Escolhemos alguns trechos dos paragraphos intitulados: «Erros relativos á Egreja e a seus direitos, á sociedade civil, e á moral christã e natural.»

«O Estado, origem e fonte de todos os direitos, gosa de um direito que não é circumscripto por nenhum limite... Ao poder civil ainda que seja exercido por um imperante pagão, compete o poder indirecto negativo sobre as coisas sagradas, e portanto pertence-lhe não sómente o direito que se chama de *exequatur*, mas tambem o direito da appellação, que se chama de *recurso á corôa*... O poder civil tem auctoridade para rescindir, declarar e tornar nullas as convenções solemnes (vulgarmente concordatas) sobre o uso dos direitos pertencentes á immunidade ecclesiastica, celebrados com a Sé apostolica, sem o consentimento d'esta, e, até apesar das suas reclamações...

«A auctoridade civil pôde impedir que os bispos e os fieis communiquem livre e reciprocamente com o pontifice romano.

«A auctoridade leiga tem direito, como tal, de apresentar os bispos e pode exigir d'elles que assumam o governo dos bispados antes de receberem da Santa Sé a instituição canonica e as letras apostolicas. Tem ainda mais o direito de suspender os bispos de seu ministerio...

«Toda a direcção das escolas publicas está fóra da auctoridade da Egreja e da menor ingerencia da sua parte...

«O governo póde, por direito proprio, alterar a idade prescripta pela egreja para a profissão religiosa, tanto das mulheres como dos homens, e mandar a todas as ordens religiosas que, sem sua licença, não admittam ninguem a fazer os votos solemnes, sem sua auctorisação... póde mesmo suprimir completamente as communidades religiosas... apossando-se de seus bens...

«Os reis e os principes não sómente estão isentos da jurisdicção da egreja, mas tambem são superiores á egreja na resolução das questões de jurisdicção.

«A Egreja deve separar-se do estado, e o estado da Egreja.

«As leis moraes não carecem da sancção divina, e não é preciso que as leis humanas se conformem com o direito natural, e recebam de Deus a força obrigatoria...

«O direito consiste no facto material, e todos os deveres dos homens são um nome vão, e todas as acções tem força de direito... A auctoridade não é outra coisa senão o compendio do numero e das forças materiaes...

«É licito recusar obediencia aos principes legitimos e até rebellar-se contra elles... A violação de um juramento, ainda o mais solemne assim como qualquer acção atroz e criminosa que repugne á lei eterna, não sómente não deve ser desapprovada, mas é inteiramente licita, e deve ser muito elogiada quando se pratica por amor da patria...

«De nenhuma sorte se póde admittir que Christo elevasse o matrimonio á dignidade de sacramento. O sacramento do matrimonio não é mais do que uma especie de accessorio ao contracto e que d'elle se póde separar, e o proprio sacramento consiste sómente em uma benção nupcial...

«O vinculo do matrimonio por direito natural não é indissoluvel, e em varios casos o divorcio propriamente dito póde ser sanccionado pela auctoridade civil...

«A religião catholica não deve mais ser considerada como religião do Estado; mas todos os cultos devem ser publicamente livres e iguaes, diante d'elle, porque para o estado não ha verdade religiosa...»

De todos os erros aqui indicados não ha nenhum que não seja flagrante para quem quer que, admittindo a subordinação do homem para com Deus, quizer dar-se ao trabalho de meditar um pouco. Por outro lado não ha nenhum direito civil europeu que se não apoie n'estes erros, nenhum governo que os não tenha adoptado e não esteja disposto a tomal-os como regras de seu proceder. D'esta maneira, governantes e republicanos não tiveram mais que uma voz para abafar a de Pio IX. Censuraram-lhe crear satisfatoriamente um divorcio entre o catholicismo e o liberalismo moderno; fingiram não ver que elle não fazia senão procurar todos os meios para obstar a esse divorcio, e que havia talvez algum merito e alguma grandeza em proclamal-o d'este modo, em face do liberalismo todo poderoso. Accusaram-no mais, de perturbar a paz do universo. Sim, é verdade, o Papa perturbava a paz do mundo, como a sentinella perturba o repouso do campo chamando ás armas contra o inimigo; como o medico perturba o socego do enfermo passando o escalpelo pelas carnes putridas e gangrenadas.

Napoleão III deu o exemplo da resistencia á pertinacia de Roma, e pelo zelo que n'isso empregou, poder-se-hia imaginar que era por esse lado que seu throno estava ameaçado.

No 1.º de janeiro de 1865, Napoleão prohibiu a publicação da Encyclica e do Syllabus, mandando perseguir e condemnar por abuso, o arcebispo de Besançon e o bispo de Moulins, por ter lido a Encyclica do alto do pulpito. Os outros prelados resignaram-se, de fórma que nem a Encyclica nem o Syllabus poderam ser publicados, porque teriam compromettido inutilmente os impressores. Todavia, muitos declararam-na sufficientemente promulgada em seus bispados, e estes exprimiam o pensamento de todos. Por esta occasião fez-lhes Pio IX um famoso elogio:

«É preciso (disse elle) retroceder aos primeiros seculos do christianismo para encontrar um episcopado tão corajoso.»

De resto, ninguem ignorava que a intenção de Pio IX não era impôr como um dever, no actual estado do mundo, a supressão da liberdade dos cultos e da liberdade da imprensa; seu procedimento em Roma protestava contra similhante hypothese. Condemnava apenas esses novos erros, como contrarios aos direitos supremos de Deus e da verdade.

Ha um seculo que nada é presistente, tudo se aniquillou, quem o não conhece? E novas e mais terriveis calamidades nos ameaçam constantemente.

Pio IX explicava a razão d'estas evoluções, e se algum dia se der na Europa uma restauração social, como dizia Mons. Pie n'um synodo diocesano do Poitiers, a maior gloria da Egreja será ter de antemão, no meio da tempestade e das trevas da noite, elaborado o programma do governo christão tal como elle é ainda possivel sobre a terra, programma fóra do qual não ha salvação para ninguem: *Non est in alio aliquo salus.*

CAPITULO XVI

Sadowa.—Pio IX e as Missões.—Pio IX e a franco-maçonaria.—Anecdotas.—Festas do centenario

A este tempo já a França ia colhendo os amargos fructos da revolucionaria politica de seus chefes. Napoleão, o conspirador, acabava de concluir em Biarritz, com o conde de Bismark, não sei que mysteriosas tramoias, similhantes ás que tratava em Plombiéres, com o conde de Cavour; mas d'esta vez, encontrára um adversario mais astuto ou mais escrupuloso. D'aqui se originou a catastrophe de Sadowa, prenuncio da de Sedan. Como era de esperar, vendo-se Bismarck vencedor da Austria, e a França completamente desarmada, sem um unico soldado mais que os da guarnição sobre o Rheno, não deu nenhuma das compensações promettidas, e guardou tudo para si. Todavia, isto não impediu que Napoleão presidisse amavelmente ao tratado de Praga, e ahi assignasse a expulsão da Austria para fóra da Allemanha, a confiscação de Hanover, de Nassau, das Hesses e outros pequenos principados independentes, tudo em proveito da Prussia, a qual além d'isso impunha a sua direcção militar á Allemanha do Sul, ficando por esta fórma litteralmente duplicada tanto em territorio como em população.

De maneira que, graças a Napoleão III, em sete annos des-

appareceu a barreira de pequenos estados que a sabedoria dos seculos tinha alinhado sobre a nossa fronteira continental do Mediterraneo ao Occeano, a qual diminuia os attritos entre as grandes potencias.

D'este modo, a França aprisionára-se a si propria, entre a união italiana, e a temivel unidade germanica.

É verdade que Napoleão recebia Veneza em troca, sómente por fórma, transmittindo-a immediatamente á Italia. Derrotado na terra, e derrotado no mar, Victor Manoel não deixava de acceitar essa dadiva; a Italia ficava por consequencia livre até ao Adriatico, e o famoso programma de Milão, de 1859, estava emfim cumprido. Este resultado que lisonjeava a vaidade do imperador, satisfazia plenamente os votos das sociedades secretas. Protestantes, judeus, franco-mações, incredulos de todas as côres, deputados da esquerda e imprensa revolucionaria, tudo dedicado ao serviço da Prussia, applaudiu enthusiasticamente. Os proprios ministros do imperador, M. Rouher, na camara, e M. de Lavalette, n'uma circular diplomatica, não se envergonharam de se felicitar publicamente das estipulações de Praga. Justo castigo de uma politica sem principios nem lealdade: á força de cegueira e affeição á Italia, esses sabios homens de Estado chegavam a esquecer a França![1]

[1] A inexoravel logica das idéas e dos factos, quiz que o fogoso prussiano em França, fosse ao mesmo tempo o mais ardente dos italianissimos: por estes dois unicos traços reconhece-se o hospede do Palais-Royal, o principe Jeronymo Napoleão, genro de Victor Manuel. Brutal e grosseiro, mas franco em expender as suas idéas, este pelo menos não dissimulou nunca o que entendia a respeito da politica napoleonica. Para edificação das gerações futuras, será bom conservar alguns fragmentos de seus discursos, como por exemplo, d'aquelle que pronunciou quinze dias antes de Sadowa, depois de um festim, e o qual foi reproduzido em todos os periodicos, sem que elle da sua parte protestasse. Poderia imaginar-se que era dictado por M. de Bismarck!

...«O imperio (exclama o principe Napoleão) é o triumpho da democracia moderna e da Revolução, que foi soffreada durante os quinze annos da restauração, e por dezoito de liberalismo parlamentar, mas que hoje desborda por todos os seus frageis diques. Tem havido demasiada hesitação e prudencia até aqui; ha mais de um anno que deviamos ter-nos alliado francamente á Prussia e á Italia. É chegada a hora em que a bandeira da Revolução e a do imperio deve ser amplamente arvorada. (Qual é o fim d'esta Revolução?) É em primeiro logar a luta travada contra o catholicismo, luta que é preciso proseguir e terminar; é a constituição das grandes uniões nacionaes, sobre os despojos dos estados fi-

Apoiando-se na justiça e na verdade, Pio IX dominava esta agitação universal, e o mais fraco e o mais desamparado dos soberanos mostrava-se tambem o mais tranquillo no meio d'esse abalo Europeu. Já notámos por mais de uma vez, que nunca os negocios temporaes tiveram o poder de o distrahir das coisas Divinas. Vamos agora recapitular rapidamente, os principaes actos praticados por Pio IX durante o periodo de que tratamos como chefe da Egreja universal.

Em 1859, beatificou o veneravel pobre voluntario, Bento José Labre, e graduou a festa de S. Patricio, patrono da Irlanda. A 24 de fevereiro de 1862, approvou e recommendou instantemente por um breve ao arcebispo de Tours-Mans, Guibert, a reconstrucção da basilica de S. Martinho, o thaumarturgo das Gaulas.

Em 1860 tinha creado o vigariado apostolico de Dahomey, confiando-o ao seminario das missões africanas de Lyão. No mesmo anno e nos seguintes, as novas Egrejas do Oriente não cessaram de o preoccupar assiduamente. Os soberanos infieis, dignos émulos dos Drusos do Libano e de Alexandre II da Russia, faziam martyres aos milhares.

O imperio de Annam, o Toukin, a China, e a ilha de Bornéo fumegavam com o sangue dos christãos.

cticios e dos tratados fundados por elles; é a democracia triumphante, tendo por alicerce o suffragio universal, o qual tem necessidade, durante um seculo, de ser dirigida pelas poderosas mãos dos Césars; é a França imperial no apogeu d'esta situação europea; é a guerra, uma longa guerra, como condição e instrumento d'esta politica.

«Eis aqui a bandeira e o programma.

«Ora, o primeiro obstaculo a vencer é a Austria. A Austria é o mais potente auxilio da influencia catholica no mundo; representa a fórma federativa opposta ao principio das nacionalidades «unitarias».

«A Austria tenta fazer triumphar em Vienna, em Pesth e em Francfort as instituições liberaes e parlamentares oppostas á democracia. Afora isto, é o covil do catholicismo e do feudalismo; é preciso abatel-o e desmoronal-o. A obra foi começada em 1859, e deve ser agora terminada.

«A França imperial deve conservar-se inimiga da Austria, assim como deve ser amiga e auxiliar da Prussia, a patria do grande Luthero, e ao mesmo tempo combatendo a Austria com suas armas e idéas, deve sustentar a Italia, que é o centro da Revolução no mundo, esperando que a França o venha a ser, por que esta tem a missão de derrubar o catholicismo em Roma, assim como a missão da Prussia é destruil-o em Vienna.

«Nós devemos alliar-nos á Prussia e á Italia; e antes de dois mezes os nossos exercitos entrarão em campanha...»

Melhor inspirado que em sua politica Europea, Napoleão III tomou o partido do christianismo e da civilisação n'esses remotos paizes. Ligou-se á Inglaterra para reprimir a China; á Hespanha para castigar a Cochinchina; e a Providencia recompensou-o com uma brilhante victoria, qual foi a tomada de Pekin, e pela unica aquisição util e duradoura de seu reinado, a colonia franceza da Cochinchina.

Em 1861, tratou Pio IX, com feliz successo, uma concordata para a restauração da religião catholica na republica do Haiti. Um anno depois, concluiu outra com a republica do Equador, que governava havia pouco, o mais santo e talvez o maior homem de Estado do nosso seculo, o presidente Garcia Moreno.

Por esse tempo, dirigiu aos bispos da Belgica uma encyclica que apasiguou a lucta entre os racionalistas e os tradicionalistas; uma outra ao bispo de Breslau, para acabar de converter os partidarios das doutrinas de Gunter; outra ao arcebispo de Fribourg sobre a educação popular, e ainda outras mais ao arcebispo de Munich, quer para condemnar os erros de Fraschammer, quer para chamar sua attenção sobre as desanimadoras tendencias de certos theologos Bavaros, cheios de vaidade e de presumpção não menos que de racionalismo.

O vigilante olhar do Santo Pontifice, foi tambem o primeiro a descobrir os germens do scisma Dollingeriano, que só devia pronunciar-se oito annos depois, mas que desmacarado a tempo, poucos estragos causou entre os povos, e não conseguiu convencer senão seus proprios auctores.

Em 1863, escreveu aos bispos do Piemonte para os animar em sua generosa constancia, e da mesma maneira aos da Nova Granada, que seu governo acabava de espoliar, encarcerar ou banir. Pio IX annunciou tambem ao mundo os crimes de Juáres, no Mexico, onde a profanação dos santos altares e a suppressão da liberdade catholica se juntava ao roubo dos bens da Egreja.

O Japão, esta terra consagrada por tantos martyres, tendo derrubado inesperadamente a barreira que, depois de dois seculos, a isolava do resto do mundo, tratou Pio IX de que a avidez mercantil não passasse além do zelo apostolico. Os missiona-

rios penetraram em Nangazaki, e Jokohama ao mesmo tempo que os commerciantes.

Diremos depois com que admiraveis descobertas foram recompensados.

Outras fundações de vigariados apostolicos ou bispados, que seria longo innumerar, attestam a sollicitude de Pio IX pelos christãos da Oceania, Africa, Azia e America.

No principio de 1867, foram, a pedido do governo francez, instituidos os bispados de Constantina e de Oran, e nomeada Alger como metropole; em março de 1868, segundo o voto expresso pelo concilio de Baltimore, foram creadas oito dioceses e quatro vigariados apostolicos nas diversas comarcas dos Estados-Unidos.

Em 1864, tinha Pio IX preconisado um auxiliar de Genebra, com o titulo de bispo de Hébron, e elle mesmo quiz sagral-o. Depois da ceremonia reuniu o novo dignitario, Mons. Mermillod e mais quatro prelados recentemente sagrados: eram estes o arcebispo de Terragona, o bispo de Edimburgo, um bispo da Prussia, outro Mexicano, e disse-lhes:

«O mundo disputa-me este grão de areia sobre que estou sentado, mas seus esforços serão baldados. A terra é minha; Jesus Christo deu-m'a, só a elle a entregarei, e nunca o mundo conseguirá arrancar-m'a.

«Vós, arcebispo de Terragona, ide levar á Hespanha revolucionada, palavras de paz e de verdade, eu vol-o ordeno, o mundo pertence-me!

«Vós, bispo do Mexico, ide tambem socegar o paiz, sustentando os direitos despresados; eu vol-o recommendo em nome de Jesus Christo!

«Bispo de Edimburgo, ide acabar de conquistar a Escossia para Jesus Christo.

«Bispo da Prussia, ide assombrar esse reino pelo exemplo da coragem moral e de todas as virtudes.

E vós, meu irmão e meu filho, por que fui eu que vos sagrei, ide ganhar essa Genebra que ousa chamar-se a Roma protestante; abençoae esses povos que pódem ser ingratos, mas que são meus filhos. Sustentae, consolae a grande familia ca-

tholica, e convertei aquelles que a heresia retem longe do aprisco de Jesus Christo.»

Tal era a idéa soberana, que este homem tão simples e tão meigo fazia da sua auctoridade como chefe da Egreja; e taes eram as dominadoras palavras que elle achava na sua fé quando fallava.

Na sua homilia de 6 de fevereiro de 1866, deu ainda outro exemplo da sua irresistivel eloquencia. Era na ceremonia da fundação de uma Egreja que se ia edificar em honra de S. Thomaz de Cantorbery, perto do collegio dos inglezes em Roma. Depois de collocar a primeira pedra, o Pontifice exclamou:

«A piedade ingleza começou este edificio, a piedade ingleza saberá acabal-o... Sim, a Inglaterra principia hoje a construir Egrejas não só aqui, mas no seu reino. Escolas catholicas, hospitaes e conventos se levantam por toda a parte... A principal Egreja d'esse paiz, isto é, a Egreja governamental e protestante, vê essa mudança assombrada. Abandonada por seus proprios filhos, e não podendo ter outros, por que está gasta e esteril, pergunta quem são esses christãos que ella não engendrou... Elles rescendem da verdadeira esposa, d'aquella que ficou unida ao Esposo, da Egreja, a mais antiga, e ao mesmo tempo a mais nova, e a unica que é eternamente fecunda...

«Eu te saudo, Santa Egreja Catholica Apostolica Romana, de quem sou o indigno chefe e vigario; regosijo-me de ver teus filhos espalhados por toda a superficie da terra, apesar das potencias inimigas.

«Ó Santa Egreja, que debaixo da tua sombra se abriguem aquelles que te não conhecem! E tu, Christo, faze com que teu espirito os una uns aos outros.

«Vós, meus filhos, deveis ser como as pedras d'esse santuario que vamos edificar; pedras espirituaes destinadas a formar conjunctamente com a caridade e a fé, a Egreja de Jesus Christo.

«Considerae-vos felizes por serdes as pedras d'esta Egreja militante, afim de servirdes um dia para a construcção da Egreja triumphante. Supportae, pois, com paciencia, as magoas e afflições de toda a especie, esses golpes de martello do divino Artista que sabe, em sua misericordia, que fórma, que polido deve

ser dado ás pedras espirituaes, antes que ellas sejam collocadas...»

A voz de Pio IX foi sempre firme e paternal, quer se dirigisse aos inimigos da Egreja, quer advertisse seus filhos submissos.

Mons. Darboy, arcebispo de Paris, tinha por vezes feito grandes serviços, entrepondo-se destramente nas discussões do Senado entre o Papa e o governo imperial; mas levava tão longe o espirito da conciliação, que levou depois o heroismo até ao martyrio, e lamentava-se vêl-o algumas vezes fazer excessivas concessões.

A este respeito escreveu-lhe Pio IX, a 26 de outubro de 1865, censurando-lhe, entre outras cousas, o ter assistido aos funeraes do marechal Magnou, grão-mestre da maçonaria, e dado elle proprio a benção em presença dos insignes maçonicos que cercavam o esquife.

O arcebispo respondeu, que nem elle nem seu clero tinham notado essas insignias. O Papa replicou:

«Bem sabeis que o defunto durante sua vida teve a desgraça de assumir essa funcção indicada, que se chama Gran-Mestre do Oriente; podieis, portanto, facilmente prever que os membros d'esta ceita assistiriam a seus funeraes e não faltariam a apresentar ahi suas insignias.

«É por essa rasão que devieis ter todo o cuidado de evitar essa ceremonia, para não causar com a vossa presença e cooperação, o pasmo e tristeza a todos os verdadeiros catholicos.»

D'este incidente concluiu Pio IX que devia renovar as penas lançadas por seus predecessores contra as sociedades secretas, particularmente a maçonaria.

No consistorio de 25 de setembro de 1865, mostrou novamente os perigos que essas instituições fazem correr á sociedade, e lamentou a cegueira dos governos que se mostram indifferentes a tal respeito, não attendendo nem ás advertencias da Santa Sé, nem aos cruelissimos exemplos de tantas revoluções.

A accusada ceita, imaginou um estratagema muito simples, mas efficacissimo para fazer cair de um golpe todo o effeito das

palavras do Papa. Foi este collocal-o em contradicção comsigo mesmo. Uma carta dos maçonicos de Messina, carta que foi conhecida nos dois hemispherios, conta que Pio IX era mação e que fôra em tempo recebido n'uma *loja* da Philadelphia, e admittido successivamente ás provas e ao *mestrado;* e que em todo o tempo em que viveu na America, poucos irmãos tinham assistido tão regularmente ás suas *sessões*. A carta citava mesmo como textuaes certos discursos que dizia serem do Pontifice, muito enthusiasticos pela maçonaria.

E accrescentava mais, que tudo isto era publico e notorio na grande cidade de Philadelphia, e que lá se conservava como um thesouro, um grande numero de authographos de Giovani Maria Mastai Ferretti, mostrando-se como prova da sua iniciação a todos os irmãos estrangeiros que chegavam a essa cidade, e que muitos d'estes as tinham lido repetidas vezes.

Tantas minudencias dadas com tal clareza, não davam logar a que se duvidasse. Que asserções da imprensa mereceriam fé, se esta se não acreditasse?

Numerosas testemunhas o affirmavam, appellando para outras testemunhas como para um facto publico e notorio, e toda a imprensa revolucionaria, isto é, as tres quartas partes das gazetas, affirmavam triumphalmente o mesmo. Accrescia a isto, que Pio IX, o principal interessado, se calava.

Encontraram-se, porém, felizmente ainda, algumas almas leaes, até entre esses homens cuja profissão é viver na sombra.

O diario o *Mundo Maçonico*, pediu uma relação official ao Grande Oriente de Pensylvania, «afim», dizia elle, de fechar a bôca ás gazetas religiosas.»

Eis a resposta que recebeu em 30 de novembro de 1868, do secretario da grande loja de Pensylvania.

«Segundo o seu pedido, examinei os registros e não achei o nome de Giovani Maria Mastai Ferretti como membro de nenhuma loja d'esta jurisdicção, ou como tendo sido recebido mação em nenhuma d'ellas.

«O nome mais parecido que encontro com esse, é o de Martim Ferrety, o qual foi recebido mação em 1819, na Habana (Cuba.)»

Assim findou esta ridicula calumnia, sem que Pio IX se dignasse dar-lhe a menor importancia, não deixando, porém, de continuarem a golphal-a n'um ou n'outro ponto inferior da imprensa demagogica.[1]

Seguindo a ordem do tempo, já contámos muitos dos admiraveis traços da vida de Pio IX. Seguiremos ainda outros que têem relação com o periodo de que tratamos.

Uma escrava preta da Nova-Orleans, levada a Roma por seus senhores, tinha grande desejo de se encontrar com Pio IX para receber a sua benção. O Papa foi informado d'isto e enviou á pobre rapariga um bilhete de admissão. Era vespera de Paschoa; uma numerosa multidão enchia a ante-camara. Pio IX mandou primeiro aproximar a preta:

—Minha filha—lhe disse—muitas pessoas illustres estão aqui a esperar, mas eu quiz ver-vos primeiro. Sois pequenissima e infima aos olhos do mundo, mas só de vós depende ser muito grande aos olhos de Deus.

Depois conversou com ella por largo espaço; obrigou-a a fallar, e perguntou-lhe se vivia desgostosa.

—É verdade—respondeu ella—tenho tido muitas afflicções e dissabores, mas depois que me baptisei, aprendi a acceital-as como da vontade de Deus...

Então o Papa exhortou-a a perseverar n'este amor de Deus, e afinal abençoou-a, abençoando n'ella todos os seus irmãos na escravidão.

A preta retirou-se lisongeada e contente, mais lisongeada de certo que os mensageiros da revolução em diversas circumstancias; e que muitos outros homens elevados, que se viram sair petrificados do lado d'esse bondoso rei, juiz severo quando era preciso.

Em 1860, conta um eminente escriptor francez,[2] dois de nossos compatriotas tinham pedido e obtido uma audiencia do Santo Padre.

[1] O tribunal de Lyão condemnou por diffamação, em dezembro de 1875, um diario, que repetia outra vez a odiosa inepcia de que Pio IX pertencia á maçonaria.
[2] M. Grenier.

Na mesma hospedaria estava tambem um joven francez que elles sabiam que era livre-pensador. Não obstante, propozeram-lhe de o levar com elles. Este fez-se rogado, dizendo que lhe repugnava o beija mão. Os outros instaram: «Venha, ainda que não seja senão por curiosidade; não se vê um Papa todos os dias!»

O livre-pensador cedeu: a recepção teve logar, e terminada ella, o Papa, segundo o costume, perguntou aos assistentes se mais desejavam alguma cousa. Uns pediram-lhe que abençoasse rosarios ou medalhas, uma ou outra lembrança. Só o livre-pensador ficou mudo, insensivel e immovel.

Admirado o Papa d'esse arrogante silencio, deu um passo para o mancebo.

—E vós, meu filho, não tem nada a pedir-me?

—Nada, Santidade.

—Nada?! Está bem certo d'isso?

—Certissimo.

—Ainda tem pae?

—Sim, tenho.

—E mãe?

—Minha mãe já morreu.

—Pois bem, meu filho, se nada tem a pedir-me, eu é que tenho a pedir-lhe alguma cousa.

O pequeno voltariano estava assombrado.

—Sim, é verdade, tenho a pedir-lhe a graça de que reze um Padre-Nosso e uma Ave-Maria por alma de sua mãe. Não quer ajoelhar commigo?

E dizendo, o Papa ajoelhou, e o mancebo fez outro tanto. Quando se ergueu, o mancebo tinha o rosto banhado de lagrimas, e saiu soluçando.

Outro dia, não se achavam na audiencia senão semblantes religiosos. Pio IX recebia os zuavos pontificios, e para cada um d'elles tinha uma palavra bondosa e paternal.

—Onde é a sua terra, meu amigo?—perguntava a um mancebo.

—Nantes, Santo Padre.

—Ah! é Bretão? Sabe o que dizem dos Bretões? Que *onde*

passa o sol, passa o bretão. Este proverbio é de Santa Catharina de Senna.

E a este respeito, contou o Papa em que circumstancias a Santa o dissera, accrescentando e batendo duas palmadinhas na face do mancebo:

—Coragem, meu filho, não tema senão o peccado e será um bom Bretão.

Era assim que elle recompensava e exaltava ao mesmo tempo a dedicação dos seus defensores.

A policia italiana chegou muitas vezes a introduzir espiões nas audiencias. Uma d'estas vezes, prevenido em antes, e dando audiencia a uma deputação de antigos soldados pontificios, bradou:

—Vós sois puros e fieis, meus bons amigos, mas não todos os que aqui se acham. No meio de vós está alguem que eu poderia indicar com o dedo, e que se acha aqui para ouvir as minhas palavras, para me trahir e vender. Mas eu não lhe tenho medo; pelo contrario, lamento-o e perdôo-lhe.

Visitando Pio IX o hospital de S. João de Deus, quando toda a gente se ajoelhava para receber a sua benção, avistou o Pontifice, distante alguns passos, um homem que se conservava de pé na attitude de um profundo respeito, e ao mesmo tempo de certo embaraço. Vendo isto, perguntou-lhe o Pontifice:

—Porque não se aproxima como os outros?

—Porque sou medico protestante, Santo Padre.

—Medico?—tornou Pio IX—E que tem isso? Estimo os medicos, e sou-lhes reconhecido pelos cuidados que me têem prodigalisado por mais de uma vez. Mas diz que é protestante. Muito bem! meu filho, mas vejamos: contra quem protesta?! E por que razão protesta?»

Pronunciadas estas palavras, abençoou-o e afastou-se sem esperar resposta, como aquelle que semeando atira o grão ao sulco do arado, confiando ao sol e á chuva do Deus misericordioso o cuidado de o fazer brotar. O doutor ficou vivamente impressionado. A pergunta «Contra quem, e porque?» não lhe sahia do espirito. Quiz responder a isto seriamente, e tão bem o fez, que poucos dias depois abjurava.

Quantos outros protestantes, particularmente inglezes, chegando a Roma em viagem de recreio e admittidos por curiosidade ás audiencias de Pio IX, vendo descer sobre suas cabeças o raio de graça que fulgurava dos olhos e das palavras do Pontifice sahiram d'alli crentes!

O seguinte discurso que elle fez a um joven ministro de Berlin dará uma idéa da ternura com que fallava aos incredulos, quando os via dispostos a escutar a verdade. Este discurso foi compilado pelos padres do bispado de Nimes, que se achavam presentes:

«Meu filho, é preciso que sejamos amigos, por que ambos somos filhos do mesmo pae, e destinados a receber a mesma herança. Bem sabeis que não ha senão um Deus, senão uma fé, senão um baptismo; e isto chama-se a união catholica, fóra da qual não ha senão confusão, e não se encontra salvação possivel. A desgraça dos protestantes é de estar fóra d'esta união. Todavia, posto que pareça impossivel que os que estão fóra d'este gremio se salvem, uma grande parte d'elles terão o céo, porque tem vivido n'uma crassa ignorancia (perguntae aos theologos que vos rodeiam, a explicação d'esta palavra) e por que tem levado uma existencia piedosa. Estes, pertencem á Igreja sem o saber. Mas esta boa fé no erro difficilmente subsiste em Roma, no fóco da luz evangelica. Quanto a vós, meu filho, procurae a verdade com affinco e bondade de coração. Com coração bondoso, repito, porque é necessario procurar a verdade mais ainda com o coração do que com a cabeça. E haveis de achal-a. Ficae certo de que vos ajudarei n'esse empenho, com as minhas orações. E vós, tambem, orae pelo Papa, e d'este modo nos auxiliaremos mutuamente.»

D'outra vez, durante a audiencia, Pio IX viu duas raparigas lançar-se a seus pés, cobrindo-os de lagrimas:

—Que tendes, minhas filhas?—lhes perguntou fazendo-lhes signal para que se levantassem.

—Santissimo Padre, somos protestantes, e desejamos ser catholicas.

—E então, que motivo o impede?

—Nossa mãe.

A mãe, uma mulher digna e austera, estava alli de pé, ligeiramente commovida; vellava pelas filhas, e parecia resolvida a disputal-as ao Papa. Se a não contivesse o respeito, teria agarrado n'ellas pelas mãos e arrastado para fóra. Pio IX meditou um instante, e depois dirigiu-se a ella:

—Senhora, em nome do Christo de quem sou vigario, entregae-me estas duas creanças! Ellas pertencem-lhe mais do que a vós, porque viram a luz. Não receaes collocando-vos entre ellas e essa luz, ficardes vós mesma privada de a ver?

Não só a mãe não impugnou mais o desejo das filhas, mas chegou mesmo a acompanhal-as no dia em que abjuraram.

Notou-se que nenhum dos soldados protestantes que se achavam no exercito de Pio IX, morriam sem ter obtido, como premio de sua dedicação á mais santa das causas, a graça de serem reconciliados com a Igreja.

Em Castelfidardo, achou-se nas fileiras dos voluntarios pontificaes um suisso de Lucerna, chamado Jecker, o qual se bateu como um leão, e ficou mal-ferido.

A sua qualidade de protestante valeu-lhe os cuidados de alguns officiaes piemontezes, livres-pensadores, os quaes lhe deram a liberdade. Este fez-se logo transportar a Roma, chegando ao hospital em deploravel estado. Chegando alli, as suas primeiras palavras foram:

— Quero ver Pio IX!

Advertido d'isto, o Pontifice n'essa mesma noite estava á cabeceira do enfermo.

— Santissimo Padre — murmurou o ferido — considero-me muito feliz por soffrer por vossa causa!

— Obrigado, meu querido filho, — respondeu com ternura o Pontifice.

— Sou protestante, Santissimo Padre.

— Bem sei, meu filho.

— Agora, vou morrer, bem o sinto, Santo Padre, mas morro contente por que estais ao meu lado, e morrendo pela Igreja catholica poderia morrer n'outra religião?

O contristado semblante do Pontifice illuminou-se com uma alegria celestial. Abraçou o humilde soldado, e erguendo os

olhos ao céo, estendeu as mãos sobre a cabeça do moribundo, e foi debaixo da influencia d'esta tão desejada benção, que o ferido entrou no gremio da Egreja, recebeu os ultimos sacramentos, e expirou algumas horas depois.

Sabe-se perfeitamente quantas conversões se têem dado entre os anglicanos, graças aos escriptos do doutor Pusey e de sua escóla. Perto de mil pessoas, ministros e membros d'esta escóla, deram e seguiram o exemplo abjurando successivamente; todavia outros têem espaçado, e espaçam ainda presentemente este acto. Pio IX disse um dia a alguns d'estes ultimos:

«Vós sois como os sinos que chamam os fieis á Egreja: tocaes mas não entraes.»

Vê-se que a ironia não era estranha a Pio IX. Acudia-lhe expontaneamente e sem procurar a palavra graciosa, a replica fina e espirituosa, que achava frequentemente. A alegria é filha da innocencia, e os Santos, apesar de serem os homens mais mortificados, são tambem os mais felizes. O que, porém, Pio IX não consentia, nem tolerava, eram graças a respeito das coisas graves, e que devem ser tratadas sériamente.

O auctor da vida de um Santo, pedia ao Pontifice para approvar o seu livro. Examinando-o, o Papa deu com esta phrase: «O nosso Santo triumphou de todas as tentações; mas houve um laço que não soube evitar: casou.»

Pio IX pousou severamente o livro, dizendo:

«Não admitto que haja na Egreja seis sacramentos e um laço.»

Em 1867, M. d'Arnim, ministro da Prussia, apresentando-se no Vaticano, em uma carruagem de um cavallo, foi detido á entrada do pateo do palacio por uma sentinella suissa, porque a etiqueta não permittia que ali se entrasse em tão modesta equipagem.

M. de Bismarck tomou o facto com uma severidade e arrogancia extraordinaria, ordenando a M. d'Arnim de mandar tirar o brazão prussiano da legação, e deixar Roma immediatamente no caso que lhe não concedessem chegar com um cavallo até ao começo da escadaria do aposento Pontifical.

Esta pretenção deu muito que fallar; evidentemente M. de Bismarck procurava um escandalo.

Pio IX, porém, obstou a elle, mandando o cardeal Antonelli, escrever a M. d'Armin, que: «Sua Santidade tomando em consideração as angustias da diplomacia, permittia d'ora em diante aos representantes das grandes potencias, chegar a sua casa, com um só quadrupede qualquer.»

O ministro da Prussia ficou de tal maneira confundido, que longe de se lisongear d'esta nova victoria, em seguida á de Sadowa, não ousou mostrar a nenhum dos seus collegas a carta do cardeal.

Um dos chefes da revolução italiana, M. Bianchi, declamava diante de Pio IX a respeito de *Italia, união da Italia, e dedicação á patria.* O Papa que conhecia o personagem, interrompeu-o dizendo:

«Bem sei: a Italia, a sua Italia, é a bolsa!...»

N'uma occasião gabavam em sua presença certo diplomata cuja especie é muito commum.

«Não me falleis—disse elle—d'esses semblantes sempre risonhos, e d'essas consciencias que se conformam com tudo. Esse, por exemplo, tem sempre na bôca as palavras as mais religiosas, mas se seu senhor lhe ordenasse de me encarcerar, elle viria participar-m'o de joelhos, e sua mulher me bordaria umas chinellas.»

Aconteceu uma vez apresentarem-se duas senhoras na audiencia com penteados de uma altura extraordinaria, a despeito do costume e da etiqueta. O Papa notou-as entre a multidão, e perguntou quem eram.

—São as sr.as Guerriere—lhe responderam.

—Ah! sim—replicou Pio IX bastante alto para poder ser ouvido por ellas—reconheço-as pelo capacete.

Um general francez, um pouco enfatuado, enchia Roma com os seus feitos militares. Pio IX mandou-o chamar, e disse-lhe:

«Senhor general, o seu imperador pronunciou estas bellas palavras: *O imperio é a paz.* Pois bem! os Papas tambem gostam da paz, e costumam dizer em toda a parte: *Pax vobis...*»

O general emendou-se.

No mesmo anno em que M. de Bismarck deu causa ao ridiculo e pequeno conflicto que acima se tratou, o principe da

Prussia chegou a Roma, e foi recebido, assim como todos os visitantes, dignamente e com bondade. O principe apresentou ao Pontifice uma imagem do Menino-Jesus, pedindo-lhe escrevesse algumas palavras por baixo, para lembrança. O Papa escreveu denodadamente as palavras de S. Lucas:

Illuminare his qui in tenebris... sedent, «para que a luz illumine aquelles que vivem nas trévas;» mas omittiu de proposito as outras palavras do texto sagrado: *Et in umbrâ mortis*, «e á sombra da morte.» Elle quiz só advertir e não magoar.

Alguns exaltados faziam circular uma caricatura representando Pio IX debaixo da fórma de uma tartagura. Pio IX viu-a, e disse:

«Na verdade, desejava têl-a feito. Sim, eu caminho devagar, mas vou caminhando sempre. Sou tartagura, mas não sou carangueijo.»

Algumas vezes mesmo, gostava de fazer o seu trocadilho de palavras, e conhecia bastante o francez para os fazer n'essa lingua.

O general de Goyon, chamado a Paris por Napoleão III, foi antes de partir despedir-se do Santo Padre, e disse-lhe n'essa occasião:

—Santissimo Padre, eu sou *appelé*, mas não *rapellé*.

—Vá meu caro general, achará o *r* em Paris—respondeu o Papa, que estava informado que Victor Manuel se queixava a Napoleão do zelo empregado pelo general contra as demonstrações dos revolucionarios de Roma, e imaginando bem que M. de Goyon não voltaria.

Um humilde religioso, nomeado para um bispado, supplicou ao Papa que o desencarregasse d'esse fardo, allegando primeiro a sua incapacidade. Pio IX respondeu:

«Não lhe toca julgar-se a si proprio; contente-se em obedecer.»

Então o religioso tomou por pretexto a insufficiencia de suas faculdades intellectuaes, sobretudo da memoria.

—Pois muito bem!—redarguiu Pio IX—o mal que d'ahi póde resultar, é que depois da sua morte não se póde dizer: «fulano, de feliz memoria.» Mas isto é um pequeno inconveniente.

E como o digno monge não ousava replicar, ficando n'uma visivel perplexidade, o Papa, commovido, mudou de linguagem fallando-lhe da fé.

—Escute, eu mesmo receiei tambem uma vez perder a memoria, mas recorri a um remedio, e não me dei mal; e este remedio é rezar todos os dias um *De profundis* pelas almas do purgatorio, applicando-o especialmente para a conservação d'esta faculdade. Faça o mesmo, meu filho, e tenha confiança. Eu vou abençoal-o e á sua diocese.

Depois d'esta benção, Pio IX despediu o novo bispo resignado e satisfeito.

Um dia o commissario de policia foi dizer ao Papa:

—Santissimo Padre, os revolucionarios de Roma procuram os meios de manifestar-se por um signal exterior para se conhecerem; este signal consiste em usarem um chapeu aguçado, mas achatado de maneira a formar uma cova. Que devo fazer?

—Mandae usar esses chapeus por alguns policias, e ámanhã terão desapparecido.

E assim foi.

N'uma audiencia em que se achavam numerosos peregrinos, e entre estes o Irmão Philippe, superior geral das escólas christãs, Pio IX avistando-o aproximou-se d'elle, e fazendo allusão a uma palavra de Jesus-Christo, disse:

—Philippe, onde compraremos nós pão para sustentar toda essa gente?

—Santissimo Padre,— respondeu o Irmão Philippe apresentando-lhe uma somma consideravel proveniente da classe artista —aqui está para dois dias.

Pio IX aproveitava as audiencias publicas para dar lições opportunas, auctorisadas pela sua edade e sua alta posição, e ao mesmo tempo pela sua bondosa alma.

Um fidalgo romano conhecido por suas más inclinações, indo um dia a fallar-lhe em segredo, Pio IX respondeu alto, de modo que todos ouvissem:

—Senhor, eu não gosto de gente de duas caras; préso as pessoas que têem um semblante sincero e christão, e que dizem quanto sentem publicamente, por que nada tem que esconder.

Outro fidalgo opulento, lamentava a corrupção da actual sociedade, e fingia acreditar que não ha meio de a corrigir.

—Perdão—exclamou Pio IX—eu conheço um excellente remedio para esse grande mal.

—Qual, Santo Padre?

—É que cada um começe por corrigir-se a si proprio.

Com os pobres, os pequenos e humildes, não era Pio IX senão bondade e meiguice. Um dia passeiando no campo, apeou-se da carruagem e caminhava a pé, quando encontrou um rapazinho carregado com um feixe de lenha secco, cortado no proximo montado.

—Imagino que não roubaste essa lenha—disse-lhe o Papa—era um grande peccado.

—Oh! não, Santo Padre.

—E que vaes agora fazer?

—Vou leval-a para casa, para cosinhar a *polenta.*

—Não querias antes vendel-a?

—Por que não, se a quereis?

—Toma, recebe isto.

E Pio IX deu-lhe dinheiro em prata. O rapaz olhou para o dinheiro e disse:

—Mas eu não tenho troco, Santo Padre.

—Não importa, guarda isso.

Todas as pessoas que assistiam a este gracioso dialogo, riam da melhor vontade. Pio IX continuou o seu passeio.

—Olá! Santo Padre,—gritou o rapaz—onde devo levar o feixe?

—Guarda-o, guarda-o para cosinhares a *polenta,* e faze por ser sempre um bom christão.

Em 1867, Pio IX passou em Alatri. De repente, uma mulher levando sobre a cabeça um cesto coberto, entrou no palacio onde habitava o Pontifice. Sobe até aos aposentos, mas ahi é obrigada a parar, e reconduzida á porta. Immediatamente começa ella a gritar, dizendo que quer fallar ao Papa, e n'essa intenção procura de novo chegar á sua presença. Ouvindo barulho, o Santo Padre informa-se da causa, e ordena que deixem entrar a mulher. Esta, sempre com o cesto á cabeça, passa orgulho-

samente, e depondo o seu fardo aos pés de Sua Santidade, com uma admiravel franqueza e ingenuidade, disse:

—Aqui tem, Santo Padre, são quatro prezuntos que lhe trago: coma-os que são muito bons. Tome lá.

O Papa recusou o presente, e queria que a mulher o levasse para sua familia.

—Mas, se os não acceitaes, meu marido fica descontente — redarguia ella.

—E onde está seu marido?

—Ao fundo da escada.

O Papa mandou chamar o marido, o qual se ajoelhou, colou os labios á chinella do Papa, e não se mecheu mais. Sua Santidade mandou-o levantar: nada. De repente levantou a cabeça, e á pergunta que lhe dirigem, responde que é pobre, mas que todavia tem para viver.

—Desejava—disse o Pontifice—dar-lhe um rosario e algumas medalhas, mas não as tenho.

—Vamos lá,—replicou o camponez—imaginaes que eu trouxe esses prezuntos para ser presenteado?

—Pois bem! em troca da medalha, tomae isto.

E o Papa apresentou-lhe um rôlo de cincoenta escudos.

—Santissimo Padre, se é dinheiro não acceito, é inutil; prefiro antes levar os meus prezuntos. Não quero que se diga que os vendi. Ah! Nossa Senhora me guarde!

O Papa sorriu.

—Meu bom filho, escutae o que vos digo. Com este dinheiro comprae um ou dois porcos, engordae-os, e para o anno, quando tiverdes prezunto novo, levae-m'o a Roma, eu o receberei como meu.

—Perfeitamente, Santo Padre!—respondeu o marido.—Agora sim; tenha saude, e até ao anno que vem.

E partiu com sua mulher, tão encantada como elle pelo desfecho. E os quatro prezuntos foram enviados a uma familia necessitada. Esta aventura foi contada alegremente por toda a cidade de Alatri.

Uma outra mulher chegada de Frosinoue, pediu para fallar ao Papa. Apesar das apparencias de mendicidade, foi admit-

tida á sua presença, e logo que o Papa appareceu, disse-lhe ella:

—Santidade, venho de Frosinoue para vos dar uma esmola, a vós que sois tão pobre como eu. Aqui está um escudo; abençoae meus filhos.

Pio IX respondeu:

—Dae cá o escudo, mas como sois tambem pobre, pegae n'esta peça (vinte francos) para vossos filhos, e que Deus vos abençôe a todos!

—Que diz, Santo Padre, envergonha-me!

—Não, não envergonho, pelo contrario, abençôo-vos e agradeço-vos.

Poderiamos multiplicar indefinidamente estas anecdotas. Terminamol-as, porém, por uma scena de commovedora grandeza descripta em 1867, por uma penna ingleza e protestante, o correspondente do *Morning-Post:*

«Pio IX é admiravel nas suas excursões ao campo. É uma verdadeira alegria encontral-o a pé, caminhando mais depressa que a sua idade permitte, sua magestosa estatura coberta por uma sotaina branca, assombrada por um chapeu roxo, de aba larga. Outro dia, estando eu em Aricia, encaminhava-se elle para Genzano, seguido de suas guardas e de sua carruagem. O ex-rei de Napoles e o infante, pouco antes regente, caminhavam em opposta direcção, seguidos tambem por suas equipagens e lacaios. Ao voltar da estrada, justamente no alto da quinta Chigi, os dois grupos encontraram-se. No mesmo instante Suas Magestades ajoelharam. Sua Santidade apressou o passo para ir erguel-os. Os camponezes que entravam em suas choupanas, voltando de suas vinhas e de seus prados com suas mulheres e filhos, acavallo em suas robustas eguas, paravam admirados. Depois, caminharam tambem, e ajoelhando de cada lado do grupo central formado pelos illustres personagens, bradaram em altas vozes:

«—*Santo Padre, la benedizione!* «Santo Padre, a benção!» Era um quadro commovedor!

Tanto Roma como Paris offereceram ao mundo, ao mesmo tempo, em 1867, dois espectaculos incomparaveis, mas bem

differentes. Emquanto que de toda a parte corriam para a exposição universal, para admirar a industria e as artes, na verdade maravilhosas, mas impregnadas de um caracter geral de materialismo, symptoma certissimo da decadencia das almas; emquanto o artifice parisiense, leitor assiduo do *Siècle*, passava sem comprehender diante dos canhões de Krupp, unico especimen da industria prussiana, e quando os mentecaptos de todos os paizes proclamavam a fraternidade universal e o progresso indefinido, vendo Napoleão III e Guilherme I da Prussia abraçarem-se com o Czar, e o sultão e o kediva, e o rei da Suecia desfallecer de gosto assistindo a estas vulgarissimas representações theatraes; a Roma das multidões menos variadas mas mais dignas, comprimia-se para festejar o decimo oitavo centenario do martyrio dos apostolos S. Pedro e S. Paulo, e a canonisação de vinte e cinco bem aventurados.

Paris representava o poder, o luxo, o bem estar, a voluptuosidade; Roma, a pobreza, a humildade, a mortificação e a castidade. Paris applaudia Alexandre II, o carrasco da Polonia; Roma, um bispo polaco, José Kuncieviez, condemnado á morte pelo fanatismo russo. Em Paris fazia-se a apotheose da liberdade do pensamento e da indifferença religiosa; em Roma a de um inquisidor martyr, Pedro Arbués. Paris acclamava os potentados e os vencedores do dia, Roma uma simples camponeza, Germana Cousin, e pobres monges desconhecidos, enforcados pelos hereticos havia trezentos annos, n'uma pequena cidade de Hollanda [1].

Para que se faziam tantos santos? Pio IX encarregou-se de responder a esta pergunta. Em fevereiro de 1867, dizia elle n'uma visita que fez ao convento dos Capuchinhos: «Acabam de entregar-me um folheto com este titulo: *Para que tantos*

[1] Todavia nós faziamos mal exagerando o contraste: este não podia ser absoluto, por que a Igreja abençoa as artes e a industria Não querendo contradizer o illustre auctor dos *Parfums de Rome* e dos *Odeurs de Paris*, a civilisação christã e a civilisação pagan tocam-se de perto presentemente, misturando-se sem se confundir: encontra-se já um pouco de Paris em Roma, e felizmente muita Roma em Paris. De modo que, em 1867, foi um Romano, e o que mais é um jesuita, o P.e Secchi, que fez as honras da exposição parisiense, e não receamos acrescentar, que as honras das festas romanas tambem pertenceram ao cléro francez.

santos? Mas tivemos nós nunca tanta necessidade de intercessores no ceo, e de modêlos na terra?» Algumas semanas depois, desenvolvendo o mesmo pensamento, e alludindo ás festas de Paris, dizia: «O homem não veio ao mundo unicamente para se enriquecer e ainda menos para gozar. Porém o mundo ignora isto; esquece o espirito, e dedica-se á materia. Este mundo de que vos fallo não é meu: eu não sou do mundo. Tambem não é vosso, ó vós que me escutaes: vós viestes aqui pelo espirito, e com boas intenções... É por isso que eu espero, que levareis da cidade Santa uma impressão salutar. Por piedade, meus queridos filhos, lembrai-vos que tendes uma alma... uma alma creada á imagem de Deus, e que Deus vos julgará! Eu vol-o supplico, occupai-vos mais da alma do que das especulações, das industrias, das vias ferreas, e de todas essas miserias que constituem os bens d'este mundo. Não vos prohibo, todavia, que vos interesseis por esses bens que passam; mas fazei-o com justiça e moderação, eu vol-o supplico novamente, lembraivos antes de tudo, que tendes uma alma!...»

Nenhum dos dez ou doze soberanos que visitaram a exposição de Paris teve o pensamento ou a coragem de ir a Roma; mas o povo e o clero dos differentes paizes recearam menos expôr-se. Quinhentos e doze bispos, vinte mil sacerdotes, perto de cento e cincoenta mil fieis foram contemplar o espectaculo bastante raro de uma potencia a mais contestada, a mais incessantemente combatida no mundo, celebrando o decimo oitavo centenario de sua fundação.

O vigario apostolico de Nankin, Monsenhor Larguillat, aproximou-se de Pio IX pela primeira vez. Logo que o introduziram em seus aposentos, prostrado no chão, e com os braços estendidos para o Pontifice, exclamou: *Tu es Petrus!*

— Chegai-vos a mim, meu irmão,—lhe disse Pio IX.

— *Tu es Petrus!*—repetiu o bispo chinez—*Tu es Petrus!*

E arrastou-se até aos joelhos do Vigario de Jesus Christo, o qual tão commovido como elle, levantou-o, abraçou-o e misturou suas lagrimas com as d'elle. Tal era a veneração que a Santa Sé inspirava até nas extremidades do universo.

Como homenagem de sua fé, os peregrinos levaram grandes

offertas para o Dinheiro de S. Pedro, e milhares de assignaturas. Os proprios italianos que se suppunham tão hostis, tornaram-se salientes por suas esmolas e protestos de dedicação. N'um dia de audiencia, quinhentos italianos reunidos, apresentaram ao Santo Padre um album monumental e cem bolsas cheias de oiro, offerenda de cem cidades italianas. Mons. Manning depoz aos pés de Pio IX 750:000 francos, opulento testemunho da caridade ingleza; o cardeal arcebispo de Malines deu para as festas do Centenario 400:000 francos, o arcebispo de Posen 500:000, o do Mexico 300:000, e o de Cuba 100:000 duros.

— Nós invertemos a ordem natural—observou Pio IX sorrindo—São os filhos que sustentam o pai.

É verdade que elle recebia n'uma das mãos e dava com a outra. Encarregava-se de alojar e sustentava cem bispos dos mais necessitados, italianos, orientaes ou missionarios, e não deixou partir nenhum sem lhes dar abundantes esmolas para as obras de suas dioceses.

A procissão da Festa de Deus, no dia 20 de junho, foi como que o preludio das augustas festas do Centenario.

Metade do episcopado rodeava o chefe da Egreja, o qual estava de joelhos com o Santo Sacramento nas mãos, a fronte pendida sobre a custodia, os olhos fechados, sereno no meio d'esta multidão como se estivesse sosinho no seu oratorio. E era tal o recolhimento dos numerosos assistentes que, segundo uma testemunha occular, em se fechando os olhos poderia imaginar-se que se estava n'um deserto, não se ouvindo outro rumor senão o murmurio das fontes.

No dia seguinte, celebrou-se o vigesimo primeiro anniversario da coroação de Pio IX. No dia 23 foi sagrada a Igreja de Santa Maria dos Anjos, admiravel monumento edificado pelo plano de Miguel Angelo nas Thermas de Diocleciano e reedificado por Pio IX. A 24, á sahida da basilica de S. João de Latrão, fizeram ao Papa uma ovação como talvez nunca tinha recebido. Ajoelhada na ampla praça, e quasi enchendo-a, a multidão que não coubera na basilica esperava a benção pontifical. Depois que Pio IX estendeu a mão para abençoar, todo o povo se levantou, e

por um unico movimento e um só brado respondeu: *Viva Pio IX, Viva o Papa-Rei!* Os braços e os lenços agitavam-se, as flores choviam, e a carruagem papal ficou por muito tempo aprisionada. O Santo Padre, apesar de estar acostumado ás demonstrações apaixonadas do povo, tinha os olhos cheios de lagrimas. A sua murça foi por assim dizer desfeita fio a fio pelos ecclesiasticos francezes que se achavam por traz d'elle, os quaes depositavam com veneração essas reliquias em seus breviarios. O ajuntamento de povo e as exclamações duraram até chegar ao Vaticano, isto é o espaço de uma grande legua. E todos os dias repetia-se o mesmo enthusiasmo.

A 25 de junho, n'uma paternal e forte allocução, animou Pio IX os padres estrangeiros reunidos a seu lado na capella Sixtina.

A 29, dirigindo-se aos bispos reunidos para a entrega do chapeu, ao cardeal-arcebispo de Sevilha, annunciou uma grande noticia a qual, na precaria situação em que se achava, redusido como estava unicamente ao territorio de Roma, e ameaçado n'esse mesmo momento pelas guerrilhas de Garibaldi e pelo exercito italiano, mostrava a intrepidez de sua coragem e confiança. Esta noticia era o proposito de um proximo concilio ecumenico. A voz de Pio IX foi por um momento abafada pelos applausos da grave assemblea, a alegria e o affecto eram mais fortes que o respeito. A revolução, surprehendida e descontente, fingiu gracejar com esta nova, e a principio poucos governos acreditaram n'ella; mas o mundo catholico estremeceu de jubilo e esperança, saudando n'este annuncio uma das datas mais solemnes da historia. M. Luiz Veuillot escrevia: «A Europa que sua fé tornou propheta n'esse dia, tem agora alguma razão de contar com dois annos de paz, por que o Concilio deve effectuar-se tendo Pio IX marcado o dia.»

A verdadeira solemnidade, porém, teve lugar a 29 de junho, dia do Centenario e das canonisações, e depois o dia 7 de julho, em que foram beatificados duzentos e cinco martyres japonezes. Todavia, os limites que nos impozemos escrevendo esta obra, não nos permittem uma descripção circumstanciada. As ceremonias foram eguaes ás de 1852, e 1863, afóra as multi-

dões que foram ainda mais numerosas, as acclamações mais incessantes, as illuminações mais esplendidas. Como n'essas duas memoraveis datas, os bispos não quizeram separar-se sem ter exprimido de novo, por um protesto commum, sua adhesão plena a todas as acções e ensinamento de Pio IX. Nunca, nos mais famosos tempos da fé, nunca, o corpo da Igreja se mostrou tão unido á cabeça, nem os membros entre si.

CAPITULO XVII

Mentana

Nos memoraveis dias que acabamos de citar, estava ausente a guarnição franceza. É escusado accrescentar que se passou tudo no maior socego, posto que a população de Roma fosse litteralmente duplicada. A piedade filial sabe guardar-se a si propria e conter-se, sem que haja necessidade de policia. Conformando-se com a revolução de setembro, Napoleão III tinha retirado suas tropas, havia sete mezes. Em 6 de dezembro de 1866, tinha-lhe Pio IX feito suas despedidas nos termos seguintes:

«A vossa bandeira, que saíu ha dezoito annos de França, afim de defender os direitos da Santa Sé, foi então acompanhada pelos votos e acclamações de toda a christandade. Hoje que volta á França, desejo, meus queridos filhos, que seja recebida com as mesmas acclamações, todavia, duvido muito que assim succeda. Vê-se claramente, que pela rasão de ter deixado de me proteger, os meus inimigos não deixarão de a atacar, antes pelo contrario.

«É preciso que não nos illudamos: a revolução chegará aqui; ella protestou-o, protesta-o ainda. Um alto personagem italiano, dizia ha pouco tempo que a Italia está creada, mas não completa. A Italia estaria derrotada se existisse um canto de terra onde reinasse a ordem, a justiça e a tranquillidade!...

«Haverá seis annos, que eu fallei com um representante da França, e este perguntou-me se eu tinha alguma cousa para transmittir ao imperador. Respondi-lhe: Santo Agostinho, bispo de Hippone, cidade hoje franceza, vendo os barbaros á porta da cidade, pediu ao Senhor a morte antes da sua entrada, por que o seu espirito se aterrava com as desgraças que elles conduziam comsigo. E accrescentei: Dizei isto ao imperador; elle me comprehenderá. O embaixador respondeu-me: «Santissimo Padre, socegae, os barbaros não entrarão.» Mas o embaixador não era propheta.

«Ide, meus filhos, parti com a minha benção e com o meu affecto. Se virdes o imperador, dizei-lhe que rogo todos os dias por elle. Dizem que sua saude não é boa; eu peço a Deus que lhe dê melhoras. Dizem tambem que sua alma não está socegada; eu oro pela sua alma. A nação franceza é christã, logo seu chefe deve tambem ser christão. Á custa de orações, acompanhadas de confiança e perseverança, esta nação tão grande e tão poderosa, chegará a obter o que deseja... Ide, meus filhos, vou abençoar-vos, desejando que a minha benção vos acompanhe em toda a jornada da vida. Não penseis que me deixaes aqui, só, sem recursos; resta-me Deus; é n'Elle que confio!»

E, mentalmente, Pio IX accrescentou: «Sim, aqui está Deus sustentando o seu vigario e impedindo-o de desfallecer. Elle póde consentir que o expulsem, mas para mostrar de novo que póde reintegral-o. Já fui expulso, e voltei. Se tornarem a expulsar-me, eu tornarei a voltar. E se eu morrer... Pois bem! se eu morrer, Pedro resuscitará!»

A previdencia do perigo em Pio IX, não abalava a confiança, nem a confiança abalava a previdencia. A fallar verdade, o que elle ousava dizer em voz alta: «A revolução chegará aqui,» qualquer seria capaz de o pensar, mas de dizel-o, só em voz baixa.

A convenção de setembro deixava a pequena realeza pontifical cercada por todos os lados de seus inimigos, exactamente na mesma situação onde se acharia o governo de Napoleão III, se se encontrasse isolado em Paris, e nos dois unicos territorios do *Seine* e de *Seine-et-Oise*, estando o resto do paiz em poder de um governo republicano, ou de uma monarchia bourbonica. Em

vão, M. Rouher se esforçava por demonstrar nas camaras que era este um equilibrio estavel e duradoiro por sua natureza: não convencia ninguem com seus argumentos. Mas, as maiorias imperiaes recrutadas pelo systema das candidaturas officiaes, não pediam ao condescendente ministro rasões que elle não tinha; pediam-lhe unicamente pretextos que lhe permittiam votar decorosamente, segundo os desejos do senhor.

A prophecia de Pio IX devia cumprir-se, mas não sem que houvesse um intervallo de gloria. Desde o dia seguinte aos gloriosos desastres de 1860, o intrepido Mons. de Mérode, e depois o general Kanzler, que lhe succedeu como ministro da guerra, tinham-se occupado em reformar o pequeno exercito pontifical. O exito correspondeu a seus esforços. La Moriciere tinha morrido no fim de 1865; mas grande numero de seus veteranos de Castelfidardo e Ancona voltaram a Roma em 1866, ao annuncio de novos perigos. O corpo dos zuavos augmentou suas fileiras com a flor da mocidade franceza, hollandeza, belga, ingleza, suissa e romana, as quaes tiveram a honra de o completar. O porte, os nomes illustres d'esses novos crusados, e a perfeita disciplina de todos, impunha respeito até mesmo aos rarissimos facciosos romanos. *Signor soldato,* «senhor soldado,» é assim que os interpellavam nas ruas qualquer que dirigia a palavra a esta valente mocidade, que de longe ali se *fôra alistar,* e os escriptores vendidos á revolução começaram a chamar-lhes «mercenarios do Papa.»

Emquanto que uns offereciam seu sangue, outros davam seu dinheiro. Ao dinheiro de S. Pedro, accrescia a renda dos soldados pontificaes, isto é, a sustentação d'esses generosos soldados. A fim de prefazer a somma de quinhentos francos, necessaria annualmente para cada um d'elles, viram-se artistas, domesticos, e até pobres raparigas, cotisarem-se juntamente. Em 1867, os fieis do bispado de Cambra, sustentavam duzentos zuavos á sua parte, os de Rodez, cem, e os de Arras, de Cologne, Nantes, Rennes, e Toulouse, outros tantos.

Por outro lado, meio esclarecido pelo raio de Sadowa, o governo francez parecia ter-se esquecido da sua maxima secreta de 1860, a respeito da protecção da Santa Sé:

«Nem trabalhar, nem deixar trabalhar.»

Abandonando Roma, tinha auctorisado a creação de um corpo de voluntarios, sob o commando de um chefe designado por elle, sendo estes recrutados, em grande parte, no exercito francez, para vellar pelo Papa. Chamava-se a esta legião, a legião de Antibes, nome da cidade em que se creou.

Além d'isso, Pio IX podia contar com os sentimentos do exercito romano propriamente dito. Era o quanto bastava para manter a tranquillidade interior, suppondo que nenhuma aggressão exterior se désse.

Mas a este tempo, já Garibaldi tinha preparado esta aggressão. Ao mesmo tempo que elle consolidava, no congresso demagogico de Genebra, a organisação da *Internacional*, o infatigavel guerrilheiro tinha aproveitado a affluencia dos peregrinos em Roma para illudir a policia pontifical, e introduzir na cidade bandos de sicarios, munições, armas de toda a especie, e bombas de Orsini.

Depois da partida dos bispos, abriu elle publicamente na Italia uma subscripção para o alistamento de soldados. Os armazens do governo piemontez estavam ás suas ordens, como tinham estado em 1860, para o ajudar a fardar e armar seus voluntarios. Numerosos officiaes do exercito regular se arregimentaram nas suas fileiras, sem mesmo se darem ao cuidado de occultar as divisas de seus uniformes, nem suas armas. Os municipios davam subsidios aos garibaldinos, por deliberação publica, e as administrações dos caminhos de ferro forneciam-lhes locomotivas especiaes. No meio d'estes actos de manifesta cumplicidade, Victor Manoel enviava a Paris protestos sobre protestos. Não podia, dizia elle, desligar-se das obrigações que lhe impunha o primeiro artigo da convenção de 15 de setembro de 1865, podendo confiar-se n'elle, para suspender os amotinadores, e reprimir, ainda que fosse pela força, toda a violação da fronteira pontifical.

Victor Manoel não se contentou em fallar: operou como tão bem o sabia fazer. Garibaldi viu-se internado em sua ilha de Caprera, mas pôde escapar-se a salvamento, atravez de sete navios que o guardavam. Então deu-se um mandado de prisão

contra elle, procurando-o activamente em Genova, Turim, e por toda a parte, excepto em Florença, onde elle arengava á multidão em plena praça publica, debaixo das janellas do palacio do rei; e depois, quando se lembraram de o prender em Florença, soube-se que acabava de partir para a fronteira romana, n'um comboyo expresso, com todo o seu estado maior. Quizeram usar do telegrapho para fazer retroceder a locomotiva, mas o telegrapho não cumpriu o seu dever, talvez por falta de um empregado faccioso. A este respeito, o governo italiano não deixou de abrir immediatamente uma devassa, protestando castigar o culpado, se o havia. E depois d'isto, que mais podiam exigir?

Não se tinha a França contentado com bem menos, em 1860?

Durante a troca d'estas notas diplomaticas, Garibaldi e os seus penetravam, ao mesmo tempo, por todos os lados, nos estados pontificaes. Vinte e sete soldados que guarneciam a pequena cidade d'Aquapendente, foram surprehendidos por duzentos e cincoenta garibaldinos, os quaes reforçados por um segundo bando, marcharam d'ali para Ischia, Valentano e Canino, roubando os depositos publicos, saqueando as egrejas e os conventos, e retirando prudentemente todas as vezes que encontravam forças pontificaes em numero consideravel. Cem zuavos, ou soldados de infanteria, tendo tido a temeridade de os perseguir até Bagnorea, e de os atacar á bayoneta calada, foram repellidos. Nem podia deixar de ser assim, em vista da espantosa desproporção numerica. Garibaldi proclamou a victoria com o seu costumado orgulho:

«Vivam os vencedores de Aquapendente e Bagnorea! Os mercenarios estrangeiros fugiram diante dos valorosos campeões da liberdade italiana. Esses brigões avidos de sangue, conheceram a estranha generosidade dos altivos vencedores. Sim, a vós, padres mestres requintados na sabedoria das fogueiras, das torturas e das paixões, a vós que sugaes com a alegria da hyena, no calix da vossa mentira, o sangue dos libertadores, perdoam-vos assim como a vossos soldados carrascos, lama infecta de todas as latrinas catholicas...»

Mas antes de se promulgar esta proclamação, onde se fallava de misericordia n'um estylo que tão pouco a demonstrava, já os vencedores d'Aquapendente e de Bagnorea tinham sido expulsos de suas faceis conquistas, e por uma d'estas ironias do destino, que Garibaldi não podera prever, eram elles que, caidos nas mãos dos pontificaes, tinham pedido e obtido perdão.

Póde mesmo dizer-se, que n'esta occasião, a generosidade dos soldados do Papa foi excessiva, por que os vencidos eram culpados de muitos outros crimes que o de levantamento á mão armada.

Elles tinham saqueado a cathedral de Bagnorea, despedaçado o tabernaculo, roubado os vasos sagrados, polluido a imagem de Nossa Senhora, traspassado o crucifixo com as bayonetas, decapitado as imagens dos santos, e por uma infernal parodia, tinham fusilado um homem inoffensivo, para que o sangue humano corresse sobre o altar do sacrificio.

Em Subiaco, o governador, que era um sacerdote, caiu com a cidade em poder dos bandidos, e estes aprestavam-se para já saquear uma, e levar o outro á morte, quando os pontificiaes appareceram. A lucta foi pouco duradoira. Sendo morto o chefe dos garibaldinos, o resto debandou. E então os que guardavam o prisioneiro, lançaram-se a seus pés, bradando:

«Por piedade, Monsenhor, não nos entregueis aos zuavos; matam-nos de certo!...»

O governador mandou-os entrar para o seu oratorio, fechou a porta, e logo que o commandante dos zuavos chegou, contando-lhe o que se passára no combate e os soldados que tinham aprisionado:

— Prisioneiros? — interrompeu rindo o governador — toda a gente os fez, e eu tambem, posto que não uso espada como vós.

— E onde estão elles? — perguntou o outro.

— Ah! elles são meus e não vossos; promettei-me de respeitar o direito absoluto que tenho sobre elles como vencedor; senão não vol-os entrego.

O commandante prometteu o que lhe pediam. Então o governador abriu a porta de seu oratorio e mandou sair os garibal-

dinos. Os prisioneiros, maravilhados, pediram-lhe que os abençoasse, e depois de terem recebido a benção, passaram livremente a fronteira italiana.

A 14 de outubro, o negocio de Monte-Libretti foi mais sério, Oitenta zuavos luctaram desde as cinco e meia horas da tarde até ás oito, contra mil e duzentos garibaldinos. Seu capitão Arthur Guillemin, e seu alferes, Urbano de Guélen, ali morreram gloriosamente. Chegada a noite, os zuavos já não podiam bater-se, e não ousando aboletar-se nas primeiras casas que tinham tomado, quando o resto da cidade regorgitava ainda de inimigos, retiraram em boa ordem, levando seus mortos e conduzindo doze prisioneiros. Na manhã seguinte voltaram ao assalto, mas já encontraram a cidade evacuada.

A violação do territorio pontifical era muito flagrante para poder ser negada por mais tempo, de fórma que o gabinete das Tuilerias não ignorava cousa alguma do que se passava. Por acaso achava-se este representado em Roma por um diplomatico de uma outra escóla que as dos Thouvenel e dos Lavalette.

O embaixador, M. de Sartiges, achava-se com licença, e era M. Arman, quem o substituia. M. Arman cumpria rigorosamente seus deveres, satisfazendo-os com honradez, e arriscando-se mesmo a tornar-se importuno, não deixava de ter a França, dia por dia, ao corrente dos successos que se estavam dando. D'este modo, um simples secretario de embaixada salvou a honra de seu paiz.

Collocado de fórma que podia perfeitamente deter-se, segundo o convenio de setembro, o governo de Florença invadiu os arredores da fronteira pontifical, sob as ordens de Cialdini, com uma força de quarenta mil homens, e fez saber ás Tuilerias que estava alli para as guardar. Provou, porém, pouco depois, que estava alli mas era para entrar com Garibaldi, como succedera em Napoles, em 1860.

Emquanto estes se conservavam na espectativa, os aggressores passavam tranquillamente entre os differentes portos, e quando eram derrotados e perseguidos pelos pontificaes, iam formar-se por detraz das fileiras piemontezas.[1]

[1] Não esqueceu ainda o discurso espirituoso e leal, que n'esta occasião escapou á penna de um chronista pouco catholico, M. Villemont. N'este

Entretanto, o pequeno numero dos soldados pontificaes, via-se desordenado, mas as hordas garibaldinas, posto que derrotadas, avançavam sempre. Em Roma reinava o terror. Os sicarios da Revolução fallavam em fazer arrazar os edificios, e começaram pela cazerna Serristori, que tinham minado, e a qual sotterrou, uma noite debaixo de suas ruinas, os musicos do batalhão de zuavos, surprehendidos pela morte no meio de um ensaio. Foram estas, felizmente, as unicas victimas. Todos os outros zuavos que patrulhavam a cidade, estavam n'esse momento muito longe da cazerna.

Os garibaldinos esperavam a explosão. Espalhavam-se pelas ruas, procurando aproveitar-se do terror e da confusão geral, para se apossarem dos postos militares. D'este modo poderam assassinar, ás escondidas, alguns soldados e alguns gendarmes, mas nem mesmo conseguiram tocar a rebate no Capitolio, que era o signal convencionado. Seu principal chefe, um milanez chamado Cairoli, foi morto, com as armas na mão, com uns vinte soldados, n'uma vinha dos arrabaldes da cidade. O golpe falhou.

O gabinete das Tuilerias cessou emfim de obstinar-se contra a evidencia e contra o brado unanime da consciencia publica. Um pequeno corpo do exercito tinha-se reunido em Toulon, quando chegou ordem para embarcar e dirigir-se para Civita-Vecchia. Os catholicos respiraram. Mas com as novas promessas chegadas de Florença, foi dada a contra-ordem, e o embarque suspenso. Victor Manoel e seu ministro, M. Rattazzi, ima-

figura um general piemontez, encarregado especialmente de se oppôr á passagem dos garibaldinos, não conseguindo fazer parar nenhum.

«O primeiro bando compõe-se de quatrocentos vigorosos e galhofeiros latagões, os quaes têem tratado—dizem elles—um encontro com os gendarmes do Papa, como bons filhos.» Deixae passar.

«Eis aqui o segundo: Estes são os ceifeiros. Trazem as armas ás costas. É para matar o gorgulho.—Muito bem.—E aquelles que seguem?—São os jardineiros que vão plantar as flores no jardim do Soberano Pontifice.» Perfeitamente, que passem!

«Um momento depois, apresenta-se uma comitiva nupcial. São oito ou novecentos convidados; já é demasiado. Mas, ou se tem amigos, ou não. O general abraçou a noiva, na qual reconheceu o seu antigo camarada, e disse-lhe:—Pateta! esconde essa arma que se está vendo por debaixo do vestido!»

ginaram comprehender a significação secreta d'esta contra-ordem, e recordando-se do passado, mandaram que as tropas de Cialdini transpozessem ousadamente a fronteira pontifical.

A esta noticia, todos os que tinham a peito a honra franceza, acreditaram que não havia volta a dar-lhe, resignando-se n'um sombrio silencio, a tragar mais esta vergonha. Os proprios indifferentes se indignaram. Em Paris, nos passeios, não se fallava senão para se perguntar até onde nos levariam esses *farcistas italianos*; não se nomeavam de outra maneira. Os inimigos do Papa, que não o eram menos do imperador, triumphavam, mas em silencio. Os deputados, protestavam com os catholicos, ou não ousavam mostrar-se; e os ministros calavam-se... O exercito de Toulon, partiu.

Era tempo; assim o entenderam. Tanta demora houve na decisão, quanta precipitação na partida. O exercito francez desembarcou em Civita-Vecchia, a 29 de outubro, sob o commando do general Failly.

Tres dias antes, a 26, a pequena cidade de Monte-Rotondo, a cinco leguas de Roma, foi atacada por Garibaldi e por cinco mil e quatrocentos homens. A guarnição da cidade contava apenas trezentos e cincoenta soldados, da legião d'Antibes. Este punhado de bravos, defendeu-se dois dias, e repelliu cinco assaltos.

Finalmente, não houve remedio senão ceder, e retirar, tendo-se-lhe esgotado as munições. Mas Garibaldi ficou tambem de tal fórma desbaratado e desorganisado com esta ingloria victoria, que não poude por muitos dias continuar a sua marcha. Esta victoria, porém, de Garibaldi, salvou Roma.

Monte-Rotondo teve egual sorte á de Bagnorea. Para encontrarmos na historia scenas tão violentas como estas, é preciso remontarmo-nos até á invasão dos Barbaros; todos os periodicos do mundo o attestam. Deve, todavia, fazer-se justica a Garibaldi. Este, n'uma ordem do dia, de 28 de outubro, reprovou publicamente os vergonhosos excessos dos companheiros de suas proezas, procedendo a necessarias syndicancias; mas o que elle não podia, era impedir que elles deixassem de mostrar o que eram: uma turba de scelerados golphados sobre o estado pon-

tifical, pelas sociedades secretas de todo o universo. Uma outra cousa o assombrava: era achar tão pouco acolhimento da parte das populações que elle imaginava ir libertar. Seu principal tenente, Bertani, assevera isto mesmo na *Refórma*, de 18 de novembro de 1867; dizia elle:

«Devemos confessar, que as populações romanas não têem nenhuma idéa a respeito da individualidade da Italia. Nós não ouvimos um unico brado de alegria a receber-nos, ou a animar-nos; não obtivemos o menor soccorro espontaneo, nem uma palavra consoladora d'esse povo embrutecido.»

O general Zanzler, ex-ministro da guerra, reconhecendo a impossibilidade de disputar indefinidamente a fronteira ás guerrilhas que se reforçavam incessantemente, ordenou ás guarnições isoladas, que se concentrassem todas em Roma. Antes de mais nada, era Roma que importava resalvar de qualquer golpe inesperado dos invasores. Garibaldi, depois de reforçado, avançou para além do Monte-Rotondo. Cialdini seguia-o a distancia, sem ousar ainda appoial-o abertamente. A este tempo chegavam os francezes.

Zanzler partiu de Roma a 3 de novembro, ás duas horas da manhã, seguido por 3.000 pontificaes e de 2.000 francezes. «Venham, dizia elle a M. Emilio Keller, ao doutor Ozannam e a outros chegados de Paris, para organisar o serviço das ambulancias pontificaes. Venham: verão uma esplendida batalha.»

O pequeno exercito encontrou o inimigo, á uma hora da tarde, a pouca distancia da cidade de Mentana, antigamente Numentum, a qual deu seu nome á via Nomentana.

Garibaldi tinha dez a doze mil homens; emboscou-os sobre os pincaros encobertos pelo arvoredo, e dispersou o resto em atiradores por entre as sebes. Pianciani, que foi depois governador de Roma, commandava a ala esquerda.

Os pontificaes começaram o fogo; mas que se podia fazer contra um inimigo, póde-se dizer, invisivel, e superior em numero?

Um dos veteranos de Castelfidardo, o tenente-coronel de Charette, o mesmo que devia illustrar-se mais tarde em Patay e em Mans, entendendo que nada se podia fazer com a infanteria, bradou: «Vamos, meus zuavos! á bayoneta, e lembrae-vos que

o exercito francez nos contempla!» Os zuavos responderam, enthusiasmados: «Viva Pio IX!» E atiraram-se para a frente, seguindo-o.

Os garibaldinos foram desemboscados da primeira eminencia, em seguida, das outras, e seriam todos derrotados, se não fossem os formidaveis entrincheiramentos que lhe offerecia a *Vigna Santucci*. Chama-se assim a uma série de vinhas e jardins formados em espiral, uns sobre os outros e separados por muros. Garibaldi estava collocado no alto, em uma herdade, d'onde dirigia o fogo, sem se expôr ao perigo. A posição era formidavel. Charette vê seus soldados hesitantes, e grita-lhes: «Avante, zuavos, ou eu me deixo matar!» E no mesmo instante, seu cavallo ferido por uma bala, cáe sobre elle. Então os zuavos escalam os muros e os barrancos, sem se occupar dos que cáem a seu lado. Garibaldi perturba-se á vista d'esta columna vivente. Retira da herdade para o centro da povoação, e depois para o castello de Mentana. Os zuavos perseguem-no, e avançam denodadamente, apesar do fogo mortifero que cáe dos muros do castello, e de terem ao mesmo tempo de repellir, á bayoneta, um ataque geral do inimigo.

Todavia, um tal esforço não podia sustentar-se por muito tempo se não fossem ajudados, e a valentia e a coragem teria de succumbir debaixo do numero. O general de Consten, que dirigia a batalha, mandou pedir soccorro ao general Polhés, commandante dos francezes. Estes, até áquelle momento, tinham-se conservado espectadores inactivos, posto que não impassiveis. «Bravo! bravo, zuavos!» gritavam impacientes por entrar em combate. De repente, a um signal do chefe, lançaram-se em campo.

Á sua frente distinguia-se o coronel Saussier, do 29 de linha, depois general e deputado á Assembléa Nacional de Versailles. O atroar precipitado, e até então desconhecido, das espingardas Chassepot, levou a morte e o espanto até ao recinto do castello.

N'este em meio, um destacamento de zuavos, manobrando á retaguarda, collocou-se entre Mentana e Monte-Rotondo, e cortou os reforços que d'aquella segunda praça chegavam aos ga-

ribaldinos. Este caso acabou de perturbar os bandos, já desmoralisados. A noite que sobreveio, favorecendo a fuga, mudou-a em derrota. O proprio Garibaldi, que tantas vezes repetira: «Roma, ou a morte», safou-se como o ultimo dos fugitivos, favorecido pelas trévas. Os filhos fizeram o mesmo. Esperava-se que elles no dia seguinte voltassem ao combate, porque, senhores de Monte-Rotondo, tinham alli um centro excellente para se reunirem. Nada d'isso. Na noite immediata á batalha, Garibaldi e os filhos repassaram a fronteira italiana.

«*Si salva sempre!*» Salva-se sempre, diziam com amargo desalento os seus camaradas trahidos e abandonados, ao passo que os soldados francezes, sempre dispostos á chalaça e jogo de vocabulos, denominavam o feito d'armas da vespera, com o nome da batalha de *Montre tondos* (mostra os calcanhares.)

Os garibaldinos do castello, com os que se não tinham podido escapar, entregaram-se, sem condições, ao general de Polhès.

A victoria custou pouco sangue aos vencedores, graças á rapidez com que foi alcançada.

Do exercito francez morreram dois homens, e foram feridos dois officiaes e trinta e seis soldados; dos pontificios morreram vinte, e foram feridos cento e vinte e tres, dos quaes succumbiram bastantes. A gratidão do mundo catholico, registrou entre estas nobres victimas, alguns nomes já bemquistos da egreja. Bernardo de Quatrebarbes, sobrinho do defensor de Ancona; Rodolpho de Maistre, neto do immortal auctor do *Papa*, e João Muller, filho do celebre apologista allemão.

Para não faltar alguma gloria ao campo da batalha de Mentana, ahi cairam os martyres da caridade, quando outros heroismos de coragem e dedicação se não dessem. As filhas de S. Vicente de Paulo, circulavam por entre os feridos e moribundos, soccorrendo todos sem distincção de uniformes. Não havia agua.

O zuavo pontificio, Jolio Wattes Russell, filho de um anglicano convertido, foi buscal-a para um garibaldino agonisante. Quando elle erguia brandamente a cabeça do moribundo para lhe dar de beber, uma bala feriu-o mortalmente, prostrando-o sobre o ferido que elle soccorria.

Acharam-lhe na algibeira um bilhete em que a si proprio se exhortava assim: «Minha alma, minha alma, ama a Deus, e segue o teu destino.» Qual christão não invejaria tal morte, coroando a vida que aquellas palavras deixam suppôr?

Os vencidos tinham sido fanatisados pelas sociedades secretas e por Garibaldi, esse pobre doido furioso, que não podia escrever quatro linhas, nem pronunciar quatro palavras sem lhe misturar esta salgalhada: *Traições da raça negra, chaga purulenta da Italia, veneno do Vaticano, ninho de viboras, mentiras de Pio IX, esta peste, esse monstro, este assassino, duas vezes maldito, como padre e como rei.* Tambem, logo que se viram prisioneiros, esperaram o mais duro tratamento, e as mais terriveis vinganças.

Qual não foi porém sua surpresa, quando viram levantar do campo da batalha os seus camaradas feridos, com tantos cuidados e precauções como os pontificios, e aquelles que o não estavam, guardados a principio por uma boa escolta, por unico castigo, foram livres, pouco a pouco, á medida que se adquiria a certeza de que Garibaldi não recomeçaria tão cedo!

A amnistia foi completa. Esta extrema clemencia de um governo legitimo para uma aggressão de scelerados, é um nobilissimo contraste com as implacaveis vinganças do rei usurpador. Com effeito, Victor Manoel não hesitára em mandar matar o general hespanhol Borges, e seus companheiros napolitanos, aprisionados com as armas nas mãos, n'uma tentativa de revolta para a restauração do reino de Napoles, e a favor de seu antigo rei Francisco II.[1]

[1] O principe Napoleão tentou justificar, diante do senado francez, a execução de Borges. A este proposito exclamou com o cynismo que usava em todos os seus discursos:

«Pensaes vós que, se ámanhã alguns centos de orleanistas desembarcarem armados na costa da Normandia, nós nos contentariamos em os repellir, deixando-os voltar á Inglaterra a salvo? Nós fariamos, e com rasão, fusilar todos!»

A esta declaração do principe democrata, um estremecimento percorreu as fileiras dos senadores, mas não se achou alli ninguem que lhe recordasse, que o governo de Luiz Philippe, por duas vezes concedera a vida ao futuro imperador Napoleão III, e que se elle não tivesse sido mais generoso que o principe Napoleão, nunca este chegaria a habitar o Palais-Royal.

M. Rouher, ministro de Estado, não pôde recuar! Fez um longo discurso defendendo a politica de Napoleão III contra uma e outra interpellação, encerrando-se de novo na incrivel chimera de não querer sacrificar nem a união italiana ao passado temporal, nem o passado temporal á união italiana.

Por um lado, M. Julio Fabre objectou que tanto a Italia como M. Menabrea actual chefe do gabinete de Florença, de quem o ministro francez acabava de louvar a sabedoria e a moderação, não cessava de declarar indispensavel a posse de Roma [1]. Por outro lado numerosas murmurações protestaram contra a injuriosa egualdade que se fazia entre os direitos do Papa e os da Italia, entre a victima e o algoz.

M. Rouher sentiu pela primeira vez a maioria a ponto de fugir-lhe, depois de estar dezesseis annos com o governo imperial. Voltando-se pois para Julio Fabre declarou-lhe «que não concordava antes repellia absolutamente a sua politica»; em seguida dirigindo-se aos conservadores, affirmou que defenderia Roma contra a Italia, com tanto que se não desse a desejada conciliação, e que *nunca*, *nunca* a França abandonaria Roma. Terminou por fim, pedindo á camara que se cingisse ao governo, o qual em prova da sua firmeza acabava de dar a batalha de Mentana.

Prolongados applausos acolheram esto declaração, e a quasi unanimidade dos votos não foi mais duvidosa.

Todavia, passado o primeiro abalo, quizeram ainda ver n'esta affirmativa, tão apparentemente clara, uma especie de indecisão.

M. Berryer, glorioso veterano da tribuna franceza, observou que a expressão *Roma* unicamente, era pouco satisfatoria, e que era preciso não deixar ao governo a faculdade de entregar um dia os arrabaldes conservando a capital. Um consideravel grupo de deputados appoiou immediatamente esta observação, sendo necessario com Napoleão III desconfiar dos subterfugios. M. Rouher foi obrigado a tornar a subir á tribuna. Este completou —disse elle—seu pensamento, declarando com applauso da Ca-

[1] M. Ratazzi tinha pedido a sua demissão depois da batalha de Mentana.

mara, que o imperador garantia não só a Roma, mas ao actual territorio da Santa Sé, toda a sua integridade.

Tal foi a memoravel sessão de 4 de dezembro de 1867, onde a vontade da França se impoz finalmente ao seu despota; muito tarde infelizmente, tanto para elle como para ella.

Se os representantes da nação tivessem mostrado desde o principio a mesma energia, se o imperio tivesse sempre fallado como no dia 4 de dezembro de 1867, se sobre tudo, tivesse procedido conforme a sua palavra, ou não tinha cahido, ou teria cahido com honra; e nunca teriamos visto nem a união italiana, nem a união allemã, e a negra bandeira da Prussia não fluctuaria hoje sobre Metz, Mulhouse e Strasbourg.

CAPITULO XVIII

As nupcias de ouro de Pio IX.—Pio IX moedeiro falso. Concilio do Vaticano.

Salva ainda uma vez das violencias de Garibaldi e das hypocrisias do governo italiano, Roma continuava ainda assim a ser ameaçada: o mundo catholico não se entregou a uma illusoria segurança. Os voluntarios affluiram de novo. Do Canadá, em 1868, chegaram dois mil e trezentos. Esses *mercenarios* dispendiam á sua custa. Os bispos da Hungria forneceram tres esquadrões de hussards, todos montados e armados, e sustentados á custa d'uma subscripção.

O clero e a nobreza de Galicia, enviaram os lanceiros. A França, a Belgica e a Allemanha catholica, tomaram a seu cargo a sustentação dos zuavos pontificaes.

Quanto ao Pontifice, esse, continuava a entregar-se socegadamente aos trabalhos de seu supremo cargo, e ás inspirações de sua caridade. Em 1868, fundou elle uma escola de agricultura para adolescentes. Dotou-a com os instrumentos mais aperfeiçoados, incumbindo da sua direcção os irmãos belgas da Misericordia; e todas estas despezas foram feitas do seu bolso particular. O estabelecimento chamou-se a *Vigna Pia*, nome de seu augusto fundador. Quem se aproxima de Roma, avista o edificio sobre uma eminencia, á esquerda do caminho de ferro.

No dia 11 de abril de 1869, dia em que fazia cincoenta annos que Pio IX celebrára a primeira missa, houve em todo o universo uma explosão de affecto e amor.

Todos os soberanos da Europa, congratularam filialmente, por cartas autographas ao Santo Pontifice; mas apesar d'isto, a alegria dos povos ultrapassou toda a descripção. Em Roma, a festa das *Nupcias de ouro de Pio IX*, durou tres dias. Além d'isso, como coincidiu com o domingo do Bom Pastor, foi em toda a parte celebrada nas egrejas, e em muitas praças publicas e nas montanhas, por illuminações e fogos de artificio. A imprensa religiosa abriu tambem uma subscripção denominada: «Consoadas a Pio IX.» A generosidade publica não se esgotára com o dinheiro regular de S. Pedro, e poder-se-hia mesmo citar um diario, que só á sua parte recebeu mais de cem mil francos.

Mons. Melchers, arcebispo de Cologna, na sua instrucção pastoral, observou que nunca houve Papa que estivesse em relações tão intimas, e ao mesmo tempo tão universaes, com o coração da humanidade. E com effeito, o que para o Pastor supremo foi a mais agradavel de todas as demonstrações, foi pensar que milhares e milhares de fieis se uniam á sua missa, na manhã de 11 de abril, recebendo tambem a sagrada communhão; foi sentir todo o universo orar conjunctamente com elle e por elle.

«Meu Deus!— bradou Pio IX, diante de grande numero de peregrinos que pessoalmente o foram felicitar — meu Deus, tende piedade de mim; é demasiada felicidade! Receio que logo, quando apparecer perante vossa justiça, me digaes: Tu já foste recompensado sobre a terra. — Não! não para mim, mas para vós, ó meu Deus, para vós unicamente seja todo o amor dos christãos!»

Seus famulos tiveram a feliz idéa de collocar symetricamente nas salas do Vaticano, as numerosas e ricas offertas que lhe foram offerecidas por esta occasião.

O Pontifice parou diante d'ellas, exclamando: «Finalmente, tambem eu tenho a minha exposição universal! Esta é produzida, não pela minha industria, mas pelo amor de meus filhos!»

Em seguida, folheando os enormes manuscriptos, cheios de protestos de dedicação, acrescentou: «Eis aqui a sincera expressão do catholico suffragio universal.»

Todavia, estas alegrias não deixavam de ser escurentadas, e estes esplendidos quadros tinham seus reversos. N'este numero não contamos os massacres dos christãos da China, nem as dolorosas mas triumphantes narrativas, que annunciavam á egreja que contava mais alguns martyres em seu gremio; referimo-nos porém aos escandalos que em França deshonravam uma côrte e um systema politico quasi a sumir-se; nas emprezas do ministro Duruy, contra a educação christã, e aos impios festins do principe Napoleão e do senador academico, Saint-Beuve, na sexta feira santa. E sobre tudo, fallamos da apostasia de um prégador sagrado, tão pobre theologo como brilhante phraseador, a quem amigos inconsiderados crearam a reputação de orador, da mesma fórma que outros a elevaram de estrategista a Garibaldi. O progresso da ignobil seita dos solidarios na Belgica, e os de uma nova revolução na Hespanha, d'onde se expulsavam os religiosos e religiosas em nome da liberdade, e finalmente a abertura dos clubs em Paris, tudo fazia temer a Pio IX proximas catastrophes.

N'este anno de 1869, um luto de familia amargurou o Pontifice. Pio IX soube que seu irmão mais velho, o conde Gabriel Mastai, déra uma grave quéda, grave sobre tudo, na edade de noventa annos. Logo que teve esta noticia, Pio IX atravessou Roma e subiu de joelhos a *Scala Santa*.

Poucos dias depois, era-lhe annunciada a morte do enfermo. Então o Pontifice encerrou-se nos seus aposentos, para poder chorar á sua vontade; em seguida dirigiu-se á basilica vaticana, onde orou por muito tempo diante do Santissimo Sacramento, e do tumulo dos apostolos.

N'este meio tempo, os diversos estados que formam a união monetaria occidental, isto é, a França, a Belgica, a Suissa, a Italia e a Santa Sé, convieram na opportunidade de refundir suas respectivas moedas de prata.

Escolheu-se a fórma, e tanto Portugal como a Grecia, a Roumania, e ainda outras, adoptaram-na, concordando que cada es-

tado cunharia d'esta nova moeda uma quantidade proporcionada á sua população. Sobre esta base, o estado pontifical devia emittir perto de quarenta milhões de francos, quanto tocava para uma população de tres a quatro milhões d'almas, comprehendendo as Romagnas e a Umbria, sobre as quaes conservava todos os seus direitos.

Cunharam-se portanto os quarenta milhões, mas o governo de Florença queixou-se, sob o pretexto de que o Papa já não tinha effectivamente mais de seis a sete centos mil vassallos, e Napoleão III, sempre disposto a mostrar-se agradavel á Revolução, intimou Pio IX a retirar da circulação as tres quartas partes, pelo menos, de sua nova moeda, para que esta fosse refundida com a effigie de Victor Manoel. A intimação em taes termos, não era nada acceitavel; e por outro lado, era onerosa.

Pio IX sustentou o seu direito. Então os governos francez e italiano de commum accordo, fecharam seus Bancos, e em seguida todas as casas filiaes da união monetaria, ao dinheiro que tivesse gravado o meigo e nobre semblante de Pio IX. Isto sem dar nenhuma explicação ao publico.

A boa fé revolucionaria apressou-se, porém, em suprir este silencio. Espalhou, repentinamente, que o dinheiro do Papa era de liga inferior. Logo, as mil vozes da imprensa impia, alcunharam o Pontifice de moedeiro falso; acontecendo muitas vezes, vêr-se o povo enganado, repellir enraivecido, como se fosse a de um ladrão, a effigie do representante da justiça sobre a terra; e os catholicos tiveram de tragar a amarga dôr, de vêr que no momento em que esta tempestade de calumnias se levantou, no principio de 1870, era um dos seus, um campeão emerito do poder temporal, quem sustentava em França a pasta da fazenda.

O thesouro pontifical fez enormes sacrificios para diminuir as perdas e as recriminações dos portadores forçados de sua moeda, que já não entrava em circulação. Debalde, porém, os chimicos conscienciosos analysaram esse metal desacreditado, e affirmaram que elle tinha exactamente o mesmo valor que o de Napoleão III; nem a imprensa officiosa, nem a official, reproduziu

essas ractificações, e a calumnia subsistiu. Aproximava-se o tempo, ai! em que a França, exhausta, se daria por muito feliz de ainda encontrar esta moeda pontifical, que antigamente não quereria trocar por papel!

Chegou, no entretanto, o dia de applicar o grande remedio, que Pio IX annunciára desde 1867, para a agitação que lavrava no mundo.

A 29 de junho de 1868, foi publicada uma bulla que terminava assim:

«.... Apoiando-nos na auctoridade do proprio Deus, e dos apostolos Pedro e Paulo, sendo da mesma opinião, e com o consentimento de nossos veneraveis irmãos, os Cardeaes da Santa Egreja Romana, Nós indicâmos e convocâmos pela presente, um Concilio geral, para o proximo anno de 1869, em nossa illustre cidade de Roma, e na basilica do Vaticano, o qual será inaugurado a 8 de dezembro, dia da festa da Immaculada Conceição da Virgem Maria, mãe de Deus, e será terminado, com o auxilio do Senhor, para honra e gloria de Deus e salvação de todos os povos christãos.

«Em consequencia do que, Nós queremos e ordenâmos que, nossos veneraveis Irmãos os patriarchas, arcebispos e bispos, chamados por direito ou privilegio, a assistir e dar seu voto nos concilios geraes, venham a este concilio ecumenico convocado por Nós, sob as penas do costume, dadas contra aquelles que não assistem aos concilios, a menos que não sejam retidos por algum impedimento, de que terão a justificar-se no mesmo concilio.

«Temos firme esperança de que Deus, que tem em suas mãos os corações dos homens, attenderá, favoravelmente, a nossos votos, e fará, por sua infinita misericordia, que reconhecendo cada vez mais os grandes beneficios que a Egreja Catholica derrama abundantemente sobre a humanidade, bem como esta Egreja é o mais solido alicerce dos imperios e dos reinados, os soberanos e os chefes de todas as nações, principalmente os principes catholicos, não sómente não impedirão nossos veneraveis Irmãos, acima designados, de comparecer, mas ainda aporfiarão em favorecel-os, auxiliando-os e assistindo-lhes com o maior zelo,

em tudo quanto possa contribuir para a gloria de Deus e do concilio.»

D'este modo, renunciando ás tradições anteriores, o Papa abstinha-se de convidar os principes catholicos a fazerem-se representar na grande reunião da christandade. Geralmente foram comprehendidos os justissimos motivos d'esta abstenção.

Como poderiam tomar parte em deliberações doutrinaes e sobre cousas divinas, homens que faziam profissão de desdenhar da Egreja e de Deus, em seus actos publicos e de legislação?

Nenhum governo tentou obstar á partida dos bispos para Roma. Aquelles que desejariam fazel-o, assim como a Baviera, não o ousaram.

A convocação dirigida ao mundo catholico, completou-se alguns mezes depois, por um convite ás Egrejas orientaes, dissidentes de Roma. Entre outras cousas, dizia-lhes Pio IX:

«Nós vos conjurâmos e supplicâmos, com toda a instancia, que vos apresenteis na assembléa geral dos bispos do Occidente e de todo o universo, como vossos padres se apresentaram no decimo concilio de Lyão e no de Florença, afim de que renovando as leis da antiga caridade, e fazendo vigorar a paz das primitivas eras, do qual o decurso do tempo nos tem feito perder o fructo, vejâmos, finalmente, depois de tão longo periodo de divisão, fulgurar a brilhante e pura aurora d'uma união que tanto desejamos.»

Esta convocação feita pelo Pontifice, commoveu profundamente aquelles a quem se dirigia. Um certo numero de bispos scismaticos, não podendo contestar suas intenções paternaes, inclinavam-se muitissimo a acceitar suas idéas; mas como o patriarcha grego de Constantinopla, se recusasse mesmo a receber a carta pontifical, nenhum ousou dar o exemplo.

Por outro lado, o patriarcha armenio, tambem dissidente, respondeu que iria ao concilio, mas não appareceu.

Quanto aos protestantes e outros hereticos, Pio IX tambem se lhes dirigiu, mas só no intuito de os convidar a aproveitarem-se d'esta occasião, para examinar se realmente iam bem encaminhados na vereda da eternidade.

Pelo que toca aos bispos anglicanos, esses irritaram-se admirados de não serem contemplados como os outros; provando-lhe Roma d'esta sorte, que não os considerava como bispos. O doutor Cumming, da Egreja da Escossia, pediu, por intervenção de Mons. Manning, para ser admittido a apresentar perante o concilio alguns argumentos que se podiam allegar a favor das opiniões protestantes. Pio IX mandou-lhe dizer que: «não se podiam invalidar, questionando outra vez, as decisões dos concilios anteriores, nem discutir o que já fôra examinado, julgado e condemnado.»

Passados dois mezes, a 30 de outubro de 1869, informado, disse o Pontifice «de que suas palavras tinham, até certo ponto, sido mal comprehendidas, e que certos protestantes imaginavam que desde então lhes estava vedado todo o accesso junto da Santa Sé,» o Pastor supremo declarou n'uma outra bulla que: «Longe de repellir quem quer que seja, vamos ao encontro de todos... E para com aquelles que, transviados pela educação, crêem na verdade de suas idéas, não nos recusamos de fórma alguma ao exame e á discussão de seus argumentos. Isto não póde ter logar no seio do concilio; mas não faltam sabios theologos, que designaremos, e aos quaes poderão abrir seus corações... Permitta Deus que hajam muitos a entrar n'esta vereda, e a sigam de boa fé... Rogâmos fervorosamente a Deus misericordioso, para que se consiga tão feliz resultado...»

No entretanto, as commissões presididas pelos cardeaes, elaboravam activamente a immensa tarefa reservada ao concilio.

N'estas commissões entravam os mais celebres representantes da sciencia sagrada, em todas as partes do globo, e por isso mesmo é uma honra immortal ter tomado parte n'ellas. Todavia, pena foi que os preparatorios do concilio ultrapassassem os limites que lhe foram impostos. Era indubitavel que se propozesse a infallibilidade da cadeira de S. Pedro. Uns desejavam-no ardentemente, demonstrando talvez prematuramente, e com grande energia suas esperanças; outros temiam-na, e tornando o publico testemunha de suas anciedades, forneceram, sem querer, armas aos mal-intencionados e aos indomitos.

O fóco dos agitadores era na Baviera. Reinava n'esse paiz,

um artista corôado, do qual nunca se conheceram perfeitamente as opiniões pessoaes, a não ser respeito á musica. Seu ministro, o principe de Hohenlohe, e o reitor da cathedral de sua capital, o conego Dollinger, preparavam-se declaradamente e da melhor vontade, a entregar á Prussia a autonomia politica de seu reino, e ao mesmo tempo tratavam de descatholisar os povos, para os desnacionalisar com mais segurança.

N'um discurso pronunciado mais tarde, diante dos eleitores de Reichstage, em Sulmback, em outubro de 1874, o principe de Hohenlohe gloriou-se dos projectos da liga geral que, debaixo de seu impulso, e com o apoio energico e constante de M. de Bismarck, o governo tentou formar entre todos os estados christãos, contra o concilio. Mas — disse elle — os poderes verdadeiramente catholicos, taes como a França e a Austria, deram em sua circular em abril de 1869, respostas puramente negativas, e esta abstenção impediu a «boa vontade» do pequeno estado bavaro, assim como a do chanceller da Confederação da Allemanha do Norte, pela maior parte protestante.

Pelo que respeita ao conego Dollinger, imaginara elle primeiro dirigir o concilio. Suppunha que lhe assistia esse direito, pela sua incontestavel erudição e pelos serviços prestados em outro tempo. Vendo, porém, que nem mesmo era chamado, e que uma série de folhetos, publicados por elle, debaixo do pseudonymo de *Janus*, foram considerados sem importancia, tirou a mascara e assignou resolutamente uma nova publicação; *Considerações propostas ao Concilio*, na qual negava á Egreja romana toda a auctoridade e primasia especial sobre as outras Egrejas. Desde então, facil foi de prevêr que Dollinger nunca se submetteria ás decisões tomadas pelo concilio, que fossem de encontro ás suas idéas; ou antes, que elle era já scismatico.

Em França era difficil que o gallicanismo esperasse, sem procurar fugir ao golpe que ia feril-o mortalmente.

Mons. Maret, bispo *in partibus* de Sura, tentou provar exuberantemente que a infallibilidade da Egreja não podia declarar-se nos Papas, mas sómente nos concilios; esquecendo que não estando a infallibilidade na Egreja senão por um milagre, não seria mais difficultoso a Deus conferil-a a um homem que

a uma assembléa, e que, além d'isso, pouco importa o que nos parece conveniente, quando se trata unicamente de saber qual foi a vontade do divino fundador. O abbade Gratry, mais perigoso adversario, porque era mais lido, combateu a these infallibilista até um certo ponto. Concluiu, com mais estrondo que justiça e prudencia, que Roma podia errar da mesma fórma que tinha succedido com o Papa Honorio.

D. Guéranger, abbade de Solesmes, e M. Amadeu de Margene, elucidaram victoriosamente esse ponto da historia, escurecido intencionalmente pelos gregos. E, finalmente, piedosos e illustres doutores, cujas intenções não podiam ser suspeitas, sem atacarem fundamentalmente a questão, pronunciaram-se publicamente contra a opportunidade de uma definição infallibilista. N'este numero entraram muitos bispos da Allemanha e dos Estados-Unidos da America, e sobretudo, o bispo de Orleans, Mons. Dupanloup. Mas apesar d'isto, tambem elles acharam contradictores em outros bispos, menos impetuosos talvez e menos brilhantes que Mons. Dupanloup, mas igualmente considerados por seus meritos e posição, e creados em outras doutrinas. E para não deixar de os citar, fallaremos de Monsenhor Manning, arcebispo de Westminster, Mons. Dechamp, arcebispo de Malines, Mons. Plantier, bispo de Nimes, e Mons. Roess, bispo de Strasbourg.

Os anti-opportunistas aterravam-se sobretudo com a idéa das perseguições, que a esperada proclamação poderia attrahir da parte do poder civil. E devemos confessar que os acontecimentos justificaram seus receios; todavia, se sua prudencia via ao longe, Deus via mais longe ainda. Estas novas tempestades eram necessarias para a Egreja, não só no que diz respeito á Allemanha como em outras partes.

O mundo partilhava-se entre os dois campos. O enthusiasmo era immenso, e exprimia-se por subscripções, cartas e escriptos de toda a especie.

Os incredulos, não menos attentos que os fieis, estudavam com intimo jubilo a maneira de envenenar a questão. Pensavam em Dollinger, e não tinham notado sufficientemente estas nobres palavras de Mons Dupànloup:

«Eu vou ao concilio, chamado pelo Chefe Supremo da Egreja. Vou como juiz e testemunha da fé; e hei de ser, segundo espero, e com o auxilio de Nosso Senhor, um juiz recto, sem compromissos de respeitos humanos, e uma testemunha vigilante e fiel. E findo o concilio, quaesquer que tenham sido suas decisões, conformes ou contrarias a meus desejos ou vontade, voltarei, submisso a tudo, sem o menor esforço, submisso de bôca, de espirito e coração; docil como a mais humilde ovelha do rebanho christão.»

No dia prefixo foi inaugurada a augusta assembléa. Assistiram setecentos e sessenta e sete bispos. Era maior o concurso que nos anteriores concilios geraes.

Roma mostrou n'esta occasião toda a sua magnificencia, e o Papa a suave magnitude que ninguem se cança nunca de contemplar.

Depois da missa celebrada pelo cardeal Patrizzi e da ceremonia da obediencia dos cardeaes, n'uma commovedora allocução, exprimiu Pio IX a satisfação que sentia pelo espectaculo que seus olhos contemplavam; entregou á protecção da Virgem Immaculada os trabalhos dos Padres, expondo os motivos que tão ardentemente lhe fizeram desejar reunil-os, assim como os immensos beneficios que a Egreja esperava obter de suas luzes e piedade. E terminou, invocando a assistencia do Divino espirito:

«Conscios de nossa enfermidade e desconfiando de nossas forças, nós vos dirigimos nossas supplicas, Divino Espirito Santo! Illuminae com a luz da vossa graça nossos espiritos, para que vejâmos o que é justo, salutar e melhor. Dirigí, bafejae e inspirae nossos corações, afim de que os actos do concilio sejam regularmente começados, felizmente continuados e salutarmente terminados!»

Janus (Dollinger) tinha, em muitas linguas, prevenido em antes o mundo, de que o concilio não seria livre; mas desde as primeiras sessões foi desmentida esta prophecia, vendo-se nas *postulatas* idéas muito diversas. De fórma que, logo que em 14 de abril, se abriu a discussão tendente á disciplina da Egreja, quarenta signatarios, seguidos depois de quatrocentos

e cincoenta, pediram instantemente que se declarasse por um decreto conciliador, que a auctoridade do Pontifice romano, é soberana nas questões de religião e costumes, e que suas declarações *ex-cathedra* são infalliveis.

Ao mesmo tempo um outro *postulatum* era entregue a cada bispo, recordando:

1.° A necessidade de reprimir e moderar certas gazetas catholicas;

2.° As precauções que se deviam tomar, para que o concilio não fosse inquietado pela imprudencia dos diarios indisciplinados;

3.° Que não era preciso que se fizessem novas definições da fé, se não em caso de absoluta necessidade.

Esta dissenção no seio do concilio, deu brado ao longe «pela indiscrição de alguns de seus membros, os quaes, despresando o regulamento e violando o rigoroso sigilo de que as assembléas synodaes tem feito sempre uma lei, davam todas as noites aos correspondentes e filiados da imprensa, promenores intimos de nossas sessões, promenores que eram muitas vezes desfigurados e falsissimos.»

Assim se exprime Mons. de Poitiers, na sua instrucção synodal, de 17 de julho de 1871.

Um historiador, não menos eminente, e não menos auctorisado, do concilio, Mons. Manning, arcebispo de Westminster, explicou tambem pela sua parte, como a attenção, a esperança e a alegria do mundo anti-catholico, se achavam então excitadas ao mais alto grau. «Imaginava-se (dizia elle) que as doutrinas romanas iam cair, que o concilio do Vaticano acabaria como o de Trento, ou pelo menos lhe daria alguma nova e mais ampla interpretação; que chegaria a lavrar compromissos, a fazer alguma transacção com os outros systemas religiosos, ou mesmo que amoldaria a censura dogmatica ao pensamento moderno.»

As milhares de vozes da imprensa protestante ou sceptica, saudaram a formação, segundo acreditavam, de uma opposição internacional; composta, diziam elles, de uns cem bispos. Mas por uma maravilhosa coincidencia, achou-se immediatamente que a theologia, a sciencia, o poder intellectual, a penetração da logica, a eloquencia, a candura, a nobreza d'alma, a inde-

pendencia do espirito, a coragem e a elevação do caracter resplandecia, sem excepção, na minoria. Pelo, contrario, a maioria não era mais que um mar morto de suprestições, de prejuizos, de tolice e ignorancia; não se compunha senão de fanaticos surdos á voz da rasão, era um rebanho de prelados romanos e italianos, ou de piedosos e ignorantissimos vigarios apostolicos... Simples particulares descuravam grandes interesses e urgentes deveres, só para se demorarem em Roma e sustentarem a opposição. Para este fim, formaram uma liga internacional de gazetas. Um d'estes papeis, diario inglez dos mais auctorisados, annunciava que os bispos da maioria eram incapazes de fallar latim, e que o cardeal Altiere (o qual estava morto ha tres annos) que os reunia em sua casa, estava fóra de toda a discussão.

— Que se passará ali — perguntava o correspondente de outro diario — entre esses setecentos anciães entrajados em habitos brancos e com grandes carapuços de papel? Os bispos do Oriente — acrescentava elle — recusaram usar mitras brancas. (E com rasão, porque elles nunca as usaram.) «O bispo de Thun atacou o bispo de Sura com tal violencia, que a pendencia esteve quasi a degenerar em rixa pessoal.» (Ora isto é tão verdade, que não ha bispo de Thun.)

Considerando n'estas cousas, eu mesmo entendi que era um dever dizer:

«Lêde attentamente as correspondencias de Roma, publicadas em Inglaterra, imaginae o contrario, e estareis muito perto da verdade.»

Os jornaes dos paizes catholicos, hostis ao concilio, eram seguramente muito menos ridiculos. É facto que escreviam com animosidade, mas infelizmente conhecia-se que obtinham informações authenticas. A narração dos successos que se davam dia a dia, debaixo de meus olhos, estavam tão proximos da verdade, e ao mesmo tempo tão afastados, eram tão litteralmente exactos e tão materialmente falsos, que pela primeira vez comprehendi, como Paulo Sarpi poude escrever a sua *Historia do Concilio de Trento.*

— No entanto — prosegue Mons. Manning — este estranho

enthusiasmo recebeu um tremendo golpe com o voto da primeira instituição sobre a fé. *De fide.*

Esta constituição tinha sido furiosamente contestada, e pelo que se suppunha tão completamente derrotada, que se imaginava que no caso de ser votada, apenas obteria uma insignificante maioria. De maneira que foi uma grande surpreza quando se viu que todo o concilio, composto de seiscentos sessenta e quatro Padres, a aceitou por unanimidade. Recordo-me que logo que os *placet* dos que se chamavam os chefes da opposição resoaram na sala do concilio, certos personagens diplomaticos trocaram um olhar significativo. Esta grande e magestosa unanimidade, depois das altercações anteriores, era tão significativa como incontestavel. O mundo começou a receiar ter-se enganado, e depressa se conheceu isto pela mudança de linguagem dos correspondentes das gazetas.

Todos elles fallavam a respeito de quantas cousas se passavam, menos d'esta unanimidade; e depois foram-se mostrando progressivamente irritados e asperos, até cairem no silencio. E tanto, seis mezes antes, a menor noticia que chegava a Roma, era objecto da mais apaixonada discussão, tanto foi surprehendente a serenidade e a indifferença com que a imprensa adversa recebeu o resultado dos trabalhos do concilio.[1]

No meio d'estas agitações, Pio IX conservava a sua inalteravel serenidade. Dizia elle: ha tres periodos n'um concilio: o periodo do diabo, que é curto; o periodo do homem, que é mais ou menos longo; e finalmente, o periodo do Espirito Santo, que é o ultimo que tem a palavra, e termina tudo magnificamente.

A respeito dos jornaes catholicos, que certas pessoas lhe supplicavam fizesse calar, como dando a principal causa a dissenções, o Pontifice respondia o que já por mais de uma vez declarára:

«Da melhor vontade o farei, mas com a condição de que não haverá gazetas anti-catholicas. Devem estas por acaso ser as ul-

[1] Mons. Manning, arcebispo de Westminster, *Historia do Concilio do Vaticano.*

timas a fallar? Não digo que os escriptores catholicos não sáiam alguma vez fóra dos limites, mas obrigados como são, a escrever todos os dias, não admira que não guardem a todos os minutos a temperança da penna. De mais, na nossa época, os diarios catholicos são necessarios, e fazem grande bem.»

E a mesma imponente serenidade oppoz ás inesperadas pretenções, que apesar dos seus anteriores protextos de benevolente neutralidade, o governo de Napoleão III annunciou de repente contra a liberdade do concilio.

M. Olivier acabava de ser nomeado presidente do conselho. A 20 de janeiro de 1870, o conde Daru, ministro dos negocios estrangeiros, expedia ao marquez de Ranneville, embaixador de França, em Roma, um despacho no qual se declarava interprete dos adversarios da difinição da infallibidade, dizendo que esta questão era pelo menos tão politica quanto religiosa, e annunciando mais a resolução de se valer dos artigos organicos para prohibir em França a publicação dos decretos conciliarios, contrarios ás liberdades galicanas. O cardeal Antonelli respondeu n'uma carta ao nuncio de Paris, com extrema moderação na fórma, mas com firmeza e valentia no fundo.

No segundo domingo depois da Paschoa, promulgou o Papa solemnemente na basilica de S. Pedro, a constituição dogmatica sobre a fé, votada na sessão de 24 de abril. Esta constituição comprehende quatro capitulos. Condemna o phantheismo, o naturalismo, e a independencia da rasão, apontando os deveres d'esta em relação á fé.

A discussão geral do *Schema de Romano pontifice* estava aberta. Foram ouvidos oitenta bispos. Quasi metade d'estes pertenciam á opposição: proporção seguramente vantajosa para a sua causa, por que na verdade a assembléa dividia-se em duas parcialidades. O fecho da discussão geral foi pronunciado depois de cinco discussões distinctas sobre outros tantos capitulos, prolongando-se até quando aprouve a alguns dos Padres deixar de fallar.

Era assim que o concilio respondia aos detractores que punham em duvida a sua liberdade. Para o derradeiro capitulo fizeram-se inscrever cento e vinte oradores, mas não fallaram

senão cincoenta. Não se podia supportar por mais tempo a fadiga de tantos discursos, de maneira que, por um mutuo accordo, esta inutil discussão acabou pelo cançasso.

Desejosos de ferir o menos possivel os contrarios, os padres do concilio tinham proposto com antecedencia uma redacção de fórma suave, na qual sempre declarando que os adversarios da infallibilidade estão fóra do gremio da Egreja, evitavam comtudo pronunciar contra elles a temivel formula do anathema, *anathema sit.* O pensamento era o mesmo, mas não a palavra.

Todavia, no ultimo instante, deu-se uma completa mudança nas idêas, ou para melhor dizer, o Espirito Santo fallou soberanamente, confundindo toda a vã prudencia, e não admittindo nenhuns respeitos para a vaidade e o orgulho, quando se tratava da doutrina.

A 13 de junho fez-se a chamada nominal. Responderam 601 prelados, e os votos deram 451 *placet*, 88 *non placet*, 62 *placet juxta modum*, isto é, sob condições.

Em vista do que, não havia senão a fazer a promulgação ha tanto tempo esperada.

Antes porém d'esta solemne decisão, Pio IX pareceu meditar, e na manhã do dia 15 de julho, ainda nada parecia decidido em seu espirito. Sabia-se que na vespera a França tinha declarado guerra á Prussia. Mons. Donnet, arcebispo de Bordeaux, em nome dos bispos de Rodez, de Moulins, de Quimper, de Carcassona e de S. Caudio, foi ao Vaticano pedir ao Pontifice que não se demorasse na promulgação. Quando descia a grande escadaria, deu de rosto com Mons. Smior, primaz da Hungria, e com os arcebispos de Munich, de Milão e Paris, e com os bispos de Dijon e de Mayence, todos membros da minoria, que iam sollicitar uma dilação ou modificações.[1] Estes oppostos pedidos assentaram a resolução do Papa. Declarou então ao arcebispo de Munich, que os acontecimentos não permittiam mais delongas, e que a respeito de modificações eram impossiveis, desde que o concilio se tinha pronunciado.

[1] Carta do cardeal Dounet a M· Alazarde, auctor d'uma Vida de Mons. Deballe, bispo de Rodez.

A promulgação teve portanto logar a 18 de julho. Copiamos a sua descripção do diario — *O Catholico*:

«Entre as oito e as nove horas da manhã, dirigiram-se os Padres para a basilica de S. Pedro, e depois de revestidos com os ornamentos pontificaes nas capellas destinadas para esse fim, e de ter adorado o Santissimo Sacramento, encaminharam-se individualmente para a sala do concilio, tomando cada um o seu logar do costume.

«Ás nove horas Mons. Basilli celebrou a missa rezada invocando o Espirito Santo. Findava esta quando o Soberano Pontifice entrou revestido com os ornamentos pontificaes e seguido de sua côrte... Os Padres ajoelharam, e o Pontifice começou a formosa oração ao Espirito Santo: *Adsumus, Domine Sancte Spiritus*, seguindo-se-lhe essa longa e admiravel série de hymnos, de litanias e de orações, que não duraram menos de uma hora.

«Ás litanias dos santos, depois da invocação: *Ut Domnum apostolicum, et omnes ecclesiasticos ordinis in sancta religione conservare digneris... Te rogamus...* O Papa levantou-se, poz a mitra na cabeça, e tendo na mão esquerda a cruz em logar do bastão pastoral, abençoou por seis vezes o concilio, dizendo:

«*Ut hanc sanctam Synodum, e omnes gradus ecclesiasticos benedicere digneris!*

«*Ut banc sanctum Synodum, et omnes gradus ecclesiasticos benedicere, et regere digneris!*

«*Ut hanc sanctum Synodum, et omnes gradus ecclesiasticos benedicere, regere et conservare digneris!*

«*Te rogamos andı-uos*! respondiam os fieis, unindo sua voz á dos Padres do concilio.

«Terminadas as litanias, o cardeal Annibal Capalti cantou, seguindo o ceremonial do costume, o Evangelho tirado do capitulo XVI, verso 13 e seguintes de S. Matheus.

«Chegando ao fim das orações prescriptas, o mestre das ceremonias pontificaes dispunha-se a pronunciar o: *Exeant omnes*, e a mandar fechar as portas da sala conciliar, quando o Papa ordenou que a sessão fosse publica até ao fim, como o tinham sido as outras tres sessões anteriores.

«Então Mgr. Fessler, bispo de Santo Hipolito e secretario do concilio, acompanhado de Mgr. Valengiani, bispo de Fabriano, encaminhou-se para o throno pontifical, beijou o joelho de Sua Santidade, e recebeu de suas mãos o texto da Constituição *De Ecclesia Christi*. Depois transmittiu-o a Mgr. Valenziani, o qual subindo para a cadeira fez a leitura de toda a Constituição dogmatica. Leu primeiro o titulo de pé e com a cabeça descoberta, e depois de sentar-se e cobrir-se, proseguiu a leitura. Acabada ella, levantou-se outra vez e interpellou os Padres do concilio, dizendo: *Reverendissimi Patres, placentue vobis decreta et canones qui in hac Contitutioni continentur?...*

«Procedeu-se então á chamada nominal dos Padres, começando pelos cardeaes e patriarchas, seguindo a ordem hierarchica e de antiguidade. Ao ouvir o seu nome, os Padres respondiam com as palavras *placet* ou *non placet*.

«Todos os membros que na derradeira congregação tinham dito *non placet*, se abstiveram de apparecer no concilio. Grande numero d'elles já na vespera tinham saido de Roma. Os arcebispos de Reims, de Avignon, e de Sens, e o bispo de Viviers, que pertenciam á minoria, reconsideraram, votando com a maioria e dizendo *placet*.

«Os votos foram recebidos e inscriptos pelos prelados escrutinadores e protonotarios do concilio, á medida que eram dados. Terminado o recenseamento, os escrutinadores, os protonotarios e o secretario do concilio, apresentaram-se diante do throno pontifical e entregaram a Sua Santidade o seguinte resultado:

«Votantes, 546;—*placet*, 538—*non placet*, 2. Os dois Padres que deram um *non* n'esta solemne circumstancia, foram Mons. Luiz Riccio, bispo de Casazzo (reino de Napoles), e Mons. Eduardo Fitz-Gérald, bispo de Petricola ou Little-Rock, nos Estados-Unidos[1].

«Depois de ter tomado conhecimento do resultado dos votos,

[1] Esta opposição de dois unicos membros, não era sufficiente para quebrar a unanimidade final dos Padres do Concilio, era-o apenas para provar a sua plena liberdade. Os inimigos da Egreja não negaram que antes teriam preferido a absoluta unanimidade, o que lhe daria azo a supporem que existia a pressão.

o Soberano Pontifice, de pé, com a mitra na cabeça, proclamou e sanccionou com sua suprema auctoridade, os decretos e os canones da primeira Constituição dogmatica *De Ecclesia Christi*, pronunciando solemnemente as seguintes palavras: *Decreta et canones, qui in Contitutioni modo lecta continentur placuerunt fere omnibus Patribus. Nosque, sacro approbante Concilio, illa et illos, ut lecta sunt, difinimus, e Apostolica, auctoritate confirmamus.*

«Dizem que o Papa quiz fallar logo depois do voto, mas n'esse momento fez-se um tal rumor na assembléa, houve uma tal explosão de brados: «Viva Pio IX! Viva o Papa infallivel!» que o Santo Padre teve de esperar. Depois, disse com voz solemne:

«A auctoridade do Soberano Pontifice é grande, mas não domina, edifica. Ella sustenta, e muitas vezes defende, os direitos de nossos irmãos, quero dizer, os direitos dos bispos. Que aquelles que não votaram comnosco, saibam que votaram com a desordem, e recordem-se que o Senhor é todo paz. Que se lembrem tambem que ha alguns annos concordavam com nossas idéas e com as d'esta grande assembléa. E então? Têem elles duas consciencias e duas vontades a respeito da mesma cousa? Deus tal não permitta. Nós supplicamos a Deus, o unico que faz os grandes milagres, que illumine seus espiritos e corações para que voltem ao seio de seu Pae, isto é, do Soberano Pontifice, indigno Vigario de Jesus Christo, afim de que os abrace, e que elles trabalhem comnosco contra os inimigos da Egreja de Deus. Permitta, oh! permiita Deus que elles possam dizer como Santo Agostinho: «Meu Deus, vós me déstes vossa admiravel luz, e eis porque eu vejo.» Ah! sim, que Deus illumine a todos! Que Deus espalhe sobre todos as suas bençãos!

«Depois d'isto, os protonotorios do concilio, achegando-se do throno, pediram auctorisação para redigir um processo verbal do que tinham visto e ouvido... Em seguida, o Papa entuou o *Te-Deum*...»

No momento em que tinha logar a proclamação, uma tempestade que depois da madrugada pairava surdamente sobre Roma rebentou subitamente, abalando as abobodas de S. Pedro, e um

clarão enorme envolveu os assistentes. O trovão não cessou de ribombar até ao fim da leitura. Todos os assistentes pensaram então no Sinai; parecia que uma nova revellação descia sobre o povo, assim como succedera com a lei de Moysés, no meio dos relampagos e dos trovões. De repente, porém, quando se escutavam as derradeiras palavras, a athmosphera serenou, e quando Pio IX entuou o *Te-Deum*, um raio de sol bateu em cheio no seu nobre e meigo semblante. O côro da capella Sixtina que devia continuar o *Te-Deum*, não poude ser ouvido; as vozes eram abafadas pelas dos bispos e da multidão.

O concilio do Vaticano foi o acontecimento mais grave, não só do anno de 1870, apesar d'este ser tão turbulento e horrivel, mas ainda, póde-se dizer, que de todo o seculo XIX.

É verdade que os trabalhos do concilio ficaram interrompidos, mas declarando-se ali claramente e sem refojos, obrigatorias as decisões doutrinaes da Santa Sé, collocou este indirectamente entre as opiniões contrarias á religião, tudo quanto o Syllabus condemna, proclamando ao mesmo tempo assim como Pio IX, que o liberalismo, tal como o querem definir, é um erro incompativel, não só com a sã philosophia mas com a doutrina revellada. Graças, portanto, ao concilio, sabemos de que mal padece a sociedade contemporanea, conhecemos o remedio, e unicamente, á hora solemnissima em que nos achamos, podemos dizer d'onde virá a salvação.

Lida a sentença, inclinaram-se mais uma vez os bispos oppositores, e todos elles, sem exceptuar Mons. Strossmayer, bispo de Sirmium, que foi o mais acerrimo orador da minoria, e que em seguida hesitou ainda por muito tempo, acabaram por fim promulgando aos decretos em suas dioceses. Depois de Nicea, de Calcedonia e Constantinopla que se não dava este caso. Apparecia sempre, e fatalmente, uma heresia nova, como consequencia de uma nova definição do dogma; porém, era a primeira vez que esta heresia não se inoculava em nenhum bispo.

Todavia, as imprudentes provocações dirigidas durante o concilio aos prelados orientaes para os arrebanhar na opposição, chegaram a ponto de ter graves consequencias. N'esse paiz, pouco cultivado, onde todas as questões religiosas se complicam

com as questões nacionaes, é sempre perigoso fornecer o menor alimento á obstinação natural e ás susceptibilidades locaes.

O patriarcha chaldaico esteve tres annos vacilante entre o dever e a rebellião, e uma parte dos Armenios catholicos tomou o pretexto das dissenções do concilio, para se affoutar na resistencia já declarada contra a constituição pontifical, de 4 de julho de 1867, conhecida sob o nome de bulla *Reversurus*.

Esta bulla, regrando a eleição dos bispos armenios, tinha sido lavrada com o fim de pôr termo aos desregramentos e rivalidades interiores d'esta nação tão prospera, e em tão progressivo augmento. A principio serenaram um pouco, mas como em seguida fosse a bulla desfigurada pela má fé, augmentaram os disturbios. Os religiosos Antoninos de Roma, e diversos recolhimentos de Constantinopla, recusaram decididamente obediencia a Mons. Hassoun, seu legitimo patriarcha. Pio IX enviou-lhes Mgr. Pluym n'uma missão consiliadora; mas os dissidentes sustentados pelo representante de Victor Manoel, e parece que tambem pelo embaixador de França, M. Bourée, nada quizeram ouvir, de fórma que, a 30 de março de 1870, a Santa Sé teve de os ferir com as censuras ecclesiasticas.

Na Allemanha, como já o dissemos, a escola de Munich não tinha esperado a decisão do concilio, para se collocar fóra do gremio da Egreja.

E não só estava disposta a difundir por sua propria conta o que houvesse de mais excessivo nas pertenções galicanas que a França já não aceitava, mas entregava-se ao raccionalismo; desdenhava da tradicção, e subordinava a sciencia theologica á philosophia. Este contagio, já assignalado muitas vezes por Pio IX, á sollicitude do episcopado allemão, generalisava-se cada vez mais nas Universidades. E se ainda não tinha chegado ao povo, devia infallivelmente contaminal-o, logo que a corporação sacerdotal o estivesse. Era portanto necessario cortar o mal pela raiz, e não havia tempo a perder: as consequencias assim o provaram.

Dollinger, e mais uns sessenta doutores, e alguns milhares de christãos dissiminados por toda a Allemanha, Suissa e Austria allemã, tentaram revoltar-se sósinhos contra o concilio. A

Egreja, diziam elles por um raciocinio que tem feito todos os que laboram no erro á medida que um concilio os declarava hereticos, a Egreja aceitava um novo dogma, a Egreja tinha mudado e já não era Egreja; ou antes a Egreja verdadeira, a Egreja antiga; essa Egreja eram elles. D'aqui tomaram audaciosamente o titulo de Antigos Catholicos. Mas por um lado a falta dos bispos, por outro o isolamento em que os deixavam as massas populares, tornava muito difficultosa a creação d'uma nova religião. O apoio dos governos civis, foi porém auxilial-os dando-lhe uma vitalidade ficticia.

No entretanto, este apoio não foi a principio declaradamente. O homem nas mãos do qual a Allemanha era um instrumento passivo, M. de Bismarck, não podia declarar-se abertamente em favor dos Antigos Catholicos; precisava ainda dos verdadeiros isto é, dos catholicos sem epitheto.

Mas, que faria a França n'esta conjunctura, e que resultaria das ameaças de Napoleão III e de seus ministros Ollivier e Daru?

Napoleão III, e seus ministros, não tiveram senão tempo para mostrar sua má vontade. A hora da justiça tinha soado, e Deus mostrava a esta politica, que tanto tempo o escarnecera, que tambem elle sabe quando quer castigar, e castigar rapidamente!

CAPITULO XIX

Desastres da França.—Victor Manuel prepara-se para invadir os estados pontificaes.

Diz-se e com razão que, attendendo unicamente á Italia, Napoleão III foi aniquillando a França; e desde Solferino e Castelfidardo, já existiam os germens de Sadowa e Sedan. Na verdade, a não se ter dado Solferino, e sobre tudo Castelfidardo, a Piemonte não se consideraria bastante forte para offerecer uma alliança util á Prussia contra a Austria, e em todo o caso a França ter-se-hia abstido de favorecer esta alliança recompensando-a com o donativo de Veneza, assim como não teria deixado a fronteira do Rheno desguarnecida na occasião da guerra, e sobre tudo de adherir ao tratado de Praga. Foi Napoleão III ainda mais que o conde de Bismark quem construiu pouco a pouco a união allemã e a grandeza prussiana notando-se que só d'elle dependia impedir-lhe o progresso, e que para obedecer aos revolucionarios italianos e comprazer com seus alliados, os liberaes francezes, se foi tornando cumplice de todos. Por outro lado, a maneira por que tinha obtido de M. de Cavour Nice e a Savoia, levava-o a contar com egual generosidade da parte de M. de Bismark a respeito da margem esquerda do Rheno. Elle mesmo o declarou no seu famoso discurso de Auxerre. O ministro prussiano cuja tão gabada habi-

lidade resultava pelo menos, de metade da inepcia do gabinete imperial das Tuileries, teve depois a imprudencia de publicar uma parte da correspondencia diplomatica a tal respeito e o ministro italiano esclareceu este ponto, mais ainda do que se desejava em Berlim. [1] M. de Bismark deu a entender, e fez esperar a Napoleão III primeiro compensacões territoriaes indetreminadas, depois Mayence e a Baviera rheneana, em seguida sómente a fortaleza de Landau possessão da antiga monarchia franceza, e finalmente a Belgica, «esse ninho de demagogos que era preciso destruir» dizia elle. E afinal, logo que contou com um ponto de apoio que lhe permitia despresar a alliança franceza, não consentiu se quer que a França annexasse o Luxembourg, o qual todavia não pertencia á Allemanha, mas sim ao rei de Hollanda.

Desde então era evidente que Napoleão III teria de demolir a tiros de canhão o edificio que suas intrigas tanto tinham auxiliado a construir. Mas o que a historia não poderá explicar, o que é humanamente inexplicavel, é, a dactar do dia em que este choque se julgou inevitavel, a incuria dos preparativos do imperio francez. Teve tres annos para dispor as suas forças, augmentar seu exercito, guarnecer suas fortalezas, formar allianças; e mais tempo teria ainda se quizesse, por que foi elle quem declarou a guerra; e todavia, no começo d'essa guerra fatal, achou que nada estava prompto, nada absolutamente preparado. N'esta cegueira do imperio depois da guerra de Italia até á ultima catastrophe deu-se alguma coisa de providencial.

A propria queda ultrapassou por sua rapidez e profundeza,

[1] M. de Bismark tentou na sessão da camara dos deputados allemães de 16 de janeiro de 1874, destruir o effeito produzido pela obra do general La Marmora, *Un pó più di luce*. De suas negativas mais altaneiras que concludentes apenas nos recordamos da confissão da sua completa dependencia de Napoleão III no começo das anexações prussianas; disse elle:

«Depois da batalha de Sadowa, por um despacho telegraphico, Napoleão fez-nos suppor a possibilidade da sua interferencia, e da apparição da França no theatro da guerra. Napoleão tinha poucas tropas disponiveis, mas a addição de alguns regimentos francezes bastaria para completar um bom exercito com as numerosas tropas da Allemanha do Sul, as quaes possuiam um excellente material e só lhes faltava disciplina. D'esta forma seriamos forçados a proteger Berlim, renunciando a todas as esperanças que tinhamos na Austria.

quanto até então se tinha visto. A 4 de agosto, 10:000 francezes surprehendidos em Vissembourg foram esmagados depois de uma heroica lucta com 40:000 allemães, e outros em numero de 35:000 tiveram a mesma sorte batendo-se com 145:000. A 2 de setembro Napoleão III capitulava em Sedan, sem mesmo ter tentado succumbir com as armas na mão, e dois dias depois deixava de reinar. Completavam-se dez annos, dia por dia, depois da famosa entrevista de Chambéry. Chegava a Deus a sua vez: «castigava de golpe».

N'esta conjunctura, os liberaes acharam-se tão pouco ligados á sua causa, que para demorar alguns dias a sua queda não hesitaram em completar a desorganisação do governo, e a fazer uma revolução em frente da invasão victoriosa. Pelo que respeitava aos conservadores, o proprio imperador tivera o cuidado de mitigar-lhes os desgostos que poderiam sentir com sua queda. Antes de se romperem as hostilidades, já elle tinha esquecido o *Nunca* de M. Rouher, e chamado de Roma o pequeno exercito francez.

Ninguem imaginava n'esse momento que esses quatro ou cinco mil soldados fossem indispensaveis em França. M. de Gramont teve o cuidado de o declarar n'uma nota de 31 de julho dirigida a M. de Banneville: «Certamente que não é por necessidade estrategica que evacuamos o Estado romano; mas a necessidade politica é evidente... devemos aproveitar as boas disposições do gabinete italiano.»

A 2 de agosto, Viterbo foi evacuada: os derradeiros soldados embarcaram em Civita-Vechia, nos dias 4 e 6. Estas datas foram ao dos nossos primeiros revezes: Vissembourg, Woerth e Spikeren. Começava a expiação.

Bem longe de hesitar perante um acto que, no sentido simplesmente politico, importava pelo menos a confissão de fraqueza em frente da Europa, Napoleão III effectuou-o prematuramente. A sua precipitação era mais alegre do que triste. Achava finalmente a occasião depois de tanto tempo procurada para completar suas felizes combinações para além dos Alpes e de corôar a obra prima de seu reino: poder-se-hia acreditar na sinceridade de seus pezares? A seguinte circular de M. Vis-

conti Venosta, ministro dos negocios estrangeiros de Italia, lançou sobre seus verdadeiros sentimentos uma tristissima luz.

«Os sucessos que se estão dando (escrevia de Florença a 29 de agosto, M. Visconti Venosta a seus representantes no estrangeiro) tem com a questão romana relações a respeito das quaes muitos governos tem procurado conhecer nossas intenções... O governo do soberano não tem nenhuma difficuldade em explical-as sem reticencias a tal respeito...

«Os tratados de 15 de setembro de 1864, não eram a solução da questão romana. Collocavam unicamente esse negocio em taes condições que se podesse ir preparando sem grande abalo o remate. Em consequencia, porém, da agitação que lavra na Europa depois de 1866, a convenção não foi efficaz para escurecer as causas exteriores que impedem a solução da questão romana...

«Nas suas relacões com a Italia, a côrte de Roma entendeu que se devia recusar a acceitar até as mais simples e transitorias medidas administrativas. Deu-se ares de um governo inimigo estabelecido no centro da Peninsula, alistando forças extrangeiras e dando-lhe o caracter de armada reacionaria... As consequencias de tal situação em presença da guerra actualmente travada e das complicações que podem ainda seguir-se-lhe são muito graves para nós... e é a força das circumstancias que imperiosamente nos faz sentir mais do que nunca, a necessidade de resolver a questão romana. É uma previdencia attingir praticamente o problema.

«Ha dez annos no decurso das negociações muitas vezes começadas e sempre interrompidas por acontecimentos politicos, as bases possiveis de uma solução definitiva foram confidencialmente reconhecidas em globo, e subordinadas apenas ás condições de opportunidade e conveniencias politicas, não só pela França como por outras potencias...»

De maneira, que segundo M. Visconti Venosta, as bases de uma nova e definitiva solução da questão romana, tinham sido a principio reconhecidas e subordinadas sómente ás condições da opportunidade. Estas palavras, ligadas ao facto da prematura chamada das tropas francezas, mostram que o imperador não

tinha renunciado a nenhuma das suas illusões, a nenhuma das suas condescendencias revolucionarias. Para abandonar o Papado, Napoleão não esperou ser vencido.

A Revolução sempre prompta a calumniar a Santa Sé, attribuiu a Pio IX logo desde os nossos primeiros revezes, uma palavra cruel que circulou em toda a imprensa franceza: «Até que emfim, o gallo gaulez cantará mais baixinho desde que lhe apararam a crista.» E ao mesmo tempo faziam-se correr tambem de bocca em bocca sobre todo o territorio francez, boatos absurdos que não se atreviam a inserir nas gazetas, mas que nem por isso foram menos e com uma docilidade inexplicavel acreditadas, pelo povo ignorante das cidades e das aldêas: «que a invasão da França se devia ao Papa—que os padres e os nobres enviavam incessantemente dinheiro aos prussianos, e chegavam mesmo a ir levar-lh'o, esperando-os e recebendo-os pomposamente em suas parochias e palacios.» E milhares de homens pela maior parte eleitores, repetiam seriamente estas inepcias. Qual de nós as não ouviu?

Os proprios prussianos, por uma disposição verdadeiramente infernal, concorriam para que as sociedades secretas fossem espalhando que foi o Papa e o clero quem os incitara contra a França que os tinha encarcerado. E ainda mais. Em novembro de 1874, na tribuna allemã de Reichstag, M. de Bismark—o declarado inimigo tanto de Roma como de França—teve a audacia de referir por sua propria conta, ainda que de uma maneira um pouco vaga, e na verdade sem as affirmar, tão perfidas insinuações. N'esse dia mostrou-se M. de Bismark não só desprovido de escrupulos, mas tambem de memoria. Esquecia-se das seguintes cartas, uma das quaes escripta e divulgada por seu soberano, no momento em que tinham ainda de ganhar alliados, e aliciar soldados catholicos.

Pio IX, anciando fazer suspender a guerra em seu começo, tinha-se interposto a 22 de Julho de 1870, entre os dois soberanos rivaes:

«Sire (escrevia elle ao rei da Prussia) nas gravissimas circumstancias em que nos achamos, talvez vos pareça insolito re-

ceber uma carta minha; mas como Vigario do Deus da paz sobre a terra, não posso deixar de vos offerecer a minha mediação. Todo o meu desejo é ver desapparecer os preparativos da guerra, impedindo os males que são uma consequencia inevitavel d'ella. A minha mediação n'este negocio, é a de um soberano que, na qualidade de Rei, não pode inspirar o menor receio em razão da exiguidade de seu territorio, mas que no entanto inspirará alguma confiança pela influencia moral e religiosa que personifica.

«Queira Deus attender aos meus votos, assim como tambem aos que faço por V. Magestade, a quem desejo alliar-me pelos laços da mesma caridade.

«Pius P P IX.»

«Escrevi no mesmo sentido a S. Magestade o Imperador dos Francezes.»

O rei da Prussia respondeu de Berlim a 30 de julho:

«Bemaventurado Pontifice, não fiquei surprehendido mas profundamente abalado lendo as commoventes palavras traçadas por vossa mão para fazer ouvir a voz do Deus da paz. Como poderia o meu coração ficar insensivel a tão poderosa appellação? Deus é testemunha, que nem eu nem os meus vassallos desejamos nem provocamos esta guerra. Obedecendo unicamunte aos deveres sagrados que Deus impôem aos soberanos e ás nações, arrancamos da espada para defender a independencia e a honra da patria, e estamos dispostos a embainhal-a desde que estes bens não estejam em risco de nos ser arrebatados. Se Vossa Santidade podesse affiançar-nos da parte de quem tão inopinadamente declarou a guerra, disposições sinceramente pacificas e garantias contra a renovação de semelhante violação da paz e da tranquillidade europea, não seria de certo eu que recusaria acceital-as das veneraveis mãos de Vossa Santidade, unido a Vós como o estou pelos laços da caridade christã e de uma sincera amisade.

«Guilherme.»

A carta de Pio IX a Napoleão III não foi publicada, assim como a resposta do imperador (se este respondeu...)

Os nossos desastres retumbaram dolorosamente no coração de Pio IX. A cada novo revez que lhe noticiavam, o bondoso ancião repetia sempre: «Pobre França!» E de novo tentou intervir, quando o excesso de nossas derrotas mostrou que a continuação da lucta seria uma loucura da nossa parte. Pio IX supplicou ao governo da Defeza nacional que cessasse de accumular desgraças; e ao mesmo tempo representava ao rei da Prussia quão pouco generoso seria da sua parte esmagar um inimigo vencido.

A 12 de Novembro dizia elle a Mons. Guibert arcebispo de Touros, em cujo palacio se achava installada a Delegação nacional:

«Nada poupeis, nós vol-o rogamos, para levar vossos illustres hospedes a não prolongar mais esta guerra... Não ignoramos, todavia, que isto não depende exclusivamente d'elles, e que proseguiriamos sem resultado a grande obra da paz que nos preoccupa, se nosso pacifico ministerio achasse igualmente apoio junto do vencedor. D'este modo não hesitamos em escrever a tal respeito, a S. Magestade o rei da Prussia. Sem duvida nada podemos affirmar quanto ao exito favoravel de nossa pretenção; no entanto, o que nos dá alguma esperança é que este soberano, em outras circumstancias, mostrou sempre muito boa vontade para comnosco...»

Infelizmente os homens que se tinham arrogado a difficil missão de salvar o paiz eram uns vaidosos incapazes de acceitar um bom conselho, principalmente sendo este dado por um Papa. Pelo que toca ao rei da Prussia e a seu ministro, eram ambos d'aquelles que se embriagam com a victoria, e abusando do poder são incapazes de moderar-se. Pio IX ainda os não conhecia.

Os bons officios de Mons. Guibert junto de M. de Crémieux, Glais-Bizoin e Gambeta não foram mais felizes que os de Mons. Ledochouski, arcebispo de Pozen, o qual foi expressamente procurar o rei Guilherme a Versailles. Dizem até que as suas supplicas foram recebidas com menos agrado, e parece que

Guilherme, d'esta vez, se não dignou responder a Pio IX.

E apesar d'estes enganos, a confiança do bondoso Pontifice na patria de Carlos Magno e de S. Luiz era inabalavel.

Quando tudo parecia perdido para elle e para nós, dizia: «Apesar de tudo, é com a França que eu conto!» E d'outra vez: «A França foi talada, suas terras estão encharcadas de sangue; e a semente divina desabrochará rapidamente produzindo maravilhosos fructos.»

Pelo seu lado Victor Manuel affligia-se profundamente vendo desmoronar-se o imperio que o tinha feito rei de Italia, mas sua ambição tinha sempre que lucrar com a perda da França. E isto mesmo se demonstrou, depois do dia 7 de setembro. M. Visconti Venosta expediu uma nova circular onde já se não en contravam as hesitações e phraseologia da precedente :

«O governo do rei teve nos ultimos annos demasiadas occa siões de conhecer os perigos do antagonismo que existe entre o governo pontifical e a Italia. Estes perigos que foram muitas vezes reconhecidos pelas potencias, não tinham n'esse tempo o caracter de decisiva gravidade que tem hoje, e do qual vos preveni na minha circular de 20 de agosto do passado.

«É maxima reconhecida por todas as authoridades em direito positivo, que cada governo tem o direito de zelar sua conservação... Ora como a Italia é obrigada, assim como os paizes visinhos das suas nações beligerantes a nada descurarem para obter alguma segurança, está impedida pelo estado actual das circumstancias que sustentam n'um recanto da Peninsula um governo theocratico em permanente hostilidade com ella, e cujo territorio proporciona vantagens a todos os elementos de discordia...

Hoje que a guerra entre a França e a Allemanha tomou um caracter especial... sua magestade el-rei, como guarda e depositario da integridade e inviolabilidade do paiz, e como soberano de uma nação catholica, é forçado a não abandonar em qualquer extremidade o chefe da Egreja, responsabilisando-se como lhe cumpre, em face da Europa e da christandade, a sustentar a ordem na Peninsula, e bem assim os direitos da Santa Sé.

«O governo de Sua Magestade não esperará para tomar uma resolução energica a tal respeito que a agitação que lavra no territorio pontifical—natural consequencia dos successos que se estão dando em outras partes—chegue ao derramamento de sangue entre os romanos e as forças estrangeiras. Isto seria o mesmo que sacrificar nossos deveres, por insignificante preço, deixando o Padre Santo exposto a deploraveis conflictos, apezar da sua inquebrantavel resistencia, e dos romanos terem declarado que se aprestavam para reivindicar seus direitos e a tranquilla posse de seus bens e liberdade. Quando por tanto chegar a occasião opportuna, occuparemos os pontos necessarios para vellar pela segurança commum, deixando ao povo o cuidado de sua propria administração...»

Não se podia exprimir melhor, nem dizer mais. O lobo temia ser devorado pelo cordeiro depois que seus visinhos se voltavam para outro lado, e mostrando-se completamente dedicado ao interesse á segurança do mesmo cordeiro, não menos que propriamente á sua, decidia-se a devoral-o, e depois d'isto nada mais havia que temerem-se, nem o lobo do cordeiro, nem o cordeiro do lobo.

A epocha mais ou menos afastada d'esta summaria solução dependeria, dizia elle, das informações que fosse colhendo. Estas informações chegaram com notavel rapidez, porque M. Lanza, presidente do conselho de ministros, escrevia na manhã seguinte ao conde Ponza di San-Martino:

«N'este solemne momento em que o governo é chamado pelo interesse da Santa Sé e da Italia a tomar as medidas necessarias para a segurança do territorio nacional, sois encarregado de levar a Roma, ao soberano Pontifice, uma carta de Sua Magestade.

«Depositario e garantia do futuro da Italia, obrigado forçosamente como catholico a não abandonar a Santa Sé aos perigos que a coragem do Padre Santo se sentiria disposta a affrontar, Sua Magestade reconhece o imperioso dever que o impelle a tomar em frente da Europa e do catholicismo a responsabilidade que lhe compete, não só no tocante á Italia e Santa Sé, mas a toda a Peninsula.

«O governo do rei e seu exercito limita-se absolutamente a

vellar pelos imprescriptiveis direitos dos romanos, e pelo interesse que tem todo o orbe christão na inteira independencia do soberano Pontifice. Pondo de parte toda a questão que podesse levantar-se pelas manifestações livres e pacificas do povo romano, o governo está firmemente resolvido a assegurar as garantias necessarias á independencia espiritual da Santa Sé, obrigando-se igualmente a tratar de futuras negociações entre a Italia e as potencias interessadas.

«Tentareis fazer comprehender ao Pontifice quanto o momento actual é solemne para o futuro da Egreja e do Papado. O chefe da christandade achará nas populações italianas uma profundissima dedicação, e conservará nas margens do Tibre um solio venerado e independente de toda a soberania humana.

«Sua Magestade dirige-se ao Pontifice com o affecto de um filho, a fé de um catholico, e os sentimentos de um rei, e de um italiano. Sua Santidade não ha de repellir, no momento em que as instituições mais sagradas e a paz dos povos estão ameaçadas, a mão que lealmente lhe estendem em nome da religião e da Italia.»

Como por isto se desprehende, o espirito piemontez não merece de forma alguma a reputação de tôsco que lhe davam antigamente. E mesmo depois que governa a Italia tem-se formado e elevado na arte da ironia diplomatica a uma graça e perfeição que outros com mais desfaçatez nunca hão de lograr.

A peça litteraria que acabamos de transcrever, ficaria sem igual nos fastos da historia se o proprio Victor Manuel, tornando a sentir toda a sua piedade filial, e real dignidade de 1859, não entendesse que devia mostrar ao Papado que era por excessivo affecto que o violentava; e que ia metralhar e assassinar seus defensores unicamente no intuito de evitar a effusão de sangue; espolial-o por excesso de zelo pela justiça; encarceral-o para lhe dar a liberdade; e finalmente que elle devia soffrer sem queixumes mas não sem lhe agradecer, a elle, Victor Manuel, que tantas canceiras se dava por sua causa. A 8 de setembro de 1870, escrevia a Pio IX, por intervenção de M. Ponza di San-Martino:

«Bemaventurado Padre: Com todo o affecto filial, com a mais

viva fé catholica, com a lealdade de soberano, e a dedicação de italiano, ainda me dirijo, como já fiz outr'ora, ao coração de V. Santidade.

«Uma terrivel tempestade ameaça a Europa por causa da guerra que assolla o centro do continente. O partido revolucionario cosmopolita recresce em audacia e atrevimento e prepara, principalmente na Italia e nas provincias governadas por V. Santidade, os ultimos golpes para ferir ao mesmo tempo a monarchia e o papado.

«Conheço perfeitamente, Santissimo Padre, que a grandeza de sua alma não vergará nunca por maiores que sejam os successos; mas eu, como rei catholico e rei italiano, e como tal guarda, e depositario pela divina Providencia e pela vontade da nação, do futuro de todos os italianos, reconheço que me compete o dever de tomar em face da Europa e da christandade a responsabilidade de manter a ordem na Peninsula e segurança da Santa Sé.

«N'este caso, Santissimo Padre, a exaltação das populações governadas por V. Santidade, e a presença entre ellas de tropas estrangeiras de differentes nações e com diversos intentos, é um foco de agitação perigoso para todos. O accaso e a effervescencia das paixões podem chegar ás violencias e derramamento de sangue, que é meu e vosso dever evitar e impedir.

«Vejo portanto a imperiosa necessidade, pela segurança da Italia e da Santa Sé, que o meu exercito, já prompto para guardar as fronteiras, avance e occupe as posições que são indispensaveis para segurança de V. Santidade e sustentação da ordem publica.

«V. Santidade de certo não verá n'esta medida preventiva um acto hostil. O meu governo e o meu exercito se restringirá unicamente aos meios conservadores e tutelares dos direitos facilmente conciliaveis das populações romanas com a inviolabilidade do soberano Pontifice, e de sua auctoridade espiritual com a independencia da Santa Sé.

«Se V. Santidade, como a qualidade de seu caracter sagrado e sua bondosa alma me dá o direito de esperar, está possuido do desejo que sinto de evitar todo o conflicto e obstar ás violencias,

poderá de accordo com o conde Ponza de San-Martino, portador d'esta carta e encarregado das instrucções do meu governo, tomar as medidas que melhor lhe convier adoptar para este fim.

«N'um momento tão solemne para a Italia como para a Igreja e o papado, permitta-me V. Santidade ainda esperar que continuará a dar provas da benevolencia que nunca poderá extinguir-se em seu coração para com esta terra que é tambem a sua patria, e bem assim que alimentará os sentimentos conciliadores que com infatigavel perseverança tenho presenciado, afim de que, satisfazendo ao mesmo tempo ás aspirações nacionaes, o chefe da christandade conserve, nas margens do Tibre, não só a dedicação das populações italianas, mas um solio glorioso e independente de toda a soberania humana.

«Livrando Roma das tropas extrangeiras, salvando-a do imminente risco de se tornar campo de batalha dos differentes partidos, fará V. Santidade uma grande e nobre acção, dando com isso não só a paz á Igreja, mas ao mesmo tempo mostrando á Europa, espantada com os horrores da guerra, como por um acto de justiça e uma palavra affectuosa se podem ganhar victorias immortaes.

«Rogo a V. S. me conceda sua benção apostolica, renovando os protestos do meu mais profundo acatamento.»

A primeira visita de M. Ponza di San-Martino chegando a Roma foi para o cardeal Antonelli, o qual o recebeu com a sua natural polidez e não pôde recusar-se a solicitar do Papa uma audiencia. Parece, porem, apezar de diversas versões, que o cardeal se obstinou a não fallar ao embaixador senão em coisas indifferentes: «A respeito do que o traz aqui, disse elle, hade consentir que me abstenha de fallar. Sei tudo quanto poderia dizer-me, assim como deve saber tudo quanto eu poderia responder. N'esta occasião a palavra é a força e não a logica.»

Pio IX ficou mais pesaroso do que surprehendido com a leitura da carta de Victor Manuel. O que mais o maguou foi a forma do escripto: «Aqui está, murmurou, até onde a Revolução faz descer um principe da casa de Saboia! Não lhe bastava expulsar os soberanos todas as vezes que lhe foi possivel, ou

fazer-lhe cahir a cabeça debaixo do cutelo do algoz: folga alem d'isto em deshonral-os!»

E como o enviado piemontez confundido redarguiu que seu soberano era sincero, e se sentia penetrado mais do que ninguem da necessidade da independencia do chefe da Igreja, offerecendo para que esta se conservasse as mais solidas garantias, Pio IX perguntou:

—E quem garante essas mesmas garantias? Seu soberano nada pode prometter. O seu rei já não é rei. Depende do parlamento, e este depende hoje das sociedades secretas.

O embaixador, cada vez mais enleiado, fallou das difficuldades da epocha. Allegou timidamente que o rei devia ser julgado segundo as suas intenções, e que n'esse momento, por exemplo, se via contrariado pelo voto de vinte e quatro milhões de italianos.

«É falso, senhor—exclamou Pio IX—calumniaes a Italia! D'esses vinte e quatro milhões, vinte e trez são-me dedicados; respeitam-me, estimam-me, e não pedem senão que a revolução os deixe em socego tanto a elles como a mim. É facto haver um milhão de desgraçados que tendes infeccionado com falsas doutrinas e vergonhosas cubiças. Estes, são os amigos de vosso soberano, os fautores de suas ambições; mas hão de abandonal-o quando já não precizarem d'elle. Ide, senhor, mandar-vos-hei amanhã a minha resposta. Estou muito commovido e indignado para escrever n'este momento.»

Ditas estas palavras, despediu com um gesto o visitante, o qual oppresso, coberto de suor, e escondendo o rosto, sahiu, atravessou as salas do Vaticano rapidamente e entrou na carruagem furiosissimo.

Pouco antes d'esta penosa audiencia tinha o Pontifice dado outra aos zuavos, que pela maior parte eram Canadianos. Pio IX tinha com semblante melancolico mas sereno contemplado profundamente esses mancebos que lhe tinham ordenado que despedisse como estranhos, e aos quaes se preparavam para esmagar com forças cem vezes superiores.

«Meus filhos—lhes disse elle—nós temos dois inimigos, o exterior contra o qual não podemos contar fazer senão uma coisa,

que é o nosso dever; e o interior, que com a graça de Deus estamos sempre certos de vencer quando quizermos. Este ultimo é o mais temivel, ou por assim dizer o unico temivel. Temei, pois, o peccado, meus filhos, evitai-o, e quanto ao resto, que importa? Ha de succeder o que Deus quizer.»

N'esse mesmo dia á tarde devia Pio IX presidir a uma d'essas festas de familia como era frequente em Roma no tempo do paternal governo de seus Pontifices. Os Romanos foram sempre muito apaixonados pela boa agua. Pio IX querendo dotal-os com mais uma fonte magnifica e abundante, mandou encanar para a praça de Thermas, em frente do caminho de ferro, um veio opulento que se chama l'Acqua-Marcia. No centro de um amphitheatro elegante, defronte da antiga entrada das Thermas de Diocleciano e que era então uma sumptuosa Cartuxa, tinha sido aberta a bacia central d'onde esta onda limpida devia partir para alimentar esse quarteirão de Roma que não estava ainda tão ricamente provido como o resto da cidade. Um gracioso palanque fôra levantado para o Papa e sua corte assistir assim como os bispos residentes em Roma e os senadores e principes romanos. O povo invadira a praça, e segundo o costume, accumulavam-se todas as condições sociaes reunidas, sem se ouvirem clamores confusos ou gritos de discordia; era emfim um ajuntamento, uma grande multidão pacifica como só Roma tem o segredo de a formar.

Uma testemunha occular conta que Pio IX fôra como sempre saudado, quando chegou, pelos brados enthusiasticos do povo. O conde Ponza di San-Martino tevera pelo seu lado a curiosidade, innocentissima na apparencia, de gosar esse espectaculo. Somente entendeu que devia fazer-se preceder de uma generosa distribuição de oiro piemontez, no intuito de perturbar a festa com acclamações ao rei de Italia. Estes pormenores, que não surprehenderam ninguem, só se souberam mais tarde. Um grupo de mancebos reconheceu-o, e manobrando de novo a separal-o de seus emissarios, organisou em redor do diplomatico uma especie de circulo que o obrigou a ficar até ao resto, mas sosinho e isolado, e mui differentemente do que elle esperava.

A um signal do Santo Padre, o qual estendia a mão para

abençoar, abrem-se os depositos, e numerosissimos jactos de agua começam a rebentar por entre a verdura e as flores: a agua borbulha em zonas cristalinas, e uma encantadora joven, a marquezinha Cavaletti, filha do senador do mesmo nome, trajada de branco, aproxima-se da fonte espumante, enche um copo e vai apresental-o ao Soberano Pontifice, n'uma salva de prata doirada. O Santo Padre leva o copo aos labios e manifesta o desejo de que todos os assistentes provem esse liquido bemfazejo, mais util e precioso que todos os liquidos inventados pela industria humana.

Este espectaculo não tinha nada em si de notavel, mas a população romana gravou-o eternamente na memoria, por que foi o derradeiro.

Esta formosa creança, modestamente ajoelhada aos pés de um octogenario, offerecendo-lhe algumas gotas de uma agua a que o reconhecimento publico tinha mudado o nome trocando-o desde então pelo de Acqua-Pia; a enthusiastica alegria de uma população verdadeiramente romana, testemunhando por seus *Evviva!* e os immensos applausos sua gratidão e amor; esses brados mil vezes repetido de: Viva Pio IX! Viva o rei Pontifice! soltando-se expontaneamente de vinte mil corações; esta magestosa e meiga apparencia do Pai commum dominando toda esta scena, esquecendo-se por instantes dos cuidados e penas que soffria por seu povo, sorrindo mais uma vez a esse mesmo povo, que sabia e conhecia as amarguras tragadas por seu Pastor supremo; tudo isso era de grande singeleza, e ao mesmo tempo esplendido e cheio d'essa verdadeira formosura, que é bastante para não necessitar de pompas nem de ficticios adornos que só lhe obscureceriam o esplendor. Aqui está uma d'aquellas alegrias que nunca esquecem: aqui descrevemos nós uma scena que todo o ouro do Piemonte nunca poderia comprar.

M. Ponza pode opportunamente affirmar que Pio IX era verdadeiramente um paí no meio de seus filhos. Esta festa intima devia ser-lhe ainda mais amarga lembrando-se que fôra mudal-a em luto, e que já a essa hora se encaminhava para a cidade santa o exercito que devia alguns dias depois cobrir esses mesmos lugares de uma saraivada de projectis, arrancando a esse

pobre povo toda a sua innocente satisfação. Dizem que, sahindo de Roma, maldissera a hora em que lá entrara. Houve quem lhe ouvisse: «Valia bem a pena pagar tão caro para assistir a uma tal ovação!»

A 11 de setembro, Pio IX mandou entregar a M. Ponza a resposta seguinte para Victor Manuel:

«Sire: o conde de Ponza di San-Martino entregou-me a carta que aprouve a V. Magestade dirigir-me; mas ella não é digna de um filho affectuoso que se gloria de professar a fé catholica e se honra de possuir uma lealdade real. Não entro nas suas minuciosidades para não renovar a dor que a primeira leitura me causou. Louvo a Deus que permittiu que V. Magestade accumulasse de amargura o ultimo periodo da minha existencia. De resto não posso admittir os rogos que me faz, nem alliar-me aos principios que a sua carta expõe. Invoco novamente a Deus, e entrego em suas mãos a minha causa, a qual é exactamente a sua. Supplico-lhe que conceda abundantes graças a V. Magestade, livrando-o de todos os perigos, e concedendo-lhe todos os beneficios de que carece.»

Victor Manuel não tivera a paciencia de esperar a resposta de Pio IX, para o tratar como inimigo. A 11 de setembro o territorio pontifical foi invadido por sua ordem, por tres lados, ao norte por Acquapendente, ao oeste por Orte e Correze, ao sul por Ceprano.

Os invasores formavam no total 60:000 homens.

CAPITULO XX

A brecha da porta Pia

Na manhã de 13 de setembro, o rei de armas fez uma proclamação annunciando aos cidadãos que Roma estava sitiada, dando-lhe conhecimento d'esse novo attentado de um rei que se dizia catholico, e convidando-os a ficarem tranquillos em suas casas para não dar pretextos aos perturbadores da ordem publica. N'esse momento Victor Manoel dirigia aos soldados indigenas pontificios uma allocoção cujo palavriado revolucionario não é muito facil de comprehender.

«Soldados romanos! O valoroso exercito italiano marcha sobre Roma para vos libertar dos mercenarios estrangeiros que ha dez annos vos opprimem e deshonram. Unir-vos-heis aos zuavos para nos repellir, obedecendo ás ordens de um chefe expulso de sua patria? Voltareis as armas contra vossos irmãos quando vão livrar-vos de uma ignominiosa escravidão? Não, por Deus! Sois honrados e valentes. Imitareis o exemplo dos soldados hespanhoes, francezes e napolitanos, que pelo bem da patria preferiram quebrar as espadas a servir o tyranno. Vós não sereis fratricidas, mas antes livres e independentes soldados da Italia. Nas patrioticas batalhas de 48-49, sob o pendão da liberdade, em Vicença, Bologna, Velletri e S. Pancracio mostras-

tes-vos dignos filhos da Roma antiga e a historia registou vossos nomes nas suas gloriosas paginas. Querereis renegal-as hoje? Vivam os soldados romanos! viva Roma capital da Italia! viva Victor Manuel, rei do Capitolio!»

Tentativas de corrupção produziram algumas deserções entre os soldados indigenas, mas nem mesmo ousaram tentar a fidelidade dos zuavos. Sabia-se que eram incorruptiveis.

Surprehendidos e muito inferiores em numero para resistir, os tres ou quatro mil pontificios espalhados pelas provincias tiveram de retirar para Roma e Civita-Vecchia. O tenente coronel de Charette, cortado na retirada, conseguiu todavia sahir de Viterbo por montes e caminhos não trilhados e entrar em Roma com seus zuavos e todo o seu material. Ao coronel Azzanesi succedeu outro tanto em Terracina, em Villetri e Frosinone com os pequenos corpos da guarnição. Coisa notavel! nem um só d'esses soldados desappareceu n'essas marchas precipitadas onde a deserção era facilima. [1]

O coronel hespanhol Serra, que commandava em Civita-Vecchia, entendeu de outra maneira as leis da honra e do dever. Quer fosse traição quer fosse cobārdia, á primeira intimação da esquadra piemonteza entregou a cidade, que devia e podia defender. Um de seus patricios, o capitão Saballs, indignado com tal cobardia, despedaçou diante d'elle a espada que devia retomar pouco depois illustrando-a na Navarra e Catalunha.

A 19 de setembro, os sessenta mil italianos achavam-se reu-

[1] O auctor de *Des italienische Raubzug wider Rom. (Invasões de Italia e Roma, por uma testemunha occular*; Munster, 1871) conta que um dragão pontificio fôra enviado a um reconhecimento d'uma pequena aldeia onde se queria saber precisamente quando chegaria o inimigo. Este soldado era allemão. A columna piemonteza, chegando por um caminho imprevisto, surprehendeu-o e apenas lhe deu tempo para se esconder deixando o cavallo n'uma cavallariça. Os italianos descubriram a cavalgadura e procuraram o cavalleiro, mas nem promessas nem ameaças poderam levar os habitantes a denuncial-o. O allemão alli ficou oito dias, passeiando desafogadamente na aldeia, disfarçado em creado de moleiro. Toda a gente o sabia, e nem um só dedo o apontou nem uma voz o indicou aos piemontezes. E todavia, era um desconhecido, um estrangeiro, mas era um soldado do Santo Padre e bastou isso para tornar toda uma aldeia cumplice do seu disfarce, e depois da sua evasão. Eis aqui como os povos romanos detestam o governo pontificio e seus «mercenarios extrangeiros!»

nidos debaixo das muralhas de Roma e intimavam-na a render-se.

—Se não podemos impedir ao salteador a entrada—disse Pio IX—que pelo menos se prove que entrou pela força. E os pontificios, em numero de dez mil, disposeram-se para uma vigorosa resistencia.

O general em chefe dos italianos era o renegado Cadorna, conego em Milão antes de 1848, o qual tinha mandado distribuir secretamente armas na cidade, fazendo tambem promessas de dinheiro, e contando por isso com um levantamento geral.

Vendo que nada transpirava, e por outro lado que o conde de Arnim, embaixador da Prussia, dividia as horas do dia entre o campo piemontez e a cidade, tratando de uma conciliação, não podera obter nem do governo pontificio, nem do prorío Pio IX que renunciassem a uma resistencia impossivel, Cadorna resolveu dar o ataque na seguinte manhã, 20, ao romper da aurora.

Chegando esta noticia ao conhecimento de Pio IX, dirigiu este ao general Kanzler, commandante em chefe de seu pequeno exercito, a seguinte carta, que os soldados não conheceram senão passados alguns dias:

«Sr. general, agora, quando se vai consummar um grande sacrilegio e a mais enorme injustiça, agora que as tropas de um rei catholico, sem provocação, sem motivo apparente, cercam a capital do mundo catholico, sinto em primeiro lugar a necessidade de lhe agradecer, assim como a seus soldados, o generoso comportamento que tem tido, e bem assim a affeição de que tem dado provas á Santa Sé, dedicando-se inteiramente á defesa d'esta metropole.

«Que estas linhas se conservem como um documento solemne para certificar a disciplina, a lealdade e o valor dos soldados que estão ao serviço de nossa Santa Sé. Quanto á prolongação da defesa, é meu dever ordenar que consista unicamente n'um protesto em que se registre a violencia e mais nada: isto importa o mesmo que dizer que logo que uma brecha seja aberta se dará começo ás negociações para a entrega da cidade.

«No momento em que a Europa inteira lamenta as numero-

sissimas victimas de uma guerra entre duas poderosas nações, jámais se dirá que o Vigario de Jesus Christo, posto que aggredido, consentisse no derramamento de sangue. A nossa causa é a causa de Deus, e n'elle depositamos toda a confiança.

«De todo o coração o abençôo, sr. general, e a todos os seus soldados.»

Depois de ter d'este modo cumprido o que julgava seu dever de soberano, Pio IX foi orar á basilica de Latrão, e de lá á capella da Escada Santa onde se conserva a escadaria que Jesus Christo subiu em casa de Pilatos. E apesar de sua idade, quiz subir de joelhos os cento e vinte e sete degráos consagrados pela paixão do Senhor. Chegando ao cimo prostrou-se diante da capella das reliquias, exclamando com a voz tremula pelo pranto, mas ainda assim bastante audivel para que os assistentes não perdessem uma palavra:

«Ó tu grande Deus, meu Salvador, tu de quem sou o mais infimo servo e indignissimo representante e supremo distribuidor! supplico-te pelo precioso sangue derramado por teu divino Filho n'estes mesmos lugares, pelos tormentos, pelos sacrificios de teu divino Filho, o qual voluntariamente subiu este mesmo opprobrioso caminho para se offerecer em holocausto diante da populaça, que o injuriava e pela qual ia morrer n'uma cruz infame; oh! eu t'o supplico, tem compaixão de teu povo, de tua Igreja, da tua Esposa muito amada; suspende tua ira, tua justa colera! Não permittas que mãos infamissimas venham manchar tua morada. Perdoa ao meu povo que é o teu; e, se é preciso uma victima, oh! meu Deus, toma o teu indigno servo, teu indigno representante! Não tenho vivido bastante?... Compaixão, meu Deus! compaixão te supplico; e succeda o que succeder, que seja feita a tua santa vontade!»

Uma commoção indizivel se apossou dos espectadores d'esta scena, e não foi menor quando, descendo da capella, Pio IX abrangendo com o olhar esta vasta campina onde se descobriam estendidas ao longe as tendas do inimigo e seu numeroso exercito, e lançando em seguida os olhos para o pequeno grupo de soldados romanos formados na praça de S. João de Latrão, disse ao tenente coronel Chasette, quando este lhe pe-

dia que abençoasse os soldados: «Meu Deus! são pouquissimos; quasi os não distingo!... mas faça-se a vontade do Senhor!» E abençoou-os.

Os moradores d'este bairro, sabedores da prezença do Papa, rodearam-lhe a carruagem, apertando-se em volta d'elle para o felicitarem com as repetidas acclamações de *Viva Pio IX!* accrescentando a esta filial familiaridade Romana, os conselhos e as consolações.

«Defendei-vos, Santo Padre, defendei-vos! Coragem! coragem!»

Depois de ter abençoado o povo assim como abençoara seus soldados, Pio IX regressou ao Vaticano, no arrabalde da cidade Leonina. Roma não devia tornar a vêl-o.[1]

Ás cinco horas em ponto da manhã, Cadorna começou a atirar sobre Roma por cinco diversos pontos: pelas *Tre-Archi* por onde o caminho de ferro desemboca na cidade, pela porta San-Giovanni, porta de S. Sebastião, Transtevere, e porta Pia. Em nenhuma parte, porem, seus soldados poderam abrir passagem.

Para dar uma idea d'esses diversos ataques contaremos algumas peripecias do principal, que foi o da porta Pia.

Este lugar era um dos mais fracos do resinto. A muralha tinha quinze seculos, e no mesmo ponto onde a brecha foi aberta tinha sido antigamente retocada, com má cal e alvenaria, tendo só dois pés de grossura. Do lado dos italianos havia cincoenta e dois canhões raiados e duas divisões, contando com Cadorna e a reserva. Do lado dos pontificios havia uma companhia de infanteria, duas de zuavos e alguns artilheiros e gendarmes, prefazendo ao todo um regimento, e oito peças lisas.

De dentro das muralhas, os carabineiros defenderam por mais de uma hora a villa Patrizzi. No momento em que iam achar-se envolvidos, recuaram lentamente, em quanto que a bateria piemonteza de *la Barrache* se via forçada a deslocar-se sob o fogo dos pontificios. Ás oito horas e meia as unicas duas

[1] *Historia da invasão dos Estados Pontificaes*, pelo conde de Beauffort, official dos zuavos pontificios.

peças que não poderam fortificar-se sobre o batente da porta Pia, foram successivamente desmontadas. O inimigo avançou com as suas até a 500 metros. D'alli esmagava os sitiados com innumeraveis granadas. Os pontificaes tiveram de retirar, depois de ter encravado uma das peças e levado a outra. Os zuavos porem ainda lá voltaram debaixo de um chuveiro de balas para salvar um caixão esquecido. A rapidez e certeza de sua pontaria suppria a falta da artilheria. As distancias tinham sido medidas com um decametro alguns dias antes. Immediatamente os artilheiros piemontezes, dizimados sobre suas carretas, tiveram de recuar até 800 metros, depois a 1:200. Para lhes cobrir a retirada o general Cosenz, um dos tenentes de Cadorna, mandou destacar para diante numerosos atiradores occultos nos parreiraes. D'este modo pôde ganhar algum terreno.

A este tempo a artilheria pontificia troava do alto de Maccao, antigo campo pretoriano, e do monte Pincio. Os tenentes Niel e Brondeis cahiam crivados de balas, bradando: «Viva Pio IX!» Um zuavo alsaciano, chamado Claudot, ferido e deitado por terra a seu lado juntava ao nome do Pontifice o de sua mãe. Outro zuavo canadiense, Hormidas Sauvet, tambem ferido, considerava-se mais feliz que muitos de seus patricios que depois de dois annos de serviço não tinham dado seu sangue a tão justa causa. Outro, Burel, com a lingua atravessada por uma bala, pedia por signaes para escrever, e fazia seu testamento: «Lego ao papa tudo quanto possuo.» E na manhã seguinte, logo que expirou, foram entregar a Pio IX esse papel manchado de sangue. O Pontifice cobriu-o de lagrimas e quiz conserval-o.

O fogo dos piemontezes, convergindo para o ponto onde devia abrir brecha, entre as portas Pia e Salara, arrazou uns trinta metros da muralha. Apesar d'isto os zuavos não attentavam no perigo: a pé firme, collocados ao lado, faziam fogo assiduo e mortifero, mas mortifero o sentiam elles tambem. Outros, emquanto carregavam e descarregavam as armas, cantavam com sublime arrebatamento o *Hymno a Pio IX*, magistral obra de Gounod.

Julgando a brecha accessivel, Cadorna mandou arvorar na villa Patrizi o signal convencionado para fazer cessar o fogo da artilheria e começar o assalto.

Desembocando da villa Patuzzi, o 39 de infanteria piemonteza, sustentado pelo 35 de *bersaglieri* e numerosos atiradores, avançou para a brecha. Foi porem recebido por um fogo bem sustentado, que o fez hesitar. Os tenentes coroneis Giolotti, Pagliari e outros officiaes cahem successivamente nas fileiras piemontezas atirando-se para a frente e esforçando-se por arrastar seus soldados. Os piemontezes recuam. Então os zuavos, a pé quedo e sustentando o fogo: saudam esse movimento com um prolongado: «Viva Pio IX!» o inimigo responde: Viva Saboia!» e volta á carga. Os zuavos arrancam das baionetas. N'este instante chega o capitão França agitando uma bandeira branca e bradando: «Cesse o fogo, aqui está a ordem assignada pelo general.» Os zuavos olham uns para os outros, sombrios e carregados, alguns chorando de raiva; mas obedecem. O tenente Mauduit toma a bandeira branca e vai arvoral-a sobre a brecha. Eram dez horas e dez minutos.

Todavia, nem a bandeira que Mauduit agita, nem o silencio das espingardas pontificias, nem o toque de seus clarins sustém os assaltantes. Estes tomam a brecha que lhes não é disputada e atiram-se á baioneta sobre os zuavos, que a pé firme não respondem nem a suas ameaças nem a seus golpes.

Os piemontezes chamam-lhes cobardes, arrancam-lhes as armas, lançam por terra os officiaes de cavalleria e apossam-se dos animaes.

Dois zuavos foram mortos na fileira dentro da muralha. Um official de *bersaglieri* atirou á queima roupa sobre o tenente Kerchove, mas não acertou. Outro official arremeçou-se de revolver em punho sobre o capitão Couessin, arrancando-lhe as condecorações. Depois d'isto, quando uma especie de ordem foi estabellecida, os piemontezes, recuando dez passos, intimaram os pontificios a depor as armas. Visto haver a prohibição de fazer fogo, não havia remedio senão entregarem-se. Submetteram-se, e começaram então os ultrajes, menos desculpaveis ainda do que antes, por serem dirigidos a prisioneiros desarmados. Os piemontezes da capitulação de Roma mostravam-se dignos de seus antepassados da capitulação de Ancona.

O general Kanzler conferenciou no mesmo dia com Cadorna

na villa Albani. Foi preciso soffrer todas as exigencias do mais forte, e a seguinte convenção foi decidida e assignada:

«Art. I. Roma, salvo a parte limitada ao sul pelos bastiões do Espirito Santo, comprehendendo a Ponte-Vaticano e o castello de Santo Angelo que constitue a cidade Leonina; seu completo armamento, bandeiras, armas, depositos de polvora, todos os objectos pertencentes ao governo, serão entregues aos soldados de Sua Magestade o rei de Italia.

«Art. II. Toda a guarnição da praça sahirá com as honras da guerra, levando suas bandeiras, armas e bagagens. Feitas as honras militares, deporá suas bandeiras, seus cavallos e tudo quanto lhes pertença. As tropas extrangeiras serão as primeiras a sahir, e as outras em seguida, segundo a ordem de batalha. A sahida da guarnição far-se-ha amanhã, ás 7 horas da manhã.

«Art. III. Todas as tropas extrangeiras dissolvidas, e os soldados enviados immediatamente a seus lares á custa do governo italiano, que os enviará desde amanhã pelo caminho de ferro até ás fronteiras de suas nações. O governo tem a faculdade de tomar ou não tomar em consideração os direitos ás pensões que esses soldados poderiam ter regularmente estipulado com o governo pontificio.

«Art. IV. As tropas indigenas serão conservadas em deposito e sem armas com o soldo que tem actualmente. O governo de Sua Magestade reserva para si determinar sobre sua situação futura.

«Art. V. As tropas serão enviadas amanhã para Civita-Vecchia.

«Art. VI. Os dois partidos nomearão uma commissão composta de um official de artilheria, outro de engenheria e de um funccionario administrativo para se deliberar a entrega dos objectos de que trata o artigo primeiro.»

D'este modo attingira seu fim, não a Revolução pura, que ainda desejaria mais, mas os suppostos revolucionarios moderados de Paris e Turin. Segundo o programma formulado pelo principe Napoleão em 1861, o Papa estava reduzido ao Vaticano e ao bairro Leonino.

Sem contar os individuos que foram assassinados nas ruas na tarde de 20 e 21 de setembro, as perdas do exercito romano foram 16 mortos, incluindo um official, 58 feridos, entrando n'este numero dois officiaes, dois cirurgiões e um capellão; mas a lista foi forçosamente alterada por causa do rapido licenciamento que se lhe seguiu.

As perdas dos piemontezes nunca se souberam. Sabe-se unicamente que só no hospital da Consolação se receberam mais de cem feridos.

Retrocedamos agora um pouco, transportando-nos ao Vaticano.

O Papa tinha ordenado que o acordassem quando começasse o ataque. A precaução foi inutil, e aos primeiros tiros de peça acharam-o a pé. Muitos cardeaes, os chefes das ordens religiosas, camaristas, muitos prelados e nobres romanos se tinham apressado em correr para seu lado. Os diplomaticos estrangeiros tambem se apresentaram segundo o desejo do Papa, e afora M. Arnim que visivelmente tomara o partido contrario, todos tomaram como um dever assistir á missa dita pelo Santo Padre ás sete horas e meia, segundo seu costume. O troar dos canhões confundia-se com as palavras do santo sacrificio, e parecia ás vezes que se alternavam com as invocações das litanias da Virgem que entoavam os cardeaes.

Depois da missa, o Papa ainda ouviu segunda com grande serenidade exterior. Mas, como observa o conde de Beauffort na sua narração, quem sabe as agonias que deviam agitar-se no intimo de seu coração! Não podia elle dizer como seu divino Mestre:

«Minha alma é triste até á morte?»

Tendo terminado, pouco antes das nove horas, as suas orações, o Soberano Pontifice mandou introduzir em seu gabinete de trabalho, sala muito grande que deitava para a praça de S. Pedro, os membros do corpo diplomatico, os quaes eram dezesete, contando M. Arnim, o qual se decidira a ir tomar seu logar.

Quando estavam todos reunidos, Pio IX entrou.

A habitual serenidade de sua phisionomia estava um pouco

mudada n'uma gravidade melancolica, e a impressão que produziu sua presença foi singularmente profunda e commovente. O Papa dirigiu algumas palavras benevolas a cada um dos presentes; depois sentou-se, mandou-os sentar e dirigiu-lhes mais debaixo da forma de uma conversação do que de um discurso, algumas palavras nobilissimas e tocantes. A voz do augusto ancião elevava-se vagarosa, solemne, commovida, e algumas vezes cortada por longos silencios. O rebombar das peças italianas como que pontuavam cada uma de suas phrases. Os olhos voltavam-se involuntariamente para o lado do estrondo. Viam-se então pelas janellas cahir as granadas na cidade e por pouco que se curvassem, distinguia-se ondeando aqui e alem por cima das casas o fumo dos incendios lançados pelos projectis inimigos.

O Papa começou por recordar identicos acontecimentos: «O corpo diplomatico já uma vez se reuniu a meu lado assistindo-me na hora da tribulação. Foi em 1848, mas não aqui; era no Quirinal...

«Escrevi ao rei, mas não sei se recebeu a minha carta, e mesmo pouco espero d'ella... Bixio, o famoso Bixio está alli com o exercito italiano. Hoje elle é general. Outr'ora, quando era republicano, tinha prommettido, se entrasse em Roma, lançar ao Tibre o Papa e os cardeaes. Agora está alli á porta de S. Pancracio. Suas ideas provavelmente tem-se modificado, pelo menos na forma. Digne-se o ceo transformal-o inteiramente, e convertel-o um dia tanto a elle como aos outros!

«Os seminaristas americanos pediram-me authorisação para pegar em armas. Agradeci-lhes, e respondi que se juntassem aos que tratam dos feridos.

«Hontem, quando voltava de Scala-Santa, vi todas as bandeiras dos corpos que estão em Roma para a auxiliar. Ha inglezas, americanas, allemãs, e mesmo turcas. Quando voltei de Gaeta, Roma estava da mesma sorte provida, por meu respeito. Hoje é differente... Senhores, eu queria poder dizer-vos, como antigamente, que conto comvosco, e que um de vós terá a honra de livrar a Igreja e seu chefe da tribulação. Os tempos estão mudados. O pobre e velho Papa não conta já com nin-

guem n'este mundo; mas a Igreja é immortal, senhores, não o esqueçaes!...»

Logo que pelas nove e meia um official do estado maior do general Kanzler levou a noticia de que a brecha estava aberta, e o assalto imminente, os diplomaticos afastaram-se para deixar Pio IX conferenciar com o cardeal Antonelli. Ao cabo de alguns instantes, o Papa mandou-os chamar e disse-lhes com voz amargurada:

«Acabo de ordenar a capitulação. Poderiam defender-se ainda, mas isso de que serve? Abandonado por todos, cedo ou tarde teria de succumbir, e eu não devo deixar derramar sangue inutilmente. Sois testemunhas, senhores, que o inimigo entra aqui pela violencia, que me força as portas: isto basta, o mundo o saberá e a historia o narrará um dia para desencargo dos romanos, meus filhos... Não vos fallo de mim, senhores, não é sobre mim que choro, mas por esses pobres mancebos que vieram defender-me como se fosse seu pai. Cada um de vós tomará conta dos de sua nação. Aqui existem de toda a parte... Eu vol-os recommendo, pedindo que os livreis dos maus tratamentos que, ha dez annos, aqui outros soffreram...

«Desligo meus soldados de seu juramento de fidelidade... Emfim, rogo a Deus me dê força e coragem. Ah! não são os que padecem as injustiças que mais são para lastimar!...»

Depois d'isto, despediu o corpo diplomatico, com os olhos razos de agua.

Achando-se sosinho, depois de ter cumprido seus deveres de pai, não esqueceu os de soberano. Na mesma tarde, por sua ordem, uma circular do cardeal Antonelli levou a todos os governos das nações civilisadas o brado dos violentados, e da justiça opprimida. Pio IX tambem protestou contra os invasores n'uma allocução aos cardeaes. Mas a prudencia e o receio abafou todos os echos. Esta hora era muito semelhante á da Paixão: era a hora do poder das trevas.

Ainda mais: houve até um plenipotenciario para applaudir. O advogado Sénard, representante não da França mas do advogado Jules Fabre e dos homens sem consciencia que acabavam

de arruinar seu paiz, teve a coragem de recordar á Italia seus solemnes compromissos com a França, felicitando-a pelos ter violado: e nunca elle teria ousado tanto a não se darem as desgraças da França. Esta vergonhosa nota é de 22 de setembro de 1870. O castigo dos homens que assignaram semelhantes documentos, é forçal-os a ler a sangue frio e reimprimir o que escreveram impressionados pelas paixões do momento.

«A convenção de setembro cessa virtualmente de existir com a proclamação da Republica franceza. Felicito o rei em meu nome e do governo francez, pelo livramento de Roma, e a definitiva consagração da unidade italiana.»

N'este meio tempo Roma estava entregue á populaça cosmopolita que entrara em seguida á invasão.

Quatro a cinco mil aventureiros fugidos á justiça, recrutados em toda a Italia para representarem o povo romano e acclamarem o invasor á chegada, não conseguiram entrar a tempo na cidade. Vagabundeando apóz dos Piemontezes, morreriam de fome se o cerco se prolongasse mais. Feita a capitulação entraram de chofre atraz dos soldados, vociferando as acclamações que lhes ensinaram a representar. Os carceres que foram abertos engrossaram estes bandos. Houve saque durante dois dias. Houve casas incendiadas, e soldados romanos que reconhecidos nas ruas foram assassinados ou afogados: *Laschiate il populo sfogarsi;* deixar o povo desafogar, respondia fleugmaticamente Cadorna aos que lhe supplicavam pozesse termo a taes horrores. O numero das victimas isoladas, que seria longo enumerar, attingiu, dizem, a oitenta. Certos officiaes piemontezes não se envergonharam de entregar aos facinoras que se appellidavam *vingadores de Mentana*, um official de zuavos prisioneiro, o capitão Couessin, o qual foi coberto de murros, de bofetadas e escarros. A outro zuavo, vazaram os olhos, queimando-lh'os com o fogo de um cigarro, mas este não tinha sido entregue pelos piemontezes. Lancemos um veo espesso sobre estes horrores.

Chegara emfim a hora da partida dos prisioneiros. Os zuavos foram os derradeiros que ficaram formados na praça de S. Pedro, depois de terem desfilado as outras tropas pela porta Angelica. O coronel Alet mandou formar quadrado, fez apre-

sentar as armas e erguendo a espada, bradou: «Viva Pio IX, Pontifice e Rei!» Este grito, repetido por todas as vozes, attrahiu o Papa á janella de seu quarto, que elle mesmo abriu, apresentando-se rodeado de alguns padres. De pé, com os braços estendidos como para apertar ao seio todos os seus filhos, e com a veneravel e encanecida cabeça levantada para o ceo, abriu as mãos e pronunciou as solemnes palavras da benção: *Benedictio Dei omnipotentis.*

Viva Pio IX! repetiram todos os soldados com indizivel transporte. E tanto os dragões como os artilheiros descarregaram as espingardas como uma derradeira salva de honra. Os kepis agitavam-se no ar; uns apresentavam as armas, outros levantavam-n'as nervosamente: todos os olhos estavam marejados de pranto, e os soluços cortavam as vozes, confundindo-se com o grito de: *Viva Pio IX!* que se elevava cada vez mais. Tanto a multidão que estacionava na praça, como os espectadores que se achavam nas janellas acenando com os lenços, tudo estava commovido, e repetia o mesmo grito: *Viva Pio IX!*

Pelo seu lado, o venerando ancião, causa de tal enthusiasmo, sentia que era demasiado o abalo para seu coração. As ultimas palavras da benção foram abafadas n'um soluço. Depois, levantou ainda os braços ao ceo e cahiu para traz quasi desfallecido nos braços dos que o rodeavam. [1]

Reanimado d'esta commoção, afastou-se sósinho para os salões de Raphael, percorrendo-os a largos passos. Ahi foram introduzidos o general Kanzler, M.[me] Kanzler e o R. P. Vannutelli. Encontraram-o caminhando silenciosamente, com a cabeça inclinada; ajoelharam todos. «O Papa—diz o P. Vannutelli—parecia muitissimo doente e abatido; todavia a expressão de seu rosto era socegada e bondosa. Interrogou minha irmã que chorava, fazendo-lhe perguntas relativas aos feridos que tinham entrado no hospital em que ella tinha passado o dia na vespera; quiz saber o numero, a qualidade dos ferimentos, e os soccorros de que necessitavam: «Pobres creanças! Deus os

[1] *Historia da invasão dos estados pontificios em 1870,* pelo conde de Beauffort.

recompense!—dizia elle — Deu-se um grande crime, que deve recahir sobre a cabeça dos que o commetteram.»

Antes de depôr as armas, os soldados romanos desfilaram á porta de S. Pancracio, diante de toda a força italiana. Achava-se alli todo o estado maior do exercito, notando-se no meio, Cadorna, Bixio, Cosenz, e—quem poderia pensal-o.?—o conde Arnim, ministro da Prussia, tão prazenteiro como os outros.

Apesar das falsidades diplomaticas da França official, o batalhão dos zuavos pontificios queria retirar-se para esse paiz. Não podendo já defender a Igreja, queriam collocar-se ao serviço de sua filha primogenita, então abandonada por todo o mundo. Mas o governo italiano que queria lisongear a Prussia victoriosa, não consentiu. Mandou transportal-os cuidadosamente, e não sem os ter primeiro coberto de ultrages e exposto em toda a extensão do caminho aos insultos da populaça: os zuavos hollandezes para a Hollanda, os belgas para a Belgica, e os suissos para a Suissa. Sómente a uns seiscentos francezes foi permittido entrar em França. É sabido depois d'isto, com que ardor trataram de reforçar os quadros de guerra, chamando ao exercito novas recrutas e sob o appellido de voluntarios do Oeste, não mercadejavam seu sangue nem á patria que os abandonara, nem ao governo republicano que os tinha insultado. Orleans, le Mans, e Loigny illustravam-se com taes façanhas. Se todos os generaes da defeza nacional fossem desinteressados como M. de Charette, e todos os corpos dos batalhões disciplinados e com a resolução e energia dos antigos soldados do Papa, a victoria ainda era possivel, e a desforra seria immediata.

A segurança e ordem publica estabeleceu-se vagarosamente na cidade. Sob pretexto de procurar pontificios, os garibaldinos penetravam nas habitações mais pacificas, e não sahiam senão depois de carregados de tudo quanto podiam pilhar. Pela maior parte eram os judeus do Ghetto, que os desembaraçavam por baixo preço de esses despojos. Alem d'isto apossaram-se com particular affan dos cadastros da policia, despedaçando-os aos olhos dos soldados indifferentes, e foi d'este modo que os garibaldinos mais compromettidos com a justiça alcançaram apresentar-se illibados e gosar a tranquillidade que havia muito

não conheciam. Quanto aos salteadores officiaes, esses pelo seu lado não podiam reprimir os da rua; elles mesmos não cuidavam senão em roubar em grande escala e encher-se o mais depressa possivel, em nome do direito novo. Os commissarios de Victor Manuel não descançaram um só dia. Quando se restabeleceu o socego e começaram as reclamações contra a violação dos domicilios, tudo já se achava confiscado: bibliothecas, archivos, conventos e museus.

Todavia era preciso dar a estas extorsões uma apparencia de legalidade, e encontraram-a n'um plebiscito que era já em si a mais ridicula das facecias.

A 2 de outubro, 40:000 *approvòs* depositados na urna contra 46 *desapprovos* deram o caso como bem terminado. Ora em todo o estado romano, elevando a cifra dos votantes a 135:000, e estando inscriptos 168:000 eleitores, quizeram tambem elevar a cifra dos *desapprovos* chegando a 1:507. Estes numeros eram de tal forma impossiveis, que os proprios amigos de Victor Manuel o lastimaram de ter ensaiado esta comedia; ou por outra, de a ter mal representado.

46 *desapprovos* n'uma capital onde quasi todos os funccionarios, tanto civis como militares que poderam retirar-se do serviço publico, protestaram com a sua demissão! Evidentemente faltavam em seguida a esses 46 uma serie de zeros. E se ainda tivessem arranjado isto de forma que fizesse suppor que havia um grande numero de eleitores que se abstiveram de votar; mas pelo contrario, só a cifra dos *approvo* ultrapassava a dos votantes... Porque não ajustaram uma lista em branco, se não queriam supprimir outras? Isto nada custava, e estavam salvas as apparencias. Mas os espoliadores mostraram-se condescendentes, e no mesmo dia, apoiando-se n'esse voto, foi annunciado por um decreto real o que segue:

«Artigo 1.º Roma e as provincias romanas fazem parte integrante do reino de Italia.

«Art. 2.º O soberano Pontifice conserva a dignidade, a inviolabilidade e todas as prerogativas de soberano.

«Art. 3.º Uma lei especial sanccionará as condições proprias para garantir, ainda mesmo por franquias territoriaes, a inde-

pendencia do soberano pontifice e o livre exercicio da authoridade espiritual da Santa Sé.»

Por este decreto achava-se emfim realisada a unidade italiana. Victor Manuel quadruplicara em extensão seu pequeno reino do Piemonte, «e o mais abatido dos soberanos,» como justamente lhe chamavam, conseguia finalmente, de derrota em derrota, de traição em traição, chegar ao apogeu onde os conquistadores são levados ordinariamente pela victoria.

Pio IX fez justiça á fidelidade dos romanos depois da conquista da sua cidade pelos extrangeiros com os quaes não estava em guerra. N'uma allocução á nobresa romana, datada de 21 de junho de 1875, o Papa quiz, diz elle, recordar de relanço os funestos acontecimentos de setembro de 1870.

Eis uma parte do seu discurso:

«Pouco antes da festa da Natividade da Santissima Virgem apresentou-se-me um individuo subalpino a entregar-me uma carta de um monarcha catholico. Li, e vi que esse soberano, declarando-se guarda e garantia, pela disposição da Divina Providencía e a vontade da nação, dos destinos de todos os italianos... julgava-se com direito a tomar a responsabilidade da sustentação da ordem na Peninsula e da segurança da Santa Sé... Em seguida declarava que *para esclarecer o espirito dos romanos*, ordenara a suas tropas que avançassem e fossem occupar o que restava, quer dizer Roma, e isto *para sustentar a ordem*. Por fim accrescentava que suas forças se *limitariam a operar no sentido conservador*.

«Algum tempo depois o exercito d'esse monarcha approximou-se das muralhas de Roma e ahi acampou, ostentando um grande apparato, e numero de suas forças. De proposito e para experimentar quaes as demonstrações do *espirito romano*, esperaram muitos dias, mas debalde. É certo que se praticou tudo quanto se julgou opportuno para excitar os *espiritos* a manifestarem-se em favor dos aggressores; havendo com effeito muitos emissarios que entravam do campo para a cidade e vice-versa, e entre estes, e em primeiro logar, o ministro de uma potencia extrangeira acreditada junto da Santa Sé.

Este ministro, verdadeiro Achitophel de nossos dias, *loqueba-*

tur pacem cum proximo suo, mala autem in corde suo. Verdadeiro Achitophel que usava no Vaticano uma linguagem diametralmente opposta á de que se servia no campo inimigo.

«Tendo-se emfim desenganado da firmesa do povo romano, o exercito approximou-se dos muros e abriu passagem atravez da famosa brecha de 20 de setembro. Depois d'isto, o exercito pontificio, pequeno mas fiel e honrado, foi aprisionado, e deportado para a Italia alta. Todavia, o pensamento fixo era justificar esta injusta aggressão, sob o pretexto de apasiguar qualquer tumulto que se devia esperar em Roma. Para obter este resultado deixaram algum tempo esta capital entregue a si propria, na esperança de que a ausencia total da força armada facilitaria a desejada revolta: mas tudo isto foi em vão. Não se ouviu uma unica voz demonstrativa da alegria do povo; não se viu um só gesto que assignalasse sua satisfação; nem um só esforço que levasse á desordem. Honra, pois, seja feita aos Romanos!

«Os sitiantes entraram, e o governo legitimo foi substituido por outro. N'este ponto, pergunto aqui (e muitos, muitos o perguntarão assim como eu) se sua entrada produziu uma *acção conservadora?* Que respondam por mim, esses religiosos de ambos os sexos expulsos, os bens da Igreja usurpados, as escolas e os templos protestantes abertos, e bem assim grande numero de medidas vexatorias que todo o mundo conhece.

«E este systema ainda vae por diante, porque ainda hoje se vai respigando para a perseguição tudo quanto até aqui tinha escapado á inexoravel fouce da Revolução.

«E os romanos? Os romanos deploram o immenso desastre, lamentam-se elevando suas vozes ao Ceo, enchem os templos implorando de Deus seus numerosos beneficios para que nos incutam força e coragem nas penosissimas circumstancias em que nos achamos...»

O estrondo da lucta que se estava dando em França fez esquecer um pouco o da queda do poder temporal. Muitos fieis não foram informados, não souberam verdadeiramente o que se passava em Roma, e a outros não lhes sobrou tempo para reflectir n'isso senão mais tarde. Esta coincidencia favoreceu a inercia natural aos governos, os quaes não só nada tentaram a

favor do Papa, mas conservaram mesmo junto do espoliador seus embaixadores acreditados proximos ao espoliado. Apenas houve um unico protesto, e para eterno opprobrio das nações civilisadas foi este sahido do fundo das solidões montanhosas das Rocheuses, na America do Norte. [1] Abandonado por todos, decidiu Pio IX suspender o Concilio, por um breve datado de 20 de outubro. Alguns bispos de paizes remotos seus hospedes que ainda demoravam em Roma, dispersavam pouco a pouco e levaram até aos confins do universo as amarguras que lhes despedaçavam a alma.

No primeiro de novembro Pio IX dirigiu a todos os prelados agremiados na Santa Sé uma encyclica cujo texto original devia ser enviado a Genebra e impresso n'essa cidade para fugir á policia piemonteza. Todas as gazetas do reino italiano que a reproduziram foram confiscadas, o que era uma feliz maneira de inaugurar as novas prerogativas do Soberano Pontifice, e a livre faculdade de sua authoridade espiritual.

Esta encyclica narra a historia abreviada dos delictos pie-

[1] A tribu dos Corações de Alaine fez chegar a Roma uma carta collectiva, muito notavel e honrosa, pela lealdade e coragem d'esta pequena nação. Era esta acompanhada de uma offerta de meio milhão de francos, derigida ao «mais excelso chefe dos prelados» e concebida n'estes termos:

«Misericordiosissimo Pai, não é a vaidade—é a dedicação que nos impulsa para Ti. É certo que não somos mais que uma tribu de Indios insignificantissima, e Tu és o supremo n'este mundo. E todavia foste o primeiro que lançaste sobre nós um olhar piedoso e compassivo.

«Sim, é verdade Padre! trinta invernos são passados, depois que nós não eramos mais que um povo selvagem, muito miseravel tanto no corpo como na alma. Houveste piedade de nós enviando-nos o grande prelado De Smet para que elle pelo baptismo nos fizesse filhos de Deus. Eramos cegos e Tu enviaste-nos quem nos desse vista.

«Muitos dos nossos se achavam ainda na escuridão quando De Smet nos deixou. Tu novamente te apiedaste de nós mandando-nos outro prelado, o bom Nicolau, que vive comnosco, nos ampara e nos encaminha na vereda da salvação. E quantos outros Padres Tu nos enviaste para ensinar a nossos filhos a lei de Deus, tornando-nos melhores christãos! De forma que hoje, somos todos christãos sem excepção em toda a tribu. Ousamos por tanto dirigirm'o-nos a Ti, ó Pai, n'estes dias afflictivos, para te agradecer e affirmar o nosso affecto, exprimindo nossa profunda dor. Sabemos que alguns de Teus filhos te magoam constantemente apossando-se de quanto possues, e até de tua propria morada.

«Posto que pobres indianos, e que conheçamos pouco em que consista a boa educação, julgamos todavia que é um crime tratar-te d'essa forma. Nós mesmo, ha quarenta ou cincoenta invernos, quando ainda eramos completamente selvagens, não ousariamos tratar-te d'essa maneira...»

montezes depois de onze annos. Este documento ficará como um brado da justiça e da innocencia, diante do tribunal da posteridade. Devemos registrar por inteiro este solemne documento:

«Em vista das manobras a que havia annos o governo subalpino se entregava sem descanço para derrubar a authoridade civil concedida por especial providencia de Deus á Sé apostolica, afim de dar aos successores de S. Pedro a segurança e a liberdade que lhes é necessaria para o exercicio da sua jurisdicção espiritual, é impossivel, Veneraveis Irmãos, conter a profunda dor de nosso coração assistindo a tão grande conspiração contra a Igreja de Deus e contra a Santa Sé. E n'esses dias funestos, em que esse mesmo governo, seguindo os conselhos das seitas corruptoras, acaba contra todo o direito de completar pela violencia das armas a invasão sacrilega que meditava ha muito contra a nossa capital e as outras cidades que nos restavam depois da precedente usurpação, devemos adorando humildemente os secretos designios da Providencia, recordar as palavras do Propheta. «Choro: meus olhos vertem lagrimas porque o consolador que confortaria minha alma se afastou: perdi todos os meus filhos, porque o inimigo m'os arrebatou. (Jeremias, Thren. 16.)

«A historia d'esta infame guerra foi explicada por Nós, Veneraveis Irmãos, e é conhecida ha muito tempo de todo o mundo catholico—graças ás allocuções, encyclicas e breves dados por Nós em diversas epochas: taes são os de 1 de novembro de 1850, 22 de janeiro e 26 de junho de 1855, 18 e 28 de junho e 26 de setembro de 1859, 19 de janeiro de 1860; graças a nossas cartas apostolicas de 26 de março de 1860, e finalmente ás allocuções de 28 de setembro do mesmo, 18 de março e 30 de setembro de 1861; de 20 de setembro, de 19 de outubro e de 14 de novembro de 1867.

«Esta serie de documentos demonstra e expôe as graves injustiças que o governo subalpino, mesmo antes de, nos derradeiros annos, emprehender apossar-se dos dominios da Igreja, infringiu a Nossa suprema authoridade e a da Santa Sé, quer propondo leis contrarias ao direito natural, divino e ecclesias-

tico, quer submettendo a indignas vexações os ministros sagrados, as ordens religiosas e os proprios bispos, quer faltando á fé jurada, aos solemnes contratos feitos com a Sé apostolica, negando audaciosamente sua inviolavel authoridade no proprio momento em que se declarava decidido a entrar comnosco em transacção. Estes documentos, Veneraveis Irmãos, provam claramente e apontam á posteridade os indignos artificios de que se tem valido esse governo para esmagar a justiça, mostrando da mesma forma a grandesa dos deveres da Cadeira apostolica, e os trabalhos que temos soffrido para anniquillar, tanto quanto cabia em nossas forças, uma ambição cada vez mais ardente, e ao mesmo tempo defendermos a causa da Igreja.

«Sabeis perfeitamente como, em 1859, esta potencia subalpina excitou á revolta as principaes cidades de Emilia enviando para alli proclamações, conspiradores, armas e dinheiro, e logo depois convocando comicios populares, fabricando um plebiscito de votos comprados, para ganhar á força de taes embustes a opposição dos caracteres honrados, nas provincias que estavam a nosso cargo paternal. Sabe-se igualmente como no seguinte anno, esse mesmo governo para se apossar de outras provincias pertencentes á Santa Sé nas Marcas, Umbria e Patrimonio lançou repentinamente e sob falsos pretextos um numeroso exercito contra nossos soldados—uns poucos de mancebos catholicos voluntarios, que impulsados por seu espirito religioso e pelo seu amor pelo Pai commum tinham corrido dos confins do mundo para nos defender, não contando com esta subita aggressão: estes infelizes, apesar de sua intrepidez, foram immolados n'esta tremenda lucta.

«Ninguem ignora a singular impudencia e hypocrisia com que esse governo, para attenuar o odioso d'esta sacrilega usurpação, não hesitou em se gabar de ter invadido essas provincias unicamente no intuito de alli estabelecer os principios da ordem moral, emquanto que na realidade espalhava e difundia por toda a parte as falsas doutrinas dando largas ás paixões e á impiedade ao mesmo tempo que feria com injustas oppressões os ecclesiasticos e prelados mais graduados, chegando a lançal-os nas masmorras e permittindo que os insultassem publicamente

quando os perseguidores e aquelles que nem mesmo poupavam a dignidade do supremo pontificado na nossa humilde pessoa gosavam da impunidade. Sabe-se, que seguindo constantemente o dever de Nossa posição, Nós nos oppuzemos aos reiterados pedidos e conselhos que nos foram apresentados com o fim de nos fazer trahir deslealmente nossas obrigações, quer fosse abandonando e trahindo os direitos e as possessões da Igreja, quer acceitando uma vergonhosa reconciliação com os usurpadores. E ainda mais: a estes iniquos esforços, a estes embustes contrarios a todo o direito divino e humano, Nós oppuzemos diante de Deus e dos homens os mais solemnes protestos, e declaramos que seus authores e fautores estavam incursos nas censuras ecclesiasticas que mereciam, lançando Nós mesmo contra elles essas censuras.

«Finalmente, o dito governo perseverou na sua opposição e manobras; procurou sem descanço sublevar as provincias que nos restavam fieis, especialmente Roma, enviando para aqui agitadores e valendo-se de todas as artimanhas possiveis. Mas como apesar d'isto seus esforços nada conseguiram—graças á inviolavel fidelidade de Nossos soldados e ao amor e dedicação tão particularmente e tão constantemente testemunhada por Nosso povo—levantou por fim contra Nós em 1867 essa violenta tempestade que no outono despejou sobre nossas fronteiras e n'esta cidade uma cohorte de scelerados inflammados pelo crime e pela malvadez, os quaes auxiliados com o subsidio do mesmo governo viviam havia muito tempo escondidos em Roma. A sua furiosa crueldade e suas armas authorisavam evidentemente os tristes e terriveis presentimentos que nos assaltavam não só por Nós como por nossos tão amados vassallos, se Deus misericordioso não tivesse invalidado seus esforços, com o valor de nossas tropas e o poderoso soccorro das legiões que a illustre nação franceza Nos enviou.

«No meio de tantas luctas, n'esta longa sequencia de perigos, inquietações e amarguras, a divina Providencia reservava-nos uma grande consolação, devida á eminente piedade e á dedicação que vós, veneraveis irmãos, e vós todos, fieis christãos, tendes constantemente mostrado por Nós e pela Santa Sé aposto-

lica, com inexhaurivel affecto e grandes e caritativas acções.

«E posto que esses graves perigos apenas nos deixassem algumas tregoas, não temos descurado, graças ao auxilio divino, os cuidados que demanda a prosperidade temporal de nossos subditos; e todas as nações poderão apreciar a tranquillidade e a segurança publica que se gosava entre nós; que fomento se dava ás bellas artes e a todas as sciencias, e até que ponto chegava a affeição do nosso povo, porque numerosissimos extrangeiros affluiram muitas vezes a esta cidade por occasião das festas e das santas solemnidades que temos celebrado.

«N'este meio tempo, emquanto os povos gosavam de uma profunda paz, o rei do Piemonte e seu governo aproveitavam a occasião da grande guerra que divide duas poderosas nações da Europa, a uma das quaes tinham promettido respeitar o estado actual do dominio ecclesiastico obstando aos facciosos, que o violassem, e resolveram repentinamente invadir os restos d'esse dominio e Nossa Santa Sé, reduzindo-os á obediencia. Mas que causa se deu para esta hostil invasão? Em toda a parte é hoje conhecida a carta que a 8 de setembro do passado nos dirigiu o rei por seu ministro n'esta corte, na qual, por uma longa fieira de phrases astuciosas, appellidando-se constantemente filho devotado e bom catholico, sob o pretexto de manter a ordem e defender-nos e ao Pontificado, nos pedia que não considerassemos como um acto hostil a destruição de Nosso poder temporal, rogando-nos ao mesmo tempo que renunciassemos voluntariamente a esse poder confiando nas vans promessas que nos faziam, para conciliarmos d'esta maneira o que se chamava o voto dos italianos, com o supremo direito e a livre authoridade do Pontifice romano. Este procedimento devia por certo causar-nos grande estranheza, sendo como era para encobrir e disfarçar a violencia que em breve nos deviam fazer lamentando do intimo da alma esse soberano que impellido por suggestões abre cada dia novas fendas na Igreja, tendo em mais consideração os homens do que Deus, não pensando que ha no ceo um Rei dos reis, o Soberano dos soberanos, sem attender a personalidades, sem considerações a grandezas humanas, porque creou igualmente o grande e o peque-

no, e reserva aos poderosos da terra, o castigo proporcionado a seu poderio. *Non subtrahet personam cujusquam, nec verebitur magnitudinem cujusquam, quoniam pussillum et magnum ipse fecit, fortioribus autem fortior instat cruciatio.* (Sap. VI, 8 et 9.)

«Respeito aos pedidos que nos dirigia não podiamos hesitar; e, obedecendo ás leis do dever e da consciencia, seguimos os exemplos de Nossos predecessores, e particularmente de Pio VII, de feliz memoria, do qual vamos citar aqui as corajosas palavras, pronunciadas quasi em identicas circumstancias: «Recordamo-nos como Santo Ambrosio *que o santo homem de Naboth, possuidor d'uma vinha, foi intimado em nome do rei para abandonar a sua propriedade para que o rei substituisse essas vinhas por legumes ordinarios e que este respondeu: Longe de mim a ideia de entregar a herança de meus paes!* Da mesma maneira julgamos que não nos é permittido entregar esta herança tão antiga e tão sagrada, este poder temporal da Santa Sé que por um tão evidente designio da Providencia divina tem conservado durante tantos seculos os Pontifices romanos Nossos predecessores, consentindo, mesmo tacitamente, a que outro possua a capital do mundo catholico, transtornando e destruindo o divino governo que Jesus Christo deixou a sua Santa Igreja, e que os santos canones inspirados pelo Espirito de Deus organisaram, para os substituir por um regimen contrario e opposto aos santos canones e aos preceitos evangelicos; introduzindo, segundo o costume, uma nova ordem de coisas manifestamente tendentes a fazer associar e confundir as ceitas e todas as superstições com a Igreja catholica.

«Naboth defendeu a sua vinha a preço de seu sangue. Pode-«remos Nós, succeda o que succeder, deixar de defender os di-«reitos e as possessões da santa Egreja romana, em defeza dos «quaes, e nos limites do possivel, Nós nos obrigamos por um «juramento solemne? Poderemos Nós deixar de revendicar a li-«berdade da Sé apostolica á qual está tão intimamente ligada a «liberdade e a união da Egreja universal?

«No tocante á conveniencia e á necessidade d'esse poder «temporal para assegurar ao supremo Chefe da Egreja o se-«guro e livre exercicio do poder espiritual que recebeu de Deus

«sobre todo o universo, os successos presentes, á falta d'ou-
«tras provas, amplamente bastariam a demonstral-o.» (Cart. Apost. 10 de junho de 1809.)

«Firme nos sentimentos que constantemente temos em muitas allocuções declarado, havemos, em Nossa resposta ao rei, reprovado seus injustos pedidos, e ao mesmo tempo, exprimindo-lhe a nossa amarga dôr e Nosso amor paternal que não pode recusar sua sollicitude mesmo aos filhos imitadores d'Absalão. Esta carta ainda não tinha sido entregue ao rei, e já seu exercito se tinha apossado de cidades pacificas e affectas até então ao nosso dominio pontifical, depois de ter facilmente disperso as guarnições que tinham tentado resistir. E logo depois amanheceu o funesto dia de 20 setembro em que vimos esta cidade de Roma, séde do principe dos apostolos, centro da religião catholica e refugio de todas as nações, sitiada por milhares de soldados, entregue ás armas e á violencia, com uma brecha aberta em seus muros, aterrorisada com bombardeamento cruel, por ordem d'aquelle que acabava de Nos protestar solemnemente sua affeição filial e sua fidelidade á religião. Para Nós e para todos os bons christãos houve nunca dia mais triste do que aquelle em que vimos transtornado e destruido o socego publico, e insultada com atrozes impiedades na Nossa humilde pessoa a dignidade e a santidade do supremo Pontificado, cobertas de opprobrio nossas fieis cohortes, intrônisada a discordia, onde pouco antes se não conheciam senão os sentimentos de filhos dedicados procurando mitigar as dôres do pae commum? Depois d'esse dia e debaixo das nossas vistas praticaram-se actos que se não podem mencionar sem justa indignação de todas as boas almas; livros infames cheios de mentiras, de torpezas e impiedades, expostos á venda por baixo preço e espalhados por toda a parte, numerosos diarios publicados para corromper os espiritos e os costumes, para vilipendiar e callumniar a religião, para inflammar a oppinião publica contra Nós e contra a Cadeira apostolica, impuras e indignas pinturas e outras obras do mesmo genero, gravadas para expôr aos insultos e ao ridiculo as coisas e as pessoas sagradas; honras e monumentos concedidos áquelles que a justiça e as leis téem

castigado por seus crimes; os ministros da Egreja, contra quem se levantam as paixões, pela maior parte ultrajados; alguns mesmo insultados e feridos traiçoeiramente; muitas casas religiosas submettidas a injustas alçadas, o nosso palacio Quirinal invadido, um cardeal da santa Egreja romana violentamente expulso dos aposentos que occupava; outros ecclesiasticos pertencentes á nossa casa repulsos d'esta morada, carregados de vexações; leis e decretos formulados, que feriam e manifestamente suprimiam a liberdade, a immunidade da propriedade e os direitos da Egreja de Deus; e muito receiamos que todos estes males já tão graves se aggravem ainda mais, se Deus lhes não pozer cobro. E apezar d'isto a posição em que nos achamos nos impede de lhe procurar remedio advertindo-nos d'este modo de Nosso captiveiro e da perda d'essa plena liberdade que o governo intruso em seus falsos relatorios diz ao mundo que nos deixa no exercicio de nosso apostolico ministerio.

«Encarregado por Deus de reger e governar toda a casa de Israel, e eleito defensor supremo da religião, da justiça e dos direitos da Egreja, para que nos não censurem diante de Deus e da mesma egreja de nos callarmos e ter por nosso silencio consentido n'esta injusta revolução, renovando e confirmando o que já temos declarado nas allocuções, encyclicas e breves já publicados, e muito recentemente no protesto que por Nossa ordem e em Nosso nome, o cardeal secretario d'Estado communicou a 20 de setembro aos embaixadores, ministros encarregados de negocios das nações estrangeiras, acreditados junto de Nós e d'esta Santa Sé, de novo declaramos diante de vós, Veneraveis Irmãos, com toda a possivel solemnidade, que a nossa intenção, resolução e vontade, é sustentar em sua integridade, intactos e inviolaveis, todos os dominios e direitos d'esta Santa Sé, e de assim os transmittir a nossos successores; que toda a usurpação d'estes direitos recente ou antiga é injusta, violenta, e sem valor; e que todos os actos dos rebeldes e dos invasores, cumpridos já ou por cumprir, confirmando de qualquer maneira esta usurpação, são por Nós, desde hoje condemnados, annullados, supprimidos e abrogados. E mais declaramos e protestamos diante de Deus e do universo catholico, que soffremos

um tal captiveiro, que nos é absolutamente impossivel exercer nossa auctoridade pastoral com segurança e liberdade. E finalmente, segundo o dizer de S. Paulo: «Que relação ha entre a justiça e a iniquidade? Ou que paridade entre a luz e as trevas? Que convenção com Christo e Belial? *Quae participatio justitiae cum iniquitate? Aut quae, societas lucis ad tenebras? Quae autem conventio Christ ad Belial?*» Nós annunciâmos publica e abertamente declaramos que firme na nossa missão e ao solemne juramento que nos liga, não consentimos nem consentiremos nunca em conciliações que, de qualquer maneira, destruam ou diminuam nossos direitos, que são direitos de Deus e da Santa Sé; e da mesma forma confessâmos que graças ao soccorro divino e apezar do peso dos annos nos achâmos apparelhados para tragar até á ultima gôtta pela Egreja de Jesus Christo, o calice que elle primeiro tragou por ella, não nos conformando nunca nem caindo na falta de ceder ou condescender com as injustas suggestões que nos são dirigidas. Porque, como dizia o Nosso predecessor Pio VII: «Violentar o soberano imperio da Sé apostolica, separar seu poder temporal do espiritual, desligar os cargos de Pastor e de Soberano, arrancar, arrebatar, confiscar, não é outra cousa senão querer destruir a obra de Deus, trabalhar na gravissima perda da religião, e prival-a d'um baluarte efficacissimo, afim de que seu supremo Chefe, Reitor e Vigario de Deus, não possa dar aos catholicos, que espalhados por toda a parte lhe pedem auxilio e soccorro, o amparo que reclamam do seu poder espiritual, e que ninguem pode impedir.»

«Todavia, já que Nossos avisos, rogos e protestos têem sido baldados, por auctoridade de Deus todo poderoso, dos santos Apostolos, S. Pedro e S. Paulo, e pela nossa, Nós vos declaramos, Veneraveis Irmãos, e por vós a toda a Egreja, que os invasores occupando um territorio qualquer em Nosso dominio, por mais elevados que sejam, e quando mesmo fosse necessario fazer d'elles uma especial menção, e da mesma forma todos os seus mandantes, fautores, auxiliares, conselheiros, adherentes, e outros muitos que procurassem a execução de seus projectos sob um pretexto ou de qualquer forma, quer executan-

do-os por si proprios, incorreram segundo a formula e thêor de Nossas cartas apostolicas publicadas em 26 de março de 1860, na excommunhão maior e nas outras censuras e penas ecclesiasticas sanccionadas pelos santos canones, pelas constituições apostolicas, e os decretos dos concilios geraes, particularmente do concilio de Trento. (Sess. XXII, c. 11 *de Reform.*)

«Recordando-nos, porém, que occupamos na terra o logar d'Aquelle que veio procurar e salvar o que estava perdido, nada desejamos com mais ardor que abraçar em nosso paternal affecto os filhos desgarrados que voltarem a Nós; e por esta razão levantando as mãos ao ceo na humildade de nosso coração, entregando e recomendando a Deus a mais justa das causas, que é ainda mais sua do que Nossa, Nós encarecidamente lhe supplicamos pelas entranhas de sua divina misericordia, que nos assista com seus soccorros, assim como á sua Egreja, fazendo por sua clemencia e piedade, que seus inimigos pensando na eterna perda que para si preparam se esforcem, antes do dia da vingança, por apasiguar sua formidavel justiça, e consolem por sua conversão as amarguras de sua Mãe a santa Egreja e a nossa propria dôr.

«Para obter da clemencia divina tão assignalados beneficios com instancia vos exhortamos, Veneraveis Irmãos, a unir ás nossas vossas fervorosas orações, assim como as dos fieis confiados a vossos cuidados; para que chegando juntos aos pés do throno de graça e misericordia, imploremos a intercessão da immaculada Virgem Maria, mãe de Deus e dos bemaventurados apostolos S. Pedro e S. Paulo. Desde a sua origem até aos nossos dias a Egreja de Deus tem sido muitas vezes abalada, e muitas vezes livre. É ella que exclama: *Muitas vezes elles me atacaram na minha mocidade, mas nada conseguiram. Os peccadores tem trabalhado contra mim, elles têem prolongado sua iniquidade.* Tambem hoje não permittirá o Senhor que o sceptro dos peccadores regule a sorte dos justos. O braço do Senhor não infraqueceu ainda para salvar. E d'esta vez ainda livrará sem duvida sua Esposa, porque a remiu com seu sangue, a dotou com seu espirito, a adornou com dons celestes, enriquecendo-a afora isto com os dons terrenos. (S. Bernardo, Ep. 244.)

«Na espectativa, pedimos a Deus do intimo d'alma os abundantes thesouros de graças celestiaes para vós, Veneraveis Irmãos, e para todos os sacerdotes e leigos confiados á vossa vigilancia, e como penhor de Nosso verdadeiro amor vos concedemos affectuosamente, e do fundo do coração, a benção apostolica, tanto a vós como a todos esses fieis Nossos filhos muito amados.»

CAPITULO XXI

Pio IX exilado no Vaticano; porque se não retirou.— Victor Manuel no Quirinal.—Lei das garantias.— O Papa ultrapassa os annos de S. Pedro.— Latrocinios do governo italiano.—Constancia do pontifice e dos romanos.—Noite de 20 de junho de 1874.

Á anarchia moral succedeu em Roma a anarchia material. O novo governo começou a annexar activamente quando os particulares se tinham farto. Nem os palacios que tinham bastado ao esplendor dos Papas e de sua corte, nem os quarteis com que se tinha contentado o tão apregoado despotismo sacerdotal, foram bastante espaçosos para o regimen da simplicidade revolucionaria e da liberdade. Foi necessario logo no começo cinco ou seis quarteis novos, e o dobro dos palacios para acommodar o Parlamento transferido de Florença para Roma, e para as administrações augmentadas. Foi preciso mais casa para o rei; casa para as cavallariças reaes; e casa para as equipagens de caça do soberano. Expropriaram-se os conventos, arrebataram-se egrejas ao culto divino, chegaram até a apossar-se dos hospitaes. Alem d'isto tratam activamente em traçar o plano da reconstrução da cidade por um novo modelo. Ai dos monumentos e das recordações que se encontravam em terrenos planos! Ai da cidade dos consules, dos imperadores e dos papas! No mundo havia uma só Roma; esta deixará de existir, mas em compensação, haverá uma segunda New-York ou um Paris *haussmanisé*.

Victor Manuel apossou-se do Quirinal, propriedade dos Papas, todavia parece que hesitou muito tempo antes de ousar habital-o, notando-se mesmo que nunca alli fez grande assistencia. Sentia-se constrangido a dentro d'essas paredes, talvez por um resto de pudor, ou porque comprehendia instinctivamente que a satisfação de suas ambições ia prival-o desde então dos auxilios que lhe tinham dado força. E com effeito, se não fosse a alliança com a revolução, o Piemonte nunca seria Italia, e por outro lado a Revolução nada conseguiria contra Roma sem o auxilio do sabre piemontez. Todavia tanto o Piemonte como a Revolução não se tinham entregado um ao outro senão por algum tempo. Ambos nutriam a secreta resolução de se desembaraçarem de reciprocos compromissos, logo que sua obra commum fosse terminantemente consolidada.

O mundo catholico perguntava a si proprio n'uma angustiosa anciedade o que faria em tal conjuntura Pio IX. Restava-lhe apenas uma pequena corveta, a *Immaculada Conceição*, da qual a equipagem que não acceitara as propostas dos Piemontezes fazia cruzar em Civita-Vecchia, prompta a recebel-o a bordo se o Papa julgasse conveniente deixar Roma e o podesse conseguir. Mas o pontifice, na agitação geral que se achava a Europa, entendeu que era preferivel ficar. N'estas intenções a *Immaculada Conceição* por quem se devia recear alguma entrepresa nas costas de Italia, refugiou-se por sua ordem em Toulon.

Lá foi confiada á guarda do governo francez, que afinal pôde receber este deposito sem difficuldade, por ter a corveta sido excepcionalmente exceptuada na capitulação do material e pessoal da marinha de Civita-Vecchia. Em 1872 foi esta corveta desarmada de commum accordo. Apenas alli ficaram seis marinheiros para a equiparem e um capellão para o serviço espiritual de bordo, e para representar, até certo ponto, a authoridade pontifical. [1]

A *Immaculada Conceição* foi substituida na bahia de Civita-

[1] A corveta *Immaculada Conceição* acha-se hoje no arsenal de Castigneau, onde a podem ver. Tem de comprido cincoenta e cinco metros, da pôpa a proa, e sete metros de largo. A sua forma é ligeira e graciosa. Na coberta á ré tem uma pequena capella, onde a tripulação assistia á missa ao domingo e se reunia todos os dias em oração. Esta capellinha

Vecchia, por uma embarcação da marinha franceza, o *Orenoque*. Desde que as eleições livraram o paiz do miseravel governo de 4 de setembro, o qual tinha pela bocca do advogado Sénart applaudido a falta de palavra que a Italia teve com a França, a politica secular da primogenita da Igreja foi retomada no tocante á Santa Sé, mas com a extrema modestia que lhe impunha a fraqueza de uma longa convalescença, depois dos terriveis e mortaes abalos por que passara.

A missão do *Orenoque* era conservar-se á disposição de S. Santidade, no caso que quizesse sahir de Roma; e n'este intuito estacionou em Civita-Vecchia até ao mez de outubro de 1874. N'esta epocha para comprazer com a Italia, ou antes com a Prussia, mandaram-no retirar, substituindo-o pelo *Kléber*, o qual conservando-se ás ordens do soberano Pontifice, já não foi ancorar nas margens italianas, mas em Bastia proximo das francezas: precaução demasiadamente illusoria, porque dada a hypothese que o Papa se visse obrigado a chamar o *Kléber* em seu auxilio, os que o obrigaram a fugir de certo lhe não deixariam a liberdade de fazer uso do telegrapho; todavia fingiam d'este modo o que não sentiam. A prezença d'este pequeno navio alli estacionado, encarregado d'uma missão especial, n'um porto da ilha da Corsega, prova evidentemente que a França é sempre a França: solicita a Providencia, por assim dizer, a que lhe cure de prompto as suas feridas para, se preciso fôr, lhe conceder alguma coisa mais importante.

Triste, mas resignado, Pio IX encerrou-se com seus servos fieis no pequeno canto da terra que lhe deixavam. Postoque fosse o mais opprimido de todos, mostrava-se o mais sereno e achava ainda palavras d'alegre conformidade. Mons. Daniel, capellão dos zuavos, forçado a voltar á França com os outros, foi fazer-lhe as suas despedidas: «E então, meu bom Daniel (disse o Papa) aqui estamos nós na cova dos leões!»

nada tem de luxuosa, e pode facilmente transformar-se n'uma camara. Os ornamentos do altar são simples e já um pouco avelhados. Algumas almas piedosas tem tido o generoso cuidado de as conservar e concertar; e a estas tem o cardeal Antonelli em nome do Pontifice mostrado o seu reconhecimento.

A um principe romano que lhe beijava os pés e as mãos lastimando a sua situação e dizendo com a voz cortada pelos soluços: «Não posso, não posso fallar!...—Que é isto!—Respondeu Pio IX—vem para me consolar e é preciso que eu o console! Não receie; isto não é mais que uma tempestade que passa. Roma está passando por uma correcção de que necessitava; mas creia, é uma correcção e não um castigo. Deus corrige os que ama, e castiga aquelles que se teem afastado d'elle. Não tema! Estes novos senhores de nossa cidade acham-se mais enredados do que nós; estão no remate de seu caminho.»

Informado de que Victor Manuel concebera a audaciosa pretenção de fazer celebrar os santos officios na capella do Quirinal, impoz interdicto n'esta capella, prohibindo que alli se dissesse missa para ser assistida da côrte usurpadora.

O boato de que o Papa queria partir, e mesmo que já tinha partido, correu mais de uma vez em Roma. O governo invasor nada receiava tanto como ver realisado esse boato; de modo que fez por muito tempo espionar com cuidado todos os caminhos, particularmente o de Civita-Vecchia. Era impossivel fazer chegar á cidade noticias do Vaticano, mas apesar da policia italiana, conseguiu-se enviar para fóra os archivos da Igreja, as reliquias e certos vasos sagrados que acharam prudente pôr em segurança.

Pio IX tomou a resolução de não sair de Roma desde o principio de setembro de 1870, assim como depois declarou [1] esperava que a sua presença impedisse alguns maleficios: Partindo, não se constrangeriam (pensava elle) e apossar-se-hiam de todos os conventos, de todas as propriedades religiosas, tornando-se a situação do clero muito mais miseravel. O corpo diplomatico que ficou em grande parte junto do soberano pontifice era, por assim dizer, para o governo usurpador uma testemunha embaraçosa e que impunha certos recatos. A presença do Papa não impediria a expoliação da Igreja, no entanto os espoliadores mostrariam mais circumspecção e menos actividade, ganhar-se-hia tempo, o que não é pouco nos negocios humanos.

[1] Discurso de 21 de junho de 1875, do qual já citámos uma parte.

O proprio pontifice declarou positivamente os motivos que o obrigavam a ficar. Uma noite, quando acabava de dar audiencia ao cardeal de Bonnechose, arcebispo de Rouen, e a dois de seus ecclesiasticos [1], reteve o cardeal sosinho, dizendo-lhe que tinha alguma coisa a communicar-lhe: «Desejo (accrescentou) offerecer-vos uma lembrança: objecto em si de pouco valor, mas a intenção lhe fará preço.» Esta lembrança era uma pequena placa de marfim emoldurada em ouro com as armas da Santa Sé e representando com admiravel perfeição uma scena commovente da vida de S. Pedro:» Aqui está (disse Pio IX), o constante objecto das muitas meditações ha muitos annos. Quando o principe dos apostolos, fugindo á perseguição, deixou Roma, encontrou, perto da porta de S. Sebastião, Nosso Senhor sustentando a sua cruz com ar triste: «*Domine, quó vadis?* Senhor, onde ides vós? exclamou Pedro —Vou a Roma (respondeu Jesus Christo), para ahi ser segunda vez crucificado, e para morrer em teu lugar já que a coragem te falta!»

Pedro comprehendeu (proseguiu o santo Padre) e ficou em Roma. Eu sigo o seu exemplo, por que se n'este momento abandonasse a cidade eterna, parece-me que Deus me faria a mesma censura. É portanto d'esta scena que eu quero deixar-lhe uma recordação. É possivel que não seja mais que uma piedosa; legenda, no entanto, para mim é um incitamento e uma advertencia decisiva. «E assim fallando, Pio IX fechou n'um cofresinho e entregou o precioso medalhão ao cardeal.

Outra occasião, um ecclesiastico francez disse ao Papa no fim de uma audiencia:» Vi esta manhã que V. Santidade chorava passando diante do tumulo de S. Pedro: que causa motivava vossas lagrimas? Pio IX respondeu:» Sabe perfeitamente que nossos inimigos são innumeraveis, e que em lugar de os odiar devemos procurar salval-os: eu vinha de me offerecer por elles em holocausto sobre o tumulo de S. Pedro. Eis-aqui por que chorava.»

O maior numero dos funccionarios pontificaes empregados no ministerio e nos museus, professores e magistrados, recusaram

[1] A 29 de setembro de 1872.

prestar juramento ao usurpador. O marquez Cavalletti, senador, isto é governador de Roma, deu o exemplo. Immediatamente foi substituido por outro chamado Piancini, o qual tinha commandado a ala esquerda de Garibaldi em Mentana.

A academia romana de archeologia, contando entre seus membros o commendador Visconti e o cavalleiro de Rossi, intimada para mudar seu titulo de pontifical pelo de real, recusou energicamente. De modo que foram-lhe fechadas as portas da Sapiencia, onde tinham lugar suas sessões. Os doutos trabalhos da illustre academia foram portanto forçadamente interrompidos.

Os empregados da *Zecca,* nome que se dá á fabrica da moeda pontifical, foram os unicos aos quaes, sem duvida por esquecimento, se não impoz ao principio nenhuma obrigação contraria á sua consciencia. Logo porem que em fevereiro de 1875 recordaram que elles não tinham prestado juramento ao governo subalpino, obrigaram-os a esta formalidade, sob pena de perder seu lugar. Todos elles preferiram porem sacrificar sua posição abandonando o lugar, dando d'este modo um grande exemplo de fidelidade e desinteresse que excitou a admiração d'aquelles mesmos que os expulsavam.

Pio IX, como crente na santidade do juramento, não podia nem authorisar seus empregados a um perjurio nem deixal-os morrer de fome. Continuou portanto a dar o mesmo salario a todos os que necessitavam, ao mesmo tempo que elle proprio se resolvia a recusar indemnisações do invasor, e a não se sustentar senão com as esmolas dos fieis.

No entretanto Victor Manuel e seus ministros occupavam-se em destruir os derradeiros escrupulos de seus adherentes, e acabavam de commatisar a consciencia já tão complacente da Europa. A 13 de março de 1871 foi promulgada a lei chamada das *Garantias,* em que se declarava sagrado e inviolavel o supremo Pontifice, reconhecendo-lhe as honras soberanas, assegurando-lhe uma dotação annual de 3.225:000 francos, e o goso dos palacios do Vaticano, de Latrão e villa pontifical de Castel-Gandolfo; assim como a completa liberdade dos futuros conclaves e concilios ecumenicos.

Todavia, como esta lei das garantias não era um contracto bilateral, ninguem lhe deu importancia, nem de fórma alguma a Igreja lhe ficou agradecida, porque não teve parte alguma na sua formação. Alem de que, sob a apparencia d'esta grande generosidade, no fundo, esta lei não foi mais que um engodo á espoliação que tinham em vista fazer acceitar. A Italia faz-nos lembrar d'esse salteador que depois de ter surripiado até os ultimos cinco réis a um individuo voltou atraz e deu-lhe alguns cobres por esmola, dizendo: «Pegue lá: guardo o seu ouro porque podia causar-lhe embaraços; acceite porem estes cobres, e saiba que, se lhe esquecer de me agradecer, é um ingrato.»

A lei das garantias está, por assim dizer, cheia de interpretações contradictorias provocando conflictos inevitaveis. O artigo 9 assegura ao soberano Pontifice plena liberdade em todas as funcções de seu ministerio espiritual; mas quem determinará nas questões mixtas, a parte e os limites do espiritual, e as do temporal? Não se viu pouco depois de ser promulgada esta lei italiana, o despota allemão encarcerar os bispos porque estes tinham excommungado os padres rebeldes, e, segundo elle, expulsando-os da Igreja tinham invadido os direitos do Estado?

E finalmente o artigo 18 confiscou de antemão todas as propriedades ecclesiasticas, com o pretexto de as reorganisar, conservar e administrar. Basta unicamente este artigo para justificar a apreciação severa de Pio IX, quando chamou á lei das garantias lei de hypocrisia e iniquidade. [1] A primeira vez que

[1] Apesar d'estes defeitos, a lei das garantias póde no futuro ter uma importancia consideravel. É o que nos induz a reproduzil-a integralmente:

Lei de 13 de março de 1871 sobre as prerogativas do Soberano Pontifice, e da Santa Sé, e das relações do Estado com a Egreja.

PREROGATIVAS DO SOBERANO PONTIFICE E DA SANTA SÉ

Artigo I. A pessoa do Soberano Pontifice é sagrada e inviolavel.

Art. II. O attentado ou instigação contra a pessoa do Soberano Pontifice incorre no mesmo castigo estabelecido para aquelles que attentarem contra o rei.

As offensas e as injurias publicas, commettidas directamente contra o Soberano Pontifice, quer sejam discursos, acções ou pelos meios indicados no artigo 1.° da lei da imprensa, são punidos com as penas incursas no artigo 19.° d'esta mesma lei.

lhe apresentaram o mandado de 3:225:000 francos votado pela camara em virtude d'esta lei, Pio IX repelliu-o dizendo á pessoa que lh'o apresentava: É verdade que muito necessito de dinheiro. Em todo o universo os meus filhos sangram-se, por assim dizer, para occorrerem ás minhas necessidades e a muitas outras que me estaes creando todos os dias; mas debalde digo commigo mesmo, que afinal o que me apresentaes não é

As sobreditas culpas ficam debaixo da acção da justiça e pertencem ao supremo tribunal. E' plenamente livre a discussão sobre materias religiosas.

Art. III. O governo italiano presta ao Soberano Pontifice, no territorio, as honras soberanas e a preeminencia honrosa que lhe é prestada por todos os soberanos catholicos.

O Soberano Pontifice terá a faculdade de conservar o mesmo numero de pessoas ligadas á sua dignidade e á guarda dos palacios, sem prejuizo das obrigações e dos deveres que estes devem ter pelas leis do Estado.

Art. IV. É conservada a favor da Santa Sé a dotação de uma renda annual de 3.225:000 liras.

Com esta quantia, igual á inscripta no orçamento romano sob o titulo: «Palacios apostolicos, sagrado collegio, congregações ecclesiasticas, secretaria de Estado e representação diplomatica no estrangeiro» será provida a sustentação e o decoro do Soberano Pontifice e as diversas necessidades ecclesiasticas da Santa Sé, á manutenção ordinaria e extraordinaria e á guarda dos palacios apostolicos e suas dependencias; aos salarios, gratificações e pensões dos mesmos guardas, assim como dos servidores da corte pontifical, e as despezas eventuaes, bem como á guarda dos museus e bibliothecas que d'elles fazem parte, e ao sustento, ordenados e pensões dos seus empregados.

Esta dotação será inscripta no Grande Livro da divida publica sob a fórma de renda perpetua e indeclinavel da Santa Sé, e no caso mesmo de vagatura d'esta, continuar-se-ha a pagar n'este intervallo para fazer face ás despezas da Igreja romana.

Esta pensão será isenta de toda a especie de contribuição governamental, communal ou provincial, e não poderá ser diminuida ainda mesmo que o governo italiano resolvesse posteriormente encarregar-se da despeza respectiva a museus e bibliothecas.

Art. V. Alem da dotação estabelecida no precedente artigo, o soberano Pontifice continuará a fruir os palacios apostolicos do Vaticano e Latrão com todos os edificios, jardins e terrenos que lhe pertencem assim como da *villa* de Castel-Gandolfo com todos os seus annexos.

Os referidos palacios, *villa* e annexos, bem como museus, bibliothecas e collecções d'arte n'elles existentes, são inalienaveis, isentos de encargos, tributos, e expropriação por utilidade publica.

Art. VI. Durante a vagatura da Sé pontifical, nem authoridade judiciaria nem politica poderão, qualquer que seja a causa, impedir nem restringir a liberdade pessoal dos cardeaes.

Ao governo compete providenciar de modo que as assembléas do conclave e concilios ecumenicos não sejam perturbadas por alguma violencia exterior.

Art. VII. Nenhum representante da authoridade publica, ou agente da

mais que uma parte dos bens que me roubaram; apesar d'isso nunca o acceitarei de vós senão a titulo de restituição assim como prestarei uma assignatura que poderia de alguma forma demonstrar a minha condescendencia com o latrocinio.

Nos annos seguintes a pensão annual já se formulou meramente *pro fórma*. Passou sem transição do capitulo das despezas para o das receitas, e a generosidade italiana não deixou

força publica, poderá, no cumprimento do seu officio, entrar nos palacios e lugares que sejam residencia habitual ou temporaria do Soberano Pontifice, ou reunam conclave ou concilio ecumenico, salvo se o Soberano Pontifice, o conclave ou o concilio o permittirem.

Art. VIII. É prohibido fazer visitas, investigações ou sequestros de papeis, documentos, livros ou registros nos officios ou congregações pontificaes investidas de attribuições puramente espirituaes.

Art. IX. Póde livremente o Soberano Pontifice preencher todas as funcções de seu ministerio espiritual e afixar na porta das basilicas e igrejas de Roma todos os actos do referido ministerio.

Art. X. Os ecclesiasticos que por suas funcções participam em Roma da imanação dos actos de authoridade espiritual da Santa Sé, não estão em rasão d'esses actos sujeitos a investigações por parte da authoridade publica.

Qualquer extrangeiro investido de funcções ecclesiasticas em Roma gosa as garantias pessoaes pertencentes aos cidadãos italianos em virtude das leis do reino.

Art. XI. Os enviados dos governos estrangeiros junto de S. Santidade gosam no reino todas as prerogativas e immunidades concedidas aos agentes diplomaticos consoante o direito internacional.

As offensas que lhes foram feitas serão castigadas com as penas impostas aos offensores das potencias extrangeiras junto do governo italiano.

Os enviados de S. Santidade junto dos governos extrangeiros gosam no territorio do reino as prerogativas e immunidades em uso, segundo o mesmo direito, tanto quando vão para os lugares de sua missão como quando voltam.

Art. XII. O Soberano Pontifice corresponde-se livremente com o episcopado. e com todo o mundo catholico, sem intervenção do governo italiano.

Para o que lhe é permittido estabelecer no Vaticano e nas outras residencias correios e telegraphos servidos por empregados de sua escolha.

O correio pontificio poderá corresponder-se directamente em mala fechada com os correios das administrações extrangeiras ou enviar as suas proprias correspondencias aos correios italianos em ambos os casos.

O transporte dos despachos ou das correspondencias timbradas com o sello pontifical será isento de qualquer despeza ou tributo no territorio italiano.

Os correios expedidos em nome do Soberano Pontifice serão no reino considerados como uns correios do gabinete dos governos extrangeiros.

A estação telegraphica pontifical communicará com as linhas telegraphicas do reino a expensas do Estado.

Os telegrammas transmittidos com a nota certificada de *serviços pontificaes* serão recebidos e expedidos como as prerogativas estabelecidas para os telegrammas do Estado, e isentas de despeza no reino.

de continuar a privar de seus bens e a expulsar de suas residencias grande numero de bispos, sabendo perfeitamente que a sustentação d'estes recahia immediatamente sobre a indigencia do Soberano Pontifice.

Mas o amor é mais forte do que o odio, e cansa-se ainda menos. A associação, o dinheiro de S. Pedro multiplicou-se, sobre tudo em França: Napoleão III já lá não estava para ob-

As mesmas vantagens gozarão os telegrammas do Soberano Pontifice, ou enviados por ordem sua que timbrados pela Santa Sé forem levados a qualquer estação telegraphica do reino.

Os telegrammas enviados ao Soberano Pontifice serão isentos das despezas postas a cargo dos destinatarios.

Art. XIII. Na cidade de Roma, e nas seis Sés suburbanas, os seminarios, academias, collegios e outras instituições catholicas, fundadas para educação e formação dos ecclesiasticos, continuarão a depender unicamente da Santa Sé, sem ingerencia das authoridades escholasticas do reino.

RELAÇÕES DO ESTADO COM A IGREJA

Art. XIV. É abolida qualquer restricção especial ao exercicio do direito de reunião dos membros do clero catholico.

Art. XV. O governo renuncia ao direito de *legazia* apostolica em Sicilia, em todo o reino, bem como ao direito de nomear e propôr para os beneficios maiores.

Os bispos não serão obrigados a prestar juramento ao rei.

Os beneficios maiores e menores só podem ser dados a cidadãos do reino, exceptuadas a cidade de Roma e as Sés suburbanas.

Nada se renova para a collação dos beneficios de patronato real.

Art. XVI. São abolidos o *exequatur* e o *placet* real e outra qualquer forma de authorisação governamental para a publicação e execução dos actos das authoridades ecclesiasticas.

Comtudo, emquanto se não providenciar por lei especial de que fallaremos no artigo 18, ficam sujeitos ao *exequatur* e ao *placet* real os actos d'aquellas authoridades que tem por fim dispor dos bens ecclesiasticos e prover os beneficios maiores ou menores, exceptuados os da cidade de Roma e Sés suburbanas.

Subsistem as disposições das leis civis relativas á creação e existencia das corporações ecclesiasticas, e á alienação de seus bens.

Art. XVII. Em materia espiritual e disciplinar, não se admittem reclamações nem aggravos das authoridades ecclesiasticas, nem lhes é concedido nem reconhecida alguma execução por força publica.

Pertence á jurisdicção civil o conhecimento dos direitos juridicos tanto de uns como dos outros actos d'aquellas authoridades.

Todavia taes actos não tem effeito se contrariam as leis do estado ou a ordem publica, ou se lesam os direitos dos particulares, e são submettidos ás leis penaes se constituem delictos.

Art. XVIII. Uma lei posterior á reorganisação providenciará sobre a conservação e administração das propriedades ecclesiasticas no reino.

Art. XVIV. Ficam abolidas todas as leis em contrario.

star á sua organisação nas dioceses. Com este singelo obulo de um *sou*, que nós damos cada mez ao nosso Pai commum, não só lhe proporcionamos finalisar sua gloriosa carreira sem conhecer necessidades, nem ver-se forçado a acceitar como esmola uma parte do que lhe pertence, mas tambem lhe damos a consolação de ver que tambem as não soffre o grande numero de espoliados que o rodeiam. Pelo que o Pontifice se mostra legitimamente orgulhoso. A uma deputação napolitana que lhe apresentava sua offerta, dizia elle:

«A Providencia opera por mim um milagre, todos os dias, e este milagre é visivel aos olhos do mundo inteiro, porque é do mundo inteiro que procede.

«Estou espoliado de tudo, mas meus filhos me sustentam. De todas as partes enviam a seu Pai, sem lhe tomar contas, e esse Pai, que não tem outros recursos senão suas dadivas, é tratado com tanta largueza que não sómente tem para si, limitando-se a pouco suas necessidades pessoaes, mas pode ainda mostrar-se generoso, e dar esmolas tambem!»

O captivo do Vaticano, já o dissemos, continuou a sustentar o maior numero de seus empregados que se tinham recusado a faltar a seu juramento. Da mesma forma continuou a dar meio soldo ou uma quarta parte, a alguns militares de seu antigo exercito relegados nas terras em que nasceram. Sustentava tambem o seu estabellecimento da Vinha Pia, e o hospicio de Tata Giovanni, ao qual a nova municipalidade romana entendeu retirar todo o subsidio, por causa justamente da antiga protecção que lhe dava Pio IX. O Pontifice esforçou-se sobre tudo em luctar a favor das escolas populares, contra a duplicada propaganda irreligiosa e protestante. Com effeito, as sociedades protestantes dispendem todos os annos em Roma cem mil libras esterlinas (2,500:000 francos). No primeiro de janeiro de 1875, já ellas tinham construido tres templos, e fundado uma duzia de residencias de missionarios debaixo de diversas denominações; anglicanos, methodistas, episcopaes, vaudezes, baptistas, e anabaptistas: de forma que, se o genio italiano a isso se prestasse, o centro da unidade christã estaria ameaçado de se mudar em um pandemonio de discordia religiosa. Os roma-

nos difficilmente se tornam protestantes. O ouro das sociedades biblicas não consegue senão fazer livres pensadores; todavia esta transformação não é menos dolorosa que a outra para o coração de Pio IX.

Se a estas despezas juntarmos a sustentação do sagrado Collegio, da prelatura, das guardas, dos museus, e dos prelados exilados pela fé, achamos uma somma mensal superior a seis centos mil francos, isto é, sete milhões e meio por anno. Esta totalidade não cessa de augmentar, á medida que os antigos bispos de Italia se afastam. O Papa substitue-os; mas como nenhum d'elles pode sollicitar em consciencia o *exequatur* real, Victor Manuel apressa-se em suprimir-lhe seus emolumentos episcopaes, e Pio IX dá a cada um d'estes bispos 500 francos por mez; e aos arcebispos envia 700 ou mil francos mensaes. E, recentemente, funda caixas de soccorro para os jovens levitas, que uma lei verdadeiramente infernal acaba de submetter ao serviço militar, tornando d'este modo moralmente impossivel a conservação das vocações ecclesiasticas e o recrutamento do sacerdocio. Onde haurir porem tantos recursos? É tempo finalmente de ver terminar na Italia o reinado da iniquidade, se entra nos designios da Providencia conservar a este desgraçado paiz a fé e a civilisação.

E, apesar d'isto, Pio IX tem sempre as mãos abertas para favorecer todos os desgraçados, e todas as subscripções. As egrejas de Paris roubadas pela Communa, receberam do Pontifice muitos ornamentos, e da mesma forma os recebem quasi todos os dias as egrejas das missões longinquas. Só no mez de julho de 1875, não citando senão este, enviou Pio IX 20:000 francos aos inundados do sudoeste da França[1], 5:000 aos inundados do Brescia e da Italia alta, 800 ao bispo de Sarsina, 2:000 ao de Osimo para a reconstrucção da egreja, e 50:000 á princesa Rospigliosi Champigny de Cadore, para as obras de Santa Maria Magdalena ou Recolhimento de donzelas na cidade de Roma.

Como o pontifice escolhia os bispos entre os ecclesiasticos

[1] Victor Manuel, quinze dias depois, remettia 5.000 francos, e Garibaldi 250, com o mesmo destino. Este ultimo acabava de receber do Estado uma renda de cem mil francos.

mais virtuosos sem distincções de meios, succedeu-lhe muitas vezes ser obrigado a prover ás despezas necessarias para sua installação. Um dia apresentou-se-lhe um d'aquelles que acabava de nomear, e Pio IX observou-lhe que trazia uma sotaina muito usada. O novo bispo respondeu-lhe: «Não tenho outra melhor nem peior; é a unica.» Pio IX ficou satisfeitissimo com esta resposta. Que excellente escolha Deus me inspirou!—pensava elle—e rebuscando na sua secretaria tirou todo o dinheiro que lá havia e deu-o ao bispo. Alem dos pesados encargos do pastor supremo, Pio IX soube ainda achar os meios de portar-se como rei, até em seu captiveiro. Mandou concluir em Roma muitos trabalhos artisticos ou de utilidade publica, acabou a reconstrucção de Santo-Angelo em Peschiera, e o magnifico portico d'Octavia, do qual está contigua esta egreja, restaurando o altar com os marmores achados pelo commendador no Emporio dos imperadores. Depois de ter nomeado uma commissão d'artistas para conhecer o estado de degradação em que se achava o tumulo de S. Gregorio VII, seu illustre predecessor, na cathedral de Salerno, emprehendeu restaural-o á sua custa, assim como o formoso epitaphio gravado sobre a pedra sepulchral por ordem do mesmo Gregorio VII: «Amei a justiça e aborreci a iniquidade, e eis a razão porque morro desterrado; *Dilexi justitiam et odi iniquitatem, et ecce in exilio morior.*»

O Papa recusou-se a despedir os numerosos jornaleiros que trabalhavam na fabrica de mozaicos do Vaticano, uma das glorias de Roma, e não deixou de lhes dar trabalho, offerecendo-os em seguida, como antigamente, a seus hospedes ou ás diversas Egrejas d'Italia. Conservou assim uma das principaes prerogativas da soberania: dar ainda ás vezes presentes verdadeiramente regios; e, se por acaso se via obrigado a diminuir o numero, fazia-o com a mesma graça, e a mesma fina delicadeza.

Conta-se que recebendo um dia os dois gran-duques da Russia, irmãos do imperador Alexandre, notou que os jovens principes ouviam a conversação muito distraidos. Seus olhares fixavam-se involuntariamente n'uma magnifica meza de mozaico, d'um valor inestimavel, que contrastava com a simplicidade quasi monastica do aposento do Papa.

—Estão preoccupados, senhores?—disse o Papa.

Os principes desculparam-se.

—É verdade, estão distrahidos, e eu bem sei porque. Admiram-se de ver esta bella meza no meio da minha pobre mobilia... .

Os olhares dos principes mostraram ao Papa que tinha adivinhado.

—Pois bem, vou explicar-lhes isso: esta mobilia convem-me por que é minha. Quanto á linda mesa de mosaico, como lhes agradou, não me pertence, podem dispor d'ella: que é sua.

Em 1876 enviou Pio IX á exposição universal de Philadelphia esplendidos specimens dos mosaicos do Vaticano, e ahi foram estes citados como os primeiros entre as obras d'arte da mesma natureza.

N'este meio tempo occupava-se Victor Manuel em fazer duplicar a sua lista civil; comprava terras em seu nome e de sua familia, e installava uma caudelaria em Roma. Victor Manuel não conhecia outras distracções reaes senão a caça ou os prazeres licenciosos a que se entregou toda a sua vida. Todavia, por pouco affeiçoado que se mostrasse ás artes, seu filho mais velho e presumptivo herdeiro, o principe Humberto, era ainda menos, e sua nora a princeza Margarida, parece mesmo que tomou a peito desprezar publicamente todas as conveniencias, e provocar a aversão dos Romanos. Logo que chegou ao Quirinal, escolheu esta princeza para seu aposento o mesmo quarto do soberano Pontifice, e foi tambem ella que quiz que a sala dos conclaves fosse transformada em salão de baile, dançando ali noites inteiras, e isto no dia immediato, por assim dizer, da morte de seus parentes. Foi tambem esta princeza que patrocinou as novas escolas protestantes; e assistiu á demolição por ordem do governador garibaldino Piancini, da cruz que se elevava no meio do Colyseu, assim como á demolição das estações do caminho da cruz erigidas sobre esse terreno impregnado do sangue de milhares de martyres, sob o pretexto de rebuscar objectos de arte. Estas esquadrinhações, porem, não podiam ter nenhum resultado, por que já tinham sido feitas uma vez, de 1812 a 1814, por ordem de Napoleão I. Pio IX recordou-se mesmo

que as vira fazer sessenta annos antes, e que n'essa época o Colyseu parecia um monturo. Não era todavia o amor da sciencia que impulsava aquelles barbaros. Tratavam mas era de descatholisar Roma. D'isto não se pode duvidar quando se viu que da mesma forma faziam desapparecer a cruz do cimo do Capitolio e dos obeliscos, depois fechar, depois destruir a antiga capella edificada no alto da prisão Mamertina, prisão consagrada pelo captiveiro de S. Pedro, e S. Paulo.

Á vista d'estes sacrilegios a população romana ficou estarrecida. Comparava os dois reis e seus costumes, e o confronto não era favoravel ao ultimo. D'aqui se originou para o rei intruso uma tal repugnancia que lhe tornou intoleravel a sua residencia em Roma. A nobreza fugia-lhe, o povo fingia despresal-o ainda mais que aborrecel-o; os estrangeiros não procuravam senão o Papa, e por mil visitantes que se ajoelhavam no Vaticano, não havia dez que buscassem entrar no Quirinal. Os proprios principes, como succedeu aos membros das familias reinantes de Austria e Baviera, em suas excursões á Italia, paravam em Napoles ou em Florença, quando sabiam que Victor Manuel estava em Roma.

Nas eleições, apenas se apresentaram á urna uma quarta parte dos eleitores, e assim mesmo, a maior parte d'estes eram extrangeiros chegados do rebotalho das praças á nova capital; eram *buzurris* como lhes chamavam desdenhosamente. Roma foi a unica cidade onde não foi possivel encontrar um governador civil entre os antigos cidadãos.

É de suppor que Victor Manuel desejasse fazer de Florença a sua capital. Os seus conselheiros intimos para o lisongearem proposeram-lhe por mais de uma vez mudal-a para Napoles. Allegavam elles, n'este intuito, a impossibilidade de concentrar em Roma todos os serviços administrativos; os queixumes dos empregados de Florença por causa da carestia dos alugueres das habitações; os calores, as febres, a inconstancia do clima, a invencivel aversão dos deputados e senadores por uma cidade onde não chegava a reunir-se senão com grande custo numero legal de votos. No entretanto a Revolução não permittia a escolha.

No meio d'estas tribulações, Deus tinha preparado para o grande Pontifice e para todo o universo magoado com as dores d'elle, admiraveis e santas consolações. O dia 16 de junho de 1871 foi para Pio IX um anniversario como nenhum de seus predecessores tinha conhecido. Attingiu n'esse dia e ultrapassou os annos romanos de S. Pedro.

«*Tu non videbes annos Petri:* Tu não chegarás aos annos de Pedro,» Era esta tradição confirmada, até certo ponto pela liturgia, na coroação dos Papas, e posto que um d'elles tivesse, dizem, respondido «não é de fé: *non est de fide*» nenhum todavia, até Pio IX, desmentira a prophecia.

O chefe dos Apostolos não foi para Roma logo depois da Assumpção do Salvador. Durante dois annos, pouco mais ou menos, continuou a dar boa nova aos habitantes de Jerusalem e da Judea; em seguida partiu para Antiochia, que era a esse tempo capital do Oriente, constituiu-se bispo, e só sete annos depois, no anno 12, pelo tempo da Paschoa judaica, é que transportou para Roma, capital do mundo, a séde central do christianismo. E depois d'isto alli ficou até ao tempo de Nero, provavelmente o anno 67 em que soffreu o martyrio. Foi por tanto S. Pedro, Papa cerca de trinta e quatro annos, mas não foi bispo de Roma senão vinte e cinco e alguns dias.

O anniversario de 16 de junho de 1871 não foi celebrado exteriormente na grande cidade catholica com o esplendor que seria em outras circumstancias. A festa foi puramente religiosa, e apenas nas basilicas de S. Pedro e S. João de Latrão; mas o concurso do povo foi enorme. Todas as classes, todas as edades ahi se achavam confundidas. Não se podia contemplar sem commoção esta numerosissima multidão ajoelhada nas lages, em rasão, como é sabido, de ser prohibido o uso das cadeiras nas grandes basilicas de Roma, e esses milhares de cabeças curvarem-se até á terra e juntarem-se n'um unico pensamento de supplica e regosijo.

Todo o universo christão acompanhou os romanos. Só Deus sabe quantas communhões lhe foram offerecidas n'esse dia por intenção do Soberano Pontifice, assim como o fervor das orações que de todas as partes se elevaram ao ceo por Pedro ca-

ptivo, como no tempo de Herodes. O numero dos telegrammas e das felicitações dirigidas ao Vaticano passa de um milhão. Todos os soberanos, com poucas excepções, fizeram chegar a Pio IX suas homenagens; e o primeiro telegramma que lhe chegou ás mãos, foi o da rainha de Inglaterra. Grande quantidade de deputações affluiram alem d'isso, do antigo e do novo mundo. Só no dia 12, Pio IX para responder a todas, teve de tomar a palavra doze vezes, em latim, francez, hespanhol e italiano.

A deputação franceza dividiu-se em duas á entrada do Vaticano. Conta uma testemunha occular: «A pobre Alsacia tinha-se separado de nós por recommendação de Mons. o bispo de Strasburg, o qual prudentemente não quiz dar nenhum pretexto ás susceptibilidades do vencedor. Os doze deputados d'esta provincia, recebidos em particular, apresentaram ao Santo-Padre uma lista com 60:744 assignaturas, e uma offerta de 42:000 francos. N'esta occasião não poderam conter-se e deixar de fallar ao Papa, da França. De seus labios saiam os queixumes, as lagrimas caiam-lhes pelos rostos, mas conservavam a esperança no coração. Pobres irmãos arrancados ao lar paterno! Estas atrocidades chamam-se conquistas, e a gloria é para os conquistadores!

«Tenho, porem, pressa de dizer-vos qual a nossa alegria quando vimos Pio IX encaminhar-se para nós com toda a placidez. Pareceu-nos contemplando-o, que em seu augusto semblante exprimia uma ternura particular pelos representantes da desgraçada França, e d'isto obtivemos certeza pelas lagrimas que humedeceram seus olhos logo ás primeiras palavras da felicitação em que se recordavam nossos infortunios.

«Quando depois de receber a benção, o Santo Padre permittiu que nos erguessemos, Mons. de Nevers dirigiu-se para o throno pontifical, e com voz commovida leu o protesto dos catholicos francezes, e fez cair o pranto muitas vezes a Pio IX. «Santissimo Padre—accrescentou elle—as desgraças da França não permittem que nos excedamos. Somos poucos, e nossas offertas insignificantes em comparação do affecto que vos tributamos; no entanto, no fim d'este papel estão inscriptos mais

de dois milhões de assignaturas, como eloquentissimo testemunho de nossa affeição filial.»

Depois da leitura do adresse, o Santo Padre proferiu em francez o seguinte discurso:

«Não posso explicar todos os pensamentos que n'este momento tumultuam em meu coração.

«Lembro-me dos grandes beneficios que devo á França. Lembro-me de quanto padece essa nação, não necessito portanto expor quanto soffro por ella. Pobre França! Eu amo a França; tenho-a constantemente no pensamento e no intimo da alma. Todos os dias rogo por ella, principalmente durante o santo sacrificio da missa. Amei-a sempre, e continuarei a amal-a! Conheço até que ponto ella se tem mostrado grande nas suas dedicações; quanto a sua caridade exemplar é compassiva para com os pobres e desgraçados, e para com a miseria da Igreja; quantas instituições piedosas tem fundado, e particularmente que fervor tem mostrado em praticar boas obras, não só os homens mas especialmente as mulheres; todavia, devo dizer-lhe a verdade.

«Recordo-me de um personagem seu compatriota, que conheci muito em Roma, e me fazia grandes comprimentos. Era um homem distincto, um homem honrado, cumprindo a preceito a sua religião. Confessava-se, mas tinha certos principios estranhos, principios que eu não posso explicar como se podessem alliar com a fé. Dizia-me elle, por exemplo, que a lei civil deve ser atheista, que devemos proteger todas as crenças, quer o erro, quer a verdade. Entendiamo-nos perfeitamente em certos pontos, mas nunca podemos concordar n'este. E que lhe acontecia depois? Acontecia que este homem praticava hoje uma coisa, e amanhã outra em contrario. Morrendo em Roma um de seus amigos protestantes, não só acompanhou o cadaver ao cemiterio, mas assistiu-lhe aos officios. Certamente é uma boa acção assistir aos protestantes em suas necessidades ou doenças, e favorecel-os, sobretudo com a esmola espiritual, para que cheguem a reconhecer a verdade; mas assistir a certas funcções religiosas do erro, é mau, é trahir a fé catholica.

«Meus queridos filhos, muito desejo que as minhas palavras

lhes exprimam o que tenho no coração. O que pesa sobre a vossa França e a impede de merecer as bençãos de Deus, é essa mistura de principios. Sois catholicos, mas individualmente: vosso paiz deixou de ser catholico como nação ha oitenta annos; a lei, não lhe toma contas, por exemplo da guarda do domingo, que é um dos mandamentos de Deus; e da mesma forma deixou tambem prescrever essas orações nacionaes, e os jejuns mesmo que outros paizes, posto que na maior parte protestantes tem conservado o uso desde o tempo em que eram catholicos. Direi finalmente tudo; não me calarei, não. O que mais receio por vós, não são esses miseraveis da Communa, verdadeiros demonios sahidos do inferno, o que mais temo é o liberalismo catholico, não decerto os catholicos chamados antigamente liberaes: estes tem-se por vezes portado condignamente com a Santa Sé, mas sim esse fatal systhema que bem pode ser que algumas vezes se tenha mostrado generoso em suas acções, mas é cobarde na maior parte, e medita e trabalha sempre para accommodar duas coisas inconciliaveis, a Igreja e a Revolução.

Tenho-o dito mais de quarenta vezes, e repito-o por causa do affecto que vos consagro; sim, não ha duvida, é esse jogo... como lhe chamam em francez? em italiano chamamos-lhe *altanela;* é esse jogo de redouça que acabará de destruir a religião entre vós.

É certo que se deve praticar a caridade, e amar nossos irmãos transviados, mas para isso não é necessario amnistiar o erro e suprimir, por seu respeito, os direitos da verdade.

Não quero, porem, prolongar demasiado o meu discurso; as minhas forças e idade não m'o permittem.

«Agradeço-vos, agradeço-vos e encarrego-vos de agradecer a todos os bons francezes tudo quanto elles tem feito por todos os meios a seu alcance para minorar meus soffrimentos; por que a França deu-me seus filhos e estes derramaram seu sangue pela Santa Sé; a França auxiliou-me monetariamente, e tem draticado muitas outras obras de caridade! Que portanto sejam todos particularmente abençoados, e depois dos francezes eu abençôo todos os outros; abençôo o universo, entrando n'este

numero os máus, afim de que fulgure para elles a luz necessaria, e os guie na vereda da verdade.

«Recebei pois esta benção apostolica. Eu vos abençôo, a vós, vossa patria, vossas familias, parentes, amigos, todo o mundo, todas as dioceses de França, e em particular a diocese de Nevers do bondoso Mons. Forcade, todos os curas, suas parochias, os pais de familia, suas esposas, seus filhos, e todos aquelles dos vossos, que desejem ser abençoados pelo Papa.

«Que esta benção seja sempre para vós um amparo e como que um arnez para combater nas batalhas da fé contra a incredulidade; que ella vos acompanhe nas lutas da vida, e seja um penhor de salvação em vossos derradeiros momentos assegurando-vos a eterna felicidade.»

No anno seguinte, a 20 de setembro, completou outro anniversario menos alegre e mais tristonho ainda com a perda do conde Caetano Mastai, irmão de Pio IX, fallecido na vespera. Victor Manuel não teve o pudor de respeitar o luto de seu prisioneiro; logo ao romper do dia mandou salvar as fortalezas em signal de regosijo. Tudo quanto Roma contava de mais nobre e illustrado se indignou d'esta brutal inconveniencia, apressando-se a levar ao Vaticano os pesames e os protestos da cidade fiel, da cidade emfim, onde, segundo a expressão da *Riforma* d'esse mesmo dia, «a Italia se achava depois de dois annos tão estranha como no primeiro dia, e que mais parecia, não uma cidade amiga, mas uma cidade sempre fremente, supportando impacientemente a prolongação de uma occupação militar.» Pio IX respondeu á allocução lida pelo presidente da Confederação Pia:

«A Providencia permitte, meus filhos, que se commettam injustiças; não se afflijam — Quando estas chegarem ao cumulo, então raiará o dia da justiça. Ouvi esta manhã tiros de peça; seu echo chegou ao amago da minha alma. Nossos vencedores temporarios poderiam ter-me poupado este acrescimo de tristeza, assim como a meus fieis romanos, que sabem a quem devem esta irrisão. Mas, para saber triumphar generosamente, seria preciso ter sabido vencer lealmente. Só os vencedores honrados e verdadeiramente fortes em sua victoria sabem ser mo-

destos; e eis-aqui, meus filhos, porque esta manhã ouvimos troar o canhão.»

Parece no entretanto que o ceo se encarregava de castigar a Italia. As inundações, e as más colheitas successivas augmentaram a penuria causada em Roma pela diminuição do numero de extrangeiros, e pela falta das grandes ceremonias religiosas de que se sustentavam muitas industrias. O metal sonante desapparecia pouco a pouco com a fortuna publica; chegou mesmo, depois da invasão piemonteza, a não haver mais na Italia que notas emissorias de toda a especie de bancos ou municipalidades: o ouro coria a vinte e um por cento contra o papel, e nunca desceu abaixo de sete, emquanto que em França, no momento mesmo de nossos maiores desastres e dos milhões pagos á Allemanha, chegaram apenas a dezesete por cento. Os proprios *buzurris* não tardaram a reconhecer que sua avidez os enganara. Attrahidos pela esperança de enriquecer dentro em pouco, viam-se ociosos e tristonhos sobre o umbral de suas lojas vazias de compradores; tinham dissipado o que lhes estava a credito e não sabiam como sahir d'esta situação. Apenas os judeus faziam bom negocio, com as demolições e vendas das propriedades ecclesiasticas, nas gasetas que quasi todas lhes pertenciam, e no trafico da usura e dos comestiveis. Não se via por toda a parte senão conventos fechados e sequestrados, bibliothecas confiscadas, e muitas vezes dilapidadas no transporte de um a outro lugar, religiosos expulsos de suas cazas e brutalmente rebuscados nos umbraes de seu mosteiro, visto que os julgavam capazes de levar alguma coisa do que lhes pertencia! Estes religiosos e religiosas, obtinham mensalmente, como indemnisação, uma pensão de vinte e cinco centimos diarios por cabeça; os velhos recebiam quarenta centimos; mas estes só eram pagos quando o thesouro estava em circumstancias de o fazer, o que nem sempre succedia. Os pobres e os enfermos que já não eram sustentados como antigamente pela caridade catholica, enchiam os hospitaes ou juntavam-se aos artistas recrutados em todas as prisões italianas. De nada serviu augmentar a policia: os roubos cresceram proporcionalmente. E afinal, o povo perguntava a si proprio a que sacrificios se impunha por

sua causa o rei usurpador, possuidor d'esde então dos dominios de seis principes italianos, que nunca tinham consentido que faltasse o pão a seus vassallos.

O numero das casas religiosas arrebatadas, no todo ou em parte, a seus legitimos proprietarios, passou de cem antes de findar o anno de 1873. A intervenção da diplomacia preservou primeiramente o collegio romano, fundação eminentemente internacional e não romana; por que era prohibido, e não podia ser frequentado pelo clero da cidade, e tinha sido alem d'isso dotado unicamente por soberanos e bemfeitores extrangeiros. O governo italiano consentiu, não a renunciar mas a annuir a esta nova espoliação, sabendo fazer d'esta pretendida moderação um merito tanto mais esplendido aos olhos dos ingenuos, que por baixo de mão fazia com que o excitassem pelos diarios a não ceder. O governo italiano é manhoso; sabe esperar. Seus gendarmas e sua policia fazem-no sabedor de quanto se passa nas sociedades secretas; deixa-os por isso bradar e impede-os de executar. De resto, as seitas italianas conhecem muito o punhal e pouquissimo a espada ou as barricadas.

Quanto devia soffrer o paternal coração de Pio IX assistindo a tantas iniquidades que não podia impedir! N'uma de suas allocuções de 1 de janeiro de 1873 encontramos um brado de sua melancolia. Dizia elle:

«Vindes felicitar-me de longinquas terras e dar-me as boas festas. Agradeço-vos. Ai de mim! o anno que findou não teve nada de bom, porque a sociedade marcha n'um mau caminho. É preciso portanto armarmo-nos de coragem e esperar que a paz volte á terra, da mesma forma que no meio da tempestade se lucta com as vagas até que o socego se restabeleça.

«Ha pessoas que acreditam que Roma está socegada, e que as coisas não caminham tão mal como se diz. Certos extrangeiros pedem mesmo, chegando a esta cidade, bilhetes de admissão para assistirem ás funcções religiosas, e estou persuadido que este anno ainda, nos ultimos dias da semana santa, pedirão bilhetes para a ceia e o lava-pés.

Ai! emquanto durar este estado presente, essas ceremonias não podem ter lugar. Recordam-se de que na sexta feira santa

todos os altares são cobertos de preto em signal de luto? Pois é a imagem da actual situação da Igreja. A Igreja está de luto. Roma perdeu o sello de capital do mundo catholico, tantos horrores e iniquidades ahi se praticam, tantas blasphemias ahi se ouvem. Roguemos ao Senhor se digne pôr termo a tão dolorosa transformação.

«O principio do novo anno é cheio de amarguras para mim, por causa dos males que acabo de citar. Para vós muito desejo que seja prospero, e para que este desejo se realise, eu vos dou a minha benção.

«Abençôo-vos, a vossas familias, e ás vossas terras.»

Depois d'isto, custa a comprehender que Victor Manuel podesse n'essa epoca alimentar a esperança de ver seus delictos esquecidos pelo Papa, continuando a pratical-os.

Um dia, em 1872, ás sete horas da manhã, o imperador do Brasil, hospede havia alguns dias de Victor Manuel, apresentou-se no Vaticano. O Santo Padre dizia a sua missa. Logo que findou, annunciaram-lhe o imperador do Brasil, o qual provavelmente era pouco esperado a uma hora tão matinal.

O Santo Padre ordenou que o introduzissem, e entrando este, S. Santidade perguntou-lhe:

—Que deseja V. Magestade?

—Peço a V. Santidade que não me trate por Magestade. Eu sou aqui o conde de Alcantara.

Sem se mostrar commovido, o Santo Padre respondeu:

—Muito bem: meu caro conde, que pretende?

—Venho pedir a V. Santidade que me permitta apresentar-lhe S. Magestade o rei de Italia.

Ouvindo isto, o Santo Padre levantou-se, e com um olhar fulminante dirigiu ao imprudente imperador estas energicas palavras.

—É inutil proseguir n'essa linguagem. Que o rei do Piemonte abjure seus delictos, que me restitua meus estados, e então consentirei em recebel-o. Mas antes d'isso, não.

O imperador do Brasil escreveu ao Santo Padre pedindo-lhe perdão de ter acceitado o convite para o baptismo do filho do principe real da Prussia. Supplicava a S. Santidade se dignasse

absolvel-o de todas as culpas em que tivesse incorrido tomando parte n'um acto prohibido pela Igreja.

Pio IX fallando a respeito d'esta carta mostrou-se satisfeitissimo, exprimindo-se d'esta fórma:

—Melhor teria feito o imperador se tivesse pensado antes; mas, mais vale tarde que nunca.»

A prolongação dos dias de prova tornava quasi um dever que Pio IX não espaçasse mais uma medida necessaria, que lhe repugnava, é verdade, tomar por causa de sua gravidade, emquanto a Igreja romana ficava á mercé do poder secular. O sagrado Collegio via-se ameaçado por successivos fallecimentos a ficar dentro em pouco reduzido a uma minoria insignificante. Vinte e nove cardinalatos estavam vacantes. No fim de 1873, Pio IX resolveu nomear doze cardeaes; mas quiz que sua escolha fosse, por assim dizer, um protesto contra o governo italiano. Os jesuitas tinham sido os primeiros expulsos de Roma, como succede quasi sempre em todas as perseguições religiosas. Alem d'isso, Victor Manuel acabava emfim de apossar-se do collegio romano, propriedade da companhia de Jesus, apesar das esperanças em contrario que pouco antes dera a conceber á diplomacia.

Pio IX decidiu escolher um cardeal entre os jesuitas, nomeando o P. Tarquini, professor de direito canonico em Sapiencia, e disse, remettendo-lhe o chapeo:

«Sabendo que os jesuitas não acceitam de boa vontade as dignidades ecclesiasticas, não tinha pensado até agora em dar a purpura a nenhum d'elles; mas as injustiças que tem soffrido a Companhia me resolveram. Julguei necessario mostrar d'este modo, a idéa que faço das ineptas calumnias de que sois victimas, dando-vos e a vossos irmãos um testemunho da minha estima e affeição.»

Era esta a mais digna resposta que se podia dar áquelles que acabavam de pôr os jesuitas fóra do direito commum, tanto em Roma, como em Berlim e outras partes. Assim como Joanna d'Arc dizia a respeito de sua bandeira; aquelles que soffrem por uma causa, é de justiça que lhe gozem as honras.

No correr de 1875, fez ainda Pio IX duas promoções de car-

deaes impostas pela necessidade. Mas o que elle nunca consentiu foi que terminasse o luto publico da Egreja, nem a transpor a fileira das guardas piemontezas que cercavam o Vaticano.

Os moderados, que sempre apparecem, não faltaram a censurar-lh'o, e os jornaes revolucionarios tentaram diversas vezes arrancar-lhe a aureola de seu captiveiro, asseverando que se elle estava captivo era por sua vontade.

A tarde de 20 de julho de 1874 provou o contrario.

N'esse dia, vigessimo oitavo anniversario da coroação do Pontice, foi celebrado um *Te-Deum* na basilica vaticana. O gigantesco edificio estava a trasbordar, o que raras vezes succedia. Calculou-se que estavam para mais de cem mil pessoas, isto é, duas terças partes da população que estava no caso de assistir: a multidão era tamanha na basilica, como na praça de S. Pedro, e na de Risticucci. Á sahida do *Te-Deum*, por um movimento natural, todos os olhares se fixaram n'uma das janellas do segundo andar do palacio, que era o aposento do Papa.

De repente appareceu um vulto todo de branco no vão da janella. A esta apparição, levantou-se na praça um immenso brado. Era a explosão do affecto, e como que a alma inteira de um povo saudando seu rei prisioneiro. Este brado durou bastante tempo, posto que a janella se fechasse logo, e foi prolongando-se, e crescendo sempre, até á chegada das tropas de Victor Manoel, que evacuaram a praça. A multidão dispersou sem resistencia. Todavia, a policia prendeu uma duzia de pessoas, entre as quaes entravam seis senhoras da primeira sociedade romana, que foram depois soltas, e quatro mancebos que em seguida foram condemnados, um a dois annos, e os outros a alguns mezes de prisão, por terem exclamado: «Viva o Papa Rei!» crime de que elles se não defenderam.

Este successo provou evidentemente uma verdade contestada até então, de que o Papa estava realmente captivo e na impossibilidade, não só moral mas material, de sahir do Vaticano. Que aconteceria, se elle se tivesse mostrado nas ruas de Roma, quando nem mesmo se podia deixar ver a uma janella sem expôr seu povo ás violencias da policia, e dar margem a que seus

inimigos irritados desabafassem em demonstrações populares que claramente lhe significavam que eram extrangeiros?

Depois que Garibaldi e seus sequazes se domiciliaram em Roma, uma outra impossibilidade, de outra natureza, mas não menos grave accresceu á primeira. Imaginam o meigo Pio IX encontrando nas ruas o fanatico de Mentana?

Comtudo, no começo de 1875, Pio IX não pôde resistir á satisfação de visitar a basilica de S. Pedro, que já não via ha quatro annos e meio, mas assim mesmo encaminhou-se para lá pela escadaria que communica directamente o palacio com o santo templo.

As portas da basilica estavam fechadas, e só lá estavam os membros do capitulo, e outras pessoas ligadas ao serviço da egreja. O Santo Padre admittiu-os todos ao beijar dos pés e do annel pontifical.

Depois de ter ajoelhado diante do Santissimo Sacramento e diante do tumulo dos santos apostolos, caminhou para a grande imagem de bronze de S. Pedro. Tirou seu solidéo branco e collocou a cabeça nua debaixo dos pés da imagem. S. Santidade conservou-se largo espaço n'esta posição, rogando ao principe dos apostolos findasse quanto antes os males que affligem a santa Egreja. Todos os assistentes se sentiram profundamente commovidos por este acto de humildade do Vigario de Jesus Christo. Monsenhor Langenieux, novo arcebispo de Reims, que se achava em Roma havia alguns dias, ia no sequito do Santo Padre.

CAPITULO XXII

Audiencias e discursos de Pio IX no Vaticano

Pio IX observava um dia «que não tinha precisão de lembrar a seus filhos que deviam cumprir para com seu pae uma das obras de misericordia, a qual consiste em visitar os prisioneiros.» E assim é por que difficultosamente póde elle receber todos aquelles que o vão visitar das cinco partes do mundo.

O Papa recebe-os a todos, todavia, se ha alguns favorecidos, são estes os humildes e os mendigos. Mais de uma vez, tem elle mandado inscrever o primeiro na lista dos visitantes, um d'aquelles que lhe apontavam como pertencendo ás mais infimas condições sociaes.

Chegando ao Vaticano, sente-se primeiro um aperto de coração em presença dos soldados italianos que estacionam á entrada, sob o pretexto de defender o soberano Pontifice; em seguida pela vista de outros guardas trajando o uniforme pontifical, mas estes passeando tristes e silenciosos no interior do palacio donde nunca saem. Debaixo d'esta penosa impressão, dirigimonos para a sala da audiencia indicada. Esperamos talvez ver chegar um ancião decrepito, encostado aos braços de dois servos, e escutar os monotonos queixumes de um homem cansado de tantas traições, inconsolavel por ter perdido todas as

suas esperanças. *Eccolo!* Eil-o! dizemos em voz sumida, e levantando-nos nos bicos dos pés, comprimindo as pulsações do coração; podemos então vel-o, atravessando successivamente a sala dos cardeaes, a sala dos bispos, a dos fidalgos e do guarda nobre, cheia quasi sempre de povo. Emquanto se avista de longe, uma especie de receio, como que um estremecimento involuntario se mistura á commoção. Mas todas estas sensações se desvanecem, e a alma entrega-se completamente á confiança, á satisfação, ao enternecimento, aproximando-nos d'esse meigo e magestoso ancião de oitenta e cinco annos que parece ter apenas setenta, e cuja estatura se eleva quando falla, sabendo achar para cada um, uma palavra graciosa, uma animação, uma phrase ou um sorriso animador. Depois d'isto, todos os visitantes se acham tão á vontade, que dirieis ser netos em presença de seu avô.

N'estas circumstancias o olhar de Pio IX vae tão direito ao coração como as suas palavras. Tem-se dito que em o deixando, se leva um reflexo de sua alma, e todos aquelles que tiveram a ventura de se lhe aproximar tem a feliz experiencia d'esta verdade.

Quando as audiencias são muito concorridas, o Papa levanta a voz e dirige-se a todos. Podem-se transmittir seus discursos aos que os não tem ouvido, mas o que se não pode, é exprimir, nem sua voz penetrante, nem sua accentuação tão firme e tão suave, nem seu gesto tão digno, nem a expressão de sua bella phisionomia. É a grandeza do supremo Pontifice, junta a toda a benevolencia do melhor dos paes. Pio IX nunca escreve suas allocuções, e raras vezes mesmo as estuda, por falta de tempo: O Espirito Santo é o seu inspirador.

Exprime-se quasi sempre em italiano ou francez, e algumas vezes em latim ou em hespanhol, segundo o auditorio; mas se este é mixto, escolhe o francez que falla com toda a pureza.

Muitas pessoas acham que o Papa falla muito, que falla demasiado, e todos aquelles a quem esta linguagem confunde e embaraça, os fracos, os espertos, os imbecis unem-se aos revolucionarios romanos chamando-lhe *il Papa verboso,* o Papa verboso. Preferiam de certo a mudez pouco comprommettedora de

Victor Manuel, ao qual se não pode arrancar uma palavra a respeito de questões serias: «*Vedremo, ne riparleremo*, veremos, fallaremos,» responde invariavelmente o principe piemontez; depois tosse, enterra as mãas nos bolços, ou acaricia o punho da espada; e se a conversação versa sobre negocios publicos, ou se se trata de aliviar os pobres expoliados por elle, muda de rumo, e falla da proxima caçada ás camurças nos Alpes.

Pelo contrario, Pio IX, se bem falla tambem abre liberalmente suas mãos como é proprio d'um Papa. Alem d'isso possue a franqueza de uma alma generosa, e digna de um Pontifice que depois de trinta annos de um reinado abundante de glorias, bem como dos maiores revezes, possue a experiencia dos homens e julga-se com direito, e tem por dever expor claramente a verdade a todos, para fortalecer os fracos, e esclarecer os desgarrados.

«Os revolucionarios que têm a pretenção de fallar em nome dos povos, não se cançam de denunciar ao mundo meu espirito retogrado, e meus dispoticos principios, (dizia elle um dia) e pelo seu lado os soberanos não ficam mais satisfeitos commigo quando lhes recordo seus deveres, e mais de um me tem chamado revolucionario. Mas eu tenho o direito de fallar-lhes assim.

«Tenho mais esse direito do que Nathan tinha o de fallar a David; mais do que Santo Ambrosio de fallar a Theodosio; e uso do meu direito clamando aos principes e á sociedade.»

Na realidade, quando succede aos outros soberanos fallarem, a sua linguagem é o echo da de seus ministros; echos sonoros, mas geralmente faltos de senso commum e pela maior parte das vezes de sinceridade. Só o Papa diz o que sente e o que pensa, por que nada tem a occultar. N'elle não ha embustes rodeios, nem reticencias; tem o coração nos labios.

Seus discursos são sempre aproposito, e inspirados pelos successos mais recentes, ou pela nacionalidade dos assistentes, ou pela natureza das piedosas intenções que os reunem. Quasi sempre allude ao evangelho do domingo precedente, ou á festa do santo d'esse dia, e todos terminam finalmente pela benção pontifical, recebida de joelhos, e raras vezes sem lagrimas.

Colleccionados a maior parte pela stenographia, os discursos de Pio IX no Vaticano enchem muitos volumes. Temos trasladado bastantes, á medida que os acontecimentos os vão relembrando, mas as dimensões d'esta obra não permittem trasladal-os a todos. Tencionamos, porém, reproduzir ainda alguns.

D'entre estes citaremos já o de 7 de janeiro de 1872, dirigido ás mulheres de Transtevére, que nos recorda circumstancias commovedoras.

«Acceito com grande jubilo as provas de affeição que o Transtevére dá á Santa Sé. Vou recordar-vos um facto passado ha vinte e quatro annos. Estava eu no Quirinal quando o arrabalde de Transtevére, composto de excellentes e fieis romanos, me offereceu um grande ramo de flores, com que dois homens difficilmente podiam. Hoje não me trazeis flores, mas offertais-me o que é ainda mais precioso, o ouro puro de vossos corações. Os Transteverinos entraram no palacio e como suas mulheres tivessem ficado na praça, para as abençoar encaminhei-me para a varanda *profanada hoje por outras mulheres.*

«Desde esse momento conheci os sentimentos dos habitantes de Transtevere para com o Vígario de Jesus Christo, e o laço de indissoluvel affecto que os liga á Santa Sé. O principe que estava á frente d'esses homens está morto, seu filho, seu sobrinho, o coronel, e o cura de vossa egreja, que os acompanhavam, da mesma forma, assim como provavelmente, muitos d'entre elles já não existem. Isto é uma advertencia de que nossas almas devem desligar-se do mundo, que cedo ou tarde havemos de deixar. Nossa permanencia não é na terra: isto não é mais que um logar de prova e passagem.

«Perguntais ao Papa quando terão fim os males que nos accommettem. Meditae nas verdades que a Egreja nos recorda todos os dias, e achareis a resposta em vosso coração.

«Jesus Christo recebia em seu humilde tugurio as offrendas dos pobres pastores e dos monarchas opulentos, ao mesmo tempo que o cruel ciume de um soberano ameaçava sua vida; mas o designio da iniquidade não pode triumphar, por que o sacrificio devia cumprir-se mais tarde sobre o Golgotha. Eis que de subito o anjo do Senhor adverte José de fugir para o

Egypto. Decorrem tres annos, e o anjo torna a apparecer ordenando a José que volte com seu filho á Palestina, por que já não existiam aquelles que attentavam contra sua vida, *defuncti sunt enim qui querebant animam puesi.* O tyranno estava morto, e a santa familia pode voltar a salvo á sua patria.

«O mundo, meus queridos filhos, tem hostilisado sempre Jesus Christo e sua Egreja; tem combatido constantemente contra elles. Mas a perseguição tem passado, e a Egreja immortal fica sempre triumphante. Os incredulos, e os impios tem despojado, insultado, maltratado por mil formas a Egreja, mas elles tambem passaram, *defuncti sunt,* e a Egreja fica e ficará eternamente, por que não ha força nem sabedoria que exceda ao poder do Altissimo.

«Que esta seja a resposta á vossa pergunta: «Quando acabarão nossos males?» Esse *quando* não sabemos, o que sabemos, porém, é que o apressaremos por nossas supplicas, e pela mais escrupulosa observancia da lei Divina.

«Mães, antes de tudo olhae por vossos filhos. Que a irmã mais velha cuide no irmão mais novo, o irmão do irmão, o pae e a mãe de todos.

«Recorrei ás piedosas senhoras que se empregam com tanto zelo e esmero na educação da mocidade; recorrei a vossos guias espirituaes, a vossos parochos. Reuni-vos todos aos pés de Jesus Christo, e com firme e constante confiança, esperae a Divina misericordia. A Providencia vos amparará.

«Permitta o Altissimo que finde esta calamidade, para que me vejaes em vossas ruas, e deixe de ver-se e escutar-se o que se vê e ouve a esta hora, e que tanto me tortura o coração.

«Que a benção de Deus Todo Poderoso, Padre, Filho e Espirito Santo, desça sobre vós e vossas moradas, e se imprima em vossos corações.

«*Benedictio Dei,* etc.»

O discurso de 1 de agosto de 1875 aos mesmos Transtéverinos é verdadeiramente o discurso de um pae a seus filhos:

«Meus amigos, fizestes bem em voltar a casa do Papa; todos os catholicos estão aqui como em sua casa; mas vós ainda mais, porque, segundo a expressão do padre cura de S. Pedro, sois

os mais proximos visinhos do Vaticano. D'esta maneira podeis ver se o Papa é vivo ou morto, se caminha escostado ás muletas ou lhe basta uma bengala, se está enfermo ou de saude. Finalmente podeis affirmar o meu estado, a todos os que vos interrogarem a tal respeito. N'este momento não se sente mal o vosso velho visinho, e vosso Pae, que vos tem a todos no coração, meus queridos filhos; a bondade Divina dá-lhe ainda força para cumprir sua missão...»

No mez de março de 1874, as damas da *Piedosa associação das mulheres catholicas* de Roma, foram dar as contas do anno findo ao Pontifice, e levar-lhe o obulo do seu amor filial. Pio IX enternecido commoveu-as e fez-l'as soluçar comparando o Quirinal com o Vaticano.

«A vossa presença recorda-me uma sentença do Espirito Santo, a qual declara positivamente que mais vale entrar n'uma casa onde se geme, onde reina a amargura e cujas paredes são banhadas de pranto, do que entrar n'uma habitação onde se entregam aos prazeres e aos festins; onde se não pensa senão em jubilos e regosijos: *Melius est ire ad domum luctus, quam ad domum convivii.*

«Praticastes esta divina sentença, meus queridos filhos; preferistes entrar no Vaticano a ir tomar parte nos divertimentos que por ahi vão.

«Não vos deixastes levar pelas considerações sociaes, posto que vos tenham bradado cynicamente: Que ides ver ao Vaticano? Vós respondestes serenamente: Vamos ver e venerar o Vigario de Jesus Christo, o soberano Pontifice. E proseguistes:

«Hoje que o Vaticano é morada de afflicções e de lagrimas, vamos lá no intuito de suavisar as magoas do soberano Pontifice, narrando-lhe quanto fazemos para enxugar o pranto das viuvas, para aliviar o indigente em suas necessidades, e o enfermo em seus padecimentos, para arrancar da vereda da perdição certas almas desgarradas e preservar outras da corrupção para que as impellem. Queremos, n'uma palavra, consolar seu coração afflicto, com a exposição do bem que temos praticado.

«E aproposito de vossas boa obras, devo lembrar á vossa piedade, uma outra, toda espiritual e misericordiosa.

«Findou o carnaval. No decurso d'estes dias consagrados ás orgias, grande numero de creaturas se entregaram a divertimentos desordenados e ás vezes illicitos. Sei perfeitamente que a maior parte d'estes pertence á classe que entrou em Roma pela brecha fatal, e veio para manchar as ruas da capital do mundo catholico. Mas sei tambem que a escoria da populaça a acompanhou em loucos regosijos; e sei ainda mais que outras pessoas de alta gerarchia adheriram a esta sentença do poeta pagão: *Nunc pede libero pulsanda tellus*, e que debaixo de certas abobadas douradas se praticaram actos indecentes e escandalosos, preferindo-se a casa do festim á morada da dôr.

«É pois n'este sentido que vossa caridade poderá exercitar-se. Dizei a vossos amigos, parentes, e a todas as pessoas de quem vos aproximardes que não é conveniente entregarem-se a divertimentos emquanto que a Egreja de Jesus Christo, é victima da mais hypocrita perseguição, e emquanto condemnam os bispos e os padres, os religiosos e as esposas de Jesus Christo á prisão, ao desterro, ás indemnisações, á espolição, ameaçando-as ainda com mais pesada oppressão. Dizei-lhe, com o espirito da caridade que Deus saberá inspirar-vos, ah! dizei-lhe que *melius est ire ad domum luctus, quam ad domum convivii*, por que o tempo em que vivemos e o triste espectaculo que temos constantemente diante dos olhos nos leva a chorar, fazendo-nos esquecer a alegria.

«Emquanto que a sociedade está transtornada, emquanto que os governos (ai! como elles mal governam!) estão por emquanto incertos do futuro e adoptam todos os dias medidas cada vez mais desastrosas, convem por acaso ás almas christans tomarem parte nas alegrias mundanas e quasi exclamar como os impios: *Edamus et bibamus, eras enum moriemur?* Oh! o ceo afaste de nós tal calamidade!

«Por outro lado, deveis sentir um horror salutar meditando no fim de tantos homens que, depois de ter passado a vida *in domum convivii*, chegam á morte no meio das mais terriveis angustias, sem poder gosar dos soccorros da Egreja a que foram rebeldes, e sem a assistencia de seus ministros que cobriram de opprobrio. É d'este modo que se verifica esta espantosa

ameaça de Jesus Christo: *Quaesetis me et non invenietis, et in peccato vestro moriemini.*

«Quanto a vós outros, que procurais Jesus Christo desde esta vida, é certo que o encontrareis depois da morte. Vós o procurais em seu tabernaculo, visitando-o amorosamente, vós o procurais ao lado dos pobres, á cabeceira dos enfermos, onde elle se apraz em esperar-nos; e cada um de vós o acha não só em si mesmo, mas em toda a sua familia. Etc.»

Á 21 de junho de 1872, vigesimo sexto anniversario da sua coroação, explicou o Pontifice aos representantes de duzentas dioceses italianas com que extremo tinha sempre amado a Italia:

«Abençôo a Italia, mas não os usurpadores da Egreja, os espoliadores dos templos sagrados, as creaturas torpes, os blasphemadores, e os profanadores das imagens santas.

«Tambem não posso abençoar aquelles que mostrando-se indifferentes, não cuidam em pôr termo a seus sacrilegos attentados.

«Abençôo sim, a Italia e os bispos que ultimamente foram enviados para suas novas residencias. Oh! como a Italia n'esta occasião se mostrou digna da fé, d'esta fé sem a qual se não pode agradar a Deus, e toda a pessoa que a não possuir será condemnada: *qui non crediderit condemnabitur.*

«Abençôo do fundo d'alma todas essas populações que tem mostrado tanto zelo e religião nas diversas partes da Italia, onde se viu não só o povo mas as auctoridades acompanhar ao som da musica o novo bispo á sua cathedral, e a cidade inteira agradecer a Deus, possuir afinal seu proprio pastor.

«Oh! sim, abençôo a Italia, mas com as justissimas excepções que tenho feito.

«Abençôo a Italia, mas não aos que a opprimem ou escandalisam; abençôo esta terra privilegiada que tantos homens notaveis tem produzido, tantas almas bemaventuradas, tantos modelos de piedade; e possa esta benção ter a virtude de destruir o mal, e livrar-nos da desgraça e da oppressão que actualmente pesa sobre nós...

«Rogae a Deus que nos livre de tantos flagellos. O maior de

todos, bem o sabeis, é a usurpação; mas ha ainda outros taes como o fogo, as inundações, os tremores de terra, e os insectos que devoram os recursos de tantas familias!

Dois annos depois, n'esse mesmo anniversario, diante do sagrado Collegio affirmou de novo o Papa com indomavel energia, os inalienaveis direitos da santa Sé:

«Pois que aprouve a Deus que eu entrasse no vigesimo nono anno de meu pontificado, parece-me opportuna occasião para renovar certos actos que é necessario não descurar muito, sob pena de induzir ao erro os homens de boa fé e dar pretexto aos inimigos para nos oppôr um dia a prescripção.

«Em presença, pois, da elevada assemblea que me rodea, repito os protestos mais solemnes contra a usurpação do dominio temporal da Cadeira romana, contra a proscripção e expoliação das ordens religiosas, e em summa, contra todos os actos sacrilegos commettidos pelos inimigos da Egreja de Jesus Christo.

«Alem de que, tenho hoje para renovar este protesto um motivo presente e especial. Ha pouco tempo que me deram a saber primeiro de oitiva, depois por escripto, que se diligenciava approximar-nos dos intrusos. A ultima carta, que ainda se acha em cima da minha banca (era de Victor Manuel) está escripta com muita serenidade e respeito. Dizem-me ali, que sendo eu vigario de um Deus de paz devo perdoar a todos os inimigos da Egreja, e levantar as excommunhões que tenho lançado.

«E n'este ponto, notae que ha duas especies de revolucionarios: uns são os que imaginaram e levaram a cabo a revolução, outros são os que animavam e sonhavam felicidade, progresso, e não sei que paraizo terreal, sem prever que tinham a colher muitos espinhos, e atravessar muitas miserias.

«Os primeiros obstinados, são os Pharaós da época: almas duras como a bigorna, a quem nem as acções mais grandiosas poderiam amollentar. Os segundos, (entre os quaes se acham os que me fallam baixinho de mansidão e moderação) vendo que o tal paraizo terreal se evaporou, que augmentam os impostos, que a prosperidade, a verdadeira liberdade e mesmo a segurança da vida e dos bens diminue de uma maneira espan-

tosa, sentem doer-lhes a consciencia por ter cooperado para esta situação, e appellam para os meus pacificos sentimentos.

«Mas que paz posso eu ter com elles? Sentem remorsos!... De que serve isso? Saul tambem os sentiu quando, ferido mortalmente e julgando-se livre d'elles, rogava ao soldado amalecita que o matasse: *Sta super me et interfice me, quoniam tenent me angustiae.* E esse soldado ousou acabal-o arrancando-lhe a pouca vida que lhe restava, crime pelo qual foi depois mortalmente castigado por David. Que querem elles? Que o Papa represente a seus olhos um soldado amalecita, que imite o assassino do desgraçado Saul?

«Oh! que estultos conselhos. Se o amalecita não escapou ao castigo de David, como poderia o Vigario do eterno Senhor de nossas almas subtrahir-se ao devido castigo?

«Pedem a paz, pedem tregoas, pedem, por assim dizer, um *modus vivendi!* Oh! e haverá ahi *modus vivendi* possivel com um adversario que está continuamente armado de um *modus nocendi,* de um *modus duferendi,* de um *modus destruendi,* de um *modus occidendi?* Poderá jámais conciliar-se o socego com o bramir da tempestade encapellando-se, abatendo, desarraizando, destruindo e levando após de si quanto encontra na passagem?

«Que havemos por tanto de fazer, veneraveis irmãos? Nós, a quem foi dito: *Statis in domo Dei et in atriis, domûs Dei nostri.* Unirmo-nos com o episcopado que tanto na Allemanha, como no Brasil e em toda a Egreja Catholica tem dado clarissimas provas de constancia e firmeza. Unir-nos-hemos a elle e a todas as almas queridas ao Senhor, presistindo na oração, rogando-lhe nos dê paciencia e coragem para combater nossos inimigos, mas não com a ponta da espada, por que Jesus Christo combateu com a cruz, e por tanto será a cruz a nossa arma: supplicaremos a Deus por elles, sem nos conformarmos com seus principios, e condemnando os fracos que repetem cobardemente: Que quereis fazer?... Que havemos de fazer?... Imbecil pergunta, digna tão somente dos vermes da terra e não dos homens.

«Coragem, pois; Maria Santissima, hoje festejada debaixo da invocação *Auxilium Christianorum,* nos ampare. O dia 24 de

maio, destinado para esta solemnidade, cahiu este anno na festa do Divino Espirito Santo, esposo de Maria. Possa este encontro augmentar nossa confiança. Da mesma forma que Maria protegeu um Pio para abater o orgulho dos Turcos, e da mesma forma tem rebaixado uma grande soberba imperial, assim proteja agora o mesmo Pio e sua cadeira, atacada por mil diversos inimigos. E assim como ella venceu *apud Echinadas insulas*, como Ella venceu *apud Savonam*, desponte o dia de uma nova victoria *apud sanctum Petrum*.

«Que me abençôe, a mim seu indigno Vigario, e a vós meus cooperadores na administração de sua Egreja, e que por esta benção, seja apressado o momento que nos trará a paz verdadeira e duradoura: a paz e o respeito de todas as legitimas propriedades...»

Quando o novo imperio allemão começou a perseguir a Egreja, o ancião do Vaticano, desarmado e captivo, foi o unico que ousou recordar publicamente ao imperador victorioso e ao seu poderosissimo ministro, os direitos da justiça ultrajada. A Europa, a quem o terror emmudecia, admirou-se de tanto arrojo. Já lhe tinha esquecido que o mesmo Papa, na occasião em que ainda tinha territorio a perder, fizera frente a Alexandre II da Russia.

Pio IX dirigiu a 25 de junho de 1872, ao circulo allemão das *Leituras Catholicas*, as seguintes palavras:

«Recebi as felicitações de muitas dioceses d'Allemanha as quaes celebraram por orações publicas a longa duração de meu pontificado. É este um dos meios para moderar os perseguidores da Egreja que ahi tendes: combatei-os com ardor e coragem, tanto por escripto, como por palavras. A perseguição está já preparada e começada na Allemanha; e em seguida aos successos que tem alcançado, o primeiro ministro do novo imperio é o principal motor d'esta perseguição, todavia, nós temo-l'o obrigado a confessar que todo o triumpho sem modestia é passageiro, e que a victoria que se transforma em perseguição contra a Egreja é a maior das loucuras.»

«A mesma perseguição soffrida pelos catholicos fará com que o triumpho do perseguidor seja menor. Fiz saber a esse minis-

tro, que até hoje os catholicos tem favorecido o imperio allemão, e que nos seus relatorios os bispos e o clero me tem sempre declarado que estavam satisfeitos pela benevolencia com que eram tratados pelo governo e bem assim, com a liberdade que gosava a Egreja, accrescentando que pelo seu lado, o governo tambem se mostrava satisfeito com os catholicos. Perguntei em seguida, como depois de taes declarações se podem ter os catholicos transformado em vassallos desobedientes e rebeldes. Perguntei-o, é verdade, mas não me responderam, nem responderão, por que nada tem a responder.»

E depois de um instante de silencio, proseguiu com ar inspirado:

«Confiai, porem, no Senhor. Da montanha hade cahir uma pedra que esmagará os pés do collosso!»

Se a palavra de Pio IX feriu os homens poderosos e injustos, ainda menos poupou os falsos principios e os prejuizos da época, mais temiveis muitas vezes do que os homens. Ousou dizer abertamente a respeito da liberdade da imprensa, do suffragio universal e da egualdade social o que muita gente pensa baixinho.

Em 1874, dizia elle tambem aos peregrinos francezes:

«Abençôo aquelles que presidem aos destinos de vossa illustre nação, e abençoando-os invoco sobre suas cabeças o espirito da fortaleza para que comprimam as demasias da imprensa, e empreguem todos os meios para que se propague em França o ensinamento e a doutrina christã.»

E ainda a outros peregrinos francezes, repetia: [1]

«Abençôo todos aquelles que cooperaram na resurreição da França.

«Abençôo-os no intuito (por assim dizer) de ver que se occupam n'um trabalho difficultoso mas necessario, o qual consiste em fazer desapparecer ou diminuir uma chaga horrivel que afflige a sociedade contemporanea: esta é a que chamam suffragio universal. Entregar a decisão de questões gravissimas

[1] 5 de maio de 1874.

ás multidões naturalmente ignorantes e apaixonadas, não é entregar ao acaso e correr voluntariamente para o abysmo?

«Sim, o suffragio universal mereceria n'este caso mais o nome de loucura; e quando as sociedades secretas, como succede muitissimas vezes, é que decidem, pode chamar-se-lhe mentira universal.»

E finalmente dizia á nobreza romana:[1]

«Recordo-me que, na minha mocidade e n'esta mesma cidade de Roma, fallava um dia com um ancião principe romano, o qual me dizia na presença de um seu sobrinho, que o throno tem dois esteios: o clero e a aristocracia. Vós me provais que o principe tinha razão. A vossa presença demonstra-me qual foi a vossa opinião no passado e no presente.

«Se vossos desejos e auxilio não pódem impedir a momentanea queda do meu throno, a culpa não foi vossa. Todo o mundo o conhece e pode testemunhal-o.

«A misericordia Divina nem sempre se vellará a nossos olhos. Jesus Christo ama a aristocracia, como creio já vol-o ter dito antigamente. Jesus Christo quiz descender da nobreza, fazendo conhecer pelo Evangelho sua genealogia até José e Maria de *qua natus est Jesus*. Por tanto, a aristocracia, a nobreza é um dom de Deus. Tratae cuidadosamente de honrar este dom. Eu sei que assim o praticais consagrando-vos ás obras piedosas e caritativas, á grandiosa edificação do povo, e ao proveito eterno de vossas almas.

«Acabei de dizer que a aristocracia e o clero são o esteio do throno, e volto ao assumpto para declarar solemnemente que os thronos sustentados unicamente, pelo que hoje denominam massas, isto é, por um punhado de homens virulentos e impresistentes, sob a direcção d'outros que vivem mergulhados na incredulidade e nos sentimentos de aversão contra Deus e contra a Egreja, são mal fundados e mal sustentados, em razão d'esse apoio ser fragil, incerto, inconstante... Esperemos, pois, por que ainda havemos de admirar a insondavel sabedoria de Deus nos successos contemporaneos...»

[1] 1.º de janeiro de 1873.

Em seguida explicou-nos admiravelmente o Papa em poucas palavras, o motivo por que os Pontifices necessitam do poder temporal.

«Para que os Papas sejam livres, é preciso que não dependam de ninguem sobre a terra, quero dizer, que sejam soberanos, e gosem de uma soberania real e não ficticia como aquella que pretendem conceder-nos, e está á mercê de um rei estrangeiro...

«É certo que, se em logar do poder temporal os successores de S. Pedro tivessem recebido o mesmo poder que o Principe dos apostolos, de quem temos uma esplendida prova na morte d'Ananias e de Saphiro, teriam um poder tão superior que poderiam prescindir do poder temporal para governar livremente a Egreja de Deus. Mas como Deus dispoz de outra forma, e não gozamos o poder sobrenatural de S. Pedro, é absolutamente necessario que os soberanos Pontifices não sejam submissos a nenhuma auctoridade humana para poderem livremente dirigir a Egreja de Jesus Christo; e por tanto, é necessario que possuam o poder temporal.[1]»

A eloquencia de Pio IX raras vezes scintillava em rasgos oratorios; discursava porém calorosamente. Todavia, aquelles que tiveram a felicidade de assistir á audiencia de 13 de abril de 1875 (seriam umas tresentas pessoas de diversas nações) re-

[1] Estas palavras de Pio IX recordam as de Napoleão I, quando ainda não era senão primeiro consul.

É admiravel a instituição que alimenta a unidade da fé; esta instituição é o Papa. Censura-se a este chefe supremo ser um soberano estrangeiro. Com effeito esse chefe é estrangeiro, e isso mesmo devemos agradecer a Deus. O Papa vive longe de Paris, é verdade; não reside nem em Madrid nem em Vienna, e é por essa mesma razão que acceitamos sua auctoridade espiritual. Tanto em Vienna como em Madrid podem dizer outro tanto. Imaginam que se elle vivesse em Paris, os Viennenses e os Hespanhoes respeitariam suas decisões? É por tanto muito melhor que não viva entre rivaes, e faça sua residencia na antiga Roma, afastado das garras dos imperadores da Allemanha, longe das mãos dos reis de França ou de Hespanha, sustentando a balança entre os soberanos catholicos, pendendo um pouco para o mais forte, e erguendo-se repentinamente, no caso que o mais forte se transforme em oppressor. Foi o dobrar dos seculos que trouxe isto, e bem fez. Para o governo das almas é a melhor, a mais bemfaseja instituição que se possa imaginar. Não affirmo estas cousas por teimosia ou por interesse, mas sim pela razão.

cordam-se ainda da estranha commoção que percorreu o auditorio, quando o augusto ancião exclamou:

«Dirijo-me a um ausente que hade ouvir-me; dirijo-me a um rei que conta bemaventurados na sua genealogia, dizendo-lhe com paternal affecto e com o zelo inspirado pelo meu sagrado caracter: Magestade, rogo-lhe, supplico-lhe em nome de seus augustos antepassados, em nome da Santa Virgem, em nome de Deus, e, accrescentarei, em nome de sua propria felicidade: não assigne o novo decreto que lhe apresentam. (Referia-se ao decreto que submettia os jovens seminaristas á lei militar.) Aquelles que lhe propõem tal medida não são seus amigos. Seu intento é destruir o clero, e por consequencia arrazar a Egreja catholica. Supplico-lhe, Magestade, por seu bem, pelo bem de seus vassallos e da sociedade. Não accumule a divida que já tem contrahido para com Deus, encarregando sua consciencia com novos martyres para a Egreja. O que lhe estou dizendo, Magestade, repito-o a todos aquelles que governam sobre a terra: suspenda, não vá mais longe sobre esta vereda que o conduz ao mais profundo abysmo!»

Infelizmente, o revolucionario rei de Italia não o attendeu. Tinha-se adiantado muito para retroceder, e como elle mesmo disse, prophetisando talvez sem o pensar, irá até ao fim: *Andremo al fondo.*

Eis-aqui, alem d'estes, outros avisos salutares, idéas deslumbrantes cheias de energia e rectidão, forrageadas aqui e alem nos discursos de Pio IX no Vaticano, que merecem ser conservados:

«Meus filhos, na vossa patria ha um trafico immenso (dirigia-se aos Americanos dos Estados Unidos) muito bem; o commercio é indispensavel ao sustento da sociedade humana e é justo que os pais de familia pensem em educar e manter seus filhos segundo as exigencias de sua posição. N'isto não ha o menor mal; mas é necessario que se não entreguem á excessiva ambição das riquezas, nem deixem prender o coração aos thesoiros da terra. O culto exclusivo da prosperidade material é condemnado por Jesus Christo.

«Jesus Christo tinha uma pequena bolsa; e d'essa mesma

um administrador, que foi Judas; mas sabeis onde este foi acabar por causa de seu immoderado afferro ao dinheiro?

«Que se possua o necessario, que se procure mesmo augmentar honradamente seus haveres para melhorar a sorte da familia, nada é mais justo e natural; com a condição, porem, de não ligar o coração aos bens terrestres...

«...Mancebos que me ouvis (Pio IX dirigia-se no dia 6 de janeiro de 1875 a uma deputação da mocidade italiana,) é preciso que eu vos cite uma grave desordem que mais tem augmentado com as agitações revolucionarias: fallo do consorcio entre parentes. Estas ligações são contrarias á saude do corpo e ao robusto desenvolvimento da raça humana: appello para o testemunho dos medicos. Alem d'isso são contrarios á moralidade, de modo que eu poderia revelar aqui muitas miserias, não só corporaes mas espirituaes que d'ahi resultam.

«Sei perfeitamente que vão responder-me: que esta desordem poderia reprimir-se recusando-se a dispensa.

«Mas é justamente n'esse ponto que está a grandissima difficuldade, depois que os governos tem gerido as leis matrimoniaes, em detrimento das leis canonicas. Os casamentos chamados civis adormecem as consciencias dos fracos e dos ignorantes; e, quer seja por causa da effervescencia da paixão que cega, quer pela ambição do dinheiro que deslumbra, quer seja o que é ainda peior, por falta de fé, muitos preferem viver na desordem até mesmo incestuosa, antes que renunciar aos projectos de união que a Igreja desapprova. Privam-se d'esta maneira do sacramento, e juntamente da graça que Deus concede aos esposos para viverem em paz e caridade, e para educarem santamente seus filhos.

«Se os governos tivessem a paciencia de não intervir senão depois que a Igreja tivesse exercido seus direitos, o que é de toda a justiça, poderiam elles então, e não antes, proceder aos actos civis, e tirariam assim aos contrahentes todos os motivos para manchar sua consciencia, mancha que se estende a todos aquelles que cooperam para tal acto.

«Quanto a vós, mancebos que me escutais, deliberai na minha presença receber com respeito e pureza o sacramento ma-

trimonial, se a divina Providencia para ahi vos impellir, e por outro lado concebei uma salutar desconfiança, eu deveria dizer, de um santo horror pelos casamentos com proximos parentes. Afora isto, lançai mão das occasiões opportunas para fallar a vossos amigos e parentes dispostos para semelhantes contractos, despersuadindo-os...»

*
* *

«Não ha nada peior que ser revolucionario. O revolucionario deseja primeiro a liberdade, e quando chega a obtel-a, serve-se d'esta para chegar ao poder. Logo que se apossou do poderio e se acha installado solidamente, não tem mais contemplações, e se os outros reclamam a liberdade para si, transforma-se n'um tyranno, condemnando já a liberdade. Então a liberdade degenerou em tyrannia e desregramento, recahindo com todo o seu peso sobre as provincias e cidades.

*
* *

Desgraçados d'aquelles que se associam com os impios e que brincam com a revolução pretendendo dominal-a! Tarde ou cedo esta mesma revolução os arrastará ao abysmo. A revolução assemelha-se a essa criancinha que se engordava com toda a especie de mimos, para em seguida ser immolada, com os olhos vendados e as mãos ligadas, ás falsas divindades do paganismo. A revolução terá, porem, o mesmo fim, será immolada por seus proprios filhos, ou antes se sacrificará a si propria...

Sim, confiai em Deus. Para nos livrar de nossos oppressores não necessitaremos de concorrer para isso. A revolução ha de anniquillar-se a si mesma. Judith serviu-se da propria espada de Holophernes para o decapitar; e igualmante o joven David logo que com uma pedra prostrou o gigante Goliath, apossou-se immediatamente de sua pesada espada e cortou-lhe a cabeça.»

*
* *

Dizem que estou cansado. É certo, sim, estou cansado de tantas iniquidades e desordens; estou cansado de vér todos os dias a religião ultrajada: estou sobretudco ansado de vér a mo-

cidade pervertida nos collegios onde se não respeita Deus. Mas, se estou cansado, não estou todavia disposto a entregar as armas, a pactuar com a injustiça, a deixar de cumprir com o meu dever. Não; graças a Deus, para isto não estou fatigado, e espero não o estar nunca.»

*
* *

É conhecido o fim do rebelde Absalão acabando miseravelmente com tres cutilladas. Desejo e chamo sobre aquelle que me despojou e me persegue tão injustamente essas tres cutiladas, não tres golpes materiaes, mas tres golpes de graça divina. Que esses tres golpes sirvam para lhe recordar, primeiro o passado, as injustiças e as violencias commettidas; segundo, a lembrança do presente, fazendo-lhe comprehender a desgraçada situação a que reduziu a Igreja até mesmo sua séde principal; terceiro, a idéa do futuro, advertindo-o de que tem de comparecer diante do throno do altissimo e dar rigorosas contas de toda a sua vida.

«Não desejamos nem o mal nem a morte de nossos inimigos, mas sim que se convertam e que vivam.»

*
* *

«...As revoluções tambem entre os grandes males trazem grandes bens. É esta a terceira vez na minha vida, que vejo expulsar as ordens religiosas, e não vejo que a perseguição as tenha tornado irregulares e menos fervorosas: pelo contrario.»

*
* *

Os erros não tem entre si senão um unico ponto de contacto, contradizer a verdade; e uma unica attracção que os liga, odiar todos igualmente a verdade.»

*
* *

Os triumphos para a Igreja n'este mundo não são subir coroada ao Capitolio; são a conversão dos peccadores, a diffusão da fé catholica, a santidade do clero, o bom exemplo de todos os fieis.»

*
* *

Que faremos nós em tempos tão calamitosos? Recordo-me de Esaú, quando cheio de rancor marchava contra Jacob. Este, vendo o perigo, quedou para o esperar. Na primeira linha collocou seus servos, depois seus filhos, e em seguida a innocente Rachel. Nós imitaremos Jacob. Ha um Esaú que nos persegue cruelmente; de modo que, na primeira linha collocaremos o clero com suas palavras e exemplos; depois todos os bons catholicos promptos a imital-o e sustental-o. Mas a nossa Rachel está no céo, é a mãe de Deus, Mãe nossa, auxilio do christão, refugio dos peccadores, destruição de todas as heresias, e de todos os erros.

*
* *

Tende confiança em Deus, nada receieis, luctai por todos os meios a vosso alcance, sustentai vossos direitos com a palavra e com a penna. Fallai com respeito mas com firmesa: dizei a verdade, proclamai-a com a fronte erguida. Não sejais temerarios, mas sêde fortes.»

*
* *

O temor é todavia aconselhado nos livros santos: (assim se exprimia Pio IX a 23 de Dezembro de 1875, respondendo ás boas festas que lhe davam os cardeaes.) Bemaventurados os que temem! Mas o temor póde ter dois motivos. Claramente nol-o demonstra o archanjo Gabriel, nas palavras que dirigiu, primeiro a Zacharias, e depois á Virgem Immaculada.

«O avô tem medo e o archanjo lhe diz: *Noli timere.* A Virgem Santissima tambem se assusta, e o archanjo igualmente lhe diz: *Ne timeas,* animando-os a ambos. E apesar d'isto, Zacharias é castigado com uma mudez passageira; é condemnado ao silencio, e Maria é recompensada, e será bemdita por todas as gerações, como ella mesma confessa e declara no seu cantico: *Ecce enim ex hoc beatam me dicent omnes generationes.*

«Esta differença procede naturalmente da diversidade do temor. Zacharias temia, mas seu medo era desconfiança, e mere-

ceu por isso ser castigado; Maria temia, mas seu susto era filho da humildade, e por isso foi glorificada com as immensas grandezas com que Deus a dotou:

Fecit mihi magna qui potens est.

«Conseguintemente hoje em dia todos aquelles que vivem no gremio da fé, e reflectem na immensa ruina social, sentem-se mergulhados no temor; mas este temor não é desconfiança em Deus. E no intimo de seus corações, sentem em si proprios a animadora palavra: *Noli timere.* Porque temer? O Senhor não póde consentir que sejamos carregados com um peso superior a nossas forças. Deus assim o affirmou, quando disse: *Dabo vobis potum in lacrymis in mensurà;* e certos d'isto, repetem com a Virgem Santissima: *Fiat mihi secundum verbum tuum.* Oh! meu Deus! Seja feita a vossa vontade, assim na terra, como no céo!

«Alguns tem medo, mas seu receio é incerto e desanimador; lançam um olhar em redor de si e não vendo fulgurar de nenhum lado um raio de luz acompanhando a aurora desejada, desanimam, e declaram as desordens chegadas a tal ponto que não se lhes pode dar remedio. A estes direi eu como o archanjo: *Non erit impossibile apud Deum omne verbum.*

«No entanto este temor pode tambem nascer em outros, do desejo de suas commodidades. Ninguem ignora quanto pode influir nos corações timoratos o receio de maiores males, e quanto estes são inclinados a sacrificar sua propria dignidade e muitas vezes até sua consciencia, adoptando os conselhos dos innovadores politicos, obtendo vantagens temporaes, e adherindo a seus conselhos, os quaes são sempre falsos e despresiveis.

«Eu queria por tanto dizer a esses timídos: voltae-vos para os bons, que são muitissimos, tende animo e coragem. Voltae-vos principalmente para o sagrado Collegio dos cardeaes, os quaes continuam firmes no exercicio de seus deveres, e que em as santas congregações multiplicam seus trabalhos em proporção do deploravel augmento das desordens sociaes; o que não é para admirar, em razão de serem as mesmas desordens que induzem o povo a ter constantemente os olhos fitos na Santa Sé.»

*
* *

«Vêde, pois, como na sua divina Providencia, Deus sabe guiar a existencia d'aquelles que ama, assim como praticou com sua Mãe Santissima e seu Pai adoptivo. Nem sempre as alegrias, nem sempre as dôres. Um dia julgaram Jesus perdido, e voltando ao templo a procural-o, encontraram-no.

«Fiquemos sempre ao lado de Maria e José: é o melhor meio de estar sempre com Jesus...»

*
* *

«A oração é mais proficua na solidão e no silencio, mas pode-se tambem orar em toda a parte. O cego orava no meio das ruas e do motim de Jerichó, e sua oração foi ouvida. A Chaneana tambem orava no meio das contradicções d'aquelles que a expulsavam, e a escarneciam por importunar o Salvador, e sua constancia serviu-lhe não só para ser ouvida, mas tambem louvada pelo divino Mestre.»

*
* *

«Perguntavam a S. Luiz Gonzaga moribundo: «Como se sente, irmão Luiz?» E elle respondia: Cheio de alegria. «Desejo, meus queridos filhos, que á hora da morte, recordando-vos dos bons exemplos que destes, e das boas obras que praticastes, possais dizer da mesma fórma: Vamos cheios de alegria receber no seio de Deus a nossa recompensa.»

*
* *

«Lembro sempre com grande contentamento os instantes que particularmente consagrei á Santissima Virgem, dando o meu nome á sua Congregação. Foi isto a 25 de março de 1875. [1] A protecção de Maria é o mais firme e o mais seguro de todos os esteios. E' a ella que devemos unir-nos, e que devemos es-

[1] Esta data foi consagrada com uma inscripção gravada em marmore e collocada no collegio romano, na capella da congregação *Prima primaria* á qual se ligam as innumeraveis congregações da Virgem Santissima fundadas nos collegios christãos, nos conventos, nos estabelecimentos religiosos e até nas parochias.

colher por guia e seguir fielmente. Que é o que Maria nos pede? E' o mesmo que ella ordenava aos servos no repasto das bodas de Canaá: *Cumpri as ordens de Jesus.* E que exige Jesus de nós? Que observemos os mandamentos de Deus e da Santa Egreja.»

*

* *

«O trabalho! Ninguem n'este mundo está dispensado de trabalhar: nem pobres nem ricos, nem grandes nem pequenos; nem mesmo o Papa. Entregar-se á ociosidade, seria proceder christãmente? Não; é preciso que todos trabalhem, impedindo d'esta fórma que os demonios penetrem na familia, e em seguida na sociedade, que é o conjuncto das familias.

«...Censura-se á Igreja de ser contraria ao progresso. Protesto contra essa censura. A Egreja approva e abençôa tudo quanto contribue para a felicidade de seus filhos; tudo quanto melhora as condições de sua existencia; tudo o que propende para o desenvolvimento intellectual e moral, tudo quanto ennobrece a humanidade.

«Que diminuam as distancias, que as montanhas se abatam, os valles se aplainem, que se estabeleçam relações entre povos desconhecidos, tudo isto applaude e anima a Egreja. A seu ver todas estas vantagens são grandiosas e devem augmentar a propagação da verdade, ampliando o reino de Jesus Christo.

«Foi a Egreja que arrancou o mundo das trevas da barbaria; é á sombra de seus templos que as sciencias, a litteratura e as artes se tem conservado e engrandecido; é com seu auxilio que todas estas coisas tem chegado ao grau de perfeição em que hoje se encontram.

«A Egreja pede unicamente que não desviem o homem de seu destino immortal.

«A Egreja não é immutavel senão nas regras da moral e nas leis da fé. Esta immutabilidade não a nega, pelo contrario reclama-a como a maior honra que lhe cabe.

«Todavia, reconhecemos um progresso moral: consiste este em augmentar a virtude. Tambem admittimos um progresso na

fé: é quando a alma alumiada e attrahida pela graça, vae caminhando apoz da luz...»

De modo que, do fundo do seu captiveiro, Pio IX obriga a Revolução que brame contra elle a respeital-o. Prisioneiro como S. Pedro, falla, e sua voz é ouvida em todo o mundo. Elle consola outros bispos tambem encarcerados, envia aos desterrados a esperança do livramento, reanima até as nações que parecem feridas de morte, fazendo fulgir diante d'ellas a aurora da redempção.

Não ha rei sobre o throno, conquistador sobre seu carro triumphal, cujas palavras sejam tão acatadas como as do captivo.

A Revolução está ha muito tempo enfastiada de ouvir esta voz importuna; todavia ha seis annos que a supporta, no intuito de impedir que se acredite no captiveiro de Pio IX. No entanto, a astucia italiana, tão paciente em caso de necessidade, parece que julga o momento propicio para dar um novo passo. M. Vigliani, ministro da justiça, n'uma circular que coincide com a chegada de Garibaldi a Roma [1], ordenou que as gazetas que transcrevessem os discursos e outros documentos pontificios podessem ser suspensas e multadas na fórma da lei da imprensa por delictos communs; e no caso que o ensino das eternas verdades estivesse em desaccordo com as leis e maximas de um reino nascido do prejurio e do roubo, esses papeis seriam supprimidos. D'esta maneira se vai cada vez mais restringindo o circulo a que os inimigos da Igreja circumscrevem o passado, que elles pretendiam não querer aliviar de seu poder temporal senão para o tornar mais livre.

As audiencias do Vaticano tem muitas vezes dado lugar a admiraveis rasgos de espirito, de dignidade, e bondade do Pontifice.

Conta-se que um dia, como succede frequentemente, achavam-se em maioria os Inglezes e Americanos no Vaticano.

Segundo o seu costume, Pio IX depois de uma allocução geral interrogou cada um dos assistentes, perguntando-lhe a sua nacionalidade e modo de vida.

[1] Fevereiro 1875.

Chegando a vez a uma joven senhora ingleza, muito timida, perguntou-lhe tambem onde tinha nascido:

—Vinte e quatro annos—respondeu ella tão perturbada que não entendeu a pergunta de S. Santidade.

O Papa não pôde deixar de sorrir, volvendo:

—Não pergunto a idade, mas de que paiz é?

Comprehendendo ainda menos, a Ingleza lançou-se soluçando aos pés do Soberano Pontifice, exclamando:

—Perdão, Santissimo Padre, enganei-o: não tenho vinte e quatro annos como lhe disse, tenho vinte e cinco, e mais dois mezes e meio. Perdão, perdão!»

O Santo Padre ergueu-a bondosamente, esforçando-se por conter com um signal a geral hilaridade que atacava os circumstantes, e consolando a pobre senhora, convenceu-a a que desde então nunca mais faltasse á verdade, ainda mesmo que fosse em coisas insignificantes.

Em outra audiencia dada especialmente a inglezes, mostrou-se mais severo. Á sua chegada todos se tinham levantado, e os catholicos estavam de joelhos para receber a benção apostolica. Uma unica pessoa não deu nenhum signal de respeito, conservando-se immovel e sentado na sua cadeira, fingindo contemplar friamente esta scena. Este homem era um mancebo mestre dos filhos de sir Pagel, ministro de Inglaterra. Pio IX voltou-se para elle e disse-lhe em voz alta:

—Meu amigo, ninguem é obrigado a vir a casa do Papa; mas quando aqui se entra é preciso guardar as conveniencias, qualquer que seja a seita a que se pertença.

O Inglez comprehendeu; mas apesar d'isso, como não podia contestar, tambem não quiz submetter-se, e sahiu da sala. Conta-se que o ministro de Inglaterra, informado d'esta imprudencia, o despediu n'essa mesma noite de sua casa [1].

Em 1872 teve o principe de Galles, herdeiro da coróa de Inglaterra, e a princeza sua esposa, uma audiencia de Pio IX, e o principe sahiu como que pasmado pela magestade e mansidão do Pontifice.

[1] Abril 1875.

Tinha o principe tido o bom senso de recusar as equipagens de Victor Manuel para ir ao Vaticano. A princeza trajava um vestido muito simples, como homenagem aos sentimentos bem conhecidos de Pio IX, que detesta nas mulheres os trajos esplendorosos. Era notavel o contraste entre este placido ancião no fim de seus dias, e o famoso par na flor da vida.

Sendo ambos bons conversadores, ambos citados pela finura de seu espirito de observação, tanto o principe como o Papa pareciam satisfeitissimos de se approximar, e a princeza, de quem os olhares passavam alternadamente do rosto animado do marido para a benevola phisionomia do ancião, tinha os olhos cheios de lagrimas.

O Papa começou a conversação exprimindo a mais alta consideração pelo caracter publico e privado da rainha de Inglaterra; e com um expressivo sorriso no qual se divisava uma ligeira ponta da ironia italiana, deu os seus agradecimentos aos ministros inglezes que, por mais de uma vez lhe tinham offerecido, em nome da rainha, um asylo no territorio britannico. Bem vê, principe, que não deixei Roma como alguns estadistas de seu reino pensavam.»

Em seguida fez o Pontifice uma allusão a sua situação presente, accrescentando: «Nas minhas circumstancias sou na verdade mais feliz do que aquelles que se julgam mais senhores em Roma do que eu. Eu nada tenho a receiar pela minha dynastia. Sabe, principe, quem a tem a seu cargo? É Deus. É elle que tambem está encarregado da minha successão e da minha familia. E sabe qual é esta familia? É a Igreja. Eu posso fallar sem offensa ao principe de Galles, da instabilidade das cazas reaes. A sua porem está profundamente escorada pela affeição de um povo virtuoso.»

—Sinto-me feliz, respondeu o principe sorrindo, sabendo que V. Santidade faz tão bom conceito do nosso povo.

O Papa redarguiu promptamente.

—É verdade! Respeito o povo inglez, porque é na realidade mais religioso no coração e nos costumes, que muitos que se chamam catholicos, e logo que um dia volte ao aprisco, com que alegria festejaremos esse rebanho desgarrado, mas não perdido!»

O principe e a princeza sorriram, e abanaram ligeiramente a cabeça.

«Ah! meus filhos! tornou o Papa.

«O futuro reserva sempre ao mundo estranhas surprezas. Quem ha dois annos imaginaria que haviamos de ver um exercito prussiano em França? Posso dizer que as mais poderosas intelligencias esperavam antes mil vezes ver o Papa em Malta, do que o Imperador Napoleão III em Londres.

E eu tambem, assim como presenceaes, estou despojado de meus Estados, é certo; mas Deus que momentaneamente tira os bens d'este mundo, póde da mesma forma duplical-os. A dynastia do chefe da Igreja está por isso menos segura? Podem expulsar-me por algum tempo, mas quando vossos filhos e vossos netos vierem visitar Roma, ahi verão ainda, assim como hoje estais vendo, posto que seu poder temporal seja maior ou menor, um ancião vestido de branco, mostrando o caminho do céo a centenares de milhões de consciencias humanas.

«Se elle não estiver rodeado de vassallos, nem por isso deixará de ter sempre corações por toda a parte.»

Alludindo á Irlanda, o Papa expressou-se com certa viveza a respeito da fidelidade dos catholicos d'esse paiz:

«Aqui tem, principe, o que faz a perseguição; nem por isso nos fez menos catholicos. Sua real mãe, segue uma politica differente da de seus predecessores a respeito d'esse paiz, e como estaes presenciando e ella tambem, os bons catholicos são sempre leaes vassallos.» O Papa accrescentou que, a Irlanda necessitava de toda a energica vigilancia de seus dedicados prelados, dos quaes fez os maiores elogios.

«Porque, proseguiu: o lobo não medra com o protestantismo, mas sim com a anarchia e a infidelidade; receio muito d'elle no campo e na região d'Oeste.» Alludia á internacional, e a este respeito, exprimíu a admiração que lhe causava haver ainda principes tão cegos que se divertissem a guerrear a Igreja, n'um seculo em que os fundamentos da sociedade civil estão por todos os lados ameaçados.»

Ouçamos, porem, para finalisar, um prelado francez, Mons. Langeniéux, arcebispo de Reims:

«Apenas admittido á sua augusta presença, o Santo Padre—como este titulo lhe cabia bem em tal momento!—o Santo Padre passou os braços em volta do nosso pescoço, tendo-nos por muito tempo carinhosamente abraçado. Ah! jamais esqueceremos a commoção que experimentamos sentindo pulsar o coração, do qual Chrysostomo dizia como disse fallando de S. Paulo: *Cor Pii, cor Christi:* O coração de Pio IX é o coração de Christo.» O Santo Padre repetia-me na doce lingoagem italiana: «Meu querido bispo, meu querido filho!» Depois, fallando em francez, proseguiu:

—Fez bem em vír a Roma antes de ir para Reims, eu desejava-o..., dá-me muito prazer..., sabia que teria saudades da sua diocese de Tarbes, e que ia causar-lhe pezar. Estou-lhe muito grato par me ter obedecido..., Deus o recompensará, meu filho, pela satisfação que deu ao Papa.

«Meu querido arcebispo, nós não estamos aqui para ser felizes... Nós somos soldados, e o nosso dever é correr aos postos onde o combate é mais renhido.» E pouco depois, continuou apontando para a imagem da Virgem Santissima:

—Meu filho, sei que ama muitissimo esta boa Mãe. Tenha portanto confiança n'ella, é tambem o meu amparo e nunca ha de abandonar-nos!»

«Em seguida, o Santo Padre discorreu a respeito do estado do universo. Seu pensamento parecia-me o olhar da eternidade sobre essas sombras que passam. Seus juizos, independentes dos homens e das situações não se inquietavam senão no tocante á salvação das almas e á gloria de Jesus Christo. Sentia-mo-nos bem acima das paixões e dos partidos terrenos, e muito proximos dos concelhos da providencia. Escutando-o, pensava. É o sobrenatural que tem o segredo da verdadeira sciencia politica e social... Forte, só é o homem que vê tudo em Deus.

«Pedi muitas vezes ao Senhor me apresentasse diante de alma, o que presenciei no fim d'esta entrevista.

«—Ah! disse o Papa, eu supportaria corajosamente meus infortunios, e Deus me daria força para não vergar sob o peso das desgraças da Igreja. Mas ha uma coisa que não posso perdoar aos que me perseguem... Desgraçados! elles matam a fé

de meu pobre povo..., elles pervertem a alma dos filhos da desditosa Italia!...»

«N'este momento, o Papa levou a mão ao peito, amarfanhou violentamente com os dedos o estofo branco de sua sotaina, e com voz maguada exclamou:

«Ah! elles arrancam-me o coração!

«O augusto ancião era sublime.

«A grande alma do Papa subjugava a nossa, penetrando-a ao mesmo tempo com sua força e sua luz.»

«Como na presença de Pio IX fallassemos com admiração de seu poder, mais admiravel que nunca no meio da penuria do captiveiro e do abandono, elle replicou:

«Eu não sou senão um pobre velho: que posso eu?... Mas os christãos é que me sustentam: eis aqui a minha força.

Palavra tão grandiosa como verdadeira. Sim, a dedicação das almas christãs é o carro triumphal sobre o qual Pio IX passa e reina.

CAPITULO XXIII

Retrato e vida privada de Pio IX—Anecdotas—Factos

Se Pio IX quizesse desmentir todas as inepcias e todas as calumnias que se espalhavam contra elle, teria muito que fazer, tanto mais sendo difficultosissimo obter rectificações de certa imprensa, quando não podemos valer-nos do auxilio da justiça. Desde 1860, que só a respeito da saude do Pontifice se não passa talvez um mez, sem que os jornaes impios publiquem como transcripto de Roma que o Papa se acha na ultima agonia.

Por quinze ou vinte vezes têem elles annunciado o seu fallecimento. Acredita-se facilmente o que se deseja.[1]

[1] Ainda ultimamente, a 18 de janeiro de 1876, Pio IX recebeu uma deputação napolitana que até ao ultimo momento hesitou a tomar o caminho de Roma, tão assustadoras eram as noticias dadas pela imprensa da saude do Papa. No entanto o marquez de Tommazi disse a seus companheiros: «Ainda assim partamos, e senão podermos ver o Santo Padre, far-lhe-hemos ao menos chegar a nossa oblação, e iremos orar por elle sôbre o tumulo dos apostolos.» Succedeu, porém, que não só Pio IX pôde receber os delegados napolitanos, mas fez-lhes um longo discurso, convidando-os depois a irem passear com elle nos jardins do Vaticano.

A' saida do palacio apostolico os delegados dirigiram á *Libertá Catholica* de Napoles um telegramma dando conta da audiencia e desmentindo as aterradoras noticias dadas pelas gazetas liberaes.

Um honrado protestante contava-nos muito convicto um dia, que o Papa nunca jejuava, que a si proprio se despensara de cumprir com este dever em virtude de sua soberana authoridade, bem como de muitas observancias ecclesiasticas; e que posto não adorasse os idolos, a sua velhice era exactamente igual á de Salomão. Todas estas cousas me dizia elle que soubera n'um paiz catholico, por uma gazeta austriaca.

Mas quem não terá lido em todas as nações, em todas as linguas, commovedoras descripções sobre o enfraquecimento das faculdades intellectuaes de Pio IX, e sobre o abuso que aquelles que o rodeiam fazem da sua pessoa e de seu nome?

N'estes ultimos vinte annos, o pobre ancião do Vaticano não deixou nunca de ser um instrumento passivo nas mãos dos jesuitas. Hoje mesmo não é elle quem governa, é o cardeal Antonelli, o *papa vermelho;* se não fosse isto nunca a Egreja e a civilisação moderna teriam soffrido tantos novos dogmas, tantos actos retrogrados que repugnam ás tendencias pessoaes do velho Papa, naturalmente bondosas e moderadas. Deixemos, porém, estas miserias.

Tem-se feito em Roma e em Paris muitos retratos ou photographias de Pio IX, mas a maior parte pouco exactas. Na larga e espaçosa fronte de Pio IX, na viveza e extrema meiguice de seu olhar, na serenidade e doce firmeza de suas maneiras que o infortunio alquebrou um pouco, mas não conseguiu desvanecer, na expressão fina e intelligente de sua bocca, no seu sorriso que captiva, e finalmente em toda a sua pessoa, ha não sei que mysterioso encanto, que faz o desespero dos artistas, e que o machinismo photographico não pode expressar.

A estatura de Pio IX é um pouco mais alta que o regular, e ha alguns annos que tem engrossado e curvado um pouco. Tem a testa ampla e larga, a fronte espaçosa, os cabellos todos brancos, mas ainda bastos, a côr é clara e ligeiramente rosada nas faces; os labios são vermelhos, carnudos e o inferior um pouco saliente; os olhos negros, vivos e profundos, extremamente meigos, illuminam-lhe todo o rosto. Inclina a cabeça ligeiramente para o lado direito.[1]

[1] Um soldado francez exclamava na ingenua linguagem do povo: «Não

Sua voz é sonora e melodiosa, e tem na conversação uma suavidade que enfeitiça; mas quando se anima, toma uma força que poucas poderiam sobrepujar. A voz do Papa é inquestionavelmente uma das mais formosas de Roma, e era uma das maravilhas das grandiosas ceremonias da semana santa, quando no tempo de sua prosperidade a ouviam resoar debaixo das abbobadas de S. Pedro, ou quando no dia de Paschoa, nas solemnes palavras da benção *urbi et orbi*, esta voz atravessava a praça de S. Pedro ouvindo-se para lá do grande obelisco.

Se o papa nunca achou objectos excessivamente esplendidos para o culto dos santos altares, e se os salões do Vaticano abundam em obras de arte e em moveis sumptuosos, pessoalmente, contenta-se com uma saleta de trabalho e um quarto de dormir extremamente simples. Este ultimo é até ladrilhado, e seu augusto habitador nunca consentiu que o atapetassem. Tem nas janellas, cortinas amarellas sempre corridas; ao fundo um pequeno leito de ferro, sem cortinado, e um pequeno altar com um crucifixo. O gabinete de trabalho é pequeno, e baixo de tecto, com as paredes forradas de papel ordinario, e toda a mobilia consta de uma banca coberta de marroquim, e de duas cadeiras, uma poltrona e uma estante.

Nunca se accende fogo no quarto de dormir do Pontifice por maior que seja o frío.

Desde o começo do seu pontificado, Pio IX impoz-se a um regulamento que nunca mais transgrediu, apezar da mudança dos annos. A menos que um cansaço excepcional ou os conselhos de seu medico o não obriguem a maior descanso, levanta-se ainda hoje e em todas as estações, ás cinco horas e meia. Seu creado leva-lhe agua tepida, e elle faz a barba e veste-se sosinho.

Depois de fazer as suas orações, que são feitas agora no seu quarto, sobe para a sua capella, onde se demora em oração diante do Santissimo Sacramento durante meia hora, e depois

ha cousa que tão bem faça como vêr este homem! É um balsamo para o coração; dá socego e satisfação para todo o dia.» Uma creança nos braços da mãe dizia com adoravel innocencia: «Oh! maman, como vi agora o Papa, nunca mais terei fome!»

diz a sua missa. E quando em razão de algum incommodo se acha impossibilitado de offerecer o santo sacrificio, assiste, todavia, á missa de um de seus capellães, e toma a sagrada Communhão.

Em seguida dá as ordens necessarias e urgentissimas, e toma, depois das nove horas, um pouco de caldo ou de café sem leite; depois trabalha toda a manhã, primeiro sosinho e depois com os cardeaes ou perfeitos das diversas congregações, que vão participar-lhe os negocios particulares da Egreja.

Ás duas horas é o jantar, que não dura mais que vinte minutos, e é precedido de diversas audiencias, de um curto passeio e de alguns momentos de adoração ao Santissimo Sacramento. Este jantar consta de uma sopa, um bocado de carne cozida, e um bife ou um assado, um prato de ervas, e fruta. O vinho, que Pio IX destempera sempre com duas terças partes de agua, é branco e ordinario, e vão compral-o todos os dias a casa de um taverneiro da rua *Tre Canelle*. Pio IX não tem garrafeira.

No entanto, aqui ha alguns annos, quando se sente mais enfraquecido, toma no fim do repasto um calix de vinho de Bordeaux, que as irmãs do recolhimento de S. José d'essa cidade tem o privilegio de fornecer-lhe. Este vinho é o producto de uma vinha que essas santas religiosas cultivam por suas proprias mãos, e que denominam a vinha do Papa.

De muitas outras partes recebe Pio IX provisões; mas estas vão todas para os hospitaes. Elle nunca prova doces nem massas. Um dia convenceram-no a provar o licor da Grande-Chartreuse, mas elle não pôde acabar o pequeno calix, e exclamou rindo:

—Excellente licor, excellente sobretudo para o estomago de um soldado.

A etiqueta pontifical exige que o Papa coma só, quando está em Roma; todavia altera-se ás vezes esta regra em favor de principes e princezas.

Depois de seu jantar, Pio IX dorme um quarto d'hora, depois resa o seu rosario e no breviario; dá em seguida um passeio nas galerias do Vaticano, ou, se o tempo o permitte, nos

jardins. Prefere muito particularmente uma rua atapetada de volubilis e marginada de magnificas larangeiras. Gosta de sentar-se n'um banco de ferro na extremidade d'esta alléa, ou á sombra de um choroso salgueiro, perto de uma fonte chamada a fonte de *la Zitella;* ou de esmigalhar e lançar atravez da grade que divide o pateo, pão e doces aos pequenos pombos pavões, cuja plumagem é tão alva como seu vestido. Caminha sempre adiante apoiando-se em sua bengala com tão singular facilidade, e com um passo tão ligeiro, que a custo se póde seguir. Sente uma satisfação, uma alegria ingenua e innocente por se vêr tão agil, e succede-lhe muitas vezes parar, para não esfalfar, diz elle, seus companheiros de passeio, quasi todos mais novos.

Antigamente gostava de sair á rua. Encontravam-no passeando na cidade santa, cercado por uma multidão de pobres e desgraçados, consolando-os com suas palavras e esmolas; ou por um rancho de creanças aos quaes dirigia perguntas de doutrina, e dos quaes a alegria expansiva ruidosa provava o affecto paternal com que lhes fallava. Mas, com grande pezar de todos, os tempos estão bem mudados!

O Santo Padre trabalha ou dá audiencia desde as cinco horas da manhã até ás nove da tarde, hora da ceia, que consta de um caldo, duas batatas cosidas e alguma fruta.

Ás dez horas marcadas, o Papa retira-se para seu aposento depois de ter resado o officio, e feito uma visita ao Santissimo Sacramento. Em seguida deita-se, e depois de ter trabalhado todo o dia, muitas vezes o ouvem orar e gemer uma parte da noite. «*Però*, (disse elle um dia aos seus camaristas, felicitando-o estes pela sua serenidade), *però non sono di legno;* todavia não sou de pau!» E proferindo estas palavras levantou os olhos ao ceo e apagou n'um sorriso este queixume, que era ao mesmo tempo uma acção de graças ao Altissimo que o amparava.

Tal é a vida pobre e verdadeiramente apostolica, á qual este homem simples, faustoso só nas cousas de Deus, deve sua longa e vigorosa velhice. Quantas pessoas que declamavam contra o luxo pontifical, e a immensidade das sommas que este custa aos fieis, se não contentariam com tal regimen!

Damos ainda outros esclarecimentos particulares: Pio IX toma rapé; é um excellente musico, e toca violoncello.

M. Armand Ravelet, cuja morte prematura deplora a França e a Egreja, escrevia de Roma a 30 de agosto de 1874: «Despojado, prisioneiro, sem recursos, sem soldados, Pio IX sustenta sosinho a lucta contra principes opulentos, que tem milhares de homens em suas casernas, e milhões em seus thesouros; e combate afora isto a temivel organisação das sociedades secretas, supportando o pezo d'estes cuidados sem succumbir.

«Depois de 1861, época em que o vi pela primeira vez, a minha memoria não encontra com o decurso do tempo, mudança notavel na sua phisionomia. É sempre o mesmo ancião vestido de branco, assentado diante de sua secretaria, demonstrando em seu olhar uma mistura de paternal bondade e energia, que perfeitamente se concebe que, nenhuma força humana poderia vencer. Nota-se-lhe a mesma firmeza nas feições, nos gestos, na palavra, a mesma lucidez de espirito, a mesma liberdade de linguagem, e sobre tudo essa assombrosa serenidade que admira todos os que se lhe aproximam.»

Os proprios protestantes que vão visitar o soberano Pontifice, como os phariseus iam ver Jesus Christo, na intenção de surprehender suas palavras, não podem resistir á seducção d'esta virtude sobrehumana. O *Times*, seu orgão principal, publicava em maio de 1873:

«O Papa tem feito tudo quanto seus partidarios podiam esperar, e soffrido tudo quanto o mundo podia infligir-lhe de duro e atroz. Por isso perdendo seu poder temporal tem adquirido um poder illimitado sobre a intelligencia humana. No interior de seu palacio, o Papa vê todo o universo a seus pés; mas o que elle não pode é olhar para fora de seus aposentos sem que veja o mundo armado contra elle... Pelo que toca a seu caracter moral, confessamos que não houve nunca um Papa como elle... É impossivel imaginar-se fé mais pura, superior moderação, vida mais cheia que a d'este homem que, depois de mais de um quarto de seculo tem forçado o universo a acceital-o como Senhor e Mestre do mundo.»

Dissemos no prefacio d'esta obra, que a posteridade dará indubitavelmente ao nosso seculo, o nome de «Seculo de Pio IX.» Não é de admirar que, assombrado pela grandeza d'este ancião, o qual apezar de decahido de sua realesa domina de tão alto as fraquezas ou as felonias dos outros soberanos seus contemporaneos, se adivinhe já o que ha de succeder no futuro.

No mez de agosto de 1871, o marquez de Cavalletti á frente de uma deputação da nobreza de Roma, lembrou-se de saudar o Pontifice com o nome de Grande, *Pio il Grande*, offerecendo-lhe um throno de ouro. O Papa repelliu o titulo e a offerta com uma candida firmeza, e uma encantadora ingenuidade: «Que! Emquanto vivo!—disse elle. Admiro a sua imprudencia. A Egreja para canonisar seus santos, tem por costume esperar que elles morram e estejam enterrados ha muito. A humanidade deveria tambem não se apressar demasiado em canonisar seus heroes; por que emquanto um homem respira, ninguem pode affirmar que seu heroismo não seja falso.»

N'uma carta dirigida ao mesmo marquez Cavalletti, confirmou suas idéas: e exprimindo-as, pensava certamente em Napoleão III quando depois de 1859, se apresentava coroado de louros nas suas moedas, deixando de os merecer no mesmo dia em que fez uso d'elle. Mas, apezar de o sentir, Pio IX não teve a crueldade de tornar mais clara esta allusão.

Tem-se accusado muitos Papas pelo excesso de riquezas e honras com que accumulavam ou deixavam locupletar-se os membros de sua familia, particularmente seus sobrinhos. Isto é o que designavam como um nepotismo. Pio IX, porém, teve sempre o cuidado de reprimir taes abusos. Ama extremosamente a terra em que nasceu, assim como sua familia, com quem se corresponde quando tem uma hora feriada. Em Sinigaglia fundou um hospital á sua custa, mas nunca proporcionou a seu irmão de leite uma posição que o poupasse ao trabalho, e leva o horror do nepotismo a tal ponto que, prohibiu a seus parentes que se domiciliassem em Roma, chegando a mandar expulsar d'alli á força seu sobrinho, o conde Benigni, que não acce-deu a retirar-se voluntariamente. De modo que, a familia Mas-

tai não é hoje mais conhecida em Roma do que o era antes de um dos seus membros ser elevado ao solio Pontifical.

Egualmente é Pio IX muito reservado em tudo quanto faz parte do exercicio de suas funcções, com receio de uzurpar attribuições que lhe não pertencem.

Respondendo a alguns amigos de Affonso XII, que procuravam interpretar, em 1875, como uma recommendação em favor d'este principe, uma carta que lhe tinha dirigido como seu afilhado disse: «Dou as bençãos apostolicas, mas não as bençãos politicas.»

Pouco tempo antes, por alvitre da ex-rainha Isabel, tinha sido Pio IX nomeado para arbitro dos direitos de Affonso XII e Carlos VII. O Papa recusou, porem, terminantemente examinar a questão, visto ser ella puramente politica, e não quiz dar o seu voto, que provavelmente não terminaria a contenda.

No correr d'esta obra temos mencionado bastantes factos edificantes, assim como muitas phrases espirituosas de Pio IX; entendemos, porém, que poderemos continuar ainda, sem receio de enfadar o leitor. A caridade, a bondade, e a paciencia são em geral e por assim dizer, o fundamento de todas estas anecdotas, juntando a isto uma ingenua alegria, uma ironia benevola e paternal. A alegria é filha da paz.

N'uma das ultimas visitas que o Pontifice fez á villa Borghese, antes que os piemontezes o tivessem relegado no Vaticano, approximou-se-lhe um velho soldado, dizendo-lhe: «Tenho vinte e cinco annos de serviço, Santo Padre; e recusam-me a baixa!» O Papa respondeu sorrindo: «Isso não é commigo; eu ainda não tenho vinte e cinco annos de serviço, e ha muito tempo que m'a querem dar.» Depois, tomou nota do pedido do velho militar.

Havia pegado a um monumento de Roma uma barraca de comidas de que vivia um pobre homem. De subito foi este intimado pela administração para se retirar d'este local por que o affeiava. O Santo Padre, que era ainda rei, passou n'esta occasião, e o pobre vendeiro correu para elle:

«Santo Padre (exclamou elle) eu sou o vendeiro, *friggitore:* querem expulsar-me de meu estabelecimento, onde depois de

muitos annos, ganho o necessario para me alimentar e a minha familia. Isto é uma indignidade, Santo Padre! Aqui tem uma penna e papel; escreva duas palavras a meu favor.'

Sorrindo da ingenuidade do homem, o Papa pegou da penna e escreveu:

Frigga come vuole;
Frigga dove vuole;
Frigga quanto vuole;

Quer isto dizer: *Frige como quizeres; frige onde quizeres; frige tanto quanto quizeres.* O vendeiro retirou-se contentissimo, desafiando depois d'isto a que o desapossassem de sua propriedade.

Só na vida dos Papas ou dos reis verdadeiramente catholicos se encontram d'estes factos, que são as perolas preciosas da historia.

O caso seguinte é ainda mais engraçado; faz-nos lembrar do apostolo S. João brincando com uma pomba. Copiamol-o da carta de um irmão das escólas christans de Roma: escreve o bom religioso:

«Tenho na minha classe um menino irmão de um guarda nobre da familia Giustiniani. Esta creança é um anjo. O Santo Padre conhece-o e tem-lhe muita amizade. Ha dias foi elle ao Vaticano com o irmão, e quando entrava no aposento do Pontifice este vendo-o exclamou: «Ah! és tu? Ha muito tempo que te não via! Como estás?»

E o dialogo continuou, até que o Papa lhe disse com um carinho verdadeiramente paternal: «Agora vae dar quatro saltos no jardim.»

Pouco depois descia tambem o Papa para dar o seu passeio, e encontrando o menino reatou a conversa:

—Sabes muitos jogos?

—Sei muitos, Santo Padre.

—Pois vamos a ver se sabes este. Eu vou-me esconder, e tu hasde dar commigo, quando eu te avisar pelo guarda.

E depois de algumas voltas, foi o Papa com tres cardeaes que o acompanhavam, esconder-se na gruta de Nossa Senhora de

Lourdes.[1] O guarda nobre, Bella, deu o signal e aqui temos nós o pequeno Giustiniani jogando o esconde esconde com o Santo Padre. O pequeno corria de um lado para o outro perguntando aos guardas por onde passára o Santo Padre, e este, que lhe observava todos os movimentos, mostrava-se contentissimo e muito divertido. Por fim, sahiu da gruta, juntou-se a seu pequeno camarada, e disse-lhe com um amavel sorriso:

—Bem vejo que não sabes este jogo.

E proseguindo na sua conversa com esse querido anjinho, entrou no palacio para se entregar de novo aos graves cuidados e interesses da Egreja Catholica.

Um dia o medico de Pio IX, Constantini, teve de fazer-lhe uma operação muito dolorosa. O paciente não proferiu palavra, nem deu um gemido. Quando tudo foi concluido, perguntando-lhe o medico se tinha soffrido muito, o paciente e animoso ancião respondeu sorrindo: «Ah! sim. Fez-me ver mais estrellas que o P. Secchi!»

Quando o barão de Menneval, ministro de França, em Munich, depois de ter assignado o tratado de Kurich renunciou á sua carreira diplomatica para tomar ordens religiosas, Pio IX recebeu em audiencia secreta Mons. de Ségur, que a este tempo estudava no seminario de Roma, e onde egualmente se achava o novo candidato ao sacerdocio. No decurso da conversação o Santo Padre perguntou-lhe se acreditava que M. Menneval chegara a conhecer seu imperial amo. Mons. de Ségur respondeu:

—Na verdade é muito possivel que elle o deixasse por isso mesmo que o conhecia.

O Papa sorriu, e não replicou, mostrando d'este modo que esta resposta concordava com suas idéas.

Pio IX tem uma excellente memoria. Durante o Concilio do Vaticano, n'um passeio sobre a via flaminiana encontrou dois prelados francezes, um d'estes o bispo de Poitiers, e outro de Angoulême.

[1] Esta gruta de Lourdes é um *fac simili* offerecido ao soberano Pontifice por um tolesano, M. Hispa. Esta gruta foi collocada nos jardins do Vaticano, ao pé de um monticulo, junto das aves a que Pio IX gosta de dar alimento por sua mão.

—Quero dar um passeio em vossa companhia, meus irmãos (disse elle) e descendo da carroagem passeiou muito tempo com os bispos e seu sequito. Seu andar era firme, sua conversação ora era grave ora risonha, mas sempre benevola. Como o bispo de Angôuleme se encostava a uma bengala, o Papa disse-lhe rindo:

— Eu não ando de bengala; quero fazer boa figura diante de meus filhos. É só quando vou para o campo que a uso.

No caminho encontraram um cocheiro ajoelhado, sustando os cavallos pelas redeas:

—Pois és tu, meu querido Miguel, meu pobre Miguel!—exclamou o Papa. — Deixaste os remos do teu barquinho? Muito tempo tem passado depois da epoca de Gaeta!... Olhai, proseguiu Pio IX) este valente homem era o meu barqueiro durante o meu exilio n'essa terra.»

Miguel chorava de alegria por se ver reconhecido passados vinte annos, pelo Vigario de Jesus Christo.

Um pouco mais adiante encontraram um mendigo no caminho. O Papa aproximou-se-lhe, e abençoou-o chamando-o por seu nome e dando-lhe algum dinheiro. *Cognosco oves meas*, conheço minhas ovelhas (disse elle para os bispos) com indefinivel ternura.

Mons. Bouvier, bispo de Mans, adoeceu em Roma d'uma doença que o levou á sepultura. Logo que Pio IX o soube quiz ir ver esse digno moribundo, porem certos prelados da côrte pontifical oppozeram-se a esse intento.

—É de recear, Santissimo Padre, que vossa presença lhe cause uma commoção fortissima que pode ser-lhe fatal.

O papa respondeu:

—Nunca a visita de um pae fez mal a um filho.

Esta visita foi para o moribundo bispo a maior das consolações.

— Ah! (exclamou elle) devo á Divina Providencia infinitas graças: recebi esta manhã o meu Deus, e esta noite recebo meu Pae.

As anecdotas que se seguem são mais recentes. São todas posteriores á invasão de 20 de setembro de 1870.

N'um domingo do mez de maio de 1874, Pio IX passeiava nos jardins do Vaticano, seguido, segundo o costume, d'alguns prelados de sua casa e d'alguns bispos de passagem em Roma. Ao voltar d'uma alea, encontraram vinte e cinco camponezes ajoelhados, tendo cada um em seus braços um cordeiro branco, preto, ou malhado, graciosamente enfeitado com as côres da Egreja, vermelho e amarello. Eram bellissimos homens, da forte raça do Latium, de tez bronzelada, feições dilicadas, formas varonis, e o andar altivo e magestoso. Mas diante do Papa tinham o olhar cheio de ternura, e, como o fez notar Sua Santidade, o ar d'elles era tão meigo como o de seus cordeiros.

O bom cura leu uma pratica em que as similhanças entre Christo e os cordeiros, o Pastor Supremo e os pastores, vinham de per si. Depois, um dos pastores romanos, que tivera sempre o seu cordeiro nos braços, avançou e recitou um comprimento no seu idioma romagnal, cuja energia de accento não implicava a graça da expressão.

Pio IX, encostado á bengala, contemplava aquelle bello e altivo rapaz, vestido de pelles de carneiro, calçado com polainas de coiro até cima do joelho, como no painel da *Natividade*, de Ribeira, e sentiu-se enternecido até ás lagrimas. Acceitou os cordeiros, dizendo:

—Dal-os-hemos aos pobres, e assim será em dobro abençoada a piedade filial d'estes bons pegureiros.

Tendo o cura feito saber que perto d'alli estavam uns lavradores vindos com os pastores, Pio IX exclamou:

—Que entrem.

Traziam flores. O doce ancião abençoou-os a todos, deu-lhes uma medalha e disse com um sorriso triste: «Eis-aqui, meus filhos, uma cousa que ha quatro annos não vistes; moeda em prata e não em papel.»

N'outra occasião passeiava elle em uma sala onde os pios visitantes expunham os objectos que queriam offerecer a sua santidade. Entre aquelles objectos preciosos achava-se um soberbo arrás, representando Santa Ignez com um cordeiro em meio das chammas. A respeito d'este quadro teve o Papa uma inspiração feliz:

— Este panno, disse elle, é imagem da Providencia. Quando os artistas o fabricavam, o publico só via n'isto um monte de lans de todas as côres, confundidas em grande desordem apparente, onde ninguem podia reconhecer plano ordenado. O que se via era o reverso; mas feita a obra voltou-se o panno, e eis que vedes um maravilhoso tecido que o trabalho fez: O mesmo acontecerá com os successos que n'este momento se cumprem. Apparentemente é tudo desordem e confusão. Os mais desconexos elementos se embaralham sem que possamos prever-lhes a sahida; mas, á hora fixa, descortinaremos o verdadeiro plano da Providencia, e veremos resplandecer a Egreja para o qual contribuirão egualmente o bem e o mal.»

Em fins de setembro de 1872, via-se no hospital dos Irmãos de S. João de Deus, que se chama em Roma *Fate benne fratelle*, um homem de rosto largo e cheio, com as faces cahidas e olhares pasmados. Este homem era um dos mais tristes personagens a que deu passagem a brecha da porta Pia. Dizendo que elle era o principal redactor do *Tribuno* está tudo dito. Em cada manhã exhalava elle toda a bilis contra os padres, e sobretudo contra Pio IX, ganhando assim seu pão quotidiano, ganhando-o com uma voluptuosidade satanica. Um dia, emquanto se occupava a escrever um artigo, talvez mais virulento que os antecedentes foi atacado de uma apoplexia. Foi levado para o hospital, e quem julgaes que tomou a seu cargo sua joven familia?

Nem sociedades secretas, nem governo revolucionario, nem pessoa alguma se occupou com isso senão Pio IX.

— Aqui está, disse o santo velho, uma occasião de fazer bem a um inimigo.

Não póde elle ir visitar o enfermo, mas enviou soccorros aos orphãos, collocando-os em diversas casas. Um d'elles contava com a ingenuidade de uma creança de dez annos, que seu pae fôra atacado quando escrevia contra o Papa, e que era este o que depois lhe servia de pae.

O dominico P. Duval, tendo ido receber a benção do Santo Padre antes de partir para a sua missão de Mossaul, na Mesopotamia, submetteu á sua approvação o projecto de levar da

Europa um certo numero de religiosas para a educação das meninas, expondo ao mesmo tempo a extrema pobresa da sua missão.

—Estamos então em Mossoul como em Roma, disse Pio IX dando-lhe uma nota de mil francos.

E como o missionario hesitasse em acceitar, Pio IX insistiu repetindo:

—Tomae: este pobre Papa é muito pobre! mas elle é como o franciscano: não tendo nada e possuindo tudo.

D'outra vez empregou ainda a mesma comparação, respondendo a um visitador que lhe dizia, que os usurpadores o julgavam possuidor de enormes quantias, e que dos artigos de certos jornaes garibaldinos se deprehendia a idea de saquear o Vaticano.

—Ah! exclamou o Pontifice rindo, elles tem razão; cem vezes razão: eu tenho um grande sacco; mas é como a saccola de S. Francisco: sempre a encher-se, e sempre a despejar-se.

Um cavalheiro sollicitava favores espirituaes para uma loteria. Afora estes quiz Pio IX ajuntar tambem o seu obulo, posto que não lh'o pedissem:

—Não se admire. (Disse elle.) A experiencia prova-me todos os dias que quanto mais dou, mais recebo.

O abbade Chocarne, irmão do dominicano d'este nome, fallava a Pio IX de uma obra que tinha fundado a favor dos prisioneiros arrependidos.

O Papa respondeu-lhe:

—Interesso-me tanto mais n'essa obra, que eu mesmo sou prisioneiro, posto que *non repentant.*

Como a princesa Margarida, apezar do luto de seu avó, acabava de dar um grande baile no Quirinal, Pio IX no seu passeio costumado pediu noticias d'esse baile. E como todos se calassem, Pio IX interrogou pessoalmente Mons. Negroni, que não sabia que as gazetas tinham fallado a esse respeito:

—Eu desejava saber pelo menos (acrescentou o Papa) em que sala isso teve logar, por que teremos de preparar toneis de agua benta para purificar o Quirinal quando para lá voltarmos ou Nossos successores.

Perdoar-se-ha a um historiador francez insistir muito particularmente nas provas de affecto que Pio IX tem prodigalisado á França. Estas provas são innumeraveis. Um dia dizia o Papa:

—A França deu-me sempre, em todas as circumstancias, e ainda presentemente, testemunhos de affecto, o que me prova mais uma vez que certas palavras saídas da bocca infallivel de Jesus Christo e que a Egreja nos apresenta n'estes dias diante dos olhos, podem muito bem applicar-se tambem á França: *Modicum et non videbites me.* «Vós não me vereis durante um «certo periodo, mas eu de novo me manifestarei; *iterum mo*«*dicum et videbittis me.* Sim ella de novo se elevará, esta «grande e catholica nação.»

«Seu temporario enfraquecimento era talvez necessario para fazer nascer em grande numero de corações o fervoroso desejo de a tornar a ver opulenta, e por que nem todos os seus, nos ultimos tempos, cumpriram com seu dever. Falsas doutrinas, homens pertencendo á seita infernal, costumes corrompidos, tudo a um tempo rebentou em todos os pontos d'esse nobre paiz [1]...»

Quando Pio IX soube que a Assembléa nacional ordenara preces publicas, bradou levantando as mãos ao ceo:

—Agora, ó meu Deus, ides finalmente compadecer-vos da minha querida França. A França supplica, a França está salva!

Como o bispo de Arras depunha aos pés do Papa o producto do Dinheiro de S. Pedro na sua diocese, este perguntou-lhe:

—Como podem os Francezes fazer isto? Vós pagais milhões aos Prussianos, e tendes ainda dinheiro para o Papa! Que grande nação!

Ao arcebispo de Alger disse o Pontifice uma vez:

—Estou convencido de que a minha salvação está ligada á da França, e que ainda mais uma vez, a França será o instrumento escolhido por Deus para levantar esta Santa Sé.

Em outra conjectura confirmou elle esta previsão que deve encher de esperança os corações francezes:

—Na Europa christã (disse elle) tem pugnado muito a meu

[1] 9 de maio de 1873.

favor, mas seus esforços nada conseguirão emquanto a França se não reerguer.

A canonisação de S. Bento José Labre deu novamente occasião a Pio IX para abençoar solemnemente a França, assim como já o tinha feito antes na canonisação de Santa Germana, Cousin, e pouco depois, dando o titulo de Veneravel a M. Viannay, cura de Ars, e o de Bemaventurado ao abbade de la Salle, fundador das escolas christãs, e muitos outros processos canonicos tendentes a augmentar o cathalogo dos santos.

De todos os Papas é talvez Pio IX o que mais tem trabalhado promovendo a gloria de Deus pela dos Santos. O Pontifice tem encaminhado e levado a cabo um tão grande numero de canonisações, que causa admiração pensar-se nos seus outros trabalhos.

Depois de um minucioso exame de todas as suas obras, Pio IX inscreveu Santo Affonso de Ligorio no catalogo dos Doutores da Egreja, e projecta, dizem, ajuntar tambem S. Francisco de Salles.

Foi tambem elle que, por um decreto de 8 de dezembro de 1871, declarou S. José patrono da Egreja universal.

Outro decreto datado de 6 de maio do anno seguinte, regula d'ora em diante, o dia da festa d'este grande santo, e para dar mais esplendor á festividade terá esta logar na capella pontifical do palacio apostolico.

Um pintor francez encarregado pelo Pontifice de pintar o quadro da Immaculada Conceição foi mostrar-lhe o esboço. Depois de um attento exame, disse-lhe este:

—Mas eu não vejo aqui S. José!

O pintor respondeu que o collocaria n'um grupo, no meio de nuvens de gloria.

—Não: (replicou o Pontifice poisando o dedo ao lado de Jesus Christo) é aqui justamente n'este logar que haveis de pintal-o, por que no ceo é aqui que elle está.

Esta terna piedade não impediu comtudo que prohibisse uma nova devoção, o rosario de S. José, que de alguma maneira assimilhava o culto d'este santo ao da Mãe de Deus. Pio IX vigia com os mesmos olhos tanto a superstição como a impiedade.

No principio de 1875[1] apontava á vigilancia de todo o episcopado, pela Congregação do Santo Officio, uma «alluvião de devoções insolitas e temerarias que se espalhavam sob a forma de opusculos, imagens piedosas, e litanias.» Verificava tambem, surprehendido, a applicação que se fazia em certas questões religiosas de processos eguaes aos que se usavam presentemente na vida publica, lastimando que se dessem nas questões religiosas essas petições e esses appellos á publicidade que só serviam para destituir na Egreja o verdadeiro centro da auctoridade, provocando a pressão dos simples fieis e dos diarios sobre os bispos e sobre o soberano Pontifice.[2]»

Muito prudente e muito reservado em seu procedimento,

[1] 28 de janeiro.

[2] As duas gazetas catholicas mais acreditadas de Roma accrescentaram á representação do Santo Officio as seguintes observações, que deviam ser meditadas em todo o mundo e sobretudo na França:

«Se nos é permittido unir a voz á do Soberano Pontifice, de boa vontade o faremos para censurar com todas as nossas forças essas loucas innovações que tentam introduzir em nosso admiravel culto, e as quaes são nascidas em cerebros enfermos, se não tem peior e mais baixa origem. Fallam dois auctores do sangue da bemaventurada Virgem Maria; outro discorre a respeito do coração de S. José; um inglez escrevia ha pouco que a Virgem Maria estava presente na santa Eucharistia, e um francez affirmava que ella existia real e physicamente antes da creação do mundo. Segundo um allemão, o coração de Jesus é o centro do universo e a Santissima Trindade está submettida a Maria. Ha muita gente que inventa visões e prophecias, e o que é peior, declaram-nas approvadas pela Egreja.

«Que quer isto dizer? Será a verdadeira fé, a verdadeira piedade? Não; é a maior parte das vezes a ignorancia, e em muitas a malvadez. Seria muito para lamentar que taes producções andassem nas mãos dos bons catholicos perturbando-lhes as ideas, falseando-lhes os principios, e arriscando a fé, o mais precioso thesouro de suas almas.

Infelizmente tambem essas visionices chegam ás mãos dos inimigos da Egreja e estes tiram d'ahi motivo para nos accusar como se a Egreja fosse responsavel das lucubrações e de tudo o que milhares de individuos mais ou menos catholicos se mettem a escrever sem saber de que fallam. É preciso lêr Pusey e muitos outros auctores anglicanos para vêr como elles nos escarnecem citando esses escriptos absurdos, como se fossem bullas pontificaes ou decretos conciliarios.

«A Egreja tem feito e continuará a cumprir com seu dever. Que se abra o catalogo dos livros inscriptos no Index, e lá se encontrará uma longa serie de pretendidas obras espirituaes ou asceticas, meditações, orações, extravagantes vidas de Santos, revellações e milagres inventados, collecções de indulgencias fabricadas pelo impressor, assim como grande quantidade de embustes e chocarrices. A Egreja condemnando e prohibindo essas obras, responde cathegoricamente áquelles que pretendem tornal-a responsavel pelo que ella não pode impedir.

Pio IX nunca approvou as intemperanças do zelo ou da linguagem. Um dia, chegou mesmo a dar publicamente conselhos de moderação a intrepidos escriptores catholicos de Paris, e ao mesmo tempo notava a uma outra escola de escriptores egualmente catholicos, o perigo de uma excessiva temeridade. [1] Uma gazeta satyrica, a *Frusta*, fundada em Roma para combater a revolução com as armas do ridiculo, foi advertida por Sua Santidade que o tom de sua polemica parecia muitas vezes exagerado, e que o excesso podia fazer mais mal do que bem. A *Frusta* deixou espontaneamente de apparecer.[2]

Depois de uma vida tão pura; tão fecunda e dedicada, não admira que Pio IX appareça aos olhos de muitas pessoas como um ente predestinado a receber um dia as honras do culto publico. É sobre tudo quando celebra o santo sacrificio, ou quando exprime uma acção de graças, que seu semblante refulgente é como que transfigurado, arrebata e assombra todos aquelles que o contemplam. É um santo! é um santo! murmuram algumas vezes em redor d'elle, mas em voz baixa, por que assim como elle repelliu o titulo de grande, ainda menos acceitaria o de santo.

Parece, todavia, que se pode sem temeridade aventar que esse titulo glorioso, o mais glorioso dos titulos, corôará com todos os outros sua abençoada memoria. O mesmo Deus parece que se compraz em nos fazer nascer este presentimento, Elle, que tem glorificado seu grande servidor já emquanto vivo.

A historia não pode citar ainda todas as graças sobrenaturaes obtidas pela virtude de Pio IX. A authenticidade d'estes factos não podendo ser examinados canonicamente, seria contraria ao espirito e aos votos da Egreja. No entanto ser-nos-ha permittido recordar algumas d'essas maravilhosas narrações, que apparecem de tempos a tempos nos diarios publicos, particularmente nas *Semanas religiosas* diocesanas.

Em Londres, M. Bodenham, ancião de oitenta e quatro annos, desfallecido e quasi a expirar, foi subitamente curado no

[1] 1873.
[2] Março de 1875.

mesmo instante em que Pio IX lhe mandou dizer que unia suas orações ás d'elle.[1]

Em Digne, uma joven noviça que se achava paralytica sentiu desprenderem-se-lhe os membros, applicando sobre a bocca um bocado da sotaina do Pontifice.[2] Em Paris, um mancebo egualmente paralytico foi instantanea e radicalmente curado calçando na perna doente uma das meias de Pio IX.[3] O cura de Notre-Dame de Champs, e Mons. Foulou, então superior do pequeno seminario, e hoje bispo de Nancy, são testemunhas d'este ultimo facto. Em Roma, nos derradeiros mezes de 1875, uma religiosa franceza do *Sacré-Cœur*, completamente paralytica do braço direito, recuperou vida e movimento n'esse braço inerte, no momento em que Pio IX tomando-o entre as mãos, o ergueu e lhe fez com elle o signal da cruz.[4]

Uma vez foi Pio IX visitar um hospital. Entre os enfermos apontaram-lhe uns dez já desenganados. Entre outros estava tambem um mancebo Canadiense a agonisar. Á cabeceira estava apenas o padre, e a estola roixa estava estendida, segundo o uso romano, sobre os pés da cama. O Papa approximou-se de todos estes doentes, tocou-os com as mãos, abençoou-os e orou. Cousa admiravel: curaram-se todos.

O marquez Anatole de Ségur conta-nos os dois factos seguintes:

«Voltando de seu passeio habitual, passava Pio IX perto do hospital do *Espirito Santo*, quando movido por uma especie de inspiração, entrou subitamente. Acabava n'esse momento de chegar moribundo um pedreiro que tinha cahido abaixo de um telhado. Dava fracos signaes de vida, e já lhe tinham lançado um lençol sobre o rosto. O Papa aproximou-se do desgraçado, mandou levantar o lençol e abençoando-o disse-lhe: «Ouve-me, meu filho?»

[1] Janeiro de 1865, carta de M.me de La Barre-Bodenham ao P. Villefort, jesuita em Roma.
[2] Agosto de 1866, carta do R. P. Moulin, administrador e director do grande seminario de Digne.
[3] Dezembro de 1866, carta de M. Ch. Desperrises, pae do enfermo.
[4] Facto contado na *Semana Catholica* de Perigueux, por uma testemunha occular.

O moribundo ficou immovel e silencioso. «Faça o signal da cruz,» proseguiu o Santo Padre. O moribundo obedeceu repentinamente, pronunciando em voz alta e intelligivel as palavras que acompanham o signal da salvação.

«Aqui tem, meu filho» accrescentou Pio IX dando-lhe uma avultada esmola, «aqui tem recursos que o auxiliem até se restabelecer.»

O pobre homem agradeceu reconhecido ao Santo Padre, o qual de novo o abençôou. No dia seguinte achava-se já em estado de ser transportado para sua casa, e ao outro dia, no mesmo em que o cardeal de Villecourt me contava esta commovedora historia, já elle estava completamente restabelecido.

«Um outro facto da mesma natureza succedeu em Roma alguns dias antes da minha partida. A differença era que se não tratava d'um moribundo de hospital, mas d'uma grande dama Romana. A princesa Odescalchi estava perigosamente doente. A primeira benção pedida ao Papa foi seguida d'uma tal recrudescencia que a enferma parecia chegada á sua ultima hora. Participaram ao Santo Padre que a princesa estava a expirar e que sua benção lhe não serviria senão para a eternidade:

«—Não, respondeu Pio IX levantando os olhos para o ceo; ide depressa, e dizei-lhe que lhe envio uma segunda benção para esta vida.» Correram ao palacio Odescalchi, e quando o mensageiro chegou, a princesa estava curada. Este caso assombrou Roma inteira, e na manhã seguinte, a multidão que se agrupava no pateo do Vaticano viu-a passar, cheia de vida, indo ella mesma agradecer ao Santo Padre a benção que a tinha restabelecido.

«Muitas pessoas não quizeram vêr n'esta rapida cura senão um acaso ou o effeito d'uma imaginação exaltada. Sem ter a pretenção de querer decidir, confesso que me parece mais simples e mais rasoavel acreditar assim como o bom povo romano, que ha mais de Divino que d'humano em similhante cura.[1]»

[1] *Um inverno em Roma,* retratos e recordações, pelo marquez de Ségur.

Não insistimos. Não podemos todavia dispensar-nos de dar logar á seguinte relação feita por um respeitavel belga, M. Demontreville, a qual se não pode lêr sem commoção:

Quando se falla a Pio IX em acontecimentos d'este genero, elle, sem os negar nem os discutir, procura mudar o rumo da conversa por alguma innocente zombaria. O mancebo parisiense, de quem acabamos de mencionar a extraordinaria cura, unicamente com o contacto da meia do Soberano Pontifice, sollici-

«Vou contar-lhe uma historia que me é pessoal e que lhe fará comprehender que se sou dedicado de corpo e alma ao Santo Padre, se tomo tão ardentemente todas as occasiões de demonstrar a veneração e o amor que sinto por elle, não tenho ainda assim outro merito senão o da gratidão. Na verdade, os favores que lhe devo ultrapassam tudo o que tenho podido e poderia fazer; mas eu devo-lhe mais ainda que palavras bondosas, graças particulares, cruzes e commendas, devo-lhe a vida d'uma filha. Quero contar-lhe isto, sinto a necessidade de o fazer, porque tenho o coração opprimido por não poder proclamal-o, mas por nada n'este mundo quereria que elle viesse a sabel-o. No entanto, como posso morrer, é util, é necessario que eu o diga e o declare em alguma parte, como prova do meu reconhecimento. E em tudo quanto vou dizer-lhe não ha uma só palavra que não seja verdadeira.

«Era em 1869, durante esse terrivel inverno que viu rebentar em cima da cidade a terrivel epidemia do typho, do qual a lugubre recordação não sairá por muito tempo da memoria dos Bruxellenses. Tres de meus filhos foram atacados; todavia não m'inspiravam grandes cuidados, quando a mais nova, uma menina de quatro annos, a alegria e a felicidade da familia, o enlevo de todos, foi ferida pela molestia.

«Desde o começo, a gravidade do mal manifestou-se por symptomas assustadores. Mas como os outros doentes tinham tambem causado muitas inquietações e já iam melhor, alimentei a esperança de que succederia o mesmo com ella. Apezar d'isto, logo que o meu medico, o excellente doutor S..., me pediu para se lhe fazer uma junta, passou-me uma nuvem diante dos olhos. Debalde porem esgotamos remedios humanos, debalde as consultas se multiplicaram, debalde o meu bom doutor S..., levando a dedicação até seus ultimos limites, chegou por assim dizer a assentar-se á cabeceira da pequenina enferma, para vigiar o progresso do mal e dirigir com mais segurança o tratamento; o perigo tornou-se cada vez mais ameaçador. Repentinamente a cabeça foi atacada: a inexoravel meningite, esse mal sem remedio e sem compaixão, veio arrebatar-nos a ultima esperança. A criança mechia constantemente a cabeça, tinha os olhos em branco, não conhecia ninguem, e os dentes cerrados não permittiam que se lhe introduzissem os remedios senão á força; finalmente, esta especie de som roufenho, grito estridente que nunca mais se esquece quando se tem tido a desgraça de o ouvir, rompendo o silencio ancioso de nossas noites, mergulhava nossos corações em inexprimiveis angustias.

«Por toda a parte nós sollicitavamos orações, por toda a parte e de boa vontade nol-as promettiam; mas Deus sabe melhor que nós o que nos convem, e as orações subordinadas a sua santa vontade, pareciam dever attrair-nos antes as consolações e os balsamos de resignação que as alegrias do triumpho.

«N'esta occasião, um despacho urgente me chamou a Roma. Um sentimento de confiança, que não posso nem explicar nem exprimir, me levantou repentinamente do abatimento que me prostrava. Sem hesitar, respondi que minha filha estava a morrer, e que supplicava para ella uma

tou uma audiencia d'aquelle que considerava como seu salvador, agradecendo-lhe com transportes de gratidão o que chamava um milagre:

«É na verdade admiravel! (lhe disse Pio IX com seu fino sorriso) É admiravel que se curasse calçando uma das minhas

oração do Santo Padre, promettendo que logo que ella entrasse em convalescença, me poria a caminho. Dois dias depois,—era a uma sexta-feira—recebi a noticia de que o Santo Padre se dignava conceder-me a oração sollicitada. Logo que o doutor S... chegou, annunciei-lhe a boa noticia:

«—Melhor, me respondeu elle, só Deus agora pode salvar a pobre creança.

«—Só Deus, assim já não ha mais esperança humana?

«—Nenhuma, me respondeu elle com voz abafada.

«As lagrimas rebentaram-me violentamente dos olhos, a cabeça andou-me á roda, pareceu-me que ia cair. Um esforço me reanimou.

«No entanto, repliquei, emquanto alli ha vida, o doutor não pode dizer-me que não ha esperança... que sei eu? uma probabilidade contra cem?

«—É christão, me disse elle, deve saber aceitar a vontade de Deus. Aqui não ha uma probabilidade nem sobre cem nem sobre mil. Chegada a este gráu, a meningite é fatal e sem remedio; d'aqui a duas horas a creança está morta. Prepare M.me de Montreville para o golpe que vae feril-a, e não perca um só dos raros momentos que sua filha tem ainda para viver.

«O doutor afastou-se precipitadamente com os olhos marejados de lagrimas. Ao porteiro, que lhe saiu ao encontro para lhe pedir novas da enferma, respondeu que não havia mais nada a esperar, recommendando que o fossem chamar logo que tivesse expirado.

«Eu tinha ficado aterrado, e literalmente esmagado sob o peso do funebre diagnostico. Restavam-me, porém, imperiosos deveres a cumprir, e a lembrança do Santo Padre apparecia-me como uma estrella longinqua no meio d'um horisonte de nuvens tumultuosas; as quaes crescendo insensivelmente em meu espirito, invadindo-o, davam-me uma incomprehensivel esperança. Fui para o lado de minha esposa e communiquei-lhe da melhor forma que pude a cruel verdade.

«Ella ouviu-me com admiravel coragem. Devorando suas lagrimas, mordendo o lenço para abafar os soluços, foi procurar um crucifixo milagroso que o Santo Padre tinha benzido, por suas proprias mãos, e o qual, por isto mesmo, tinha a nossos olhos um grande valor.

«Ella foi collocal-o perto do leito da creança, tocou-a com elle, e depois, tendo ajoelhado todos, pae, mãe, filhos, mestra, governante e creadas, todos oraram. De momento a momento eu levantava-me para ir tatear o pulso da moribunda que, depois do meio dia não cessara de diminuir e estava quasi imperceptivel quando começamos as nossas orações e lhe tinhamos approximado o crucifixo.

«Cousa admiravel! pareceu-me que desde a primeira vez que lhe contei as pulsações o pulso reforçava; mas receando uma illusão, não ousei dizer nada, posto que o coração me pulasse de esperança. Por duas, por tres vezes, sempre o mesmo symptoma. Eu queria estar só para gritar, rezar as minhas orações e derramar todas as lagrimas que me abafavam n'esse momento de lucta intima, entre a certeza material da cathastrophe e a invencivel esperança da salvação.

meias durante alguns instantes, quando eu, que as trago todo o dia tanto padeço das pernas!»

Pio IX mostra-se descontente com as honras piedosas que dão a certos objectos que lhe tem pertencido, e que os peregrinos disputam e levam como reliquias. Um mancebo admit-

Passaram-se duas horas. Os olhos da mãe constantemente fixos sobre os da filha para espiar e recolher o derradeiro halito d'essa querida existencia, tinham seguido sobre este pobre rosto emagrecido e já coberto das sombras da morte, o insensivel despertar da vida. Mas ella tambem acreditava n'uma chimera, e ambos nós cada um pelo seu lado receando despertar no outro uma esperança seguida da mais cruel decepção, guardavamos silencio. De repente, ella levantou-se: «Vão chamar o medico, exclamou. As orações de Pio IX salvaram minha filha. Isto foi apenas um brado de alegria; nós continuamos a orar com mais confiança, fervor e commoção do que antes. Ninguem se tinha deitado em casa, apezar de ser uma hora da noite.

«O porteiro, que estremeceu quando o chamaram, sabendo que tinha uma mensagem de vida para transmittir em logar da noticia da morte, correu de golpe a casa do medico. Este, assombrado, veio logo, entrou precipitadamente no quarto, contemplou a creança, tomou-lhe o pulso, e voltando-se para nós, bradou:

«—Bemdito seja Deus! Só elle cura quando lhe apraz. Sua mão divina está aqui, ou em nenhuma parte. Elle acabará a sua obra. Agradeçamos-lhe.» E depois de um cantico de graças, deveis imaginar com que commoção lhe ouvimos dizer: «Vão descançar. Eu não respondo por nada, por que nada sou aqui, mas tenham esperança.» Mandei retirar todos, e quando acompanhava o bom doutor, elle, maravilhado pelo que acabava de ver, disse-me: «Para mim, o milagre é desapparecer a meningite. No entanto a prostração da menina é tal que será preciso talvez um segundo milagre para a salvar. Mas apezar d'isto, coragem e esperança.

«Oito dias depois, com o coração tranquillo e desbordando de reconhecimento e veneração, estava eu aos pés do Santo Padre, contando-lhe com lagrimas o insigne prodigio que me permittia correr a Roma. O Pontifice escutou me bondosamente e com sympathia; mas quando eu quiz agradecer-lhe, sua voz tomou um som severo, seu olhar mostrou-se irritado quando me disse: «*Gloria in excelsis Deo.* Só a Deus pertence gloria, amor, e reconhecimento pelo beneficio que lhe fez. O homem não é nada. Deus é tudo. É uma blasphemia attribuir ao homem o que pertence a Deus. Oremos.» E como a audiencia estava terminada, querendo talvez afastar de meu espirito os traços da penosa impressão que suas palavras podiam ter-me causado, proseguiu: «Disse-me ha pouco que um de seus filhos fazia hoje a sua primeira communhão. Quero dar-lhe uma lembrança para elle. Espere.»

E levantando-se foi procurar um estojo contendo um magnifico rosario, e dando-m'o, accrescentou algumas palavras cheias de uma commovedora benevolencia, despedindo-me com a sua benção.

«Ora depois de taes beneficios, não seria eu um infame se não me achasse em toda a parte onde se roga e combate por Pio IX? Não seria eu o ultimo dos homens se, emquanto que o Santo Padre soffre e é perseguido, pensasse em outra cousa que em defendel-o, e combater por sua causa?»

tido á sua audiencia, mostrou-lhe um medalhão no qual conservava alguns cabellos de Sua Santidade. Pio IX não disse nada; mas assim que chegou a noite, reuniu seus servos e declarou-lhes que, se desde esse dia commettessem a indiscrição de dar cabellos seus a alguem, elle poderia muito bem excommungal-os, ou que, pelo menos, esse facto o desgostaria muitissimo. Desde então, elle mesmo tem o cuidado de queimar os cabellos, quando é obrigado a cortal-os.

Mons. o bispo de Versailles, n'uma pastoral de novembro de 1867, escreveu estas significativas palavras que justificam o historiador de admittir na vida do santo Pontifice o elemento sobrenatural. «Ha n'esta famosa existencia, diz elle, uma multidão de factos e de acontecimentos que fazem suppôr uma especial intervenção do ceo. Quem se der ao trabalho de reflectir n'elles ficará convencido.»

Mons. Mermillod, o illustre deputado de Genebra, affirma pela sua parte, n'uma circular a seu clero, que algumas victimas voluntarias se têem immolado diante de Deus para que a Egreja triumphe e pela prolongação da vida de Pio IX. É d'este modo que elle se exprime:

«Das campinas mais humildes até ás cidades mais populosas, se eleva unanime e sobem até Deus as preces pelo illustre Pontifice. Renovam-se os factos mais heroicos da historia, e tudo o que succedeu no tempo d'Alexandre VII se reproduz ainda a nossos olhos.» A peste assolava Roma, e uma joven, pensionista da Visitação, offereceu-se a Deus para obter que o soberano Pontifice fosse poupado ao flagello.

Deus ouviu este voto; ella morreu victima da epidemia, e Alexandre VII escapou.[1]

É certo que a maior parte d'estas heroicas immolações contemporaneas não se consummaram senão em espirito; mas nem por isso foram menos meritorias. Outras foram visivelmente aceites. Tal foi, tanto quanto a sabedoria humana pode julgal-o, a do irmão Nereo, das Escolas christãs, e a de M.elle Maria Leantard, em Roma, em 1866, e a da superiora das Irmãs de

[1] Existe uma carta admiravel da Madre Changy a este respeito.

S. José, de Bordeaux, em 1873. Citamos ainda do sr. marquez de Anatole de Segur:

«Foi Mons. Bastide quem me apresentou M.elle Amelia Leantard, essa santa menina de Marseille, providencia dos pobres, dos prisioneiros e dos soldados, e a quem esses pobres soldados enfermos deveram o grande beneficio do estabelecimento das irmãs de caridade nos hospitaes de Marseille, recebendo do reconhecimento do Imperador, com a cruz da Legião d'honra, que lhe foi dada e ella nunca usou, o incrivel privilegio de pedir e obter o perdão de todos os condemnados, garantindo ella seu arrependimento.

«Esta admiravel christã, indo a Roma para orar sobre o tumulo dos Apostolos e receber a benção do Papa, ahi foi retida por uma attracção superior e divina, resolvendo acabar ali a sua vida.

«Em Roma foi ella a mãe dos Zuavos pontificios, assim como tinha sido dos soldados francezes em Marseille. Em 1866, sentindo enfraquecer suas forças e não sabendo mais como havia de servir a Deus, teve a inspiração de coroar sua vida por um supremo e heroico sacrificio. Pio IX achava-se gravemente doente, e esta augusta e preciosa saude dava grandes inquietações ao orbe catholico. M.elle Leantard resolveu offerecer-se como victima a Deus substituindo o seu vigario. Receiando, porém, que isto fosse um acto de vaidade, quiz primeiro obter auctorisação do proprio Papa.

«Quando ella expoz sua sublime aspiração, Pio IX ficou algum tempo immovel e silencioso, emquanto que a santa rapariga, com as mãos juntas e o olhar fixo n'elle, esperava a sua resposta. Finalmente, como se o Papa obedecesse a uma voz que lhe tivesse fallado em segredo, pousou a mão sobre a cabeça da heroica christã, e disse-lhe com um ar solemne:

«Ide, minha filha, e fazei o que o espirito de Deus vos suggeriu.» Depois abençoou-a commovido, e ella deixou-o com o coração a trasbordar de alegria.

«Na manhã seguinte, que era um domingo, M.elle Leantard assistiu, segundo seu costume, á primeira missa em S. Pedro. Recebeu a sagrada communhão, e quando recebeu dentro de seu

coração a victima sacrosanta do amor, offereceu sua vida pelo Papa Áquelle que tinha offerecido a sua pelo genero humano. Apenas acabava de fazer este voto, quando, tomada d'uma dôr subita e terrivel, caiu por terra dando um grito. Rodearam-na, e conduziram-na a sua casa. Sacerdotes e religiosas que a conheciam e se achavam perto d'ella na Egreja, acompanharam-na até á sua morada—strada Ripresa dei Barberi.

«Chamou-se o medico e este declarou que a sua sciencia era infructifera contra aquella estranha enfermidade. Todo o dia e nos dias seguintes, a enferma não cessou de soffrer dores tão crueis que não podia nem fallar, nem agradecer áquelles que a tratavam, senão com um sorriso ou com um movimento de mãos. Na quarta feira, 19 de dezembro, socegou um pouco, as dores cessaram, e ella pediu e recebeu os derradeiros sacramentos com uma devoção e alegria angelica. Acabando de dar as suas graças ao ceo, despediu-se de suas amigas, e respondeu ella mesmo ás orações dos agonisantes com uma piedade que commoveu todas as almas. Quando chegou a estas supremas palavras: «Parti, alma christã, em nome do Padre que vos criou, em nome do Filho que vos resgatou, em nome do Santissimo Espirito que vos santificou,» ella baixou a cabeça e morreu. A noticia d'esta miraculosa morte foi logo levada ao Vaticano. Pio IX ouviu-a sem mostrar a menor surpreza; mas levantando os olhos ao ceo, murmurou com voż magoada: «*Cosi tosto accettato!* logo aceitado! [1]»

Apezar d'isto repetimos ainda uma vez que a apreciação de factos d'esta ordem nos não pertence; mas sim á Egreja. O nosso seculo é um seculo de milagres, similhantes aos primeiros seculos da Egreja, o que prova, ah! que é um seculo para converter. Tem-se presenciado, em Lourdes e outras partes, factos numerosos cujo caracter sobrenatural é indiscutivel. Deus nos guarde, porém, de affirmar como taes, segundo o nosso juizo secreto, milagres aos quaes a auctoridade competente poderia recusar esse nome! Deus nos guarde d'affligir o santo

[1] *Um inverno em Roma*, pag. 316.

ancião do Vaticano e de ferir sua humildade, se algum dia este livro chegasse a suas mãos! [1]

Mas quanto mais o amor filial se promptifica a dedicar-se pela salvação do Pae commum dos fieis, tanto mais o odio se dispõe a apressar o fim d'esse Pontificado tão terrivel para os erros da època. O odio, apressa-o pelo menos, com todos os seus desejos. Pio IX dizia um dia a um visitante, rindo da melhor vontade e alegremente: «É verdade, meu filho, sim, passo bem, e afóra alguns ligeiros incommodos, gozo saude: não se é octogenario impunemente. No entanto devo confessar-lhe que, hontem á noite, lendo a *Liberté*, jornal do actual governo romano, soube a meu respeito noticias muito importantes e inquietadoras.... Eu não o sabia; mas esses senhores é que sabem que eu estou muito doente, que os medicos estão muito afflictos, que soffri hontem um terrivel desmaio, por espaço de duas horas, que tudo no Vaticano está aterrado, que os jesuitas, esses astutos jesuitas, tem conseguido esconder minha enfermidade até esse dia, intrigando já a respeito da escolha do meu successor. Por

[1] Entretanto, narraremos um facto d'esse genero, e será o ultimo. Sente-se a alma enternecida lendo a seguinte carta datada de Paris a 29 de janeiro de 1867 e assignada pela Superiora das Irmãs encarceradas:

«É necessario que lhe participe as formosas boas-festas que o Senhor me deu este anno. Na vespera de natal, Deus arrebatou-me dentro de tres horas uma das minhas filhas. Vou fazer-lhe a narração d'esse facto, porque julgo que ha de interessar-lhe muito.

«Uma joven professa chamada irmã N... acabava de terminar seus votos provisorios e estava para ser admittida á profissão perpetua. Nos primeiros dias de dezembro, disse-me ella: «Minha mãe, está constante-«mente a dizer-me que rogue pela santa Egreja! Eu como não sei mais «o que hei de fazer, tenho pensado em offerecer-me em holocausto e dar a «vida pela conversão dos grandes peccadores, e pela santa Egreja.» Eu respondi-lhe «E se Deus a ouvisse?—Dar-me-hia por feliz, redarguiu ella. «Seria uma prova de que fôra acceito o meu sacrificio; sómente se fôr an-«tes dos meus votos, não me deixe morrer sem os fazer.» Tomei estas palavras por um excesso de zelo, não lhe ligando a menor importancia. Na vespera da sua morte, disse me ella: «Minha Mãe, tenho uma dôr na face «que me incommoda muito.» Redargui contrariando-a: «Para ser victima é necessario soffrer...» Na noite d'esse mesmo dia ella voltou a dizer-me que a dôr da face lhe tinha passado para o estomago, e que não podia demorar-se mais na egreja. Mandei-a deitar. No dia seguinte, sabbado, mandei chamar o medico, e este não deu importancia alguma ao incommodo, classificando-o de excesso de bilis. O domingo não foi peior nem melhor. Pela tarde, vendo que os remedios produziam o effeito contrario ao que se esperava, fiquei um pouco inquieta. Ás cinco horas man-

pouco que a *Liberté* diga a verdade, verá que eu mesmo assistirei, comendo e bebendo bem, á eleição e intronisação d'esse successor... E eu, que não sabia de nada!... Perdão, eu sei uma cousa: e é que d'esses desgraçados excomungados parte para a eternidade todos os dias algum; e eu, eu fico!»

D'outra vez dizia elle a um fidalgo anglo-romano: «Ha vinte annos que eu leio todas as semanas, e muitas vezes durante a semana, que o ancião do Vaticano está agonisante, e que vae morrer, que está morto. Eu estou nas mãos de Deus: *In manus tuas, Domine!*... Venha a minha hora, e eu a abençoarei.

«Alem de que, se leio presentemente certas gazetas, meu caro filho, e não encontro novas da minha ultima enfermidade, e de meu proximo fim, parece-me já que elles esqueceram alguma cousa.»

Em junho de 1872, proximo ao vigessimo sexto anno de seu Pontificado, uma menina do collegio do Espirito Santo re-

dei-a conduzir para a enfermaria: não tinha febre; o pulso estava regular. Mandei de novo chamar o medico. Ás oito horas disse-me ella: «Minha mãe, apalpe-me o rosto, está gelado; e apesar d'isto eu sinto-me interiormente a arder. Lembrei-me de ver-lhe a lingua; achei-lh'a gelada. Assustei-me. Sem esperar a decisão do medico, fui procurar o padre D..., era tempo: cinco minutos mais e nada conseguiriamos. A doente confessou-se, recebeu o Sagrado Viatico, a Extrema Unção, todas as indulgencias, pronunciou seus votos, renovou muitas vezes seu sacrificio. Depois d'isto, recostou-se como um guerreiro ás almofadas, levantou os olhos ao ceo, escorregou depois sobre o travesseiro, e ao cabo de tres minutos d'uma suave agonia, expediu seu derradeiro suspiro com a serenidade e o sorriso d'um anjo sobre os labios. O padre orava interiormente e pedia ao Senhor que o côro das virgens viesse buscal-a á terra; e nossa Irmã expirava no mesmo momento em que elle dirigia ao ceo este pedido. O medico, que estava presente, declarou que a molestia era uma peritonite por perfuração, doença irremediavel.

Este bom doutor ainda não pode exprimir as commoções que sentiu junto de nossa querida defunta. Não sabendo cousa alguma, dizia comsigo mesmo: «Ha aqui uma cousa inexplicavel, e que não posso definir!» Depois foi com a maior satisfação que elle soube os pormenores acima ditos; respondendo: «Nem por mil francos eu quereria ter assistido aos ultimos momentos d'esta pobre alma que está no ceo.»

Por causa das festas conservamos seu corpo insepulto tres dias. Em logar de se decompor, seu rosto tinha um reflexo celestial que mostrava claramente a felicidade de sua alma. De forma que não nos foi mais possivel orar por sua alma, e ao padre succedeu o mesmo.»

citou-lhe um comprimento rimado, no qual lhe desejava a vida de Mathusalem. Esta recordação biblica fez sorrir o veneravel ancião, o qual voltando-se para aquelles que o rodeiavam, disse baixinho: «Espero bem que não!»

O voto d'esta criança era na verdade mais poetico que realisavel, mas exprimia um facto já ligado á historia, e é que Pio IX tem sido até aqui um Mathusalem do papado. Pio IX ultrapassou os vinte e cinco annos do Pontificado de S. Pedro, em Roma; possa elle accrescentar a estes os nove annos do Pontificado de Jerusalem e de Antiochia e passal-os ainda! Vive-se muito tempo na robusta familia dos Mastai.

O avô de Pio IX morreu de noventa e tres annos; seu pae de oitenta e tres; sua mãe de oitenta e oito; seu irmão mais velho, o conde Gabriel, de noventa. Elle mesmo, como seu patrono S. João, dir-se-hia esquecido sobre a terra «até que chegue o Senhor.» A morte passa a seu lado sem lhe tocar, e deixa que seus dias se prolonguem mais que os dos outros apostolos. Quantas pessoas que d'ante-mão contavam com seu fallecimento, o precederam no tumulo! Elle viu a morte de Cavour e Mazzini, Napoleão III e Ratazzi, Lavalette e Bixio, Persigny e Thonvenel, todos mais novos, sem exceptuar esse infeliz general Prim que sonhou um dia fazer saltar pelos ares S. Pedro e o Vaticano. Elevado ao soberano Pontificado nos umbraes da velhice, elle viu subir a seus thronos todos os actuaes soberanos da Europa, exceptuando a rainha de Inglaterra, e pode viver ainda bastante para ver descer mais de um. É possivel que elle ainda esteja em Roma quando Victor Manuel já não estiver nem em Roma nem em Turin, quando Berlim tiver visto acabar Guilherme I, e S. Petersbourg Alexandre II. Deus fará o derradeiro milagre, permittindo que este ancião ainda cheio de vida possa orar sobre o sepulchro de todos os seus inimigos.

CAPITULO XXIV

Situação do mundo em frente de Pio IX
Allemanha—Italia

Quando a Revolução combatia o poder temporal, pretendia supprimil-o no interesse do espiritual; mas Pio IX e os catholicos sabiam antecipadamente o que deviam pensar d'esse embuste; de forma que não ficaram arrependidos vendo a momentanea queda da independencia territorial da Santa-Sé coincidir com o geral desenvolvimento da perseguição contra a independencia das almas christãs.

Senhoreada da situação, a Revolução levou a impudencia até lançar mão do pretexto da propria suppressão do temporal para supprimir tambem, tanto quanto lhe foi possivel, as antigas relações dos estados christãos com a Santa-Sé. Como o Papa já não era rei, para que havia de conservar a seu lado embaixadores, e por que razão haviam de acceitar os seus? E afferrados a este bello raciocinio, no qual fingiam não reconhecer no Papa senão um chefe do pequeno estado romano, a maioria protestante do conselho federal suisso mandou intimar a Mons. Agnozzi, delegado da Santa-Sé em Berne, que sahisse do territorio da confederação. O imperio da Allemanha logo que isto soube tratou immediatamente de imitar a Suissa, a qual secreamente tinha incitado para tomar a iniciativa. O principe de

Bismark nomeou para a embaixada do Vaticano um homem que sabia não podia ser acceito, o cardeal de Hohenlohe, o unico dos membros do sagrado Collegio que deixou de cumprir seus deveres junto do augusto captivo de Victor Manuel. Pio IX manifestou o desgosto que lhe causava similhante escolha, e Bismarck replicou que não enviaria outra pessoa, suspendendo todas as relações diplomaticas do novo imperio com a Santa Sé, até que mais tarde as aboliu completamente.

A Prussia pode-se dizer que é uma nação de *parvenus*. Procedente não só da força brutal, como todas as potencias conquistadoras, mas de um despreso systematico dos tratados, é essencialmente revolucionaria. Apenas se pode citar em sua historia, uma unica acquisição legal. É pela traição que ella se tem engrandecido, desde a expoliação da Siberia até á annexação do Honover e das Hesses; desde a partilha da Polonia até á confiscação da independencia da Allemanha do sul. A Prussia nunca desmentiu as tradições de seu verdadeiro fundador, esse Frederico II que quiz ser enterrado no meio de um bosque, entre dois cães.

Mas, depois que a victoria, graças á complicidade dos liberaes de toda a Europa e do proprio Napoleão III, transformou em imperio esse reino nascido hontem, a Revolução imaginou que esta formidavel noticia era a mais poderosa alavanca que podia encontrar para a demolição religiosa.

Aos serviços prestados accresceram duas circumstancias que acabaram de submetter a Prussia á Revolução. Foram estas de uma parte a educação pietista e os odios instinctivos do novo imperador Guilherme I contra o catholicismo; do outro, o orgulho ferido de um ministro sceptico e brutal, o qual, antes de ter encontrado no seu caminho as consciencias catholicas, não acreditava na força moral.

As lições do passado não instruem os conquistadores. Bismarck embriagado, desvairado com seus successivos triumphos sobre duas grandes potencias, relembra a historia de Napoleão I, o qual, pelo menos, tinha para seu orgulho a desculpa de os ter vencido a todos. Bismarck opprime a sua nação e as outras. Impelle, excita a Suissa, a Italia e os governos dispos-

tos a suprimir, assim como elle, a liberdade das consciencias catholicas; elle corrige os outros, atormenta-os e humilha-os. Triste, mas consolador espectaculo para aquelles seus inimigos que sabem reflectir. Como homens, não podemos na verdade regosijarm'o-nos de ver ultrajar a liberdade e a dignidade humana; como christãos, é-nos prohibido desejar o mal ainda que d'ahi resulte o bem; mas como francezes não podemos deixar, em presença de seus excessos, de estremecer com ineffavel esperança.[1]

Pio IX explicou um dia d'este modo, n'uma audiencia do Vaticano,[2] quão pouco se devia contar com as sympathias ou antipathias nacionaes creadas pela revolução:

«Vou dizer-vos ainda uma palavra, antes de vos abençoar. Nos primeiros annos de meu pontificado, antes de deixar Roma sob o jugo da Revolução, havia ali um homem, que já hoje está morto, e era então e sabia ser ministro entre os muitos que lhe succederam. Elle tambem era revolucionario, mas um revolucionario pacifico, e não d'aquelles que usam punhal e revolver. E dizia-me elle com grande convicção: «Expulsos os allemães, Santo Padre (e accrescentava á palavra allemão um epitheto desgracioso) nós não exigimos mais nada. Quando nos virmos livres d'esse jugo odioso, o que queremos é continuar a ser vossos fieis vassallos, e que tenham cuidado todos aquelles que se lembrarem de atacar a santidade da religião de Jesus Christo. D'esta religião seremos nós sempre os defensores, collocando-nos ás vossas ordens para sustentar esta sagrada doutrina em toda a sua integridade.

«Pois bem; tendes presenciado o que succedeu. Um pegão

[1] «Quando, em 1870, prisioneiros, morrendo de fome, caminhavamos para a Allemanha, com os pés magoados e o coração sangrando, encontramos os soldados allemães da reserva. Estes levavam escriptas no capacete, estas palavras, muito verdadeiras n'essa época: *Deus está comnosco!* E nós baixámos a cabeça, porque a divisa não mentia, não.

«Hoje, em seu orgulho, esses mesmos soldados affrontam a mais alto que á humanidade.

«Elles dão-nos um terrivel alliado, ousando provocal-o e obrigando-o a passar para o nosso lado; por que nós aqui supplicamos, e lá, insultamno: este alliado é Deus!» (Paulo de Cassagnac, a proposito da suspensão do jornal *l'Univers*, exigida por M. de Bismarck em janeiro de 1874.)

[2] 13 de junho de 1873.

de vento arrebatou e varreu todas estas promessas que tem juncado a terra. Tendes visto como se tem portado estes homens, logo que os allemães foram expulsos. Tendes visto que união, que concordia, que paz! Tendes visto as provincias ganhas por aquelle que as tinha perdido! Tendes ouvido em seguida os elogios que se tem feito aos allemães. A Allemanha que ha vinte e quatro annos era um inimigo tão perfido, tornou-se hoje um objecto de veneração. Oh! o mundo, como elle é preverso! O laço que hoje liga certas nações *é o odio contra o Senhor, e contra o Christo.*»

Por muito tempo não pôde Pio IX acreditar na hostilidade systematica da Prussia; e duvidava ainda em 1870, no momento em que se davam as preversas manobras do embaixador prussiano, M. Arnim. O proprio Guilherme I não tinha previsto que chegado ao fastigio de suas ambições se tornaria o perseguidor da Egreja. Elle não o tinha desejado, mas como se elevara pela Revolução, tinha necessidade d'ella para se sustentar, obedecendo áquelles que, mais que suas armas, lhe tinham preparado o imperio: eram estes os judeus, as sociedades secretas, e os incredulos que foram seus agentes e seus dissipadores. Da mesma forma, Victor Manuel, desde o dia em que se julgou poderoso, mostrou que era escravo da Revolução, escravo até se dedicar manifestamente a seu favor contra seus proprios interesses; e até a desagregar por suas proprias mãos esse edificio da unidade germanica apenas cimentado com tanto sangue, e que tanta necessidade tinha de paz e de união interior para se consolidar.

Deve-se, porém, accrescentar como desculpa que o seu erro não recahiu unicamente sobre elle. Protestante assim como seu ministro, pensou que devia conformar-se, no tocante ao catholicismo, aos catholicos reacionalistas da côrte de Munich, ao presidente Dollinger, á familia de Holenlohe, á côrte do rei Luiz II. Esta parcialidade bavara de forma alguma o enganou em politica; entregou-lhe a Baviera, e toda a Allemanha do sul: mas a respeito de religião, illudiu-o, ou antes illudiu-se a si propria.

O doutor Schulte, um dos theologos que tinham tomado o

nome de velhos catholicos, escrevia: Que se suspendam os 20:000 florins áquelle, os 12:000 thaleres a este, que se suprimam os emolumentos dos bispados e dos cabidos, e ver-se-ha o effeito que isto deve produzir. O clero inferior dará gritos de alegria. Depois de 18 de julho de 1870, não ha nem crenças em Christo, nem convicções nos que usam mitras e tonsuras.

O doutor Dollinger lisonjeava-se de poder pelo seu lado destruir a unidade catholica e reedifical-a sobre novas bases, pondo de parte Roma, e fazendo ali entrar todos os hereticos e scismaticos. E finalmente o doutor Reinkens, cuja seita fez depois época, contava absolutamente com a deserção do baixo clero e com centenares de milhões de fieis, revoltados, dizia elle, por causa da proclamação da infallibilidade do Papa.

Baseado n'estes alicerces, o principe de Bismarck imaginou que podia substituir a seita dos velhos catholicos pela dos catholicos sem epitheto, entregando-lhes as abbadias e os proventos ecclesiasticos, creando d'este modo uma Egreja de Estado, na qual um dia se fundaria o protestantismo official prussiano, consummando por fim a unidade allemã até nas consciencias, sob a supremacia do Deus-Estado, idolo a que a moderna Allemanha protestante sacrifica a authoridade divina e a liberdade humana.

Não tardou, porém, muito tempo que não conhecesse que o baixo clero tinha sido calumniado, que o numero dos padres velhos catholicos, que no começo era de trinta, não augmentava, e que as centenas de milhares de fieis do falso bispo Reinkens, se reduziam talvez a vinte ou trinta mil, espalhados e não offerecendo em nenhuma parte um centro expeditivo e sufficiente,[1] e que a multidão dos catholicos se acercava cada vez mais de

[1] Eram dezesete mil, segundo um recenceamento feito em janeiro de 1876, e que temos razões para julgar exacto. Em Boun, cidade que elles contavam conquistar, ou pelo menos a maior parte, por que M. de Reinkens a tinha escolhido para sua séde episcopal, não acharam senão cento e trinta e seis, isto n'uma população de vinte e cinco mil catholicos.

De resto não conseguiram nenhumas adherencias. O elemento radical prevaleceu no primeiro synodo, e elles não poderam entender-se, nem a respeito do celibato ecclesiastico, nem sobre muitos outros pontos.

seus bispos, dos quaes nenhum se mostrava enfraquecido. As eleições bavaras em que a minoria catholica se transformou em maioria, depois as eleições prussianas de 1874, onde o partido catholico chamado a fracção do centro, voltou reforçado com vinte e cinco a quarenta votos [1] acabaram de desilludir o poderoso chanceller. Era porém muito tarde para retroceder, o orgulho não lhe premittia que reconsiderasse. [2]

M. de Bismark coloriu com o nome de *Kulturkampf* (lucta civilisadora) a guerra que declarou á Egreja, mãe de toda a civilisação, e á liberdade da consciencia. As diversas leis perseguidoras promulgadas por elle são geralmente chamadas as leis de Maio, por serem quasi todas forjadas n'esse mez; posto que em diversos annos.

Essas leis começaram por expulsar, sem julgamento e privando-os de seus direitos de cidadãos aos jesuitas e outras ordens religiosas que se diziam filiadas áquella ordem. Em seguida, em virtude d'essas leis foram supprimidos todos os seminarios ecclesiasticos debaixo do pretexto de obrigar os aspi-

[1] Segundo o que se deprehende, a deputação da Alsace-Lorraine era catholica dedicada, mas ordinariamente abstinha-se de presidir.

[2] M. Manning, um dos raros prelados que podem fallar de M. de Bismarck sem receio de attrahir a colera do ministro sobre a sua patria, disse em Londres, n'um meeting de 16 de julho de 1872:

«Confesso ter desejado ardentemente a união allemã, para que os muitos catholicos dispersos em tão pequeno espaço podessem ouvir-se e fazer-se ouvir, mas o que se não previra era essa alucinação do principe de Bismarck, minando elle proprio os alicerces do edificio que apenas acabava de concluir, e trabalhando contentissimo para alienar todas as sympathias de seus annexos... Esta alucinação está todavia explicada para mim, quando me lembra do que presenciei em Roma, duranle os oito mezes que lá passei no anno do concilio. Faziam-se os preparativos para o scisma ás claras; e o foco d'estes trabalhos era uma cidade allemã, era Munich. Depois de ter ingenuamente confessado que em sua qualidade de protestante nada entendia das subtilezas theologicas, Bismarck foi pedir a Munich que lhes demarcassem o caminho que devia seguir. O rei e seus conselheiros, fautores de Dollinger, excitaram-no contra os jesuitas e contra o Papa. Melhor avisado em politica que em theologia, Bismarck pensou o que devia a respeito da influencia dos jesuitas, ficou porem convencido de que existia grande irritação na Allemanha catholica contra o Papa, e naturalmente tratou de explorar este facto para unir religiosamente o imperio, já unido politicamente...»

Como se vê, as nossas apreciações a respeito da politica religiosa de M. de Bismarck concordam perfeitamente com as do cardeal de Westminster.

rantes ao sacerdocio a compenetrarem-se mais intimamente nas escolas seculares, do espirito e das necessidades da sociedade actual. Ellas aboliram tambem os artigos 15.º, 16.º, e 18.º da Constituição prussiana, os quaes garantiam a autonomia dos differentes cultos, deram ao Estado a attribuição de nomear para os cargos ecclesiasticos, e chegarem até a prohibir aos bispos o direito de declarar o nome dos apostatas excluidos da communhão catholica. Em seguida supprimiram tambem os emolumentos e as rendas que o Estado pagava até ali ás dioceses e ás parochias, posto que esses rendimentos não fossem generosidade do governo, mas simplesmente como na França e na Belgica a restituição de uma parte da divida do Estado á Egreja. Ficou sómente estipulado que os membros do clero que declarassem que se submettiam, entrariam immediatamente no goso de seus antigos privilegios e rendas. Prohibiram-se ao mesmo tempo todos os peditorios e subscripções, publicas e secretas, para as necessidades do culto e sustentação do clero, encarregando a commissões seculares electivas a administração dos bens ecclesiasticos. Finalmente foram supprimidas todas as ordens religiosas, tanto masculinas como femininas, exceptuando, provisoriamente, as que tinham a seu cargo tratar os enfermos.

Com grande assombro de M. de Bismark, o clero allemão preferiu a pobreza, a prisão e o desterro a abandonar os direitos inalienaveis da consciencia. Os bispos prussianos assignaram a 26 de maio de 1873, uma declaração collectiva na qual exprimiam o pesar de não poderem obedecer. Diziam elles: «A Egreja não pode reconhecer o principe do Estado pagão junto do qual as leis do Estado seriam a origem de todo o direito, de forma que a Egreja não possuiria senão os direitos que o Estado lhe concedesse: a Egreja não pode renegar a divindade de sua propria origem, sem tornar o christianismo dependente da arbitrariedade dos homens.» Todavia elles authorisavam os fieis a tomar parte nas eleições dos novos administradores seculares dos bens das egrejas, em razão de se não tratar senão de uma questão puramente temporal; de maneira que os resultados frustraram todos os planos de M. de Bismark, o qual tinha contado que os catholicos, abstendo-se da lucta, fi-

cariam em tal minoria de votos, tão insignificantes que lhe deixaria dispor á vontade das egrejas e das abbadias.

Então os bispos foram carregados de multas por cada um dos actos de seu cargo espiritual. Quando elles não tiveram mais com que pagar, venderam suas mobilias ao desbarato, foram lançados nas masmorras, onde se acharam confundidos com os scelerados, condemnados aos mesmos trabalhos, e designados assim como os malfeitores, por numeros. Mostrando-se os bispos constantes e inquebrantaveis, imaginou-se em Berlim uma especie de tribunal ecclesiastico o qual se arrogou o poder de os demittir de suas dioceses, e effectivamente tentou demittir o arcebispo de Pozen, o bispo de Paderborn, o principe, bispo de Breslau, e outros muitos.

As prisões allemãs encheram-se de padres, cujo unico crime era simplesmente preferirem antes obedecer a Deus do que aos homens; as estradas cobriram-se de ecclesiasticos expulsos, que iam deportados, e de religiosos e religiosas expatriados. As populações lagrimosas acompanhavam-os entoando o *Miserere* ou o cantico: *Vir sind im waren Christenthum,—nós estamos com o verdadeiro Christianismo*, até ás estações do caminho de ferro, e os soldados prussianos, algumas vezes só dois ou tres, admiravam-se de poder conduzir tão facilmente homens, que milhares, e muitas vezes dezenas de milhares de outros, pela maior parte antigos militares acompanhavam pesarosos, e fazendo votos pela sua prosperidade.

Mas logo que a prisão soltava essas veneraveis victimas, depois de expirado integralmente o prazo de seu castigo, não era possivel moderar ou conter os transportes de alegria dos fieis. De maneira que em Munster, na volta do bispo Mons. Warendorf, os habitantes não attenderam á prohibição que lhes fazia o burgomestre, o qual por ordem do governo tinha annunciado, que faria reprimir pela fôrça toda a manifestação publica e exterior. Toda a população correu em massa á porta de S. Mauricio, por onde devia chegar o ex-prisioneiro. O conde Droste-Erbdroste foi recebel-o em uma magnifica carruagem atrellada com quatro cavallos e seguida de outras quatro carruagens conduzidas por lacaios com grande libré. Immensa multidão jun-

cava de flores o local por onde o bispo passava, e as acclamações seguiram-no até á sua residencia, onde o esperavam as primeiras familias da cidade; e finalmente á noite toda a cidade appareceu illuminada, menos os monumentos publicos.

Os habitantes de Posen preparavam a mesma recepção triumphal ao cardeal Ledochowski, seu arcebispo, quando elle saiu em fevereiro de 1876, da fortaleza de Ostrowo, onde tinha passado dois annos; mas arrebatado de noite, foi transportado para fora de sua diocese, cuja entrada lhe foi desde então interdicta. Ali deixava elle dois bispos seus suffraganeos, Mons. Janiszewski e Mons Cybichowski, encarcerados ambos na prisão de Gnesen; um por ter administrado, sem especial auctorisação do governo, o sagrado sacramento da confirmação; outro por ter consagrado os santos oleos na quinta feira santa de 1875; actos evidentemente sediciosos, e attentatorios contra os direitos do Estado.

Todas as almas catholicas do universo, ou para melhor dizer todas as almas livres, acompanhavam o clero e os fieis da Allemanha nas suas aspirações; mas a maior parte d'ellas não podia exprimir suas simpathias senão diante de Deus, e o irascivel e omnipotente chanceller procurou instantemente motivo para a guerra contra a França em algumas allusões, todavia muito inoffensivas, escapadas a dois bispos francezes. Os bispos americanos e inglezes são os unicos que poderam fallar claramente. Atravez das vagas protectoras da liberdade de sua palavra, enviaram a seus irmãos perseguidos no continente, tanto na Suissa como na Allemanha, felicitações e confortos. Eis-aqui uma d'essas cartas verdadeiramente apostolicas:

«*Ao Reverendissimo arcebispo de Cologne, primaz da Allemanha, o cardeal arcebispo de Westminster, e os bispos de Inglaterra.*

«Paz e saude no Senhor.

«Monsenhor e carissimo irmão, confessor da egreja de Jesus Christo.

«Nós vos saudamos com o maior affecto assim como aos outros bispos vossos irmãos que gemem nos carceres por ter de-

fendido a auctoridade e a liberdade da Egreja. De todo o coração nos congratulamos e unimos a vós, e por vosso intermedio aos outros perseguidos.

«Lemos e approvamos com grande satisfação a carta que dirigistes ao governo imperial para combater os sophismas imaginados contra a dignidade do Concilio e de todo o episcopado, e o que ahi notamos de mais admiravel é, o nobre protesto com o qual reivindicais para o sagrado Collegio dos cardeaes, a plena liberdade de poder eleger o successor de S. Pedro, attendendo a que o exercicio d'esse direito para os cardeaes deve ser livre de todo o constrangimento, por menor que seja.

«E por esta rasão, carissimo irmão e senhor, considerando que vossa admiravel carta é de grandissima utilidade para a Egreja e para a instrucção e edificação dos fieis, nós, os bispos de Inglaterra, deliberamos que esta carta seja communicada ao nosso clero, e para que chegue ao conhecimento do povo se faça a sua leitura na missa conventual. De forma que, e segundo nosso ardente desejo, esta carta chegará ao conhecimento de todos os fieis e infieis que vivem em Inglaterra e em outros paizes, demonstrando que d'esta forma estamos comvosco, como irmãos que somos, ligados de coração tanto em palavras como por obras.

«E finalmente, não sabendo de que forma poderiamos enviar com segurança nossa saudação fraternal aos outros bispos da Allemanha, vos rogamos Reverendissimo Senhor, vos digneis com vossa benevolencia affavel e fraternal, tomar as medidas necessarias para que esta carta seja communicada aos outros bispos vossos irmãos.»

Esta carta foi transcripta por todas as gazetas: M. de Bismarck devia lendo-a tremer de raiva; mas a verdade é que M. de Bismark, tão melindroso quando se trata dos bispos belgas ou francezes, possue felizmente noções de geographia e estatistica naval que d'esta vez o fizeram immudecer.

Pio IX não podia acreditar que tudo isto se fizesse por consenso do imperador Guilherme I. Decidiu-se, portanto, a escrever-lhe pessoalmente.

Do Vaticano, a 7 de agosto de 1873.

«Sire, todas as medidas que o governo de Vossa Magestade tem tomado ha algum tempo, tem por fim e cada vez mais destruir o catholicismo. Quando pergunto a mim mesmo quaes podem ser as causas d'este procedimento, não encontro uma só. Por outro lado, dizem-me que Vossa Magestade não approva o comportamento de seu governo e censura o rigor das medidas tomadas contra a religião catholica. Mas, se é verdade que Vossa Magestade as não approva (as cartas que Vossa Magestade antigamente me dirigiu parecem provar exuberantemente que não auctorisa o que actualmente se está passando) se, repito, Vossa Magestade não approva que seu governo continue a augmentar cada vez mais as rigorosas medidas tomadas por elle contra a religião de Jesus Christo, e a prejudicar por isso mesmo e tão gravemente esta religião, Vossa Magestade não chegará pois a convencer-se que estes rigores não produzem outro resultado, senão abalar seu proprio throno? Eu fallo sinceramente por que a minha bandeira é a verdade. Fallo para cumprir com um dos meus deveres, o qual consiste em dizer a verdade a todos, e mesmo áquelles que não são catholicos; por que todos aquelles que receberam o baptismo pertencem ao Papa, em qualquer ponto de vista que se colloquem, ou de qualquer modo que seja, sem que seja preciso explicar-me mais a tal respeito. Estou persuadido que Vossa Magestade acceitará minhas observações com sua costumada bondade, e tomará as necessarias medidas nas actuaes circumstancias. Rogo a Vossa Magestade que acceite os votos da minha dedicação e do meu respeito, e supplico a Deus me abrace e a Vossa Magestade com igual compaixão.

Pio P. P. IX.»

Pio IX usou sempre a delicadesa de não communicar ao publico as cartas que dirigia aos diversos soberanos, assim como as respostas que recebia. O documento acima transcripto foi publicado pelo *Journal Officiel* de Berlin.

Na sua resposta, datada de 5 de setembro, Guilherme I mos-

trou-se apenas delicado. Queixou-se d'uma grande parte de seus vassallos catholicos que, dizia elle, «tinham organisado um partido politico, procurando perturbar a paz religiosa.» E accrescentava á asserção do Santo Padre, que, «qualquer que recebesse o baptismo pertencia á jurisdicção espiritual do Papa, não podia ser admittida pela lei evangelica, que elle Guilherme professava; não concebendo nas relações com Deus outro intermediario senão Jesus Christo.» Emfim esta resposta parece que era por um lado dictada por M. de Bismarck, e por outro por um ministro protestante, e a intervenção de Pio IX não teve resultado.

Parece mesmo que Guilherme I folgou em accentuar a dureza de sua recusa pela publicidade que deu pouco tempo depois a uma carta de parabens dirigida por elle ao novo bispo dos Velhos catholicos, na qual exprimia publicamente a sua benevolencia e satisfação, attendendo a que o tinha sempre encontrado «cheio de deferencias para com o Estado, e submisso a seus direitos.»

N'uma outra carta que egualmente mandou publicar, Guilherme I não receou invocar a recordação dos antigos imperadores da Allemanha, inimigos irreconciliaveis da supremacia religiosa dos Papas, declarando que proseguia na obra dos Frederico, Barbaroixa e Henrique IV. «E nós não iremos nunca a Cauossa!» accrescentou M. de Bismarck em fórma de commentario, completando a allusão em pleno Parlamento. Era isto o mesmo que desafiar a Providencia, e esquecer que tambem se pode ir a Santa Helena.

Pio IX julgou que era de seu dever não deixar ficar isto sem resposta, o que fez n'uma Encyclica dirigida ao episcopado prussiano. Este documento deve ser transcripto na integra:

«*A nossos veneraveis irmãos os arcebispos e bispos da Prussia*

PIO IX, PAPA

«Veneraveis irmãos, saude e benção apostolica.

«O que nunca teriamos julgado possivel, lembrando-nos dos

tratados feitos entre esta Sé apostolica e o governo prussiano no vigessimo primeiro anno d'este seculo, para o bem e salvação da causa catholica, está-se actualmente realisando da maneira mais lamentavel no vosso paiz. Ao socego e á tranquillidade que gozava a Egreja de Deus na vossa nação, succedeu uma gravissima e inesperada tempestade. Ás leis recentemente publicadas contra os direitos da Egreja, leis que já tem ferido tantos fieis e conscienciosos servidores, não só entre o clero, mas tambem entre o povo, accresceram outras ainda que destroem completamente a divina instituição da Egreja e aniquillam os sagrados direitos dos bispos.

«Porque, essas leis conferem a juizes seculares o poder de despojar os bispos e outros chefes ecclesiasticos de suas dignidades e de suas jurisdicções episcopaes.

«Estas mesmas tem suscitado numerosos obstaculos para aquelles que são chamados a exercer a legitima jurisdicção durante a ausencia dos pastores, chefes do rebanho. Essas leis permittem aos cabidos das egrejas metropolitanas de eleger, em contrario dos canones, vigarios capitulares ainda que a séde episcopal não esteja vacante. Sem tocar em outros pontos, não auctorisam essas leis aos mesmos magistrados seculares a nomear para o logar dos bispos, homens que não são catholicos, conferindo-lhes a administração dos bens ecclesiasticos destinados á sustentação do clero e das egrejas? Infelizmente conheceis demasiado, veneraveis irmãos, os prejuizos, as vexações e as crueldades que tem occasionado a execução d'estas leis.

«Não nos demoramos n'este assumpto para não augmentar a dor geral, recordando esses tristes successos.

«Mas o que não podemos, é deixar de fallar nas desgraças que tem pesado e amargurado as dioceses de Posen, Gnesen e de Paderborn. Depois de terem sido lançados nas masmorras e julgados, nossos veneraveis irmãos, Miecislas, arcebispo de Posen e Gnesen, e Conrado, bispo de Paderborn, foram ainda injustamente demittidos de suas sédes episcopaes, privados de suas jurisdicções, ao mesmo tempo que suas dioceses ficavam não só privadas da santa direcção de seus excellentes pastores, como tambem mergulhadas no abysmo das maio-

res miserias e calamidades. É verdade que, recordando-nos das palavras do Senhor, devemos antes louvar do que lamentar esses veneraveis irmãos, que acabamos de nomear: Bemaventurados sereis quando os homens vos odiarem, quando elles vos regeitarem, vos injuriarem, e repellirem vosso nome como nocivo para a causa do Filho do homem.» (S. Luc. VI, 22.)

Esses veneraveis irmãos não se atemorisaram com o perigo imminente, nem com as punições com que essas leis os ameaçavam, antes pelo contrario defenderam os direitos da Egreja fazendo respeitar suas prescripções, considerando-se e bem assim todos os outros pastores de vosso paiz, felizes e honrados por soffrerem esse julgamento iniquo, essa condemnação com que os feriam e que era o castigo unicamente reservado para os culpados. Deram por esta forma o mais brilhante exemplo de virtude, tornando-se bemquistos e modelos a imitar para toda a Egreja.

«Posto que antes lhes devemos dar louvores que lagrimas de commiseração, todavia, o rebaixamento da dignidade episcopal, o golpe dado na liberdade e nos direitos da Egreja, as perseguições de que são victimas os bispos prussianos e todos os seus irmãos, exigem que Nós, em virtude de Nosso poder apostolico, concedido por Deus, elevemos a voz contra essas leis e contra as más acções que ellas fazem commetter, e que defendamos d'essa impia força, com toda a energia e com toda a auctoridade divina, a liberdade da Egreja esmagada.

«Para cumprir os deveres d'esta Sé apostolica, declaramos publicamente, pela presente encyclica a todos aquelles que lhes estão aggregados, assim como a todo o mundo catholico, que essas leis estão nullas, por que são inteiramente contrarias á divina instituição da Egreja. Por que não foi aos poderosos da terra que o Senhor submetteu os bispos de sua Egreja, nem o que pertence a seu sagrado serviço; mas sim a Pedro, que foi a quem elle confiou seus rebanhos. (S. João XXI, 16, 17.) É por esta rasão que nenhum poder temporal, por mais elevado que seja, tem o direito de despojar de sua dignidade episcopal aquelles que foram nomeados pelo Espirito Santo para administrar a Egreja. (Apostolos, XX, 28.)

«N'estas tristissimas circumstancias, devemos accrescentar ainda o seguinte facto, indigno de uma nobre nação, o qual será, segundo cremos severamente julgado mesmo pelos protestantes imparciaes:

«Essas leis são excessivamente severas, e ameaçam com as mais graves penas aquelles que desobedecem, apoiando-se na força das armas, e collocando inoffensivos cidadãos nas penosissimas e desgraçadas circumstancias de homens opprimidos pela força, contra a qual se não pode luctar, unicamente por que suas consciencias lhes ordenam que se opponbam a taes leis. Dir-se-hia pois que estas leis não foram promulgadas para cidadãos livres, dos quaes apenas se tem o direito de exigir uma obediencia rasoavel, mas para escravos que se fazem obedecer pelo terror.

«Depois do que acabamos de expôr, não imagineis que tentamos desculpar aquelles que, por medo ou temor, obedecem mais depressa aos homens do que a Deus: culpados serão todos os homens sacrilegos que ousarem apossar-se das egrejas e exercer o ministerio ecclesiastico, apoiando-se unicamente na protecção do braço secular: esses não escaparão á justiça de Deus. Pelo contrario, declaramos, que todos esses sacrilegos e bem assim todos aquelles que, no futuro, commetterem egual crime usurpando qualquer missão ecclesiastica, sejam em virtude dos sagrados canones feridos, de facto e de direito, com a excommunhão maior. E exhortamos aos piedosos fieis a que não assistam ao santo sacrificio celebrado por taes homens, nem a receber os santos sacramentos de suas mãos, mas antes, a evitar sua presença, para que o máo fermento não estrague o bom pão.

«No meio d'estas tribulações, vossa intrepidez e perseverança tem sido uma grande consolação para a nossa dôr. O resto do clero e dos fieis tem-vos imitado, veneraveis irmãos, na dolorosa lucta que encetastes. Sua firmesa para salvaguardar os direitos e os deveres catholicos é tamanha, o procedimento de cada um é tão louvavel, que tem attrahido todos os olhares assombrados, mesmo das pessoas que estão mais afastadas. E poderia ser de outra forma? Tão grande é a desgraça dos

soldados que perderam seu general, como é grande a gloria do bispo que na sua fé serve de exemplo a seus irmãos.

«Que não possamos nós dar-vos consolações que mitiguem vossos soffrimentos! No entanto, renovando e repetindo mais uma vez nossos protestos contra tudo quanto é contrario á divina instituição e direitos da Egreja, assim como contra a força que tão injustamente se tem empregado a vosso respeito, vos asseveramos que nunca vos faltarão, nem nossos conselhos adoptados ás circumstancias, nem nossas advertencias.

«Que vossos inimigos saibam que não lesaes em cousa alguma a auctoridade real, que a não prejudicaes recusando dar a Cesar o que pertence a Deus, por que está escripto: «É preciso obedecer a Deus primeiro que aos homens.»

«Que elles saibam ao mesmo tempo, que cada um de vós está disposto a pagar seu tributo a Cesar e a obedecer-lhe em tudo quanto toca ao poder civil, não pela força, mas segundo vossas consciencias. Tende por tanto muita coragem, e continuai, como no passado, a cumprir os dois deveres, e a obedecer ás leis divinas, por que grande será vosso merito supportando com paciencia, e não vos cansando de soffrer por Jesus Christo.

«Olhai para Aquelle que vos precedeu em maiores tribulações e que se sugeitou á pena de morte cheia de ultrages, para que aquelles que acreditavam N'elle aprendessem a fugir ás tentações d'este mundo, e a não recuar diante dos tormentos, amando as violencias por amor da verdade, receando e fugindo das delicias enganadoras da terra.

«É Aquelle que vos collocou em linha de batalha, que vos insuflará tambem a força necessaria para o combate. É n'Elle que está toda a nossa esperança: submettamo-nos á sua vontade, e imploremos sua misericordia. Bem vedes que o que elle prophetisou está realisado: Confiai pois. Elle vos concederá tudo quanto prometteu. No mundo sereis attribulados, mas elle venceu o mundo!

«Tende fé n'esta victoria. Nós imploramos humildemente o Espirito Santo para que vos conceda paz e a sua graça. E como prova de nosso ospecial amor, vos concedemos com a melhor

vontade, assim como a todo o clero e a todos os fieis confiados a vossa guarda, Nossa benção apostolica.

«Dada em Roma, em S. Pedro, a 5 de fevereiro do anno de 1875, e o vigessimo nono de Nosso pontificado.

Pius, P. P. IX.»

Tres mezes depois, Pio IX para reanimar ainda mais a coragem dos catholicos allemães, offereceu a dignidade de cardeal a Mons Ledochewski, encarcerado a esse tempo nas prisões do pretendido imperio evangelico, e o nobre captivo teve a coragem de acceitar. Com effeito sua nomeação fazia naturalmente lembrar a de João Fisher, bispo de Rochester, quando prisioneiro na torre de Londres por não ter querido sanccionar o divorcio de Henrique VIII, e reconhecer a supremacia real nas questões religiosas. Henrique VIII furioso exclamara: «O Papa envia-lhe um chapeu, mas eu terei o cuidado de o não deixar cobrir.» E de feito, mandou-lhe cortar a cabeça. A época parece que ainda se não encaminha muito na Prussia, de maneira que um tyranno possa fazer martyres com o cutello e o cadafalso; mas, se a força brutal e embriagada se lembrasse de chegar até ali, os Fisher do decimo nono seculo não recuariam mais que os do seculo dezeseis.

No entanto, isto de expulsar bispos e curas, não custa nada, se se acha meio de os substituir, e fazer acceitar a troca pelo povo. Custa a conceber como homens politicos de tanto alcance como são os que dirigem os negocios na Prussia, tem commettido a falta de não pensar n'isto mais cedo.[1] Ora apesar de todas as

[1] Communicam-nos em uma carta que pinta bem vivo a situação e as disposições do moderno clero. É datada dos ultimos dias de 1875 e assignada por um padre do grande ducado de Posen, o qual, apenas se tinha ordenado, foi forçado immediatamente a vestir o uniforme prussiano, não o dispensando já as santas ordens, do serviço militar.

«Custa-me muito não ter podido escrever-vos mais cêdo, por falta de tempo... hoje que o meu serviço é menos pezado preparo-me com os exames para sair official. O exercicio, as marchas forçadas, a gymnastica, tudo isto, posto que muito fatigador, tem tido por outro lado a vantagem de me fortalecer e agora sinto-me forte e bom, capaz, assim o espero, de supportar para o futuro as privações e as difficuldades inherentes á vocação de missionario. Conto os momentos, e todas as noites agradeço a

suas pesquizas e promessas, ainda não tinham encontrado ao cabo de cinco annos senão dois padres que consentissem em acceitar abbadias nomeadas por elles. A Providencia pregou a M. de Bismarck a peça de que todos os máus padres, todos aquelles com os quaes elle podia contar para crear um scisma na Egreja, fossem precisamente, e isto por sua approvação e seus conselhos para se afastarem da Egreja, filiar-se nos Velhos catholicos.

Os dois intrusos, instalados pela tropa nas duas parochias do grande ducado de Posen, foram immediatamente feridos com a excommunhão religiosa. O governo nada conseguiu com a prisão de Mons Kozmian, que presumia ser o auctor d'esta excommunhão, nem de fazer uma especie de vacuo em volta das duas parochias dos apostatas, deportando todos os curas proximos

Deus de estar mais proximo do dia em que hei de deixar o jugo militar. Até agora, não tenho conhecido que meus chefes presigam em minha indigna pessoa o caracter ecclesiastico.

«Os officiaes tratam-me muito bem, mas eu tambem não lhes tenho dado motivos de descontentamento. Quanto a nossos pobres paizanos, arregimentados aqui em grande numero, alegram-se quando os acompanho á Egreja, ou quando durante a chamada lhes leio na lingua polaca os artigos da guerra. Elles chamam-me sempre: «*Jegomoze*» (Vossa Reverencia), e não podem comprehender que Sua Reverencia seja obrigado assim como elles a fazer o serviço militar. Esta pobre gente é muito desgraçada: não sabe nem uma palavra d'Allemão, emquanto que seus superiores tambem não conhecem a lingua polaca. D'aqui nascem os enganos seguidos de pancadas, de juramentos e vociferações que atordoam e não podem dar uma idéa lisongeira d'estes Allemães que se dizem civilisadores por excellencia. E a este respeito o exemplo vem d'alto. Ao principio não podia acostumar-me a esta vida; agora porem estou resignado e com o soccorro de Deus, armado de paciencia. O meu breviario tranquillisa-me recordando-me onde eu posso achar consolação. Quando chega o domingo, sinto uma verdadeira felicidade, parece-me que desço ás catacumbas para celebrar o santo sacrificio. Ha aqui uma velha egreja, roubada antigamente aos religiosos de S. Francisco, onde o serviço divino já se não celebra senão nos dias de festa.

«Depois de me ter entendido com o cura da cidade, é ali que todos os domingos gozo a suprema ventura d'offerecer ás escondidas e com as portas fechadas os divinos mysterios.

«Um bom rapaz vae ajudar-me á missa: no rua finge que não me conhece, depois segue-me e prepara alegremente tudo quanto é necessario para a celebração do santo sacrificio. Seria na verdade preciso que M. de Bismarck visse então com que desdem elle atira para um canto com o meu uniforme e as minhas armas, substituindo-as com o maior respeito pelas vestimentas ecclesiasticas. Não me foi possivel todavia guardar tão

com o fim de crear dois centros scismaticos. Os fieis fugiram, porém, das Egrejas profanadas, deixando tambem o vacuo em redor dos prevaricadores.

Admiraveis apostolos, tirados das fileiras dos seminaristas que tinham recebido ordens sacerdotaes quando se aproximava a tempestade, ou mais recentemente no estrangeiro, vão clandestinamente, como em terra de missão, trabalhar na ceifa do Senhor, entrando nas casas, que sua chegada muda em egrejas, cathequisando, consolando, confessando os fieis que a perseguição tornou orphãos. São presos muitas vezes e conduzidos ás fronteiras: mas elles voltam no seguinte comboyo. Encarceram-nos: e elles voltam assim que estão livres. Poderiamos imaginar-nos na primitiva Egreja, quando fiel á letra e ao espirito do Evangelho, o apostolo não uzava nem saco, nem bol-

bem o meu segredo que elle não fosse descoberto pelas boas Irmãs da caridade que moram perto. Ellas vão assistir á missa, e não me deixam partir sem almoçar. As pobresinhas têm feito muitos e eminentes serviços a todo o paiz, servindo e tratando os doentes, o que não impedirá que sejam expulsas de sua casa, e mesmo da sua patria, d'aqui a alguns dias.

«Sexta-feira passada, muitos padres compareceram diante do tribunal e foram todos condemnados a diversos castigos, por ter prégado ou confessado nas parochias limitrophes, cujos curas foram desterrados ou estão prezos.

«Causar-lhe-hia riso se lhe contasse como se avalia por thalers o valor approximativo dos actos do culto que atrahem as iras do governo. M. o abbade Thomaz Muszynski foi condemnado a doze mezes de prisão por cincoenta e tres missas rezadas. O abbade Volingi, cura de Oporowo, a quatro thalers de multa por um sermão pronunciado fóra de sua parochia. O abbade Rakowski a um thaler por cabeça de cada penitente confessado na festa do santo padroeiro de Borek. O abbade Merkel foi banido por ter benzido em Xions os ovos de Paschoa dentro dos limites da auctoridade do cura scismatico que ahi está instalado.

«Mas o povo resiste, e debalde condemnaram a seis ou dez mezes de prisão uns artistas por ter chamado «apóstata» a um padre velho catholico. Os enfermos fazem-se conduzir ás terras onde ainda estão seus pastores legitimos, para receber os sacramentos de suas mãos...

«Não vos é estranho o escandalo Mogilno. O cura Suszczynoki passou publicamente para os *velhos*, para se poder cazar. Seus parochianos levantaram-se todos para reclamar outro pastor, declarando que não queriam ter mais relações com um excommungado. Mas as leis de maio estabeleciam que todo o padre que passasse para o velho catholicismo conservasse as funcções e beneficios que possuia como catholico. M. Suszczynski teve o pouco invejavel privilegio de ser o primeiro a aproveitar-se d'esta iniqua disposição, mas na realidade quasi inoffensiva, porque, graças a Deus, será elle o unico...»

sa, nem calçado. Infelizmente fecharam-se os seminarios, o que tornou muito difficil a apparição de novas vocações. Deus acudirá.

M. de Bismarck previa em emfim um revez. As gazetas de seu partido, tão doceis, tão servis, de maneira que elle proprio as qualificava com o epitheto pouco lisongeiro de *reptis*, concordavam unanimes que para completar esta obra para a qual no começo bastariam apenas cinco ou seis mezes de rigor, não chegariam talvez agora duas gerações; e nem o imperador nem seu ministro são immortaes. A egreja é uma especie de bigorna, que tem gasto muitos martellos: tambem hade gastar ainda este.[1]

Por outro lado, a Allemanha do Sul mostra que lhe repugna cada vez mais entrar na pretendida «lucta civilisadora.» O rei Luiz II, da Baviera, acha que é util continuar a não fazer caso das maiorias decididamente catholicas de seu povo, recusar-se a receber suas representações e queixumes, e sustentar um ministerio que não possue sua confiança: a Baviera escapa moralmente á influencia de M. de Bismark. Luiz II poderá consummar a ruina de sua casa quasi millenaria, poderá justificar até ao cabo a prophecia de seu tio: «Se este reinar, será o ultimo rei de Baviera», mas o que elle não conseguirá, é preverter o seu povo.[2]

[1] Circulava em Munich em 1874 uma caricatura bem engenhada e na verdade caracteristica. Representava o chanceller prussiano esforçando-se por meio de um canhão Krupp em forma de alavanca, em arrazar uma egreja, emblema do catholicismo. N'este comenos chega Satanaz.

A gravura era acompanhada do seguinte dialogo:

Satanaz—Que estás a fazer, meu amigo?

Bismarck—Esta egreja incommoda-me: vou arrazal-a.

Satanaz—Tambem a mim na verdade me não incommoda menos; e ha oito seculos que trabalho para a abalar. Se v. ex.ª conseguir o que eu não pude, protesto demittir-me de minhas funcções e deixar-lhe o logar.

[2] Temos notado em alguma parte: Luiz II não é senão um instrumento nas mãos de uma facção. «Luiz, *o artista*, dizem os prussianos, seus interessados lisonjeiros, «Luiz, *a creança*, accrescentam seus vassallos com commovedora piedade, que encerra mais tristeza do que rancor. O facto seguinte bastará para descrever Luiz II. Em 1875, a 25 de agosto, fez elle uma viagem a Reims que excitou grande curiosidade ao publico. Que designio era o seu? Assistir ao congresso Catholico que se fazia n'esta cidade? Colher informações de S. Luiz, seu patrono, ou de Clovis e S. Remy, fundadores de uma monarchia, ou de Joanna de Arc, libertadora de

Todavia, a perseguição não deixou de ser util. M. de Bismark, sem querer, tem depurado o clero do seu paiz, que bem o necessitava; lançou o episcopado nos braços do Papado, apertou os laços que uniam entre si os bispos e os fieis, e levou os catholicos allemães, assim como todos os seus compatriotas, a apreciarem-se a si proprios mais modestamente, e com menos enfatuação a idolatria que tinham por seu genio allemão e sua pobre sciencia allemã.

No entretanto, a politica prussiana accumulará e será ruinosa para muitos paizes. Dizia Pio IX a este respeito:[1] «a politica prussianna não se cança de nos perseguir; excita para cá e alem dos Alpes esses governos que se dizem catholicos e que tem proseguido na vergonhosa carreira da oppressão religiosa; ella excita-os, repito, a proseguir mais ousadamente no caminho das perseguições, e esses governos obedecem. Porem Deus se levantará um dia, e voltando-se para o oppressor protestante lhe dirá: Tu tens peccado e peccas gravemente; mas esses governos catholicos em qualquer continente que se encontrem, tem ainda mais gravemente peccado: *Majus peccatum habent.*»

Até aos fins de 1873 contamos em Roma mais de cem mosteiros, conventos ou estabelecimentos de instrucção publica confiscados. A confiscação do collegio romano e a expulsão dos padres jesuitas seus proprietarios, foi consummada em 1874. Ali installaram depois um lyceu, e no logar da formosa esculptura de marmore que encimava a porta e aonde se achava gravado o santo nome de Jesus, foi collocado o brasão em madeira de Victor Manuel. O general La Marmora tomou diante de Deus e diante da Europa a responsabilidade d'este acto que todas as pessoas de bom senso reprovaram.

Para disfarçarem o latrocinio, accrescentaram-lhe ainda a ironia a que só os piemontezes acharam graça. Propozeram aos professores do collegio romano que continuassem a leccionar,

uma nação opprimida pelos estrangeiros? Não iria elle antes para reconhecer e estudar os campos de batalha de 1870!...

Nada d'isto: Luiz II ia simplesmente para se certificar por seus proprios olhos se seu scenographico tinha sido exacto na tela, copiando a antiga basilica de Reims.

[1] 10 de janeiro de 1875.

mas como funccionarios do governo italiano, e depois de terem recebido seus diplomas de uma universidade secular. Imagine-se os padres Secchi Franzellin, Farquini e muitos outros, que são os primeiros professores do mundo, sentados no banco diante de quaesquer examinadores piemontezes? A pobresa de Pio IX deu acolhimento á sciencia. Os jesuitas dispersos reuniram-se, ainda que muito apertados, nas salas do seminario americano e nas do collegio germanico; e continuaram esses cursos internacionaes, os mais extensos que tem havido [1].

Os recemchegados não ousaram, porém, expulsar o padre Secchi do seu observatorio.

No entanto, o que nunca ninguem teria imaginado, era que

[1] Em 1870, havia em Roma cento e sessenta e oito collegios ou escolas publicas, para uma população de 220:000 almas. O numero dos discipulos era de vinte mil creanças: compunha-se d'esta forma:

Discipulos internos dos seminarios e dos collegios	703
Discipulos gratuitos das escolas	5:555
Discipulos pagando pequena retribuição	1:603
Total	7:861
Meninas internas educadas nos conservatorios ou recolhimentos	2:986
Ditas gratuitas externas	6:523
Externas que pagavam	2:871
Total	12:380
Total geral	20:241

(Estatistica publicada em 1870, por Sua Eminencia o cardeal vigario.)

É provavel que notem que n'esta cifra não entram os orphãos e orphãs de S. Miguel de Ternime, e outros recolhimentos publicos. Feitas as contas achamos um escolar por 10 habitantes, proporção equivalente a que se encontra em Paris, pelos mesmos calculos.

Depois da invasão, as escolas a que *faltava Deus* creadas pela Revolução não estorvaram senão em parte o impulso dado ás escolas pelo governo de Pio IX, e se em alguns bairros mais pobres, alguns desgraçados paes cederam ás ameaças da administração chamada da *Caridade*, ou á attração dos premios para si proprios e de um almoço gratuito para as creanças, a maior parte do povo romano resiste ainda, e em muitas escolas christãs tem mesmo augmentado consideravelmente o numero dos discipulos, depois de 1870.

Ainda recentemente, foram os impios estabelecer uma escola *no Borgo*, perto do Vaticano, empregando todos os meios para attrahir as creanças pobres. M. o abbade Luis Minocchesi, cheio de fé religiosa, assustado de ver espalhar-se o erro em seu bairro, conseguiu arrancar alguns d'esses infelizes aos perigos que lhes ameaçavam a alma, e apesar das ameaças dos mestres da perdição, continuou sua santa empreza.

os espoliadores lançassem mão dos bens pertencentes ás basilicas de S. Pedro e de Latrão, e até dos bens da Propaganda, reservados expressamente por elles para a Santa Sé. Não os annexaram pura e simplesmente como os outros, mas crearam uma junta ou commissão, denominada liquidataria, encarregando-a de transformar em titulos da divida nacional todas as propriedades ecclesiasticas immobiliarias não confiscadas. Estes titulos não tem senão um valor ephemero, todo o mundo o sabe; sua taxa é variavel, e a Italia, que já uma vez fez uma fallencia parcial, reduzindo o juro que se tinha obrigado a pagar a seus credores, chegará cedo ou tarde, como ninguem duvida, a dar uma perda total. Os titulos substituidos á força pelos bens immobiliarios, valerão então tanto quanto valem hoje os assignados da primeira republica franceza.

Por outro lado, a dotação feita á Propaganda, constituida pela generosidade dos seculos, não era destinada para servir aos romanos, nem á Italia, nem a nenhum paiz catholico; o seu fim era sustentar as missões remotas: o mesmo nome da instituição é uma prova d'isto, e ninguem o contesta. Mas o cardeal Franchi nada conseguiu levando a questão aos tribunaes; os quesitos foram a seu favor, mas a decisão foi contraria. Os bens da grandiosa instituição universal, assim como os dos cabidos foram vendidos em praça publica, e confiscados.

Ainda de outra maneira provou o governo de Victor Manoel quanto valia a famosa lei das garantias, e quanto elle é generoso em promessas quando não tem a intenção de as cumprir.

Pelos artigos 15 e 16 d'esta lei, o governo renunciou aos reaes direitos dos antigos soberanos pelas nomeações e propostas para as funcções ecclesiasticas; dispensou os bispos de prestar juramento ao rei, e aboliu formalmente o *exequatur* para a publicação e execução dos actos da auctoridade ecclesiastica. Prescripções tão claras e apparentemente tão solemnes, pareciam inviolaveis. Todavia de cento e cincoenta e seis bispos italianos que Pio IX nomeou depois das invasões piemontesas até ao mez de agosto de 1875, cento e trinta e sete não foram reconhecidos pela auctoridade civil, por não terem sollicitado e obtido o *exequatur*.

O governo não se deu ainda por satisfeito com isto. Desde esse dia resolveu nunca mais conceder o *exequatur* e expulsar de seus episcopados todos aquelles que o não tinham. De modo que, não só lhe tirou seus subsidios e confiscou as rendas que se deviam á generosidade dos fieis para sustentação do culto, sob o titulo de «rendas episcopaes» mas seus sicarios e agentes de policia não se tem occupado ha muitos mezes senão em ir prender os bispos e expulsal-os de suas casas.

Um rasgo mais admiravel ainda do gelio fiscalisador, e que não podia ser descoberto pelos italianos, é quererem elles submetter a contribuições a riquesa mobiliaria assim como as esmolas que esses bispos espoliados pódem receber do soberano Pontifice, tão expoliado como elles, isto é do que este recebe dos catholicos estrangeiros, amontoando d'esta fórma com o dinheiro d'aquelles que, vendo que o fisco não preenche suas obrigações, tratam de as cumprir em seu logar [1].

N'essa época começou a ser applicada a lei que obriga a pegar em armas todos os seminaristas, ainda mesmo os que já tomaram ordens. Desde então, a Egreja italiana não póde mais recrutar o seu clero senão entre os invalidos, recusados por defeitos de construcção, ou entre aquelles que, milagrosamente, tiverem conservado a sua vocação depois de quatro ànnos da vida de tarimba.

Tal é a liberdade que se concede á Egreja, a todos os graus da gerarchia, n'um paiz onde a constituição, ou o estatuto fundamental declara que «a religião catholica é a religião do Estado.»

[1] Eis uma carta do recebedor dos impostos da provincia de Forli ao bispo de Sarcina:

Cesene 22 de julho de 1875.

«No fim do corrente mez acaba o praso fixo para a declaração dos rendimentos e dos bens mobiliarios; depois de passado este tempo, são os «retardatarios condemnados a pagar metade de multa. Em razão do que, «entendi dever transmittir a v. ex.ª o incluso mappa para que se digne «designar os titulos e quantias de seus rendimentos, entre os quaes deverão entrar a somma total de quanto poderia abonar-lhe a Santa Sé.

«Acceite, etc.

O agente P. Vesti.

«A Mons. Tabie Masacci, bispo de Sarcina (Romagnas)».

Mas a verdade perseguida vinga-se, entregando a si proprias as sociedades perseguidoras. N'estas sociedades, a virtude, o respeito da auctoridade e das leis depressa se desvirtuam, assim como a segurança publica, e muitas vezes o Estado reconhece, mas já tarde, que, querendo prejudicar a Egreja, é a si mesmo que se prejudica.

Depois da inauguração da famosa *lucta civilisadora*, o socialismo augmentou na Allemanha a ponto d'assustar M. de Bismark. Pelo que diz respeito á Italia revolucionaria, ao mesmo tempo em que ella fechava seus conventos e seus collegios catholicos, viu-se obrigada a multiplicar, não só os quarteis mas as prisões. D'estas ultimas não foram sufficientes as que havia em todo o territorio.

O augmento dos crimes e dos delictos foi tão rapido que, segundo as estatisticas officiaes, sómente em 1874 na provincia de Roma, se julgaram e foram levados aos tribunaes 7:293, que é justamente o dôbro dos crimes que se julgavam no tempo da administração pontifical. Em todo o reino existem 84:000 prisioneiros ou condemnados, isto é, 35:000 a maior do que em França, cuja população geral é de mais de um terço, e quatro vezes maior que a Grã-Bretanha, cuja população é pelo menos egual á da Italia unida.

Mas estes resultados não admiram, quando se pensa que hoje se administra a justiça na Italia, e se reprime a fraude e o roubo em nome de Victor Manoel [1].

Em Roma os advogados, os juizes, mesmo os jornalistas mais

[1] O novo codigo civil do reino de Italia parece de resto ter por fim anniquillar as noções do direito, e de legitimar todos os latrocinios passados, presentes e futuros que crearam este reino. O artigo 710 declara ingenuamente que «a propriedade se adquire pela posse». O artigo 433, diz: «Os bens dos estabelecimentos civis ou ecclesiasticos, ou de outras pessoas, pertencem lhe, comtanto que as leis do reino lhe reconheçam capacidade para possuir e administrar». Por outras palavras, esses bens não pertencem a seu possuidor, mas sim ao Estado. E de facto, pelo artigo 434, que vem em seguida, o Estado apressa-se em considerar-se como proprietario: «Os bens das instituições religiosas, diz este artigo, não pódem ser alienados sem auctorisação do governo». Isto é o que se chama lançar antecipadamente a mão a todas as acquisições eventuaes da egreja. A ultima terá de esperar a boa vontade do salteador; a justiça está sempre a postos para lhe impedir a fuga. Não se póde levar mais longe a precaução do que esses legisladores subalpinos.

revolucionarios, são assassinados de dia, por vinganças particulares, na rua ou em seus gabinetes, sem que se ouse procurar os culpados.

Nas Romanias tem-se perseguido uma associação de malfeitores, dos qnaes a maior parte eram gente bem educada e proprietarios. No entanto a mais deploravel situação é a da Sicilia.

Ali uma grande quadrilha de bandoleiros, nomeada *Maffia*, tem a ilha inteira subjugada pelo terror. Reforçada por um grande numero d'antigos garibaldinos, que depois da 1870 se acham desoccupados, e tolerada durante muito tempo em rasão de antigas cumplicidades, a *Maffia* desembaraçou-se d'uma outra quadrilha sua rival, a *Camorra*, pelo assassinio successivo, sómente em Palermo, de vinte e tres caudilhos. E todos estes crimes ficam impunes, porque ninguem se atreve a ir depôr contra os culpados.

Nas espheras governamentaes a desordem moral não é menor, como o prova a delapidação das finanças do Estado.

Em 1861, os italianos pagavam termo medio 25 francos de decima por cada um; e quinze annos depois, no fim de 1875, o termo medio attingia quasi a 80 francos. Em 1861, as despezas collectivas dos sete estados da Italia subiam a 571 milhões; e hoje na Italia unida chegam a 1:600 milhões. O *deficit* não cessa de augmentar, apezar do billião que deram os bens da Egreja confiscados e vendidos, dos caminhos de ferro allienados, dos tabacos hypothecados, e da redução dos juros. As dividas publicas dos antigos estados (dividas que pertencem quasi todas ao Piemonte) em 1861 elevavam-se a francos 2.437.399:748; e a divida publica, tanto ordinaria como extraordinaria da Italia unida, dava no fim de 1872 um total de 10.832.274:122 francos. E desde então para cá tem augmentado sempre. Accrescentemos a isto que já não ha mais nada a hypothecar nem bens de que possam lançar mão, e que o movimento da industria e do commercio no interior, está muito longe do progresso; e a prova está na terrivel diminuição das receitas das diversas vias ferreas; caminho de ferro Victor Manuel, caminhos romanos, caminhos da Italia central e caminhos

lombardos, todos prejudiciaes para os especuladores estrangeiros.

Contavam achar um recurso momentaneo na esquadra comprada por alto preço em todos os estalleiros da Europa, desde 1859 a 1866. Esta esquadra, porém, completamente desacreditada por sua derrota em Lissa, foi posta em praça em 1875 para ser vendida a quem mais desse. Salvo um vapor, o *Roma*, que tinham tirado ao Santo Padre, nem um dos trinta e tres navios que a compunham achou comprador. Em 1876 tentaram de novo a venda, baixando o preço, e a final, a esquadra foi espatifada, na maior parte, como madeira podre. De modo que, apenas se poderiam aproveitar 4 ou 5 milhões, do que tinha custado 700 a 800; e ainda lhe será preciso comprar uma outra esquadra.

Roma devia transformar-se como uma construcção magica sob a mão dos architectos subalpinos. No dizer d'elles, iam fazer sair dos terrenos descultivados que rodeam a capital uma terceira cidade que por sua extensão e esplendor offuscaria a Roma dos Cesares e dos Papas. Estes formosos sonhos depois de ter seduzido alguns credulos capitalistas, evaporaram-se. De tantas promessas não resta hoje mais que o accrescimo da divida municipal, os impostos e as contribuições, uma quantidade de planos apenas esboçados, e uma centena de casas imcompletas, isoladas e já em ruinas, por falta de inquilinos.

Todavia, deve-se confessar, que alguma cousa mais lhe póde ficar se a occupação piemontesa se prolongar.

Dizia mr. de Merode depois de 1860: «Elles virão; elles edificarão, elles engrandecerão a cidade, para que ella possa alojar todos os peregrinos do futuro e depois partirão.» Assim foram os francezes no começo d'este seculo. Elles limparam os circos da velha Roma, restauraram alguns monumentos, reformaram a administração, e depois foram-se.

As finanças municipaes de Roma, pouco antes tão prosperas, estão em via de descer ao nivel das do Estado. A população da cidade que, nos vinte e quatro annos do reinado temporal de Pio IX se elevava de cento e oitenta a duzentas e vinte mil almas, não tem augmentado depois, senão de quinze a vinte mil, cifra

inferior ao numero dos empregados e fornecedores piemontezes ou florentinos, chegados com suas familias.

E na verdade, todos os antigos empregados em Roma foram subjugados pelos intrusos.

Os verdadeiros romanos tem-se visto supplantados em todo o sentido, mas sem grande desgosto.

A 30 de janeiro de 1876, Pio IX recebeu seus empregados demittidos em 20 de setembro de 1870. Achavam-se presentes a esta audiencia mais de mil, todos ainda em disponibilidade.

De fórma que, a situação não tem mudado. Victor Manoel e os seus, são estrangeiros em Roma como no dia em que ali entraram pela brecha da porta Pia. A imprensa italianissima lamentava ainda recentemente a grande modestia das recepções reaes do 1.° de janeiro de 1876. Os ministros, dizia a *Liberdade*, deveriam providenciar para que essas sessões tivessem mais attractivo e solemnidade, devendo lembrar-se em que cidade estamos. «Não se podia fallar mais claro, sobre tudo depois das esplendidas audiencias que se davam na mesma época no Vaticano. Provava-se d'este modo, e ainda mais uma vez, quanto a premanencia de dois soberanos na mesma cidade é anormal. O Papa perde a sua independencia, mas o rei perde a sua importancia e a sua dignidade. E isto mesmo comprehendeu Constantino quando se retirou para Byzancio.

Roma, como declarou um dia em pleno parlamento o ministro da fazenda, M. Sella, Roma é para a Italia revolucionaria uma «cidade repulsiva, *una cittá ripulsiva.*»

As eleições de junho de 1875 deram este resultado. De 16:439 eleitores, 4:113, isto é, só uma quarta parte, se apresentaram á urna.

Permittam-nos n'este ponto uma observação. Fazemol-a com todo o respeito possivel; mas o historiador deve, antes de tudo, dizer a verdade, ou o que tem como verdadeiro.

Desde o começo das emprezas piemontezas, Pio IX traçou uma guia aos catholicos anexados apesar da fé dos tratados: «*Ne elettori,* lhe disse elle, *ne eletti*: nem eleitores, nem eleitos». Foi esta uma nobre formula de protesto, mas foi tambem uma falta politica. A abstenção, sobre o terreno eleitoral, não

aproveita nunca senão aos adversarios, e sobre tudo quando se prolonga.

Logo que em 1872 e 1875 se decidiram a tomar parte nas eleições puramente municipaes, os catholicos italianos mostraram que podiam vencer. Ganharam em Veneza, em Florença, em Palermo, em Modena, em Genova, e em Verona; sendo as grandes cidades na Italia como em toda a parte mais hostis á Egreja que as populações ruraes.

Se os catholicos se não tivessem afastado systematicamente depois de 1870 das urnas eleitoraes politicas, a situação teria mudado muitissimo; a maioria nas camaras teria sido catholica, e a direita seria composta d'outras pessoas e não de antigos ministros recompensados por ter trahido seus soberanos.

É necessario no entanto reconhecer, que a consciencia não permittia aos catholicos que prestassem o juramento exigido pela usurpação, mas seria isso motivo para se não fazer eleger? O grande Ó Connel, em identicas circumstancias não pensou assim, e a emancipação d'um povo foi o fructo da sua audacia.

Se a maioria dos eleitos da nação, chegando á porta do palacio legislativo, se recusasse a prestar juramento ao rei revolucionario, e expulsa diante dos eleitores, voltasse de novo para recusar juramento, imaginam que uma tal manifestação deixasse de exercer uma certa influencia no curso dos successos?

CAPITULO XXV

Situação do mundo em frente de Pio IX
Suissa—Russia—Oriente

Entrando na vereda da oppressão das unidades catholicas, os protestantes da Suissa, coligados com os livres pensadores, tinham a optar entre dois meios: a Prussia com seus arrebatamentos e violencias, ou a Italia com suas extorções adocicadas; os imperadores pagãos de Roma, ou Julião o Apostata. Seu instincto encaminhou-os porém depressa na piugada de Bismark. Pertencendo na maior parte á raça germanica, não possuiam nem a subtilesa, nem a paciencia italiana, e não eram capazes de ajoelhar para despojar ou para ferir, como na terra classica da «Egreja livre no Estado livre».

Por outro lado, pressentiam instinctivamente, que a Prussia nem sempre seria poderosa, nem sempre perseguidora, e que era necessario apressarem-se.

N'este intuito tomaram assim como o principe de Bismark, o pretexto da promulgação do Concilio do Vaticano, o qual, diziam elles, tinha mudado e desvirtuado a Egreja catholica. Esforçaram-se por tanto em organisar tambem entre si a nova seita dos velhos catholicos, fazendo-a prevalecer, e attribuindo-lhe os bens e direitos dos catholicos sem epitheto; finalmente, por uma transmutação de palavras e sentido, que elles faziam

sanccionar pelo voto popular, deliberaram-se a tratar os catholicos como dissidentes, e os novos hereticos como catholicos, de maneira que aniquillando o christianismo fingiam protegel-o. Tal foi, em duas palavras, seu plano de batalha.

A dedicação do clero e a firmesa dos fieis destruiram este plano. No clero de Genebra não se encontrou um unico apostata, e bem assim no de Berne, onde o clero mais tinha soffrido.

Todavia suppriu esta falta um elemento que faltou a M. de Bismark. Os suissos tinham a seu lado outro clero, o clero francez que fallava a mesma lingua. De cincoenta mil padres que o compunham não se podia deixar, com dinheiro, de encontrar trinta ou quarenta frades espoliados, ou curas interdictos por seus bispos. Encontraram-nos effectivamente, e não se envergonharam de expulsar todos os sacerdotes nacionaes, substituindo-os pelos estrangeiros. Oh! pungente ironia dos factos! Este exilio universal dos nacionaes, esta invasão dos estrangeiros levava em vista a fundação de uma egreja catholica nacional!

A serie das medidas oppressivas abriu pela secularisação de muitas abbadias que os revolucionarios do seculo XVI tinham respeitado nos cantões do norte, e pela confiscação da egreja de Zurigo, que foi devolvida aos Velhos catholicos. Em seguida, continuou pela expulsão de Mons. Mermillod, bispo de Hebron e coadjuctor de Genebra, e pela demissão de Mons. Lachat, bispo de Bale, sendo este ultimo posto fóra do logar sob um pretexto puramente theologico: sua adhesão aos decretos do Concilio.

Tendo os sessenta e nove curas catholicos do Jura bernense declarado por escripto, que ficavam fieis ao bispo de Bâle, foram todos suspensos e expulsos de suas parochias, e depois do territorio. E como não havia bastantes sacerdotes estrangeiros para os substituir, reduziram arbitrariamente o numero das parochias, ficando de setenta e seis em vinte e oito, determinando que as nomeações seriam desde então feitas sómente pelo governo: supprimiram tambem com um traço de penna a concordata feita com Roma em 1828, e da mesma fórma a *Acta da reunião* de 1815, pela qual, incorporando á Suissa o Jura bernense que antes pertencia á França, se obrigavam para com

esta, a respeitar a liberdade do culto catholico. A França porém já se não achava com forças para exigir a execução d'este compromisso internacional; e todos aquelles que ousaram recordal-o, foram multados e condemnados á prisão.

O suffragio universal, tornado o *criterium* unico do verdadeiro e do falso, do justo e do injusto, approvou por setenta e nove mil votos contra dezoito mil, o que benignamente se denominou «a nova organisação do culto religioso no Jura bernense».

Posto que estas sommas não tivessem por si mesmas nenhum valor, não sendo o direito uma questão de cifras, as pessoas que se recordavam na Europa da antiga e proverbial honestidade dos governos suissos não pódem abster-se de notar com grande assombro que, dos sessenta e nove mil votos approvativos, deviam talvez ser nullos sessenta e seis mil. Porque estes pertenciam á população protestante do cantão de Berne, e esta questão tratava simplesmente da fé catholica [1]. E, batendo os protestantes, ficavam apenas uns doze mil votantes catholicos, os unicos que deviam ter voto. Mas, d'estes doze mil, mais de tres quartas partes tinham desapprovado a lei, e entre as duas a tres mil approvações devia pelo menos contar-se dois mil individuos radicaes, franco-maçonicos, livres pensadores de pequenas cidades, as quaes no que lhes diz pessoalmente respeito, praticam o culto catholico com a mesma fidelidade que a de Confucius ou de Brahma. Naturalmente nenhum d'elles teve a idéa de se recusar; todos elles se julgaram, n'estas circumstancias, sufficientemente theologos. As pessoas habituadas a reflectir perguntavam a si proprias se em logar d'esses indifferentes não se deveria antes ter admittido o voto das mulheres catholicas; visto que se tratava, não de politica, digamol-o ainda uma vez, mas da religião; e se os liberaes consideram a alma da mulher inferior á do homem, pelo menos ainda não ousaram declaral-o.

[1] Admittiriamos nós, por exemplo, que para decidir em França, entre os protestantes chamados liberaes e os protestantes fieis á confissão da Rochella, e para determinar a qual dos dois deviam ser distribuidos os edificios do culto e as rendas do Estado, se consultasse a população catholica, e que uma maioria forçosamente hostil regulasse o culto da minoria, culto que ella mesma repelle e detesta? Eis aqui, no entanto o que se deu na Suissa.

A final, appareceu a verdadeira segnificação do famoso plebiscito bernez, mas inteiramente transtornada. O governo proclamou quasi a unanimidade a seu favor; e as pessoas honradas acharam tambem esta unanimidade, mas contra elle.

Este famoso systema de appellar para o povo, que foi seguido n'uma grande parte da Suissa, deshonrou-a. Sómente em Genebra, depois que uma maioria protestante creou para o catholicismo uma nova organisação inteiramente scismatica, é que os catholicos foram senhores de seguir o caminho que lhes aprouvesse. Mas como nenhum verdadeiro catholico podia consciencciosamente tomar parte n'esta disposição e entrar em campo, resultou d'aqui que, só os falsos catholicos se apresentaram ao escrutinio, ficando o regulamento das questões religiosas á mercê de gente que nunca frequentava as egrejas, e dos quaes nem talvez um se achava em regra com os deveres paschaes.

Foi assim que desapossaram os catholicos de sua egreja de Berne, e das duas de Genebra (uma das quaes, Nossa Senhora, tinha sido construida com o producto das subscripções do catholicismo, sendo notorio que não pertencia nem á cidade, nem ao cantão de Genebra), e d'esta maneira foram pouco a pouco adquirindo e tomando posse, muitas vezes por fraude ou auxiliados com chaves falsas, de todas as egrejas das cidades ou villas, as mesmas ás quaes tinham, recebendo-as das mãos da França ou da Saboia em 1815, garantido solemnemente, assim como ao Jura bernez, a liberdade do culto catholico.

Os gloriosos confessores da fé encontraram junto de Pio IX auxilio e animo para mais os afferrar em suas idéas.

Dizia o Santo Pontifice a Mons. de Lachats levantando-se para o abraçar, quando este lhe foi expôr a situação em que se achava:

— Pois bem! Pois bem! Conhece tambem agora as grandes alegrias que estão reservadas para os apostolos, e estas alegrias são: *Ibant gaudentes, quoniam digni habiti sunt pro nomine contumeliam pati:* e elles partiram altivos e contentes, por que foram julgados dignos de soffrerem os opprobrios pelo nome de Jesus».

Da hospitalidade franceza receberam elles o mais fraternal

acolhimento, sendo depois a França liberalmente recompensada pelo trabalho de um d'elles, Mons. Marunllod. Infelizmente, porém, a França achava-se limitada pela falta da Alsasia, limitrophe do Jura bernense. M. de Bismark prohibiu logo aos proscriptos a sua residencia na Alsasia e obteve um decreto analogo ao dos proximos Cantões suissos, Solenre, e Bâle-Campagne, os quaes para lhe comprazerem se fecharam a compatriotas fugitivos, e de todas as fronteiras da nova Polonia suissa, apenas se lhe conservou a que restava franceza, sempre franca. A respeito d'estes exilados, escrevia um viajante: «elles conservam-se tristes mas indomaveis em sua coragem, e, dos noventa e sete que era, ainda dois annos e meio depois, nem um só tinha fraquejado.

«Algumas vezes disfarçados e desconhecidos para todos, transpõem as fronteiras da França, apparecendo de subito e apenas por algumas horas no meio de seus rebanhos. N'estas occasiões administram o sagrado Viatico aos enfermos, confissão a outros, dizem o Santo sacrificio da missa n'um celleiro ou n'uma adega, e desapparecem ao raiar d'aurora.

«Em uma d'estas cidades, á hora do officio divino, a multidão enchia uma granja, as vellas ardiam no altar, cantava-se, e no semblante dos prezentes transparecia uma desusada alegria. Todavia o altar estava vasio. De repente apresentam-se dois soldados com o fim de prenderem o padre que se assignalou n'aquella aldeia, e encontram apenas uma povoação recolhida cantando diante de um altar sem sacerdote. Retiraram-se. A missa continuou e ao som da campainha todos se prostraram e resaram. De traz de um retabulo do altar, lá estava o padre occulto dizendo a missa dominical aos seus parochianos que todos ajuntam as suas preces ás do cura.

«Frequentemente, aos domingos de manhã, os parochianos, com o cajado na mão e o velho livro de missa debaixo do braço, atravessam a estrada real para a fronteira de França. Caminham aos grupos, com os filhos á frente, as mães no centro e os homens fechando o prestito. Fallam a meia voz como se n'aquella multidão houvesse um recolhimento natural que acompanha o cumprimento de um dever religioso.

«Chegam á aldeia, que além da fronteira suissa protege a bandeira franceza. Estão em França, terra livre, christã e hospitaleira. Na egreja, que não basta a conter aquelles christãos da mesma raça e ha pouco ainda da mesma nação (factos de que o governo actual os faz recordar frequentemente) o cura proscripto e desterrado sobe ao altar que o seu confrade promptamente lhe cede. Reza, e os cantos dos seus parochianos misturam-se aos prantos do exilio, e quando elle falla do seu povo restabelecido, tão fortemente move os corações que com gemidos lhe respondem aos gemidos; e quando os pobres suissos, depois dos adeus e benção voltam á terra natal, dir-se-hia que elles tomam de novo as suas cadeias, e que, excepto no seu Jura, todo o mundo é livre.

«Mas taes protestos incommodam o perfeito bernez. Pelo que, com a sua bem conhecida omnipotencia, prohibiu elle agora a passagem nas fronteiras de França, e encarregou os seus soldados de processar e encarcerar os peregrinos. Será permittido, em virtude da liberdade que protege na Suissa qualquer manifestação publica, reunirem-se nações, livres pensadores, cantores com instrumentos ou sem elles, touristas, collegiaes com acompanhamento de musica e bandeiras de todas as côres e feitios; mas para os que fossem ás egrejas de França, cadeia!

«Os catholicos, todavia, são indemnisados. Em uma granja, pequena de mais para a multidão que se junta, celebram os fieis todos os domingos os officios divinos.

«Não ha padre, mas o povo canta unisonamente os cantares da lithurgia Santa. Um leigo piedoso lê a epistola, o evangelho, as reflexões de um livro bom, ou as instrucções escriptas que o cura desterrado envia semanalmente ao seu rebanho fiel. Os concorrentes commovem-se até ás lagrimas. Depois do meio dia, as vesperas e o rosario preenchem a hora da oração.

«Durante este tempo, debalde os intrusos chamam para as suas egrejas expoliadas, polluidas, ermas. Muitos d'esses não acham sequer um menino que lhes ajude ás missas. O povo catholico do Jura vota a um despreso grande como a sua fé os padres apostatas que expulsaram os verdadeiros ministros do

Senhor: fica nos seus alpendres. Permanecem todos leaes a Deus, á Santa Egreja e ao seu cura.

«A fé entorpecida n'aquellas almas espertou viventissima, e agora o Jura bernez é mais catholico do que nunca.»

A final o conselho central da confederação envergonhou-se da fama que o Cantão de Jura alcançava para a patria commum, antigamente tão livre e tão hospitaleira. Provavelmente tambem se sentiu commovida vendo o grande numero de viajantes estrangeiros protestar a seu modo, encaminhando para outro lado seus passos e dinheiro. O governo bernez foi convidado a intentar contra os padres catholicos um processo legal e regular, ou a reentregal-os. Processal-os era impossivel, por falta de elementos. Os exilados voltaram no fim de 1875.

Não acharam porém nem suas residencias, nem suas egrejas, nem a liberdade; mas encontraram o que mais apreciavam— os corações de suas ovelhas. Continuaram no entanto ao abrigo das trevas e das mais minuciosas precauções a cumprir seu ministerio, e a desafiar as espionagens policiaes, as multas e a prisão, como antes do exilio [1].

A sorte dos confessores da fé, no Occidente, é ainda menos digna de inveja, comparada com a de seus émulos de coragem e de soffrimentos ao Oriente da Europa.

Quando Pio IX relancêa uma vista sobre o mundo, como

[1] O documento seguinte é uma completa revelação. É dirigido por um inspector das escolas a uma mestra catholica:

Senhora.

«Como funccionario do Estado de Berne, deveis contribuir com todas vossas forças para que se realisem suas intenções respeito á frequentação do culto. Se sua consciencia lhe não permitte ir á egreja reconhecida e approvada pelo governo, concedo-lhe a liberdade de não frequentar nenhuma religião; mas prohibo-lhe expressamente ir á granja do cura demittido, por que não consinto que dê máos exemplos ás creanças.

«Dou-lhe este conselho para me não ver forçado a retirar-lhe mais tarde o subsidio. Pense n'isto.

«Sou com toda a consideração

O inspector, WÆCKL.

Prohibo-lhe que vá á granja... Esta palavra se deve passar á posteridade para estigmatisar para sempre o procedimento do governo bernez no Jura. Roubam-se as egrejas aos catholicos, relega-se seu culto *para as granjas* e por final conclusão, *prohibem-lhe que entrem n'essas granjas.*

a sentinella encarregada de vellar por todo o campo de Israel, vê reinar o desalento e a desolação em muitas partes, mas em nenhuma no estado chronico e inveterado como na Suissa. Ali, póde-se dizer que a perseguição, ha mais de um seculo, não tem diminuido; é como o fogo que revive das cinzas, lançando frequentemente sinistros clarões, e tanto no tempo de Alexandre II como no reinado de Nicolau e Catharina II, a unidade catholica nunca deixou de ter os seus martyres e tambem, ah! as suas deserções mais numerosas ainda.

O que mais aggrava a situação dos catholicos submettidos ao sceptro de ferro dos Cezares, é que elles na maior parte pertencem historicamente ao antigo reino da Polonia. O fanatismo religioso augmenta seu odio contra uma nacionalidade presistente, e cujos restos se conservam ainda, por causa mesmo de sua fidelidade á fé de seus paes. Além de que, a falta de luz e liberdade em que se move a politica interior da Russia, é o motivo por que ahi se permitte tudo sem despertar a piedade ou indignação dos contemporaneos—e muitos factos monstruosos escapam á historia ou lhe chegam de tal fórma deturpados ou desfigurados pela distancia, tão privados de apoio da imprensa chamada liberal, que se hesita acredital-os.

Todavia no tocante ao silencio da imprensa liberal, não póde a nossa critica tomal-o como signal de duvida. O despotismo mais desenfreado, quando é exercido contra a Egreja, não tem mais solido aliado que o liberalismo. O Jura bernez está-nos á porta; se estivesse collocado para além do Vistula, saberiamos nós, pela imprensa liberal, uma unica das atrocidades que ahi se commettem? A imprensa liberal tem coadjuvado tudo, com sua approvação ou com seu silencio.

Mons. Felinski, arcebispo de Varsovia, e os outros bispos deportados em 1863 gemem ainda depois de doze annos na prisão ou no exilio. Os bispos e os curas que tem morrido não tem sido substituidos; os seminarios continuam fechados, as igrejas confiscadas violentamente pelo scisma ficam-lhe adjudicadas; o pretendido synodo catholico, instituido em S. Petesburgo para regular os negocios ecclesiasticos sem ser obrigado a recorrer a Roma, é sempre aos olhos do Estado a auctoridade

suprema sem appellação. É verdade que annunciam para breve o proseguimento de negociações conciliadoras do governo de Alexandre II com o Vaticano; mas ainda nada se sabe ao certo. Isto no que diz propriamente respeito á Polonia e aos russos catholicos do rito latino.

Mas é contra o rito catholico oriental, ou grego unido, que tem rebentado os mais recentès e mais terriveis effeitos da perseguição.

Depois da grande apostasia arrancada por Nicolao I, os gregos unidos não existem mais que nas provincias de Lublin, de Siedlce e de Suwakki limitrophes da Lithuania. Ainda ha pouco ahi existiam alguns milhares d'elles formando a pequena diocese de Chelm, ultimos despojos de uma egreja que, no momento da partilha da Polonia, contava mais de sete mil fieis.

Alexandre II que teve a honradez de libertar os servos no seu imperio, e que representam como um caracter brandissimo, parece que devia inclinar-se antes para a tolerancia de Alexandre I, do que para a politica de ferro de Nicolao. Mas elle deixa-se convencer pela imperatriz sua esposa, e pela favorita d'esta, a fanatica Mademoiselle Bludow, por seu ministro da instrucção publica, M. Tolstoy, e por M. Gromeka, governador da Siellce, todos apostados em representar-lhe que era uma anomalia ver ainda em seus Estados uma população Ruthena communicando com Roma. Tolstoy e Graneka foram em consequencia d'isto auctorisados para destruir o rito grego unido, sob o protesto de o depurar; e quando por acaso, o brado dos Ruthénas opprimidos chega a seus ouvidos imperiaes, Alexandre II responde promptamente, como succedeu com M. Souwarow, quando este lhe representava as desgraças da Polonia: «Faça como eu, não pense mais n'isso!»

Em 1865 foram abolidos os canticos do Rosario e as predicas na lingua polaca; tiraram os orgãos das egrejas, e foram prohibidas as campainhas e custodias como importadas do rito latino. O bispo de Chelm, Mons. Kalinski que tentou oppor-se a estas mudanças, foi desterrado para a Siberia, onde expirou nos braços do bispo de Vilna, tambem desterrado. Em seu logar nomearam como administrador um padre chamado Popiel,

sicario do governo, e muito disposto a representar o papel de Siemazko na Lithuania, no tempo de Nicolao.

Advertido pelo exemplo de seus antigos correligionarios de Ukriane, de Wolhynia e da Lithuania, os quaes pouco a pouco foram levando até á apostasia, sempre debaixo do insidioso disfarce de depurar a Egreja oriental, o povo não quiz attender a nenhuma mudança. Nas parochias onde as ordens do governo foram executadas, as egrejas ficaram vazias; ninguem acceitava os sacramentos administrados pelos padres ligados ao innovador Popiel; e em muitos logares chegou mesmo o povo a recusar a entrada de suas egrejas a estes padres de quem desconfiava, postando uma guarda que vellava ás portas de noite e de dia. O governo mandou immediatamente tropas para dispersar os recalcitrantes a cronhadas e a chicote; as portas das egrejas foram forçadas, os orgãos arrancados, e as reformas operadas. N'esta occasião foram mortos tres homens que se distinguiram por sua resistencia em Koden. Os russos afincavam-se sobretudo contra a devoção do Santissimo Rosario, a que mui particularmente era afeiçoado o povo ruthero. Em muitas localidades, os commissarios do governo, Kotow e Turr, uniam a população perguntando a cada um em particular se estava resolvido a continuar com a pratica dos canticos do Rosario. A resposta affirmativa era immediatamente punida com a multa, a qual variava entre tres a vinte e cinco rublos. E apossavam-se dos vestuarios e rebanhos dos que não podiam pagar.

Os proprios judeus esquivavam-se a comprar estes objectos tão injustamente extorquidos. Muitas pessoas foram por esta causa encarceradas e torturadas pela fome; chegando até a expirar dois na prisão. As mulheres mostraram ainda mais firmeza do que os homens na sua devoção ao Santissimo Rosario. Na aldeia de Gés encarceraram mais de cem n'uma miseravel choupana que difficilmente poderia contel-as; e ellas ahi se conservaram de pé apertadas umas contra as outras durante oito dias, e teriam morrido de fome, se a caridade dos aldeãos lhes não passasse um bocado de pão pelas janellas. Para lhes augmentar o tormento tinham lançado agua no chão para o resfriar e cascalho miudo para lhes ferir os pés.

Emquanto os fieis padeciam taes tormentos, tratavam de afastar ou encarcerar todos os bons ecclesiasticos que se recusavam a acceitar as reformas scismaticas, procurando intimidal-os inflingindo-lhes mil torturas moraes. Algumas vezes despertavam-nos em sobresalto durante a noite para um interrogatorio; e não raro lhes participavam que um dos seus collegas tinha abjurado. A final acabaram por deportar para a Siberia os mais recalcitrantes, substituindo-os pelos padres que fizeram ir da Polonia austriaca e que eram egualmente uniatas, mas se achavam dispostos para tudo quanto lhes exigissem.

O povo não cessava de exclamar: «Deem-nos um bispo escolhido pelo Papa e nós obedeceremos; o que não podemos é reconhecer o administrador Popiel».

N'esta conjunctura o governo lembrou-se de um certo Kuzienski, padre intelligente, mas sem caracter, em quem confiava, apesar de nunca se ter compromettido por nenhum acto contrario a seus deveres aos olhos das populações. Enganado pelas apparencias e impaciente por ver findar a viuvez da egreja de Chelm, Pio IX acceitou a proposta que lhe fizeram da elevação de Kuzienski ao episcopado. Esta nomeação foi saudada com immensa alegria, tanto pelo clero, como pelo povo. Imaginaram que a crise estava passada. Não tardou, porém, que reconhecessem que o novo bispo se installava com perfidas intenções, começando logo por confirmar as innovações de Popiel.

O povo submetteu-se, mas contra vontade. Ainda assim, Kuzienski era um bispo legitimo, e confirmado pelo Papa. Todavia, não era sem certa desconfiança que o viam introduzir a lingua russa no culto, mortificar ou suspender os curas mais populares, dar todos os curatos vagos a padres chegados de Gahùa, e finalmente permittir aos soldados gregos-unidos que se confessassem aos padres scismaticos.

De repente soube-se que Kuzienski, abandonando o seu posto, se retirava para Lemberg; que Popiel voltava a administrar a diocese, e que por sua ordem, desde o primeiro de janeiro de 1874, se deixaria de nomear o Santo Padre durante a missa, supprimindo-se, nas egrejas grego-unidas, todos os usos em

discordancia com os da Egreja russa, denominada officialmente egreja orthodoxa.

O povo de Lublin murmurou, mas submetteu-se. Não succedeu, porém, o mesmo em Podlachia. O povo deixou de frequentar as egrejas. Elle proprio baptisava seus filhos, e enterrava seus mortos.

Viram-se invenciveis resistencias, e houve até martyres. Os cossacos enviados de guarnição para as aldeias, viviam alli á custa dos habitantes até que estes ficassem completamente arruinados, ou se convertessem. A população de Rudno, districto de Radzyn, a quem lançaram o imposto de 850 rublos (2:500 francos) abandonarama os guardas seus bens e moradas, e emigrar ampara os bosques, no mez de janeiro de 1874, no rigor do inverno, jurando não voltar senão quando obtivessem liberdade de consciencia. Em Chamalowski, muitos uniatas, e entre estes tres mulheres, succumbiram ao azorrague dos cossacos. Em Pratulin, (districto de Janow), o povo reunido no cemiterio guardava a entrada da egreja para a defender dos padres apostatas. Um coronel allemão, chamado Stein, que commandava tres companhias de cossacos, intimou a multidão a que dispersasse, e como ninguem se movia, mandou carregar as armas. A esta ordem, os habitantes ajoelharam, com as mãos erguidas e o peito a descoberto, entoando canticos religiosos.

Primeiro os soldados atiraram para o ar, mas o povo bradou: «atirem antes contra nós! estamos resolvidos a morrer». Então, á nova ordem do coronel, nove homens cairam fulminados entre a multidão, ficando grande numero mortalmente ferido: quatro d'estes expiraram dentro de vinte e quatro horas.

Voltando-se então para as auctoridades das aldeias visinhas que elle tinha mandado assistir á submissão ou execução dos habitantes de Pratulin, Stein exclamou: «Aqui está como o Cesar castiga os rebeldes!»

Os corpos das victimas foram expostos no cemiterio, e os habitantes foram forçados a ir contemplal-os.

Em Drylow (districto de Radzyn), mataram cinco homens no mesmo dia e da mesma maneira que em Pratulin. Mas o resul-

tado d'estes deshumanos espectaculos, era muito ao contrario do que se esperava. A mãe de um dos martyres de Pratulin, Onuphre Wasyleck, reconhecendo o cadaver de seu filho, começou a chorar, mas sua nora, viuva do morto, aproximou-se dizendo-lhe: «Mãe, não choremos; elle não foi castigado por ter commettido crimes; mas por ser fiel á sua religião. Oh! quanto eu desejo uma igual morte!»

Era tal o enthusiasmo, que os feridos, para soffrer mais tempo, não queriam confessar que estavam feridos. Uma joven a quem tinham quebrado uma costella, não consentiu que a curassem senão quando foi accomettida pela gangrena.

Depois foi prohibido atirar contra o povo ou carregar á bayoneta; mas nem por isso cessou a perseguição. Os pobres habitantes queriam ir queixar-se a S. Petersburgo, e mesmo a Roma: mas recusaram-lhe sempre os passaportes, e nunca obtiveram resposta ás petições que enviavam ao imperador. Durante a estada de Sua Magestade em Varsovia, uma camponeza, disfarçada em burgueza (por que as aldeans não eram admittidas) entregou-lhe uma petição em que supplicavam lhes concedessem a tolerancia da religião grego-unida.

Por ultima resposta, o imperador mandou publicar nas gazetas a confirmação das ordens antecedentemente dadas para a extinção do rito-unido.

Desde o mez de março de 1874 até setembro do mesmo anno, não houve um momento de descanso para esta desgraçada população. No outono a perseguição refinava com mais intensidade, sobretudo nos districtos de Wlodawa, Radzyn, Biala, Janow, Konstantinow. Em Sosice e Sokolow, arrebatavam as creanças á força para as baptisar e inscrevel-as em seguida como scismaticas. Da familia de Krawczuki, desterrada completamente, não restava senão uma senhora com um filho de leite. Tentaram obrigal-a a assignar sua adhesão ao scisma; como ella recusasse, ameaçaram-na de lhe arrebatar a creança. Esta heroica mãe abençoou o filho, dizendo que o entregava á divina Providencia, preferindo a separação a renegar a sua fé.

Informado a este tempo Pio IX de uma parte d'estas crueldades, contra as quaes nada podia, supplicou por uma carta ao

arcebispo grego-unido de Lemberg, Mons. Sembratovicz, que fizesse chegar aos confessores da fé todos os soccorros espirituaes, ou outros quaesquer de que necessitassem, e estivessem a seu alcance, e ao mesmo tempo declarou na bulla *Omnem sullicitudinem* de 13 de maio de 1874, que as lithurgias particulares das egrejas orientaes, e especialmente a dos gregos-unidos fixada no concilio de Zamosco em 1720, foram sempre muito consideradas pela Santa Sé, e devem ser integralmente conservadas.

Sabendo que fôra publicada em Roma uma bulla que lhes dizia respeito, os pobres camponezes ruthenos mandaram secretamente procural-a a Lemberg. Seus emissarios introduziram-se em Galicia sem passaporte, arriscando-se ao desterro para a Siberia. Obtida a bulla por esta fórma, reuniram-se em grupos nos logares solitarios, e aquelle que sabia, lia-a a seus companheiros: consideravam-na como uma reliquia.

Vendo os russos que o povo conhecia a bulla, na sua má fé habitual, esforçaram-se em desfigural-a, e fazer acreditar ao povo e ao clero, muitas vezes tão ignorante um como o outro, por falta de seminarios e de liberdade, que o Papa acabava de derrubar o rito grego-unido, não se podendo mais desde então celebrar a missa de S. João Chrysostomo nem a de S. Basilio, e que o casamento dos padres secularisados deixaria de ser consentido, da mesma forma que a lingua slava.

A população cercada, abatida, abandonada, consentiu em muitos logares em assignar, promettendo conservar-se submissa. Em outras partes ou geralmente, forçaram-nos a assignar uma petição para passarem ao scisma. A maior parte d'esses desgraçados, não sabendo ler nem escrever, ignorava absolutamente a natureza do escripto que lhe faziam assignar. Depois do que, annunciavam-lhe como grande successo em toda a Europa as novas conquistas da orthodoxia russa, tendo o governador tido a audacia de fingir que cincoenta parochias, indignadas por se acharem confundidas com as latinas na carta de Pio IX ao bispo de Lemberg, pediam a graça de ser admittidas na egreja russa; no dia 24 de janeiro de 1875, foram chamados tres individuos de cada freguezia, o regedor e os dois cabos a Biala,

intitulando-se como representantes das suas aldeias para passar ao scisma. O archimandrita de Varsovia foi chamado para celebrar o officio em presença d'esses desgraçados, conduzidos á força para a ceremonia. No momento em que se distribuiam as imagens que é costume collocar nos angulos das habitações dos scismaticos, os camponezes recuaram até á porta para não as receber. N'essa occasião o chefe militar chamou os cossacos, intimidando as pobres victimas a ponto de lh'as fazer acceitar.

Passados alguns dias, Alexandre II recebeu com muitas honras em seu palacio de S. Petersburgo uma egual deputação, telegraphando para todo o mundo a participar a satisfação que enchia seu coração.

No entretanto era necessario que se lavrasse uma acta publica. No mez de maio de 1875, celebrou-se na cathedral de Chelm a volta ao scisma de trinta mil diocesanos, os quaes tinham mais ou menos assignado, declarando-se que não restavam mais do que outros trinta mil homens que formalmente tinham recusado sua adhesão. Em Varsovia houve egual ceremonia, proclamando-se que a diocese de Chelm tinha afinal e a seu pedido sido reintegrada na fé da egreja orthoxa russa. Alexandre II confiou ao arcebispo scismatico de Varsovia esta nova diocese, dando-lhe por coadjuctor, com o titulo de bispo de Lublin, o afamado Popiel.

Foi d'esta maneira que desappareceu na Russia a Egreja grego-unida, cem annos depois que os soberanos da Russia tinham assignado e jurado os tratados que garantiam aos gregos-unidos o livre exercicio de sua fé. E a fraude e a violencia continuam a esta hora, contra aquelles que ainda existem. Os habitantes das povoações e das aldeias estão sem nenhuma assistencia religiosa; as egrejas occupadas pelos padres scismaticos continuam a ficar vazias. O governo mostra-se indifferente a passar o povo sem o sacramento do matrimonio, ou a serem enterrados civilmente os mortos; mas quando ha um recem-nascido, o chefe da communa (Woyl), que ordinariamente é um sargento do exercito moscovita, apresenta-se acompanhado da policia territorial, pega na creança, leva-a a casa de um sacer-

dote do rito grego, manda-a baptisar servindo-lhe de padrinho, manda fazer o assento como orthodoxo, e depois de tudo prompto leva-o outra vez a casa dos paes. Nenhum dos membros da familia assiste a esta triste ceremonia.

Um decreto intimou a todos os empregados do governo, sob pena de demissão, para «abraçarem voluntariamente a religião do Estado»; e uma proclamação do general Kotzebue, governador geral de Varsovia, datada de 25 de outubro de 1875, prohibiu a todos os padres catholicos latinos, debaixo de qualquer pretexto que fosse, baptisassem as creanças nascidas dos matrimonios catholicos latinos, e dos antigos catholicos grego-unidos. E, na ausencia de Mons. Felinski arcebispo de Varsovia, desterrado pela fé havia mais de doze annos, se encontraram padres catholicos, administradores da archidiocese, bastante estupidos ou desconhecedores de seus deveres para notificar esse decreto, e outros semelhantes a seu clero. De todos os factos que acabamos de narrar, este é o mais triste e mais assustador para o futuro.

O conde Alexandrowier, de Constantinovo, tinha sido muitas vezes advertido pelas auctoridades russas, de que não tinha direito para frequentar as egrejas latinas, attendendo a que ao tempo de seu nascimento e por falta de padre catholico, fôra baptisado por um sacerdote orthodoxo. Para se livrar das importunações d'estes singulares apostolos, o conde fez uma viagem até S. Petersburgo, dirigindo-se pessoalmente a Alexandre II. D'este recebe uma resposta verdadeiramente digna de um czar: «Porque razão agradando-me a religião orthodoxa, lhe não ha de tambem agradar?» Depois d'isto não restava ao conde senão um partido a tomar: vender seus bens e retirar-se para o estrangeiro. É o que elle fez. Mas os desgraçados camponezes não pódem expatriar-se.

Ha russos honrados a quem o procedimento de seu governo horrorisa. De modo que Joanicio, arcebispo scismatico de Varsovia, quando foi a Biala precedendo á entrada da população d'esta aldeia no scisma, teve occasião de se convencer dos odiosos meios empregados para obter esta conversão, e não pôde deixar de mostrar sua indignação ao conversor Popiel,

nem deixar conhecer aos padres apostatas da Galicia, a pouca consideração que lhes mereciam.

Esta coragem valeu-lhe a perda de sua prelazia. Um decreto de 28 de novembro de 1875 transferiu Mons. Joanicio do arcebispado de Varsovia para o de Kherson, collocado nas planicies estereis do meio dia, e o prelado de Kherson, Mons. Leontins, conhecido por seu fervor contra os catholicos, foi chamado para o substituir.

Em ultimo caso, o imperador publicou um decreto agradecendo a todos aquelles que tinham contribuido para tão glorioso successo.

N'esse mesmo decreto foram abolidas umas quarenta egrejas do rito latino situadas no meio das egrejas grego-unidas, para que a população que se conservava fiel á sua religião não podesse frequentar essas egrejas. O imperador descuida-se de dizer se esta complementar suppressão tem logar a pedido dos latinos, mas assim se deve crer, porque tudo isto foi provocado pelos desejos expontaneos das populações.

Eis aqui o que se passa no centro da Europa em pleno seculo XIX. O Tou-Rin presenciava ao mesmo tempo o massacre de vinte e cinco mil christãos. Estes acontecimentos pertencem, todavia, mais á historia geral da Egreja que á de Pio IX. Entendemos no entanto, não os deixar passar em silencio, porque taes espectaculos confortam e animam, e por isso mesmo escolhemos de preferencia alguns pormenores da carnificina da Polonia-russa, no intuito d'inspirar alguma modestia a esta civilisação moderna tão orgulhosa de si mesma. A malfazeja mão de M. de Bismarck fez-se sentir até no Oriente, onde a Prussia era até então desconhecida. A Turquia era, antes d'esse tempo, nomeada por sua tolerancia e rectidão para com seus vassallos catholicos: as procissões nas ruas de Constantinopla, eram mais livres que nas de Paris. Graças a esta benevolencia, o pontificado de Pio IX produziu ahi fructos admiraveis.

Sob seus auspicios e cuidados, os collegios floresciam illuminando e amparando os fieis do rito latino; tinham-se lançado os alicerces d'uma egreja bulgara-unida que augmentava todos os dias; os maronitas acabavam de reedificar suas

ruinas de 1860; o numero dos gregos catholicos (ou melchites) está quasi duplicado, tanto as conversões são numerosas; e da mesma forma entre os catholicos armenios. Esta ultima parte da população christã é talvez a mais instruida e a mais influente de todas quantas abriga o sceptro dos Padischas. No entanto esta prosperidade foi repentinamente abalada e quasi destruida pelas intrigas de Berlin, auxiliadas pela momentanea effervescencia do fanatismo ottomano.

Pela bulla *Reversurus*, Pio IX tinha regulado a ordem da successão e a maneira de se elegerem os partidos archas e bispos armenios catholicos. Este regulamento, talvez prematuro, mas certamente ditado pela mais sabia previdencia, foi acceito a principio sem a menor difficuldade. No entanto, havia em Roma alguns monges indisciplinados, os quaes deixaram clandestinamente essa cidade quando começou o Concilio. Para colorir esta rebellião cujos motivos eram diversos, allegaram a bulla *Reversurus*, já antiga, e a proclamação da infallibilidade que ainda se não tinha feito.

Apoiados por um partido secular muito poderoso e emprehendedor, fizeram nomear um dos seus, chamado Kupelian administrador de sua nação, e tanto trabalharam e intrigaram que conseguiram para o tal Kupelian a investidura do governo turco, como unico verdadeiro chefe dos Armenios catholicos. O chefe legitimo, Mons. Hassoun, patriarcha de Cilicia, protestou e reclamou seus direitos; mas a antiga protecção da França estava enfraquecida pelos recentes revezes, e póde ser que ainda mais talvez, na questão armenia, pelo estupido apoio com que o derradeiro embaixador de Napoleão III tinha sustentado as manobras dos kupelianistas. A Porta tratou Mons. de Hassoun como sedicioso, e forçou-o a exilar-se. O patriarcha de Cilicia retirou-se para Roma para junto do Santo Padre.

Desde este momento, o intruso Kupelian e os seus, posto que seu numero nunca passasse além de mil e duzentos a mil e quinhentos, foram officialmente reconhecidos como os unicos catholicos armenios. Mons. Hassoun e seus fieis, posto que em numero de cem mil, receberam desdenhosamente, com a denominação do official de *harsounites*, a auctorisação para formar

uma nova seita. Mas todos os bens da egreja catholica armeniana passaram para os kupelianistas.

As expulsões dos bispos e dos curas, as invasões á força armada das egrejas, dos mosteiros e dos hospitaes, deram-se desde então como na Suissa. Usavam nos dois paizes o mesmo systema, e a mesma maneira de proceder. Não obstante o diccionario, diziam-se verdadeiros catholicos os que o Papa acabava de excommungar, e chamavam scismaticos aos que estavam com o Papa e o resto do mundo catholico; expoliava-se o catholicismo apparentando entregar-lhe o que lhe pertencia. A semelhança que existia entre elles foi ainda mais além. Em Genova a egreja de Nossa Senhora, e em Constantinopla a de Santa Sophia foram sequestradas pelos governos, e emquanto esperavam pela decisão da justiça, foram ambas entregues ao scisma, antes de terminada a pendencia judiciaria, e apesar das promessas que tinham feito.

Damasco, Brousse, Sinope, Mardyn, Mossuul, e todas as principaes cidades do imperio ottomano viram expulsar de suas egrejas, pela força, os catholicos armenios, para dar logar aos poucos kupelianistas. A perseguição estendeu-se até ao Cairo.

Em Angora, doze mil catholicos armenios foram desapossados a favor de doze dissidentes: e n'estes doze entrava ainda o monge apostata enviado por Kupelian. Em Adana, a egreja, a escola e o bispo catholico armenio com todas as suas prebendas foram preza de um unico padre e de um unico secular.

Em Trebisonda o bispo expulso pelas baionetas turcas morreu de desgosto. O valor dos bens expoliados a seus legitimos proprietarios attingiu a somma aproximada de cem milhões de francos. [1]

Estas iniquas injustiças não aproveitaram nem ao imperio ottomano, nem ao grã-visir Hussein, Avni-Pachá, seu principal auctor. Este foi demittido por uma revolução no palacio; e o imperio, pela fallencia e a insurreição de Herzegowina deu um passo para a sua ruina difinitiva.

E não será a Prussia quem irá soccorrel-o. Mas a persegui-

[1] *Annaes da Propagação da fé*; janeiro de 1876.

ção armenia tem diminuido muito o pesar que poderiamos ter sentido alguns annos antes, vendo desapparecer aquelle a quem prodigalisamos nosso sangue e nossos thesouros na Crimea.

No consistorio de 21 de dezembro de 1874, Pio IX fallou a favor dos opprimidos. Depois de ter lamentado as actuaes perseguições da Allemanha, da Suissa e das republicas americanas, proseguiu:

«Devendo hoje juntamente comvosco confirmar o patriarcha Syrio de Antiochia, não podemos proceder d'outra fórma, veneraveis irmãos, senão lamentar do intimo de alma a dura perseguição que no imperio turco opprime os catholicos armenios. Lá o poder publico, depois de ter indignamente expulsado o patriarcha de Cilicia, ousa considerar como catholicos, homens ecclesiasticos ou seculares, os quaes, rebeldes á nossa auctoridade, negam a obediencia que devem a esse patriarcha, tem abandonado o rebanho de Christo, e estão miseravelmente fóra da união catholica. Gozam, porém, da protecção publica que lhe concedem. Quanto aos verdadeiros fieis de Jesus Christo, aquelles que sustentam corajosamente as adversidades sómente para se conservarem firmes na religião de seus paes, esses são entregues ao odio e á sanha dos neo-scismaticos; seus bens e os da Egreja tem-lhes sido violentamente arrancados e em muitos logares pela força armada, pela inspiração e procedimento dos neo-scismaticos, vendo-se elles reduzidos a reunirem-se clandestinamente em algumas casas para celebrar os officios divinos. E nem mesmo se acham protegidos pelas maximas d'este seculo, cuja auctoridade, proclamando a liberdade da consciencia, deveria pelo menos deixar-lhes a liberdade de possuir suas egrejas, professar sua fé, e ligarem-se a seus pastores. Elles nem mesmo são defendidos pelos tratados solemnes feitos entre as grandes potencias e pelos quaes, entre outros artigos que ahi se resolveram, se tinha plenamente tratado da liberdade, da segurança e do bem estar dos catholicos que vivem no imperio ottomano. Que é feito pois da sanctidade e da fé com que deram e receberam a sua palavra? E em que se tornou esse zelo para defender os opprimidos que deveriam e poderiam bradar contra elles?»

Pio IX acolheu os exilados, sustentou com suas consolações os desapossados reduzidos á miseria e algumas vezes alimentou-os com suas esmolas.

A seguinte carta, dirigida por elle, em janeiro de 1875, a Mons. Melchior Nazarian, arcebispo expulso de Mardyn, na Mezopotamia, deve ser considerada como especimen das cartas apostolicas que escreveu por esta occasião:

«Nós choramos comvosco, veneravel irmão, as adversidades que tem pesado sobre toda a Egreja, e sobre as vossas em particular, ás quaes, desprovidos como nos achamos de todo o soccorro humano, embaidos pela perfidia e violencia, não podemos dar remedio.

«Mas quando nós vemos que foi dada até ás portas do inferno e a seus fauctores uma inteira liberdade e o pleno poder de fazer o mal, não devemos desanimar nem crer que o triumpho da iniquidade será de longa duração.

«Com effeito, diz a Escriptura, *o impio acha-se preso em sua preversidade; está ligado pelas cadeias de seus crimes, e aquelle que cava um fosso para os outros é o primeiro que ahi cairá; e aquelle que colloca uma pedra diante dos passos de seu proximo ahi baterá e estrebuchará; e finalmente aquelle que arma uma cilada a outro cairá elle proprio na armadilha.*

«A final, veneravel irmão, como esta guerra é declarada não aos homens, mas a Deus, é em seu nome que a seus ministros e seus fieis servirá de merito e gloria. *Elle se levantará por fim, e julgará sua causa.*

«É a rasão porque, applaudindo vossa firmeza, nós vos exhortamos encarecidamente a nunca a desmentir, a armar-vos de paciencia, a esperar com confiança e a proceder corajosamente, porque sereis auxiliado, não só com vossas proprias forças, mas com as de Deus de quem sustentaes a causa. Vossa constancia reanimará a do vosso clero e do rebanho confiado a vossos cuidados; e lhe fará ganhar uma victoria moral evidentemente mais brilhante e mais solida que a passageira victoria da violencia.»

Graças a Deus, a victoria moral annunciada aos fieis catholicos armenios parece seguir de perto o triumpho da força. As

mais recentes noticias de Constantinopla mencionam numerosos e deslumbrantes retrocessos para a união. Os kupelianistas estão agora reduzidos a seis ou sete centas pessoas quando muito. Póde portanto prever-se desde hoje a extincção gradual d'esse novo scisma e a impossibilidade em que elle se ha de achar para conservar os templos e os bens roubados. Já elle teve de abandonar os de Adana e de Diabekir, nos primeiros mezes de 1876.

Um outro scisma oriental que ainda mais depressa desappareceu, foi o de Mons. Andou, prtriarcha chaldeu. No Concilio mostrou-se Mons. Andou um dos mais ferrenhos adversarios da infalibilidade; e além d'isso tinha sustentado com toda a sua influencia os kupelianistas em Constantinopla. Este procedimento attraiu-lhe paternaes reprehensões e justas censuras de Pio IX.

O patriarcha recuou a tempo diante das deploraveis consequencias que teria a sua obstinação.

N'uma carta datada em fins de fevereiro de 1873, Pio IX levantou as penas ecclesiasticas em que o patriarcha se achava incurso.

Parece todavia que o fermento da discordia ainda não desappareceu de todo entre os Chaldeus. Este povo, comparado pelo numero a uma parochia de Paris ou de Lyon, causa mais embaraços á Santa Sé do que uma grande nação.

CAPITULO XXVI

Situação do mundo em frente de Pio IX—Extremo Oriente—America—O Equador e o presidente Garcia Moreno—Inglaterra—Hespanha—Austria—Belgica—França, etc.

Já mencionámos os martyres do extremo Oriente. Tambem os houve na China e no Tonkim. N'este paiz, em seguida a uma brilhante expedição que faz lembrar as conquistas de Fernando Cortez, um official francez, pertencente á nova colonia da Cochinchina, mr. Francis Garnier, foi sepultado prematuramente no seu triumpho; mas o governo que o tinha enviado, longe de sustentar sua empresa, não a approvou, e retirou toda a protecção aos indigenas christãos que a tinham auxiliado. A vingança dos mandarins pagãos foi rapida e cruel.

Nas povoações christãs apenas escaparam as mulheres e as creanças, e todas as casas foram arrazadas. O governo francez deixou impunes estas atrocidades de que era causa indirecta; mas concluiu com o imperador de Annam, suzerano de Tonkim, um tratado em que esta religião ficou debaixo da protecção da França. Oxalá que a liberdade da fé se ache desde então melhor garantida!

Na India, e na India Chineza, sob a dominação ingleza, ha muito tempo que se gosa completa liberdade. De modo que, Pio IX teve a satisfação de poder multiplicar ali seus vigarios apostolicos, assim como na China, á medida que o povo fiel tão

inferior no meio das innumeraveis multidões pagãs ou mahomentanas ia crescendo. Mas foi sobre tudo no Japão que a Providencia reservava ao Santo Pontifice as maiores consolações, e, quasi póde-se assim dizer, as maravilhas de seu pontificado.

Ali tinha desapparecido no sangue, depois no silencio do mysterio, uma christandade que contava dois milhões de fieis no começo do seculo xvii, e que tinha dado successivamente ao céo quasi igual numero de martyres. O Japão, onde não penetravam mais que alguns mercadores hollandezes, guardados á vista n'uma ilha, depois de ter calcado aos pés a cruz do Salvador, o Japão deixou de existir para o resto do mundo, e o resto do mundo para os japonezes. Era um paiz para descobrir de novo, similhante a essas cidades do Vesuvio que a lava teve por muito tempo sotterradas. Todos os missionarios que, depois de 1630, se tinham encaminhado para essas inhospitaleiras regiões, tinham sido immediatamente presos, torturados e mortos. Perguntava-se se existiam ainda christãos japonezes. Todavia, movido por uma secreta inspiração, Pio IX creou, no primeiro anno de seu pontificado, um vigariado apostolico do Japão.

Por sua ordem, monsenhor Forcade, que depois foi bispo de Nevers, desembarcou na principal ilha de Liéon-Kion, archipelago tributario do Japão, mas foi ali tão estreitamente vigiado e guardado, que nem elle nem mr. Leturdu poderam corresponder-se com os indigenas, os quaes estavam prohibidos de lhes fallar sob pena de morte.

Vendo isto, tornaram a embarcar. O P. Colin, nomeado substituto do vigario, andou duzentas leguas n'um pessimo carro chinez, durante o degelo e por caminhos horriveis, com o intuito de entrar no Japão pelo norte; mas não o conseguiu, e falleceu, cançado de trabalhar, nos braços de monsenhor Vérolles, logo que chegou a Mantchonria. Em 1855, tres novos missionarios poderam estabelecer-se n'um templo chinez, em Liéon-Kion. Ali converteram e baptisaram um dos seus domesticos, de quem contavam fazer um cathequista, mas este neophito foi-lhes logo roubado, e segundo as apparencias, decapitado. Ninguem mais deu noticias d'elle.

O proseguimento d'esta grande missão japoneza parecia por tanto mais afastado do que nunca, quando subitamente se deu uma revolução tão imprevista, e tão completa, que não póde deixar de attribuir-se a uma intervenção directa da Providencia.

O Japão abriu finalmente as suas portas. Abriu-as aos Estados-Unidos da America, á Inglaterra e a seus fardos de mercadorias; e depois d'isto, tornou-se-lhe impossivel fechal-as á França e ao Evangelho.

O tratado, concluido com a França em 1858, concedia no Japão o livre exercicio de sua religião aos subditos francezes.

Animado por esta convenção, o vigario apostolico, monsenhor Petitjean, mandou construir uma igreja em Yokohama, e transportar sua residencia para Naugasaki. A previdencia de Pio IX precedeu muito as predicas da heresia. Um dia, quando monsenhor Petitjean acabava de celebrar o santo sacrificio, os habitantes dos suburbios de uma grande cidade, chamada Ourakami, approximaram-se-lhe e com certa especie de terror e ao mesmo tempo de satisfação a trasbordar-lhes dos semblantes, perguntaram-lhe: «Tanto vós como vossos sacerdotes renunciastes ao matrimonio, e honrais a Mãe de Christo em vossas orações?» Á resposta affirmativa do missionario, os japonezes ajoelharam, exclamando: «Sois na verdade os discipulos de S. Francisco Xavier, nosso primeiro apostolo; sois, é certo, os legitimos confrades de nossos antigos jesuitas. Passados emfim duzentos annos, tornamos a ver sacerdotes da verdadeira religião!» E elles agradeciam a Deus, derramando lagrimas ás quaes o missionario misturava tambem as suas. «A religião (proseguiram elles) não é livre senão para os estrangeiros; a lei não se tem cansado em castigar com a pena de morte a nós outros japonezes catholicos; mas não importa, recebei-nos, instrui-nos; o tempo e a falta de livros tem talvez concorrido para enfraquecer em nosso entendimento as regras da verdade; no entanto Deus fará de nós o que lhe aprouver!»

O christianismo tinha-se conservado clandestinamente em mais de quatro mil familias, formando ao todo quatorze a quinze mil pessoas.

Por mais que os missionarios praticassem com toda a prudencia o mysterio de suas relações com os indigenas, foi revelado á policia da localidade, e mais de quatro mil pessoas de Ourakami foram presas, chibatadas, encarceradas ou transportadas para o norte. Seu degredo durou quatro annos; e um terço d'estes confessores da fé ahi expiraram de miseria, mas poucos fraquejaram. O resto que vivia, foi afinal perdoado, quando cansaram os algozes, e a pedido dos embaixadores europeus, a liberdade religiosa foi concedida, pelo menos provisoriamente, tanto aos indigenas, como aos estrangeiros.

Pio IX gosou ainda a satisfação de ver renovar no seu pontificado, a cadeia dos martyres e dos confessores d'esta igreja japoneza, a primeira entre todas, pelo heroismo.

Os limites d'esta obra não permittem que nos alonguemos nos pormenores relativos ao progresso das novas christandades occeanicas, nem sobre as da Africa meridional, nem dos bispados e arcebispados creados pelo Pontifice no Cabo, na Australia, e Nova Zelandia. Nós não estamos fazendo aqui a historia das missões.

Quem se afasta das ilhas do Grande Occeano, para se approximar da America, encontra nas modernas nações, filhas da velha Europa, todas as paixões d'esta. Infelizmente ali progridem tambem as sociedades secretas e a franco-maçonaria.

Pio IX felicitava ainda ha pouco por um breve o illustre bispo de Orleans, por ter desmascarado a maçonaria, esse «laboratorio da revolução», como lhe chama mr. Henri Martin. É, sobretudo, na America, nos Estados de origem hespanhola ou portugueza, que é necessario estudar a franco-maçonaria. Ali continua sem tregoas, e com uma brutalidade incrivel, a eterna lucta entre o erro e a verdade, entre a fé e o atheismo; e são as sociedades secretas que dão as leis aos inimigos da Igreja e da sociedade. Já na sua encyclica de 21 de novembro de 1873, Pio IX tinha notado isto mesmo: dizia elle: «Todo aquelle que bem comprehender o caracter, as tendencias, e o fim das sociedades secretas sob qualquer disfarce em que se envolvam, comparando-as com o caracter, a natureza e o desenvolvimento d'esta guerra declarada á Igreja, quasi sobre toda a superficie

do globo, não poderá duvidar que todas as calamidades presentes, não devem ser attribuidas, senão á sua causa principal, isto é, ás machinações e aos ardis d'essas seitas. São ellas que compõem a synagoga de Satanaz, cujas forças reunidas, como um exercito em ordem de batalha, marcham, com as bandeiras desfraldadas ao assalto da Igreja...

Os innumeraveis adeptos d'essas sociedades, estão persuadidos que chegam ao termo de seus desejos, e que vão finalmente attingir o ponto fixo de antemão. Conseguindo, segundo suas ambições, tornarem-se em muitos paizes senhores do governo, servem-se audaciosamente da authoridade que gozam, para reduzir a Igreja á mais dura escravidão, para minar ao mesmo tempo os alicerces em que se esteia, para obscurecerem as divinas prerogativas que a rodeiam com tão fulgido esplendor, e finalmente para a abalar, abater, destruir inteiramente, fazendo desapparecer seus derradeiros vestigios de sobre a terra. E por esta razão, Veneraveis Irmãos, empregae todos os esforços possiveis, para precaver os fieis confiados a vossos cuidados, contra as ciladas e contagio d'essas seitas, e para desviar do caminho da perdição todos aquelles que se tenham deixado enganar por ellas.»

O bispo de Olinda, monsenhor Gonçalves de Oliveira, tomou no Brazil a iniciativa de se conformar com as precedentes recommendações de Pio IX. N'esse vasto imperio a maçonaria desempenhava os principaes cargos e dava voto nos conselhos dos governos; tinha-se além d'isso, entre outras coisas, tornado saliente, atacando as irmãs da Caridade, os lazaristas, e todos os sacerdotes prestantes que procuravam restabelecer a disciplina da Igreja. Monsenhor de Oliveira não receou apesar d'isto de recordar n'uma carta pastoral muito urgente, que não se póde ser maçon com a consciencia tranquilla.

Esta intrepidez foi por um lado recompensada com os elogios e as felicitações da Santa Sé, e pela submissão de grande numero de fieis acostumados até ali a não considerar a franco-maçonaria, senão como uma associação inoffensiva; e por outro, com o odio dos chefes da seita, que são justamente os que melhor lhe conhecem os intuitos e o fim.

Vimos em Roma, que o imperador D. Pedro II é inclinado, talvez por temperamento, a querer agradar a Deus, sem desagradar ao diabo. Julgou elle, portanto, que esta carta pastoral devia ser apresentada como um abuso ao conselho de Estado, e os conselheiros declararam effectivamente que a sentença do bispo era illegal, por não ter recebido o beneplacito imperial «exigido pela constituição do Imperio.»

Conforme as ordens do ministro, o procurador geral citou o bispo de Olinda para comparecer diante do supremo tribunal do Rio de Janeiro. O animoso prelado respondeu á citação do tribunal com uma carta energica, na qual declarava que sua consciencia lhe não permittia se apresentasse diante do supremo tribunal; por que seria o mesmo que reconhecer a competencia de um tribunal civil em materia religiosa.

A 3 de janeiro de 1874 recebia o bispo de Olinda ordem para se entregar á prisão, mas elle declarou que não iria senão á força. O chefe da policia apresentou-se então com dois officiaes militares no palacio episcopal, e tendo-se monsenhor de Oliveira entregado, foi conduzido á barra, onde o esperava um navio de guerra para o transportar para o arsenal maritimo do Rio de Janeiro, uma das estações mais doentias do Brazil.

Logo que monsenhor Lacerda, bispo do Rio de Janeiro, foi informado da chegada de seu veneravel collega, dirigiu-se para o arsenal maritimo, ajoelhou aos pés do prisioneiro, apertando-lhe as mãos, cobrindo-lh'as de lagrimas e pedindo-lhe que o abençoasse.

Monsenhor Gonçalves abraçou carinhosamente o bispo do Rio de Janeiro; mas este, não podendo conter sua commoção e querendo mostrar á illustre victima da maçonaria sua admiração, tirou do peito a sua cruz pastoral, que era uma recordação de familia, e passando-a para o pescoço de monsenhor Gonçalves, disse: «Monsenhor, tem toda a jurisdicção n'esta terra para onde o trazem captivo; o meu clero, e o cabido da minha cathedral se darão por muito felizes em submetter-se ás suas ordens. Digne-se abençoar-nos a todos: a benção dos confessores de Jesus-Christo é um penhor de salvação.»

Antes de se retirar, monsenhor Lacerda entregou uma con-

sideravel quantia ao prisioneiro para prover ás suas necessidades, promettendo ir visital-o todas as vezes que os carcereiros lh'o permittissem.

A maior parte dos bispos do Brazil telegrapharam a felicitar monsenhor Oliveira; todavia, sómente um teve a coragem de se lhe associar, imitando-o. Foi este o bispo do Pará, o qual tambem não tardou a passar do seu palacio episcopal para uma prisão.

O vigario capitular que elle nomeou para substituil-o, quando deixou sua diocese, tendo-se recusado a levantar o interdicto lançado pelo bispo contra certas confrarias em que entravam os maçonicos, foi condemnado a 25 de abril de 1875, a seis annos de trabalhos publicos; e o vigario capitular da diocese de Olinda, foi por identicos motivos condemnado a quatro annos da mesma pena. No entretanto as novas pugnas eleitoraes elevaram afinal ao poder homens mais respeitosos pela independencia das funcções episcopaes, e a perseguição brazileira chegou a seu termo. Apenas se viu livre, o bispo de Olinda dirigiu-se immediatamente para Roma, a dar contas de seu procedimento a Pio IX, o qual lhe deu as maiores provas de affecto.

Na republica de Vénézuela, limitrophe do Brazil, o arcebispo de Caracas, monsenhor Guebara, achava-se tambem deportado, assim como outros mais, por um governo inteiramente dedicado ás sociedades secretas. O bispo de Guyana, ou por ambição ou por falta de intelligencia, ia acceitar d'esse mesmo governo o arcebispado de Caracas, e que ainda se não achava vago. Logo que isto soube, escreveu-lhe Pio IX a 8 de julho de 1874.

Depois de ter explicado ao bispo prevaricador a perniciosa natureza das novas leis vénézuelienses, ás quaes elle praticara a falta de prestar juramento; e de lhe ter censurado que nas suas cartas enviadas para Roma, por uma falsa e hypocrita modestia, se mostrasse desejoso de recusar a dignidade archiepiscopal por causa de seus annos e do enfraquecimento de suas forças, «emquanto que acceitava publicamente os offerecimentos que lhe faziam no seu paiz» o soberano Pontifice terminou d'esta fórma: «Uma unica coisa mitiga Nossa dôr; e é que essa cadeira que pertence a outro, ainda não está por vós occupada,

e posto que já tenha sido causa de que se desse um immenso escandalo ainda não sois formalmente mais que um intruso.

«Sois velho, vós mesmo o confessaes. Pensae, pois, no dia do julgamento, que se aproxima. Que respondereis a Jesus Christo quando este vos tomar contas de vossa administração e vos censurar ter despedaçado sua tunica inconsutil?... As dignidades, as riquezas, os favores do poder são um vão apparato que vos será logo arrebatado; contemplae as penas que vos esperam, se continuais a preparar o scisma e a apostasia... Forcejai antes, por meio d'uma retractação breve e publica de vosso juramento, por afastar a pedra de escandalo que tendes collocado debaixo dos pés dos fieis, e de resgatar vossa lamentavel fraqueza por uma firmeza d'alma verdadeiramente apostolica, e por uma intrepida defeza dos direitos da Igreja. Nós assim o desejamos, Nós assim o esperamos, e é como presagio d'esse vigor celeste que Nós chamamos sobre vossa cabeça, como penhor da extrema benevolencia que vos consagramos, que Nós vos damos affectuosamente e á vossa diocese da Guyana a nossa benção apostolica.»

O Chili, a unica das republicas hespanholas-americanas que tem até hoje gosado a paz religiosa, e ao mesmo tempo a estabilidade politica, parece querer entrar agora no funesto encalço de seus visinhos. Nas camaras, uma impia maioria de uns vinte votos propõe-se proclamar a completa separação da Igreja e do Estado, subordinando os principios da primeira ás exigencias e vontade do segundo. Mas os bispos protestaram logo contra tal medida, e o povo tambem quasi unanimemente por seus pastores, guardas de sua fé; de modo que é de esperar que estes projectos ameaçadores contra a liberdade e a tranquillidade publica, sejam abandonados por seus authores.

Na Republica argentina, os consoladores progressos da fé occasionaram, em 1875, da parte do governo d'esta Republica, um pedido de novos missionarios, o qual foi transmittido á Santa Sé pelo cavalheiro Gazzolo, consul argentino em Savone. A questão foi logo regulada. Dez missionarios da cidade de Turim, e quinze religiosos de Roma, foram levar os thesouros de sua caridade e zelo ás christandades da Republica argentina.

Os missionarios pertenciam á congregação nascente de S. Francisco de Salles, fundada em Turim por um santo sacerdote, D. Giovanni Bosco, cujo nome e concurso é a alma das instituições caritativas, que florescem na capital do Piemonte. As quinze religiosas de Roma, fazem parte do instituto de Nossa Senhora da Misericordia cuja casa capitular é na Saboia.

Antes de partir para seu destino, os missionarios de S. Francisco de Sales e os religiosos de Nossa Senhora da Misericordia, reuniram-se no dia de todos os Santos, no Vaticano, implorando a benção apostolica do Vigario de Jesus Christo, para seus trabalhos apostolicos.

Os missionarios e as religiosas foram apresentados separadamente ao Santo Padre pelo consul, o cavalheiro Gazzolo, chegado expressamente a Roma para assistir. Sua Santidade louvou e animou o consul e os obreiros evangelicos que elle tão aproposito tinha escolhido. Abençôou-os com todo o carinho de seu paternal coração, e convenceu-os a esperar os mais felizes resultados, «por que, d'esta vez—lhes disse o Santo Padre—não vos envio como cordeiros ao rebanho dos lobos. Ides para um paiz onde as authoridades vos serão favoraveis, e Deus fecundará a boa semente que ahi levaes. Possa elle suscitar cedo novos obreiros, afim de que tambem elles vão trabalhar na sua vinha!»

No mesmo anno, e n'esta mesma Republica argentina, as sociedades secretas, furiosas por não poderem impôr legalmente as servidões e as proscripções que são o fundamento de seu programma, amotinaram a populaça de Buenos-Ayres, saquearam, incendiaram, e arrazaram o collegio dos jesuitas, e ao mesmo tempo massacraram alguns dos santos religiosos.

Até a pequena Republica franceza dos negros de Haiti julgou estar no caso de dever collocar-se ao nivel das conquistas modernas.

Pio IX teve a felicidade de livrar esta republica da anarchia religiosa, causada tanto pela ignorancia e superstições innatas entre muitos de seus habitantes, como por uma serie successiva de revoluções. Depois do tratado de 1860, o presidente do Haiti gozava a faculdade de nomear os bispos; e a eleição dos viga-

rios geraes e dos curas estava submettida á sua approvação; bem como os arcebispos e os bispos, eram encarregados tambem de proceder de commum accordo com elle, para a creação e demarcação das freguezias. A propria Santa Sé se tinha obrigado a determinar as circumscripções das dioceses em caso de necessidade, mas de combinação com o governo da Republica. Todos os membros do clero, antes de entrarem ao ministerio de suas funcções, deviam prestar juramento sobre os Santos Evangelhos de obediencia e fidelidade ao governo estabelecido pela constituição do Haiti.

O partido era realmente favoravel ao poder civil, e parece impossivel que elle tivesse ainda que reclamar; todavia, a nova constituição, approvada pelo congresso em 1875, declara que:

«Deixando a concordata muito a desejar para conciliar os interesses do povo com os do culto catholico apostolico romano, que elle professa, o governo é authorisado a propôr a modificação, no intuito de crear o mais breve possivel um clero nacional. No entanto, sómente o governo terá o direito de demarcar a circumscripção territorial das parochias e dos arcebispados, assim como o de nomear os directores superiores da Igreja no Haiti, os quaes para o futuro devem ser haitianos.»

Este artigo produziu uma profunda e dolorosa impressão no povo catholico do Haiti.

Que ha pois entre esse povo e o culto qne elle professa? Nada. É evidente que o governo da Republica, pela approvação do citado artigo, rompeu a concordata de 1860.

O que elle desejava era dispensar os bispos chegados de França. Isto era o melhor; mas antes de escolher no clero nacional, seria preciso que esse clero existisse, ou antes, que apresentasse sufficientes garantias de capacidade e intelligencia; ora, por emquanto, o clero não pode ser formado senão por estrangeiros.

Todavia, o paiz do novo mundo, onde dominam completamente as sociedades secretas e os emissarios de M. de Bismarck,—emissarios cuja remessa para as republicas americanas tem sido por mais de uma vez annunciada pelas gazetas — é o Mexico. Pelo que se passa n'esta terra classica da instabilidade,

pode fazer-se idéa da liberdade reservada para o Evangelho, no dia em que as paixões revolucionarias se assenhoreassem do poder.

Desde então, pelos termos da lei de separação da Egreja e do Estado approvada no Mexico a 24 de novembro de 1874, nenhuma auctoridade civil, nenhuma corporação, nenhum exercito, poderá assistir com caracter official aos actos ou exercicios de qualquer culto religioso. E alem das festas puramente civis, todos os dias feriados são abolidos. «A designação dos domingos subsistirá unicamente para que os empregados descancem n'esse dia.

«A instrucção religiosa e as praticas officiaes de todo o culto, são prohibidas em todos os estabelecimentos da Federação dos Estados e dos municipios, sob pena da multa de 25 a 200 piastras, e a demissão no caso de reincidencia. Nenhum acto religioso poderá ser exercido fora dos templos, sob pena de uma condemnação contra os delinquentes, de 10 até 200 piastras; ou de dois a quinze dias de prisão. É prohibido aos ministros dos cultos, sob pena da condemnação de 100 a 200 piastras, de uzar fora dos templos um trajo especial, ou insignias distinctivas de seu caracter. Todas as reuniões que se derem nos templos serão publicas e subjeitas á vigilancia da policia.

«A auctoridade poderá ahi exercer suas attribuições, tanto quanto as circumstancias o exigirem. Nenhuma instituição religiosa poderá adquirir bens de raiz ou capitaes por hypotheca d'esses bens.»

O artigo 19.° d'esta odiosa lei, approvada por 113 votos contra 57, prohibe ás irmãs da caridade viverem em communidade, e uzar publicamente seus habitos; isto é o mesmo que expulsar indirectamente as quatrocentas irmãs que exercitavam caritativas obras nos hospitaes, nas escolas e nos asylos. Debalde a opinião publica se indignou: deixaram-as embarcar para França. O destino de milhares de desgraçados que estava ligado ao d'ellas, ficou desde então prescripto. Segundo a nota de um jornal americano, elles podem ir pedir a M. de Bismarck para substituir as irmãs da caridade por suas diaconissas allemãs, as mesmas que pouco antes tinham abandonado Smyrna, fugindo á epidemia.

No Perú tambem se tem suggerido difficuldades entre os dois poderes. Com a intenção de as debellar inteiramente, Pio IX, sempre conciliador, sempre disposto a levar as concessões ao extremo dos limites auctorisados pela consciencia, acaba de delegar nos presidentes da Republica perúvianna o direito de patronato que antigamente gozavam os reis de Hespanha. Damos em seguida um extracto das cartas apostolicas publicadas por essa occasião:

PIO, BISPO

Servo dos servos de Deus, para perpetua memoria

«Entre os assignalados beneficios de que Deus, tão rico de misericordia, accumulou a nação peruvianna, resplandece sobre todos o dom da verdade catholica que os Peruviannos tem cuidadosamente conservado depois que lhes foi demonstrada pelos pregadores do Evangelho, e sabendo elles tão bem aproveitar-se d'ella que de seu seio tem saído heroes para a Egreja dignos das honras dos altares. Isto é para esta nação uma verdadeira gloria, assim como tambem o não é menos nunca ter faltado á missão de sustentar a fé, depois que o Perú se emancipou do dominio dos reis de Hespanha. É exacto que nas leis promulgadas pela constituição da Republica se declara solemnemente que o Perú professa a religião catholica, que a protege e não consente que se pratiquem publicamente outros cultos.

«A este cuidado de conservar a união catholica estão ligados outros actos, que n'esse mesmo paiz tem sido consummados pela auctoridade publica. São estes a dotação das dioceses que já existiam ou das novamente augmentadas ou instituidas; os subsidios concedidos aos seminarios ou collegios de missionarios creados para a propagação da fé. E da mesma forma e com egual liberalidade proveram á diffusão da sua doutrina, quero dizer dos templos que foram fundados nas cidades que se íam convertendo á fé; e finalmente, dispendendo sommas consideraveis, quer para reparar e adornar as egrejas, ou edifical-as, quer para favorecer e promover o esplendor do culto religioso.

«Todas estas circumstancias que já tinham chegado a nosso

conhecimento, nos foram recordadas e de novo expostas pelo illustre muito amado filho, Pedro Galvez, delegado pela Republica do Perú junto d'esta Sê apostolica, com o intuito de obter de Nós uma prova publica e solemne dos meritos da mesma para com a Egreja catholica.

«E por esta razão, querendo satisfazer os desejos que o governo do Perú nos exprimiu por seu representante, e seguindo o exemplo de nossos predesessores que encheram de favores e graças especiaes aquelles que o tem merecido pelo christianismo, resolvemos, depois de ouvir a opinião de alguns cardeaes da santa Egreja romana, conceder, como realmente concedemos por Nossa auctoridade apostolica, ao presidente da Republica do Perú e a seus successores temporarios, o gozo, nos territorios da Republica, de direito de patronagem que gozavam, pela graça da Sé apostolica, os reis catholicos de Hespanha, antes que o Perú se separasse de seu dominio.

«No entanto, concedemos este privilegio com a condição e lei que os bens actualmente doados ao clero quer sejam a titulo de dotação, quer sejam para sustentar o sagrado ministerio e o exercicio do culto nas dioceses do territorio da Republica, sejam mantidos integralmente, e distribuidos com diligencia e fidelidade, bem como tambem impomos a condição de que o governo do Perú continue a favorecer e proteger a religião catholica.

«Observadas estas leis e condições, o presidente da Republica do Perú e seus successores terão o direito de apresentar na Sé apostolica, por occasião da vagatura dos arcebispados ou bispados, ecclesiasticos dignos e aptos, para que, segundo as regras prescriptas pela Egreja, este seja confirmado segundo a instituição canonica, de forma todavia que a apresentação dos candidatos deverá fazer-se, a não dar-se legitimo impedimento, no termo de um anno, a partir da vagatura.

«Estes candidatos, porém, assim apresentados não gozarão de nenhum direito no tocante á administração episcopal antes de terem obtido e exibido ao cabido as cartas apostolicas de sua instituição, segundo as formulas de nossa constituição, *Romanus Pontifex*, promulgada a 5 das calendas de setembro, do

anno de mil oito centos setenta e tres, da Incarnação do Senhor.

«O presidente da Republica terá o direito de apresentar ao bispo homens dignos para serem elevados ás dignidades e canonicatos de *gratia* de qualquer Cabido que seja, assim como de apresentar pessoas idoneas para serem colladas nas abbadias das egrejas cathedraes, com tanto que a vagatura d'estas tenha sido declarada pela auctoridade ecclesiastica.

«O sobredito presidente gosará tambem do mesmo direito de apresentação a respeito dos canonicatos de *Officio* e das parochias, observando todavia a forma canonica do concurso e do exame; e logo que este tenha sido approvado, o presidente escolherá um entre os tres mais dignos ecclesiasticos que lhe forem apresentados, para em seguida receber este do bispo a instituição canonica.

«E finalmente os presidentes da Republica gozarão nas egrejas do Perú das honras que gozavam antigamente os reis de Hespanha, em virtude do direito de patronato concedido pela Santa Sé.

«Nós queremos, ordenamos e estatuimos todas estas coisas, ordenando ao mesmo tempo, que estas nossas cartas, e tudo quanto n'ellas se contem fique sempre valido e efficaz, de maneira que sirvam para seu pleno effeito, sem que ninguem possa, em tempo algum, qualquer que seja sua dignidade e condição, sob qualquer titulo ou pretexto, transgredil-as, ou revogal-as.

«Dada em Roma, junto de S. Pedro no anno da Incarnação de Nosso Senhor, mil e oito centos e setenta e quatro, no terceiro dia das nonas de março, vigesimo nono anno do nosso pontificado...»

Aqui temos nós, pois, uma Nação verdadeiramente catholica, uma Nação governada segundo as maximas da Egreja. E acha-se esta mesmo no centro dos Estados hispano-americanos, tão agitados, tão miseraveis, depois que estão entregues ao falso liberalismo, e o socego, a prosperidade moral e material de que

goza, ainda torna mais saliente a differença entre as duas civilisações—uma de que é promotor Pio IX, e a outra que elle condemna.

Trata-se agora da Republica do Equador.

Na abertura das camaras legislativas de 1873, o presidente d'esta Republica, D. Gabriel Garcia Moreno, terminou sua mensagem por estes termos:

«Mas nossos rapidos progressos não nos serviriam de coisa alguma, se a Republica não progredisse em moralidade á medida que augmentava em opulencia, se os costumes se não reformassem pela acção livre e poderosissima da Egreja catholica.

«Nós ainda havemos de colher fructos mais abundantes, quando os obreiros apostolicos forem mais numerosos, e quando não faltarem em parochias populosas sacerdotes para as administrar. Devemos por tanto coadjuvar, quanto nos seja possivel, nossos veneraveis bispos.

«As missões orientaes reclamam tambem vossa generosa protecção. A verdadeira civilisação, a civilisação da cruz, tem penetrado admiravelmente nas margens do Napo, graças aos missionarios que para aqui se tem transportado com a approvação do governo; e as escolas, devidas ao zelo dos infatigaveis filhos da Companhia de Jesus, preparam para territorios riquissimos, mas incultos, dias esplendidos de opulencia e prosperidade. Tenho a firme convicção de que em breve hade augmentar muito o numero dos missionarios.

«O estado de nossas finanças permitte-nos que satisfaçamos liberalmente o dever que nos impõe a concordata, de animar e facilitar as missões, assim como a obrigação de contribuir para as reparações e restaurações dos templos arruinados pelos tremores de terra.

«Não é menos imperioso o dever que incumbe de soccorrer Nosso Santo-Padre, o Papa, agora que elle se acha despojado de seus dominios e rendimentos. Podeis destinar-lhe dez por cento sobre a decima parte concedida ao estado. A offerta será modesta, mas provará pelo menos que somos filhos leaes e affeiçoados ao Pae commum dos fieis, e assim o continuaremos

emquanto durar o triumpho ephemero da usurpação italiana.

«Pois já que temos a felicidade de ser catholicos, sejamol-o logica e declaradamente, sejamol-o em nossa vida privada, em nossa existencia politica, e confirmemos a sinceridade de nossos sentimentos e palavras pelo publico testemunho de nossas obras.

«E não contente ainda em realizar tudo quanto acabo de indicar, devemos riscar tambem dos nossos Codigos até aos ultimos vestigios de hostilidade contra a Egreja, por que ahi se exhibem certas disposições das antigas e oppressoras regalias hespanholas. Toleral-os, seria de hoje em diante uma vergonhosa contradicção e uma miseravel falsidade.

«Egual procedimento deveria ser em todo o tempo o de um povo catholico; mas hoje, n'esta época de implacavel e universal guerra contra nossa santa religião, hoje que os apostatas chegam até a renegar em suas blasphemias a divindade de Jesus, nosso Deus e nosso Salvador; hoje, quando tudo se reune, tudo se revolta contra Deus e seu Ungido, quando uma torrente de malvadez e de odio rebenta das profundezas da sociedade abalada, contra a Egreja e contra a propria sociedade, como nas terriveis commoções do globo terrestre surgem dos abysmos desconhecidos rios caudalosos de um lodo corrupto, hoje, repito, este procedimento coherente, resoluto, e corajoso, é para nós obrigatorio, por que a inacção durante o combate seria o mesmo que uma traição e uma cobardia.

«Continuemos portanto nossa obra, com invencivel fidelidade, como convém a verdadeiros catholicos, sem attêr nossa esperança em nossa debeis forças, mas sim na poderosissima protecção do Altissimo. Felizes, mil vezes felizes, se o Céo nos conceder a recompensa de continuar a cumular a nossa querida patria de suas bençãos, e feliz tambem de mim, se chego a merecer o odio, as calumnias, e os insultos dos inimigos de nosso Deus e de nossa religião!»

D. Garcia Moreno mandou seguir juntamente com estas magnificas palavras a primeira remessa de 10:000 pesos, dirigidos, em nome do Equador, ao augusto prisioneiro do Vaticano. Pouco tempo depois consagrou sua Republica ao Sagrado Co-

ração de Jesus, e offereceu um asylo aos vinte e dois religiosos da abbadia de Mariastem, expulsos da Suissa.

Os revolucionarios do novo e velho mundo, ou se calaram a respeito d'estes raros exemplos, ou os escarneceram. Mas o virtuoso presidente replicou com outros actos que os Estados revolucionarios não costumam imitar. Saldou a divida publica do Equador, e isto apezar da suppressão de certos impostos e do augmento geral dos ordenados dos empregados. Deus abençoou tão visivelmente a politica de Garcia Moreno, que dentro de doze annos o Equador, admiravelmente administrado por esse grande cidadão, viu duplicar seu commercio, suas escolas, e a cifra dos orçamentos publicos.

A 6 de agosto de 1875, Garcia Moreno devia ler no congresso uma outra mensagem, a que pode chamar-se seu testamento politico, e do qual vamos citar algumas palavras:

«Senhores deputados..., ainda ha poucos annos, o Equador repetia todos os dias as mesmas lastimas que o libertador Bolivar dirigia em sua derradeira mensagem ao congresso de 1830: «Envergonho-me de o confessar: *a independencia é o unico bem que temos adquirido a preço de todos os outros.*»

«Mas, depois que, depositando em Deus toda a nossa esperança, nos afastamos da torrente da impiedade e da apostasia que arrasta o mundo n'esta epoca de cegueira, e nos reorganisamos em 1869 como nação verdadeiramente catholica, tudo vai mudando proporcionalmente, a favor da prosperidade de nossa querida patria.

«Antigamente o Equador achava-se como um corpo ao qual vai faltando a vida, vendo-se já devorado como os cadaveres por essa multidão de vermes esqualidos que a putrefacção faz rebentar na escuridão do sepulchro; mas hoje, á soberana voz que ordenou a Lazaro se levantasse de seu tumulo, voltou de novo á vida, posto que conserve ainda os laços e a mortalha, isto é, os restos da miseria e da corrupção em que estivemos envolvidos.

«Para justificar o que acabo de dizer bastará que vos dê uma conta summaria de nossos progressos durante estes ultimos annos, referindo-me ás informações especiaes de cada ministerio

para tudo o que diz respeito aos documentos e minudencias; e finalmente para que exactamente se saiba quanto temos progredido n'este periodo de regeneração, tratarei de comparar o estado actual com o antecedente, não para nos gloriarmos, mas para glorificar aquelle a quem devemos tudo, e que adoramos como nosso redemptor e nosso pai, como nosso protector e nosso Deus.

. . . .

«Á completa liberdade que goza a Egreja entre nós e ao zelo apostolico de nossos virtuosos pastores, devemos a reforma do clero, o melhoramento dos costumes e a diminuição dos crimes, a ponto que, n'uma população de mais de mil habitantes, não se acha numero sufficiente de criminosos para habitar a «penitenciaria.»

«Á Egreja devemos ainda essas corporações religiosas que tão magnificos fructos tem produzido para o ensino da infancia e da mocidade, e pelos soccorros que prodigaliza aos enfermos e aos necessitados. Afora isto tambem lhe somos devedores do restabelecimento do espirito religioso n'este anno de Jubileu e de sanctificação, assim como da conversão á vida christã e civilisada de 9:000 selvagens da provincia del Oriente, onde é necessario, em razão de sua grande extensão, estabelecer um segundo vigariado. Se me authorizais a solicitar esta fundação da Santa Sé, nós cuidaremos em seguida no que é necessario para promover o commercio n'esta provincia, destruindo assim, como já se tem feito, as especulações e as violentas exigencias a que esses pobres habitantes estão expostos por crueis e deshumanos traficantes.

. . . .

«Dentro d'alguns dias finda o periodo do mandato pelo qual fui eleito em 1869. A Republica tem gozado seis annos de paz, apenas interrompidos durante alguns dias em Riobamba, pela revolta parcial da raça indigena contra a raça branca em 1872, e n'estes seis annos, tem marchado resolutamente na vereda do verdadeiro progresso, sob a protecção visivel da Providencia. Os resultados obtidos teriam na verdade sido maiores, se eu possuisse para governar as qualidades que, infelizmente, me

faltam, ou se, para fazer o bem, fosse bastante desejal-o ardentemente.

«Se tenho commettido faltas, peço-vos mil e mil vezes perdão; peço-o com lagrimas muito sinceras a todos os meus compatriotas, e persuadam-se de que não foi por minha vontade. E se, pelo contrario, pensais que fui feliz em qualquer assumpto, attribui-o primeiro ao merecimento de Deus e á immaculada Dispensadora dos inexgotaveis thesouros de sua misericordia, e em seguida a vós mesmos, ao povo, ao exercito, a todos aquelles que, nos differentes ramos da administração, me tem ajudado com intelligencia e fidelidade no cumprimento de meus difficultosissimos deveres.»

Esta admiravel profissão de fé, tão humilde e ao mesmo tempo tão altiva, foi materialmente sellada com o sangue do seu author.

Garcia Moreno acabava de copiar a sua mensagem; levava-a com elle e encaminhava-se para o congresso, quando foi ferido pelos sicarios estrangeiros os quaes (declararam depois) não tinham contra elle nenhuma queixa pessoal.

«Eu morro, disse elle cahindo, mas Deus não morre! *Pero Dios no se muere!*» E expirou. Era, com effeito, Deus que as sociedades secretas quizeram ferir n'elle.

Posto que elle não fosse prevenido, esperava desde muito ser aggredido, de maneira que estava sempre prompto, e n'essa mesma manhã tinha commungado. E ainda minutos antes de ser assassinado, passando diante d'uma egreja aberta para um enterro, não poude resistir á attracção do augusto sacramento do altar: entrou, ajoelhou entre a multidão, e mais uma vez se entregou nas mãos de Deus.

Pio IX chorou D. Garcia Moreno como vinte e sete annos antes tinha chorado o conde Rossi.

Em muitas das suas allocuções elogiou o presidente do Equador, como o campeão da verdadeira civilisação, e seu martyr. Mandou-lhe fazer exequias solemnes n'uma das bazilicas de Roma, dispondo e ordenando que seu busto fosse collocado em uma das galerias do Vaticano.

Moreno não pertencia á sua epocha; estava atrazado dois seculos na politica, e deveria ter nascido na epocha de S. Luiz.

Mas se elle estava em atrazo, tambem caminhava com o progresso, porque antecipava o futuro de muitos seculos, e a menos que o mundo não toque em seu termo, o chaos politico e social contemporaneo não poderá ficar muito tempo como regra da humanidade.

Moreno teve a perspicacia de distinguir d'entre as miragens enganadoras, no meio da tempestade, o pharol da salvação, tendo a coragem de não seguir outro rumo. A historia collocará Moreno, não só entre os heroes e os sabios, mas tambem entre os iniciadores.

Debalde a revolução o suspendeu no meio de sua obra; ella já estava sufficientemente avançada para que fique em mais do que uma vã tentativa; ficará sempre um exemplo. Desde então o Equador é um povo exemplar, e tem tido a honra immortal de nos dar como que uma especie de sombra do reino de Deus sobre a terra, em pleno seculo XIX, no tempo de Victor Manuel e de Guilherme I. [1]

[1] D. Garcia Moreno encontrará sem duvida um historiador digno d'elle; mas emquanto o não tem, vamos esboçar a grandes traços sua admiravel carreira. Fazer conhecer aquelle que, primeiro, applicou francamente as doutrinas do *Syllabus*, é completar a historia d'aquelle que as promulgou.

Gabriel Garcia Moreno, nasceu em Guayaquil, no mez de março de 1821, de pais nobres e virtuosos, mas pouco favorecidos de meios. Foi sobre os joelhos de sua mãe que elle recebeu as primeiras sementes da fé catholica; e cahindo estas n'um terreno virgem e naturalmente fertil fortificaram de tal sorte que nem as agitações, nem as desgraças, nem os esplendores de sua vida poderam arrancar-lh'as um instante do coração. Dotado d'uma intelligencia precoce, o joven Garcia teve de deixar muito cedo a casa paterna para ir estudar em Quito.

Não podendo acompanhal-o, seus paes confiaram-n'o a um veneravel religioso das mercês, o qual nada poupou para fazer d'elle um christão e um sabio. Seus esforços foram bem succedidos : Garcia foi sempre o primeiro entre os seus condiscipulos, tanto no collegio de S. Fernando como mais tarde na Universidade de Quito, d'onde sahiu aos dezenove annos doutorado em sciencias e engenheria. Todavia não se satisfazendo em estudar mathematica estudou tambem direito com feliz exito, tornando-se tambem muito versado em medicina, litteratura e theologia. Para profundar estes conhecimentos foi a Paris, e ahi seguiu com assiduidade o curso dos grandes mestres em physica, chimica, historia natural e astronomia. A arrebatadora eloquencia do P. Lacordaire acabou de fazer d'elle um perfeito christão.

No entanto os negocios de sua familia, e as desgraças da sua patria obrigaram-no a abandonar rapidamente seus estudos e seus illustres amigos.

A um ardentissimo amor pela sciencia juntava Moreno o affecto mais

Nos Estados-Unidos da America do Norte e na nova confederação canadiense (*Dominion of Canadá*), assim como nas outras colonias inglezas é onde se encontra o verdadeiro liberalismo.

Ali pelo menos, se a verdade não goza mais direitos que o erro, todos os direitos que este possue são tambem concedidos á verdade. E a igreja tem aproveitado muitissimo com esta igualdade, demonstrando que, apezar de ter direito a muito mais, ri-

apaixonado pelo seu paiz, cuja triste situação o preoccupava immensamente. Voltou por tanto ao Equador, para se lançar na arena da politica, e combater a anarchia.

Antes de partir para a Europa tinha elle abertamente desapprovado o governo do general Flores; mas a hora da lucta ainda não tinha soado. E á sua volta a situação estava de tal modo aggravada, que elle julgou que nenhum homem de caracter elevado podia conservar-se indifferente. O general Urbino tinha empolgado a presidencia, apoiando-se n'um partido do qual tinha sempre reprovado as idéas avançadas; de maneira que seu governo era ainda peior do que o de seu predecessor. Foi então que, cheio de confiança no futuro e na santidade de sua causa, Garcia Moreno tomou a direcção da imprensa. Em 1852 debutou elle gloriosamente defendendo eloquentemente os jesuitas expulsos do Equador n'esse mesmo anno. Sua prodigiosa actividade facultava-lhe, alem d'estes trabalhos, leccionar physica e chimica na Universidade de Quito, do qual foi em breve nomeado reitor.

Por este tempo, o general Urbino, considerando Garcia como um adversario cada vez mais serio, e offuscado pela sua crescente reputação, tanto como pela sua probidade a toda a prova, mandou-o desterrar, pretextando as suas violencias na imprensa.

Garcia deixou pois segunda vez as margens equatorianas, protestando diante de Deus e de sua patria, contra a injustiça que lhe faziam.

Em 1861, seus concidadãos, admiradores de suas virtudes e de seus serviços, deram prova de grande equidade chamando-o para os governar por um periodo de quatro annos.

Foi então que o Perú e a Nova-Granada declararam guerra ao Equador, dando occasião a Garcia Moreno de se mostrar habil general sobre terra, e verdadeiro João-Bart sobre o mar. A esquadra inimiga, composta de cinco navios, bloqueiou Guayaquil. Enganando a vigilancia dos assaltantes, o joven presidente sahiu de noite com 300 homens e tres peças de artilheria para um paquete inglez que acabava de entrar a barra, e na manhã seguinte, ao romper do dia, precipitava-se a toda a força sobre os navios estrangeiros, os quaes nem mesmo tiveram tempo de levantar ancora. Dois d'estes navios foram a pique, e os outros arriando bandeira entregaram-se á descripção do vencedor.

Em 1865, Moreno teve por successor Jeronymo Carrion, nomeado igualmente por quatro annos. Garcia continuou a servir o seu paiz com a mesma dedicação, e foi um dos mais ardentes promotores da alliança das quatro republicas do Pacifico contra a invasão hespanhola.

Em 1869, foi elle reeleito presidente por seis annos. Esta foi para o Equador uma epocha gloriosa de paz e de progresso, tanto na ordem material, como no sentido religioso, intellectual e moral. Com effeito, na sua

gorosamente uma só garantia lhe é bastante, comtanto que esta lhe seja concedida sinceramente: a liberdade.

Em nenhuma parte, talvez, o soberano Pontificado de Pio IX foi tão fecundo como nos Estados-Unidos. Ali tem, por assim dizer, pullulado as sédes episcopaes e metropolitanas. Os collegios, escolas christãs, conventos ou recolhimentos crescem progressivamente. Em 1874, citando sómente as mais recentes fundações, pio IX desligou da grande diocese de Galveston o bispado de

elevação ao poder apenas as receitas do thesouro attingiam a quatro milhões de francos. Elle reviu cuidadosamente as leis aduaneiras, exerceu a maior vigilancia sobre os administradores das rendas do Estado, muito mais do que tinha vigiado os administradores de seus proprios bens, elevando pouco a pouco os rendimentos do paiz a quinze milhões. Não só saldou, como já acima dissemos, a divida nacional, mas construiu 44 kilometros de caminho de ferro, 300 kilometros de estrada para carros, e 400 kilometros de estrada muito soffrivel para cavalleiros e caminhantes: obra gigantesca tanto por causa da longitude dos centros da população, como da natureza montanhosa do terreno. Ainda que não tivesse feito mais do que isto, teria direito ao eterno reconhecimento de seus concidadãos.

Mas no que elle sobretudo se esmerou, foi na regeneração moral.

De 1861 a 1875, abriu no territorio de seu pequeno Estado 93 escolas para os filhos do povo, as quaes foram frequentadas por 32:000 crianças. Até esta reorganisação da instrucção publica as poucas escolas do Equador eram seculares e universitarias.

Mas cheio de admiração pelos irmãos da doutrina christã que elle conhecera em Paris, e os quaes reuniam tão excellentemente as qualidades de mestre, não hesitou em confiar-lhes todas as escolas. E apesar de numerosos obstaculos, taes como o descuido dos paes, a indolencia das crianças, a dispersão das populações ruraes, dentro em quatro annos a instrucção primaria achava-se n'um estado que nada tinha a invejar ás nações europeas.

A instrucção secundaria e superior mereceu egualmente toda a sua sollicitude. A fundação do collegio de S. Gabriel, ao qual a nação deu por gratidão o nome do illustre presidente, a instituição da Escola polytechnica, da Universidade e de um observatorio astronomico, um dos mais importantes do universo, a creacão d'um Conservatorio de musica e de differentes muzeus foram o donativo que elle fez á sciencia e ás bellas artes. Todavia a caridade achou-o talvez ainda mais generoso. Hospitaes, cadeias, azylos, recolhimentos para orphãos, officinas dirigidas pelas Filhas da caridade, taes são os titulos que elle tem á gratidão dos membros do christianismo.

Moreno era tão economico nos rendimentos do Estado que logo que se retirava por algum tempo por negocios de familia, ou por estado de saude, exigia que a sua dotação presidencial fosse diminuida na proporção da demora. Vivia em sua propria casa, sem tomar a menor precaução de segurança, posto que já uma vez tivessem tentado assassinal-o, e em todas as vezes em que o socego publico se achou ameaçado, corria elle proprio a defendel-o e a apasiguar os animos. Alem do grande exemplo que elle deu, por occasião da revolta dos marinheiros, em presença de grande

Santo Antonio e o vigariado apostolico de Brownsville. Em 1875, elevou quatro prelazias á dignidade de metropoles: Boston, que desde então tem cinco suffragantes; Philadelphia, que tem quatro; Milwaukie, que tem quatro e brevemente contará seis, e Santa-Fé do Novo-Mexico, na qual ainda não estão determinados.

No mesmo anno creou pela primeira vez um cardeal americano, Mons. Maclloskey, arcebispo de New-York. O presidente Grant mandou agradecer officialmente ao soberano Pontifice esta

numero de officiaes da marinha hespanhola, mencionaremos um facto que pinta bem ao vivo seu caracter.

N'um estabelecimento de correcção que elle tinha fundado no interior da republica, a 150 legoas da capital, estavam reunidos alguns condemnados e algumas desgraçadas de vida pouco edificante. Apesar da prosperidade que em pouco tempo adquiriu esta verdadeira colonia, em consequencia da boa administração que lhe deram, rebentou ali subitamente uma revolução. Em lugar de mandar soldados para conter os revoltosos á obediencia, dirigiu-se elle para lá só com seu ajudante. Logo que os amotinados souberam da chegada do presidente, dirigiram-se para a casa em que habitava, na intenção de o matar. Logo que seus brados annunciaram a presença dos facinoras, Moreno appareceu á janella e disse-lhes: «Se quereis assassinar-me por que vos salvei da corrupção e da miseria, entrai e feri.» Esta multidão furiosa, ouvindo estas palavras, ficou suspensa, e penetrada por este rasgo de heroismo, rompeu em acclamações e vivas enthusiastas ao presidente.

Dois dias depois entrava este em Quito, tendo applicado o remedio conveniente, e ordenado importantes melhoramentos na colonia, hoje modelo de moralidade, posto que as familias se formassem de elementos muito corrompidos.

O seguinte decreto, publicado em memoria d'este grande homem, é a prova de resolução em que estão seus concidadãos de perseverar na segura vereda em que elle os encaminhou:

«O Senado e a camara dos deputados da republica do Equador reunidos em congresso:

«Considerando que Sua Excellencia o doutor Garcia Moreno, por sua distincta intelligencia, vastissima sciencia e nobres virtudes, está acima entre os mais illustres filhos do Equador;—que consagrou sua vida e as raras e elevadissimas faculdades de seu espirito e de seu coração á regeneração e grandeza da republica, estabelecendo instituições sociaes sobre a solida base dos principios catholicos;—que amou a religião e a patria a ponto de padecer por ellas o martyrio;—que dotou a nação de immensos e innegaveis beneficios materiaes e religiosos:

«Decretamos: Artigo I.—O Equador, por intermedio de seus legisladores, glorifica a memoria de D. Gabriel Garcia Moreno, com a denominação de *illustre regenerador da patria, e martyr da civilisação catholica;*—Artigo II. Para a conservação de seus restos mortaes será construido um mausoleu digno d'elles;—Artigo III. Mandar-se-ha erigir-lhe uma estatua em marmore ou em bronze com esta inscripção: Ao excellentissimo D. Gabriel Garcia Moreno, presidente da republica do Equador, morto pela patria e pela religião a 6 de agosto de 1875.

«Quito, capital do Equador, 30 de agosto de 1875.»

honra, que até certo ponto se reflectia sobre toda a grande Republica. [1] Quando se pensa que no começo d'este seculo, ainda não havia nos Estados-Unidos 300:000 catholicos, e que hoje conta de 7 a 8 billiões; quando se pensa que, em 1825 Mons. Fenwick, chegando a New-England—Nova Inglaterra,—o qual fórma hoje a nova archidiocese de Boston e os cinco bispados de Hartford, Burlington, Portland, Springfield, e Providencia,

[1] Parece que já o presidente Lincoln tinha reclamado de Pio IX cardeaes americanos, «para que o culto catholico nos Estádos-Unidos tivesse o mesmo esplendor que na Europa.» N'este intuito enviou a Roma um diplomatico, o qual expoz primeiro sua intenção ao cardeal Antonelli. Este, muito admirado, replicou que nunca os Papas tinham enviado cardeaes para a America.

—Mais uma rasão para o fazer—redarguiu friamente o diplomatico.—Alem de que, não se trata de nos mandar cardeaes, mas de nomear cardeaes os bispos americanos, *americanos, americanos*. É pronunciada a palavra *americanos* com o tom altivo e varonil tão notado na Europa.

—Os Estados-Unidos estão muito longe—exclamou o secretario do Estado;—como poderiam os cardeaes americanos tomar parte no conselho do Papa, como haviam elles de apresentar-se subitamente em Roma para assistir aos conclaves?

—Vossa Eminencia já foi á America?

—Certamente que não.

—Pois eu já de lá sahi seis vezes. Gastei nove dias para vir de New-York a Southampton. Os Estados-Unidos estão ás portas de Roma. Cita-me os conclaves. Antigamente, um cardeal gastava mezes para vir de Sevilha ou de Dublin a Roma; hoje chega em alguns dias das extremidades do universo, e ainda não estamos senão no começo das vias acceleradas.»

O cardeal não ficou convencido e repetia suas objecções, mas tratou o diplomatico com todas as attenções, dizendo-lhe que ia prevenir o Papa, e esperava lhe dessem a honra de o conduzir até junto de Sua Santidade.

Quando Mons. Antonelli expôz ao Pontifice o pedido, julgou que Sua Santidade manifestaria o mesmo assombro que elle tinha sentido; mas Pio IX apenas respondeu:

—Não sou d'essa opinião, e parece-me que o presidente Lincoln é um grande homem, tanto de espirito como de coração. Tem muitissima razão. Afinal, Eminencia, sempre julguei que Deus me reservava a consolação de dotar á America com principes ecclesiasticos...

Pensem n'isto: Eu sou o primeiro homem sentado na cadeira de S. Pedro que foi á America!»

O caracter de Pio IX, a confiança que elle tem na sua missão, e a elevação de sua alma ficam demonstradas n'este rasgo. O Pontifice recebeu com a maior benevolencia o diplomatico americano, prezenteou-o, encarregando-o de levar ao presidente Lincoln uma admiravel mesa de mozaico, e de lhe noticiar que acceitava a proposta de dar cardeaes á America.

Esta promessa foi tarde cumprida; mas por um lado a Santa Sé não faz nada com precipitação, e por outro, não estava de accordo com a escolha dos prelados que deviam envergar a purpura: alem d'isso, e pouco depois foi Lincoln assassinado. Finalmente, em 1875, Pio IX realisou os desejos do glorioso presidente, preparando para si proprio a consolação que sonhara.

não encontra senão tres padres e oito egrejas em todo este territorio, não podemos deixar de admirar os miraculosos desenvolvimentos d'esta joven Igreja, que substitue tão excellentemente, no Novo-Mundo, as perdas do antigo. Guardemo-nos, todavia, de exaggerar. As diversas populações protestantes ou impias (por que existem nos Estados-Unidos milhares de pessoas que não são baptisadas), eram ao mesmo tempo de 2,700:000 a 32 ou 33 billiões. E é necessario contar ainda com os emigrados catholicos irlandezes, canadienses, francezes ou allemães do sul talvez aproximadamente 2 billiões, emquanto que os protestantes se achavam reforçados com 4 a 5 billiões, de Inglezes, Escocezes, Suecos, Norueguezes e Allemães do Nórte. É certo que o accrescimo dos catholicos tem sido proporcionalmente duplicado com os protestantes. Este resultado prova numerosissimas conversões, e pode-se dizer que os Bismarck e Victor Manuel, forçando a grandes expatriações os padres e os sacerdotes de suas nações, se desfalcam a si proprios em proveito dos futuros rivaes de seu poder.

Respeito ao Canadá, onde a população catholica tem triplicado no pontificado do Pio IX, sobre tudo pelos successivos nascimentos [1], bastará citarmos o seguinte documento:

«*Aos nossos veneraveis irmãos Alexandre, arcebispo de Quebec, e aos outros bispos do Canadá.*

Pio IX, Papa.

«Veneraveis irmãos, saude e benção apostolica.»

Foi-nos muito agradavel saber por vossas affectuosas cartas

[1] A população franceza no Canadá, que não excedia de 70 a 75 mil almas na occasião em que o marquez de Choiseul e a Pompadour declararam guerra aos jesuitas, e deixaram os inglezes apossar-se d'esse formoso paiz, dentro de um seculo elevou-se a um bilião e meio, sem contar um meio bilião de emigrados para os Estados-Unidos, por se acharem muito accumulados. Oxalá que Deus permittisse que a mãe patria tivesse conservado alguma coisa d'esta fecundidade da familia canadiense...

N'este intervallo, a emigração levava sete a oito centos mil irlandezes catholicos ao Canadá e provincias visinhas, os quaes formam hoje o *Dominion*. No entanto, a maioria não se conservou fiel ao christianismo. Foram-lhe arrebatados pela chegada de dois billiões e meio de Inglezes e outros protestantes.

que vos reunistes pelo mesmo impulso de caridade e religião, para celebrar a memoria do segundo anniversario secular da fundação da prelazia da igreja de Quebec. Esta grande solemnidade, teve por alvo dirigir vossos votos de reconhecimento ao author de todo o bem, a esse Deus, que espalhou sobre vós e vosso paiz, a abundancia de suas inexgotaveis benções.

E—o que mais vos consola—o admiravel procedimento de vossa piedade serviu de exemplo aos sentimentos religiosos de vosso povo, de forma que este, julgou ser de seu dever, unir o fervor de sua fé aos transportes da vossa, para glorificar a bondade de Deus. Sentimos por tanto, veneraveis irmãos, a necessidade de vos apresentar nossas ardentes felicitações, em Nosso Senhor: E como por occasião de vossa grande solemnidade, quizestes renovar a expressão de vossa dedicação para com a Santa Sé, desejamos que saibaes que essa prova de vosso bondoso coração, augmenta em nós a excessiva caridade, com que vos liberalisamos a todos nossas benções com tão justificados motivos. Não só admiramos a elevação do sentimento que anima vossas almas e se manifesta em vossas palavras, mas nossa reconhecida memoria conserva a lembrança de tantas e exuberantes provas de vosso affecto e zelo filial. Não é sob a vossa direcção que os fieis do Canadá tem tão heroicamente soccorrido nossa necessidade, quer seja com suas piedosas offertas, quer com os defensores que antigamente nos enviaveis? Continuai, pois, veneraveis irmãos, a promover a sincera obediencia a esta cadeira da verdade: o tempo em que vivemos torna mais imperioso este dever. Continuai, tanto vós, como os fieis confiados a vossos cuidados, a auxiliar-nos com vossas fervorosas preces, para que o Deus misericordioso nos dê força nos combates e consolação nas angustias. Pelo nosso lado, rogamos do intimo d'alma á divina Magestade vos proteja e soccorra constantemente. Permitta Deus que, em cada uma de nossas dioceses, se multipliquem de dia para dia os fructos da fé e da justiça! Como penhor de nossa especial affeição, nós vos damos nossa benção apostolica, não só a vôs como a todos os fieis confiados á vossa guarda. Possa Deus perpetuar seus beneficios!

«Dada em Roma, em S. Pedro, ao vigessimo terceiro dia de dezembro de 1874.

«De nosso Pontificado, o vigessimo nono.

«Pio IX, Papa.»

As colonias inglezas fazem-nos retroceder á sua origem, á esta ilha, «mãe das nações,» que parece destinada a ligar um dia por sua linguagem a immensa familia humana. Com que fim, e por que mysterioso designio? Ella mesma o ignora; mas Deus que tudo dirige é que o sabe; no entanto, depois do que acabamos de expôr e o que temos ainda a dizer, póde ser que um olhar perspicaz possa, desde já, descobrir sem temeridade o segredo de Deus.

Tanto nos Estados-Unidos, como no Canadá, na Australia e no Cabo da Boa-Esperança, o numero dos catholicos tem duplicado ou triplicado, assim como na Gran Bretanha, no Pontificado de Pio IX. Este resultado é devido ás mesmas causas; por uma parte á imaginação irlandeza, e por outra ás conversões dos protestantes, e tem sido mais apressado pelo restabelecimento da gerarchia catholica, que já mencionamos.

O numero dos padres catholicos na Inglaterra e na Escossia depois da elevação de Pio IX, tem chegado de 820 a 1:968, o das igrejas e capellas de 626 a 1:268, o das communidades religiosas de 80 a 367, e as escolas e collegios de 500 a 1:300 aproximadamente.

O numero dos arcebispados, bispados e vigariados apostolicos creados por Pio IX no imperio britannico, não é inferior a 125.

E finalmente, o que explica tudo mais, o numero dos dignitarios ou ministros da Igreja anglicana que, no mesmo espaço de tempo se tem feito receber no gremio da Igreja catholica, passa de um billião.

Em um de seus dircursos Mons. Capel citou este facto. «Na Inglaterra não se encontrará talvez uma só familia, que possa dizer que um ou outro dos seus membros, ou pelo menos de seus conhecimentos, deixa de ter algum laço que o prende á

Igreja Catholica, ou observa uma das praticas d'esta Igreja, quer seja a adoração do Santissimo Sacramento, quer a confissão auricular, quer a devoção á Virgem Santissima, ou aos santos...

Este sentimento, accrescenta o orador, é tão poderoso proporcionalmente, tão expontaneo na sua acção, que nenhum poder na terra, nenhuma perseguição do protestantismo, do governo ou da imprensa seria capaz de o diminuir... Os catholicos não teriam podido realisar de per si o que se está hoje verificando pela acção de um partido que pertence á Egreja de Inglaterra... Do alto do pulpito, este partido tem tornado familiares aos ouvidos do publico inglez as expressões que os catholicos jámais conseguiriam difundir no mesmo grau (missa, sacrificio, padre, sacramento, confissão, etc....) D'este impulso resultou que muitos homens se convertessem seriamente á religião e já não creiam que o serviço de Deus não passa de uma occupação do domingo.

Emfim, o mesmo espirito de Deus que insuflou sobre as aguas o começo de todas as coisas, passa agora sobre a nação ingleza e a impelle para a verdade do christianismo».

Dos duzentos e sessenta e quatro sacerdotes da diocese de Westminster ha uns quarenta e seis, mais por consequencia de uma sexta parte, que tem sido membros da Egreja official da Inglaterra.

«Não se passa uma semana,—accrescentava o orador fallando a seu respeito—sem que eu receba quatro ou cinco ritualistas na Egreja Catholica. A nossa influencia nada tem com isto.

São de ordinario pessoas com quem não temos tido nenhumas relações, até ao momento em que se nos dirigem com a decidida intenção que mui particularmente os caracterisa [1].»

[1] O R. P. Rowe, religioso do Oratorio de Londres, contou um successo que é na sua vida um facto real, e ao mesmo tempo é uma especie de allegoria do que tem succedido a grande numero de seus conterraneos e correligionarios de nascença.

O R. P. Rowe pertencia a uma respeitavel familia do condado de Cork. Educado na religião anglicana, estudou na universidade de Cambridge, onde por seu espirito distincto e sua brilhante intelligencia foi brevemente chamado a leccionar a theologia protestante. Havia uns doze annos que occupava esta posição, quando um grave acontecimento succedido á sua vista

Os recentes e algumas vezes singulares pamphletos d'um protestante, grande estadista mas fraquissimo theologo, M. Gladstone, não tem servido senão para afervorar na Inglaterra a paixão dos estudos religiosos, e a curiosidade por tudo quanto diz respeito ao catholicismo.

Quanto mais se tem fallado e escripto contra Pio IX, mais tem impulsado os inglezes e americanos a ir ver Pio IX, ou a conferenciar com seus representantes; e só Deus sabe o numero de protestantes que visitando o Pontifice tem voltado convertidos ou abalados!

Emquanto os bispos anglicanos inteiramente envergonhados e confundidos não respondem senão com o silencio aos pedidos de concurso moral dos protestantes allemães, os bispos catholicos de Inglaterra, do Canadá, e dos Estados Unidos não se arreceiam de fallar. Elles tem publicamente informado, por mandatos collectivos, a politica do despota diante do qual toda a Europa se curva; nós já citamos uma d'essas cartas, dirigida pelo cardeal de Westminster e os bispos inglezes, aos gloriosos captivos das fortalezas allemãs.

em Cambridge, fez tomar á sua vida uma nova direcção. Havia na extremidade da bibliotheca do collegio, uma porta que nunca ninguem tinha aberto e que parecia esquecida ha muitos annos. Um dia feriado, em que uns doze jovens doutores, entre os quaes estava o professor Rowe, se achavam reunidos na bibliotheca, lembrou-lhes saber o que estaria por detraz d'essa porta. Arrombaram-na, entraram n'um salão escuro, e acharam-no cheio de livros. Admirados, os jovens doutores apossam-se d'esses livros, tiram-nos, e rapidamente os devoram com avidez: eram livros da historia ecclesiastica, e theologia. Então elles, todos anglicanos, todos abarrotados das doutrinas da Reforma e convencidos que estas continham o verdadeiro espirito do evangelho, principiam a estudar essas obras.

No entanto, que achavam elles n'esses livros? toda a tradição catholica, desde os apostolos até Henrique VIII, perpetuando-se de seculo em seculo, sempre egual a si mesma, o que era mais extraordinario para elles, e perfeitamente conforme com a Egreja romana, que até ali consideravam como eivada de idolatria.

A lição d'este facto está sufficientemente demonstrada; por que a tradição christã é em tudo conforme com as doutrinas da Egreja romana, por que esta é a verdade. Foi esta tambem a conclusão que tiraram os jovens professores de Cambridge: eram almas sinceras, não hesitaram portanto em abraçar a fé catholica, abandonando todos, e não sem pesar, esta casa onde tinham passado sua infancia.

Isto não era, todavia, um pequeno sacrificio. Além d'isso expunham-se a ser renegados ou desherdados por suas familias, perdendo ao mesmo tempo os seus ordenados: o menor não era inferior a dez mil francos.

Tambem foi com todo o fervor que os catholicos inglezes, no domingo 8 de agosto de 1875, por occasião do anniversario de Ó Connel, cantaram o *Te Deum* ordenado em todas as egrejas pelo cardeal Manning, para agradecer a Deus a liberdade religiosa que elles gosavam no Reino-Unido e em suas extensas colonias. Pio IX e todo o orbe catholico uniu n'esse dia suas acções de graças ás dos herdeiros espirituaes do monge Santo Agostinho, e de S. Thomaz de Cantorbery.

A oppressão secular da Egreja tem abrandado, mas menos completamente depois d'alguns annos, nos territorios scandinavos. Na Suecia, a legislação intolerante tinha já recebido, depois da coroação do soldado francez Bernardote, um linitivo. Tinha-se commutado á recluzão e ao degredo a pena de morte, usada antigamente no tempo dos Gostavo Waza e dos Gostavo Adolpho, esses «heroes da liberdade religiosa», contra os suecos que não se satisfaziam com o culto nacional, tal como lhes aprouvera constituil-o. Em 1860 foram seis mulheres expulsas judicialmente de seu paiz por haver abraçado a religião catholica. A má impressão causada na Europa pela execução d'esta sentença motivou a abolição das leis penaes religiosas, e Pio IX pôde nomear para Stockolmo um cura que trabalha penosamente, mas não sem fructo, para dissipar os prejuizos accumulados, depois de tres seculos e meio, contra a Egreja que civilisou antigamente a Scandinavia.

A Dinamarca está na mesma situação. Nos dois annos que seguiram o da liberdade do culto catholico (1866) houve seiscentas conversões em Copenhague.

No pequeno reino da Grecia, onde reina actualmente um filho de rei da Dinamarca, a gerarchia catholica foi restabelecida em 1875. Desde então ha ali um arcebispo catholico titular de Athenas, como tambem ha um de Corfou. É este o voto muitas vezes expressado pelo precedente rei, Othão da Baviera, a quem custava muito ver os directores dos catholicos de seu reino uzar titulos episcopaes *in partibus*, como se habitassem paiz de infieis.

D'esta maneira proseguiu Pio IX, com infatigavel zelo, a restauração geral que elle tinha começado pela Inglaterra, e Hollanda.

Que diremos agora a respeito da Hespanha? É preciso que esta nobre nação tenha um robustissimo temperamento, para não ter sido ainda destruida pelos impios sem pudor, verdadeiros revolucionarios, tão incapazes de obedecer como de mandar, e aos quaes ella está sugeita ha cincoenta annos. Mas esses impios estão em minoria; o povo do campo e das aldeias, sobre tudo aquelle que está mais proximo do norte, é ainda o povo christão, o povo heroico por excellencia, e bem o tem demonstrado.

Depois da queda de Izabel II, a Hespanha era conservada por seus successivos governos n'uma especie de scisma official.

Prim era um fanatico de incredulidade; o rei piemontez Amadeu, filho de Victor Manoel, não podia tambem travar relações amigaveis com o Vaticano; o republicano Castelar, mais honrado, acceitou as propostas de Pio IX, de preencher os bispados vagos; mas Serrano, voltando ao poder, impediu a execução do tratado feito entre Castelar e o Vaticano; todavia Affonso XII entendeu que devia immediatamente effectuar esse salutar convenio.

Hoje os dois reis que se disputam a corôa de Pelagio, rivalisam em deferencias para com Pio IX.

Um é seu afilhado; o outro parece ter inaugurado a mais catholica, ou antes a unica das realezas inteiramente catholicas contemporaneas, (o governo de Garcia Moreno não era uma realeza). Já contámos que Pio IX declinou de si a responsabilidade de arbitro entre Affonso XII e Carlos VII. Mas qualquer que seja o vencedor, parece que a pobre Hespanha e sua Egreja pódem contar com melhores dias; a menos que Affonso XII, ficando unico senhor, senão entregue aos liberaes que tem passado sua vida a trair sua mãe e a trairem-se uns aos outros.

Portugal já não é o que foi. Em politica, arrasta-se a reboque da Inglaterra, em religião vae á sirga da maçonaria. Pio IX entendeu um dia que devia estimular o zelo de seus bispos, e o que deu á sua paternal admoestação um caracter de alta gravidade, foi permittir que se publicasse. Oxalá que d'ahi resulte o effeito que elle esperava!

Na Hollanda e na Belgica, pequenos reinos comparados a Portugal pela extenção, ha muito mais actividade.

Na Hollanda ha apenas tres catholicos por cada oito habitantes, mas a maioria protestante, a exemplo do soberano, é sinceramente liberal, e a maioria catholica prospera e desenvolve-se, assim como na Inglaterra amparada unicamente pela força congenita da verdade. «Ah! Pio IX (costuma dizer aos visitantes d'esse paiz) esses bons hollandezes, tão ingenuos, tão leaes, tão pacientes! poderiamos nós esquecer que eram elles que formavam a maioria de nossos soldados que não eram nascidos na Italia, em Castelfidardo e Mentana?»

A Belgica, menos por importancia e estrondo que pelo ardor e a livre expansão de suas luctas interiores, parece ser o campo de manobras dos dois grandes exercitos de credulos e incredulos. Foi ali que em 1859, um publicista inventou o epitheto de *clerical*, synonymo injurioso de christão, epitheto adoptado immediatamente por toda a imprensa pseudo-liberal de Paris e de outras partes. Foi ali que na mesma época nasceu nos tremedaes da maçonaria essa ignobil seita dos *Solidarios*, uma especie de sociedade de soccorros mutuos contra Deus e a vida eterna [1].

Mas a Belgica tem visto, sob a protecção de Pio IX, a nova Universidade de Louvain chegar a ser a primeira, entre todas as universidades do paiz; tem visto formar-se no seio d'esta universidade, um clero e um conjuncto de cidadãos que chegam a assombrar o mundo; tem visto augmentar esse valoroso e sabio partido catholico que M. de Bismark honra com o seu odio, e procura por todos os meios precipitar do leme dos negocios. Mas o governo procedente d'esse partido tem sabido esquivar-se a dar azo ao inimigo, n'esta época de ciladas. Elle com toda a dignidade defende a liberdade religiosa, e a inde-

[1] Eis aqui o decimo artigo dos estatutos d'essa sociedade: Art. 10.º: «Podendo o livre-pensador ser impedido por estranhas influencias (as influencias de familia) de cumprir suas obrigações em relação à commissão, entregará a tres de seus irmãos, para facilitar n'este caso sua commissão, um mandado, feito pelo menos triplicadamente, dando pleno direito aos irmãos para protestar publicamente, no caso que, por qualquer motivo que seja, se não attenda a sua formal vontade, de morrer e ser enterrado fóra de toda a especie de religião.

pendencia nacional de um povo que não tem um billião de espingardas para o affoitar.

Ainda não fallámos da Austria. Impellida por M. de Benot, ministro saxonio, a Austria toma por pretexto as decisões do Concilio do Vaticano para colorir o seu rompimento com Roma. A 30 de julho de 1870, a Austria denuncia a famosa concordata, concluida quinze annos antes com a Santa Sé. Pio IX receiou então que ella se entranhasse n'uma vereda hostil, e M. de Bismarck contasse com mais uma alliada. Mas, nem M. de Benot podia desejar a victoria de M. de Bismarck, seu antigo rival, nem Francisco José era homem para trahir seu filho e seu povo, como faria o ocioso rei de Munich.

Francisco José declama que já havia no reino bastantes rivalidades interiores, para as augmentar ainda com as questões religiosas. Elle não pôde ou não soube impedir seus ministros de fazer approvar certas leis evidentemente inspiradas pelo gabinete de Berlin, mas impediu ainda assim, que ellas fossem applicadas. Pio IX agradeceu-lh'o affectuosamente, e a historia levará em conta ao piedoso imperador as difficuldades da epocha.

Resta-nos fallar da França.

Ai! n'esta França ainda tão violentamente abalada pela Revolução que a mata, n'este Paris que assassina seus arcebispos, parece que tudo se conspira para magoar os olhos e o coração do Soberano Pontifice. Em França, ha uma recrudescencia geral da impiedade; ha as sociedades secretas: ha o ensinamento publico atheista, ha os peditorios para a escola obrigatoria e secular, isto é o mesmo que dizer, obrigatoriamente contraria a Deus.

Mas por outro lado, ha uma compensação. Ha a liberdade do ensino superior já approvada; estão lançados os alicerces de tres Universidades catholicas; tem augmentado a prosperidade dos collegios christãos; assim como as associações dos artistas e dos congressos religiosos annuaes, apezar de numerosos deputados e chefes do governo, publicamente christãos, favorecerem a falta geralmente do respeito humano. No derradeiro jubileu, as procissões percorreram Paris — debandadas, e sem estandartes, assim o exigiam as tradições regulamentares da po-

licia;—mas ahi se viam immensas multidões cuja contricção, assim como o numero, admirou amigos e inimigos. E isto mesmo succedeu em toda a França. A desgraça purifica. Ha victorias que Deus concede na sua ira: taes foram Solferino, e, segundo as apparencias, Sedan; mas ha derrotas que são um dom de sua misericordia, porque a humilhação engendra a humildade, e a queda a regeneração.

Na verdade, com magua o confessamos, o mal ainda não attingiu todo o seu desenvolvimento nas massas populares, mas vai todos os dias desmoralisando-as mais profundamente; porque as classes superiores, as classes que dão o exemplo, estão visivelmente exaltadas, e como é pela cabeça que começam as transformações do corpo social, é pela aristocracia, e depois pela burguezia, que a Revolução desce até ao povo.

Tanto o bem como o mal vem de cima.

«Depois de 1871 (disse Pio IX), tem-se operado em França uma grande mudança para o bem, o que prova que a França torna á vida: ha grande affluencia para Parais-le-Monial, para Nossa Senhora de la Sallette, e para uns outros vinte sanctuarios que seria longo enumerar; e ha tambem excessiva influencia, na pratica das boas obras, sobre tudo nas obras de fé e caridade, das quaes nenhuma fica prejudicada...

«Sim, é necessario que estimemos muito os peregrinos, lembrando-nos que somos todos peregrinos sobre a terra. Mas a melhor peregrinação consiste em fugir do vicio para a virtude, a passar da indifferença e do egoismo para a pratica da perfeição christã...

«Animo! depois da prova chegará a recompensa. As peregrinações, as orações, as boas obras da França e do mundo catholico são o presagio da victoria. Da mesma fórma que Pio V vencia os turcos, nós venceremos nossos modernos inimigos com a paciencia e a humildade. Estamos em meio da batalha, mas Deus está comnosco.

«Animo! [1]

«O Evangelho cita-nos uma viuva que á força de supplicar a

[1] Discurso aos peregrinos lyonnenses, 1874.

um juiz de coração duro, acabou por obter justiça : com quanta mais rasão, Deus que é o mais misericordioso dos pais, vos attenderá, se perseverardes na oração?

«Meu Deus, sede misericordioso. Olhai para esse povo prostrado diante do throno de vossa infinita Magestade. Supplica-vos a favor da Igreja, cujos direitos são atropellados. Escutai seus rogos para bem das almas e da sociedade.

«Orai, meus filhos, orai, mesmo a favor d'aquelles que desejam a destruição da Igreja e a desapparição da fé sobre a superficie do mundo; orai para que Deus toque seus corações. Se elles presistem no crime, o Senhor fará surgir um novo David, para os humilhar. [1]»

Em outra occasião dizia Pio IX, com mais simplicidade, a um francez distincto que tinha convidado para o acompanhar no seu quotidiano passeio aos jardins do Vaticano:

«Venha por aqui, senhor conde, para perto de mim, para podermos conversar a respeito de seu paiz. Que fazem agora em Paris? Levantaram essa famosa columna (a columna Vendome)?

—Ainda não, Santo Padre—respondeu o visitante;—mas dizem que o farão brevemente.

—Ah!... (replicou o Papa) n'este tempo não é facil levantar o que está cahido. Tantas coisas já não tem alicerces... E que hão de collocar em cima d'essa columna? Julga que tornem a sobrepor o que lá estava?

—Trata-se (respondeu o outro expondo uma hypothese que não foi realisada) trata-se de collocar uma estatua allegorica da França.

O Papa fallou depois a respeito da França em termos que demonstravam seu affecto a esta grande nação, e as esperanças que depositava n'ella.

«Tudo quanto se tem erigido em França depois de 89 não tinha por base o catholicismo, e cahiu! e tudo quanto hoje ahi se eleva, assim como em outras partes, não se apoiando n'esta base, cahirá tambem. Mas como os alicerces do christianismo não pódem, apesar de todos os esforços da preversidade huma-

[1] Discurso aos peregrinos francezes, 10 de outubro de 1875.

na, ser arrancados de vosso solo, um dia virá, em que se edificará sobre esta base immortal algum monumento que resistirá, e esse dia não está muito longe.»

Enchemo-nos pois de animo e de coragem como Pio IX. Seu pontificado' não tem sido esteril para a França. Elle trouxe o desapparecimento do gallicanismo do qual dizia o Santo Pontifice, fallando a Mons de Ségur: «O gallicanismo é o scisma em germen.» Alem d'isso obteve o retrocesso universal das dioceses francezas á lithurgia romana.

Presidiu ao admiravel desenvolvimento das ordens religiosas entre nós [1], á duplicada conquista da liberdade do ensino, á conversão sensivel das classes superiores da sociedade para a religião [2]. Pode-se dizer que elle inaugurou a obra monumental da reconstrucção da França.

Ao lado d'estes geraes motivos d'esperança e consolação, ao lado da perseverança unanime do episcopado e da immensa maioria dos fieis, n'estes ultimos annos tem-se dado muitos factos particulares, que, semelhantes aos raios do sol, vão regosijar o santo ancião no seu captiveiro. A filial generosidade de seus filhos não se desmente. É certo que elle não recebe todos os dias offertas reaes como aquellas que lhe acabam de ser legadas pelo duque de Modena, e pelo velho imperador de Austria, Fernando, tio e predecessor de Francisco José, fallecido em 1875; mas o dinheiro do pobre multiplica-se, gotas d'agua formam grande corrente e esta é como a que vae correndo constantemente para o Vaticano, e as outras fontes que alimentam as obras do apostolado e da caridade, ainda tambem não seccaram. Nunca o peditorio de S. Vicente de Paula, nunca o *sou* da Propagação da Fé, os *centimos* da Santa Infancia, de S. Francisco de Salles, e dos orphãos tinham dado tantos mi-

[1] A 23 de fevereiro de 1873, constituia ainda como titulo definitivo, uma grande familia religiosa franceza, a de Maria, approvando as regras que lhe foram apresentadas por um fundador, P. Colin.

[2] Quando se pensa que em 1846, no tempo do rei Luiz Filippe, se contava quando muito meia duzia de deputados e pares de França que satisfizessem os deveres da desobriga e que isto era considerado como um progresso, póde-se imaginar quanto desde então para cá temos progredido.

lhões; nunca tantos missionarios e irmãos da caridade se tinham abalado para as missões remotas.

Estes invisiveis milagres da graça divina não são os unicos. O milagre perpetuo da estigmatisada de Bois-d'Haine, assim como o de Lourdes, e ainda outros numerosissimos, e tão brilhantes, attestam que a vida sobrenatural abunda na Igreja como nos heroicos tempos de sua infancia. O knout do Russo, a canga do Chinez, e o carcere do Japonez ou do Prussiano, enviam todos os dias martyres para o Ceo, como antigamente o cavallete e o amphitheatro dos Romanos. As conversões multiplicam-se. Na Baviera, é a rainha mãe, na Prussia o historiador Onno-Knopp, o principe de Salnes Braumfels, irmão uterino do rei do Hanovre, o conde de Schoubourg Fordergleschou, o conselheiro Biaix, o barão de Ducker; em Inglaterra lord Bute, depois lord Kipon, gran-mestre da maçonaria ingleza, e ex-ministro da guerra, e milhares de outros; no Oriente, o arcebispo armenio de Tarse e Adana, Mons. Theodoro Nershabouk (1870). depois Mons. Sandalgi, outro bispo armenio scismatico, titular de Nicomedia (1875); na propria Italia, é um principe da casa de Saboia, Amadeu, o ex-rei de Hespanha, o qual reconhece suas culpas e se humilha aos pés da Santa-Sé.

Quando Pio IX vê succeder algum d'estes maravilhosos acontecimentos, ou que os ouve contar, como deixará de sentir que o divino fundador está sempre com o seu Vigario?

Elle sente isto mesmo, e o mais pouco lhe importa. A distribuição dos bons e dos máos dias toca ao soberano Mestre e não a elle. Um ecclesiastico da diocese de Troyes, que acabava de obter do Pontifice certos favores especiaes, agradecia-lhe fervorosamente dizendo:

«Santissimo Padre, vou pedir muito a Deus que lhe dê a liberdade, e acabem as perseguições»

Pio IX interrompeu-o, respondendo:

—Pedi antes para que se cumpra a vontade do senhor, por que nós não sabemos, nem vós, nem eu, se é conveniente que a tempestade se aplaque tão depressa.

A Igreja regosija-se com a perseguição.

CAPITULO XXVII

Conclusão

Quando Pio IX em 1846 subiu ao throno pontifical, o protestantismo e a revolução tinham conseguido arrancar da Europa todos os principes christãos. Admittia-se ainda que o Evangelho fosse favoravel para alguma coisa ao individuo isolado, mas não para os individuos reunidos em associação. Muitos que professavam esta moral, e uma religião completamente ao inverso da religião christã, julgavam-se não só os mais instruidos, mas tambem os melhores catholicos. O liberalismo, monstro ainda desconhecido, que tomou o nome de liberdade, fascinava as consciencias hesitantes.

Pio IX começou por tomar á letra o liberalismo, collocando-se de maneira que podesse cumprir e assegurar o bem estar do Estado. Sabe-se o resultado. O liberalismo revelou em seguida seus instinctos sanguinarios e hypocritas. Suas primeiras proezas foram o assassinio do ministro e uma tentativa para seduzir o Pontifice. Viu-se manifestamente que o liberalismo não é senão uma das fórmas da Revolução, isto é, da eterna revolta que pondo a creatura acima do Creador, torna os homens ingovernaveis, e incorrigiveis, e, apparentando civilisal-os, impelle-os para a selvageria.

«Então (disse um escriptor christão) o Pontifice começou sua grande missão. Arcou com a Revolução braço a braço, e intentou esmagal-a, denunciando-a publicamente como filha da mentira e mãe do homicidio.

«Pio IX arrancou-lhe todos os véos em que se envolvia, até que ella, indignada por se vêr desmascarada, jurou sua perda: todavia o Pontifice não recuou, e continua contra ella essa lucta gigantesca que ainda dura. A Revolução apoderou-se dos estados do Papa, e foi installar-se a seu lado, mas o Papa continua a luctar sem cansaço nem treguas. Hoje, porem, o monstro acha-se ferido de morte.

«Debalde se agita ainda, já não engana ninguem. Os imperios esforçam-se por escapar a seus laços, e começam a comprehender que só a Igreja poderá salval-os.

«Na verdade, ao mesmo tempo que Pio IX condemnava os principios revolucionarios, tratava de restabelecer os antigos fundamentos da civilisação christã, formulando-os com grande escandalo dos ignorantes que bradavam contra a novidade, sem saber que estas maximas existiam ha centenas d'annos, e que durante seculos tinham dado a paz ao mundo.

«O mundo offendeu-se, mas Pio IX não se cansa; prosegue na sua missão, e a providencia, prolongando de proposito sua vida, em rasão da voluntaria incredulidade dos homens a quem elle se dirige, lhe tem permittido, que nem os annos nem as desgraças exerçam sua acção contra elle para continuar as suas instrucções.

«Na Europa é n'este momento a sua voz a unica que se ouve como expressão da verdade e da justiça. Hoje, a tarefa está concluida. A palavra evangelica tem sido novamente esparzida nas almas, e apezar dos tufões e da tempestade ella abrolhará, e nenhum poder do mundo poderá abafal-a. A perseguição não fará mais que mover os corações, como o arado que revolvendo o seio da terra a torna mais fecunda. A verdade germinará, a despeito dos poderes d'este mundo, vencerá o erro, e os poderosos da terra irão por sua vez colher seus fructos.

«Esta tem sido a missão de Pio IX. Para a completar, era preciso, entre outras coisas, as graças sobrenaturaes que elle

possue, sua doçura, sua perseverança, sua energia em frente dos grandes, sua bondade para com os pequenos, esse coração accessivel que tem aberto o Vaticano ao mundo inteiro para que elle possa ouvir a palavra do Vigario de Jesus-Christo; essa maravilhosa memoria que tudo conserva apertando os laços pessoaes e quasi intimos entre elle e cada um de seus filhos; essa extraordinaria subtileza que lhe revela as occasiões em que deve ser omisso em suas palavras, e finalmente, a elevação que transforma tudo quanto se lhe approxima, transportando seus ouvintes da terra para o ceu, permittindo-lhe fallar incessantemente sem nunca se repetir, nem deixar sahir de seus labios nenhuma palavra banal e que não seja impregnada de uma tal uncção que nunca mais se póde esquecer.» [1]

Nenhum Papa soube occupar o seu logar como Pio IX; nenhum rei, pelo menos do seu tempo, soube ser rei como elle. Inexgotavel na sua misericordia e bondade como pai e como sacerdote, mas juiz incorruptivel e sabendo castigar, sustentou o sceptro com mão firme e inabalavel, tanto ouvindo os brados das multidões amotinadas, como os falsos conselhos de outros soberanos, para os quaes sua firmeza era uma recondita censura.

Elle, que não tinha exercito para lhes oppôr, vinte vezes arriscou a sua corôa antes que ceder ás ameaças, e quando afinal lh'a arrancaram, parece que ainda mais se engrandeceu, de maneira que, o rei que se collocou em seu lugar, miseravel escravo das sociedades secretas, apossado dos bens alheios pela fraude e espoliação, parecia como que esmagado pela visinhança de seu captivo.

Afora isto, generoso e liberal na accepção que nossos avós davam a essa palavra; amigo e protector das artes como Luiz XIV: amavel e algumas vezes alegre ou ironico nos seus discursos, como o nosso Henrique IV; piedoso, dedicado e puro como o nosso S. Luiz; Deus favoreceu-o em todo o sentido: a virtude mais completa, a gloria mais esplendida, e a mais admiravel variedade do destino no mais longo dos pontificados.

[1] Armand Ravetel.

Pelo que diz respeito a administração da Igreja, seria preciso retroceder aos tempos apostolicos, para se encontrar uma actividade comparavel á de Pio IX. Quem deixará de admirar o maravilhoso desenvolvimento da hierarchia catholica durante seu reinado? No dia 1 de janeiro de 1874, já tinha successivamente erigido 22 sédes metropolitanas, e creado 166 bispados ou vigariados apostolicos. [1] Este numero augmentou nos annos de 1874 com 3 sédes metropolitanas e muitos bispados na Australia; e em 1875, com 4 sédes metropolitanas e 15 bispados nos Estados-Unidos da America.

Nenhum negocio importante se ventila no mundo que lhe não passe pelas mãos; não já negocios politicos, hoje enormes, amanhã olvidados; mas sim d'esses cujo interesse predura sempre. As questões nacionaes ou dynasticas que commovem a humanidade ha dez seculos encontram-nos de todo o ponto glaciaes por que dynastias e nações d'essas epocas são já extinctas. No correr de mil annos, as nossas sympathias e aversões mais serias, extinguir-se-hão tambem. A Igreja Catholica somente foi e será sempre atacada e defendida. Onde ha homens dispostos a darem a vida pró ou contra os violadores de territorio sagrado do Apollo de Delphos, pró ou contra a integridade do imperio romano?

Deixai dobrarem-se alguns seculos; e não se encontrará quem se disponha a sacrificar-se pró ou contra as fronteiras allemãs do Rheno, pró ou contra o principio das nacionalidades ou re-

[1] Aqui está o quadro completo dado pela *Hierarquie catholique* no dia 1 de janeiro de 1874:

Bispados elevados á dignidade de metropolitas, por Pio IX	17
Metropoles creadas sem sédes existentes	5
Sédes episcopaes erigidas	123
Prelasias *nulius dioecesis*, id	2
Delegações apostolicas	3
Vigariados apostolicos	26
Prefeituras apostolicas	12
	188

As quaes juntas aos 921 titulos cardinalicios, patriarchaes, episcopaes, etc., que existiam antes de Pio IX, chega n'esta data a 1109 a totalidade das altas dignidades da Igreja. Mas esta cifra, como já dissemos, deve ser augmentada de 35 a 40 no decurso dos annos de 1874, 1875 e 1876.

gimen constitucional; ha, porem, uma instituição pela qual ou contra a qual se morrerá então como outr'ora e como hoje em dia: é o Papado. O Papado é pharol que allumia o mundo: foco de luz para uns, espessas trevas para outros, mas que prende e força a attenção de todos, e nunca se apagará.

Eis ahi por que esses espertos, esses conquistadores, que por toda a parte se volveram nossos vencedores, se comprazem em invocar a intriga, a sciencia e os obuzes.» A primeira praça, como excellentemente escreveu M. Luiz Veuillot, a grande e principal praça do tempo e da posteridade não hão de tel-a. Um vencido a tomou, que a conserva, e a historia d'elles será um capitulo da sua... Vós, imperadores e reis, bandidos e principes do povo, presentemente carregados de laureis e despojos, não sois os senhores, não sois os triumphadores. O verdadeiro senhor, o triumphador sereno é esse captivo que um de vós retem em Roma, encarcerado no Vaticano...

Nunca subornareis a consciencia humana, que será testemunha perante a justiça; captival-a-ha o amor da magestade, e vós sereis apenas uns traidores applaudidos pelos covardes, e finalmente uns eternos parvos.»

E quem preferiria hoje não ser antes captivo a ser carcereiro? Quem não preferiria apresentar-se diante do futuro com o aspecto da innocencia espoliada, de que com o ar de Guilherme I ou de Victor Manuel adornados cada um com seis corôas, sem que uma só d'estas fosse honrosamente adquirida?

M. de Bismarck gabou-se um dia, no seu Parlamento, de ser o homem mais odiado da Europa.

Isto era apenas uma pura fanfarronada, porque Pio IX, o escolho de todas as sociedades secretas, é mais odiado que Bismarck. Mas Pio IX póde accrescentar que é tambem o mais amado: isto é o que Bismarck não póde disputar-lhe.

Que fará o terrivel chanceller para disfarçar sua derrota, ou para alcançar a victoria? Ninguem sabe, nem elle provavelmente melhor que os outros. Fraco contra Pio IX, e sem esperança de leval-o a reconhecer a supremacia do Estado nas questões religiosas, póde esperar que elle morra, póde acariciar a ideia de dar ainda leis a um conclave; póde ser talvez mesmo que

chegue a fazer proclamar um anti-papa por seus Velhos-Catholicos [1]; mas será ainda preciso fazer acceitar esse anti-papa, e para isso faltam-lhe as forças. Collocará elle os catholicos fóra da lei? Pouco importa; já o estão.

O augusto ancião despedindo-se um dia d'um artista, carpinteiro parisiense chamado Péche, exprimindo o mesmo pensamento que já o ouvimos expender ao principe e á princeza de Galles, disse:

«Querido filho, bem o vêdes, o vosso Papa está velho, não viverá muito; e no entanto muitos inimigos tem cahido á sua direita e á sua esquerda; e com o auxilio de Deus, ainda verá cahir mais do que um. Será porem necessario que elle tambem acabe. Não importa, querido filho, o Papa fica sempre de pé.» Depois, levantando os braços e os olhos ao ceo, accrescentou: «Adeus, pois, meu filho; nós nos encontraremos no céo!»

Da mesma fórma disse a M. de Ideville, que foi depois perfeito de Argel, recebendo-o n'uma audiencia particular, e a M.me de Ideville e seu joven filho: «os pais e as mães quando deixam este mundo devem ir muito tristes, pensando em sua familia. Eu por mim, morrerei alegre com serenidade e segurança. Deus encarrega-se de minha familia, da minha herança e da minha dynastia. Eu receio menos a morte do que muitas pessoas que a deviam temer—o vosso imperador, por exemplo. Estou sempre preparado para a partida.

«Sois ambos moços, tendes uma longa vida a percorrer, mas, de certo é esta a ultima vez que me vêdes: só d'aqui a muitos annos voltareis a Roma. No entanto, lembrai-vos de mim e do que vou dizer-vos: recordai-o tambem a essa criança, quando ella poder comprehender-vos. Dos quatro que aqui nos achamos, é ella que nos ha de sobreviver, e muito tempo depois da nossa morte, bom é que se recorde ainda!»

E ao mesmo tempo o Papa levantou os olhos para o crucifixo collocado junto d'elle: sua voz era vibrante, e a profunda

[1] M. de Bismarck dizia a um diplomatico francez: «É necessario obter que se nomeie Papa um cardeal que não seja infallibilista.—Conhece algum? perguntou o francez» M. de Bismarck fez um gesto de enfado, e não respondeu.

commoção que sentia apossara-se igualmente das pessoas presentes.

Então, batendo repetidas vezes no peito, e olhando para a criança, proseguiu:

«Gravai profundamente em sua memoria a lembrança d'este homem que está hoje diante d'elle, vestido de branco apezar de não ser nada, mas sabei, que n'este mesmo logar onde me acho de pé, quando a criança chegar a velho e voltar aqui um dia com seus filhos e talvez netos, sabei que ha de encontrar sempre n'este mesmo lugar, um outro homem vestido de branco como eu!»

FIM

INDICE

Pag.

ERROS MAIS IMPORTANTES

Erros	Pag.	Lin.	Emendas
Spoléta	17	24	Spoleto
certo	22	23	perto
humilde	36	20	alta
tomando	44	1	tornando
Lambnuchini	46	24	Lambruschini
neppuse	58	15	neppure
Pio IX	67	19	Pio VII
Saroti	68	1	Scuoti
Sissa	87	17	Lissa
Mamiani	113	7	Mazzini
Zusigo	132	35	Zurigo
sentenças	156	24	centenas
dusiorem	200	13	*duriorem*
Mincis	216	12	Mincio
Castelfidaldo	221	2	*Castelfidardo*
Kauler	226	5	Kansler
Wiseman	234	20	Westminster
se achasse	238	36	se não achasse
passado	242	19	papado
Billant	242	34	Billault
scismatica	242	36	systematica
Assumpção	246	26	Ascenção
1854	256	2	1864
Voe	257	3	*Vœ*
Papoli	265	26	Pepoli

É de crer que mais alguns erros escapassem; mas a illustração do leitor de certo supprirá a revisão typographica.

O Chrysostomo portuguez ou o Padre Antonio Vieira, n'um ensaio de eloquencia compilado dos seus sermões, segundo os principios da oratoria sagrada, pelo padre Antonio Honorati— 1 vol. 4.° br. .... 1$800

A morte e a immortalidade, ou resolução em breves palavras das grandes questões religiosas, pelo abbade Berseaux, accomodada á lingua portugueza por Marianno Cordeiro Feyo — 1 vol. 8.° br $300

Rozario vivo $020

Convenção com Jesu-Christo Nosso Senhor, ou meio facil e sublime de glorificar a Deus, uma duzia $040

Quinze minutos em companhia de Jesus Sacramentado, uma duzia $040

Novena de Nossa Senhora de Lourdes, por um devoto da mesma Senhora $100

O coração de Jesus, consolado na sagrada Eucharistia por meio da communhão reparadora $020

Regulamento das Zeladoras do Coração de Jesus e do Apostolado da Oração, seguido d'um ceremonial da sua recepção .. $020

Medalhas do Apostolado:

Pequenas, douradas, cada uma 10 rs. cada cento $800
» de cobre, cada uma $030
Grandes, douradas $100
» de cobre $160
» de prata .... 1$800
» de prata dourada .... 2$250
Pequenas de prata $500

LIVROS DE ESTUDO

Nova Grammatica pratica da lingua ingleza, por Jacob Bensabat—1 vol. br. 600 réis, enc $800

Compendio de grammatica franceza, approvado pela junta consultiva de instrucção publica, segundo o programma de 5 de outubro de 1872, por José Augusto Saraiva—1 vol. br. 300, enc. $400

Nova collecção de theoremas e problemas de arithmetica elementar, por Diogo Nunes, 1 vol .... 1$000

Manual do apontador, para uso dos apontadores, empreiteiros e mestres de obras, por Frederico Augusto Pimentel, 1 vol.... 2$000

Quadros de Leitura, para as escolas Populares.............. $600
(12 grandes quadros em caracteres grossos, formando um systema completo de Leitura elementar.)

Cartilha Infantil, 1.ª parte (*copia dos Quadros de Leitura*).... $040

Cartilha Infantil, 2.ª parte (*livro de leitura graduada*) cart. 180, br.. $120

O orphão, conto para creanças, por J. B. de Mattos Moreira—1 vol. ornado com 32 gravuras, desenhadas por Manoél de Macedo. Este livrinho, muito proprio para primeira leitura, está escripto de modo a ser entendido e apreciado pela infancia—8.º br. 160, cart.. $200

Manual da infancia ou a economia politica, posta ao alcance das crianças, por Otto Hubner, br. 200, cart................ $250

OBRAS DIVERSAS

As possessões portuguezas, seu passado, seu presente e seu futuro, com um projecto para o engrandecimento da Africa, por Antonio Maria de Campos Junior—1 vol................ $250

Curso de litteratura portugueza, por J. M. de Andrade Ferreira e Camillo Castello Branco—2 vol.......................... 1$500

A Chave da sciencia, ou os phenomenos da natureza, explicados pelo dr. Brewer, ampliada na traducção franceza pelo abbade Moigno e na portugueza, por Marianno Cordeiro Feyo. Contém muitas gravuras explicativas—1 vol. br............ 1$500

Portugal Antigo e moderno, diccionario geographico, estatistico, chorographico heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico, de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal, etc., por Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal.

Publicados :

I — A-B .... 2$000
II — C-D .... 1$800
III — E-J .... 1$500
IV — L .... 1$800
V — M .... 2$000
VI — N-PE .... 2$400

Encadernado custa mais 300 réis cada volume. Continua a publicação, e ainda se recebem assignaturas aos fasciculos, na razão de 100 réis cada um.

Diccionario de invenções, origens e descobertas antigas e modernas, compilado e accrescentado com diversas noticias relativas a Portugal, por Alberto Pimentel. Está publicado o 1.º vol. A–E .... 1$200

Historia resumida de Hespanha, desde a occupação dos Carthaginezes, até á actualidade, por Carlos Lisboa—1 vol. 8.º fr. br. $500

CATALOGO DE OLEOGRAPHIAS

COPIAS DE AUCTORES CÉLEBRES

Beata Margarida Alacoque — Trebbi	50×35	1$600
Pio IX (pequeno)	50×37	1$600
Pio IX (grande)	72×54	2$800
Coração de Maria — Guardasoni	56×36	1$600
Coração de Jesus — Battoni	50×36	1$600
Conceição — Murillo	50×37	1$600
Mater Amabilis — Guardasoni	63×47	2$400
S. Luiz Gonzaga — Montebugnoli	62×45	2$400
S Estanislau Kosta — Parelli	62×45	2$400
Santo Antão, abbade — Trebbi	60×43	2$400
Santa Ignez — Guardasoni	62×45	2$400
S. Francisco de Paula — Montebugnoli	62×45	2$400
Maria do Sagrado Coração — Sasso Ferrato	69×53	2$400
S. José com o Menino — Ciaranfi	63×47	2$800
Senhora da Missão — Capparani	60×45	2$400
S. Francisco d'Assis — Guido Reni	67×52	2$400
Nossa Senhora e as Filhas de Maria	65×47	2$400
Apparição de Jesus á Beata Margarida	72×54	3$200
Nossa Senhora do Perpetuo Soccorro	52×42	2$000
Mater Dolorosa — Escola Bolonheza	31×26	$900
Ecce Homo — Guardasoni	31×26	$900
O Presepio	28×22	$700
Os Tres Anjos	29×23	$700
S. João Baptista e Jesus	29×22	$700
Nossa Senhora dos Anjos — Deschwanden	45×27	1$400
O Calvario — Idem	45×30	1$400
Nossa Senhora com o Menino — Lookner	31×25	1$400
Anjo da Guarda	22×15	$300
Mãe Afflicta — Guido Reni	32×28	2$000

102.78 — Typ. Editora, Rocio, 67